

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Estudos do Lazer

Telma Freitas de Abreu

**CONSTITUIÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO MERGULHO AUTÔNOMO
RECREATIVO (*SCUBA DIVING*) NOS MARES BRASILEIROS A PARTIR DO
CIRCUITO SÃO PAULO-RIO DE JANEIRO (1975–1990)**

Belo Horizonte

2025

Telma Freitas de Abreu

**CONSTITUIÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO MERGULHO AUTÔNOMO
RECREATIVO (*SCUBA DIVING*) NOS MARES BRASILEIROS A PARTIR DO
CIRCUITO SÃO PAULO-RIO DE JANEIRO (1975–1990)**

Tese apresentada ao curso de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer na Linha de Pesquisa Lazer, História e Memória da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito à obtenção do título de Doutora em Estudos do Lazer. Versão corrigida.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Cristina Rosa

Belo Horizonte

2025

A162c Abreu, Telma Freitas de
2025 Constituição e desenvolvimento do mergulho autônomo recreativo (Scuba Diving) nos mares brasileiros a partir do circuito São Paulo-Rio de Janeiro (1975–1990) [recurso eletrônico] / Telma Freitas de Abreu. – 2025.
1 recurso online (396 f. : il.) : pdf.

Orientadora: Maria Cristina Rosa

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.
Inclui bibliografia.

1. Mergulho – Teses. 2. Atividades de Lazer – Teses. 3. Natureza – Teses. 4. Historiografia – Teses. 5. Educação – Teses. 6. Turismo – Teses. I. Rosa, Maria Cristina. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Sheila Margareth Teixeira Adão, CRB 6: nº 2106, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
EEFFTO - COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LAZER - SECRETARIA
ATA DA 119ª DEFESA DE TESE DE DOUTORADO

TELMA FREITAS DE ABREU

Às **14:00** horas do dia 11 de julho de 2025, reuniu-se de maneira virtual através da plataforma *Google Meet*, a Comissão Examinadora de Tese, indicada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer para julgar, em exame final, o trabalho “CONSTITUIÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO MERGULHO AUTÔNOMO RECREATIVO NOS MARES BRASILEIROS A PARTIR DO CIRCUITO SÃO PAULO-RIO DE JANEIRO (1975–1990)”, requisito final para a obtenção do Grau de Doutora em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, a Presidenta da Comissão, Profa. Dra. Maria Cristina Rosa, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para a candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos(as) examinadores(as), com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovada	Reprovada
Profa. Dra. Maria Cristina Rosa (Orientadora)	X	
Prof. Dr. Ambrozio Correa de Queiroz Neto (CEFET-RJ)	X	
Prof. Dr. Cleber Augusto Goncalves Dias(UFMG)	X	
Profa. Dra. Joana Carolina Schossler	X	
Profa. Dra. Priscilla Kelly Figueiredo (UFSJ)	X	

Após as indicações a candidata foi considerada: **APROVADA**

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para a candidata pela Presidenta da Comissão. Nada mais havendo a tratar a Presidenta encerrou a reunião e lavrou a presente **ATA** que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 11 de julho de 2025.

Assinatura dos membros da banca examinadora:

Profa. Dra. Maria Cristina Rosa (Orientadora)

Prof. Dr. Ambrozio Correa de Queiroz Neto (CEFET-RJ)

Prof. Dr. Cleber Augusto Goncalves Dias(UFMG)

Profa. Dra. Joana Carolina Schossler

Profa. Dra. Priscilla Kelly Figueiredo (UFSJ)



Documento assinado eletronicamente por **Maria Cristina Rosa, Coordenador(a)**, em 14/07/2025, às 15:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cleber Augusto Goncalves Dias, Subchefe de departamento**, em 15/07/2025, às 16:38, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Priscilla Kelly Figueiredo, Usuária Externa**, em 16/07/2025, às 10:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ambrozio Correa de Queiroz Neto, Usuário Externo**, em 17/07/2025, às 15:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Joana Carolina Schossler, Usuária Externa**, em 01/08/2025, às 11:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4371705** e o código CRC **59558CFB**.

Para Fábio Sanzio de Oliveira Corrêa
com todo o meu amor

AGRADECIMENTOS

À Professora Dra. Maria Cristina Rosa, minha orientadora, pelo acompanhamento acadêmico, orientação intelectual e apoio contínuo durante todo o processo de pesquisa.

Ao professor Kleber do Sacramento Adão, por ter sido o grande incentivador desta realização.

Ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar dos Estudos do Lazer (PPGEL) e à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); à Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ); ao Departamento de Ciências da Educação Física e Saúde (DCEFS); e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo suporte institucional e financeiro que viabilizou esta etapa da formação.

Aos professores que contribuíram com seus saberes ao longo da trajetória, e ao técnico Danilo da Silva Ramos, pela assistência sempre disponível.

Aos colegas do programa, com quem compartilhei momentos fundamentais pelas telas das aulas online impostas pela pandemia de COVID-19, mas vividas com calor humano e companheirismo em tempos tão desafiadores.

À Professora Carmen Lucia Soares, pela leitura atenta e generosa do texto de qualificação.

Aos membros da banca, Professores Ambrozio Correa de Queiroz Neto, Cleber Augusto Gonçalves Dias, Joana Carolina Schossler e Priscilla Kelly Figueiredo, pelas valiosas contribuições.

Aos membros suplentes da banca, Professores Flávia da Cruz Santos e Vitor Lucas de Faria Pessoa, pelo aceite e contribuições.

Aos mergulhadores e mergulhadoras que participaram desta pesquisa com suas memórias, percursos e reflexões, meu agradecimento profundo. Foram suas vozes que tornaram possível reconstituir uma história por vocês sonhada ao pé do compressor, no fundo do mar, nas areias da praia do mar e nos bastidores do ensino do mergulho no Brasil. Cada depoimento trouxe à tona suas memórias, imagens, afetos e escolhas — compondo um tecido narrativo que nenhuma fonte escrita poderia oferecer.

Agradeço especialmente aos entrevistados desta pesquisa: Alcides Ayroza Falanghe, Alvanir Silveira de Oliveira (Jornada), Cesar Alfredo Corazza Nieto, Claudio Guardabassi (Claudião), Eduardo Paim Bracony (in memoriam), Fernando Hiroshi Kuramoto (Kura), Gabriel Ganme, João Carlos Pompeu da Silva (Tatalo), Leonora Fritzsche (Lola), Lucia Helena

Monteiro Sodré, Marcelo Demetrio Obeidi (Marcelinho), Marcus Wernek, Marly Costa Simões, Maurício Carvalho, Pedro Paulo de Almeida Carneiro da Cunha (PP), Randal Fonseca, Sandderson Pimentel de Barros e Sergio Costa.

Agradeço também aos mergulhadores e às instituições que contribuíram generosamente com documentos, imagens, indicações, relatos e tempo: Adair Ribeiro Júnior (Dadá), Alexandre de Anaya Espinosa, Ângelo Amato, Antonio Carlos Jacques, Bruno Hermann Filho, Cleber Monteiro Mota, Clécio Mayrink, Clube Marimbás, Diana Moreira de Camargo Costa, Edson Prando, Eduardo Moraes (Dudu), Fernando Antonio Raposo de Almeida, Fernando Lopes, Flávio Augusto de Souza Berchez, Gilson Galvão (Tuca), Igor Moreira de Camargo Costa, Ivan Jorge Ribeiro, José Eduardo Riegert Galindo, José Nestor Cardoso, Laércio Horta, Lara Zrnceovich Perissinotto, László Mocsári Filho, Marcelo Zsigmond (Ziggy), Marco Aurélio Mattes Dias (Kupeu), Maurício Milhas, Miguel Lopes, Moacyr Teófilo de Abreu Figueiredo, Museu do Mar (Santos, SP), Nelson Marques de Oliveira Júnior, Patrick Muller, Rafael De Nicola, Ricardo Meurer (Lalo), Ricardo Moreira Rodrigues (Rico), Roberto Baracho, Roberto Colasanti e Vicente Albanez.

Sem a generosidade e a confiança de todos, esta pesquisa não teria existido. A cada um e cada uma, minha sincera gratidão.

À minha família e aos meus amigos, que são — e sempre serão — o meu amor maior.

[...] para mim foi uma mudança radical de visão de vida. Quer dizer, eu saí da terra e eu entrei no mar.

Aquele momento para mim foi realmente determinante na minha vida. Foi a primeira vez que eu enxerguei através de uma máscara, para mim foi marcante, eu lembro perfeitamente.

(Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022).

RESUMO

O mergulho autônomo recreativo é uma atividade de lazer realizada em ambientes subaquáticos naturais e artificiais, especialmente marinhos, viabilizada pelo equipamento de respiração de circuito aberto (*SCUBA*) desenvolvido a partir de 1943 por Jacques-Yves Cousteau e Emile Gagnan. A sistematização do ensino e prática do mergulho ocorreu a partir da década de 1950 no exterior. No Brasil, o contato com o equipamento deu-se por meio da imprensa, importação gradual e posterior fabricação nacional. A prática consolidou-se baseada em padrões internacionais, mas com especificidades políticas, econômicas, ambientais e culturais locais. Esta pesquisa objetivou compreender processos de constituição e desenvolvimento do mergulho no Brasil entre 1975 e 1990, a partir da questão: quais foram os tipos de relação que mergulhadores brasileiros construíram com o ambiente subaquático e como essas relações desenvolveram? O início do recorte temporal corresponde à chegada de Álvaro Luis Santos Vilar Moreira ao Brasil em 1975 e à fundação da primeira escola de mergulho, Bandeirantes do Mar. O final do período estudado compreende os anos em que o mergulho começa a assumir características que ainda hoje o definem — como equipamentos, metodologias de ensino, sistemas de certificação e desenvolvimento do turismo de mergulho. O recorte espacial concentrou-se no circuito entre os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, que reuniram as principais iniciativas nas décadas iniciais da prática no país. Os procedimentos metodológicos incluíram história oral, pesquisa bibliográfica e documental. Foram realizadas vinte e quatro entrevistas com dezoito pioneiros do mergulho brasileiro. A análise dos dados, com base em Minayo (2012), organizou-se nas categorias: pessoas; institucionalização/profissionalização; aprendizado; lugares; equipamentos; e práticas. Os resultados indicaram duas fases: constituição (1975–1981) e desenvolvimento (1982–1990) em que ocorreram processos de diferenciação e profissionalização do mergulho autônomo recreativo em relação a outras formas de mergulho — como o comercial, o militar e a caça submarina —, ainda que tenha incorporado elementos dessas práticas. Para se distinguir precisou afirmar-se como prática amadora, em que o objetivo não era mais a captura ou o trabalho submerso. Essa nova forma de mergulhar exigiu processos formativos centrados na observação, respeito à vida marinha e cuidado com ecossistemas. A figura do herói caçador — celebrado por sua valentia e força física — deu lugar ao herói desbravador, cuja legitimidade foi construída na preservação e na convivência com os animais, mudança simbólica acompanhada pela introdução de novos equipamentos, operações comerciais de turismo de mergulho e entrada das certificadoras internacionais, que reconfiguraram o ensino. As operações passaram a oferecer mais suporte, transformando-se em serviços estruturados. A introdução de equipamentos que tornaram o mergulho mais leve — especialmente o colete equilibrador — ampliou o acesso à prática. Configurou-se uma nova lógica voltada ao turismo subaquático, com maior padronização e novas formas de fruição e relação com o ambiente marinho. A prática tornou-se mais acessível, porém mais restritiva do quanto à aventura e exploração, pois as operações controlam o risco e restringem o acesso a determinados lugares. O mergulho brasileiro foi uma construção cultural sustentada por disputas de sentido, redefinições pedagógicas, transformações tecnológicas e mudanças nos perfis e sensibilidades dos praticantes diante do ambiente. Atualmente, a prática pode assumir formas contemplativas e básicas ou desafiadoras, que exigem formação continuada. Seus sentidos futuros dependerão das escolhas políticas e educativas.

Palavras-Chave: Atividades de Lazer. Educação. Mergulho. Historiografia. Natureza. Turismo

ABSTRACT

Recreational scuba diving is a leisure activity carried out in natural and artificial underwater environments, especially marine ones, made possible by the open-circuit breathing apparatus (SCUBA) developed from 1943 by Jacques-Yves Cousteau and Émile Gagnan. The systematization of diving training and practice began abroad in the 1950s. In Brazil, contact with the equipment occurred through the press, gradual importation, and later domestic manufacturing. The practice became established based on international standards but with local political, economic, environmental, and cultural specificities. This research aimed to understand the processes of constitution and development of diving in Brazil between 1975 and 1990, guided by the question: What types of relationships did Brazilian divers build with the underwater environment, and how did these relationships evolve? The starting point of the time frame corresponds to the arrival of Álvaro Luis Santos Vilar Moreira in Brazil in 1975 and the foundation of the first diving school, Bandeirantes do Mar. The end of the period studied encompasses the years when diving began to take on characteristics that still define it today — such as equipment, teaching methodologies, certification systems, and the development of dive tourism. The geographical scope focused on the circuit between the states of São Paulo and Rio de Janeiro, which concentrated the main initiatives in the early decades of the practice in the country. Methodological procedures included oral history, bibliographic, and documentary research. Twenty-four interviews were conducted with eighteen pioneers of Brazilian diving. Data analysis, based on Minayo (2012), was organized into the categories: people; institutionalization/professionalization; learning; places; equipment; and practices. The results indicated two phases: constitution (1975–1981) and development (1982–1990), during which processes of differentiation and professionalization of recreational scuba diving occurred in relation to other forms of diving — such as commercial, military, and spearfishing — although it incorporated elements from these practices. To distinguish itself, it needed to affirm itself as an amateur practice, in which the objective was no longer capture or underwater work. This new way of diving required training processes centered on observation, respect for marine life, and care for ecosystems. The figure of the hunter-hero — celebrated for bravery and physical strength — gave way to the explorer-hero, whose legitimacy was built on preservation and coexistence with marine animals. This symbolic shift was accompanied by the introduction of new equipment, commercial dive tourism operations, and the entry of international certifying agencies, which reconfigured training. Operations began offering greater support, becoming structured services. The introduction of equipment that made diving easier — especially the buoyancy compensator — expanded access to the practice. A new logic emerged, oriented towards underwater tourism, with greater standardization and new forms of enjoyment and interaction with the marine environment. The practice became more accessible, but more restrictive in terms of adventure and exploration, as operations control risk and limit access to certain sites. Brazilian diving was a cultural construction sustained by disputes over meaning, pedagogical redefinitions, technological transformations, and changes in the profiles and sensibilities of practitioners regarding the environment. Today, the practice may take contemplative and basic forms or challenging ones that require ongoing training. Its future meanings will depend on political and educational choices.

Keywords: Leisure activities. Diving. Education. Historiography. Nature. Tourism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Lista de imagens

Imagem 01: *Aqua-lung* e Jacques Costeau

Imagem 02: A caça submarina como atrativo de empreendimento imobiliário em 1947

Imagem 03: João Borges Neto e os Meros

Imagem 04: Almiro Baraúna e sua Câmara fotográfica

Imagem 05: Sequência de registros subaquáticos registrada por Almiro Baraúna no V Campeonato Brasileiro de caça submarina em 1956

Imagem 06: Equipamento leve para caça submarina

Imagem 07: Equipamento pesado para caça submarina

Imagem 08: Anúncio de aulas de caça e mergulhos com “Aqua-Lung” na Escola Nautilus em São Paulo, no ano de 1958

Imagem 09: Anúncio da sessão de caça e pesca da loja Mesbla em 1961

Imagem 10: Capa da revista *O Guri apresenta Aventura Submarina*, publicada em 15 de setembro de 1961.

Imagem 11: Brinquedo *Aquanauta maick*, fabricado pela Cobra Sub e anunciado na revista *Almanaque Disney*, nº 7, 1971

Imagem 12: Brinquedo *Aquanauta maick* 02

Imagem 13: Anúncio da escola Mergulhão-Aqua-Rio na revista *Mergulhar: a descoberta do mar* número 02 em 1982

Imagem 14: Anúncio da escola YG na revista *Mergulhar* em 1982

Imagem 15: Exemplos de exercícios realizados na piscina

Imagem 16: Anúncios Claumar e ACM na primeira edição da revista *Mergulhar: a descoberta do mar*, em outubro de 1982

Imagem 17: Anúncio da Segunda Convenção do Mergulho, edição 01 da Revista “Mergulhar: A Descoberta do Mar”, em outubro de 1982

Imagem 18: Capa da primeira edição da revista *Mergulhar: a descoberta do mar* em outubro de 1982

Imagem 19: Interação entre uma modelo e uma moreia na capa da revista *Mergulhar*, n. 9, ano II, 1984

Imagem 20: Anúncios das marcas Cobra Sub, Orca e Mormaii na revista *Mergulhar: a descoberta do mar*

Imagem 21: Anúncio do equilibrador hidrostático Nautisub na revista *Mergulhar: a descoberta do mar* número 04 em 1983

Imagem 22: Anúncio do compressor Rodabrás na revista *Mergulhar: a descoberta do mar* número 05 em 1983

Imagem 23: Publicidade, na revista *Mergulhar: a descoberta do mar*, da operadora e escola Ponto Mar.

Imagem 24: Publicidade, na revista *Mergulhar: a descoberta do mar*, da operação de turismo submarino Claumar no navio Hipocampo.

Imagem 25: Divulgação da carteira de mergulhador ABMA na revista *Mergulhar: a descoberta do mar*

Imagem 26: Primeiro anúncio da escola Narwhal na revista *Mergulhar: a descoberta do mar*

Imagem 27: Primeiro anúncio da loja Aquadive na revista *Mergulhar: a descoberta do mar*

Imagem 28: Anúncio do Projeto Acqua na revista *Mergulhar: a descoberta do mar*

Imagem 29: Plataforma de inserção de metadados do site *IA*

Imagem 30: Plataforma de pesquisa do AHMARB no *IA*

Imagem 31: Campo de pesquisa da página principal do *IA*

Imagem 32: Apresentação das temáticas norteadoras

Imagem 33: Campo de pesquisa no conteúdo do documento do AHMARB

Lista de Fluxogramas

Fluxograma 01: Primeiros cursos de caça submarina e escafandria nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro

Fluxograma 02: Primeiros cursos e escolas de mergulho autônomo amador nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro

Fluxograma 03: Principais novos cursos, escolas, lojas e operadoras originados no estado do Rio de Janeiro

Fluxograma 04: Principais novos cursos, escolas, lojas e operadoras originados no estado de São Paulo

Fluxograma 05: Estrutura geral do site da AHMARB

Fluxograma 06: Estrutura das coleções do arquivo no site da AHMARB

Fluxograma 07: Estrutura do glossário no site da AHMARB

Lista de retratos

Retrato 01: Alcides Ayrosa Falanghe

Retrato 02: Marly Costa Simões

Retrato 03: Cesar Alfredo Corazza Nieto

Retrato 04: Marcelo Demetrio Obeidi (Marcelinho)

Retrato 05: Pedro Paulo de Almeida Carneiro da Cunha (PP)

Retrato 06: Claudio Guardabassi (Claudião)

Retrato 07: Fernando Hiroshi Kuramoto (Kura)

Retrato 08: Gabriel Ganme

Retrato 09: Alvanir Silveira de Oliveira (Jornada)

Retrato 10: Sergio Costa

Retrato 11: Lucia Helena Monteiro Sodré

Retrato 12: Maurício Carvalho

Retrato 13: Marcus Werneck

Retrato 14: Randal Fonseca

Retrato 15: Leonora Fritzsche (Lola)

Retrato 16: Eduardo Paim Bracony

Retrato 17: João Carlos Pompeu da Silva (Tatalo)

Retrato 18: Sandderson Pimentel de Barros

Retrato 19: Novas instalações da Claumar em 1974

Retrato 20: O primeiro curso de mergulho infantil da ACM em 1978 ministrado por Claudio Guardabassi

Retrato 21: Álvaro Vilar Moreira (Clovis Lee Mo ao fundo)

Retrato 22: Loja Aquamundo da Rua Leopoldo Couto de Magalhães, bairro Itaim em São Paulo (SP)

Retrato 23: Píer da base de mergulho da escola Aquamundo na praia de Mambucaba em Angra dos Reis (RJ).

Retrato 24: Base de mergulho da escola Aquamundo na praia de Mambucaba em Angra dos Reis (RJ).

Retrato 25: Plataforma flutuante Argonauta G-40 instalada no mar do bairro da Urca na cidade do Rio de Janeiro (RJ)

Retrato 26: Arduíno Colasanti em atuação na plataforma flutuante Argonauta G-40 a bordo do barco Piriquita

Retrato 27: Retrato da fachada do Projeto Acqua

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Entrevistados participantes da história do mergulho no estado de São Paulo

Quadro 02: Entrevistados participantes da história do mergulho no estado do Rio de Janeiro

Quadro 03: Documentos dos acervos pessoais de pioneiros do mergulho cedidos e digitalizados para o AHMARB

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABCMAR: Associação Brasileira de Centros e Operadoras de mergulho autônomo recreativo

ABCS: Associação Brasileira de Caça Submarina

ABETA: Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura

ABIMA: Associação Brasileira de Instrutores de mergulho amador

ABMA: Associação Brasileira de Mergulho amador

ABNT: Associação Brasileira de Normas Técnicas

ACM: Associação Cristã de Moços

AFAN: Atividades Físicas de Aventura na Natureza

AHMARB: Arquivo Histórico Mergulho Autônomo Recreativo Brasileiro

AIDA: Associação Internacional para o Desenvolvimento da Apneia

AIMATIC: Associação Internacional do Mergulho autônomo Técnico e Científico

AL: Alagoas (estado)

AMAN: Academia Militar das Agulhas Negras

APAS: Associação Profissional de Atividades Subaquáticas

APCS: Associação Paulista de caça submarina

ARRASO: Atenção, Respeito, Responsabilidade, Amor, Segurança e Organização

BA: Bahia (estado)

BACS: Base Almirante Castro e Silva

CAAE: Certificado de Apresentação de Apreciação Ética

Cacex: Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil

CAI: Carta de Anuência Institucional

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CBD: Confederação Brasileira de Desportos

CBPCS: Confederação Brasileira de Pesca e Caça Submarina

CBPDS: Confederação Brasileira de Pesca e Desporto Subaquático

CE: Ceará (estado)

Ceans: Centro de Estudos de Arqueologia Náutica e Subaquática

CEP: Comitê de Ética em Pesquisa

CIMA: Centro de Instrutores de Mergulho Autônomo

CMAS: Confederação Mundial de Atividades Subaquáticas

Codepe: Conselho de Desenvolvimento da Pesca

COVID 19: Coronavirus disease 2019

CPAS: Centro Português de Atividades Subaquáticas

DCEFS: Departamento das Ciências da Educação Física e Saúde

DEMA: Diving Equipment & Marketing Association

DPC: Diretoria dos Portos e Costas

EBOS: Empresa Brasileira de Operações Submarinas

ES: Espírito Santo (estado)

EUA: Estados Unidos da América

Exposub: Exposição de Equipamentos e Serviços de Mergulho Amador

FAAP: Fundação Armando Alvares Penteado

FAAT: Faculdades Atibaia

FAFICH: Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

FAPESP: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

Femar: Fundação dos Estudos do Mar

FGV: Fundação Getúlio Vargas

FPCS: Federação Paulista de caça submarina

FPDS: Federação Paulista de Desportos Subaquáticos

GREC: Grupo de Resgate e Exploração de Cavernas

HSA: Handicapped Scuba Association

IANTD: International Association of Nitrox & Technical Divers

IBAMA: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

IBDF: Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal

IDC: Instructor Development Center

IDC: Instructor Development Course

IE: Instructor Examination

IESDS: Instituto de Exploração Subaquática Dallo Sub

INEF: Instituto Nacional de Educação Física

IPC: Curso de Formação de Instrutores

ISO: International Organization for Standardization

ISSN: International Standard Serial Number

LHTP: Laboratório de História do Tempo Presente

LILACS: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde

LSCS: Liga Santista da Caça Submarina

LTDA: Sociedade limitada

MEC: Ministério da Educação e Cultura
MG: Minas Gerais (estado)
MS: Mato Grosso do Sul (estado)
NAU: Núcleo de Antropologia Urbana
NAUI: National Association of Underwater Instructors
NBR: Norma Brasileira
NHO: Núcleo de História Oral
NSC: National Safety Council
ONG: Organização Não Governamental
PADI: Professional Association of Diving Instructors
PANAM: Pan American World Airways
PARA-SAR: Esquadrão Aeroterrestre de Salvamento da Força Aérea Brasileira
PB: Paraíba (estado)
PDIC: Professional Diving Instructors Corporation
PE: Pernambuco (estado)
PNMA: Política Nacional do Meio Ambiente
PPGIEL: Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer
PR: Paraná (estado)
PSI: Pound Per Square Inch
RCP: Ressuscitação cardiopulmonar
RCR: Reanimação cardiopulmonar
RJ: Rio de Janeiro (estado)
RN: Rio Grande do Norte (estado)
RS: Rio Grande do Sul (estado)
RSTC: World Recreational SCUBA Training Council
SARS-COV 2: Severe acute respiratory syndrome coronavirus 2
SBEPS: Sociedade Brasileira de Estudos e Pesquisas Subaquáticas
SC: Santa Catarina (estado)
SciELO: Scientific Electronic Library Online
Scuba: Self Contained Underwater Breathing Apparatus
SDI: Scuba Diving International
SEMA: Secretaria Especial do Meio Ambiente
SESNI: Associação de Ensino Superior de Nova Iguaçu
SINAU: Sistema de Informações de Naufrágio

SINTASA: Sindicato dos Trabalhadores em Atividades Subaquáticas

SISNAMA: Sistema Nacional do Meio Ambiente

SOBAMA: Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada

SP: São Paulo (estado)

SSI: Scuba Schools International

Sudepe: Superintendência do Desenvolvimento da Pesca

TCLE: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TDI: Technical Diving International

TI: Tecnologia da Informação

UFMG: Universidade Federal de Minas Gerais

UFRPE: Universidade Federal Rural de Pernambuco

UFSJ: Universidade Federal de São João del Rei

UnB: Universidade de Brasília

UNESCO: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization.

Unicamp: Universidade Estadual de Campinas

US Navy: Marinha norte-americana

USP: Universidade de São Paulo

YMCA: Young Men's Christian Association

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	21
2 ASPECTOS METODOLÓGICOS	37
2.1 Os entrevistados	48
3 MERGULHOS QUE PRECEDERAM O MERGULHO AUTÔNOMO AMADOR (1940-1974).....	116
3.1 O mergulho como atividade de lazer: a invenção das máscaras e dos equipamentos de respiração.....	120
3.2 Caça submarina e escafandria como principais influências no desenvolvimento do mergulho no país.....	133
3.2.1 Produção nacional de equipamentos para caça submarina e escafandria.....	160
3.2.2 Entre a caça desportiva e mergulhos de trabalho: o ensino do uso de escafandros nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro.....	166
3.3 Novas motivações para mergulhar: transição do mergulho de “atividade-meio” para “atividade-fim”	174
4 CONSTITUIÇÃO DO MERGULHO AUTÔNOMO AMADOR NO BRASIL (1975-1982).....	184
4.1 Iniciativas do ensino do mergulho autônomo inauguradas no Instituto de Exploração Subaquática Dallo Sub em São Paulo	194
4.2 Escola Bandeirantes do Mar no Brasil	199
4.2.1 A filosofia de formação de monitores e mergulhadores da escola Bandeirantes do Mar.....	204
4.2.2 Equipamentos e estrutura para a realização dos cursos e mergulhos.....	209
4.2.3 Cursos de mergulhadores, monitores e instrutores da Bandeirantes do Mar.....	217
4.2.3.1 Formação básica de Mergulhadores de Terceira, Segunda e Primeira Classes/Graus	218
4.2.3.2 Formação do Técnico Especial de mergulho autônomo pela Bandeirantes do Mar.....	224
4.2.3.3 Formação de Monitores e Instrutores	226

4.2.3.4 Estabelecimento de critérios para cada etapa formativa e consequências da formação elaborada por Moreira	227
4.2.4 Sentimento de desbravamento (novas sensibilidades)	232
4.3 Expansão de escolas, metodologias e certificações de mergulho autônomo.....	236
4.4 O afastamento de Álvaro Moreira da Bandeirantes do Mar e do mergulho.....	254
5 DESENVOLVIMENTO COLETIVO DO MERGULHO AUTÔNOMO AMADOR BRASILEIRO (1982-1990)	259
5.1 Revista <i>Mergulhar: A Descoberta do Mar</i> como espaço de desenvolvimento coletivo do mergulho no Brasil.....	266
5.2 A introdução de equipamentos no Brasil: apoio da Revista <i>Mergulhar</i> , ação dos pioneiros, e impactos na prática do mergulho	277
5.3 A invenção das operações comerciais de mergulho amador	289
5.4 Reconhecimento e legitimação do mergulho amador: criação da certificadora nacional ABMA.....	304
5.5 Novos rumos e transformações do mergulho amador: em direção ao mergulho autônomo recreativo	314
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	329
REFERÊNCIAS	339
APÊNDICE 1- O ARQUIVO HISTÓRICO DO MERGULHO AUTÔNOMO BRASILEIRO (AHMARB)	359
APÊNDICE 2- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	377
APÊNDICE 4- CESSÃO DE USO DE IMAGEM	382
APÊNDICE 5- ROTEIRO DA ENTREVISTA	383
APÊNDICE 6- LINHA DO TEMPO DO MERGULHO NO BRASIL E NO EXTERIOR.....	385

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa trata sobre a constituição e o desenvolvimento do mergulho autônomo recreativo no Brasil¹, a partir do circuito² dos estados de São Paulo - Rio de Janeiro, em seus anos iniciais, por volta de 1975, até o final da década de 1990. A motivação advém da experiência e relação que possuo com essa prática desde a realização do meu primeiro curso de mergulho (básico), pela certificadora *Professional Association of Diving Instructors (PADI)*, em meados de 2002. As experiências de mergulhar e de pensar o mergulho ganharam novas nuances no ano de 2019, ao cursar a disciplina *Lazer, Natureza e Educação do Corpo* no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Nessa disciplina, ministrada pela professora Maria Cristina Rosa, foram discutidas noções de natureza, paisagem e de educação do corpo, estabelecidas reflexões sobre práticas de lazer junto à natureza, bem como tematizados locais utilizados para o divertimento dos corpos ao ar livre.

¹ Ao longo do processo de constituição da atividade atualmente reconhecida como Mergulho Autônomo Recreativo, diferentes nomenclaturas foram utilizadas, como escafandrismo, escafandria, mergulho autônomo, mergulho amador, mergulho autônomo amador e *scuba diving*. Os termos escafandria, escafandrismo e mergulho autônomo aparecem com mais frequência em contextos associados ao trabalho, embora também tenham sido empregados em práticas de lazer. Neste trabalho, adota-se, em cada capítulo, a terminologia predominante na temporalidade analisada. No capítulo 3, que aborda os primeiros cursos voltados ao uso do narguilé — aparelho com abastecimento de ar dependente — e do escafandro autônomo (ou Aqualung), com abastecimento próprio e circuito aberto de respiração, predominam os termos Escafandria, Escafandrismo e Mergulho Autônomo. No capítulo 4, que trata da consolidação dos cursos voltados especificamente ao equipamento autônomo, são mais recorrentes as expressões Mergulho Autônomo Amador e Mergulho Amador. No capítulo 5, observa-se maior diversidade de denominações. Um grupo tende a empregar Mergulho Amador ou Mergulho Autônomo Amador, destacando o caráter não profissional e desvinculado da caça submarina. Outro grupo alterna entre diferentes termos, como mergulho, *SCUBA Diving*, mergulho autônomo e suas variantes. Entre o final da década de 1980 e o início da de 1990, ganha força o uso da expressão Mergulho Autônomo Recreativo. A partir dos anos 1990, com a adoção dos métodos de ensino e certificação de agências estadunidenses, o mergulho brasileiro passa por uma fase de consolidação em que se alinha ao mercado internacional, incorporando o nome *SCUBA Diving ou Recreational SCUBA Diving*, ao lado das designações nacionais Mergulho Autônomo Recreativo, Mergulho Recreativo ou, simplesmente, Mergulho. A abordagem aprofundada desse período posterior a 1990 — marcado pela padronização internacional e consolidação da prática com características próximas às dos dias atuais — será objeto de estudos futuros.

² Neste trabalho o conceito de circuito é inspirado no constructo desenvolvido pelo Núcleo de Antropologia Urbana – NAU/USP em seus estudos etnográficos sobre as dinâmicas espaciais das práticas de lazer na periferia de São Paulo. O grupo cunhou a categoria denominada como pedaço “inicialmente aplicada no contexto da vizinhança, no bairro”, mas com a ampliação dos estudos para lazeres realizados no centro da cidade, foram elaboradas novas categorias, como mancha, trajeto, pórtico e circuito. A categoria circuito “designa o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, espaços e equipamentos que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial”. No circuito é possibilitada uma sociabilidade (encontros, comunicação e manejo de códigos) mais diversa e ampla que na mancha ou pedaço (Magnani, 2014, p. 12). Este texto utiliza a categoria circuito para discutir o desenvolvimento da prática/serviço de mergulho em diferentes cidades dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, que compartilham sociabilidades comuns.

Discussões estabelecidas nas aulas partiram do pressuposto de que a ação dos seres humanos diante do mundo natural tem sofrido modificações ao longo da história, de acordo com diferentes agentes culturais, como o simbolismo religioso ou a ciência. A disciplina possibilitou interessantes exercícios, como a desnaturalização da busca da/pela natureza por homens e mulheres em diferentes temporalidades, o entendimento de que ela é uma construção histórica, bem como a compreensão de que frequentações a espaços naturais também são construções que têm, em cada época, motivações distintas, possibilitando entender que existem “naturezas percebidas e vividas de acordo com o que é possível conhecer e conceber em cada período e, assim, fabricar representações e usos sempre cambiáveis e em movimento” (Soares, 2016, p. 11).

Nesse contexto, me senti provocada a refletir sobre a prática do mergulho autônomo recreativo realizada nos mares brasileiros, sobre as diferentes formas com que os seres humanos já buscaram frequentar o ambiente subaquático marinho, quais construções simbólicas teriam desenvolvido a respeito do fundo do mar, e como essas construções teriam influenciado a chegada e o desenvolvimento do mergulho no Brasil. Algumas perguntas surgiram, como, por exemplo: como se constituíram e se desenvolveram as escolas, cursos, programas de ensino/aprendizagem e certificação do mergulho no Brasil? Quem foram os primeiros praticantes que aderiram ao mergulho desde os anos iniciais? O que mergulhadores buscavam e buscam junto ao fundo do mar ao longo dos anos de prática do mergulho no Brasil? Que equipamentos impactaram o mergulho e de que forma? Essas e outras perguntas culminam na questão central deste trabalho: como se deu a história do mergulho no Brasil desde seus primeiros anos até atualmente?

Para obter as primeiras informações sobre o início do mergulho no Brasil foi feito um movimento inicial, ainda em 2019, mesma época da citada disciplina, sendo encontrada uma série de entrevistas realizadas pela revista digital *Brasil Mergulho*³ denominada *Pioneiros do Mergulho*⁴, a partir da qual foi possível identificar mergulhadores, brasileiros e estrangeiros, que tiveram, de diferentes formas, pioneirismo no mergulho brasileiro. São pessoas de diferentes gerações interessadas em contar a história do mergulho, o que possibilitou acessar

³ A revista virtual *Brasil Mergulho* pode ser acessada no endereço virtual <https://www.brasilmergulho.com/>. Criada em 1999 pelo mergulhador Clécio Mayrink, funciona como portal colaborativo de conteúdos sobre o mergulho com mais de quinhentos colaboradores. A longevidade e robustez do portal fizeram dele a atual referência em notícias e conteúdo especializado sobre mergulho no Brasil. Em 2024 a revista recebeu o número de identificador internacional de mídia ISSN 2966-0998.

⁴ O uso da série para a presente pesquisa foi aprovado, via e-mail, pela coordenação da Revista Virtual Brasil Mergulho. Os vídeos estão disponibilizados na internet no endereço <https://www.brasilmergulho.com/categoria/artigos/pioneiros-do-mergulho-brasileiro/>.

pistas sobre histórias do mergulho autônomo recreativo no Brasil desde meados da década de 1970.

Inicialmente foram localizados alguns desses pioneiros, e outras pessoas que também participaram da constituição e desenvolvimento do mergulho no Brasil desde seus anos iniciais, por meio de uma comunidade do *facebook* denominada História do Mergulho no Brasil⁵ (História do Mergulho no Brasil, 2019), coordenada pelo mergulhador Pedro Paulo Cunha, conhecido como PP A meu pedido ele postou algumas perguntas aos pioneiros, como: quais foram as primeiras escolas e os primeiros cursos de mergulho no Brasil? Quem foram os primeiros mergulhadores? Quem trouxe os primeiros equipamentos e como eles chegaram?

A partir das respostas recebidas iniciei uma série de diálogos, por telefone e/ou *internet*, com alguns desses pioneiros, como Sergio Costa, Alcides Falanghe e Randal Fonseca, sendo este o primeiro passo para aceite do convite feito a eles, naquele momento, para participarem desta pesquisa sobre a história do mergulho no país. Nessas conversas, os mergulhadores relataram, ainda informalmente, suas experiências, histórias de outros praticantes e trouxeram importantes informações e narrativas que revelaram pistas sobre o início do mergulho autônomo recreativo no Brasil que, embora tenha ocorrido de modo semelhante ao observado nos países onde a atividade se desenvolveu inicialmente — sobretudo França e Estados Unidos —, passou por especificidades sociais, econômicas, políticas e geográficas próprias.

No cenário internacional, o mergulho surgiu de processos de fusão e separação entre elementos — como técnicas, equipamentos, conhecimentos, lugares e pessoas — oriundos de diferentes tipos de mergulho, como pesca de subsistência, caça submarina e mergulhos de combate, comercial e científico (Brylske, 2012). No Brasil, as falas dos mergulhadores indicam que ocorreram dinâmicas semelhantes, mas atravessadas por particularidades locais, como, por exemplo: acesso tardio, quando comparado aos países citados, a conhecimentos específicos sobre o mergulho já desenvolvido no exterior, a equipamentos e a outros recursos; necessidade de elaboração de legislações próprias e existência de desafios relacionados às condições do meio subaquático marítimo brasileiro.

Assim, as pistas iniciais mostravam que, embora influenciado pelo desenvolvimento do mergulho recreativo internacional, denominado *Scuba*, o mergulho autônomo recreativo no Brasil passou por processos próprios até adquirir relativa independência em relação aos demais tipos de mergulho e se constituir como prática de lazer, com códigos, normatizações e finalidades específicas. Neste percurso, ele recebeu o nome de Mergulho autônomo amador

⁵ O grupo pode ser encontrado no endereço eletrônico: <https://www.facebook.com/groups/591046881291645>

e/ou Mergulho amador, nomenclaturas forjadas a partir da segunda metade da década de 1970 com objetivo de se distinguir do Mergulho comercial, que também ganhava espaço naquele momento no país. A escolha do termo “amador” buscava, ainda, afastar a atividade do universo esportivo, especialmente da caça submarina, consolidada no país, demarcando o mergulho como uma atividade de lazer que propunha uma nova e distinta forma de relação com o meio subaquático.

Esse processo constituiu-se ao longo do tempo por movimentos em que múltiplos e integrados usos do mergulho forjaram técnicas, valores, códigos, normatizações e finalidades específicas, delimitando e consolidando modalidades distintas. Neste aspecto, atualmente, identificam-se diferentes formas de mergulho, entre as quais se destacam as voltadas ao trabalho, como os mergulhos comercial, científico, de segurança pública e de combate, e ao lazer, como o mergulho autônomo recreativo.

No mergulho comercial, mergulhadores especializados oferecem sua mão de obra para “construção, manutenção e reparo de pontes, navios, cais, hidrelétricas, pesquisas, exploração de petróleo, entre outros” (Bitencourt; Amorim; Mayrinck, 2006, p. 443); já o mergulho científico abrange “quaisquer atividades de mergulho que aplicam procedimentos científicos para produzir subsídios para estudos e trabalhos técnicos em ambientes subaquáticos⁶” (Leite, *et.al.* p. 02) e atende a áreas de conhecimento, como Ciências Biológicas, Oceanografia, Arqueologia, Engenharia de Pesca, Ecologia.

O mergulho de segurança pública é uma atividade exercida por agentes de segurança, como polícia e corpo de bombeiros, e caracteriza-se pela busca e recuperação subaquática de objetos ou pessoas, além de investigação de evidências criminais em diferentes ambientes submersos (Brasil, 1983); e o mergulho de combate abrange ações de enfrentamento, espionagem, fuga etc. (Santos; Golin, 2022).

O mesmo ocorre com os mergulhos realizados por lazer, comumente chamados de mergulhos recreativos, que abrangem um amplo espectro de atividades subdivididas entre as que podem ser praticadas como lazer e/ou esporte, como mergulho livre⁷ e pesca subaquática; e as que são exclusivamente experienciadas como lazer, sem qualquer forma de competição

⁶ Livre tradução da autora

⁷ O Mergulho Livre envolve diferentes modalidades de mergulho, regidas pela Confederação Mundial de Atividades Subaquáticas, em que ocorre a interrupção voluntária da respiração (apneia) debaixo d’água. Para sua prática são necessários os mesmos equipamentos utilizados na flutuação, somados a uma pequena quantia de peso (lastro) geralmente preso à cintura por um cinto próprio (cinto de lastro) (CMAS s.d.).

esportiva, como o *snorkeling* ou flutuação⁸, *snuba*,⁹ *scooter*, *sled*¹⁰ e o mergulho autônomo recreativo. Estas atividades atraem mergulhadores e não mergulhadores e movimentam, no mundo todo, viagens de turismo de mergulho nas quais viajantes buscam por uma miríade de experiências junto a ambientes subaquáticos e seus atrativos diversos (Garrod, Gössling, 2008; Queiroz Neto, 2012; Rowe; Santos, 2016).

O mergulho autônomo recreativo, conhecido no mundo como *Scuba Diving* ou *Recreational Scuba Diving*, é uma prática de lazer não competitiva ou esportiva em que ocorre a convivência humana com ambientes subaquáticos por meio de equipamentos (PADI 2015a; PADI, 2015b). Ele pode ser realizado em rios, lagos, cavernas de água doce e em ambientes não naturais, entretanto observa-se que a maior parte dos lugares comumente visitados para essa prática — conhecidos como pontos ou *points* de mergulho — se concentra nos mares (Ministério do Turismo, 2009) sendo, por este motivo, o mergulho autônomo recreativo marítimo elencado como objeto da presente pesquisa.

Esse mergulho é um passeio no ambiente subaquático que, como na prática de uma caminhada, por exemplo, tem níveis de dificuldade delimitados por diferentes fatores, como ambiente visitado e quantidade de apoio recebido (de pessoas e equipamentos), podendo ser acessível a pessoas de diferentes faixas etárias e condições físicas. Esta característica é comumente explicitada por grande parte dos profissionais da área do mergulho autônomo recreativo, ao afirmarem que para mergulhar não é preciso ao menos saber nadar, tornando essa prática tema de interesse de estudiosos do campo do Turismo, que buscam entender suas potencialidades especialmente quanto as viagens ao litoral (Garrod; Gössling, 2008; Queiroz Neto, 2012; Rowe; Santos, 2016).

Para esses estudiosos, os viajantes podem realizar o mergulho de duas formas: no turismo de mergulho e no mergulho de turismo. A primeira é realizada por mergulhadores que viajam para praticar o mergulho; já na segunda o mergulho é realizado como opção entre outras

⁸ O *snorkeling* ou flutuação é uma atividade de natação e/ou de flutuação que ocorre na superfície da água, com uso de máscara, nadadeiras e *snorkel*, que é um tubo que permite aos praticantes flutuarem com o rosto submerso, tomando ar da superfície. Também podem ser acrescidas aos equipamentos básicos dessa prática, roupas específicas que proporcionam proteção térmica e/ou equipamentos de flutuação (boias), se preciso. Durante a flutuação podem ser realizados breves mergulhos com interrupção da respiração (ABNT NBR 13289, 2012). O objetivo dessa prática é proporcionar “um contato direto com a natureza, observando rochas, animais e plantas aquáticas” (Ministério do Turismo, 2009, p. 101).

⁹ O mergulho *snuba* é uma fusão entre o *snorkeling* e o mergulho autônomo recreativo. Nesse tipo de mergulho o ar é fornecido por mangueiras conectadas a cilindros de ar contidos em um console flutuante na superfície da água. O *snuba* é, geralmente, uma prática de mergulho introdutório, que ocorre na presença de guias treinados, não sendo necessário ao praticante ser mergulhador (Garrod; Gössling, 2008).

¹⁰ O *scooter* e o *sled* são tipos de mergulhos realizados a partir de pranchas ligadas a barcos ou a aparelhos de propulsão subaquáticos (Garrod; Gössling, 2008).

formas de lazer durante uma viagem (Ministério do Turismo, 2005; Queiroz Neto, 2012). O mergulho autônomo recreativo é a atividade predominante no turismo de mergulho internacional e brasileiro, o que talvez se deva a sua organização atual, que envolve diferentes empresas, como escolas, operadoras e lojas, que impactam o setor de turismo com a utilização de serviços de viagens, hotelaria e receptivos (Garrod; Gössling, 2008; Queiroz Neto, 2012; Rowe; Santos, 2016).

Essa prática se configura pelo uso de um sistema de equipamentos de respiração autônoma ou *Scuba*¹¹ que oferece suprimento de ar para que mergulhadores respirem debaixo da água independentemente de mangueiras ligadas a compressores na superfície. O *Scuba* fica junto ao corpo e permite a respiração e a livre locomoção no ambiente subaquático (Rowe; Santos, 2016). Além desse sistema, são usados equipamentos, como máscara, nadadeiras, *snorkel*, colete equilibrador¹², lastro¹³, monitor de pressão de gás respirável — conhecido como manômetro submersível¹⁴ —, medidores de profundidade e de tempo de mergulho e roupas especiais¹⁵ que permitem proteção térmica. Muitos outros equipamentos, como câmeras fotográficas, lanternas e bússolas podem ser somados a esta lista, de acordo com os tipos e especialidades de mergulho e os interesses dos praticantes (ABNT NBR 24801-1, 2018a).

Na atualidade, para realização desse mergulho há um serviço geralmente conhecido como operação comercial de turismo de mergulho, ou operação de mergulho, que é composto por uma estrutura envolvendo empresas operadoras de mergulho, estrategicamente localizadas próximas a lugares onde ocorre essa prática, geralmente no litoral (ABNT NBR 13289, 2012). No Brasil, a grande maioria das operações se dá a partir de saídas de barcos que levam grupos de mergulhadores aos pontos de mergulho, que são, em sua maioria, afastados das praias. Esses

¹¹ O acrônimo *SCUBA* designa *Self Contained Underwater Breathing Apparatus* (PADI 2015a) e é traduzido por Queiroz Neto (2012) como equipamento autônomo de respiração subaquática.

¹² Equipamentos que têm, geralmente, o formato de uma jaqueta ou de uma asa, usados, respectivamente, junto ao tronco ou às costas do mergulhador. Com capacidade de reservar ar entre os tecidos que o compõem, o colete equilibrador é ligado ao ar do cilindro por uma mangueira, o que permite que seu interior seja inflado ou desinflado por um comando manual. Ao ser inflado ele funciona como uma boia. Assim, quando o mergulhador está na superfície ele pode ficar estável, e não precisa se esforçar fisicamente antes ou após um mergulho. Ao ser desinflado ele deixa de ser uma boia, permitindo que o mergulhador vá para o fundo. Quando o mergulhador chega à profundidade desejada, ele infla gradualmente o colete com poucas quantidades de ar. Ao atingir a quantidade correta de ar dentro do colete é possível obter uma estabilidade corporal na profundidade escolhida, ou seja, uma flutuabilidade neutra.

¹³ O lastro é composto por pequenos pesos de chumbo presos ao corpo por um cinto ou levados junto ao colete equilibrador, que têm por objetivo auxiliar o corpo a afundar.

¹⁴ Instrumento que dá informações sobre a quantidade de ar comprimido utilizada e disponível no cilindro, de acordo com sua utilização durante o mergulho.

¹⁵ Roupas feitas, em geral, de tecido borracha especial (neoprene), composta com micro-bolhas de nitrogênio injetado o que auxilia na proteção térmica. A roupa, que é justa ao corpo, represa uma pequena quantidade de água entre o tecido e a pele. O calor perdido pelo corpo aquece a água represada que, por sua vez, contribui para o aquecimento do corpo. Existem diferentes tipos de roupa para diferentes condições climáticas.

barcos têm adaptações estruturais para comportar equipamentos e mergulhadores e, geralmente, possuem plataformas de acesso à superfície do mar e escadas para retorno após o mergulho.

Em uma operação de mergulho são disponibilizados cilindros carregados com ar, aluguel de equipamentos, alimentação, informações básicas sobre o mergulho e o ponto a ser visitado e, caso necessário, materiais e pessoas treinadas em socorros urgentes. O mergulho ocorre, obrigatoriamente, em um sistema de duplas que devem permanecer juntas e serem guiadas por mergulhadores responsáveis. Para a participação em uma operação é necessária a comprovação de habilitação em mergulho por meio de um documento reconhecido internacionalmente, comumente chamado no Brasil de carteirinha ou brevê. Esta certificação comprova a aquisição de conhecimentos que buscam garantir segurança, domínio de técnicas específicas de mergulho e utilização correta de equipamentos. Para praticantes não certificados muitas empresas oferecem o serviço de programa introdutório, comumente conhecido como “batismo” em que, após breves instruções, o cliente é conduzido durante a prática por um profissional responsável (ABNT NBR 11121, 2019a; Randal, entrevista concedida à autora em 14 abr. 2022).

Para garantir sua segurança e de seus parceiros, mergulhadores certificados precisam conhecer os efeitos da pressão atmosférica e da coluna de água no corpo e como agir para prevenir e minimizar possíveis riscos de narcose¹⁶, doença descompressiva¹⁷ e barotraumas¹⁸ (PADI 2015a; PADI, 2015b). Os conhecimentos envolvem bases de física, como, por exemplo, os efeitos sofridos pelos gases diante da pressão exercida pelo meio e a refração da luz; abrangem ainda: unidades de medida, orientação subaquática, montagem, uso e manutenção de equipamentos, comunicação própria do mergulho, entre outros.

Mergulhadores também necessitam conhecer técnicas específicas que envolvem equilíbrio corporal, fluabilidade, controle da respiração e lentidão de movimentos, o que permite manter um baixo ritmo cardiorrespiratório e, em consequência, um consumo eficiente do ar presente no cilindro a fim de prolongar o tempo no fundo. Para tanto, a respiração deve ser controlada e ininterrupta e o nado subaquático deve ser lento, mantendo-se os braços junto

¹⁶ A narcose por nitrogênio causa um efeito de embriaguez (falta de raciocínio, desorientação e euforia) no corpo devido ao aumento do volume de nitrogênio no organismo. Ela pode acontecer a partir dos 30 metros e agrava-se com o aumento de profundidade. Seu risco consiste na falta de discernimento do mergulhador, que pode se tornar um risco para si. Para minimizar os efeitos da narcose, mergulhadores que submergem nas maiores profundidades utilizam misturas especiais de gases (PADI 2015a; PADI, 2015b).

¹⁷ A doença descompressiva decorre do excesso de nitrogênio no organismo que forma bolhas nos vasos sanguíneos e tecidos do corpo. O risco dessa doença ocorre no momento da subida, em que a diminuição de pressão expande as bolhas de nitrogênio e pode gerar efeitos, de moderados a graves, nos tecidos em que estiverem alocadas. (PADI 2015a; PADI, 2015b).

¹⁸ Barotrauma designa qualquer tipo de trauma decorrente da diferença de pressão (PADI 2015a; PADI, 2015b).

ao corpo. Durante o nado, podem ser realizados diferentes tipos de pernadas de acordo com os objetivos do mergulho e com os ambientes visitados. Entre as pernadas existentes, a mais utilizada se parece com a realizada no nado livre (crawl), porém mais ampla e lenta (*PADI* 2015a; *PADI*, 2015b).

No Brasil, e em muitas partes do mundo, os processos de ensino, aprendizagem e certificação de mergulhadores são estruturados em escolas e centros de mergulho que adotam métodos e serviços de empresas certificadoras de mergulho. Estas funcionam em um formato parecido com o sistema de franquias e emitem certificação de padrão internacional (ROWE, SANTOS, 2016). De acordo com levantamento realizado pela Associação Brasileira de Operadores, Escolas e Centros de mergulho Recreativo (ABCMAR, 2024), atualmente existem doze¹⁹ certificadoras estabelecidas no país. Entre as mais conhecidas estão empresas como a já citada *PADI*, dos Estados Unidos; a alemã *Scuba Schools International* (*SSI*); e as Estadunidenses *National Association of Underwater Instructors* (*NAUI*) e *Scuba Diving International* (*SDI*).

Cada uma dessas certificadoras possui um programa de ensino, com material didático²⁰ e cursos graduais subsequentes que possibilitam ao mergulhador elevar, a cada nova etapa, a sua aprendizagem. Geralmente são três os níveis de formação de mergulhadores, acrescidos de cursos específicos de especialidades técnicas, como mergulho noturno, mergulho em naufrágios, biologia marinha, fotografia subaquática, primeiros socorros e resgate. A formação de instrutores, dividida em dois níveis, possibilita a atuação profissional no ramo do mergulho recreativo (ABNT NBR 24801-1, 2018a; ABNT NBR 24801-2, 2018b; ABNT NBR 24801-3, 2018c, ABNT NBR 24802-1, 2019a; ABNT NBR 24802-2, 2019b).

Entre os programas de formação de cada empresa certificadora há distinções significativas quanto às nomenclaturas, número, tipos de cursos²¹, metodologias adotadas, carga horária e outros, que denotam valores e objetivos das empresas. Entretanto as principais etapas formativas devem atender aos padrões mínimos de treinamento determinados internacionalmente pela Organização Internacional de Normalização (ISO) e no Brasil às

¹⁹ Uma dessas instituições é a Confederação Brasileira de Pesca e Desportos Subaquáticos (CBPDS) — representante da Confederação Mundial de Atividades Subaquáticas (CMAS) — que não configura como empresa e tem um funcionamento distinto das outras certificadoras e, por motivos históricos a serem discutidos ao longo deste trabalho, é pouco expressiva no país.

²⁰ O material didático dos cursos conta com manuais de mergulho e aulas gravadas em vídeo. Além desse material, o ambiente que envolve a prática possui uma rede de produção e consumo de conhecimentos específicos que conta com livros, revistas específicas, sites, filmes e outros.

²¹ Neste texto, curso refere-se tanto a cada etapa de formação (como básico ou avançado) quanto à própria instituição que ministra essas etapas.

seguintes Normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas: ABNT NBR 24801-1, 2018a; ABNT NBR 24801-2, 2018b; ABNT NBR 24801-3, 2018c; ABNT NBR 11121, 2019a; ABNT NBR 24802-1, 2019b; ABNT NBR 24802-2, 2019c²².

Estas normas técnicas determinam padrões, como limite de profundidade e complexidade técnica permitida para a realização de mergulhos em cada nível de formação de mergulhadores; discrimina competências teóricas e habilidades práticas específicas a serem ensinadas e avaliadas, por meio de aulas e provas teóricas e práticas, em cada um dos níveis de formação; e exige a realização de uma prova prática final (*checkout*) a ser realizada em ambientes e condições para os quais ocorreu o treinamento. Este *checkout* geralmente é realizado no mar, por isso é comumente chamado de “prova de mar” (ABNT NBR 24801-1, 2018a; ABNT NBR 24801-2, 2018b; ABNT NBR 24801-3, 2018c; ABNT NBR 11121, 2019a; ABNT NBR 24802-1, 2019b; ABNT NBR 24802-2, 2019c).

Por que há interesse em realizar o mergulho autônomo recreativo? Para Freire (2005), o mergulhador anseia apreciar a paisagem subaquática, acionando primordialmente a sensorialidade da visão; já para Gomes (2008), o mergulho se dá na busca por silêncio, que seria próprio ao ambiente. Entretanto, esses autores também destacam o desejo pelos efeitos da fluabilidade neutra, que dão ao corpo a sensação de voo (Gomes, 2008) ou do ventre materno (Freire, 2005), condição também denominada como nirvana submarino (Queiroz Neto, 2012).

Alguns mergulhadores podem procurar uma experiência mais radical ao mergulhar em ambientes desafiadores, outros almejam a contemplação. Entre as diferentes motivações que levam mergulhadores a se relacionar com o ambiente subaquático marinho, parece existir uma complexa relação entre uma percepção idealizada de uma natureza idílica e a visão desta como um ambiente hostil e violento. Essa complexidade pode ser exemplificada pela divergência

²² ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 24801-1:** Serviços de mergulho recreativo - Requisitos para o treinamento de mergulhadores autônomos recreativos - Parte 1: Nível 1 - Mergulhador supervisionado. Rio de Janeiro, 2018a.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 24801-2:** Serviços de mergulho recreativo - Requisitos para o treinamento de mergulhadores autônomos recreativos - Parte 2: Nível 2 - Mergulhador Autônomo. Rio de Janeiro, 2018b.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 24801-3:** Serviços de mergulho recreativo - Requisitos para o treinamento de mergulhadores autônomos recreativos - Parte 3: Nível 3 - Líder de mergulho. Rio de Janeiro, 2018c.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 11121:** Serviços de mergulho recreativo - Requisitos para programas introdutórios de mergulho autônomo. Rio de Janeiro, 2019a.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 24802-1:** Serviços de mergulho recreativo - Requisitos para o treinamento de instrutores de mergulho autônomo - Parte 1: Nível 1. Rio de Janeiro, 2019b.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 24802-2:** Serviços de mergulho recreativo - Requisitos para o treinamento de instrutores de mergulho autônomo - Parte 2: Nível 2. Rio de Janeiro, 2019c.

entre Gomes (2008) e Exequiel (2003), quando o primeiro o designa como um esporte radical de alto risco; já para a segunda autora o mergulho é uma atividade não radical e de contemplação. Essas divergências e dúvidas suscitaram questões relevantes para a realização desta pesquisa que, todavia, partiu do reconhecimento do risco no mergulho autônomo recreativo como um dado inegável. Este estudo, portanto, levou em consideração relações que mergulhadores estabeleceram com o enfrentamento desse risco ao longo da trajetória dessa atividade no país, sendo um dos valores em destaque na década de 1970, nos anos iniciais do mergulho autônomo recreativo no país.

Para Sant’Anna (2000), esse valor provém de relações do mundo do trabalho, vigentes à época, e está presente em um conjunto de práticas, como surfe, asa delta e *windsurfe*, que se desenvolveram a partir de influências do exterior, sobretudo dos Estados Unidos, e tiveram um apogeu em meados da década de 1970, ficando conhecidos como esportes californianos. Para Gleyse (2018), o crescimento dos esportes “selvagens”, como também são chamados, ocorre vinculado à iminência dos movimentos ecologistas e corporalistas dos anos 1970.

O aspecto radical ou aventureiro dos esportes californianos — e, de alguma forma, também do mergulho autônomo recreativo, que ocorre na mesma época, contexto social e sob as mesmas influências — traz o enfrentamento do risco de uma forma ambígua, ou seja, por um lado o sentido é de “dominar a violência ao mesmo tempo em que se deseja confrontá-la, experimentá-la em estado bruto, desafiá-la como quem desafia a própria morte” (Sant’Anna, 2000, p. 04). Paradoxalmente, o gosto pelo risco vem acompanhado por uma gama de equipamentos que visam a “domesticação da violência”, assim equipamentos que visam proteção e segurança dos praticantes não cessam de ser desenvolvidos. Ainda que os equipamentos proporcionem proteção, a proeza das atividades realizadas nos ambientes naturais parece “consistir apenas na fórmula do homem sozinho no mundo diante da adversidade” (Le Breton, 2007, p. 14), e ainda assim as tecnologias e os recursos oferecidos pelos equipamentos são insuficientes em certas circunstâncias.

No mergulho, os equipamentos proporcionam proteção, mas o risco ainda é uma realidade, manifestando-se de distintas formas em diferentes pontos do mundo. Quanto ao Brasil, destacam-se especificidades relativas ao ambiente, disponibilização de equipamentos, aos conhecimentos, ensino, praticantes e outros aspectos que permaneceram ou se transformaram ao longo da existência do mergulho no país. Nesta pesquisa, busquei conhecer essas especificidades, tendo como ponto de partida as perguntas: quais relações os mergulhadores brasileiros buscaram construir com o ambiente subaquático do país e como elas se desenvolveram ao longo do tempo? Para isso, procurei conhecer e analisar: como ocorreram

descobertas e/ou incorporação de novos lugares, técnicas, equipamentos e conhecimentos de mergulho no país? Quais foram as mudanças e continuidades no mergulho brasileiro? Quais foram e são as motivações para mergulhar ao longo dos anos de existência do mergulho no país: explorar diferentes lugares, ir mais fundo, conviver com a fauna e a flora marinhas, permanecer mais tempo na água, buscar segurança e/ou conforto?

Estas perguntas precisam de maiores investigações e, de modo geral, o próprio mergulho autônomo recreativo carece de ser focalizado como fenômeno principal de pesquisas acadêmicas que busquem compreendê-lo como fenômeno humano, ou seja, que analisem seus sentidos e significados como prática corporal, considerando suas dimensões social, cultural, política, entre outras.

Esta carência foi constatada em 2020 quando realizamos um estado da arte, nos bancos de periódicos CAPES, SciELO e LILACS e *google* acadêmico (Abreu; Pereira; Vale, 2020), utilizando as seguintes palavras-chave: mergulho/autônomo, mergulho/recreativo, mergulho/recreacional, mergulho/*Scuba*, mergulho/submarino, mergulho/turismo, mergulho/ecoturismo, mergulho/biodiversidade e mergulho/história. Nessa pesquisa foram selecionados textos que abordavam o mergulho como temática principal. Curiosamente encontramos textos sobre doenças provenientes do mergulho, impactos ecológicos no ambiente marinho causados pela prática, e estudos que usaram o mergulho como procedimento metodológico e/ou instrumento de coleta de dados. Esses textos foram desconsiderados por não atenderem ao escopo do trabalho.

Restaram, então, doze textos que tratam especificamente do mergulho: 04 artigos (Fernandes; Gomes, 2011; Marques *et al.*, 2012; Moraes, Silva, 2016; Rowe, Santos, 2016), 01 tese (Pantalena, 2017), 06 dissertações (Exequiel, 2003; Lima, 2014; Freire, 2005; Sodré, 2007; Gomes, 2008; Nascimento, 2017) e 01 trabalho publicado em anais de evento (Queiroz Neto, 2012). Este estado da arte ofereceu dados que justificam a elaboração desta tese já que constata uma pequena quantidade de trabalhos sobre o mergulho e a inexistência de pesquisas historiográficas sobre essa prática no Brasil. Vale destacar que este cenário não se alterou até 2025, quando, com a realização de novas buscas, constatei a falta de estudos recentes.

Entre esses trabalhos, percebemos que o mergulho é um fenômeno que impacta o setor de turismo de aventura no país. Oito estudos abordam o mergulho numa perspectiva comercial, em que o mergulhador é compreendido como um consumidor; sete traçam perfis de comportamento de viagem de mergulhadores quanto aos desejos e necessidades de hotéis, pousadas, operadoras de viagem, entre outros. Essas pesquisas recomendam diferentes propostas práticas de alterações comerciais junto às empresas fornecedoras de serviços de

mergulho, bem como intervenções educativas, primordialmente ambientais, junto às escolas de mergulho ou aos mergulhadores. Estas ações visam, na maioria das vezes, ampliação de um campo de trabalho no ramo do mergulho para profissionais de Turismo, Gestão ou Administração, o que sugere que estudiosos destes campos vislumbram um potencial econômico para o mergulho no Brasil.

O mergulho autônomo recreativo, assim como outras formas de mergulho, como a flutuação e o *snorkeling*, é reconhecido pelo Ministério do Turismo Brasileiro (2010) como parte integrante do segmento do turismo de aventura. Esse segmento é definido por Uvinha como “um campo estruturado por uma relação de oferta e demanda envolvendo práticas desafiadoras, viabilizadas por infraestrutura e recursos humanos especializados, com possibilidade de certificação, em ambientes diversos” (Uvinha, 2005, p. 271). Para além dos estudos com abordagem predominantemente mercadológica, há indícios da mobilização de pesquisadores da Administração, do Turismo e da Gestão e da relevância de estudá-lo como uma das práticas que integram esse segmento do turismo. No entanto, nota-se carência de investigações que compreendam o mergulho a partir de outras perspectivas analíticas, como as desenvolvidas nos Estudos do Lazer.

O turismo é reconhecido como um dos conteúdos culturais do lazer (MacCannell, 1976) e os Estudos do Lazer têm se dedicado a investigar sentidos e significados de diferentes formas de turismo, entre as quais se insere o turismo de aventura. As pesquisas voltadas a esse segmento acompanham sua expansão em escala nacional e internacional, apontando para sua consolidação como setor econômico estruturado por pacotes temáticos, operações comerciais e serviços voltados para diferentes públicos. Esse processo é viabilizado e intensificado pelo uso das chamadas ultratecnologias, cujos recursos tornam possíveis experiências organizadas e acessíveis, frequentemente submetidas a processos de “comodificação” — isto é, à transformação dessas experiências em mercadorias (Uvinha, 2005; Uvinha, 2009).

Um exemplo emblemático desse processo é apresentado por Uvinha (2009), ao destacar a oferta do serviço de visualização do cume do Monte Everest “sem a necessidade de preparação física e mental para escalar o ponto mais alto do mundo [...] em aeronaves cuidadosamente equipadas para que os turistas visualizem por alguns minutos boa parte da cadeia montanhosa dos Himalaias” (Uvinha, 2009, p. 75). A experiência de aventura, nesse caso, é adaptada para o consumo imediato, reorganizada como produto acessível e mediada por tecnologias, dispensando desafios físicos que originalmente caracterizavam essa prática.

Esse fenômeno ocorre também com a prática do mergulho autônomo recreativo em diferentes lugares do mundo, nos quais os ambientes subaquáticos oferecem atrativos

específicos, como diversidade da vida marinha, temperatura da água, visibilidade límpida e/ou possibilidade de encontro com animais, geralmente de grande porte, como baleia, tubarão e manta-raia. No Mar Vermelho, por exemplo, mergulhadores são atraídos por naufrágios históricos, como o SS *Thistlegorm*; pela visibilidade excepcional, que pode ultrapassar 30 metros e pela temperatura da água, que varia entre 22 °C e 30 °C ao longo do ano. Nas Bahamas, locais como Tiger Beach são famosos por encontros com tubarões-tigre, além de outras espécies, como tubarão-limão e tubarão-martelo. O estudo de David Weaver (2001) destaca essa experiência de “comodificação” na Austrália, país que abriga a maior barreira de corais do mundo e que, por isso, se tornou um importante destino para mergulhadores. Weaver analisa criticamente a criação de “pacotes comerciais” voltados ao turismo que combina atividades de diferentes segmentos, como ecoturismo; turismo de mar, areia e sol; e turismo de aventura, em um ambiente desafiador no qual a tecnologia atua na minimização dos riscos (Weaver, 2001).

No cenário do turismo de aventura brasileiro, o mergulho autônomo recreativo ocupa uma posição de certo pioneirismo na oferta de serviços, sendo reconhecido como uma prática mais estruturada em comparação com outras atividades de aventura. De acordo com os mergulhadores pioneiros, sujeitos desta pesquisa, o mergulho foi a primeira modalidade a desenvolver operações comerciais organizadas e a estabelecer normas específicas para sua realização, antecedendo práticas como o montanhismo e o rafting (Jornada, entrevista concedida à autora em 22 nov. 2023; Randal, entrevista concedida à autora em 15 fev. 2022; Randal, entrevista concedida à autora em 14 abr. 2022; Randal, entrevista concedida à autora em 14/12/2022; Ministério do Turismo, 2009).

O país dispõe de uma grande variedade de áreas costeiras com condições favoráveis ao desenvolvimento do mergulho em diferentes contextos, ao longo de sua costa marítima, que possui cerca de 8.698 quilômetros de extensão, considerando saliências e reentrâncias, segundo o Projeto Orla, do governo federal (Brasil, 2006). Essa extensão abriga regiões com diferentes características oceanográficas, paisagens e condições de acesso, favorecendo a diversificação do mergulho em distintos contextos. Em Cabo Frio (RJ), por exemplo, o fenômeno da ressurgência traz à superfície águas frias e ricas em nutrientes, atraindo grande variedade de espécies marinhas; em Fernando de Noronha a visibilidade de até cinquenta metros e a temperatura média de vinte e seis graus celsius criam condições ideais para observar tartarugas, golfinhos e tubarões. Essas características ambientais contribuem para a que o mergulho seja uma atividade relevante no turismo de aventura, entretanto sua dimensão como fenômeno de lazer permanece pouco explorada por estudiosos deste campo no país.

Essa lacuna, identificada no citado estudo de estado da arte (Abreu; Pereira; Vale, 2020), evidencia a relevância de que sejam desenvolvidas pesquisas sobre o mergulho autônomo recreativo a partir de diferentes temáticas, como, por exemplo, alívio ou escape da realidade; trabalho e/ou lazer; meio de educação para/na/pela natureza; e outras discussões que visem ampliar a compreensão de múltiplas e polissêmicas relações que os seres humanos estabelecem com o mergulho e, a partir dele, consigo, com o outro e com a natureza.

Nesse sentido, esta pesquisa sobre o mergulho autônomo recreativo no Brasil é relevante pois pretende, a partir dos pioneiros do mergulho brasileiro, compreender os processos de constituição e desenvolvimento do mergulho autônomo recreativo no Brasil, entre 1975 e 1990. Para tanto foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: conhecer como era mergulhar em diferentes momentos no país quanto às motivações, lugares visitados, técnicas, equipamentos, conhecimentos e relações com a paisagem; compreender processos de ensino e aprendizagem do mergulho autônomo recreativo no Brasil em diferentes fases/momentos a partir de materiais didáticos, metodologias, circulação de informações e outros; identificar materiais didáticos e informativos utilizados para divulgação de aprendizagem do mergulho; compreender permanências e mudanças de sensibilidades diante da natureza no mergulho, especialmente quanto ao ambiente subaquático marinho; conhecer a atuação dos pioneiros no âmbito do mergulho no país e seus impactos; criar um acervo digital sobre história do mergulho brasileiro tendo em seu acervo revistas, fotografias, diários de mergulho (*logbooks*²³), certificações e outros documentos pertencentes aos arquivos pessoais²⁴ dos pioneiros do mergulho, especialmente com os participantes desta pesquisa.

O mergulho autônomo recreativo passou por diferentes fases no Brasil, que serão abordadas nos capítulos desta tese. O segundo capítulo, intitulado *Aspectos metodológicos*, apresenta a natureza da pesquisa (investigação historiográfica), e os procedimentos metodológicos adotados: história oral, pesquisa documental e pesquisa bibliográfica. Também delimita os recortes temporal e espacial, explicita os objetivos do estudo e as perguntas que orientaram a investigação. Quanto à história oral, são descritas as escolhas relacionadas aos entrevistados, à condução das entrevistas e ao tratamento dos relatos. A pesquisa documental é apresentada a partir das fontes mobilizadas, como acervos pessoais, boletins, revistas, fotografias e materiais consultados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. A pesquisa

²³ Diário de mergulho onde o mergulhador registra as principais informações sobre cada mergulho que realiza.

²⁴ Arquivos pessoais são definidos como “conjuntos documentais acumulados por indivíduos no exercício de suas funções ou atividades”, sendo “considerados tradicionalmente como fontes privilegiadas para estudos biográficos e para a compreensão de contextos históricos mais amplos” (Crivelli; Bizello, 2021, p. 132).

bibliográfica contempla os referenciais teóricos que sustentam a análise. O capítulo apresenta ainda aspectos biográficos dos dezoito entrevistados que atuaram como pioneiros do mergulho no Brasil, predominantemente nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo.

O terceiro capítulo, denominado *Mergulhos que precederam o mergulho autônomo amador (1940-1974)*, trata de distintas formas de mergulho praticadas até 1975, quando o mergulho se destaca em relação a práticas a ele imbricadas, como a caça submarina e o mergulho comercial. O recuo temporal em relação ao recorte inicialmente delimitado para esta pesquisa revelou-se necessário à medida que entrevistados, em suas falas, remetiam a temporalidades e práticas anteriores ao surgimento do mergulho autônomo recreativo, citando nomes de pessoas, locais e iniciativas ligadas à caça submarina, ao mergulho militar e ao mergulho comercial como referências vívidas. Além disso, muitos vivenciaram essas experiências em outras modalidades e trouxeram para sua atuação no mergulho, como professores, divulgadores ou praticantes, saberes e técnicas adquiridos nesses contextos. O recuo contribui ainda para a compreensão da construção histórica dessa prática que atualmente é chamada de mergulho autônomo recreativo. Esse capítulo possibilita compreender processos que permitiram a reorganização de sentidos atribuídos ao mergulho e sua posterior consolidação como prática de lazer, tanto no cenário internacional quanto no nacional.

O quarto capítulo, *Constituição do mergulho autônomo amador no Brasil (1975-1982)*, aborda a fase inicial dessa prática que atualmente é reconhecida como mergulho autônomo recreativo, ainda denominada, à época, como mergulho amador e/ou mergulho autônomo amador. O texto investiga o processo de constituição dessa prática no Brasil, em um momento em que ela já se apresentava como realidade consolidada em outros países. São examinadas as primeiras ideias, influências e iniciativas de ensino sistematizado que contribuíram para sua constituição no território nacional. O ponto de partida é o surgimento, em 1975, do Instituto de Exploração Subaquática Dallo Sub (IESDS), onde o professor Álvaro Vilar Moreira deu início ao que, no ano seguinte, se tornou a escola Bandeirantes do Mar. A partir desse embrião, a análise acompanha a constituição da atividade no Brasil, marcando os esforços iniciais de sua organização como prática de lazer a partir das primeiras experiências sistematizadas de ensino do mergulho realizadas no Instituto de Exploração Subaquática Dallo Sub e, em seguida, na escola Bandeirantes do Mar, com atenção especial à filosofia formativa desenvolvida por Álvaro Moreira. São discutidos os equipamentos utilizados, a infraestrutura disponível, bem como a organização interna dos cursos voltados à formação de mergulhadores, monitores e instrutores. O texto também explora os sentidos atribuídos à atividade nesse período, destacando a emergência de novas sensibilidades ligadas ao pertencimento, ao desbravamento

e à aventura. Por fim, abordo a expansão das escolas de mergulho autônomo amador e das metodologias de ensino, além da chegada das primeiras certificadoras internacionais e os efeitos políticos decorrentes de sua atuação no Brasil.

O quinto capítulo, *Desenvolvimento coletivo do mergulho autônomo amador brasileiro (1982-1990)*, investiga as ações que impulsionaram o mergulho após o início da publicação da Revista *Mergulhar: a Descoberta do Mar* que colaborou para a divulgação da prática, crescimento de escolas e empresas, produção de equipamentos e apresentação de novos destinos. Investiga atuação de mergulhadores pioneiros, proprietários de cursos e escolas voltada à organização do mergulho no Brasil, a partir da necessidade de ofertar serviços de ensino, produção de equipamentos e de operações comerciais de turismo de mergulho. Nessa fase, após a saída de Álvaro Moreira da Bandeirantes do Mar em 1982, emergem três grupos com protagonismo nessas ações de fomento ao desenvolvimento do mergulho autônomo para fins de lazer. Desses, dois foram mais participativos. Um deles assume mais notadamente o nome mergulho autônomo amador e mergulho amador e o outro assume os nomes mergulho Recreativo, mergulho autônomo recreativo, mergulho autônomo ou ainda, mergulho. O grupo que adotou o mergulho amador como nome da atividade protagonizou a organização do mergulho por meio de diferentes ações, como a realização de três convenções para seu desenvolvimento, nos anos de 1983, 1984 e 1985, e a criação da Associação Brasileira de mergulho amador (ABMA), em 1983. A mobilização contra a caça submarina também auxiliou na distinção entre caça submarina e o chamado mergulho amador, culminando, em 1989, na proibição do uso de aparelhos de respiração na caça submarina. Além disso envolveu-se em articulações com representantes dos grupos do mergulho comercial e de órgãos governamentais, como a Marinha e o Ministério do Trabalho, que resultaram na criação de normatizações específicas para o mergulho comercial, contribuindo também para a distinção e autorregulamentação do mergulho amador. Outro grupo, que assume os nomes mergulho Recreativo, mergulho autônomo recreativo, mergulho autônomo, ou ainda, mergulho, contribui com a entrada no Brasil de novos equipamentos e certificadoras internacionais. A partir de então o mergulho passa a assumir as características que ainda hoje definem a prática, atualmente conhecida como mergulho autônomo recreativo.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A natureza da pesquisa proposta é a investigação historiográfica. O arcabouço teórico que a sustenta constitui-se de bases fundantes da escola dos Annales, instituída por Marc Bloch e Lucien Febvre, que coloca em xeque a ideia positivista de que o olhar do historiador é isento. Para esses autores, a própria escolha do objeto a ser estudado já constata parcialidade. Admitindo-se a parcialidade e as escolhas do pesquisador, a investigação historiográfica amplia os procedimentos metodológicos e a gama de fenômenos a serem observados e lança luz ao ser humano no tempo como principal fenômeno histórico (Bloch, 2001). Nessa perspectiva, a história não mais olha para os grandes marcos, ou considera como fontes exclusivas os documentos oficiais, ela admite a contribuição de fontes de diferentes naturezas, e desloca a centralidade dos estudos de grandes feitos políticos para o interesse pelo cotidiano da civilização e seus hábitos. Para isso a história aproxima-se de diferentes áreas, como Sociologia, Psicologia e Economia, e admite a relevância da compreensão da subjetividade humana, sem perda do rigor científico (Bloch, 2001).

A pesquisa abrangeu o período entre 1975 e 1990. O recorte temporal inicial foi definido a partir da chegada ao Brasil de Alvaro Moreira que instituiu a primeira escola de mergulho no país. O recorte final é a 1990, a partir de quando o mergulho passou para uma fase de internacionalização e assumiu as características que, ainda hoje, o define, como: equipamentos, metodologia de ensino e certificação e desenvolvimento do turismo de mergulho nacional (com o desenvolvimento das operações comerciais de mergulho ao longo do litoral brasileiro) e internacional. Com esse recorte, narro uma história que abrange as principais mudanças e permanências que desencadearam a construção, no Brasil, da prática denominada como mergulho autônomo recreativo.

O circuito desenvolvido entre os estados de São Paulo e do Rio de Janeiro configurou o recorte espacial deste estudo por concentrar a maior parte das iniciativas nos anos iniciais do mergulho no Brasil, como chegada de equipamentos e instauração dos primeiros cursos, escolas e operações de mergulho. Esses dois estados funcionaram como pontos de partida para a expansão dessa prática no país; foram também locais de onde se irradiaram novas escolas, locais de mergulho, operadoras, além de noções e referências que ajudaram a constituir a atividade, como as difundidas pela mídia impressa e televisiva, bem como pelos processos de organização e institucionalização da prática. Ao longo desse percurso, também foram identificadas iniciativas em outros estados brasileiros, as quais não foram desconsideradas.

Os procedimentos metodológicos adotados foram a história oral, pesquisa documental e pesquisa bibliográfica. A história oral é uma metodologia que começou a se legitimar no Brasil na década de 1970. Inicialmente utilizada em estudos históricos com viés positivista, em que as entrevistas objetivavam a obtenção de informações que não estavam disponíveis em outras fontes. Assim, as vozes de pessoas periféricas e que não constavam em fontes oficiais poderiam ser conhecidas (Hermeto; Amato; Dellamore, 2022). A partir da década de 1980 ocorreu uma “virada interpretativa” e as entrevistas de história oral passaram a ser compreendidas como:

[...] um complexo trabalho de significação de experiências pretéritas, realizado numa situação com particularidades: no tempo presente; diante do entrevistador e de seu gravador; a partir de repertórios culturais e linguísticos específicos, traduzidos na oralidade; e do encontro entre sujeitos com papéis sociais determinados (Hermeto, Amato, Dellamore, 2022, p. 3).

Nessa abordagem, a memória e a subjetividade são fundamentais e a linguagem deixou de ser considerada como um “suporte neutro da informação, mas como produtora, ela mesma de memória” (Hermeto, Amato, Dellamore, 2022, p. 3). Com isso, a história oral não tem como objetivo a busca de uma verdade totalizante dos fatos a partir da saturação das muitas versões das histórias narradas por diferentes sujeitos (Alberti, 2012); ela opera com narrativas de memórias como ações produzidas na e pela linguagem (Alberti, 2004; Hermeto, Amato, Dellamore, 2022). Entretanto, isso não significa a desqualificação das informações obtidas junto aos sujeitos entrevistados, “a informação importa sim, mais como *relatos* presentes sobre o passado do que como *resquícios* do passado, ele mesmo” (Hermeto, Amato, Dellamore, 2022, p. 5).

A efetivação prática da história oral supera a operação metodológica da entrevista, transcrição e reprodução de determinada história. Para que um projeto de história oral se efetive como tal são necessárias operações específicas de planejamento, de escuta sensível e atenta aos diferentes sujeitos e suas realidades, e de interpretação comprometida com a problematização das condições de produção de testemunho histórico e engajada aos públicos e comunidades de sentido no agenciamento de suas memórias (Mauad, 2018). Essas operações historiográficas foram adotadas neste trabalho.

Foram realizadas entrevistas temáticas, compreendidas como aquelas que “versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido” (Alberti, 2013, p. 48), sobre mergulho, com pessoas que têm pioneirismo e/ou protagonismo em distintos aspectos ao longo da história do mergulho no Brasil.

Ao todo, realizei vinte e quatro sessões de entrevistas com dezoito participantes, sendo nove vinculados ao mergulho desenvolvido no estado de São Paulo e nove ao estado do Rio de Janeiro. Quatro entrevistas foram conduzidas presencialmente e vinte à distância.

Os entrevistados são pioneiros do mergulho no país, predominantemente dos estados do Rio de Janeiro ou São Paulo. Todos iniciaram suas atividades no mergulho como alunos ou autodidatas, chegaram a ser formadores de outros mergulhadores e acumularam outras funções, papéis e/ou trabalhos relacionados ao mergulho. Vale destacar que muitos já compartilham fragmentos de suas memórias no mergulho — e, conseqüentemente, da história do mergulho no Brasil — por meio de redes sociais mantidas e alimentadas por eles mesmos. Nos círculos sociais vinculados à prática há um reconhecimento tácito de sua relevância como figuras públicas no ambiente do mergulho. Esse reconhecimento social foi determinante tanto para a escolha de tornar públicas suas identidades nesta pesquisa, quanto para a própria identificação e aproximação com esses sujeitos.

O compartilhamento de autoridades entre mim e os entrevistados consolidou-se ao longo do percurso. Mantive um diálogo constante com os pioneiros, que acompanharam as etapas desta pesquisa, contribuindo com documentos, revisitando temas e indicando novos caminhos de investigação. O processo de aproximação, contudo, exigiu tempo e construção de confiança: inicialmente muitos demonstraram reservas em participar desta pesquisa, perguntando sobre minha origem, se eu era mergulhadora e quais eram meus objetivos com o estudo. Tornei-me conhecida aos poucos, frequentemente mencionando quem havia me apresentado ou quem já havia sido entrevistado, o que funcionava como uma forma de validação junto ao grupo. O respeito foi sendo consolidado à medida em que entrevistados se percebiam participantes de uma rede que reconheciam como legítima, formada por um grupo de pessoas considerado socialmente como pioneiros do mergulho. A postura cuidadosa adotada na condução das entrevistas, com atenção cuidadosa a fatos, datas e grafias, contribuiu para reforçar a seriedade da pesquisa, levando muitos a desejarem fazer parte do trabalho em construção. Ao longo desses quatro anos, a relação de confiança estabelecida permitiu integrar as narrativas dos pioneiros do mergulho sobre suas experiências ao processo interpretativo da escrita.

A maior parte das entrevistas foi realizada em ambiente virtual, pelo programa *google meet*, devido às condições causadas pela pandemia do SARS-COV 2 (COVID 19); quando viável e autorizado, aconteceram presencialmente. A duração das entrevistas visou respeitar limites de tempo determinados pelos entrevistados; em certos casos ocorreu mais de uma sessão por entrevistado. As entrevistas foram gravadas em áudio e/ou audiovisual, com aplicativo de

gravação de celular e/ou computador, e/ou dispositivo próprio do programa de videoconferência.

Na história oral existe uma preocupação com a interação entre pesquisadores e entrevistados que se dá no momento da entrevista, com isso ocorre uma tendência de acreditar que a escuta cuidadosa, sem pressa e profunda pode não ser privilegiada em entrevistas feitas à distância (Santiago, Magalhães, 2020). Entretanto, a situação de crise provocada pela pandemia do COVID 19, que impactou globalmente a sociedade, demandou reconfiguração das pesquisas. Santiago e Magalhães (2020), ao discutirem os limites e possibilidades da utilização da entrevista de história oral à distância, relatam experiências positivas em que não se perderam os princípios básicos das interações da história oral, quais sejam: oralidade, imediatez, dialogicidade e situacionalidade. O principal motivo da escolha da realização da entrevista à distância foi a preservação da saúde dos entrevistados e da pesquisadora, levando-se em consideração faixas etárias e incertezas em relação à imunização contra o vírus.

Por fim, constatei que a realização das entrevistas à distância se revelou possível e positiva quanto à qualidade audiovisual. Já nas entrevistas presenciais, a escassez de recursos adequados para gravações *in loco*, como câmeras e microfones, comprometeu a qualidade das imagens e do som, que ficaram prejudicados nas gravações realizadas apenas com um laptop, em comparação às sessões realizadas remotamente. Uma exceção foi a entrevista com Marcus Werneck, que gravei presencialmente em um estúdio na cidade do Rio de Janeiro, disponibilizado pelo mergulhador Pedro Paulo Cunha (PP), o que proporcionou melhores condições técnicas.

No formato virtual, percebi que os entrevistados se mostraram mais disponíveis, concedendo mais sessões, que transcorreram, em sua maioria, sem pressa. Já nas entrevistas presenciais, em geral, o esgotamento dos temas ocorria ainda no primeiro encontro. A experiência de escuta sensível e atenta pôde ser construída mesmo à distância, favorecida pelas ligações telefônicas, pelas trocas de mensagens por e-mail e pelo aplicativo WhatsApp, que contribuíram para a aproximação entre mim e os entrevistados ao longo da pesquisa.

Durante a pesquisa, a fase mais crítica da pandemia de COVID-19 foi amenizada pela chegada dos imunizantes e pelo maior conhecimento a respeito da doença e das medidas de prevenção, o que me permitiu realizar viagens para encontros com os entrevistados e com outros sujeitos que se dispuseram a contribuir com informações e dados para a investigação. Alguns desses encontros ocorreram antes da realização das entrevistas, outros aconteceram posteriormente.

No total, realizei três viagens a municípios do estado de São Paulo e uma à cidade do Rio de Janeiro (RJ). Esses deslocamentos proporcionaram momentos de contato pessoal que enriqueceram o percurso da pesquisa, possibilitando aproximações anteriores ou posteriores às entrevistas, a realização de sessões presenciais e o recolhimento de materiais relevantes para a construção da investigação.

Minhas idas ao estado de São Paulo aconteceram entre o final de agosto e o início de setembro de 2022, no final de dezembro de 2022 e em maio de 2024. Na primeira viagem, que teve duração de doze dias, visitei os municípios de Bragança Paulista e São Luís do Paraitinga (SP), onde encontrei os participantes Randal Fonseca e Sergio Costa e digitalizei documentos disponibilizados por eles. Também estive na cidade de São Paulo (SP), onde realizei a entrevista presencial com Pedro Paulo Cunha (PP) e me encontrei com Claudio Guardabassi em sua loja, Claumar. Na segunda viagem permaneci durante três dias em São Paulo (SP) onde busquei a coleção das revistas *mergulho* e *SCUBA*, pertencentes a Alcides Falanghe, e realizei um encontro inicial com Fernando Hiroshi Kuramoto.

A terceira viagem durou oito dias e incluiu visitas aos municípios de São Paulo, Atibaia e Santos (SP). No primeiro dia, realizei uma reunião em Atibaia com Marly Costa Simões para sanar dúvidas relacionadas à pesquisa e recolher documentação referente à primeira escola de mergulho autônomo recreativo do Brasil, a Bandeirantes do Mar. No município de São Paulo (SP), entrevistei presencialmente Claudio Guardabassi e recolhi documentação por ele disponibilizada. Aproveitei ainda para me reunir com o mergulhador Adair Ribeiro, com o objetivo de estabelecer um primeiro contato e esclarecer dúvidas sobre equipamentos de mergulho, especialmente sobre os primeiros reguladores. Adair possui uma das maiores coleções de reguladores de mergulho do mundo e é um profundo conhecedor da história do desenvolvimento desse equipamento tanto no Brasil quanto no exterior.

No município de Santos (SP), durante quatro dias de trabalho, realizei diversas atividades. Encontrei-me com os participantes Fernando Kuramoto e Marcelo Demetrio Obeidi para conversas e assinatura da documentação referente à participação de ambos nesta pesquisa. No encontro com Marcelo, recolhi também boletins informativos do Santos-Sub, primeiro clube de mergulho do Brasil. Os materiais obtidos com Marly Costa Simões (Marly) e Marcelo Demetrio Obeidi (Marcelinho) foram digitalizados em empresas fotocopadoras da cidade, totalizando aproximadamente duas mil páginas de documentos. Visitei ainda o mergulhador santista Moacyr Teófilo de Abreu Figueiredo (Moa) para esclarecer dúvidas sobre a história do mergulho em Santos e obter edições faltantes da revista *mergulho* em sua coleção. Realizei também visitas ao Museu do Mar e ao Museu Marítimo, onde iniciei aproximações com o gestor

Luís Alonso Ferreira, ex-aluno da escola Bandeirantes do Mar e responsável por um curso de mergulho mantido no Museu do Mar durante aproximadamente dez anos, considerado um dos primeiros do país.

O Museu Marítimo abriga o acervo do extinto Museu Histórico Naval de São Vicente, fundado em 1979 pelo engenheiro civil e pesquisador Carlos Alfredo Hablitzel, e atualmente sob a gestão de Luís Alonso. Seu acervo é composto por coleções relevantes, como maquetes fidedignas de barcos e navios importantes para a história marítima brasileira, e uma coleção de vidros — garrafas de bebidas, recipientes de perfumaria e remédios — encontrados em sítios arqueológicos subaquáticos. O museu também destina espaço significativo a itens ligados à história do mergulho brasileiro, incluindo equipamentos produzidos e utilizados no país, como escafandros dependentes fabricados pela Officina Mechánica Charles Person e equipamentos autônomos da Atlântida Indústria Metalúrgica Ltda, empresas que serão abordadas ao longo desta pesquisa. Além das peças citadas, o museu preserva documentos originais da Atlântida Indústria Metalúrgica Ltda, compondo um acervo fundamental para a compreensão dos anos iniciais do mergulho no Brasil e da própria história da maritimidade brasileira.

Durante minhas idas ao Rio de Janeiro, realizei entrevistas presenciais com os participantes João Carlos Pompeu da Silva (Tatalo), Eduardo Paim Bracony e Marcus Werneck, além de visitar o Clube dos Marimbás, onde me encontrei com Bruno Hermann Filho e Péricles Memória Filho. Ao longo dessas visitas de campo, também estabeleci contatos telefônicos e por redes sociais com entrevistados e outros colaboradores, como Clécio Mayrink, Roberto Colasanti, filho de Arduíno Colasanti, e Ricardo Moreira Rodrigues (Rico), que auxiliaram de diferentes formas na localização de pessoas, dados, lugares e documentos relevantes para esta pesquisa.

Ainda durante essas viagens, procurei a Associação Cristã de Moços (ACM), em São Paulo, e a Fundação de Estudos do Mar (Femar), no Rio de Janeiro, com o objetivo de obter informações sobre cursos de mergulho realizados em suas instalações no passado. No entanto, ambas as instituições informaram não possuir registros ou memórias relativas a essas atividades.

Nesses deslocamentos, gravei entrevistas, estreitei vínculos e acessei, por meio de empréstimo, documentos dos acervos pessoais dos pioneiros que foram digitalizados para a composição de um arquivo histórico sobre o mergulho brasileiro, em ambiente virtual, criado no âmbito desta pesquisa. Esses momentos também me possibilitaram encontrar outros mergulhadores que contribuíram para o esclarecimento de dúvidas surgidas ao longo do processo. Minha aproximação com essas pessoas ocorreu, em grande parte, a partir da indicação

dos próprios entrevistados; alguns deles, como Moacyr Teófilo de Abreu Figueiredo, manifestaram interesse espontâneo em colaborar com a constituição do arquivo proveniente desta pesquisa e cederam documentos de suas coleções pessoais. Após uma conversa inicial e a assinatura do termo de cessão, procedi à digitalização dos materiais, utilizando equipamentos domésticos, aplicativos de celular ou, quando necessário, recorrendo a empresas especializadas em fotocópia. Alguns documentos também foram recebidos por e-mail.

A idealização do acervo nasceu do intuito de disponibilizar, como forma de divulgação científica, as entrevistas realizadas durante esta pesquisa e suas transcrições. Essa proposta inicial foi ampliada a partir da percepção de que muitos mergulhadores mantêm diferentes tipos de coleções particulares, como, por exemplo, reguladores de mergulho, máquinas fotográficas subaquáticas, revistas do ramo, boletins informativos de clubes e escolas, folhetos, livros e outros; além de acervos biográficos, com fotografias, documentos pessoais, premiações, diplomas e certificações que registram suas trajetórias no mergulho. Esses materiais encontram-se dispersos em diferentes regiões do país e, em grande parte, inacessíveis ao público. A diversidade desses documentos contrasta com a escassez de informações organizadas, públicas e disponíveis sobre a história do mergulho brasileiro. Com isso, esta pesquisa propõe contribuir com futuras pesquisas a partir da constituição do Arquivo Histórico do mergulho autônomo recreativo Brasileiro (AHMARB), que tem por objetivo reunir, organizar e disponibilizar em ambiente virtual, com acesso público, documentos provenientes de acervos pessoais de mergulhadores, participantes ou não desta pesquisa, que exerceram protagonismo na constituição e desenvolvimento do mergulho autônomo recreativo no país.

Dentre os materiais disponibilizados pelos mergulhadores para a composição do arquivo há revistas, boletins informativos, cartas, retratos, certificações de cursos e materiais didáticos, como manuais de mergulho e cadernos de anotação. Todo o material foi digitalizado ou fotografado e vem sendo continuamente postado em um banco de dados virtual disponível no site denominado *Arquivo Histórico do mergulho autônomo recreativo Brasileiro (AHMARB²⁵)*, acessível em <https://ahmarb.com.br/>. Essa tarefa permanecerá em curso, uma vez que o Arquivo seguirá sendo alimentado após a conclusão desta pesquisa.

Foram digitalizados documentos dos acervos pessoais de Alcides Falanghe, Cesar Corazza Nieto, Eduardo Paim Bracony, Leonora Fritshe, Marcelo Demetrio Obeidi, Maurício Carvalho, Moacyr Teófilo de Abreu Figueiredo, Randal Fonseca, Sergio Costa e Marly Costa Simões. Entre os documentos digitalizados destacam-se as quatro revistas de mergulho

²⁵ Maiores informações sobre o acervo são encontradas no Apêndice 1.

autônomo recreativo que circularam no país: a Revista *Mergulhar: a Descoberta do Mar*, com um total de 55 números; a Revista *Sub*, com um total de 16 volumes; a Revista *SCUBA*, com um total de 59 números e a Revista *mergulho*, com um total de 200 números. Vale ressaltar que a Revista *Mergulhar: a Descoberta do Mar*, comumente conhecida como *Mergulhar*, foi a primeira revista sobre o tema no Brasil, fundada em setembro/outubro de 1982. De acordo com os entrevistados, ela teve papel fundamental na divulgação e desenvolvimento do mergulho brasileiro em seus primeiros anos no país. Destacam-se, ainda, boletins informativos da Escola Bandeirantes do Mar e do Clube Santos Sub, do estado de São Paulo, e das escolas cariocas YG Centro de Atividades Subaquáticas e Aqua-Rio, do estado do Rio de Janeiro.

Esse material foi organizado com base no princípio da proveniência, compondo coleções referentes aos acervos pessoais de cada mergulhador, identificadas por seus respectivos nomes. As gravações das entrevistas e suas transcrições também foram incorporadas ao conteúdo do AHMARB, reunidas sob a coleção denominada História Oral. Ao todo, as entrevistas somaram cinquenta e três horas e quatro minutos, transcritas integralmente e posteriormente revisadas.

Embora as transcrições tenham sido realizadas por terceiros, a conferência foi feita por mim e pelo acadêmico João Pedro Resende Amorim apresentou desafios como o uso recorrente pelos entrevistados de um vocabulário específico com nomes de escolas, operadoras, lojas, pessoas e equipamentos. Muitas dessas palavras estavam em desuso e/ou tinham grafia e/ou significado desconhecidos, o que exigiu esforço de pesquisa e verificação junto aos entrevistados e a mergulhadores colaboradores. Esse vocabulário será disponibilizado no AHMARB. A atenção dedicada à revisão do vocabulário justifica-se pelo caráter público e integral das transcrições.

As transcrições das entrevistas foram literais, com edição de vícios de linguagem, e seguiram a normatização proposta pelo Núcleo de História Oral (NHO), da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais (FAFICH) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (s/d, s/p), com adaptações e elaboração de normatização própria para atender demandas específicas que se apresentaram durante o processo. Esta etapa contou também com o auxílio da coordenadora do Núcleo de História Oral, do Laboratório de História do Tempo Presente (LHTP) da FAFICH/UFMG, professora Miriam Hermeto de Sá Motta. Os documentos provenientes das transcrições foram formatados conforme Manual de História Oral (Alberti, 2013), com ficha técnica, sumários e temas.

Além dos participantes entrevistados, contei com o apoio de um grande grupo de mergulhadores que, ao longo da realização desta pesquisa, se dispôs a oferecer informações e colaborar para a constituição do Arquivo Histórico do mergulho autônomo recreativo Brasileiro

e esclarecer dúvidas remanescentes. Ademais, nos últimos anos de redação deste trabalho, em 2024 e 2025, participei de um grupo de WhatsApp, criado por iniciativa de Sergio Costa, que reuniu mergulhadores e a mim como pesquisadora. Essa experiência revelou-se especialmente rica, mobilizando a maioria dos entrevistados e ampliando significativamente a adesão de novos apoiadores, com um engajamento surpreendentemente positivo. Não raro, fui procurada espontaneamente por mergulhadores interessados em relatar suas histórias, ceder informações, indicar nomes de pessoas, escolas, cursos ou operadoras que, em suas palavras, não podem ser esquecidos. Diante da riqueza de nomes e relatos que se somavam, percebi que a abrangência dos temas a serem explorados e do número de registros a serem feitos ultrapassava os limites desta investigação. Contemplar todos os núcleos que tiveram pioneirismo em diferentes frentes do mergulho no país permanece como uma tarefa aberta, que espero ser continuada por futuras pesquisas e pesquisadores, a partir do manancial de documentos e memórias já recolhidos.

Durante a realização das entrevistas com os pioneiros do mergulho, muitos deles já com idade avançada, percebi que as memórias partilhadas apresentavam lacunas, inversões de episódios, confusões de datas, nomes e lugares — aspectos que, na metodologia da história oral, não são compreendidos como falhas, mas como expressões próprias do funcionamento da memória. De acordo com Ecléa Bosi, em *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*, a memória não é uma cópia do passado, mas uma reconstrução do tempo presente. Como destaca a autora, "O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro" (BOSI, 1994, p. 55). Assim, acolhi os relatos como narrativas legítimas de experiências vividas pelos entrevistados, ainda que, por vezes, fragmentárias.

Para ampliar a compreensão dos eventos narrados e triangular informações sempre que necessário, entrelacei o recolhimento oral das memórias às investigações documental e bibliográfica, compondo uma construção narrativa fundamentada na articulação entre diferentes tipos de fontes. Nesse processo, consultei documentos digitalizados e a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional Brasileira para aprofundar a análise das cronologias, pessoas, eventos e equipamentos evocados nas entrevistas.

As fontes documentais usadas foram jornais da Hemeroteca Digital; as revistas *Mergulhar: a Descoberta do Mar e Sub*, cedidas por Sergio Costa, além das revistas *SCUBA e mergulho*, fornecidas por Alcides Falanghe, Moacyr Teófilo de Abreu Figueiredo e Claudio Guardabassi. Também foram utilizados boletins do Instituto de Exploração Subaquática Dallo Sub e da Escola Bandeirantes do Mar, cedidos por Marly Costa Simões; boletins da escola Aqua-Rio, fornecidos por Lola e Randal; e boletins do Clube Santos Sub, cedidos por Marcelo

Obeidi. Essas e outras fontes citadas ao longo deste texto auxiliaram na identificação de fatos e dados específicos relacionados à história do mergulho no Brasil.

A pesquisa realizada na base de dados da Hemeroteca Digital abrangeu periódicos publicados nas décadas de 1940 a 1970 pesquisados a partir das palavras-chave: mergulho, equipamento de mergulho, curso de mergulho, caça submarina, pesca submarina, *aqualung*, *aqua-lung*, escafandro, escafandria, escafandrismo. Foram encontradas matérias e/ou notícias sobre clubes, campeonatos, equipamentos, pessoas envolvidas com o mergulho e tipos de mergulho praticados no país, bem como anúncios de cursos de pesca/caça submarina e de venda de equipamentos, auxiliaram na compreensão de informações e assuntos mencionadas pelos pioneiros durante as entrevistas de história oral, relativos a épocas que antecedem ao seu nascimento ou a sua atuação no mergulho, auxiliando na compreensão sobre os primeiros usos recreativos do ambiente submarino.

A bibliografia pesquisada centrou-se nas temáticas: relações entre seres humanos e natureza, história do mergulho, especificidades do mergulho, práticas de lazer na natureza, história oral e historiografia. Alguns dos principais autores estudados foram Alberti (2012); Corbin (1988), Dias (2016); Gleyse (2018); Hermeto; Amato; Dellamore, 2022; Sant'Anna (1995, 2000), Soares (2016) e Thomas (1988).

Para analisar os dados, utilizei o método da categorização, conforme Minayo (2012). As categorias elencadas foram: pessoas, institucionalização/profissionalização, aprendizado, lugares, equipamentos e práticas. A escolha dessas categorias teve como objetivo identificar temas abordados pelos entrevistados, bem como sua dimensão e relevância para o mergulho.

Os cuidados éticos quanto aos possíveis riscos ou danos aos participantes foram aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), por meio do parecer consubstanciado número 5.199.690 de 12 de janeiro de 2022 (Universidade Federal de Minas Gerais, 2022) e do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) número 52935721.1.0000.5149.

A pesquisa tem como base a resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que estabelece diretrizes para a realização de pesquisas que envolvam direta ou indiretamente seres humanos. Para as entrevistas realizadas por meio digital, foram enviados aos participantes a Carta de Anuência Institucional (CAI) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O envio dos documentos e a coleta da assinatura digital aconteceram por e-mail, previamente à realização da entrevista. Além disso, a autorização do uso da entrevista foi efetuada no início de cada gravação. Para as entrevistas realizadas presencialmente, as assinaturas dos documentos foram realizadas fisicamente.

A participação foi voluntária sem quaisquer formas de remuneração. Uma vez que os participantes da pesquisa são pessoas proeminentes e de certa forma, públicas na área, e levando em consideração que se trata de uma pesquisa histórica que pretende publicizar a participação das pessoas na história do mergulho, não há confidencialidade, sendo solicitado aos sujeitos a doação das imagens e das gravações das entrevistas realizadas em vídeo e sua transcrição para composição do acervo (base de dados para consulta) sobre a história do mergulho no Brasil são alocados em ambiente virtual com a garantia de que as informações não serão utilizadas em prejuízo das pessoas envolvidas, respeitando sempre seus valores culturais, sociais, morais, éticos e religiosos.

2.1 Os entrevistados

Olha, eu diria para você que tirando o seu trabalho, quando eu parar de mexer com essa atividade o meu nome vai desaparecer como desaparece a poeira jogada ao oceano. (Maurício Carvalho, entrevista concedida à autora em 23 ago. 2022).

O Quadro 01 reúne os pioneiros vinculados ao mergulho no Rio de Janeiro e o Quadro 02 a São Paulo. Cada quadro apresenta os nomes dos entrevistados e a forma como são conhecidos no ambiente do mergulho, razão pela qual são tratados desta maneira ao longo deste trabalho. Os entrevistados são apresentados de acordo com as datas das primeiras entrevistas que realizei com cada um deles.

Quadro 01: Entrevistados participantes da história do mergulho no estado de São Paulo

Nome	Conhecido como	Data da(s) entrevista(s) e visita (s)	Online (O) Presencial (P) Visita (V)
Alcides Ayrosa Falanghe	Alcides e Alcides Falanghe	2 fev. 2022 6 fev. 2022 1 set. 2022	O O V
Marly Costa Simões	Marly	17 fev. 2023 17 maio 2023	O V
Cesar Alfredo Corazza Nieto	Cesar Nieto	18 fev. 2022 12 ago. 2022	O O
Marcelo Demetrio Obeidi	Marcelinho	25 abr. 2024 22/05/2024	O V
Pedro Paulo de Almeida Carneiro da Cunha	PP	30/08/2022	P
Claudio Guardabassi	Claudião	1 set. 2022 2 nov. 2023 18 maio 2024	V O P
Fernando Hiroshi Kuramoto	Fernando Kuramoto, Kuramoto e Kura	5 set. 2022 13 fev. 2023 14 fev. 2023 21 maio 2024	V O O V
Gabriel Ganme	Gabriel	14 fev. 2023	O
Alvanir Silveira de Oliveira	Jornada	22 nov. 2023	O

Fonte: Elaboração da autora, 2025.

Retrato 1 – Alcides Ayrosa Falanghe



Fonte: acervo pessoal de Alcides Ayrosa Falanghe (s./d.).

Nascido em 1958, na cidade de São Paulo, Alcides Falanghe é um dos pioneiros do mergulho autônomo recreativo no estado. Suas primeiras experiências subaquáticas ocorreram na infância, durante os verões no Guarujá, onde a família veraneava no apartamento da avó, na praia das Pitangueiras. Os equipamentos haviam sido adquiridos por seu pai e por amigos, grupo que já praticava esportes náuticos, como o esqui aquático, no Tortuga Clube. No fim da década de 1960, seu pai e os amigos formaram-se no curso de Caça Submarina da Associação Cristã de Moços de São Paulo, ministrado por José Jacinto Magalhães Neto. Com a mudança da avó para uma chácara na Praia da Enseada, a piscina e o mar tornaram-se cenários ideais para os primeiros mergulhos com máscara e *snorkel*.

Durante a semana, as crianças da família — Alcides Falanghe, o irmão e os primos — usavam, sem autorização, os equipamentos de mergulho dos adultos na piscina da casa da avó. Depois de algumas broncas, o companheiro da avó decidiu ensiná-los algumas técnicas de mergulho livre. Alcides Falanghe lembra que uma delas era a arriscada manobra da hiperventilação, sobre o que relata: “quase matou a gente [Riso] de apagamento [...]” (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022).

A partir de então, Alcides Falanghe, o irmão e os primos passaram a brincar na piscina, competindo entre si para ver quem conseguia ficar mais tempo submerso ou nadar mais longe debaixo d'água. Na mesma época, era exibido na televisão brasileira o seriado *Sea Hunt — Aventuras Submarinas*, estrelado pelo ator Lloyd Bridges no papel do mergulhador Mike Nelson, personagem que logo foi incorporado às brincadeiras do grupo.

As primeiras experiências no mar aconteceram sob a supervisão do companheiro da avó, que levou as crianças para praticar *snorkeling* ao longo da costeira, entre a Praia da Enseada e o Clube Samambaia. Em uma dessas saídas, organizaram um passeio de lancha até a Ilha das Cabras. Foi nesse contexto que Alcides Falanghe viu o fundo do mar pela primeira vez. Ele lembra que a água era limpa, cheia de vida, e que o contato inicial com os peixes o encantou. Com o tempo, porém, o mergulho foi sendo deixado de lado pela família, que passou a se dedicar a outras práticas, como o esqui aquático.

O desejo de mergulhar ampliou-se aos dezessete anos, em uma viagem com a família à Polinésia Francesa, onde praticou *snorkeling* e retomou o interesse pela atividade. Em 1975, Alcides Falanghe ingressou no curso do chamado Mergulho Amador, ministrado por Álvaro Vilar Moreira, no Instituto de Exploração Subaquática *Dallo Sub*. Em 1976, acompanhou o professor Álvaro Moreira na fundação da escola Bandeirantes do Mar, na capital paulista. Assim, formou-se monitor e passou a atuar no ensino de mergulho ao lado de Álvaro Moreira.

Por volta de 1976, aprendeu fotografia subaquática em um curso ministrado pelo instrutor de mergulho português Henrique de Brion, no Instituto *Dallo Sub*, e aprofundou-se na prática, sob a mentoria do fotógrafo português Jorge Albuquerque em 1979. Tornou-se diretor de audiovisual da escola Bandeirantes do Mar. A partir de então, traçou uma trajetória na fotografia subaquática e no ramo do turismo.

Entre os anos de 1978 e 1982, cursou Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), e em 1982, mudou-se para Maceió (AL), onde atuou no ramo de turismo e hotelaria, operando passeios de escuna. Em 1983, adquiriu uma franquia da empresa *Wagons-Lits Turismo*, uma companhia francesa de turismo de viagens especializada em turismo receptivo que mantinha diversas agências espalhadas pelo Brasil, posteriormente nomeando-a de *Sail Tours*, a qual operou como agência de passeios de escuna em Maceió, de 1983 a 1985.

Voltou a São Paulo em 1985, e em 1986, transferiu a operadora de mergulho *Sail Tours*, iniciando a comercialização de pacotes de turismo de mergulho em âmbito nacional. Durante esse período, Alcides Falanghe recebeu uma representante da *Sea Safaris*, operadora de turismo de mergulho da Califórnia (EUA) que divulgava seu catálogo de destinos, a exemplo de mergulhos no Caribe, servindo de inspiração para Alcides Falanghe operar destinos de

mergulho internacionais a partir de 1986. Em 1991, o nome da empresa foi alterado para *Dive Travel*, cujas atividades se encerraram em 1997.

Para divulgar os destinos promovidos, colaborou com fotografias de destinos de turismo de mergulho para a revista *Mergulhar*, de Sergio Costa, aproximando-se da atuação como fotógrafo submarino e repórter subaquático. Tal experiência o levou à produção de um catálogo especial de pontos de mergulho, em parceria com a revista *Offshore*, de tal modo que o êxito dessa publicação resultou na criação da revista *SCUBA*, lançada em 1995. Em 2004, a referida publicação foi incorporada à revista *Mergulho*, que manteve o nome original e passou a contar com Alcides Falanghe como diretor, função à qual se dedicou até 2014.

Participou de competições de fotografia subaquática no Brasil e no exterior, com diversas premiações. Em dezembro de 1980, foi atleta no campeonato de fotografia subaquática do Congresso Mundial da Confederação Mundial de Atividades Subaquáticas (CMAS), em Cancún. Em 1980 e em 1981, participou do terceiro e do quarto Concurso de Fotografia do Centro Português de Atividades Subaquáticas (CPAS), respectivamente, a convite de Jorge Albuquerque. Em 1982, foi atleta no IV Salão de Foto Submarina da Convenção Anual do Mergulho, promovida por Claudio Guardabassi, na Associação Cristã de Moços, em São Paulo, ficando em segundo lugar. Em 1985, aproximadamente, foi selecionado em segundo lugar em concurso promovido pela revista *Mergulhar*, em parceria com a revista italiana *Mondo Sommerso*. Em 1989, participou da *Rassegna Internazionale di Attività Subacquee*, na Ilha de Ustica, Itália. Em 1992, classificou-se entre os dez primeiros colocados no Campeonato Mundial da CMAS, em Cuba; e em 1994, conquistou a medalha de bronze no mesmo campeonato, dessa vez na Coreia do Sul. Em 1995, voltou a figurar entre os dez melhores na Copa do Mundo de *Fotosub*, no Egito. Em 1997 e 1998, participou dos Concursos Casamar, em Búzios (RJ).

Para Alcides Falanghe, o mergulho e o mar foram centrais em sua trajetória: “eu comecei a mergulhar com dezessete e estou com sessenta e três. E a vida toda, nesse período aí, praticamente cinquenta anos, eu me dediquei minha vida toda eu dediquei ao mergulho, com instrução, depois com turismo, depois com a revista” (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 6 fev. 2022).

Aliás, a proximidade com o fundo do mar tornou-se cotidiana:

E hoje inclusive eu moro no mar, não é? Então, o mergulho é uma coisa diária, não é? Então, não só o autônomo, mas o Mergulho Livre, quer dizer, a gente passa o dia todo praticamente [...] literalmente dentro d'água. Então faz onze anos que a gente está morando dentro d'água, então não tem como desvencilhar, não é? (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 6 fev. 2022).

Relatou sentir-se em casa quando mergulha:

Eu acho assim, eu me sinto em casa, acho que é como se eu tivesse voltando para casa, não é? É um lugar que eu me sinto seguro, que eu sinto uma paz, concentro em mim mesmo. Parece que quando você passa da superfície para baixo você saiu do planeta e está indo viver em algum outro lugar, onde as preocupações ficaram todas lá em cima e a gente está vivendo a nossa vida real. [...] você depende do equipamento, você tem que saber o que você está fazendo. [...] Então, realmente, no fundo do mar você muda o foco, então é o que eu busco, [...] mesmo fazendo *snorkel* ou Mergulho Livre, é justamente essa paz de espírito e sair um pouquinho do dia a dia. (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 6 fev. 2022).

Para ele, estar submerso é experimentar pertencimento: “o que eu busco é assim, é você ter essa ligação com a natureza, é você sentir que você faz parte, eu acho que não tem nenhum lugar que você se sinta tão incluído na natureza como no fundo do mar, você é parte do todo, não é?” (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 6 fev. 2022).

Na data da entrevista, Alcides Falanghe vivia no catamarã *Ocean Eyes* com a esposa, Tatiana Rotondaro Zanardi, onde oferecia, desde 2011, o serviço de turismo náutico com hospedagem a bordo, voltado a hóspedes interessados em velejar, mergulhar e praticar atividades recreativas no mar. Com o tempo, essa relação ampliou-se em cuidado e responsabilidade: “[...] a gente vira lixeiro do fundo do mar, vem catando tudo que está jogado. Então é, assim, é uma relação muito próxima com o fundo do mar, a gente fica tomando conta mesmo, como se fosse a nossa casa ali” (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 6 fev. 2022).

Retrato 2 – Marly Costa Simões



Fonte: acervo pessoal de Marly Costa Simões (s/d.).

Nascida em São Paulo (SP), em 23 de junho de 1957, Marly Costa Simões é uma das pioneiras do mergulho na cidade de São Paulo (SP). Na infância, praticava natação e salto de trampolim, e desenvolveu uma forte relação com a água. Em 1979, deu início à graduação em Biologia, pela Universidade de Santo Amaro, ano em que foi convidada pelas colegas, Maria Cristina Duchene e Taís Milani, a inscrever-se em um curso na escola Bandeirantes do Mar, o qual ela acreditava ser de saltos ornamentais — conhecidos naquela época como “mergulho”. Ao descobrir que o curso era voltado ao mergulho com equipamentos, decidiu participar, influenciada também pela admiração a Jacques Cousteau. Apesar da oposição dos pais, contou com o apoio financeiro do irmão, Ricardo, para realizar a formação, ingressando na escola com as amigas.

Sobre a experiência de colocar a máscara pela primeira vez e submergir, Marly relatou: “[...] quando eu coloquei a máscara e identifiquei o fundo foi quando eu perdi o medo porque eu passei a conhecê-lo.” (Marly, entrevista concedida à autora em 17 mar. 2023). O primeiro impacto provocou encantamento: “e ver os peixinhos, ver a vida submarina conquista qualquer um. E me conquistou de verdade” (Marly, entrevista concedida à autora em 17 mar. 2023).

Ela descreveu o mergulho como uma imersão em um novo espaço: “você se torna um ser aquático [...] Porque é outro ambiente que te está recebendo de braços abertos e você consegue de mansinho tentando se enquadrar nele.” (Marly, entrevista concedida à autora em 17/03/2023). E sintetizou esse vínculo dizendo: “É um sentimento muito forte de amor [...] nós somos conquistados pelo meio aquático, é isso.” (Marly, entrevista concedida à autora em 17 mar. 2023).

Marly concluiu o curso de Monitor de Primeiro Grau em 1980, e desde então, passou a atuar como monitora de mergulho na escola e operadora de mergulho Bandeirantes do Mar. Formou-se em Biologia pela Universidade de Santo Amaro em 1981, e desenvolveu carreira na saúde pública, com atuação na área sanitária e de alimentos, mediante atuação no Laboratório de Controle de Alimentos, na Vigilância Sanitária e no Centro de Controle de Zoonoses da Prefeitura Municipal de São Paulo.

Tornou-se figura central na escola e operadora de mergulho Bandeirantes do Mar, integrando-se à rotina da instituição como monitora, editora do boletim informativo, ministrante de cursos de Biologia Marinha e organizadora de atividades como palestras, exposições, excursões, entre outras. Considera-se discípula de Álvaro Luis Santos Vilar Moreira, a quem atribui tanto a sua formação técnica quanto os princípios didáticos e éticos que guiaram sua atuação como instrutora.

A escola e operadora de mergulho Bandeirantes do Mar iniciou sua expansão para a região Sul do Brasil por meio de cursos ministrados em Itajaí, Santa Catarina. O sucesso inicial e a formação de novas turmas impulsionaram a abertura de uma filial no final da década de 1980. As operações de barco da Bandeirantes do Mar eram realizadas nas proximidades de Canto Grande e Bombinhas, locais que encantaram Marly. Ela descreveu a região como um verdadeiro berçário marinho, com uma diversidade de vida, incluindo a presença de baleias francas e seus filhotes durante o inverno. Posteriormente, uma base de operações da Bandeirantes do Mar foi oficialmente transferida para Itajaí (SC), tornando-se a primeira base de mergulho estabelecida na cidade. A partir dessa nova sede, a escola expandiu ainda mais suas atividades, oferecendo cursos em diversas cidades catarinenses, como Blumenau, Bombinhas, Jaraguá do Sul, Joinville, Brusque e Balneário Camboriú.

Em 1996, cursou o nível de instrutor *Nitrox* pela certificadora *Technical Diving International* (TDI). Realizou, ainda, cursos de *Crossover* com a certificadora de mergulho *Professional Diving Instructors Corporation* (PDIC) e com a certificadora de mergulho *National Association of Underwater Instructors* (NAUI), em 2000, com o intuito de conhecer os métodos e as rotinas, compreender o perfil dos alunos formados por outras escolas e atender

aos mergulhadores de diferentes sistemas durante os cursos e *checkouts*. Ela nunca ministrou cursos por essas entidades, mantendo-se fiel ao método aprendido com Álvaro Moreira. Em que pese ter tentado a certificação pela certificadora de mergulho *Professional Association of Diving Instructors* (PADI), não se adaptou ao modelo de ensino.

Após o encerramento das atividades fixas da Bandeirantes do Mar, em 2002, Marly retornou a Atibaia (SP), de onde passou a coordenar a escola em formato volante. Ainda em 2002, participou do Projeto Ecossistemas Costeiros, Trilha Subaquática — Mergulho Autônomo, do Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo (USP), a convite do professor Flávio Augusto de Souza Berchez, com foco em atividades ambientais no Parque Estadual da Ilha Anchieta. Voltado ao atendimento de turistas no Parque Estadual da Ilha Anchieta, em Ubatuba (SP), o projeto funcionou com o apoio do Instituto de Biociências da USP até 2006, e a continuidade dele até 2015 deu-se em virtude de esforços da coordenação, que o manteve, ratificando o engajamento de Marly com a educação ambiental marinha.

Em 2006, cursou especialização em Gestão Ambiental e Sustentabilidade, pela FAAT - Faculdades, em Atibaia, São Paulo. Nota-se que a relação de Marly com o mergulho é atravessada por experiências afetivas com o ambiente marinho, construída por meio do contato contínuo com o mar e com os seres que o habitam. Essa sensação de acolhimento e de pertencimento intensificava-se no modo como buscava interagir com os animais, esforçando-se para não os perturbar:

Você quer se fazer parecer um peixe, então você procura se deslocar na água. E eu sempre tive esse ímpeto de não fazer barulho, bater as nadadeiras de forma harmônica e bem silenciosa, para que os peixinhos não se assustassem, para que eu pudesse estar por perto deles e tentar me integrar neste meio da melhor forma (Marly, entrevista concedida à autora em 17 fev. 2023).

A relação de Marly com os peixes era construída com paciência, atenção e afeto. Um episódio emblemático foi a amizade com um peixe sinhá-moça, a quem batizou de Nestor, e sobre o qual se manifestou: “Aquele sinhá-moça ele é muito danadinho, ele adora comer os vermezinhos, então eu sacudia assim a mão na areia, aparecia os vermezinhos e ele ficava comendo. Então, ele ficava me seguindo o trajeto todo” (Marly, entrevista concedida à autora em 17 fev. 2023). A convivência repetida gerou um vínculo que ela passou a reconhecer como uma forma de afeto recíproco. “Todo ano eu voltava: ‘Nestor, onde anda você?’, dali a pouco ele aparecia.” (Marly, entrevista concedida à autora em 17 fev. 2023).

A experiência do mergulho, em sua trajetória, é narrada como mobilizadora dos sentidos e das emoções, que propicia uma nova forma de estar no mundo — com o mar, com os animais,

com os outros. Na data da entrevista, vivia em Atibaia, no estado de São Paulo, onde residia em uma propriedade da família na qual gerenciava, com sua filha, uma clínica veterinária e um hotel para animais.

Retrato 3 – Cesar Alfredo Corazza Nieto



Fonte: acervo pessoal de Cesar Alfredo Corazza Nieto (s./d.).

Cesar Alfredo Corazza Nieto nasceu em julho de 1946, na cidade de São Paulo (SP). Desde a infância, sua família frequentava com regularidade a cidade de Santos (SP), prática comum entre famílias paulistanas da época. Nessas visitas de fim de semana, teve seus primeiros contatos com o litoral e com o fundo do mar.

O interesse pelo ambiente subaquático também foi alimentado pelas referências audiovisuais da televisão e do cinema. Nesse sentido, recorda especialmente da série *Aventura Submarina*, estrelada por Lloyd Bridges no papel de Mike Nelson, transmitida em preto e branco na televisão brasileira entre o fim dos anos 1950 e início da década de 1960. Segundo ele, esse tipo de conteúdo despertava fascínio em muitos jovens de sua geração: “O despertar, que eu acredito que muitos da minha geração, está na televisão e no cinema, porque tinham na época muitos filmes a respeito do fundo do mar” (Cesar Nieto, entrevista concedida à autora em 21 fev. 2022). A lembrança do primeiro peixe visto com uma máscara de mergulho permanece vívida: “Até o dia que eu vi o primeiro peixinho: ‘Nossa! Eu vi um peixinho.’ Muito bacana” (Cesar Nieto, entrevista concedida à autora em 21 fev. 2022).

Em 1964, ele deu início à sua formação acadêmica na Universidade Presbiteriana Mackenzie, no curso de Engenharia, concluindo-o em 1968. Sua posterior experiência como

professor na mesma instituição seria fundamental para sua atuação no campo da educação do mergulho. Já estabelecido profissionalmente e com uma vida conjugal, foi em 1969, na capital paulista, que ele fez uma descoberta que mudaria seu rumo: o curso de caça submarina e Escafandria da Associação Cristã de Moços (ACM), ministrado por José Jacinto de Magalhães Neto. Em suas palavras, "No Brasil não existia nenhum curso, assim, que você pudesse fazer. Só no final dos anos 60, eu já... início dos anos 70, já formado, já casado, já com uma vida mais estável, eu descobri que a ACM [...] tinha um curso em São Paulo que dava noções de escafandria e caça submarina." (Cesar Nieto, entrevista concedida à autora em 21 fev. 2022).

Em meados de 1976, ingressou na escola Bandeirantes do Mar, também em São Paulo, onde realizou o curso de Monitor, ministrado por Álvaro Luis Santos Vilar Moreira. A partir dessa formação, passou a atuar na instrução de mergulhadores. Conciliando a docência na engenharia, a prática subaquática e as atividades como monitor, fundou, em 10 de maio de 1979, a escola de mergulho Aquamundo — em parceria com Lucio Engler, seu ex-aluno da faculdade —, cuja sede foi instalada na capital paulista e a base prática funcionava em Mambucaba, distrito de Angra dos Reis (RJ).

Participou da fundação da Associação Brasileira de Mergulho Amador (ABMA) — criada em novembro de 1983 para ser uma certificadora nacional com padronização didática, criação de currículo mínimo e emissão de certificações desvinculadas da Confederação Brasileira de Pesca e Desportos Subaquáticos (CBPDS) —, onde atuou como seu primeiro presidente no mesmo ano.

Entre 1984 e 1989, trabalhou como engenheiro na Engesa, empresa nacional dedicada à produção de veículos blindados, como o Urutu, o Cascavel e o Osório. Foi nesse contexto que surgiu a ideia de fabricar cilindros de mergulho com os materiais disponíveis na empresa: “eu trabalhava como engenheiro na Engesa [...] E me deu um ‘estalo’: ‘Por que não usar esse material para fabricar cilindro de mergulho?’” (Cesar Nieto, entrevista concedida à autora em 21 fev. 2022).

Por volta de 1985, impulsionada pela necessidade de reduzir os altos custos e a escassez de equipamentos importados, a empresa produziu, aproximadamente, 250 cilindros de aço-liga. Batizados de *Amazon* em homenagem à maior floresta brasileira, esses cilindros representaram um passo importante na nacionalização de equipamentos de mergulho. Mais tarde, entre 1989 e 1990, a empresa deu outro grande passo, ao introduzir no Brasil o sistema de certificação da *Scuba Schools International* (SSI), implementado por intermédio da Aquamundo. Essa iniciativa foi fundamental para padronizar e elevar a qualidade do ensino de mergulho no País. Ainda na década de 1980, publicou o *Manual do Mergulho Autônomo: Fundamentos, Técnicas,*

Equipamentos. Essa obra se tornou uma referência essencial, contribuindo significativamente para a formação de novos praticantes e instrutores de mergulho no Brasil.

Em abril de 1994, fundou a empresa *Emertech* — Tecnologia para Emergências, sediada em São Roque (SP), cidade onde passou a residir. Permaneceu na Aquamundo até 1996, quando transmitiu a gestão da escola aos filhos, Cristiane Guerra Nieto e Davi Guerra Nieto, que a mantiveram ativa até os anos 2000.

A relação de Cesar Nieto com o mar estruturou, desde cedo, uma forma de estar no mundo. Dessa forma, o mergulho não se apresentou como simples atividade, mas como espaço de realização íntima: “e sempre me realizei muito porque sempre gostei muito de viver nesse ambiente, não é? Nesse ambiente de paz e silêncio, de tranquilidade, de cores e daquela biologia diferente dos animais” (Cesar Nieto, entrevista concedida à autora em 12 ago. 2022).

Esse vínculo também se manifestava nas interações com os animais marinhos, com quem Nieto partilhava momentos de contato, especialmente polvos, e aprendeu a estabelecer trocas.

Por exemplo: brincar com polvo. Pode ser que para algumas pessoas não signifique muito, mas eu fiquei encantado, por exemplo, quando eu achava uma toca de polvo e conseguia interagir, jogar uma concha para ele pegar e ele pegar uma outra coisa e devolver. E você começava a fazer trocas, eles fazem isso, não é? Então, isso é uma higiene mental incrível, incrível. Eu [...] de um mergulho eu volto renovado (Cesar Nieto, entrevista concedida à autora em 12 ago. 2022).

Ao descrever o ambiente subaquático, Cesar Nieto aponta a mudança de lógica e de ritmo que acompanha a submersão. Trata-se de outro modo de existência, onde o corpo aprende a se mover sem caminhar, as cores ganham intensidade e os animais são vistos em seus próprios territórios.

Mas mergulhar significava você conhecer um mundo diferente ao que você está acostumado. O mundo aquático é diferente do mundo aéreo, ou terrestre, não é? Primeiro, você está tentando se equilibrar, você não caminha, você nada, as cores são deslumbrantes, uma coisa que tinha muito na época, que não tem mais, são os corais que nós tínhamos lá em Angra dos Reis, desapareceram. Mas eram muitas cores, peixes coloridos, que você vê os animais no seu habitat, tartarugas, caranguejos, as moreias, lagosta. Tinha lagosta em Angra dos Reis. Lagosta [...] Você via o animal naquele ambiente que você estava entrando lá, na casa deles. Um mundo diferente, completamente diferente. Então, era deslumbrante pegar uma água clara, nossa! Era tudo de bom. Tudo de bom (Cesar Nieto, entrevista concedida à autora em 21 fev. 2022).

A experiência de pertencimento com esse ambiente foi relatada em uma situação vivida durante um mergulho noturno: enquanto observava o movimento de um peixe, Cesar Nieto entrou em estado de relaxamento tão profundo que adormeceu, ainda debaixo d'água:

E eu fui fazer um mergulho noturno, peguei uma lanterna e fui. Às tantas eu fiquei distraído com [...] acho que era um peixe que entrava e saía da toca. E eu estava lá com a lanterna desse jeito, assim, segurando a lanterna [...] e olhando o peixe, voltava: 'Esse cara vai voltar, não vai, não sei o quê [...]', dali a pouco eu 'tum', larguei a lanterna e respirando, normal. Eu adormeci, literalmente dentro da água. O Edson, que estava olhando, viu a lanterna caída e viu eu caído assim, me catou e 'tchum' para cima, e eu tomei o maior susto, não é? [...] Eu falei: 'Cara, o que foi isso?' E ele: 'Você desmaiou'. Eu falei: 'Não cara, eu não desmaiei, eu acho que eu adormeci. Eu adormeci [Riso].' E ficou famosa a história do cara que dormiu debaixo d'água (Cesar Nieto, entrevista concedida à autora em 12 ago. 2022).

Na data da entrevista, residia em São Roque (SP), onde atuava como empresário à frente da *Emertech* — Tecnologia para Emergências, empresa dedicada à venda de equipamentos de fabricantes especializados.

Retrato 4 – Marcelo Demetrio Obeidi (Marcelinho)



Fonte: acervo pessoal de Marcelo Demetrio Obeidi (s./d.).

Marcelo Demetrio Obeidi, nascido em junho de 1960, na costeira cidade de Santos, São Paulo, é uma figura central na história do mergulho autônomo recreativo no estado, sendo reconhecido como um de seus pioneiros. Com uma herança familiar que remonta à antiga cidade síria de Antioquia, a infância e a juventude de Marcelo Obeidi foram ligadas ao universo aquático. Sua segunda casa era o Clube Internacional de Regatas de Santos, onde as piscinas e as águas abertas eram seu palco para a prática intensa de natação e maratonas aquáticas. Essa imersão precoce no ambiente aquático moldou não apenas seu físico, mas também sua conexão com o meio líquido.

Na realidade, como eu moro em Santos e eu sempre fui da natação, e o clube que eu nadava, o Internacional, é do outro lado [...] Do outro lado do canal é onde começaram os clubes, na realidade. Porque os clubes daqui de Santos começaram com sedes náuticas, não é? De remo, eh [...] de vela, de barcos e ‘tal’. Eu era do Clube Internacional de Regatas — onde eu nadava — e frequentava muito o outro lado, a gente fala dessa maneira por causa dos barcos. Então, eu frequentava lá. E com isso, com a amizade, com isso e aquilo, a gente começou a ir muito para o mar, e na natação eu gostava muito de maratona aquática — que hoje se fala maratona aquática — que é a travessia, não é? (Marcelo Obeidi, entrevista concedida à autora em 2024).

Foi por volta dos dezessete anos que a curiosidade de Marcelo Obeidi o levou a uma nova fronteira: o mergulho. Sem a orientação de instrutores formais ou manuais técnicos, ele aventurou-se de forma autodidata. Suas primeiras incursões no mundo subaquático foram experiências de descoberta baseadas na observação e na experimentação. Essas vivências iniciais, desprovidas de qualquer formalidade didática, foram o alicerce para a *expertise* que o consagraria como um nome importante no cenário do mergulho brasileiro. “E veio o mergulho, entendeu? Então, o mergulho veio na faixa dos dezesseis, dezessete anos, mas... E ao decorrer disso tudo, sem curso de mergulho, sem nada[...]" (Marcelo Obeidi, entrevista concedida à autora em 2024).

Em 1981, ele e seus amigos, Clóvis Benno de Carvalho e Moacyr Teofilo de Abreu Figueiredo, conhecido como “Moa”, tiveram seu primeiro contato com a Bandeirantes do Mar. Naquela época, essa escola e operadora de mergulho estava oferecendo cursos em Santos. Essas aulas eram fruto de uma colaboração com a Aquamundo, outra operadora de mergulho, e eram direcionadas especificamente aos membros do clube Santos Sub.

A Bandeirantes do Mar é uma escola de São Paulo, que a Marly foi uma das donas, mas quem inaugurou essa escola foi o português Álvaro Vilar Moreira. Você deve ter ouvido falar do nome dele, onde o Cesar “nasceu”, que saiu da Bandeirantes e montou a Aquamundo. E aí: eu, Clóvis e “Moa” fomos fazer esse curso de Instrutor [...] Esse curso nós fizemos em 81[...] (Marcelo Obeidi, entrevista concedida à autora em 2024)

Em 1981, no mesmo ano de sua formação como mergulhador, ele deu um passo além, graduando-se também no curso de Monitor de Mergulho. Essa nova qualificação o levou a integrar a equipe de instrução da Centralmar. Marcelo Obeidi relata, em sua entrevista de 2024: "O Clóvis veio a montar uma escola em Santos, em 81, quando a gente se formou. A escola era dele, não é? E eu e o 'Moa' fomos trabalhar como instrutores junto com ele em 81. E nisso, a gente decorreu com aula."

Em meados da década de 1980, formou-se em Administração de Empresas e atuou na área de *marketing*, incluindo um período de trabalho na Coca-Cola, em Santos. Ainda entre os anos 1980 e 1990, integrou a equipe da SCUBATEC, fábrica de equipamentos de mergulho inaugurada por Lucio Mario Engler Pinto, em 1986.

Com a experiência acumulada, fundou, em 21 de julho de 1993, a própria loja e operadora de mergulho, a *Sea Worker/Mar Sub*, localizada em Santos:

Eu saí da Coca-Cola e fui convidado para trabalhar numa fábrica de equipamentos de mergulho em São Paulo. Trabalhei alguns anos em São Paulo como gerente de vendas, e nisso [...] Aí veio o Plano Collor, isso, aquela história toda, que no Brasil aconteceu. Eu saí dessa empresa [SCUBATEC] e montei a minha, a Sea Worker. Só que de imediato eu montei a *Sea Worker* e abri a loja e a escola, porque a *Sea Worker* é só atacado, depois que eu coloquei e implantei a importação, sendo distribuidor de algumas marcas aqui no Brasil. Eu comecei na PDIC com o Werneck, porque o Werneck era o responsável da PDIC aqui no Brasil, um grande profissional. E da PDIC... e aí acabou fechando a PDIC no Brasil, eu passei para algumas outras certificadoras, mas “finquei o pé” na PADI, que é a maior certificadora do mundo hoje e eu trabalho já há um tempo com eles também. (Marcelo Obeidi, entrevista concedida à autora em 2024).

Em meados da década de 1990, credenciou-se como instrutor da certificadora PDIC, representada no Brasil por Marcus Werneck. Com o encerramento das atividades da certificadora de mergulho PDIC no Brasil, entre 2008 e 2009, Marcelo Obeidi estabeleceu a *Sea Worker/Mar Sub* como um Centro de Desenvolvimento de Instrutores Cinco Estrelas (*Instructor Development Center* — IDC Five Star) da PADI: “Eh [...] eu, Marcelo Obeidi, estou formado como instrutor e dando aula direto, vai fazer quarenta e três anos — vou para quarenta e três anos — a Mar Sub e a Sea Worker, a nossa *dive center* é uma *dive center* IDC Five Star da PADI.” (Marcelo Obeidi, entrevista concedida à autora em 2024).

Marcelo Obeidi, ao lado de seu filho Bruno Obeidi, vem atuando no desenvolvimento do mercado brasileiro de mergulho autônomo recreativo e fotografia subaquática. Eles não apenas estabeleceram parcerias estratégicas, mas também foram os responsáveis por trazer diversas marcas internacionais renomadas para o Brasil. Essas conexões foram solidificadas por meio da participação ativa na *Diving Equipment & Marketing Association* (DEMA Show), um evento de destaque na indústria mundial do mergulho, que congrega escolas, certificadoras, lojas e fabricantes de equipamentos.

Com a sua empresa, a *Sea Worker/Mar Sub*, Marcelo Obeidi atua como representante e distribuidor oficial dessas marcas no Brasil. Entre os produtos que oferecem, destacam-se os da AQUATICA Digital, especializada em caixas-estaque para câmeras fotográficas e sistemas de iluminação subaquática; da *Dive Alert*, conhecida por seus dispositivos sonoros de alerta para resgate de mergulhadores; a *Spare Air* contribui com equipamentos de mergulho, como máscaras e microcilindros; a *Inon*, com equipamentos de estaque para câmeras e iluminação subaquática. Além disso, a *Sea Worker/Mar Sub* opera em parceria com a PADI, uma das maiores certificadoras de mergulho do mundo, um testemunho do padrão de qualidade e do reconhecimento internacional de suas operações.

Quando questionado sobre o reconhecimento dos pioneiros do mergulho autônomo recreativo no Brasil, Marcelo destaca o fato de ter sido da primeira turma de instrutores da escola e operadora de mergulho *Aquamundo*, de Cesar Nieto e Lucio Engler, em parceria com a escola e operadora de mergulho *Bandeirantes do Mar*, de Álvaro Vilar Moreira: “Não podemos esquecer de Álvaro Vilar Moreira, Cesar Nieto. Eu sou da turma, a primeira turma da Aquamundo de instrutores, que é quando o Cesar Nieto montou a Aquamundo, que trabalhou essa turma... dentro de uma das turmas, que eu não lembro que número é agora, de curso de Instrutor da Bandeirantes do Mar.” (Marcelo Obeidi, entrevista concedida à autora em 2024).

O mergulho estruturou sua vida sob múltiplas dimensões: “o mergulho começou na minha vida como lazer. O mergulho começou na minha vida como o meu recreacional, o meu turismo. [...] Virou minha vida, virou meu trabalho. Eu trabalho com o que eu gosto de fazer” (Marcelo Obeidi, entrevista concedida à autora em 2024). Também associou a prática ao turismo e ao prazer de viajar: “levar grupos para mergulhar aqui, ali e ali, no Brasil, fora do Brasil, é uma das coisas mais gostosas de fazer” (Marcelo Obeidi, entrevista concedida à autora em 2024).

Quando questionado sobre o papel do turismo em sua vida, Marcelo destaca seus sentimentos acerca da relação da sua profissão e vida pessoal: “Adoro viajar. Então, como eu te falei, o mergulho é ligado ao turismo. Então, levar grupos para mergulhar aqui, ali e ali, no Brasil, fora do Brasil, é uma das coisas mais gostosas de fazer.” (Marcelo Obeidi, entrevista concedida à autora em 2024).

Ao refletir sobre seu vínculo com o mar, destacou o sentimento de paz e de reverência: “aquilo é uma paz; é uma tranquilidade; é um relaxamento; é você visualizar o que tem de vida que o mundo está dando para a gente e tentar olhar e preservar e ter um respeito muito grande pelo mar, que é o que algumas pessoas não têm, não é? Infelizmente” (Marcelo Obeidi, entrevista concedida à autora em 2024).

Na data da realização da entrevista vivia em Santos (São Paulo), como proprietário e instrutor da loja e operadora de mergulho *Sea Worker/Mar Sub*.

Retrato 5 – Pedro Paulo de Almeida Carneiro da Cunha (PP)



Fonte: Acervo Pessoal de Pedro Paulo de Almeida Carneiro da Cunha (PP) s/d.

Nascido em 1964, na cidade de São Paulo (SP), Pedro Paulo de Almeida Carneiro da Cunha, conhecido como PP, é um dos pioneiros do mergulho autônomo recreativo no estado de São Paulo. No início da década de 1980, PP decidiu iniciar aulas de mergulho. A sugestão veio de um amigo de escola que já era frequentador da Aquamundo, escola e operadora de mergulho em São Paulo, fundada por Cesar Nieto e Lucio Engler. Conforme PP relatou em entrevista em 30 de agosto de 2022: "Mas, aí quando chegou em 82, eu falei: 'Ah [...] vou fazer um curso.' E, por acaso, um grande amigo meu da escola tinha acabado de fazer um curso em uma escola que chamava Aquamundo, aqui em São Paulo."

A localização da Aquamundo, próxima à sua residência, foi um fator decisivo. "E a Aquamundo tinha a vantagem de ser perto da minha casa. Aí eu falei: 'Ah! Parece ser legal.' E eu fui lá e perguntei como é que era", explicou. Ele também destacou a particularidade da Aquamundo na época: "naquela época era um negócio engraçado, porque para muita gente o mergulho era um *hobby*, uma paixão, uma segunda profissão. E a Aquamundo era exatamente isso para o Cesar Nieto e para o Lucio Engler, que montaram a escola [...] se formaram instrutores, montaram a escola, mas eles tinham uma outra vida profissional fora do mergulho."

Em 1984, a paixão de Pedro Paulo pelo mergulho o levou a dar um passo adiante, e ele iniciou sua carreira como instrutor de mergulho na própria Aquamundo, a escola onde tudo começou. Sobre sua primeira experiência subaquática, relembra: “Gente! Aquilo para mim foi descobrir o mundo” (PP, entrevista concedida à autora em 30 ago. 2022).

Apesar da paixão pelo mergulho, a instrução não foi sua profissão principal. Coursou Engenharia Naval na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, entre 1981 e 1986. A escolha do curso esteve diretamente ligada ao mergulho: “também a mesma história: eu entrei na faculdade, tinha que escolher um curso para fazer e – de novo – eu queria mergulho, queria mar. Olhei em volta, eu falei: ‘Ah [...] a engenharia naval, esse negócio parece bacana, vou aprender a fazer submarino’” (PP, entrevista concedida à autora em 30 ago. 2022).

Em 1989, concluiu especialização na Fundação Getúlio Vargas em *Master of Business Administration*. No mesmo ano, auxiliou Marcus Werneck na estruturação da certificadora de mergulho PDIC, no Brasil, contribuindo com a criação da chamada filosofia ARRASO, acrônimo das palavras Atenção, Respeito, Responsabilidade, Amor, Segurança e Organização.

E acho que ali é que a gente viu: ‘Cara, isso daqui dá para ser muito mais legal do que essas certificadoras internacionais estão falando.’ Que a PDIC, apesar de ela ser uma certificadora internacional, o que foi desenvolvido aqui no Brasil era nosso. Foi fruto do trabalho do Werneck, do Maurício Henriques, do Maurício Carvalho, que construíram ali, junto com o Rodrigo Thome, com André Valentim, um monte de coisa, um material didático que até hoje eu acho ele melhor do que de qualquer certificadora, apesar de ser um material com mais de vinte anos (PP, entrevista concedida à autora em 30 ago. 2022).

Em 1995, formou-se como mergulhador técnico e instrutor pela certificadora *Technical Diving International* (TDI), junto de Maurício Henriques, seu amigo e companheiro de mergulho:

[...] 1995. Eu te digo porque eu fui um dos dois primeiros instrutores de ‘Tech’ no Brasil [riso], não é? Ele oficialmente chegou ao Brasil em 95. Você já tinha gente fazendo isso. Você já tinha, por exemplo, gente explorando caverna antes. Mas, os cursos chegaram [...] Oficialmente, as certificações chegaram ao Brasil em 95. Foi quando a gente começou a dar os cursos de Nitrox aqui. (PP, entrevista concedida à autora em 30 ago. 2022)

Ainda em 1995, fundou, com Maurício Henriques, o *site Tech Diving*, o qual contou, posteriormente, com a entrada de Marcus Werneck. Por meio da plataforma, reuniam acervos sobre o mergulho técnico, disponibilizavam *softwares* para planejamento e registro de mergulhos, e divulgavam cursos da área.

Paralelamente à sua trajetória no mergulho, construiu uma carreira de longa duração no setor de Tecnologia da Informação (TI), atuando como executivo em empresas nacionais e em multinacionais. De 1998 a 2003, trabalhou como diretor de informações do *Deutsche Bank Brazil*. De 2003 a 2007, trabalhou como diretor de tecnologia no banco Santander Banespa. De 2007 a 2008, atuou como chefe do departamento de TI do banco HSBC. De 2008 a 2011, foi diretor e diretor de industrialização de arquitetura de TI do Itaú Unibanco. De 2011 a 2013, diretor executivo e de operações de TI na Alelo e IBI Promotora. De 2013 a 2015, foi superintendente executivo de infraestrutura de TI no banco Safra. A partir de 2015, sócio-administrador na companhia PPC Tecnologia. De 2017 a 2019, conselheiro sênior na empresa Accenture. De 2019 a 2021, foi diretor de informações na empresa *Europ Assistance* e na empresa CEABS Serviços. De 2021 a 2024, trabalhou como conselheiro sênior na empresa Accenture.

Desde 2023, é consultor de segurança e de *performance* na empresa *The Human Diver*, fundada por Gareth Lock, em 2016, com cursos baseados na aplicação da ciência dos fatores humanos no mergulho. Assim, acumula um acervo extenso de equipamentos antigos de escafandro autônomo, pelos quais ministra curso de Mergulho com Escafandro Dependente, como forma de preservação da história dos equipamentos.

História do mergulho: eu não [...] eu estou longe de ser um Adair da vida, mas eu tenho minha coleção de ‘tralhas’. As minhas ‘tralhas’ têm uma característica: elas são ‘mergulháveis’. Então, eu dou os *workshops* para o pessoal, tanto do mergulho histórico, desde o mergulho com escafandro clássico, até mergulho com regulador de traqueia, essas coisas, e dou o cursinho de Introdução ao Mergulho Profissional. Não sou instrutor de mergulho profissional, não quero me meter nessa área, mas eu levo o pessoal para a piscina para aprender como é mergulhar com o capacete, por exemplo. Eu sou instrutor de Mergulho com Escafandro Clássico, esse eu sou o único no Brasil – eu acho – hoje, não tem outro, certificado ‘bonitinho’ (PP, entrevista concedida à autora em 30 ago. 2022).

Também se dedica à fotografia subaquática: “Fotografia! Óbvio, que é o lado que eu documento as coisas que eu vejo e adoro fotografar. É o que a maioria das pessoas, inclusive hoje, me conhecem muito mais pela fotografia do que pelo passado de instrutor ou coisa parecida, não é? Tudo me interessa” (PP, entrevista concedida à autora em 30 ago. 2022).

Ao falar sobre a função do mergulho em sua vida, é direto:

o mergulho é a minha fuga da realidade. Por mais que eu seja um cara que ama mergulho, que amo o que eu faço de trabalho, tudo, o mergulho é a hora que eu esqueço que eu vivo em um planeta Terra cheio de encrenca, de

política, de problema. Mergulhar – para mim – é esquecer de tudo isso (PP, entrevista concedida à autora em 30 ago. 2022).

Sobre o vínculo que tem com a água, compartilha:

Água. Qualquer água: da piscina, do lago, do mar, de onde for. Assim, é um negócio [...] Eu sou daqueles ‘caras’ que senta em um *deck* na frente do mar, eu sou capaz de ficar a noite inteira olhando para o mar: escutando o barulho de onda, olhando onda. É paixão mesmo, é o lugar em que você se sente à vontade, você se sente livre. E, a propósito, eu odeio praia e odeio areia. [...] Odeio aquele negócio grudado, raspando, entrando na sunga, ‘Deus meu’! Por isso que mergulho é bom (PP, entrevista concedida à autora em 30 ago. 2022).

Na data da entrevista, vivia em São Paulo (SP). Em 2025, passou a residir em Zurique, na Suíça.

Retrato 6 – Claudio Guardabassi (Claudião)



Fonte: acervo pessoal de Claudio Guardabassi (s./d.).

Nascido em 13 de julho de 1945 em São Paulo, próximo ao Mercado Municipal em uma zona cerealista onde a maior parte dos moradores é composta por italianos e imigrantes, viveu nesse lugar até os seus dezesseis anos. Na infância, desde os quatro anos de idade, frequentava o Clube Tietê, e descobriu na piscina deste clube a paixão pela prática da apneia.

[...] com quatro anos de idade eu comecei a frequentar a piscina do Clube Tietê, com quatro anos. Meu tio nos levava lá e jogava na água, que a técnica mais atual naquela época era jogar dentro d'água e: “Se vira.”. E daí aquele prazer pela água e aquilo era uma frequência contínua e eu me identifiquei muito com a água. E virei militante do Tietê, do Clube Tietê. Mas eu não gostava de nadar, ficar na raia nadando, isso eu não gostava. O que eu gostava mesmo era de ficar embaixo d'água, isso que eu gostava. E como a piscina tinha profundidade, tinha cinco metros de profundidade, então a gente descia ali até o fundo para ver quem era o melhor para chegar até o fundo da piscina e eu sempre chegava. E tinha um fato interessante, que isso daqui é até histórico, o pessoal falava: “Hoje a pressão está mais forte.” [Riso]. A pressão é sempre a mesma, então: “Hoje está mais forte.”. E era o ouvido da gente, que ainda não sabia nem o que era compensação. Mas eu me identifiquei muito com isso daí e comecei a praticar o mergulho. (Guardabassi, em entrevista concedida à autora em 2 nov. 2023).

Claudião, como é carinhosamente conhecido no ramo do mergulho, iniciou as atividades de mergulho em 1960, quando ganhou dos amigos um curso de caça submarina e Noções de Escafandria ministrado por José Jacinto de Magalhães Neto, ministrado na *Associação Cristã de Moços* (ACM).

Claudio Guardabassi nasceu em 13 de julho de 1945, na cidade de São Paulo (SP). Ainda na infância, no fim da década de 1940, passou a frequentar a piscina do Clube Tietê, onde descobriu a paixão por apneia. Na década de 1960, tornou-se aluno do curso de Caça Submarina e Noções de Escafandria da Associação Cristã de Moços (ACM), ministrado por José Jacinto de Magalhães Neto, na ACM.

Durante esse período, aproximou-se de praticantes envolvidos na criação da Federação Paulista de Caça Submarina, com os quais intensificou sua participação em saídas recreativas. Em 1964, a convite de Jorge Pimentel, passou a trabalhar em uma empresa náutica ligada à loja Brasnautica LTDA, onde organizou uma seção voltada à pesca submarina.

No fim da década de 1960, venceu seu primeiro Campeonato Paulista de Caça Submarina. Entre os anos 1960 e 1970, consolidou sua presença no circuito competitivo de caça submarina, vencendo o campeonato paulista por três vezes. No início da década de 1970, fundou a loja Claumar Artigos de Esporte LTDA, especializada em artigos de mergulho e de caça submarina, com importação de equipamentos, como os da fabricante espanhola NEMROD.

Ainda na mesma década, ele iniciou uma fase de inovação em sua metodologia de ensino. Começou a ministrar aulas utilizando um sistema próprio de treinamento, que mais tarde seria formalizado como *Dive Fitting*. Esse sistema foi desenvolvido em parceria com Delmar Soares Corrêa, conhecido como “Pirro”, e visava a aprimorar a formação de mergulhadores. Nesse período, ele também alugou a piscina do professor de judô Linneu Pieper, localizada em Sumaré. Esse espaço tornou-se o local ideal para a aplicação de treinamentos específicos de apneia e caça submarina, complementando a formação de seus alunos com técnicas essenciais para o universo subaquático.

Entre os anos de 1970 e 1980, a loja Claumar ampliou significativamente suas operações. Nesse período, passou a oferecer programas contínuos de turismo de mergulho no arquipélago de Fernando de Noronha. Um momento importante para a história do mergulho no Brasil ocorreu em 1984, quando Claudio Guardabassi organizou o primeiro curso de Formação de Instrutores de Mergulho Autônomo no País. Esse curso foi ministrado utilizando a metodologia da YMCA e oferecido por meio da própria ACM, contribuindo de forma pioneira para a profissionalização do mergulho no Brasil.

Na década de 1980, tornou-se sócio do Projeto Acqua, estrutura localizada em São Paulo (SP) que contava com piscinas, torre de mergulho, câmara hiperbárica e agência de turismo. Na década de 1990, participou da formação dos primeiros instrutores da PADI no Brasil, ao lado de Gabriel Ganme e Ricardo Meurer (Lalo), com cursos ministrados no próprio Projeto Acqua.

Com a criação do Projeto Acqua, uma estrutura composta de piscina de treinamento, piscina pedagógica, torre de mergulho com quinze metros, câmara hiperbárica, agência de turismo e outras modalidades, ocorreu a necessidade de ter vários instrutores e *divemasters* para credenciar os alunos. A preocupação com o credenciamento internacional era vital, pois era grande a procura dos alunos por programas com credencial internacional. Assim, trouxe para o Brasil programas das certificadoras de mergulho internacionais PADI, National Association of Underwater Instructors (NAUI) e *Associação Internacional para o Desenvolvimento da Apneia* (AIDA).

Os primeiros cursos de instrutores PADI foram iniciativas dos instrutores Ricardo Meurer (o Lalo) e Gabriel Ganme, que ocorreram no Projeto Acqua com total apoio e incentivo de Claudião. Assim, em 1990 se formavam os primeiros instrutores PADI no Brasil. A primeira turma de instrutores foi formada pelo William Cline em pessoa, instrutor de mergulho de renome da certificadora PADI e provavelmente os instrutores da maioria dos jovens mergulhadores PADI atuais estavam lá como alunos. Claudião, com assistência do amigo Resvan Yazi, trouxe Bret Gilliam para dar início aos programas de formação NAUI e TDI no país.

Na mesma década, organizou o I Torneio Américo Santarelli de caça submarina, em parceria com sua filha, Claudia Guardabassi. Juntos, também trouxeram para o Brasil a certificadora de mergulho em apneia Associação Internacional para o Desenvolvimento da Apneia (AIDA), contribuindo para a introdução formal dessa modalidade no País.

Em 1996, publicou, com Waldir Naccarato, o livro *Caça submarina: fundamentos e técnica*, reunindo parte do conhecimento acumulado em décadas de prática. Em 28 de setembro de 2024, foi homenageado no *International Scuba Diving Hall of Fame*, durante cerimônia realizada nas Ilhas Cayman. O reconhecimento posicionou-o entre os principais nomes do mergulho internacional, ao lado de figuras como Jacques Yves Cousteau e Jean Michel Cousteau.

Ao refletir sobre sua trajetória e as múltiplas iniciativas que ajudou a impulsionar, Claudio Guardabassi resumiu de forma direta o papel que desempenhou na origem de diversas escolas, certificadoras e projetos: “mas você vê que a árvore de onde saíram vários frutos, ela

tem um nome: esse cara aqui [Aponta o dedo no peito]” (Claudio Guardabassi, entrevista concedida à autora em 2 nov. 2023).

Claudio Guardabassi se reconhece na continuidade do mergulho, especialmente no ensino dirigido ao público mais jovem:

E isso daí é uma lição que eu deixo para os pais, porque eu dei muita aula para a garotada também, eu sempre agradeço quando o pai traz o filho dentro da loja, porque eu vejo que eu cumpro a minha missão. Porque o pai não vai levar o filho para um lugar que vai desandar, entendeu? Então, se ele traz para dentro do mergulho, você colaborou (Claudio Guardabassi, entrevista concedida à autora em 2 nov. 2023).

Na data da entrevista, residia em São Paulo (SP), onde seguia atuando como proprietário da loja Claumar Artigos de Esporte LTDA.

Retrato 7 – Fernando Hiroshi Kuramoto (Kura)



Fonte: acervo pessoal de Fernando Hiroshi Kuramoto (s/d.).

Nascido em 6 de novembro de 1957, na cidade de São Paulo (SP), Fernando Hiroshi Kuramoto, conhecido como Kura, é pioneiro do mergulho autônomo recreativo e do surfe no estado de São Paulo. Seu primeiro contato com o mar ocorreu aos cinco anos de idade, quando praticava mergulho em apneia com seu irmão, Pedro Kuramoto, sob orientação do pai, Shizuo Kuramoto, um entusiasta das atividades aquáticas. Sobre isso, ele testemunha:

Meu pai adorava o mar, ele amava o mar, então todos nós aprendemos a mergulhar muito cedo, não é? Me colocaram na água quando eu tinha cinco anos. Um método meio ‘kamikaze’, meio ‘samurai’, mas era divertido, na hora não foi, mas depois que nós vimos foi divertido. Tipo assim, meu pai pegava os filhos – ele confiava muito na natação dele, era um excelente mergulhador e nadador – levava um pouquinho onde que a gente não tinha pé, murchava a boia e falava: ‘Nada.’ [Riso]. Então funcionou, todos sobreviveram e todos viraram mergulhadores e amantes do mar (Fernando Kuramoto, entrevista concedida à autora em 13 fev. 2023).

Essa iniciação aquática na infância marcou o início de uma relação íntima com o fundo do mar. Ainda jovem, por volta de 1972, passou a atuar como professor de pesca submarina na Associação Cultural Esportiva Piratininga, localizada no bairro Pinheiros, em São Paulo. Em 1974, junto ao seu irmão, Pedro Kuramoto, tornou-se colaborador e tradutor do instrutor

japonês Takayuki Morita, pioneiro no ensino de mergulho no Japão, que ministrava cursos no Clube Piratininga e no Instituto de Exploração Subaquática *Dallo Sub*. Acompanhando Takayuki Morita, também lecionou no Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo, nos cursos de Biologia Marinha. Essa convivência permitiu contato com a metodologia da PADI, adaptada por Takayuki Morita a partir de sua formação no Japão, e com equipamentos de mergulho trazidos diretamente do País asiático.

A partir de 1978, assumiu a coordenação do departamento de atividades subaquáticas do *Hobby Clube* de São Paulo, onde atuou até meados da década de 1990. Durante esse período, ministrou cursos de caça submarina, mergulho em apneia e mergulho autônomo. Ao longo da década de 1980, foi um dos precursores da promoção do turismo internacional de mergulho no Brasil. Organizou pacotes para o *Walt Disney World Resort*, incluindo o programa *Diving with Mickey*, e excursões para o parque *John Pennekamp Coral Reef State Park*, em Key Largo (Flórida), além de mergulhos na Ilha da Juventude, em Cuba.

Em 27 de janeiro de 1986, fundou a operadora NDS na cidade de Ubatuba (SP), ao lado de Paulino Takshi Tsuji, Choji Humberto Kitahara e Renato Tsuji da Cunha, permanecendo no empreendimento até 20 de agosto de 1987.

Em virtude de sua afinidade com a videografia, foi instrutor de cursos de Fotografia Submarina. Atuou como cinegrafista em programas de televisão, campanhas publicitárias e publicações em revistas. Presidiu a Comissão Nacional de Foto e Vídeo Subaquáticas da Confederação Brasileira de Pesca e Desportos Subaquáticos de 1990 a 2000. Foi campeão brasileiro de fotografia subaquática em 1990. Conquistou o Mundial de Fotografia Subaquática em 1990, em Varadero, Cuba. Foi capitão-atleta da Seleção Brasileira em Fotografia no Terceiro Campeonato Mundial de Foto Sub na Itália, no Quinto Campeonato Mundial de Fotografia Sub na Coreia do Sul (Jeju), e na primeira Copa do Mundo de foto sub em Sharm el-Sheikh, Egito. Atuou como juiz no Quarto Campeonato Mundial de Fotografia Subaquática, em 1992, em Cuba (Ilha da Juventude), e no Sexto Campeonato Mundial de Fotografia Subaquática na Espanha (Menorca), em 1996. Foi membro do Comitê Técnico de Fotografia Subaquática da CMAS, Confederação Mundial de Atividades Subaquáticas.

O mergulho para mim foi, assim, uma forma de viver e uma “religião” que me deu, bastante, bens materiais e muita satisfação pessoal. Então durante a minha fase de instrução de mergulho de atividades subaquáticas, realmente eu sou muito grato, eu fui um cara privilegiado. Eu era [...] era não, eu sou feliz e olho para trás e vejo pegadas. Então eu fiz algumas coisas para o nosso mergulho no Brasil e no mundo e eu tenho certeza que vai ficar, entendeu? Então, não é só a parte didática, mas a parte de imagens, a parte de

competições, nós contribuimos para o mergulho ser o que é hoje em dia. Então eu sou um cara realizado com atividades subaquáticas (Fernando Kuramoto, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023).

A motivação para trabalhar com as imagens subaquáticas veio desde cedo, influenciada pelo pai, que trabalhava com cinema: “meu irmão é um artista, tem uma mão maravilhosa para desenhar, eu nunca consegui desenhar nada, daí eu ganhei uma maquininha *Kodak*, aquela pequenininha assim [...] e vi que eu conseguia fazer alguma coisa com ela” (Fernando Kuramoto, entrevista concedida à autora em 13 fev. 2023).

Em 1996, ele fundou com Jorge Issamu Kawamura e Silvia Saheki Kawamura a *KS Adventure Viagens e Turismo*. Anos depois, em 2013, em parceria com Juliana da Silva Martins, criou a Kuramoto Vídeo e Produções, uma empresa dedicada à produção de conteúdo audiovisual.

Ao avaliar o lugar do mergulho em sua vida, assim se manifestou:

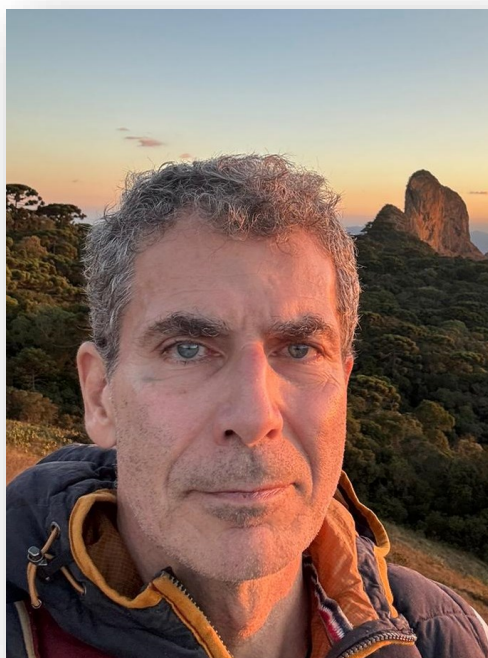
[...] o mergulho para mim foi, assim, uma forma de viver e uma religião que me deu, bastante, bens materiais e muita satisfação pessoal. [...] Eu sou feliz e olho para trás e vejo pegadas. Então eu fiz algumas coisas para o nosso mergulho no Brasil e no mundo e eu tenho certeza que vai ficar, entendeu? Então, não é só a parte didática, mas a parte de imagens, a parte de competições, nós contribuimos para o mergulho ser o que é hoje em dia. Então eu sou um cara realizado com atividades subaquáticas. Agora eu tiro meu tempinho para mim, porque eu não sei quanto tempo vai faltar para frente, então tem que aproveitar o máximo agora, agora o risco é zero [Riso]. (Fernando Kuramoto, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023).

A centralidade do mar para Fernando Kuramoto foi resumida em uma lembrança:

[...] o mar é praticamente a minha casa, tanto que eu ganhei de uma aluna uma plaquinha que até hoje eu guardo com carinho, isso faz quarenta anos, ela escreveu em uma plaquinha bordada ‘Mar, doce mar’. Ou seja, é meu lar, eu me sinto em casa, eu me sinto dentro do meu ambiente quando eu estou dentro da água, seja ela doce, salgada, sendo água para mim está ótimo [...] Então, o mar é minha vida, eu continuo amando o mar e vou até o fim e não fico sem a água [Riso] (Fernando Kuramoto, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023).

Na data da realização da entrevista, vivia em Santos (SP), atuando como consultor de *marketing* na cidade de São Paulo (SP).

Retrato 8 – Gabriel Ganme



Fonte: acervo pessoal de Gabriel Ganme (s./d.).

Gabriel Ganme nasceu em 14 de dezembro de 1959, na cidade de São Paulo (SP). Desde a infância, frequentava o litoral paulista com a família, especialmente o Guarujá (SP), onde praticava *surf*. Seu primeiro contato com o mergulho ocorreu durante uma viagem a Santa Catarina, quando cursava Medicina. Ao encontrar o mar sem ondas, experimentou um *snorkel* emprestado, e o encantamento foi imediato: “olhei, lá, a um metro de profundidade os peixinhos e me encantei.” A partir daí decidiu adquirir máscara, nadadeiras e *snorkel* em São Paulo para praticar apneia por conta própria: “fiz aquelas besteiras de começar a fazer apneia por conta própria” (Gabriel Ganme, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023).

Anos depois, já interno na faculdade, realizou seu primeiro curso de Mergulho Autônomo na escola Aquamundo, em São Paulo (SP), dirigida por Cesar Nieto e Lucio Engler, aos 24-25 anos. Segundo Gabriel Ganme, o curso apresentava limitações metodológicas, pois era ligado à ABMA: “as aulas eram criadas pelos próprios instrutores, meio que ‘da cabeça’ deles” (Gabriel Ganme, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023). Após aceitar o convite para o curso de Monitor, deixou a escola, devido a conflitos: “foi uma bagunça, eu acabei brigando com o dono da escola” (Gabriel Ganme, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023).

Durante a residência médica, viajou para Bonaire e percebeu as lacunas da formação brasileira: “olharam a minha carteirinha [...] e deram risada da gente” (Gabriel Ganme, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023). Em Cozumel, devido ao incentivo de um guia local, decidiu não seguir na Medicina, daí porque entregou o diploma de especialista ao pai e realizou o curso de *Divemaster* da PADI, no México. Em seguida, viajou aos Estados Unidos, onde concluiu, com dificuldades no idioma, o curso de Instrutor da PADI: “foi um problema porque o meu inglês era muito ruim [...] Acabei sendo aprovado à ‘duras penas’” (Gabriel Ganme, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023).

Motivado pela ausência, no Brasil, de um sistema estruturado de ensino voltado ao mergulho autônomo recreativo, Gabriel Ganme concluiu sua formação nos cursos *Instructor Development Course* (IDC) e *Instructor Examination* (IE), pela certificadora PADI, em Fort Lauderdale (Flórida), nos Estados Unidos. Seu objetivo era difundir a metodologia da PADI no Brasil.

Após seu retorno ao Brasil, Gabriel Ganme marcou sua contribuição no cenário do mergulho, ao fundar a escola *Dive Paradise* em São Paulo, em 5 de junho de 1987. Ele empreendeu esse projeto ao lado de Niels Victor Rauert Celeghin e Marcelo Ribeiro de Moraes. No fim da década de 1980, Gabriel Ganme expandiu sua atuação para a área da medicina hiperbárica, aceitando o convite de Claudio Guardabassi para ser médico e instrutor no Projeto *Acqua*. Foi nesse contexto que ele desempenhou um papel fundamental: Gabriel Ganme viabilizou o primeiro curso de Formação de Instrutores da PADI no país. Por essa razão, ele é reconhecido como um dos principais responsáveis pela introdução da metodologia da certificadora PADI no Brasil, contribuindo para a profissionalização do mergulho no País.

O curso aconteceu com o apoio de Ricardo Meurer (Lalo) e do Projeto *Acqua*: “A gente teve apoio do Claudio Guardabassi e fez esse primeiro curso no Projeto *Acqua*. Trouxemos um *Course Director* americano para ministrar, foi um passo importante” (Gabriel Ganme, entrevista concedida à autora em 24 mar. 2022). Além disso, traduziu os manuais básico, avançado e de instrutor da certificadora para o português, exercendo papel central na mediação linguística, técnica e institucional entre a certificadora internacional e o contexto brasileiro, contribuindo para a inserção da metodologia da PADI no Brasil.

A partir dos anos 1990, passou a atuar com espeleomergulho, sendo o primeiro a trazer ao Brasil o método americano voltado à exploração de nascentes (*springs*). Obteve certificação como *Cave Diver* em 1988, e tornou-se *Full Cave Instructor* por volta de 1995 ou 1996, com forte atuação em Bonito (MS), onde formava cerca de sessenta mergulhadores por ano, sempre em pequenos grupos.

Na mesma década, passou a explorar ambientes profundos com o uso de misturas gasosas como *Trimix*, tornando-se o primeiro instrutor da modalidade no Brasil e responsável pela formação de diversos mergulhadores técnicos que mais tarde se credenciaram por certificadoras como a *International Association of Nitrox and Technical Divers* (IANTD) e a TDI.

Dedicou-se também aos *shark dives*, prática que conduziu por cerca de quinze a vinte anos com, aproximadamente, dois mil mergulhos, buscando desmistificar a imagem dos tubarões e ampliando o contato dos praticantes com esses animais. A relação de Gabriel Ganme com os tubarões combina fascínio, técnica e educação ambiental. Estima ter realizado até dois mil mergulhos com tubarões, e afirma que, embora existam riscos, considera a interação previsível: “Embora exista [risco], é muito mais previsível. E honestamente: tubarão não gosta de mergulhador.” (Gabriel Ganme, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023).

Gabriel Ganme descreve o tubarão como um animal que “olha para você, interage” e que exige cuidados, mas que lhe proporciona um tipo singular de fascínio. Destaca, ainda, o papel educativo dessas interações, como quando foi reconhecido por uma criança em um jantar: “Isso não tem preço! Tentar educar essa nova geração [...] a serem atentos ecologicamente também”. Também manifesta preocupação ambiental ao afirmar: “O problema é que eles vão acabar. Do jeito que a gente está detonando o mar, os tubarões vão acabar” (Gabriel Ganme, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023).

A relação de Gabriel Ganme com o mergulho teve um papel transformador em sua vida. Segundo ele, a prática subaquática proporcionou equilíbrio e autoconhecimento:

Eu sou uma pessoa muito séria. Eu sou um profissional, às vezes, levado como sério demais, mas é o jeito que eu sou. Mas eu era ‘brabo’ demais também! Então, vivia arrumando briga na faculdade. E o mergulho me ajudou a me encontrar, me dar uma paz interior aí que poucas atividades ajudam (Gabriel Ganme, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023).

Gabriel Ganme fundou a escola *Diving College*, em São Paulo (SP), em 23 de novembro de 1994. Em 2009, com o nascimento da filha, decidiu afastar-se da rotina das escolas de mergulho para dedicar-se à Medicina. Iniciou pós-graduação em medicina esportiva, abriu consultório próprio e passou a lecionar na Escola Paulista de Medicina, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Desde então, mantém vínculo pontual com o mergulho, conduzindo *shark dives* apenas quando convidado.

É autor dos livros *Sobre homens e tubarões* (2018) e *Do fundo do mar ao topo das montanhas* (2024) – ambos publicados pela Editora Labrador. Na data da entrevista, vivia em

São Paulo (SP), atuando como médico especialista em Medicina Esportiva e do Exercício, e praticava ultramaratonas em montanha como *hobby*.

Retrato 9 – Alvanir Silveira de Oliveira (Jornada)



Fonte: acervo pessoal de Alvanir Silveira de Oliveira (s./d.).

Alvanir Silveira de Oliveira, conhecido no meio do mergulho como *Jornada*, nasceu em 3 de novembro de 1964, na cidade de Jundiaí (SP). É um dos pioneiros do mergulho autônomo recreativo no estado de São Paulo. Seu interesse pelo mergulho começou na juventude, durante uma viagem à Praia do Curral, em Ilhabela (SP), na década de 1980, onde viu um banhista com uma máscara e pediu para usá-la: “um cara estava usando uma máscara de mergulho e eu pedi para ele deixar eu usar a máscara de mergulho, botei a máscara de mergulho, vi aquilo ali e fiquei maravilhado.” (Jornada, entrevista concedida à autora em 22 nov. 2023).

A experiência marcou-o profundamente. Passou a frequentar com regularidade o litoral e começou a praticar caça submarina com equipamento básico: *snorkel*, nadadeiras da T. A. SUB, máscara de mergulho e um arpão pneumático da Cobra Sub. Mergulhava com frequência na região de Paraty Mirim, onde chegou a possuir um bote inflável. Entre abril de 1978 e março de 1979, trabalhou como mensageiro na *Singer Sewing Machine Company*; e entre julho de 1979 e outubro de 1995, atuou como chefe de serviços administrativos no Banco Mercantil de São Paulo S/S. Em dezembro de 1985, concluiu o Bacharelado em Administração de Empresas pelo Grupo Anchieta.

Na década de 1990, decidiu efetivar sua formação em mergulho, e realizou seu primeiro Curso de Mergulho Autônomo pela CBPDS, então representante da CMAS no Brasil. Completou os níveis Básico e Duas Estrelas, mas criticou a fragilidade da estrutura de certificação vigente: “no meu curso de Duas Estrelas, que é o Avançado da CMAS, eu fui instrutor da turma. E era o meu próprio curso, era assim” (Jornada, entrevista concedida à autora em 22 nov. 2023).

Em junho de 1990, ingressou na Polícia Civil do Estado de São Paulo, como investigador – cargo que ocupou até outubro de 2017. Em paralelo, entre agosto de 1996 e dezembro de 1999, atuou na empresa Theoto S/A, em Jundiaí (SP), no setor de planejamento e controle de produção. Em 1996, enfrentou um diagnóstico de câncer renal, o que influenciou diretamente sua decisão de se dedicar mais intensamente ao mergulho: “tanto que em 96 eu tive o câncer de rim e aí em 97 eu me aposentei da Polícia, saí para dedicar mais ao mergulho” (Jornada, entrevista concedida à autora em 22 nov. 2023).

Em junho de 1997, iniciou o curso de Formação de Instrutores (IPC) da NAUI no centro de ensino Projeto *Acqua*, em São Paulo (SP), coordenado por Claudio Guardabassi, Rafael Luiz de Nicola Almeida e Mario Augusto Ferrari de Castro. Entre os instrutores estavam Márcio Monteiro, Sergio Lobo, Marco Aurélio Reis e Jean Carlos Gouveia. Jornada recorda a qualidade do corpo docente: “então, quando eu conheci a NAUI – no meu IPC –, eu tive um corpo de instrutores, uns *Course Director* no meu curso, pessoas de um gabarito muito alto [...]” (Jornada, entrevista concedida à autora em 22 nov. 2023). Dedicava-se integralmente aos estudos e dormia no porão da escola, o que o levou a alcançar notas máximas nas avaliações teóricas e práticas.

Ainda em 1997, fundou a escola Jornada Sub Mergulho, em Jundiaí (SP). Em seguida, tornou-se *Instructor-Trainer* pela *Divers University*, fundada por Rafael Luiz de Nicola Almeida e, posteriormente, integrada por Renato Rocha Jorge. A instituição, com sede em São Paulo (SP), tornou-se referência, entre 1997 e 1999, na formação de mergulhadores e de instrutores. Jornada participou de diversos programas: “ah [...] vai ter curso de instrutor, curso de mergulho técnico. Já fazia programa de instrutor-*trainer*, já fazia também” (Jornada, entrevista concedida à autora em 22 nov. 2023).

Em novembro de 1999, fundou a Brinquedos *Alligator*, em Jarinu (SP), cujas atividades se encerraram em outubro de 2002. Nesse mesmo período, concluiu formação como mergulhador técnico pela NAUI. Em janeiro de 2002, assumiu o cargo de *Course Director* e passou a integrar a diretoria da NAUI *Service Center* Mercosul, então com sete sócios. Considera esse momento a realização de um sonho. “O course director dentro da NAUI é uma

função acima do instrutor-trainer. Então, na NAUI, o instrutor-trainer, ele pode organizar, ele pode montar, ele pode treinar o futuro do instrutor, mas quem vai assinar, mandar a papelada, fazer as avaliações finais, para ver se o cara está pronto para ser o novo instrutor é o course director. Então, o course director é a figura que está acima do instrutor-trainer. E aí começou um novo período na minha história também quando eu comecei a formar instrutores.” (Jornada, entrevista concedida à autora em 22/11/2023). A partir de 2008, iniciou a aquisição das cotas restantes e tornou-se o único proprietário, entre 2008 e 2009. Transferiu a sede da empresa para Jundiaí (SP), onde passou a coordenar as certificações e a formar instrutores em todo o país, contando com autonomia para expandir a estrutura com mais eficiência.

Através da certificadora NAUI, de 2013 a 2019 levou um tanque de mergulho para o evento *Adventure Sports Fair*, parte de uma atração envolvendo a promoção do mergulho como prática de lazer. O evento tem como temática os esportes de aventura, onde Alvanir junto de instrutores voluntários da NAUI instruíram práticas de mergulho para pessoas que estavam experimentando a modalidade. “Então, de 2013 até 2019 todo ano a gente levava o tanque, que lá era uma operação cem por cento NAUI. Então, ali era uma... uma base legal de apresentar o mergulho através do batismo — *Discovery* — para pessoas que não eram mergulhadores. Então a gente tinha uma pequena oportunidade de maneira organizada de levar muita gente para mergulhar.” (Jornada, entrevista concedida à autora em 22/11/2023).

Pela certificadora NAUI, levou pessoas para fazer o mergulho batismo no evento *Quinquagésima Semana Internacional da Vela*, em Ilhabela (SP). “Então, foi um negócio bem legal estar com a equipe lá em Ilhabela, na *Semana da Vela* e levamos quase setecentas pessoas para fazer *Discovery*.” (Jornada, entrevista concedida à autora em 22/11/2023).

Também atuou na Polícia Científica do Estado de São Paulo, como perito criminal, entre junho de 2002 e setembro de 2017. Com o tempo, consolidou parcerias com instituições de ensino superior e passou a organizar cursos, treinamentos e registros oficiais da certificadora NAUI no Brasil.

Inicialmente praticante da caça submarina, abandonou essa atividade: “faz mais de quinze anos que eu não faço mais a caça submarina. Até porque pela incompatibilidade, acaba ficando incompatível [...] eu não pratico mais há muito tempo” (Jornada, entrevista concedida à autora em 22 nov. 2023). Suas preferências voltaram-se para a Arqueologia, o mergulho em cavernas e a formação de mergulhadores: “Arqueologia, caverna, formar mergulhador eu gosto [...] A pesquisa, sabe? Isso aí é um negócio muito bacana” (Jornada, entrevista concedida à autora em 22 nov. 2023).

A propósito, sua trajetória inclui ampla participação em projetos científicos, especialmente em Arqueologia Subaquática. Em 1998, colaborou com o professor Gilson Rambelli na tese *Arqueologia Subaquática em Cananéia*. Em meados dos anos 2000, atuou como mergulhador no sítio submerso do Galeão Sacramento (BA), em apoio à tese de Beatriz Brito de Ferreira Bandeira, pela Universidade Federal de Sergipe. Em 2006, auxiliou Gilson Rambelli na pesquisa *Arqueologia Subaquática de um Navio Negreiro*, financiada pela FAPESP. Em 2008, participou da dissertação de Ricardo dos Santos Guimarães, na USP, sobre a enseada da Praia do Farol da Ilha do Bom Abrigo (SP).

Também participou de expedições internacionais, incluindo trabalhos em Portugal, e integrou, em Angra dos Reis (RJ), o projeto do Instituto *Smithsonian* e da Universidade George Washington sobre naufrágios de navios negreiros: “assim como outra área que eu sou bem especializado, já tive expedições fora do Brasil, várias: a Arqueologia Subaquática, sou muito envolvido pela Arqueologia Subaquática” (Jornada, entrevista concedida à autora em 22 nov. 2023).

Em 2023, articulava a realização de treinamentos com *rebreathers* junto ao Centro de Biologia Marinha da USP, voltados a pesquisas profundas envolvendo mergulhadores brasileiros e estrangeiros vinculados à NAUI. Jornada também atuou em operações de busca e de resgate junto a instituições militares, incluindo o Corpo de Bombeiros do Estado de Santa Catarina, a Marinha Brasileira, o Exército e a Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). A combinação entre mergulho técnico, recreativo e científico ampliou os usos possíveis do mergulho autônomo no Brasil.

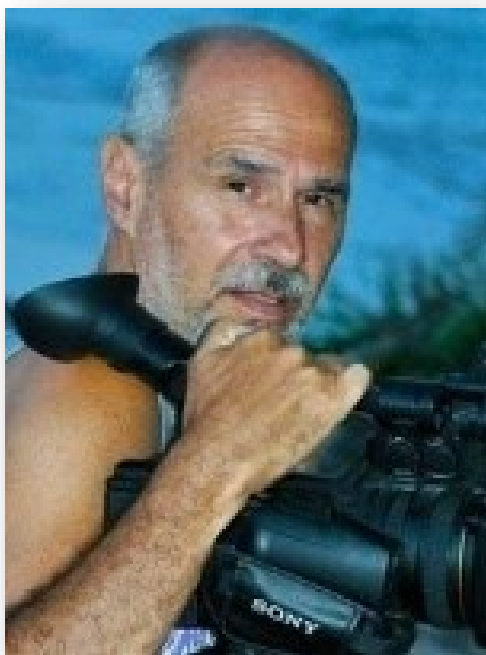
Para ele, a formação de mergulhadores é uma grande responsabilidade: “Se você não formar bem o cara, você está dando uma arma na mão dele para se matar”, afirma Jornada em entrevista de 22 de novembro de 2023. Sua paixão pela água é evidente: “Tem gente que gosta, mas eu adoro, a água para mim é tudo”, declarou na mesma ocasião.

Na data da entrevista, residia em Jundiaí (SP), onde dirigia a escola Jornada Sub Mergulho e presidia a NAUI *Service Center* Mercosul, mantendo-se à frente de certificações, de parcerias institucionais e de ações de educação e pesquisa no mergulho brasileiro.

Nome	Conhecido (a) como	Data da(s) entrevista(s) e visita (s)	Online (O) Presencial (P) Visita (V)
Sergio Costa	Sergio Costa	1 fev. 2022 7 fev. 2022 17 ago. 2022 30/08/2022	O O O V
Lucia Helena Monteiro Sodré	Lucia Sodré	14 fev. 2023	O
Maurício Carvalho	Maurício Carvalho	12 fev. 2022 23 ago. 2022 3 dez. 2022	O O V
Marcus Werneck	Werneck	9 dez. 2022	P
Randal Fonseca	Randal	14 fev. 2022 15 fev. 2022 14 abr. 2022 27 ago. 2022	O O O V
Leonora Fritzsche	Lola	5 fev. 2022 16 fev. 2022 3 dez. 2022	O O V
Eduardo Paim Bracony	Bracony	8 dez. 2022	P
João Carlos Pompeu da Silva	Tatalo	10 dez. 2022	P
Sandderson Pimentel de Barros	Sandderson Barros	13 fev. 2023	O

Fonte: elaboração da autora, 2025.

Retrato 10 – Sergio Costa



Fonte: acervo pessoal de Sergio Costa (s./d.).

Nascido em 2 de abril de 1953, em uma comunidade italiana em Alexandria, Egito, Sergio Costa é um dos pioneiros do mergulho autônomo recreativo no estado do Rio de Janeiro. Mudou-se com a família para a Itália, em 1960, aos sete anos de idade. Foi certificado como mergulhador pela Federação Italiana de Mergulho a partir de 1968, na Itália. Em 1969, ingressou na escola técnica para piloto civil. Em 1973, entrou para a Academia Militar da Força Aérea Italiana. Em 1975, foi certificado como mergulhador profissional na escola de mergulho Marco Polo, em Roma, na Itália. Veio para o Brasil em 1977, onde atuou como mergulhador profissional em plataforma petrolífera na Bacia de Campos, e em seguida, como supervisor de mergulho profundo pela empresa *Tecnosub*, especializada em plataformas de perfuração de petróleo.

Em 1979, Sergio Costa, em parceria com Patrizia Borla, cofundou a YG – Centro de Atividades Subaquáticas no Rio de Janeiro.

Em 1982 Sergio Costa funda a revista Mergulhar: a descoberta do mar.

Em 1984, Sergio deu um novo passo, estabelecendo a operadora e escola Ponto Mar em Búzios, em sociedade com os italianos Carlo Paggani, Germano Preichardt e Marco Rossi.

Em 1984 a Ponto Mar manteve uma base em Caravelas (BA), com atividades no arquipélago de Abrolhos.

Entre novembro e dezembro do mesmo ano, a Ponto Mar foi transferida para o Rio de Janeiro. Em 1985 a escola YG deixa de existir e absorve a Ponto Mar da Revista Mergulhar.

Ao longo de sua carreira, Sergio Costa formou mais de 4.000 mergulhadores e dezenas de instrutores, deixando um legado significativo no mergulho brasileiro.

Sócio-fundador da ABMA e vice-presidente desta Associação a partir de 1985. Em 1986, tornou-se sócio de Vanessa Camilo, em uma filial da escola Ponto Mar, instalada em Belo Horizonte (MG), que deu origem à atual MarAmar, a primeira escola de mergulho do estado de Minas Gerais. Promotor e organizador da primeira Exposição de Equipamentos e Serviços de Mergulho Amador (Exposub), realizada em São Paulo, em 1988. Idealizador e promotor das três edições do evento SUBAQUA: Exposição de equipamentos, serviços de mergulho amador e do Festival de imagem submarina – realizadas em 1994, em São Paulo (SP), e em 1995 e 1996, no Rio de Janeiro (RJ). Foi diretor do departamento comercial da revista *SCUBA*, de 1999 a 2001.

Ele também expandiu sua atuação para a mídia especializada, tornando-se sócio-proprietário e editor da revista *Sub*, que foi lançada em 1992 e permaneceu ativa até 1996.

Sua influência no setor continuou, pois entre 1999 e 2001, ele atuou como diretor do departamento comercial da revista *SCUBA*. Essa vivência permitiu-lhe produzir uma extensa gama de reportagens em diversas localidades.

Ao longo do litoral brasileiro, suas matérias abrangeram lugares como as águas de Fernando de Noronha, Natal e Maragogi, passando pela biodiversidade de Salvador, Abrolhos e Porto Seguro. Explorou destinos populares, como Guarapari, Búzios, Cabo Frio, Arraial do Cabo, Rio de Janeiro e Angra dos Reis, além das formações rochosas de Alcatrazes e Laje de Santos, e as belezas do Sul, incluindo Florianópolis, Bombinhas e Torres, Lagoa dos Patos. No interior do Brasil, suas reportagens mergulharam nas cavernas de Bonito, na Caverna dos Ecos e no Buraco do Inferno, que fica em Goiás, além dos rios e das cavernas da Chapada Diamantina. Internacionalmente, sua busca por histórias o levou a realizar reportagens em locais como a Flórida, Curaçao, Bonaire, Ilha da Madeira, Açores e no Mar Vermelho.

Ao longo de sua vida, o mergulho orientou escolhas e decisões.

Ah [...] para mim foi a minha razão de vida, a minha [...] Eu estou te falando, eu não seria o que eu sou hoje se eu não tivesse tido mergulho na minha vida e vice-versa. Quer dizer, não teria sido possível não ter o mergulho na minha vida, porque eu era já [...] eu desisti de coisas por querer mergulhar. Eu te contei da história da Academia Militar que eu estava, quer dizer, eu desisti porque eu falei: é aquilo que eu quero, eu quero estar debaixo d'água, não quero estar aqui. Então, eu tomei decisões muito sérias e importantes na minha

vida só por causa disso. Só por causa disso” (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 17 ago. 2022).

Na data da entrevista, Sergio Costa vivia em São Luiz do Paraitinga, no estado de São Paulo, trabalhando como produtor audiovisual do setor de turismo.

Retrato 11 – Lucia Helena Monteiro Sodré



Fonte: acervo pessoal de Lucia Helena Monteiro Sodré (s./d.).

Nascida em 3 de dezembro de 1964, na cidade do Rio de Janeiro (RJ), Lucia Helena Monteiro Sodré é uma das pioneiras do mergulho autônomo recreativo no estado do Rio de Janeiro. Em sua infância, frequentava o hospital em que seu pai trabalhava, e lá interagia com crianças com deficiência em tratamento, denotando o seu primeiro contato com a temática.

Uma paixão desde criança, meu pai amava o mar, minha mãe também amava o mar. Meu pai, inclusive, gostava de fazer barquinhos de madeira, ele tinha uma oficina em casa, ele pintava, ele tinha muitas habilidades, assim, manuais, artísticas e ele fazia barcos de madeira. Ele chegou a fazer um barco mesmo – um barco – colocar na Lagoa Rodrigo de Freitas, isso antes dele casar e conhecer a minha mãe. E minha mãe, ela nasceu no interior, em uma fazenda. Ela sempre amou, era apaixonada pelo mar. Então, desde pequenininha eu estava no mar, em contato com o mar (Lucia Sodré, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023).

Sua primeira experiência com as atividades aquáticas ocorreu na Praia do Arpoador, onde nadava com sua mãe: “o fundo do mar se apresentou para mim aos quatorze anos, que eu me encantei, que eu ia nadar na praia com a minha mãe e comecei a ver, abrir os olhos e ver cardumes de peixe aqui em Ipanema, no Arpoador” (Lucia Sodré, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023).

Segundo ela, “primeiro foi abrir os olhos sem nada, porque eu percebia – eu em pé – que estava cheio de peixes, aí eu afundava a cabeça para olhar. E eu falei: ‘Nossa! Está cheio de peixes aqui!’ E aí, minha mãe me deu um óculos de natação e aí depois me deu a primeira máscara” (Lucia Sodré, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023).

Ainda aos quatorze anos, realizou com um amigo o curso de Mergulho Livre, ministrado por um professor de biologia, oportunidade que serviu para reafirmar a paixão pelo mergulho.

Na enseada de Angra dos Reis, Lucia Sodré e seu amigo Moisés tiveram experiências de aprendizado de técnicas de mergulho com um caçador submarino. Lucia relata que, mesmo sem ter o curso de Mergulho Livre, esse caçador ensinou a eles as técnicas de equalização: "Esse caçador, que sempre estava lá em Angra dos Reis, nessa enseada, ele mergulhava lá perto, era um grupo de jovens adolescentes e ele adorava ensinar, a gente mergulhava assim com ele e ficava perto dele", conta Lucia Sodré, em entrevista de 14 de fevereiro de 2023. Foi nesse ambiente que ela conseguiu, de fato, descer pela primeira vez nas águas do Rio de Janeiro, na enseada de Angra dos Reis, onde se encantou com a vida marinha. A visão de grandes e coloridas estrelas-do-mar a fez desejar permanecer submersa: "Eu falei: 'Nossa! Eu quero ficar lá embaixo, eu não quero ficar descendo e subindo, não é?'" (Lucia Sodré, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023).

Em 1981, iniciou as atividades de mergulho como aluna de Sergio Costa, a partir na escola YG – Centro de Atividades Subaquáticas, por meio do curso de Mergulho Autônomo com cilindro. Ela traz memórias desse período:

Aí que me deu uma vontade enorme de fazer um curso de mergulho. Só que na época não podia menores de dezesseis anos fazer o curso de mergulho. Aí, quando eu fiz dezesseis anos, eu e esse amigo descobrimos a escola do Sergio Costa, para eu poder fazer o curso de Mergulho Autônomo com o cilindro, que era meu sonho desde os quatorze anos (Lucia Sodré, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023).

Em 1982, completou o curso de Mergulho Avançado, mediante autorização de sua mãe, pois ainda era menor de idade. Essa formação permitiu que atuasse na escola YG e, posteriormente, na escola e operadora de mergulho Ponto Mar, em Búzios (RJ).

Iniciou sua graduação em Educação Física em 1984, pela Universidade Gama Filho, buscando, desde então, mesclar os temas da área com a prática adaptada. Concluiu a licenciatura plena em 1988, e em 1989, realizou Pós-Graduação em Educação Física Adaptada pela Universidade Castelo Branco. Em 1991, formou-se como instrutora pela certificadora PDIC e organizou o primeiro Curso de Mergulho Adaptado da HSA no Brasil, com a participação do

fundador da certificadora, Jim Gatacre, e colaboração de Marcus Werneck: “foi um parto! Aí, eu esperei oito meses para poder organizar. Eu organizei, Werneck me ajudou com os instrutores, aí eu organizei toda a outra parte, para eu fazer o curso e organizar o primeiro curso no Brasil” (Lucia Sodré, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023).

Nessa ocasião, concluiu a formação como instrutora da *Handicapped Scuba Association* (HSA), voltada para o ensino do mergulho a pessoas com deficiência.

Por quê? Porque a HSA, que é uma certificadora ímpar, com essa história no planeta Terra junto às demais certificadoras, nunca perdeu os valores de referência humanos, os valores do que é educação, formação de um mergulhador. Então, há muitos anos que eu só sou ativa à HSA. Então, se eu quiser formar uma pessoa sem deficiência, será também, pela HSA, que é o nível ‘A’ no caso, não é? Então, assim, eu admiro muito essa preservação, honrar tudo isso, não só a história de desbravamento, de ter implantado isso no planeta Terra, no mundo. Naquela época, nenhum barco queria levar pessoas com deficiência. O Jim pegou a fase da segregação na década anterior. Estados Unidos? Nem em restaurante você entrava! Então, assim, o Jim realmente, ele é assim um [...] verdadeiramente um desbravador, não é? Falavam para ele, e olha que estava lá em um país desenvolvido, o que eu ouvi aqui no Brasil ele ouvia lá: ‘Você vai fazer uma certificadora? Uma instituição de mergulho para essas pessoas? Isso não vai à frente!’, não é? Assim. E o trabalho aqui no Brasil, não é?” (Lucia Sodré, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023).

De 1992 a 1993, trabalhou na escola e operadora de mergulho Casamar, em Búzios (RJ), com Marco Aurélio Mattes Dias (“Kupeu”), ministrando cursos de mergulho convencional e adaptado. Ainda em 1992, passou a lecionar no Centro Universitário da Cidade (Nuno Lisboa/UniverCidade), onde seguiu atuando como docente na disciplina Educação Física Adaptada. Em 1998, tornou-se Diretora de Curso da HSA no Brasil, sendo a representante exclusiva da certificadora no País. Entre 2002 e 2009, coordenou o setor de Educação Física Adaptada da Vila Olímpica Mestre André, localizada em Padre Miguel (Vila Vintém), projeto da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer do Rio de Janeiro. Em 2007, defendeu sua dissertação de mestrado em Educação Física na Universidade Gama Filho, com o título *Mergulho autônomo recreativo adaptado: uma opção de lazer e aventura*. Foi membro e delegada da Sociedade Brasileira de Atividade Motora Adaptada (SOBAMA).

Como instrutora de mergulho e representante voluntária da HSA, promoveu a formação de mergulhadores, companheiros de mergulho e instrutores com deficiência.

Foi maravilhoso! Era um curso que nós aprendíamos tudo o que é necessário para uma pessoa ter autonomia, independência, com segurança e com zelo, não é? O respeito à natureza, aos seres da natureza, do mundo marinho [...]

uma formação completa, teórica, prática. [...] com uma educação, uma visão, assim, integral de interação com o meio ambiente (Lucia Sodré, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023).

Ao longo de sua trajetória, a relação com o mar passou a adquirir sentidos mais profundos.

Quando a gente está no fundo do mar, para mim – estou falando [enquanto] Lucia – já ouvi pessoas dizerem isso, outros não, outros não [se] sentem assim, não é? Mas eu sinto. É como se fosse para mim, assim, um desdobramento, o meu espírito sai do corpo, mais ou menos assim. É uma expansão de alegria e de conexão [...] com esse sagrado. Não tem como eu estar no fundo do mar e não estar vendo materializado na minha frente a criação, deus, o universo, não é? Isso me emociona muito [...] O mar é a minha alma. Eu me sinto conectada [...] a uma espiritualidade superior. A força do oceano, essa magnitude, é intensa assim! (Lucia Sodré, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023).

Na data da entrevista, vivia no Rio de Janeiro (RJ), como instrutora de mergulho da HSA e representante da HSA Brasil.

Retrato 12 – Maurício Carvalho



Fonte: acervo pessoal de Maurício Carvalho (s./d.).

Nascido na cidade do Rio de Janeiro (RJ), Maurício Carvalho está entre os pioneiros do mergulho autônomo recreativo no estado do Rio de Janeiro. Mudou-se para Brasília em 1968, aos nove anos de idade. Desde muito cedo, já se interessava pelo “mundo” subaquático, acompanhando regularmente programas de televisão como *Flipper* e *Aventura Submarina*. Frequentou praias com a família na infância e certa vez, esteve em um aquário em São Paulo, onde pôde observar golfinhos e outros seres aquáticos.

Essa fascinação pelas águas desenrolou-se lentamente desde a infância, como parte constante de seu imaginário: “eu sempre tive uma atração muito grande pelo fundo do mar. E essa atração foi crescendo mais ou menos até eu ter uns quinze anos, quando, aí, eu pude começar a atividade de mergulho” (Maurício Carvalho, em entrevista cedida à autora em 12 fev. 2022).

Quando questionado sobre sua aproximação com a prática do mergulho autônomo recreativo, Maurício dá um destaque sobre suas experiências na infância com o meio subaquático:

Bom, como eu falei: assim, eu mesmo não sei te dizer. Eu não me lembro de quando eu não fui apaixonado pelo fundo do mar, entendeu? É como se isso tivesse feito parte de toda a minha infância. Eu sempre tive uma atração muito grande por qualquer imagem submarina, por qualquer coisa que envolvesse o

fundo do mar (Maurício Carvalho, em entrevista cedida à autora em 12 fev. 2022).

Por volta dos quinze anos de idade, conheceu a escola e operadora de mergulho YG — Centro de Atividades Subaquáticas, de Sergio Costa. Em 1980, deslocou-se para o Rio de Janeiro (RJ), onde se certificou em um curso de mergulho oferecido pela YG.

Posteriormente, retornou para Brasília, onde cursou a faculdade de Biologia da Universidade de Brasília (UnB), e durante uma das aulas, foi convidado por um colega de classe a visitar o Espeleo Grupo de Brasília. Derivado dessa primeira experiência, em associação com entusiastas da espeleologia, foi um dos fundadores do Grupo de Resgate e Exploração de Cavernas (GREC), em Brasília, por intermédio do qual realizavam expedições em cavernas secas, e a parte de mergulho, em cavernas lideradas por Maurício Carvalho. Por meio do grupo, promoveu a espeleologia — em colaboração com seu antigo instrutor, Sergio Costa — na Gruta dos Ecos, na Gruta das Andorinhas e no Buraco do Inferno — todas no estado de Goiás —, em matérias publicadas na revista *Mergulhar*. No Buraco do Inferno, Maurício Carvalho percebeu a presença de peixes e de tartarugas, apesar da localização do lago no alto de um morro. Como biólogo, iniciou um projeto pela UnB, que culminou na descrição de duas novas espécies.

No fim da década de 1980, trabalhou em uma loja de equipamentos de mergulho chamada *Squalo*, na Barra da Tijuca (RJ), o que o levou a aprofundar o interesse pelos equipamentos. Após a faculdade, envolveu-se com a temática dos naufrágios, devido a uma necessidade acadêmica de entender o surgimento de vida marinha nos recifes artificiais. Percebendo a escassa exploração dos naufrágios da cidade do Rio de Janeiro, passou a interessar-se e a aprofundar-se cada vez mais nas pesquisas sobre naufrágios. Por meio de suas experiências com o mergulho em caverna, realizou projetos pela Universidade de Brasília como biólogo.

Com a vinda da certificadora de mergulho PDIC, por intermédio de Marcus Werneck, Maurício Carvalho foi chamado para dar cursos de instrução para mergulhadores em caverna, tornando-se um dos primeiros instrutores de mergulho da certificadora, em uma época em que essa categoria de mergulho estava em fase embrionária. Foi instrutor de todos os cursos de especialidades pelo método da certificadora PDIC: manutenção de equipamentos, multinível e computadores de mergulho, *rescue*, naufrágio, identificação de seres marinhos, *over head*, nitrox, *dive supervisor*, assistente de instrutor e instrutor.

Com o tempo, aprimorou-se nas incursões em naufrágio, e resolveu dedicar-se à atuação como professor dessa atividade. Em 1995 criou, com Carlos Arruda Accioly, o Sistema de

Informações de Naufrágio (SINAU), um programa de sistema aberto à contribuição de interessados para o registro e a catalogação de naufrágios do Brasil, com informações detalhadas sobre o local e o objeto de estudo; dados técnicos; referências e tipos de embarcações.

Em 1998, criou seu blog, *Naufrágios do Brasil*, que possui um acervo de naufrágios; bibliografias sobre mergulho em cavernas; galerias de fotografias; informações sobre naufrágios; divulgação de cursos ministrados por ele, relacionados ao mergulho e ao SINAU.

Ao longo de sua trajetória, os naufrágios ganhavam um sentido especial: "olha, eu acho que os naufrágios, eles têm aquele 'o quê' de tesouro da infância — o tesouro perdido da infância — e ele desperta mais a curiosidade nas pessoas" (Maurício Carvalho, entrevista concedida à autora em 23 ago. 2022).

Foi mergulhador técnico, instrutor de mergulho técnico e de *Trimix* pela certificadora de mergulho IANTD, a partir de 1998; instrutor de mergulho e instrutor especialista em naufrágios pela certificadora de mergulho PADI, a partir de 2004; primeiro instrutor regular da cidade de Brasília, no Distrito Federal; participou do desenvolvimento do mergulho em cavernas e em naufrágios no Brasil; auxiliou na trajetória da PDIC — Brasil, por meio do ensino e da escrita de materiais pedagógicos da certificadora, dentre os quais: *Manual de mergulho: técnicas avançadas* (1993); *Manual de Mergulho: advanced open water* (1993); *Manual de mergulho em naufrágio* (1994); *Manual de mergulho: marine life* (1999); *Manual de snorkeling* (2001); *Manual de dive supervisor* (2002).

Publicou artigos em todas as revistas de mergulho brasileiras, com coluna regular nas revistas *Mergulhar*, *Sub* e *Mergulho*, além de matérias avulsas na revista *SCUBA* e na revista *Vela & Motor*, de náutica.

Durante quatro décadas, manteve intensa atividade de identificação, de localização e de mapeamento de naufrágios, participando da descoberta de embarcações como: Piraúna, Rio Macahuã, Bezerra de Menezes, Rio de Janeiro, Comandante Manuel Lourenço Moreno, Highland Scott, Chuck, Harlingen, Galgo Workman (RJ), Guanabara (ES), São Salvador, Paraná, Black Adder, Vapor da Jequitaiá (BA), Santa Catharina, Rosalinda, Guadiana (Abrolhos), Eliane, Maria Stathatus e Alystone (Fernando de Noronha), Margaritte, Pirapama, Vapor dos 48 (Jaguaribe), Alice (PB) e Glenlogan (CE).

Esse percurso também consolidou uma relação íntima com o mar, descrita por ele com precisão: "essa é uma pergunta fácil de responder. Geralmente, é o lugar onde a 'alma encaixa no corpo'. A gente vai 'apanhando' tanto no dia a dia que parece que a alma às vezes quer sair

e ir embora. E quando eu vou para o fundo do mar, ela volta e encaixa outra vez" (Maurício Carvalho, entrevista concedida à autora em 23 ago. 2022).

Na data da realização da entrevista, vivia no Rio de Janeiro (RJ), atuando como instrutor de cursos de equipamentos e de mergulho em naufrágio, com mais de mil e oitocentos alunos formados em mergulho em naufrágio.

Retrato 13 – Marcus Werneck



Fonte: acervo pessoal de Marcus Werneck (s./d.).

Nascido em 7 de outubro de 1966, na cidade do Rio de Janeiro (RJ), Marcus Werneck é um dos pioneiros do mergulho autônomo recreativo no estado do Rio de Janeiro. Teve seu primeiro contato com o mar na infância, em viagens à cidade litorânea de Cabo Frio, onde praticava mergulho em apneia e caça submarina. Assistia também a programas televisivos sobre o ambiente subaquático e práticas desportivas.

Eu sempre tive interesse no mar, em pescaria com meu pai, em filme do Mike Nelson, não é? E ali também não tinha jeito, a gente tinha um apartamento na frente do canal, então, a coisa da pescaria, do mergulho, sempre me atraiu. Eu nunca fui atraído pelo surfe, por exemplo, mas pela questão do mergulho, desde a história de criança lá, desde o Mike Nelson, eu sempre fui atraído, sempre me motivava aquilo (Marcus Werneck, entrevista concedida à autora em 9 dez. 2022).

No início da década de 1980, conheceu a escola e operadora de mergulho YG — Centro de Atividades Subaquáticas, onde se certificou e passou a atuar como monitor, além de colaborar com a revista *Mergulhar*.

E aí, eu me tornei monitor da escola, instrutor da escola, ajudei ele na revista *Mergulhar*. E no meio disso, eu fui me desmotivando pela engenharia, pela universidade. E era muito mais divertido ser instrutor de mergulho do YG e

trabalhar na revista *Mergulhar*; viajar; tirar fotos; ser consultor técnico da revista (Marcus Werneck, entrevista concedida à autora em 9 dez. 2022).

Por volta dos dezenove anos de idade, viajou para as Ilhas Virgens Americanas, no Caribe, onde se certificou como *divemaster* pela PADI e como *instructor-trainer* pela PDIC.

[...] eu fui para as Ilhas Virgens Americanas, onde minha mãe trabalhava na HStern, ela tinha alguns contatos com alguns amigos que me receberam lá. Eu trabalhei em operadoras de mergulho, fiz cursos das certificadoras, fiz curso de Divemaster PADI, fiz até o nível de *instructor-trainer* da PDIC, que era uma certificadora pequena, não é [...] nos Estados Unidos (Marcus Werneck, entrevista concedida à autora em 9 dez. 2022).

Em 1989, trouxe a certificadora PDIC para o Brasil, de quem passou a ser representante oficial, tornando-a a primeira certificadora internacional com atuação exclusiva no mergulho autônomo recreativo no País. Essa iniciativa favoreceu a posterior entrada de outras certificadoras e permitiu que mergulhadores brasileiros fossem reconhecidos em agências internacionais.

Junto de mergulhadores como Marco Aurélio Mattes Dias (“Kupeu”), Maurício Carvalho e Maurício Henriques, contribuiu para a difusão de categorias diversas de mergulho, incluindo modalidades até então inéditas no Brasil, como mergulho em caverna e em naufrágio. “E, quando eu voltei para o Brasil, eu resolvi que a gente ia implementar a PDIC aqui. Não existia nenhuma certificadora no Brasil. Já existiam alguns instrutores PADI em São Paulo, mas não existia: não existia material didático, não existia apoio” (Marcus Werneck, entrevista concedida à autora em 9 dez. 2022).

Durante o período em que atuou como representante da PDIC no Brasil, foi autor de diversos manuais voltados à formação de mergulhadores e de instrutores, todos publicados pela certificadora: *Manual de mergulho open water* (1990); *Manual de mergulho dive supervisor* (2000); *Manual de mergulho instrutor* (2000); *Manual de mergulho tektrimix* (2000); e *Manual de mergulho rescue diver* (2004).

Em 1991, realizou a intermediação entre a certificadora norte-americana HSA e a mergulhadora Lucia Sodré, a fim de que ela se certificasse para ministrar o primeiro curso de Mergulho Adaptado no Brasil. Após a realização do curso, em agosto, organizou, em novembro do mesmo ano, uma viagem à ilha de Fiji, onde participou, junto de Lucia Sodré, Sergio Costa e Jim Gatacre, da produção de um documentário da HSA sobre mergulho para pessoas com deficiência e preservação de corais.

A partir da atuação com a PDIC, formulou a filosofia de ensino conhecida como ARRASO, cuja proposta buscava integrar aspectos técnicos e pedagógicos à formação ética do mergulhador e de seus instrutores. Entre os anos de 2008 e 2009, afastou-se da PDIC, mas continuou lecionando mergulho técnico e mergulho em caverna de forma independente, ao mesmo tempo em que iniciou uma transição de carreira para o mercado financeiro: “eu continuei instrutor de UI, instrutor de mergulho técnico. Eu ainda dava curso de Caverna, curso de Mergulho Técnico no Brasil e pelo mundo, mas eu comecei a fazer uma transição de carreira para o mercado financeiro” (Marcus Werneck, entrevista concedida à autora em 9 dez. 2022).

Em 2010, passou a atuar como consultor de *marketing* e desenvolvimento de produtos na loja *Fun Dive*, onde permaneceu até 2016: “em 2010, 2012, além de dar esses cursos durante essa transição, eu trabalhei também como consultor de desenvolvimento de produtos e de marketing da *Fun Dive*. Foi muito importante para mim, para essa transição” (Marcus Werneck, entrevista concedida à autora em 9 dez. 2022).

Contribuiu para o crescimento do mergulho autônomo recreativo a partir de múltiplos papéis: como colaborador da revista *Mergulhar*; instrutor e formador de mergulhadores técnicos; autor de manuais didáticos; introdutor da PDIC no Brasil; e formulador da filosofia ARRASO.

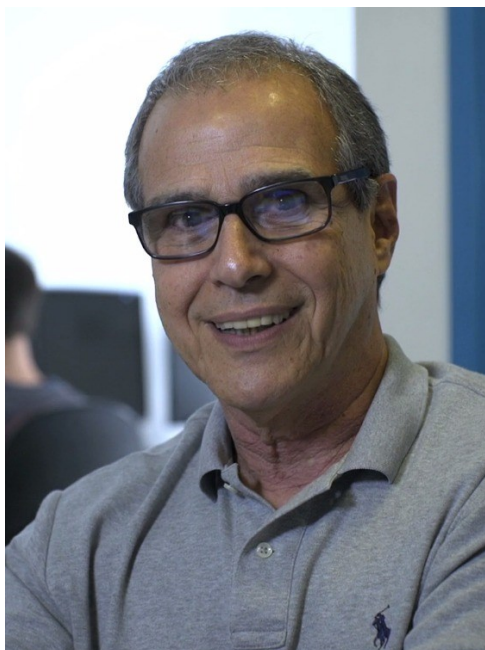
Então, é muito do que você pode deixar de contribuição para as pessoas, não é? E eu te garanto que, ‘sei lá’, cem por cento dos instrutores de mergulho que você conversar tem alguma história em que, mesmo que ele não seja consciente, ele ajudou muito alguém no desenvolvimento pessoal. Em olhar o mundo, olhar as suas atitudes de forma diferente, não é? A pensar em você mesmo. O mergulho, para mim, é uma das maiores ferramentas para isso. E é isso que no final das contas a gente leva da atividade. É o que eu sempre [...] Eu, por exemplo, eu sempre gostei muito mais de ser instrutor do desenvolvimento pessoal até do que do contemplativo. Tem muita gente que: ‘Você é maluco? E tal e não sei o quê’, mas era o que me movia. De repente até por isso que eu levei tanto tempo essa bandeira (Marcus Werneck, entrevista concedida à autora em 9 dez. 2022).

Sobre as motivações que levam as pessoas a buscarem pelo mergulho, considerou:

o ponto é que, eu diria para você que a grande maioria das pessoas que vem procurar o mergulho, ela vem para o contemplativo, ela vem pelo escapismo, ela vem pelo mundo novo. Ela não tem noção que o mergulho pode ser uma grande ferramenta de desenvolvimento pessoal. Então, se ela não tiver um guia, um orientador, um motivador — que é o seu instrutor de mergulho — que pense essa filosofia, provavelmente ela não vai alcançar isso ou não vai perceber isso (Marcus Werneck, entrevista concedida à autora em 09 dez. 2022).

Na data da realização da entrevista, vivia no Rio de Janeiro (RJ), afastado da atividade de mergulho, atuando como consultor de investimentos financeiros nas empresas *Menthor Investimentos* e *Workey*.

Retrato 14 – Randal Fonseca



Fonte: acervo pessoal de Randal Fonseca (s./d.).

Nascido em junho de 1948, na cidade de Santos (SP), Randal Fonseca é um dos pioneiros do mergulho autônomo recreativo no estado do Rio de Janeiro. Teve seu primeiro contato com as atividades aquáticas/com o mar por meio da natação, competindo, na infância, pelo Clube Internacional de Regatas de Santos. Seu pai era remador esportivo e competia pelo Clube Regatas do Flamengo, antes de conhecer sua esposa — mãe de Randal —, e após se mudar para Santos, passou a frequentar os clubes de Santos para dar continuidade à sua atividade, e levou o filho para praticar a natação.

Randal Fonseca, então, passou a competir pelo clube, aproximando-se cada vez mais do ambiente aquático. Foi aluno de natação de Adalberto Mariani, considerado um dos nomes mais importantes da natação santista, sobre quem Randal Fonseca declara:

Então, nós devemos a ele não só a instrução de natação, mas também a instrução para a vida, porque ele nos protegia como crianças, não é [...] contra as adversidades que vinham — inclusive porque nós víamos depois, em relação à igreja, dos assédios com crianças, de professores — já “miudinho”, já ali com sete anos, oito anos de idade, ele nos alertava sobre esses perigos (Randal Fonseca, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2022).

Na década de 1970, por volta dos vinte e quatro anos de idade, começou a trabalhar como comissário de bordo, viajando internacionalmente pela companhia estadunidense *Braniff*

International Airways. Nessa atividade, conheceu o mar do Caribe, onde mergulhou pela primeira vez nos arquipélagos de Contadora e San Blas, no Panamá. Iniciou a prática do mergulho como autodidata, e ao deixar a aviação, foi aluno de Arduíno Colasanti, no Rio de Janeiro. Junto a Arduíno, Paulo Groff, Leonora Fritzsche (“Lola”) e um grupo de mergulhadores que se reunia no bairro da Urca, no Rio de Janeiro, deu início a uma série de ações importantes para organizar o mergulho comercial e o mergulho amador no País.

Inicialmente, o grupo abriu uma loja de aquários, chamada Aqua-Rio, a partir da qual desenvolveu uma série de outras ações para divulgar e ensinar o mergulho amador. Uma dessas iniciativas foi a criação da escola Mergulhão, fundada em sociedade com Flávio Vicenzetto e Arduíno Colasanti, e em parceria com Lola, em 1979, com o nome de Aqua-Rio — Centro de Atividades Subaquáticas, que funcionou na Rua da Gamboa, em Cabo Frio (RJ).

À frente da Aqua-Rio, protagonizou a organização de três edições do Ciclo de Debates para o Desenvolvimento do Mergulho Amador, que foi um momento considerável para a história do mergulho amador brasileiro. Randal Fonseca foi o principal organizador da primeira edição, em 1983, e nos anos 1984 e 1985 participou da organização junto a outras escolas e instituições, como a YG — Centro de Atividades Subaquáticas, agência produtora de eventos Bioinfor e a ABMA. Foi segundo vice-presidente da ABMA, em 1985, em uma chapa composta por Clovis Lee Mo como presidente e Sergio Costa como vice-presidente.

Em 1985, instalou o estaleiro Itajurú Tecnologia do Mar em Cabo Frio (RJ), onde atuou em reparos de navios durante um ano. No fim de 1985, tornou-se sócio de Russell Wid Coffin na escola e operadora de mergulho Águas Claras, em Fernando de Noronha, onde permaneceu até 1997. Randal Fonseca contou que o motivo de seu deslocamento para Fernando de Noronha estava intimamente relacionado ao convite que recebeu do historiador Marcio Werneck da Cunha para atuar como mergulhador-pesquisador em pesquisa arqueológica subaquática que visava a identificar, a partir de informações das cartas de Américo Vespúcio, uma Nau pertencente a ele. Sua participação na pesquisa foi realizada entre 1986 e 1992, e está publicada na obra *América*, de Américo de Marcio Werneck da Cunha. Randal relatou que a referida pesquisa foi a principal motivação para sua saída de Cabo Frio.

Eh [...] Eu saio de Cabo Frio para Noronha, em função do Américo Vespúcio, em função do Marcio Werneck. Em função de uma extensão que eu consegui com o Russell Coffin para usar a base da Águas Claras, que é dele. Ele falou: ‘Eu não vou deixar você ir para lá, a menos que você compre, porque eu preciso de alguém lá com vontade de fazer, porque as pessoas que estão lá não estão com a mesma determinação que você teria. Então, você me faz um plano de negócio e eu aprovo.’ Eu fiz um plano de negócios, ele falou: ‘Oh [...] Saiu

além das minhas expectativas (Randal Fonseca, entrevista concedida à autora em 15 fev. 2022).

Em Fernando de Noronha, em cumprimento ao seu acordo com Russel Coffin, Randal Fonseca apoiou, por meio da empresa Águas Claras, a criação do Comitê Pró-Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha, em 1986, proposta por Russel Coffin, além de muitas outras iniciativas em prol da natureza, como o Projeto Tamar (1987), e envolver-se em ações como *videomaker* e dublê subaquático para produções televisivas, como: série Riacho Doce, da Rede Globo de televisão; treinamento de membros do PARA-SAR Esquadrão Aeroterrestre de Salvamento da Força Aérea Brasileira; localização de vítimas e de destroços de um acidente aeronáutico envolvendo uma aeronave C-130 Hércules, em dezembro de 1988, em Fernando de Noronha.

Ainda em Fernando de Noronha, foi instrutor de mergulho pela operadora de mergulho Águas Claras, do presidente da República Federativa do Brasil em 1992, Fernando Affonso Collor de Mello e de seus filhos. Pelas ações junto ao PARA-SAR e aos cursos ministrados ao então presidente da república, conta ter recebido cartas de agradecimento: "[...] *tenho uma carta do Fernando Collor, tenho uma carta do pessoal do PARA-SAR, tenho uma carta do pessoal da Marinha, que sempre esteve bastante interessado nesses detalhes, nas sutilezas que não são ensinadas* (Randal Fonseca, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2022).

Randal elaborou apostilas e boletins informativos para as escolas Aqua-Rio e Águas Claras; curso Básico de Mergulho com Escafandro Autônomo (Uma Estrela) para a escola de mergulho Aqua-Rio/Mergulhão, com diagramação de Emerson Rossi e revisão de Arduíno Colasanti, em 1981; revisou o manual *O mergulho noturno* para a escola de mergulho Aqua-Rio/Mergulhão, escrito por Claudison Vasconcelos e diagramado por Emerson Rossi, no ano de 1983; em 1987, escreveu a apostila do curso de Iniciação — Mergulho Autônomo da escola Águas Claras.

Atualmente, Randal Fonseca é especialista na área de Emergências Médicas e Planos de Ações em Emergências, como instrutor pelo *National Safety Council* (NSC), dos Estados Unidos. Em 1994, fundou a Editora Randal Fonseca LTDA, voltada à publicação de obras técnicas sobre emergências médicas e primeiros socorros. Em 2017, publicou os livros *Suporte básico de vida para profissionais da saúde* e *Resgate e emergências complexas: gestão para resiliência*. Em 2022, lançou *Ensino de SBV: em tempo de pandemia; Reiteraões das diretrizes — primeiros socorros iLCOR — CoSTR — ERC 2020: novo first responder introdutório; O bem-estar do Socorrista — administração do estresse e bioproteção: novo first responder cap.*

2; *Aspectos éticos e legais da profissão de socorrista: novo first responder cap. 3; Primeiros socorros: para educadores; e RCP & DEA — Adulto: suporte básico de vida.*

Quanto à sua relação com o mergulho, Randal Fonseca destacou a importância do trabalho com essa atividade, quanto à observação atenta ao corpo e aos sinais deste:

[...] então, isso que eu estou lhe falando: quando você aprende a lidar com pessoas, você aprende a enxergar intercorrências, etiologias, que revelam problemas que a pessoa tem. [...] Se a sua aba de nariz remexer aqui não é normal, eu entendo que você está tendo uma dispneia, está tendo alguma dificuldade respiratória. Aí você faz igual “cachorrinho de caça”, assim, oh [...] Abrindo e fechando as narinas com os dedos] mexe as abas. Ou se o seu pescoço retrair, ou se você levantar o ombro. Então, tem várias formas que a pessoa comunica por uma linguagem não verbal aquilo que está se passando no organismo, não é? (Randal Fonseca, entrevista concedida à autora em 14 abr. 2022).

Quanto ao próprio corpo, Randal Fonseca considera que devido aos anos em que atuou diretamente com mergulho, suas percepções foram alteradas por força da experiência:

e essa vibração, esse plano vibracional, é o que é mais interessante que se mantém, que é a capacidade de você manter ao seu redor um nível de percepção que só o mergulho lhe dá. Porque: ele lhe tira o olfato; ele lhe tira a audição; ele lhe tira a visão; ele tira o paladar; ele lhe tira a forma de se locomover e ele coloca uma percepção sensorial que você tem que alimentar. Você alimenta essa percepção sensorial embaixo d’água e isso é o maior sentimento de gratificação que um ser humano pode ter. Que é quando você percebe as coisas em função de não ter visto e não ter ouvido, não ter sentido cheiro, mas você percebe (Randal Fonseca, em entrevista concedida à autora em 14 abr. 2022).

Na data das entrevistas, vivia em Bragança Paulista (SP), afastado profissionalmente do mergulho autônomo recreativo. Atuava como diretor da Editora Randal Fonseca LTDA; pesquisador-estagiário da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); e integrante do Projeto Arqueologia Subaquática do Arquipélago de São Pedro e São Paulo, realizado pelo Centro de Estudos de Arqueologia Náutica e Subaquática da Unicamp (Ceans), em parceria com o Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), o Oceanário de Pernambuco (ONG) e a Universidade Federal de Sergipe, sob a coordenação de Gilson Rambelli.

Retrato 15 – Leonora Fritzsche (Lola)



Fonte: acervo pessoal de Leonora Fritzsche (s./d.).

Nascida em 1954, na cidade de Porto Alegre (RS), Leonora Fritzsche, conhecida como Lola, é uma das pioneiras do mergulho autônomo recreativo no estado do Rio de Janeiro, para onde se mudou com a família ainda na infância. Sua primeira referência com o meio aquático foi a piscina do prédio onde morava com a mãe.

Em março de 1973, passou a trabalhar como comissária de bordo na companhia aérea *Braniff International*, onde permaneceu até 1979. Foi nessa época que conheceu o mergulho, por influência de amigos, especialmente Randal Fonseca, colega da aviação e mergulhador, com quem também manteve relacionamento.

Em 1978, deu seus primeiros passos no universo subaquático, realizando seu curso de mergulho na Marina da Glória, no Rio de Janeiro, sob a instrução de Arduíno Colasanti. A fim de aprimorar o ensino de mergulho no Brasil, aproveitou suas viagens internacionais para adquirir materiais das renomadas certificadoras PADI e NAUI, os quais foram cuidadosamente traduzidos, tornando-se um recurso para a formação de novos mergulhadores no País.

Em 1979, sua experiência e dedicação a levaram a integrar a equipe de instrutores da Aqua-Rio/Mergulhão. Essa escola e operadora de mergulho, fundada por Randal Fonseca,

Flávio Vicenzetto e Arduíno Colasanti, tinha sua sede na Rua da Gamboa, em Cabo Frio, no Rio de Janeiro, consolidando sua participação ativa no cenário do mergulho nacional.

Lola revelou sua admiração pela biodiversidade de Arraial do Cabo em uma entrevista concedida à autora em 5 de fevereiro de 2022, ao destacar um animal em particular: "É um polvinho que mora dentro de uma concha [...] eu trato como se fosse um cristal, só para me lembrar de tudo isso. Mas, eu fiquei encantada."

Sua conexão com o mar foi descrita em entrevista concedida à autora em 16 de fevereiro de 2022, quando afirmou que o oceano é seu lugar de preferência: "Agora, eu podendo estar lá, é o lugar que eu gosto [...] dá até para organizar a cabeça quando você está mergulhando [...] Nunca é igual, nunca é igual." (Lola, entrevista concedida à autora em 16 fev. 2022).

Para Lola, o ambiente subaquático é como explorar outro planeta: "Ah tudo, é como se você tivesse um outro planeta dentro deste planeta. Eu era encantada com tudo, com os bichos, com as formas de mexer, com, ah [...] É difícil dizer, não é?", explica ela em entrevista à autora, em 5 de fevereiro de 2022. Uma observação de sua irmã ressoa com Lola: "A minha irmã uma vez [...] fez uma observação que eu fiquei, assim, um tempo 'digerindo'. Ela falou assim: 'Oh [...] 'Lola', quando você olha o mar visto da praia, você não imagina o que tem tudo isso aqui embaixo, você só vai até o azul, o azul e as ondas, mais nada. Tem vento, não tem vento, o mar está 'bravo' e o mar está 'manso', mas quando você mergulha, aí sim você realmente descobre muita coisa.'"

Ainda em 1982, contribuiu com o lançamento do boletim informativo da Aqua-Rio/Mergulhão, com a colaboração dos sócios e diagramação de Emerson Rossi. Em 1985, participou da equipe de fotógrafos submarinos do documentário *Abrolhos: um mergulho na ciência*, dirigido por Roberto Faissal Júnior e produzido pela empresa Marsat Serviços Submarinos. Compunham a equipe Carlos Secchin, Roberto Faissal, Antônio Carlos Jacques, Arduíno Colasanti, Raul Cerqueira e a professora Zelinda Margarida de Andrade Nery Leão — cuja tese de doutorado, intitulada *Morfologia, geologia e história do desenvolvimento de recifes de corais do extremo sul do Atlântico Ocidental, Banco de Abrolhos, Brasil*, pela Universidade de Miami, nos Estados Unidos da América, sobre os recifes de Abrolhos, orientou o conteúdo científico do filme.

Sobre essa experiência, Lola relatou: "Nós fomos para Abrolhos juntas em uma expedição organizada pelo pessoal do Sindicato [...] era uma expedição para fazer um filme [...] baseado na tese dela da formação geológica de Abrolhos [...] Ela foi, vamos dizer assim, a minha inspiração" (Lola, entrevista concedida à autora em 16 fev. 2022).

Na segunda metade da década de 1980, acompanhou a fundação da escola e operadora de mergulho Águas Claras, criada por Russell Coffin, em Fernando de Noronha (PE). Em 1985, Randal Fonseca tornou-se sócio, enquanto Lola e Flávio Vicenzetto assumiram as operações da escola Aqua-Rio em Cabo Frio. Em 1996, recebeu o título de mergulhadora Platinum PRO 5000, concedido pela certificadora SSI, em reconhecimento à realização de mais de cinco mil mergulhos *Open Water*.

Com a saída de Randal Fonseca, em 1997, e de Russell Coffin no ano seguinte, Lola mudou-se definitivamente para Fernando de Noronha, assumindo a operação da empresa Águas Claras. Em 2001, vendeu sua parte da sociedade, mas permaneceu no arquipélago. Em 2002, fundou a empresa de filmagem subaquática *Hydrosphera* Produções, na qual permaneceu até 2013.

Sua trajetória na fotografia subaquática consolidou-a como a primeira mulher a atuar profissionalmente com imagem submarina no Brasil. Em suas palavras:

Eu fiz algumas filmagens para a TV Globo, para outras TVs. Frequentemente, quando vinham aqui, procuravam [...] mergulhei com a Claudia Leitte [...] com a Angélica em um episódio do Estrelas [...] fui para o Mar Vermelho com o Francisco José [...] filmei no Atol das Rocas uma nadadora que deu a volta no Atol (Lola, entrevista concedida à autora em 5 fev. 2022).

Comentando sobre o aprendizado proporcionado pelas imagens, Lola destacou: “Em Noronha, foi a primeira vez que eu vi [...] o peixe se revezando [...] em abanar a ova e manter ela aerada [...] comportamentos que eu mergulhei [por] anos em Cabo Frio e nunca tinha realmente observado” (Lola, entrevista concedida à autora em 16 fev. 2022).

Ela falou dos momentos mais impressionantes que viveu junto à vida marinha, da experiência de presenciar um fenômeno em que os cardumes evoluem em movimentos circulares: “são cardumes de sardinhas gigantesco [...] elas fazem isso também. E quando elas passam em cima, fica escuro embaixo [...] Eu já vi um turista parar e aplaudir [...] parece uma forma líquida de mercúrio [...] Golfinhos evoluíam no meio do cardume, era belíssimo” (Lola, entrevista concedida à autora em 16 fev. 2022).

Essa imprevisibilidade do ambiente subaquático, mesmo em um mesmo ponto de mergulho, é algo que a atrai. Sobre isso, ela comentou: “Mesmo assim tem surpresas [...] tem animais que aparecem e que você não via há algum tempo [...] coisas assim que eu gosto de observar e de comentar com as minhas colegas aqui, com as fotógrafas.” Lola compartilhou, inclusive, as particularidades do mergulho noturno: “Mas, no mergulho noturno é interessante

isso [...] ver os bichos dormindo [...] as tartarugas no meio das algas dormindo [...] muita coisa que você descobre." (Lola, entrevista concedida à autora em 16 fev. 2022).

Na data da entrevista, Lola vivia em Fernando de Noronha (PE), onde atuava como fotógrafa subaquática de forma independente.

Retrato 16 – Eduardo Paim Bracony



Fonte: CBPDS (2024).

Eduardo Paim Bracony nasceu em 3 de agosto de 1944, na cidade do Rio de Janeiro (RJ). Desde a infância, na década de 1950, teve contato com o mar por influência de seu pai, João José Bracony, advogado e atleta olímpico de vela, que participou das Olimpíadas de Londres de 1948 como membro da equipe Los Matadores, do Clube dos Marimbás. Foi nesse contexto familiar que iniciou a prática da pesca submarina — o que marcaria a sua trajetória.

Em 1974, concluiu o curso de Direito pela Universidade Estácio de Sá, e passou a atuar como advogado. No mesmo ano, em 17 de julho, fundou o Clube Barracudas, sediado em sua própria residência, na Urca, bairro da zona sul do Rio de Janeiro. A partir dessa estrutura, em 1980, a CBPDS associou-se à *Confederação Mundial de Atividades Subaquáticas (CMAS)*, por meio da qual Bracony começou a atuar como instrutor de mergulho autônomo recreativo pela CMAS.

Sobre a importância da organização do ensino, deu o seu testemunho:

Bem, o que acontece: nessas escolas de mergulho nós ensinamos a preservar. E educamos o mergulhador para que ele possa fazer a coisa de forma correta. E o que eu quero dizer é o seguinte: não pode haver mergulhador sem um curso hábil, porque ele faz a coisa errada. E isso é feito em muitos locais que não tem o desenvolvimento do turismo. E quem sustenta a escola é aquele que paga o curso, é onde tem poder aquisitivo. Agora, tem locais em que as pessoas

aprendem a mergulhar e não fazem curso nenhum, então não tem limite. E isso tem que ser combatido. Como? Obrigando o mergulhador a fazer um curso, porque ali ele aprende como deve preservar. (Bracony, entrevista concedida à autora em 8 dez. 2022).

Bracony foi um dos membros-fundadores da Confederação Brasileira de Pesca e Caça Submarina, entidade estabelecida em 26 de junho de 1976. Essa organização, que inicialmente era conhecida como Associação Brasileira de Caça Submarina (ABCS), passou por uma mudança de nome para Confederação Brasileira de Pesca e Desportos Subaquáticos (CBPDS). Essa alteração teve como objetivo expandir a representatividade da confederação para englobar todos os esportes subaquáticos e a pesca de linha. A entidade mantém até hoje a filiação oficial à CMAS, sendo a única instituição autorizada a emitir certificações da confederação mundial no Brasil. Bracony presidiu a CBPDS por diferentes mandatos ao longo de sua vida.

De acordo com Bracony, em entrevista de 8 de dezembro de 2022, a ABCS foi responsável por promover os primeiros eventos e "fez campeonatos maravilhosos." A confederação teve um papel significativo até aproximadamente 1958, quando a Confederação Mundial foi fundada em Mônaco. Posteriormente, a ABCS foi incorporada pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD), que na época gerenciava diversos esportes no Brasil, incluindo futebol, vôlei e basquete.

Sua atuação estendeu-se também ao universo esportivo. Em 1988, foi capitão vice-campeão do mundo de pesca de linha em água salgada, em campeonato realizado na França. No ano seguinte, publicou os livros *Manual do mergulhador 1* e *A caça submarina, Manual do Mergulhador 2*, voltados à formação técnica de praticantes. Entre 1995 e 1997, integrou a Comissão Disciplinar da CMAS como juiz. Em 1999, conquistou o título de campeão individual no Campeonato Mundial de Pesca de Linha para Dirigentes. Nos anos seguintes, obteve novos resultados expressivos: Campeão Brasileiro por equipes na Pesca Embarcada, em 2000; Campeão Estadual na mesma modalidade; em 2002; e capitão da Seleção Brasileira no Campeonato Mundial de 2009; em Montenegro, no Mar Adriático, onde a equipe alcançou o quarto lugar.

Na data da entrevista, vivia na cidade do Rio de Janeiro (RJ), onde exercia a presidência da Confederação Brasileira de Pesca e Desportos Subaquáticos. Com a saúde já debilitada, comentou sobre sua relação com o mergulho naquele momento: "Apaixonado [...] Apaixonado e frustrado por não poder estar fazendo. Eu me realizo dirigindo bem para os meus sucessores, é o meu legado." (Bracony, entrevista concedida à autora em 8 dez. 2022).

Faleceu em setembro de 2023.

Retrato 17 – João Carlos Pompeu da Silva (Tatalo)



Fonte: acervo pessoal de João Carlos Pompeu da Silva (s./d.).

Nascido em 1944, na cidade do Rio de Janeiro (RJ), João Carlos Pompeu da Silva, conhecido como Tatalo, é pioneiro do mergulho autônomo recreativo no estado do Rio de Janeiro. Teve seu primeiro contato com as atividades aquáticas na infância, no bairro da Urca, onde residia com a família. Mergulhava com o irmão mais velho, Arnaldo Silva, utilizando equipamentos básicos, e praticava surfe.

Então, como nós morávamos no final da Urca, junto à Fortaleza de São João, em frente ao mar, isso já despertava o interesse de você poder se aventurar no mar, não é? Meu pai gostava de pescar de linha, o meu irmão mais velho de mergulhar e assim eu fui me adaptando também ao meio aquático. E me tornei um mergulhador profissional e amador. E desenvolvi todo o meu conhecimento nessa área (Tatalo, entrevista concedida à autora em 10 dez. 2022).

Durante essas experiências iniciais, improvisava os equipamentos de mergulho com os recursos que tinha à disposição.

Então, eu ganhei uma máscara de mergulho, na época não tinha o aro para fixar o vidro na borracha e eu pulei com a máscara no rosto, o vidro saiu, e o vidro começou a descer. E eu fui atrás do vidro e peguei e levei a máscara para a casa, passei um esparadrapo para não cair mais e assim foi [Riso]. História

bonita, a vontade era tão grande que eu não deixei o vidro embora. [...] Eu fui sem máscara, sem nada, só no olho mesmo. Ele foi descendo e eu peguei no meio do caminho [Riso]. Não chegou nem a chegar no fundo.” (Tatalo, entrevista concedida à autora em 10/12/2022). (Tatalo, entrevista concedida à autora em 10/12/2022).

Aos dezessete anos, ingressou como mergulhador profissional na empresa *Hansen and Petersen*²⁶, atuando no estaleiro Verolme, em Angra dos Reis (RJ), e no estado do Espírito Santo. No mesmo período, trabalhou na Empresa Brasileira de Operações Submarinas (EBOS). Na década de 1970, participou de campeonatos municipais, estaduais e nacionais de caça submarina.

Eu disputei [o] Campeonato Brasileiro de Caça Submarina e sempre mergulhei muito bem, modéstia à parte. E eu conquistei vários recordes brasileiros de peixe, maior peixe, não é? E isso aí me deu sempre também uma motivação de sempre tentar pegar o maior peixe, que foi um mero de cento e oitenta e oito quilos. Não é recorde, mas é um peixe [de] tamanho bem grande, perante os peixes que já pescaram desta espécie (Tatalo, entrevista concedida à autora em 10 dez. 2022).

Em 1979, fundou o curso de mergulho Atlântico Sub, instalado na plataforma flutuante Argonauta G 40, retirada do fundo do mar por ele mesmo, na praia da Urca. A escola foi uma das primeiras do Brasil a oferecer formação em mergulho autônomo recreativo e profissional, cujos cursos seguiam a metodologia da CMAS, utilizando apostilas próprias para certificação de mergulhadores de uma, duas e três estrelas.

Ao longo dos anos, sua atuação por meio da plataforma contribuiu para o desenvolvimento do mergulho na cidade do Rio de Janeiro, com impactos na profissionalização da atividade, na formação de instrutores e na promoção do turismo subaquático. Também colaborou com o Centro de Estudos Submarinos, na filmagem do sítio arqueológico da Nau Sacramento, em Itaparica e em Rio Vermelho, na Bahia, em parceria com a Marinha do Brasil.

Parte da plataforma foi posteriormente alugada para a empresa de mergulho *Offshore Tenenge Comex*, onde ministrou cursos de mergulho profundo:

Eu, em um determinado momento, eu recebi uma proposta para alugar parte do meu flutuante, esse que eu tirei do fundo do mar, que se encontra na Urca. E parceria com uma firma de mergulho Offshore chamada Tenenge Comex. Essa firma fazia mergulho fundo em plataforma. E eles ministraram no flutuante um curso de Mergulho Fundo (Tatalo, entrevista concedida à autora em 10 dez. 2022).

²⁶ Não conseguimos encontrar essa empresa, portanto a grafia é a partir da escuta (inferida).

Esse uso da estrutura também possibilitou a aplicação da medicina hiperbárica, com a realização de tratamentos em câmara hiperbárica no próprio flutuante.

E eu aproveitei e fiz uma parceria quando eu aluguei o flutuante — parte dele — de utilizar a câmara de descompressão. E eu tinha também compressor de alta pressão, que eu enchia os meus cilindros e enchia também a câmara de descompressão com o ar do meu cilindro, pressurizava a câmara. Conclusão: nós acabamos entrando em uma outra parte que era medicina hiperbárica. E essa medicina hiperbárica, nós fizemos tratamento durante cinco anos no flutuante (Tatalo, entrevista concedida à autora em 10 dez. 2022).

Na fase final de sua trajetória profissional, realizou serviços para a Marinha do Brasil, encerrando suas atividades no Arsenal de Marinha.

Então, como eu já inclusive deixei a minha matéria, a minha história foi essa, foi viajando pelo Brasil todo fazendo trabalhos subaquáticos, não é? E chegou um momento que eu falei: agora chega. O último serviço que eu fiz foi para a Marinha, como consta nessa documentação que eu te deixei, no Arsenal de Marinha (Tatalo, entrevista concedida à autora em 10 dez. 2022).

Ao avaliar sua relação com o mergulho, afirmou:

O mergulho é tudo na minha vida, porque foi tudo o que eu fiz profissionalmente, é minha profissão, mergulhador profissional. [...] Então, eu só tenho que agradecer ao meu irmão, que me orientou nessa parte e aos meus amigos que compartilharam comigo, e todos aqueles que usaram com honestidade, com seriedade o mergulho no Brasil que é uma responsabilidade muito grande (Tatalo, entrevista concedida à autora em 10 dez. 2022).

Antes de encerrar a entrevista, Tatalo refletiu sobre a experiência com o ambiente subaquático como parte de sua conexão com a natureza.

Embaixo d'água, eh [...] para mim é como se fosse o todo, ele faz parte de um todo, é a natureza. Então, eu me sinto muito feliz, muito leve, muito solto quando eu mergulho, porque parece que eu estou me encontrando com a natureza, vivenciando aquele momento bonito que te dá uma paz. Isso é que é importante: tranquilidade (Tatalo, entrevista concedida à autora em 10 dez. 2022).

Na data da realização da entrevista, vivia em Santa Catarina, aposentado e afastado do mergulho.

Retrato 18 – Sandderson Pimentel de Barros



Fonte: Acervo pessoal de Sandderson Barros (s./d.).

Nascido em 24 de abril de 1963, na cidade do Rio de Janeiro (RJ), Sandderson Pimentel de Barros é um dos pioneiros do mergulho autônomo recreativo no estado do Rio de Janeiro. Seu primeiro contato com o mar aconteceu na infância, em viagens em família para a praia. Foi incentivado pelo pai, pelos irmãos e pelos amigos a explorar o ambiente marinho, inicialmente pela via da caça submarina.

Meu pai sempre gostou de casa na praia e ‘tal’. Então, a gente [...] desde pequeno, fomos sempre estimulados a ir para o mar. E eu fui um deles, eu era o menor dos irmãos, então era muito paparicado pelos dois irmãos mais velhos. E fui levado para o mar através do meu pai, através do meu irmão, de amigos que faziam caça submarina e fui, cheguei ao mar (Sandderson Barros, entrevista concedida à autora em 13 fev. 2023).

A experiência com a caça foi logo substituída por outro tipo de relação com o ambiente subaquático. Ao aproximar-se dos peixes e das tartarugas, passou a valorizar a observação e o encantamento com a vida marinha:

E aí eu fui para a caça submarina e cheguei lá e comecei a conhecer pessoas e comecei a gostar, não da caça, mas sim de ver, de ver as coisas acontecerem: cardumes, tartaruga, falei: pô! Eu vou parar com esse negócio de matar esses

bichos. Eu vou começar a tentar tirar foto, a tentar levar as pessoas para isso. (Sandderson Barros, entrevista concedida à autora em 13 fev. 2023).

Aos dezoito anos, no início da década de 1980, iniciou o curso de Mergulhador Básico da escola Atlântico Sub, realizado a bordo do flutuante Argonauta G 40, com instrução de João Carlos Pompeu da Silva (“Tatalo”) e Ricardo Moreira Rodrigues (“Rico”).

E aí eu descobri que tinha um curso na época, na Urca e aí eu fui lá. Cheguei lá, conheci ‘Rico’, conheci ‘Tatalo’, só ‘louco’ ali naquele flutuante. Aí eu falei: pô! Eu vou fazer esse curso. E aí, com a amizade com o ‘Rico’, com o Tatalo, eu acho que eles viram em mim uma possibilidade de ser um profissional na época e me convidaram: ‘Você não quer fazer parte?’, falei: ‘Ah! Vou fazer!’ E aí comecei ali, a primeiro monitorar, depois assistir às aulas [...] (Sandderson Barros, entrevista concedida à autora em 13 fev. 2023).

Ainda em 1980, foi credenciado pelas certificadoras CMAS e SSI. Ao longo das décadas de 1980 e 1990, teve experiências como instrutor em Angra dos Reis e em Búzios (RJ), na escola Ponto Mar. Também atuou na venda de pacotes turísticos internacionais. Em 1988, ingressou no curso de Bacharelado em Direito pela Associação de Ensino Superior de Nova Iguaçu (SESNI), conciliando os estudos com a docência no mergulho. No mesmo período de sua formação superior, tornou-se membro da equipe de monitores do Flutuante Argonauta G 40.

Em 1994, instalou-se em Arraial do Cabo, onde fundou a escola e operadora de mergulho Sandmar Náutica — Atividades Subaquáticas. Permaneceu à frente da empresa até dezembro de 2023, quando a vendeu. Em 1997, obteve formação pela certificadora PDIC.

No período em que atuou na Sandmar, associou a integrantes do Instituto Lixo Zero, e por meio dessa influência, Sandderson Barros reduziu a produção de lixo nas operações de mergulho em sua embarcação.

[...] eu me juntei com algumas pessoas que fazem parte de um instituto chamado Instituto... depois você baixa na internet e você acha, Lixo Zero. Então, eu, antes de me juntar ao Instituto, eu fui saber se isso era sério, o que é que “nego” ia fazer. Então, eu tinha dois amigos que faziam parte, estiveram no meu barco fora do Instituto, por eles mesmos, junto comigo e a gente começou nos meses de dezembro e janeiro a pesar o lixo que o meu barco produzia. Janeiro é o “top”, a gente saía lotado em janeiro e no final a gente pesava, separava o lixo e pesava. O que é que eu fabriquei de lixo? [...] começamos isso dia 1 de fevereiro, hoje é dia 13 de fevereiro, então a gente está vendo dia a dia, comparando cada dia com janeiro. Para você ter uma ideia, o copo descartável já é trinta por cento do lixo que eu tinha. Eu já reduzi trinta por cento do peso do meu lixo, só tirando o copo descartável. (Sandderson Barros, entrevista concedida à autora em 13 fev. 2023).

Ao longo de sua trajetória, a motivação para ensinar esteve ligada à transformação pessoal e ao desejo de compartilhar a experiência do mergulho com outras pessoas. Sua paixão pelo mergulho foi o que o impulsionou a se tornar um profissional na área: "eu não estava preocupado [com] o quanto de dinheiro eu ia ganhar, eu estava preocupado [com] o quanto eu ia trazer [...] o quanto eu ia levar para as pessoas aquilo que eu via. Aqueles cardumes, a tartaruga, aquela integração: você e o mar" (Sandderson Barros, entrevista concedida à autora em 13 fev. 2023).

Sandderson relata ter mudado sua percepção acerca do consumo de seres marinhos após investir seus esforços em sua carreira no mergulho autônomo recreativo:

E o mais importante, sou altamente agradecido porque se hoje — eu tenho muito pouca coisa na vida — mas a pouca coisa que eu tenho e o conforto que eu consigo dar à minha família, dar para mim, dar aos meus filhos, foi do fundo do mar. Então, eu considero uma coisa... Eh... Tanto que já há muitos anos eu não como peixe, nunca gostei. Aproveitei e já não como. Para mim comer um peixe tem que ser muito bem feito, muito cheio de... E eu digo que não posso comer, o meu parceiro de trabalho, é sacanagem. Então, eu não gosto. (Sandderson Barros, entrevista concedida à autora em 13 fev. 2023).

Em junho de 2020, fundou a Associação Brasileira de Centros e Operadoras de mergulho autônomo recreativo (ABCMAR), entidade voltada à representação legal e comercial de empresas do setor. Sob sua coordenação, a associação estabeleceu pontes entre operadoras, escolas e lojas de mergulho para fortalecer a comunicação sobre legislação e práticas profissionais.

Na data da realização da entrevista, vivia em Arraial do Cabo (RJ), onde atuava como presidente da ABCMAR.

3 MERGULHOS QUE PRECEDERAM O MERGULHO AUTÔNOMO AMADOR (1940-1974)

A relação desenvolvida com o meio líquido vinha desde a tenra infância, quando, levado pela mãe, Sergio Costa aprendera a nadar em piscinas de clubes e frequentava as praias do Egito, onde nasceu, e da Itália, país para onde se mudou com a família aos sete anos de idade. Sua história com o mergulho começou por volta dos onze anos, impulsionada pelo desejo de ver o fundo do mar. Com um dinheiro que encontrou no chão, decidiu comprar uma máscara de mergulho, mas o equipamento era inadequado para seu rosto ainda pequeno e constantemente alagava. Apesar disso, não desistiu. No verão seguinte, andando na água, seu pé prendeu em algo: era uma máscara perdida por alguém:

E quando eu levantei era uma máscara de alguém que tinha perdido. Era destino mesmo [...] essa máscara, vou te dizer, encaixou perfeitamente em mim e fiquei, sei lá, dois, três anos com ela. Eu comecei a mergulhar com essa máscara que eu achei no mar. Foi a minha primeira “janela” para o mar. E [...] quando eu enxerguei com ela debaixo d’água eu fiquei literalmente apaixonado pelo fundo do mar (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022).

O fato ocorreu em meados da década de 1960, quando Sergio Costa tinha aproximadamente doze anos. Durante nossa entrevista, demonstrou emoção ao acessar esta memória, que o transportava a San Felice Circeo, localidade próxima de Roma, cenário dos verões em família e do início de uma relação com o ambiente subaquático que se prolongaria ao longo da vida:

San Felice Circeo é um promontório que todos dizem que é a ilha onde morava a Circe, que é a maga que cativou Ulisses, [...]. Eu frequentei muito esse lugar, porque meu pai tinha uma casinha lá de verão e eu ia muito para lá. E foi nessa praia que eu encontrei a máscara [...] eu até hoje sinto uma emoção especial quando eu vou: debaixo da Torre Paola [...] para mim o lugar é mágico, porque é meu lugar, onde eu realmente comecei... onde eu realmente vi pela primeira vez um peixe debaixo d’água (Sergio Costa, entrevista concedida à autora 1 fev. 2022).

Sergio Costa se apaixonou pelo ato de mergulhar e cursou, aos quinze anos, seu primeiro curso na Federação Italiana de mergulho onde aprendeu diferentes tipos e técnicas de mergulho. Era um curso de primeiro grau, ou seja, o primeiro nível de formação de mergulhadores baseado

na metodologia da *Confédération Mondiale des Activités Subaquatiques*, a CMAS. O curso seguia um cronograma extenso, com duração de seis a sete meses, concentrado nos meses de inverno e com a realização de muitas aulas práticas em piscina. Esse treinamento era exigente, com foco em preparo físico, resistência, aquacidade e muitos exercícios em apneia. Os mergulhadores eram instruídos tanto com equipamentos de circuito fechado (*rebreathers* de oxigênio puro, restritos a profundidades de até dez metros) quanto com equipamentos autônomos de circuito aberto, utilizando reguladores de um e dois estágios. Segundo o entrevistado,

[...] essa metodologia veio muito do treinamento militar, porque a Itália também foi uma das precursoras [...] As Forças Armadas Italianas, enfim, os mergulhadores que eram italianos tiveram um papel importante na guerra, então eles foram um dos precursores do mergulho, digamos, de combate. Sergio Costa, entrevista concedida à autora, 1 fev. 2022).

Os resquícios do mergulho de combate, sobretudo no período posterior à Segunda Guerra Mundial, ofereciam subsídios técnicos e teóricos para o ensino e a prática dos diferentes modos de mergulhar que estavam constituindo na Europa e nos Estados Unidos. Essa formação foi o ponto de partida para a trajetória de Sergio Costa, ainda na Itália, no ramo do mergulho comercial, e ofereceu bases para que ele se dedicasse à caça submarina amadora aos finais de semana.

No Brasil, Sergio Costa atuou, a partir de 1977, na empresa Tecnosub, ligada ao ramo do mergulho comercial, ainda em constituição como campo profissional no país. Essa atividade teve um impulso significativo com a construção da Ponte Rio-Niterói, entre 1969 e 1974, e ganhou grande projeção a partir da década de 1970, com o crescimento da exploração petrolífera no país. Em 1979, ele abriu, na cidade do Rio de Janeiro, a YG Centro de Atividades Subaquáticas, uma escola de mergulho com fins recreacionais, modalidade ainda em constituição no Brasil sob os nomes de mergulho amador e mergulho autônomo amador²⁷. Como afirma, a iniciativa de trabalhar com o mergulho na perspectiva recreativa aconteceu sem que tivesse planejado:

O recreativo foi algo... O que aconteceu? Não era uma coisa que eu tinha planejado. Eu na verdade comecei no profissional [...] e em um determinado momento, muito cedo inclusive, porque eu trabalhei menos de cinco anos em plataforma de perfuração. E logo depois do primeiro ano de trabalho [...] eu

²⁷ As denominações Mergulho Amador e Mergulho Autônomo Amador foram utilizadas por Álvaro Moreira, Sergio Costa e pelas escolas que se desenvolveram a partir de suas iniciativas. Durante a pesquisa, observei que ambas designavam a mesma atividade que atualmente é reconhecida como Mergulho Autônomo Recreativo. Por essa razão, optei por adotar, a partir deste ponto, apenas a nomenclatura Mergulho Amador.

comecei a conhecer um pouquinho as pessoas, comecei a me dar conta que [...] não tinha muita coisa, estrutura de formação de mergulhadores. Eu comecei a saber através dos meus colegas. Então, por exemplo, eu conheci na minha turma, que começou a mergulhar comigo, tinha gente do Rio de Janeiro, que tinha aprendido na “marra”, na Ponte Rio-Niterói; o outro tinha feito [...] em Mocanguê do curso da Marinha, de mergulhador; e algum outro tinha feito um curso que era da... chamava FEMAR — que era Fundação de Estudos do Mar — e ela formava muitos mergulhadores para a empresa Subaquática [...] E muitos mergulhadores dessa empresa passavam por essa estrutura de formação da FEMAR, mas era um curso visando a formação de mergulhadores que depois iam trabalhar. E aí conheci, vim, fiquei sabendo de como funcionava em São Paulo. Em São Paulo era diferente, conheci dois colegas que tinham sido formados por uma escola chamada Bandeirantes do Mar, que era de um instrutor português: Alvaro Vilar Moreira. [...] Ele sim tinha uma escola de mergulho. Os outros, em todos os lugares que eu tinha visto, tinham cursos de mergulho. Uma coisa é um curso de mergulho e uma coisa é uma escola de mergulho. O que é uma escola de mergulho? [...] é onde tem uma estrutura mais ampla de formação, onde é pensada a formação, não apenas do mergulhador básico, mas de uma carreira de mergulho, para chegar até ser um instrutor de mergulho. Quem tinha essa estrutura era a Bandeirantes do Mar, os outros eram cursos de mergulho: a pessoa entrava, fazia um curso, aprendia a mergulhar e acabou. Ia embora e se virava no mundo. Entendeu?

As informações que recebeu sobre a escola paulista levaram Sergio Costa a se identificar com a proposta de Álvaro Moreira e a procurá-lo em São Paulo. Ao ouvir sobre a estrutura de funcionamento e o modelo de ensino oferecido, reconheceu semelhanças com a formação que havia recebido na Itália. Assim como Sergio Costa, Álvaro Moreira também era imigrante. Militar português, foi formado pela Escola Superior de Educação Física de Lisboa e atuou, até aproximadamente 1968, como docente no Instituto Nacional de Educação Física (INEF), em Portugal, onde lecionava as disciplinas Escafandria, Montanhismo e Espeleologia. Chegou ao Brasil em 23 de junho de 1975, após ser exilado em razão de seu envolvimento com o movimento anti-salazarista, conhecido como Revolução dos Cravos. Estabelecido em São Paulo, fundou a primeira escola de mergulho amador do Brasil, a Bandeirantes do Mar, baseada na metodologia CMAS. A escola formava mergulhadores desde o nível básico até o grau de monitor, com base em valores morais que incluíam o repúdio à caça submarina e a qualquer ação considerada predatória ao ambiente subaquático marinho (Brasil mergulho, 2020).

Sergio Costa, que já não praticava mais a caça submarina, e se identificava com a posição assumida por Álvaro Moreira, foi convidado por ele para estabelecer uma parceria entre as escolas Bandeirantes do Mar, em São Paulo (SP), e a YG, no Rio de Janeiro (RJ). Essas duas importantes iniciativas, entre outras que serão abordadas ao longo deste texto, difundiram no Brasil o ensino do mergulho amador. Estas nomenclaturas se difundiram pelo país entre meados da década de 1970 e o final da década de 1980, sendo utilizadas para designar uma prática ainda

pouco conhecida no contexto nacional. O uso do termo Amador parecia intencional, para diferenciar esse novo tipo de mergulho de outros dois, com os quais era frequentemente confundido, por estarem imbricados: o mergulho comercial e a caça submarina.

O mergulho comercial estava, à época, em processo de consolidação como profissão no Brasil. Havia um esforço por parte de seus praticantes e instituições para formalizar a atividade, garantir direitos trabalhistas (especialmente segurança), estabelecer reserva de mercado e definir um piso salarial para os novos mergulhadores comerciais brasileiros. Já a caça submarina, por sua vez, era praticada desde o final da década de 1940 como modalidade esportiva de destaque, e havia alcançado forte reconhecimento social nas décadas seguintes, especialmente nos anos 1960, período considerado seu auge, quando o Brasil teve projeção internacional em competições da modalidade.

Nesse contexto, o afastamento do mergulho amador em relação desses dois tipos de mergulho era necessário para afirmar sua identidade, marcando seu caráter recreativo. De um lado, pretendia-se desconstruir expectativas de que uma escola de mergulho amador fosse formar mão de obra para o mergulho comercial, ou seja, essas escolas não tinham como finalidade preparar mergulhadores comerciais. De outro, a escolha do termo Amador também ajudava a distanciar essa nova prática do meio esportivo e competitivo da caça submarina, evitando associações com objetivos como superação de marcas pessoais, participação em competições, captura de animais, busca por recordes ou habilidades físicas voltadas à performance esportiva.

Os entrevistados revelaram pistas de que, embora outros tipos de mergulho compoñham a história do mergulho amador no Brasil, esses dois tipos (caça e comercial) interfeririam mais diretamente, por meio de relações não lineares, a partir das quais contornos dessa atividade se constituíram por aproximações e fusões, bem distanciamentos e disputas: de saberes, técnicas, tecnologias, entre outros elementos. Assim, este capítulo busca compreender dinâmicas entre essas práticas e contribuições dessas articulações na constituição do mergulho amador no Brasil.

3.1 O mergulho como atividade de lazer: a invenção das máscaras e dos equipamentos de respiração

Eu não estava preparado para a sensação de falta de fôlego semelhante ao vôo livre que nadar de óculos me proporcionou. Não tinha nada a ver com voar num avião, onde você tem consciência de ser transportado por algo tangível [...]. Agora o chão estava a 5 metros de distância, mas cada seixo e folha de grama estavam tão nítidos que parecia haver apenas ar entre nós. A luz era verde-azulado suave — até mesmo repousante, e, de certa forma, totalmente adequada para o doloroso silêncio que repousava sobre aquela relva que se agitava delicadamente [...] (Gilpatric, 1938²⁸, citado por Norton, 2001, p. 15).

A epígrafe é um trecho da obra *The Compleat Goggler*, escrita em 1938 por John Guy Gilpatric (1896–1950), considerado o criador da caça submarina — prática institucionalizada como esporte a partir do final da década de 1930, em escala mundial. No texto, ao abordar, com certo espanto, o modo como alguns de seus sentidos foram mobilizados diante da nova atividade, Gilpatric descreve sobre sua experiência sensível relatando reações de seu corpo no primeiro contato visual com a paisagem subaquática, como a sensação de voo proporcionada pela flutuação e o silêncio próprio àquele ambiente. Ele expressa deslumbramento quando recebe, pela primeira vez, diferentes estímulos sensoriais em sua experimentação de um novo ambiente; seus sentidos, nesse momento, se convertem em novas sensibilidades diante do ato de mergulhar.

A conversão dos sentidos em novas sensibilidades está condicionada a contextos históricos, políticos, econômicos e culturais, nos quais estamos inseridos. Isso significa dizer que, embora o contato com o ambiente seja experimentado de maneiras parecidas entre os seres humanos, a partir de estímulos recebidos via olhar, tato, visão, audição e paladar, estímulos ganham múltiplos significados em diferentes tempos, povos, culturas sendo convertidos em sensibilidades (Taborda de Oliveira; Belotti Oscar, 2014).

O fenômeno pelo qual ocorre essa ressignificação é conhecido como educação do corpo, que, de acordo com Soares (2014), trata-se de uma noção ancorada em processos educacionais que extrapolam a dimensão escolar, e refere-se a formas com as quais uma dada sociedade desenha usos e costumes voltados ao corpo em diferentes épocas. Ocorre de maneira ampliada e se incide em um tempo de longa duração, por intermédio de um conjunto de processos

²⁸ Não tive acesso à obra *The Compleat Goggler* publicada em 1938 por John Guy Gilpatric, devido à sua raridade e elevado custo de aquisição.

culturais, envolvendo técnicas, políticas e pedagogias destinadas ao corpo (Soares, 2014). Tais processos educacionais incidem, ao longo da história, no ato de mergulhar, alterando sensibilidades e que possibilitaram a invenção de mergulhos como forma de lazer e esporte, mais especificamente, foi a partir da “invenção” da caça submarina, atribuída a Gilpatric, que são inauguradas, criadas, formas de mergulhar com fins de lazer e/ou esporte, dentre elas, o mergulho autônomo recreativo.

Para a compreensão da constituição deste no Brasil, recuo no tempo para analisar processos pelos quais o ato de mergulhar tornou-se uma forma de lazer e como o Brasil recebeu influências de países da Europa e dos Estados Unidos. Esse recuo foi provocado durante o percurso das entrevistas e pesquisa documental quando se descortinaram aspectos interessantes sobre o modo com que os pioneiros operam com a história do mergulho no país. Essa história é valorizada e reproduzida de diferentes modos pelos entrevistados e por outros mergulhadores com os quais tive contato durante esta pesquisa. Eles demonstram esse interesse de distintas formas, como, por exemplo, colecionando equipamentos, como escafandros e aparelhos autônomos de respiração de circuito aberto. Pedro Paulo Cunha (PP), por exemplo, possui uma coleção destes e de outros equipamentos, além de revistas, livros e outros artefatos que narram histórias de mergulhos vividos a partir de distintas técnicas, em diferentes tempos e lugares no mundo e no Brasil.

Vale ressaltar que o tema história do mergulho, o mundial e brasileiro, é recorrente em materiais didáticos sobre essa atividade, como em manuais de cursos, boletins informativos e outros impressos — especialmente nos produzidos ou preservados pelos pioneiros, usados como material didático e/ou veiculados, especialmente, entre as décadas de 1970 e 1980. Com algumas variações, esse histórico apresenta uma linha do tempo com os principais feitos humanos na busca pelo contato com o ambiente subaquático, com ênfase em inovações tecnológicas criadas para superar limitações do corpo nesse meio. Destacam-se, sobretudo, equipamentos desenvolvidos e descobertas da Física e da Fisiologia sobre o comportamento do corpo submerso.

Esse tipo de conteúdo é reproduzido, ainda hoje, em sites de escolas de mergulho²⁹, na revista virtual Brasil mergulho (2020) e em trabalhos acadêmicos, como o de Nunes (1996), sendo uma permanência. Geralmente são abordadas as primeiras frequentações em mares brasileiros a partir de registros que atribuem a atividade de mergulho a uma provável tribo de

²⁹ Com no site da escola de mergulho Evidive, da cidade de Cotia/SP, que pode ser acessado pelo endereço virtual: <https://www.evidive.com.br/a-primeira-experiencia-de-mergulho-no-brasil/>

índios Taramambesus, que, segundo diferentes versões, teria habitado praias do litoral sul ou a região da Guanabara, durante a chamada pré-história. A este grupo se associa o desenvolvimento de uma prática subaquática baseada na caça de peixes por meio de mergulhos em apneia.

Ainda que eu tenha empreendido esforços, não localizei informações sobre essa possível etnia ou outra, com grafias semelhantes, e, em função dos limites de tempo e escopo desta pesquisa, não foi possível aprofundar nesse tema. No entanto, acessei o documento base dessa versão, cuja autoria é creditada ao Comandante Alfredo Francisco Costa Ferreira e é amplamente reproduzida no contexto do mergulho autônomo recreativo no Brasil, e veiculada nos manuais dos cursos de mergulho ministrados por Álvaro Moreira, no Instituto de Exploração subaquática Dallo Sub, e, posteriormente, em diferentes edições dos manuais de mergulho da escola Bandeirantes do Mar, em São Paulo (SP), a partir de 1975 (Bandeirantes do Mar, [197—]?)

Ao acessar memórias dos pioneiros sobre o mergulho, compreendi o quão relevante é para eles essa versão da história, como também é o início da caça submarina no Brasil — considerado, em certa medida, berço do mergulho recreativo no país —, que não está vinculado ao desenvolvimento de práticas oriundas de comunidades tradicionais, mas sim ao surgimento de artefatos, costumes e modos de praticar o mergulho, importados da Europa e dos Estados Unidos. No exterior, tampouco, os usos recreativos do ambiente subaquático são atribuídos a povos originários.

Convém assinalar que o ato de mergulhar não é recente e, em diferentes momentos da história, seres humanos buscaram formas de conviver com o ambiente subaquático para finalidades distintas, como pesca de subsistência, caça ao tesouro e guerra. Desde a pré-história, a pesca foi praticada de muitas formas, mas o início da atividade que daria origem às diferentes modalidades contemporâneas de mergulho é geralmente atribuído a John Guyzaak Gilpatric (1896–1950), jovem ex-aviador estadunidense que, em 1920, mudou-se para Antibes, na Riviera Francesa, onde descobriu sua paixão pelo mar (Norton, 2001).

Na década de 1930, ele produziu seu primeiro par de óculos para mergulho — os chamados óculos modernos — ao vedar um modelo de óculos para aviação com massa de vidraceiro. A esses óculos, adaptou um pequeno cano para tomada de ar na superfície, que seria o precursor do *snorkel*. Essa dupla de equipamentos lhe permitiu flutuar com o rosto submerso em busca da presa e, ao avistá-la, realizar um longo mergulho em apneia para capturá-la. Essas descobertas de Gilpatric são geralmente consideradas inaugurais para a prática da caça submarina (Norton, 2001).

A partir do início dessa década, Gilpatric ofereceu importantes contribuições para a divulgação dessa atividade, que ele denominava como “pesca de óculos”, e que mais tarde passaria a ser chamada de caça submarina, por meio de sua coluna no jornal estadunidense *Saturday Evening Post*, publicado na Filadélfia, e em seu livro, *The Compleat Goggler* (Gilpatric, 1938, citado por Norton, 2001), considerado a primeira obra dedicada ao tema da caça submarina no mundo.

De acordo com Norton (2001, p. 14), esse livro — que tem uma escrita com um tom fanfarrão, cheio de espertezas, malandragens, mentiras, histórias de explorações de cascos naufragados e caças a tesouros — divulgou a prática, inspirou leitores e distraiu até mergulhadores sérios a partir dos “prazeres sanguíneos da caça submarina” (Norton, 2001, p. 13). Em suas páginas, Gilpatric confessa seu espanto diante da nova forma de fruir o ambiente subaquático: “se há alguns anos alguém tivesse predito que algum dia eu escreveria um livro sobre pegar peixes por esporte eu teria zombado da ideia [...] pescar era esporte? Eu tinha minhas dúvidas [...] e aí eu comecei a mergulhar de óculos” (Gilpatric, 1938 citado por Norton, 2001, p. 13).

A partir de então, a caça submarina foi, como outras modalidades, incorporando características do esporte moderno (Elias e Dunning, 1992), como regras; organização de competições; elaboração regulamentos; criação de organizações institucionais próprias, em diferentes contextos ao redor do mundo; institucionalizando-se. E esse processo esteve diretamente vinculado ao desenvolvimento de artefatos que permitiram novas formas de interação com o ambiente subaquático, especialmente no que diz respeito à visão e à respiração no ambiente subaquático.

Quanto à visão, sua efetivação durante o ato de mergulhar só é possível quando há, entre a pupila e a água, um “colchão de ar” (Santarelli, 1983, p. 20). Antes de Gilpatric, entretanto, alguns povos³⁰ já haviam desenvolvido técnicas próprias para enxergar embaixo da água. Os polinésios, por exemplo, desenvolveram dois tipos de óculos: o primeiro, feito com tubos de bambu, tinha funcionamento limitado; o segundo, de madeira, utilizava lentes feitas com lâminas retiradas de cascos de tartarugas polidas e lustradas (Ribeira, 1975; Santarelli, 1983). Gilpatric, portanto, não pode ser considerado o inventor das máscaras de mergulho, tampouco do ato de pescar em ambientes submersos. Contudo, ele pode ser reconhecido como um dos

³⁰ Um outro exemplo de óculos de mergulho que antecede a criação de Gilpatric são os chamados “óculos Mikimoto”, utilizados pelas mergulhadoras japonesas conhecidas como *Amas*, tradicionalmente dedicadas à coleta de pérolas. O nome faz referência a Kokichi Mikimoto (1858–1954), impulsionador do mercado de pérolas cultivadas e fundador da empresa japonesa Mikimoto, responsável pelo desenvolvimento da técnica de cultivo de pérolas e pela criação de uma das mais renomadas joalherias do Japão (Thelen, 2021).

inventores da caça submarina contemporânea, ou seja, da prática que foi institucionalizada como esporte e que deu origem às diferentes modalidades recreativas e esportivas de mergulho. Todavia, o desenrolar dessa institucionalização se deu à margem das comunidades que mergulhavam por subsistência, como é o caso dos polinésios, cujas técnicas — e até mesmo a constituição corporal — foram historicamente forjadas pela prática do mergulho.

É importante notar que os novos divertimentos em torno do ato de mergulhar ganharam forma a partir da década de 1930 na Europa, no mesmo período em que, conforme analisam Soares (2016) e Dias (2009), distintas práticas corporais ao ar livre passaram a ser impulsionadas por valores modernos compartilhados por setores das elites urbanas. Em um contexto de crescente urbanização, consolidava-se a ideia de que o contato com a natureza deveria ser cultivado como forma legítima de descanso, regeneração e alívio das pressões do trabalho. A caça submarina desportiva se insere, portanto, nesse conjunto de experiências que deslocam antigas práticas corporais, como as de subsistência, em direção a uma “invenção” da modernidade, o esporte. Esse deslocamento se expressa nos modos de mergulhar — objetivos, instrumentos usados, peixes capturados, perfil dos praticantes etc. — estabelecendo-se outras relações quanto ao ato de mergulhar.

Na caça submarina de subsistência a obtenção do alimento é o principal fim enquanto na caça submarina desportiva essa motivação não ocupa lugar central entre os praticantes, sendo mobilizados outros sentidos e valores, ou seja, a captura da presa não tem a finalidade principal da alimentação e nem como referência saberes tradicionais, como o reconhecimento de espécies próprias para comer. em que a pesca é voltada para alimentação.

Alguns entrevistados desta pesquisa relataram, ao falarem sobre os anos iniciais da caça submarina no Brasil, que desconheciam quais eram os peixes adequados para o consumo humano, outros afirmaram ter pescado espécies impróprias para alimentação. Com a invenção da caça submarina desportiva delineou-se, portanto, mudanças, em que mergulhar e capturar passaram a ser ações vinculadas a outros repertórios, não mais guiadas pela necessidade, mas por valores associados ao desafio, à técnica e à competição. Ou seja, a caça submarina desportiva relaciona-se a transformações mais amplas nas formas de compreender e se relacionar com a natureza.

Destaca-se que a ideia de natureza, bem como a relação dos seres humanos com ela, passou por mudanças significativas ao longo da história (Thomas, 1988), em um processo longo, intenso e, muitas vezes, conflituoso, que,

contrapondo-se a crenças religiosas ou não, mobilizou pensamentos diversos conformando, a cada época, compreensões e proposições sobre a natureza, carregadas do tempo em que foram concebidas, vividas, exaltadas, esquecidas ou abandonadas. É desse modo que a natureza parece ser, a cada época, redescoberta, ou mesmo inventada, pois, construção histórica (Soares, 2016, p. 10).

Para Thomas (1988), entre 1500 e 1800, ocorreram modificações profundas nas formas como homens e mulheres de diferentes camadas sociais percebiam o mundo ao seu redor, construindo-se novas sensibilidades em relação aos animais, às plantas e à paisagem. De acordo com Dias (2009), a busca pela natureza está ancorada no contexto de urbanização, industrialização, individuação e reorganização do tempo de trabalho característicos da modernidade. Nesse cenário, a lógica que consolida uma “mentalidade iluminada”, orientada pela racionalidade e evidenciada na cidade moderna, revela-se ambivalente: ao mesmo tempo em que exalta o urbano como símbolo do progresso, valoriza também o campo e a natureza como contraponto à cidade.

Fenômeno semelhante ocorre em relação ao lazer que, embora viabilizado pelo processo de urbanização, também se manifesta em práticas que buscam, fora do contexto urbano, experiências alternativas junto à natureza. Para esse autor:

A “descoberta da natureza” e a busca da aventura como instrumento de fruição estética e contemplação paisagística é, a exemplo do próprio lazer, de uma maneira geral, um legado da modernidade. [...] Nesse sentido muitos são os elementos que contribuem para o delineamento de um novo imaginário ante a “ideia de natureza”, entre os quais destacamos: o crescimento das cidades; a nova organização do trabalho e a valorização dos momentos de lazer; o higienismo; a noção de pitoresco; a doutrina do sublime; a teologia natural; a difusão da figura do homem acadêmico; a popularização de algumas ciências e os avanços tecnológicos; tudo articulado com o conjunto de mudanças de natureza econômica. O progresso de algumas ciências, sobretudo o das ciências naturais, parece ter sido um dos impulsos decisivos para a emergência de uma nova sensibilidade em relação à natureza. O avanço científico reduziu a influência e os constrangimentos de natureza religiosa, constituindo-se em importante dimensão tanto para o surgimento de novas formas de diversão quanto para uma nova ocupação e proximidade com o meio ambiente. Em outras palavras: novos posicionamentos diante do mundo natural desenvolviam em função de uma compreensão mais detalhada dos seus mecanismos de funcionamento, ou seja, do seu “desencantamento” que, por sua vez, aproximavam os seres humanos desses espaços antes desconhecidos e hostis (Dias, 2009, p. 42).

Segundo Soares (2016), é no século XVIII que a imersão na natureza passa a assumir novas formas, mediadas por outras sensorialidades e pela reformulação das relações entre corpo e ambiente natural. Entre as práticas redescobertas estão os banhos de mar, de águas termais, de sol e diversas atividades corporais ao ar livre.

Entre os fatores que contribuíram para esse processo, destacam-se influências do Romantismo, especialmente a partir da segunda metade do século XVIII, ao se exaltar uma natureza idílica. Entre as classes dominantes das sociedades ocidentais, este movimento cultural colaborou para a consolidação de uma nova visão sobre o mar, distinta daquela de origem bíblica, que o associava ao repulsivo, incognoscível e repleto de mistérios insondáveis — uma percepção que, por muito tempo, o invisibilizou. Os românticos inauguraram um novo discurso sobre o mar e “enriqueceram poderosamente os modos de fruição da praia, acentuaram o desejo inspirado por essa indecisa fronteira. Eles ampliaram o alcance de práticas já solidamente ancoradas” (Corbin, 1988, p. 176).

As relações com o mar também foram impactadas pela ciência moderna que, a partir da observação e experimentação da natureza, contribuiu para o rompimento da ideia do mar como um lugar associado ao medo e ao desconhecido. Além disso, a ciência reformulou relações entre corpo e natureza por meio de estudos de anatomia e de descobertas sobre o funcionamento do corpo humano. Ao longo da história, esses conhecimentos influenciaram e possibilitaram o desenvolvimento de saberes sobre o ato de mergulhar. Como observa Sant’Anna (1996, p. 247), “a laicização progressiva do cadáver é paralela à separação paulatina entre corpo e natureza e à dessacralização de ambos”.

O ato de mergulhar foi diretamente beneficiado pelo deslocamento promovido pela ciência moderna, ao passar a ser compreendido sob uma ótica técnico-científica, fundamentada em explicações fisiológicas e físicas. Isso permitiu ampliar seus limites e aprofundar seu domínio como prática consciente, planejada e passível de sistematização. Ao mesmo tempo, a consolidação de uma visão funcionalista, hierarquizada e mecânica do corpo contribuiu para sua crescente autonomia em relação ao meio natural. Ou seja, à medida que o corpo humano passa a operar segundo a lógica das leis físicas — e não mais sob explicações de ordem religiosa — ele conquista novos territórios e culturas, inclusive os ambientes subaquáticos. Assim, mergulhar torna-se também uma forma de explorar não apenas o ambiente, mas o próprio funcionamento do corpo em contato com esse meio.

Para Góis Junior, Soares e Terra, (2015, p. 977),

O domínio da natureza por meio da racionalidade científica, essa forma de conhecimento típica do século XIX, nutre, de maneira clara, os processos de industrialização e urbanização forjados nesse tempo e colabora para uma representação do que é moderno. Nesse sentido a objetividade da física e da química inspirava uma ciência médica disposta a esmiuçar o corpo como objeto físico, como máquina.

Essa compreensão do corpo possibilitou estudos sobre o seu funcionamento possibilitando a superação de antigas crenças sobre o corpo e natureza. E o desenvolvimento da técnica colaborou para a exploração da natureza enquanto se alteraram as relações e, conseqüentemente, as sensibilidades em relação a ela. Na relação entre o homem e o mar, este cenário possibilitou os estudos sobre a fisiologia do corpo ao ser submetido às condições de profundidade. Foram nas primeiras décadas do século XIX que teve início uma nova era nas pesquisas sobre a descompressão, com estudos que buscavam compreender efeitos da pressão sobre o organismo (PADI 2015a; PADI, 2015b; Ribeira, 1975; Santarelli, 1983).

O desafio de respirar sob as águas motivou estudos sobre equipamentos e sobre a fisiologia do corpo humano em ambiente submerso, especialmente no que diz respeito à pressão exercida sobre o organismo. No meio aquático, os efeitos do aumento da pressão são diretamente proporcionais à profundidade atingida. Ao nível do mar, a pressão atmosférica padrão é de 101.325 Pa (ou 1,01325 bar, ou 760 mmHg), representando 1 atm (uma atmosfera terrestre). A cada 10 metros de profundidade, soma-se aproximadamente 1 atm à pressão sobre o corpo. Assim, a 10 metros, o organismo está submetido a 2 atm; a 20 metros, a 3 atm; e assim por diante (PADI, 2015a; PADI, 2015b; Brasil, 1983).

Um mergulhador em apneia que atinge, por exemplo, 30 metros de profundidade, experimenta uma compressão progressiva do ar contido nos pulmões e demais tecidos durante a descida. Na subida, esse ar se expande novamente, retornando ao volume original. No entanto, o ato de respirar sob as águas impõe um desafio adicional: ao longo da descida, o ar inalado é fornecido na mesma pressão do ambiente. Aos 30 metros os pulmões estarão preenchidos com ar comprimido a 4 atm. No retorno à superfície esse ar se descomprime e passa a ocupar volume maior. Por isso é essencial que o mergulhador respire continuamente durante a subida, permitindo a expulsão gradual dos gases. O bloqueio da respiração nesse momento pode provocar lesões graves nos pulmões, causadas pela expansão excessiva dos gases (PADI, 2015a; PADI, 2015b; Brasil, 1983).

Outro importante desafio imposto pelo mergulho com suprimento de ar, decorrente do aumento do tempo de permanência no ambiente subaquático, é o risco da chamada doença

descompressiva. Essa condição resulta do acúmulo de nitrogênio no organismo, que forma bolhas nos vasos sanguíneos e nos tecidos do corpo. O risco se manifesta no momento da subida, quando a diminuição da pressão provoca a expansão dessas bolhas, podendo gerar efeitos que variam de moderados a graves nos tecidos onde estejam localizadas (PADI, 2015a; PADI, 2015b).

As primeiras descobertas que estabeleceram relações fundamentais entre volume e pressão dos gases haviam sido realizadas, ainda no século XVII, por Boyle e Mariotte, mas foi a partir do trabalho de John Scott Haldane, no início do século XX, que se consolidaram as primeiras tabelas de descompressão. Essas tabelas permitiram calcular tempos seguros de subida, ou seja, de retorno entre a profundidade máxima atingida e a superfície, reduzindo significativamente os riscos da doença descompressiva. Outras descobertas importantes, como a identificação da narcose³¹ por nitrogênio e os estudos sobre barotraumas, também ampliaram a compreensão dos limites fisiológicos do corpo humano sob pressão, contribuindo para o desenvolvimento de equipamentos, protocolos de segurança e novos limites para a prática do mergulho (PADI 2015a; PADI, 2015b; Ribeira, 1975; Santarelli, 1983).

Em paralelo aos estudos sobre a fisiologia do corpo submerso foram desenvolvidas obras de engenharia naval, submarinos e artefatos militares, além de saberes, técnicas e tecnologias que tornaram possível o encontro entre seres humanos e o fundo do mar. Essas descobertas originaram diferentes modalidades de mergulho com objetivos e valores próprios, como de combate, caça submarina, comercial, científico e de segurança pública. Modalidades de mergulho reconhecidas como esporte, turismo e lazer — entre elas o mergulho autônomo recreativo — foram forjadas a partir de técnicas e equipamentos originados dessas práticas, ao mesmo tempo em que incorporaram elementos simbólicos próprios, como valores e aprendizagens (PADI 2015a; PADI, 2015b; Ribeira, 1975; Santarelli, 1983).

Além disso, essa busca humana por ampliar seus contatos com o mundo submerso resultou na invenção dos sistemas de respiração subaquáticos chamados de escafandros. Esses equipamentos são constituídos por uma vestimenta hermeticamente fechada, conectada a um capacete que recebe suprimento de ar por meio de mangueiras ligadas a compressores na superfície. Os escafandros modernos foram criados por Augustus Siebe, em 1873, até então os primeiros escafandros eram confeccionados em materiais como couro e madeira. Atualmente

³¹ A Narcose por nitrogênio causa um efeito de embriaguez (falta de raciocínio, desorientação e euforia) no corpo devido ao aumento do volume de nitrogênio no organismo. Ela pode acontecer a partir dos 30 metros e agrava-se com o aumento de profundidade. Seu risco consiste na falta de discernimento do mergulhador, que pode se tornar um risco para si. Para minimizar os efeitos da narcose, mergulhadores que submergem nas maiores profundidades utilizam misturas especiais de gases (PADI 2015a; PADI, 2015b).

eles são feitos, geralmente, de borracha e metal. Nos mergulhos com escafandro, os mergulhadores caminham na posição de pé usando botas de chumbo (Rosa, 2008; Rowe, Santos, 2016).

A busca por formas de respirar embaixo da água e por locomover com autonomia no fundo do mar levou o homem a invenções, como o uso de um cilindro de ar comprimido, idealizado em 1926 por Yves Le Prieur; e a criação, em 1865, por Benoit Rouquayrol e Auguste Denayrouze, do Aerophore, que foi um equipamento com um tanque de ar carregado nas costas do mergulhador e um regulador de demanda, (Ribeiro Júnior, s/d. b). Entre 1942 e 1943, Jacques Cousteau e Emile Gagnan³² conceberam e produziram o equipamento autônomo de respiração de circuito aberto que unificou e melhorou as invenções de Yves Le Prieur e Benoit Rouquayrol e Auguste Denayrouze (Ribeiro Júnior, s/d. b), demarcando o início do mergulho autônomo recreativo. Autônomo porque permite mergulhos independentes de mangueiras ligadas a compressores na superfície, como o escafandro; de circuito aberto porque não reutiliza o ar expirado, como no equipamento autônomo de circuito fechado ou *rebreather*³³. Esse sistema ficou conhecido também como *Scaphandre autonome*.

A façanha do engenheiro francês Emile Gagnan consistiu em aperfeiçoar, a pedido de Cousteau, uma válvula de demanda da indústria automotiva, criando o regulador batizado como CG 45. Essa peça é acoplada ao cilindro e possui uma válvula que reduz a pressão da saída do ar comprimido para a mangueira que vai à boca do mergulhador. Outra função importante desse regulador é o sistema demanda-diafragma-alavanca que, na prática, permite que o ar seja liberado apenas quando o mergulhador necessita inspirar, impedindo o extravasamento do ar em fluxo contínuo (*free flow*), ou seja, ele organiza saída do cilindro de acordo com a demanda respiratória do mergulhador (Ribeiro Júnior, s/d. b).

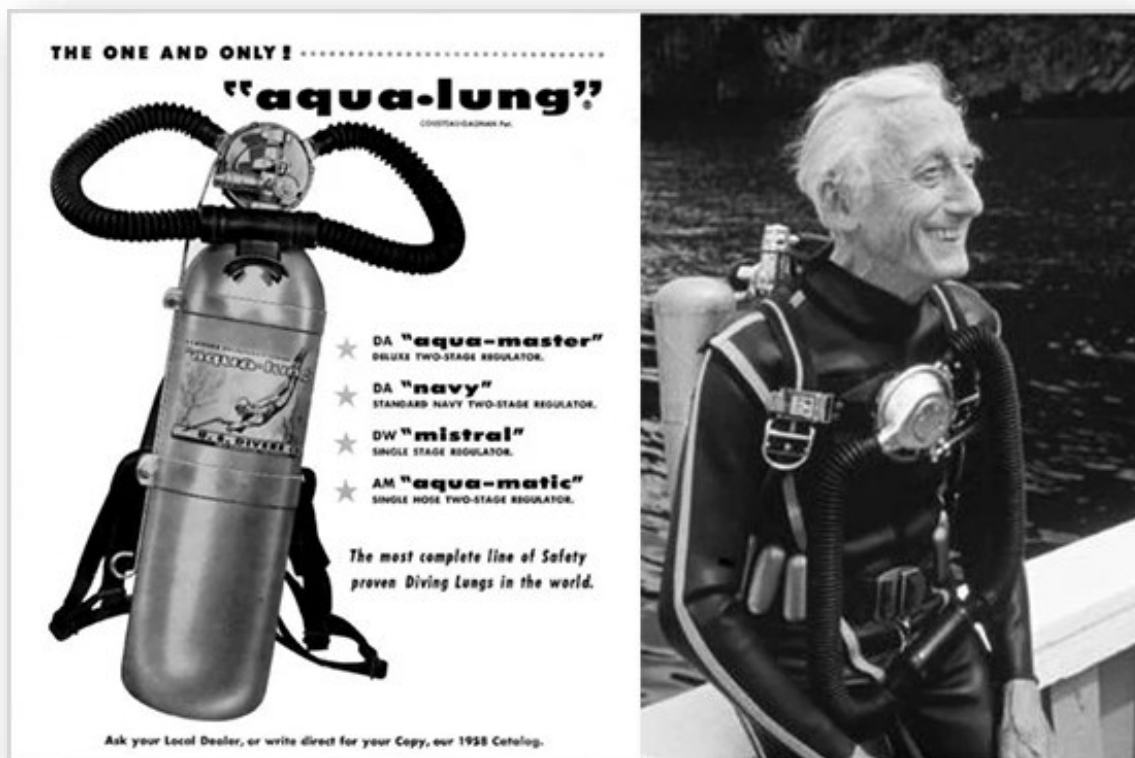
Esse sistema completo é, geralmente, composto por um ou mais cilindros presos por um cilindro preso ao corpo do mergulhador por tiras ajustáveis (*harness*) e conectado diretamente ao regulador que, por sua vez, liga-se a duas mangueiras (traqueias): sendo uma responsável

³² O francês Jacques-Yves Cousteau foi um oceanógrafo, explorador, ambientalista e cineasta. Pioneiro na pesquisa submarina. Ingressou na Marinha Francesa em 1930, após se formar Escola Naval Francesa, onde se especializou em artilharia e hidrografia. Atuou durante a Segunda Guerra Mundial (1939–1945) como oficial de inteligência e participou de missões de espionagem para a Resistência Francesa. Sua experiência militar foi fundamental para suas pesquisas iniciais em mergulho, já que a Marinha financiou parte de seus primeiros experimentos com equipamentos subaquáticos. Cousteau deixou a Marinha em 1949 para se dedicar integralmente ao estudo dos oceanos. Émile Gagnan foi um engenheiro francês que, em parceria com Jacques-Yves Cousteau desenvolveu o aparelho que seria conhecido como Scaphandre autonome e posteriormente Aqualung (Cousteau; Dumas, 1953; Cousteau; Schiefelbein, 2007, Ribeiro Júnior, s/d. b).

³³ O dispositivo de respiração de circuito fechado (*rebreather*) remonta de mais de trezentos anos, ele possibilita que o usuário inspire novamente o gás expirado por diferentes sistemas de filtragem e ou reposição de ar (Mocsári, 2015).

pela entrada do ar a ser inspirado e a outra pela saída do ar expirado. Entre elas posiciona-se um bocal que deve ser preso entre os dentes do mergulhador. Esse equipamento ficou conhecido mundialmente como *Aqua-lung*³⁴, nome comercial criado por Cousteau para o mercado dos Estados Unidos e Canadá (Ribeiro Júnior, s/d.b).

³⁴ Neste texto a designação da palavra Aqua-lung foi mantida conforme as diferentes grafias encontradas nas fontes pesquisadas, entre elas Aqualungue, Aqualung, Acqua-lung.

Imagem 01: *Aqua-lung* e Jacques Costeau

Fonte: <https://www.bucketlistdiver.com/blog/life-cousteau-fremantle-SCUBA-diving-fremantle/> (s/d.).

Até a criação do *Aqualung* o principal equipamento para mergulhos com suprimento de ar era o escafandro moderno, sistema que proporcionou e ainda proporciona trabalhos submersos relevantes, especialmente os militares (Rosa, 2008; Rowe, Santos, 2016). Todavia, o desenvolvimento do equipamento autônomo de respiração de circuito aberto mudou o curso do mergulho no mundo e no Brasil, possibilitando a realização do mergulho autônomo para diferentes fins, entre eles o recreativo (Rowe, Santos, 2016).

Enquanto isso, a caça submarina³⁵ consolidava-se como prática esportiva a partir de outra lógica: passou a ser regulamentada por regras específicas e mediada por critérios próprios de avaliação, como o peso ou a quantidade das presas capturadas pelos mergulhadores. Realizada em apneia, a modalidade valorizava o mérito físico envolvido na ação de submergir, prender a respiração e alcançar o alvo, elementos esses que reforçavam a exigência de preparo

³⁵ O uso da nomenclatura Caça Submarina foi progressivamente substituído pelo uso do termo pesca submarina. Neste texto respeita-se os termos usados nas fontes orais, documentais e bibliográficas.

corporal e controle técnico do mergulhador. Por outro lado, a caça submarina, praticada como forma de divertimento, esporte ou subsistência, incorporaria, especialmente no exterior, o uso do Aqualung, permitindo aos praticantes explorarem o ambiente subaquático sem os limites impostos pela apneia.

Essas formas de exploração com o uso do Aqualung ganharam força no final da década de 1940, quando o equipamento passou a ser comercializado no exterior, tornando o mergulho uma prática tecnicamente viável para pessoas comuns, fora dos círculos militares (Rowe, Santos, 2016). Com isso, o mundo subaquático, até então pouco acessado e envolto em mistérios, passou a ser revelado por meio de fotografias publicadas em jornais e revistas, de filmes e séries exibidas no cinema e na televisão, e pela experiência direta de novos mergulhadores.

3.2 Caça submarina e escafandria como principais influências no desenvolvimento do mergulho no país

Antes da invenção e chegada dos primeiros Aqualungs e dos óculos modernos, o ambiente subaquático brasileiro havia sido frequentado, até a primeira metade do século XX, mediante o uso de sinos de mergulho, de escafandros modernos e de submarinos, e por meio de mergulhos realizados por militares, no garimpo e na construção civil (Ribeira, 1975; Santarelli, 1983). Esses mergulhos com escafandros modernos foram mencionados pelos entrevistados como parte importante dos primórdios do mergulho no Brasil e compunham e/ou compõem os conteúdos dos cursos por eles ministrados.

Eles mencionaram, com frequência, que trabalhadores do garimpo e da Marinha do Brasil, por exemplo, contavam com equipamentos de escafandria, muitos deles fabricados na Officina Mechánica Charles Person, fundada em 1904, em São Paulo, pelo imigrante francês Louis Charles Person, chegado ao Brasil em 1896. Essa indústria — ainda existente como fabricante de hélices e equipamentos náuticos — produziu, ao longo de sua trajetória, capacetes, roupas de mergulho, bombas de ar, lastros de chumbo e até telefones subaquáticos (Escafandro, escafandria, diving/helmet, 2020).

Além da produção nacional, a importação desses equipamentos contribuiu para o surgimento de um comércio especializado, perceptível já nas décadas de 1920 e 1930 em anúncios classificados no *Jornal do Brasil* (Escafandros... 1925; Escafandros... 1934; Aparelho para escafandro... 1939). Esses registros documentais indicam circulação de equipamentos no país nessa temporalidade e vão ao encontro das falas dos entrevistados sobre os diferentes tipos de mergulhos realizados no mar brasileiro até a década de 1940, quando tem início a prática da caça submarina como modalidade esportiva institucionalizada.

Nessa ambiência, o Brasil toma conhecimento da caça submarina — uma atividade recém-descoberta na Riviera Francesa, na década de 1930 —, todavia ainda sem um nome ou um status delimitado. Essa forma de mergulho assumia papéis diversos, como esporte, turismo, excursão e exploração, como denominado em uma interessante matéria do jornal *O Correio Paulistano*, de 1946 — dentre outros jornais que, na segunda metade da década de 1940, apresentavam aos leitores brasileiros um novo tipo de esporte que acabara de chegar ao mar da Riviera Francesa, onde já era uma grande moda: “um tipo de pesca de óculos”, ainda denominado alpinismo subaquático que, logo seria chamado de caça submarina (*O esporte invade... 1946*).

A atividade, “que invadia o fundo dos mares estrangeiros”, era apresentada aos leitores brasileiros pela empolgante matéria. O jornal noticiava a chegada dessa “nova modalidade de turismo e um novíssimo gênero de exploração” dos mares, em que os participantes, “após mergulhos demorados, reaparecem conduzindo arraias enormes e outros peixes”. De acordo com as previsões jornalísticas, “dentro em breve não será difícil encontrar-se espalhados pelas praias, anúncios deste gênero: ‘Excursão à caverna X (a menos de 26 metros de profundidade), sob a direção do guia Y, quarta-feira, às 10 horas’” (O esporte invade... 1946, p. 08).

Segundo essa matéria, em seus anos iniciais a prática era realizada em apneia, mas o furor mundial causado pelo novo esporte provocava nos participantes o desejo de “ir a maiores profundidades e demorar-se mais sob a água, evoluindo livremente”. Com isso, “à medida que esse jogo se populariza [...] amadores de emoções novas, tratam de melhorá-lo ainda mais” (O esporte invade... 1946, p. 08) desenvolvendo equipamentos para superar os desafios de respirar abaixo da linha da superfície, de ir mais fundo e de ter autonomia para se deslocar no ambiente submerso. A matéria afirmava que esse feito já era realidade e comemorava o avanço: no exterior, acabara de chegar um aparelho que permitia tais evoluções submarinas a “muitas dezenas de profundidade e durante mais de hora e meia” (O esporte invade... 1946, p. 08). Tratava-se da criação do *scaphandre autonome*, (ou *Aqualung* ou, *inda*, *Scuba*) que, de acordo com os indícios encontrados por esta pesquisa, ainda era um equipamento pouco conhecido no Brasil até o início da década de 1950.

Este equipamento foi — e ainda é — utilizado legalmente para a prática da caça submarina em alguns países do exterior. No Brasil, porém, esse uso é atualmente ilegal, conforme estabelece a Portaria IBAMA nº 1.583, de 21 de dezembro de 1989, que proíbe o emprego de aparelhos de respiração artificial na pesca subaquática, exceto quando voltado à pesquisa (Brasil, 1989). Nos anos iniciais da prática da caça submarina no país, contudo, era permitida a utilização desses equipamentos durante o mergulho. Segundo a revista virtual Brasil mergulho (2020), a adoção dos aparelhos de respiração por caçadores submarinos é apontada como um dos fatores que retardaram, mais adiante, a consolidação do mergulho autônomo recreativo no Brasil, já que o interesse inicial pelo uso desses equipamentos parecia estar associado à caça submarina.

Essa afirmação é o ponto de partida deste tópico que trata sobre o desenvolvimento da caça submarina brasileira como um esporte que alcançou notoriedade, tanto nacional quanto internacionalmente, e seus impactos no surgimento e estruturação do mergulho autônomo recreativo no país. Este subitem também discute como o desenvolvimento da chamada escafandria, especialmente entre os caçadores submarinos de destaque no país e entre os

principais cursos de caça submarina, assumiu contornos voltados à realização de trabalhos subaquáticos, os quais consolidaram, posteriormente, o campo do mergulho comercial.

Vale salientar que o início da caça submarina também é tema recorrente entre os entrevistados desta pesquisa, que frequentemente atribuem sua origem no Brasil à chegada, em 1947, de equipamentos vindos da Europa — como máscaras, nadadeiras, tubos respiradores (atuais snorkels) e “espingardas de mergulho” — trazidos por um grupo carioca, formado por frequentadores do Iate Clube e do Clube Marimbás, entre eles João José Bracony, Paulo Lefevre, André Semamá, Eduardo de Oliveira e Francisco Ângelo Saturnino de Britto. Alguns desses pioneiros eram pilotos da empresa aérea Panair do Brasil, o que teria facilitado o transporte dos primeiros equipamentos (Brasil mergulho, 2020; Bracony, 1989).

Embora a data e o grupo sejam considerados inaugurais para a caça submarina brasileira, há indícios de que essa modalidade não era uma novidade nos mares cariocas já no início de 1947. Em fevereiro desse ano, por exemplo, o jornal *Correio da Manhã* anunciava a venda de loteamentos no condomínio Vila Mar de Saquarema e, entre os atrativos do empreendimento imobiliário, destacavam-se suas vantagens naturais para a prática da caça submarina — esporte, segundo o anúncio, em ascensão no país (Imagem 02) (Um esporte sensacional... 1947, p. 08).

Imagem 02: A caça submarina como atrativo de empreendimento imobiliário em 1947



Um esporte sensacional...

Nas águas fronteiras a Vila Mar de Saquarema existem grupos de escolhos onde vivem, mergulhados a pouca profundidade meros, garoupas e badejos, os peixes prediletos dos caçadores submarinos.

No Brasil, a caça submarina, esta se tornando um dos esportes favoritos pelos apaixonados da pesca. Vários desportistas já conseguiram êxitos sensacionais. Em Vila-Mar de Saquarema, a pouco mais de cem metros da praia e numa profundidade que varia entre seis e quinze metros V. S. poderá explorar com êxito garantido as águas em volta das pedras onde se abrigam os grandes peixes da zona mais piscosa da nossa costa.

Procure visitar quanto antes Vila-Mar de Saquarema para conhecer o melhor lugar de veraneio perto do Rio. Constantemente ventilada pelos ventos secos e tonificantes da zona salina do Cabo Frio. Hospede-se no Yachting Club na Lagôa e procure o lote de terreno que satisfaça completamente os seus desejos. Pagamentos dos terrenos a prazo sem juros e com facilidades para construção de sua casa de campo ou praia.

Peça informações detalhadas nos escritórios

De ARCAMPO
Rua México, 148
Loja e sobre loja — Tel. 32-5959

VILA-MAR DE SAQUAREMA

Fonte: Um esporte sensacional... 1947, p. 08

Outro indício é que, em fevereiro de 1947, à Avenida Erasmo Braga 255, sala 303, na cidade do Rio de Janeiro (RJ), encontrava-se um comércio, em atacado e varejo, de “fuzis de pesca submarina, com flecha, máscara, tubo respiratório e óleo para lubrificação” (Fuzis para pesca submarina... 1947, p. 20), equipamentos esses importados de Bruxelas e de Beirute. O anúncio sugere a existência de algum mercado de equipamentos no estado do Rio de Janeiro, pois além de trabalhar em volume suficiente para atender em atacado, procurava representantes

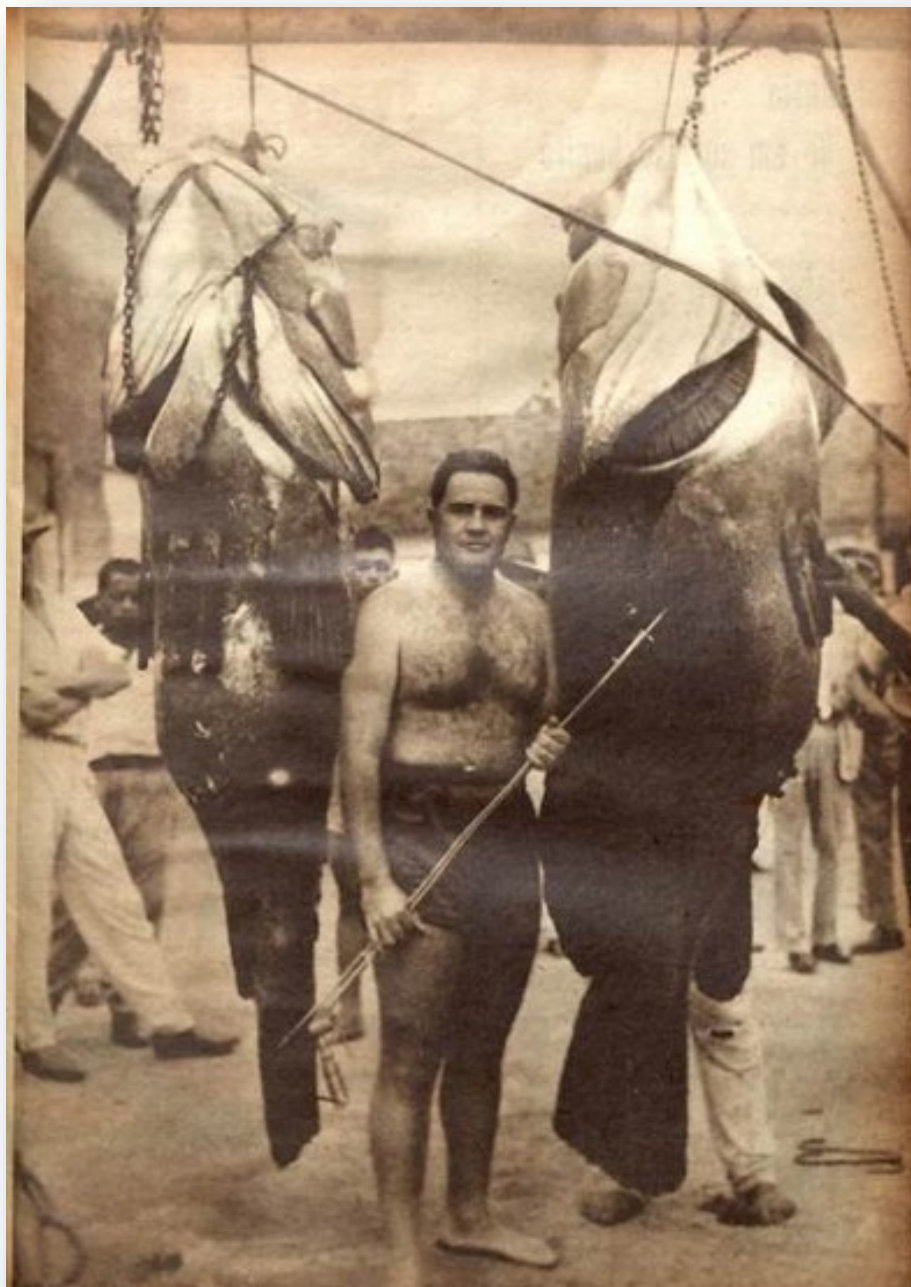
para a expansão das vendas no país (Fuzis para pesca submarina... 1947, p. 20). As pistas apresentadas suscitam questões para futuras pesquisas sobre o início e propagação da caça submarina brasileira, sobretudo considerando-se a rápida repercussão e abrangência que parece ter alcançado no Brasil e no exterior³⁶.

O crescimento da caça submarina brasileira em nível mundial foi significativo: em 1952 era fundada, na cidade do Rio de Janeiro (RJ), a Associação Brasileira de caça submarina (ABCS) (Bitencourt, Amorim, Mayrink, 2006) e, ainda no início desse mesmo ano, o atleta João Borges Neto quebrava um recorde mundial, estreando uma era de ouro para o Brasil nas competições internacionais de caça submarina (Um fato em foco... 1952, p. 80).

Essa notícia da revista *O Cruzeiro* celebra o “espetacular feito esportivo” com direito a foto de página inteira (Imagem 03) do *sportsman* e suas presas: dois peixes Mero com respectivamente cento e oitenta e um e duzentos e um quilos. Segundo a matéria, ele acabara de vencer “dois autênticos monstros marinhos” que, “conforme experiência de profissionais e amadores trata-se de peixe mais perigoso que o tubarão para o pescador submarino” (Um fato em foco... 1952, p. 80).

³⁶ Durante a realização desta pesquisa contatei a ausência de estudos historiográficos sobre a caça submarina no Brasil, esta lacuna é, de certa forma, contemplada neste trabalho, no entanto, destaco a relevância de futuros estudos que ampliem a compreensão dos sentidos e significados atribuídos à esta prática em suas diferentes ao longo da história do mergulho no país.

Imagem 03- João Borges Neto e os Meros



Fonte: Um fato em foco... 1952, p. 81.

Por meio da narrativa da imprensa leitores aprendiam a admirar os feitos — naquele tempo, impensados e/ou desconhecidos — de homens descritos como valentes pioneiros que enfrentavam feras em um mundo considerado terrivelmente perigoso. Os jornais construía a figura do herói-caçador submarino, exaltado por sua bravura diante de um ambiente natural ainda pouco conhecido.

O fenômeno da construção de sentidos e significados sobre práticas esportivas pela mídia manifestava-se intensamente, sobretudo a partir das décadas de 1940 e 1950, período em que a imprensa brasileira passou a dedicar maior atenção ao noticiário esportivo. Nesse contexto, modalidades como futebol, atletismo, remo, natação, levantamento de peso, tênis e vôlei passaram a ser amplamente cobertas, com narrativas que destacavam feitos considerados heroicos e que associavam os atletas a ideias de bravura, disciplina e representação nacional (Melo, Fortes, 2010).

A imprensa construía, no imaginário popular, a figura do herói-atleta futebolista e olímpico em meados da década de 1950 a partir de representações que, segundo Amaro e Helal (2014) e Amaro (2014), se articulavam a um projeto simbólico mais amplo que buscava associar o desempenho esportivo ao esforço nacional por modernização. Nesse contexto, atletas olímpicos eram apresentados como expressões do progresso brasileiro, cujos corpos treinados simbolizavam uma identidade nacional em construção. Suas conquistas extrapolavam os limites das competições e eram tratadas como vitórias coletivas, reforçando a ideia de uma sociedade em ascensão no cenário internacional.

Aos moldes das demais modalidades esportivas, observa-se que a caça submarina era apresentada pela imprensa sob a ótica da façanha e do heroísmo. O herói caçador era representado com destaque pela bravura dos pioneiros que se lançavam ao ambiente natural ainda pouco desvelado. A caça submarina se tornava conhecida, admirada e crescia como modalidade esportiva no país: já em 1953 este esporte reuniu equipes cariocas do Iate Clube do Rio de Janeiro (RJ), do Arpoador, da Praia Vermelha e de Ipanema, e do Clube dos Marimbás para o I Campeonato Brasileiro de “pesca no fundo do mar” organizado pela ABCS em Angra dos Reis (Pesca... 1953 p. 05).

Os demais campeonatos brasileiros seguiram anualmente, com aumento de participantes e equipes de outros estados brasileiros, crescimento este que foi exaltado, em 1955, pelo Jornal dos Sports, com destaque para a estreia de equipes formadas por jovens entusiastas do Distrito Federal, Pernambuco, Recife, Bahia, Espírito Santo e Santa Catarina. Como afirma, os novos adeptos superaram dificuldades quanto à obtenção de equipamentos e, “muitas vezes sem qualquer auxílio ou indicação que lhes sirva de modelo” (Espalha-se a caça... 1955, p. 07), abriam caminhos para que tão logo fossem criados clubes e agremiações de caça submarina espalhadas por todo o Brasil (Espalha-se a caça... 1955, p. 07).

No estado do Rio de Janeiro, por exemplo, agremiações e clubes já eram uma realidade. Em 1955 a revista Guanabara Fluminense trazia informações interessantes sobre a existência de clubes de caça submarina em Niterói, de um grupo de mergulhadores de Icaraí com cerca de

30 congregados e do clube “Associação Fluminense de Caça e Pesca Submarina” (Santiago, 1955 p. 10). Nessa reportagem, a novidade estava nas imagens captadas pelo mais novo fotógrafo subaquático da revista de variedades, o jornalista Almiro Baraúna (Imagem 04), que havia construído uma caixa estanque³⁷ para sua máquina fotográfica que oportunizava os registros subaquáticos (Santiago, 1955 p. 10).

³⁷ Caixa com vedação especial para ambientes aquáticos.

Imagem 04- Almiro Baraúna e sua Câmara fotográfica



Fonte: Santiago, 1955 p. 10

O estado de São Paulo não demorou a entrar no foco da imprensa, que registrava o crescimento, nos páreos, de equipes e atletas paulistas de caça submarina. De acordo com reportagem do jornal paulistano Gazeta Esportiva, em 1955 a recém-criada Associação Paulista

de caça submarina (APCS), presidida por Luis Pini Neto, recebia seis equipes de São Paulo para o I Campeonato Paulista, realizado em São Sebastião. O sucesso do evento, que teve a participação especial das equipes cariocas do Marimbás e do Arpoador, foi coroado com os recordes brasileiros alcançados pelos atletas João de Camargo Filho e José Carlos Brito (Recordes brasileiros foram assinalados... 1955. p.13).

Nos campeonatos brasileiros, entretanto, eram os cariocas que se despontavam e as equipes do Clube dos Marimbás que impulsionavam a era de ouro da caça brasileira. Entre elas a equipe Los Matadores, composta pelos atletas Angelo Murgel, Helio Uchoa, Francisco (Xiko) Saturnino de Brito, Jorge Lordelo, João José Bracony e o seu jovem filho, Eduardo Paim Bracony (Salcedo, 1956).

A entrada de Eduardo Bracony (o filho) na caça submarina ocorreu por meio da natação, ainda na infância. Nascido em 1944, foi introduzido ao mar pelo pai, atleta olímpico de vela e praticante de caça submarina, que, segundo ele, era um verdadeiro apaixonado pelo ambiente marinho. Em seus relatos — registrados em entrevista concedida a mim em sua residência na Urca, no final de 2022 — Bracony lembra que o pai o levava “*a tudo*”. Ainda pequeno e um pouco temeroso, foi lançado ao mar quase como um rito de passagem: “*Ele me pegava pelos forninhos e me jogava dentro d’água*” (Bracony, entrevista concedida à autora em 8 dez. 2022). Foi assim, diante do mar, que aprendeu a nadar: “Foi naquela: joga dentro d’água e se não nadar, afunda”. A partir desse contato inicial, descobriu, pela caça submarina, o fundo do mar.

O que motivava minha investigação, naquele momento, era compreender como o caçador submarino desenvolve relações com o ambiente marinho, uma vez que seu objetivo declarado é matar os animais que ali vivem. Confesso que me surpreendi com a resposta, pela sensibilidade que emergiu ao narrar suas experiências junto ao fundo do mar.

Querida, o mar é como se fosse uma viagem espacial, você entra em um ambiente totalmente diferente, lindo a cada mirada que você dá, você flutua como se estivesse no espaço, não dá para descrever, acontece. Para mim, o mar é o futuro do homem e eu vivi esse futuro antes da grande maioria (Bracony, entrevista concedida à autora em 8 dez. 2022).

Com consciência de ter vivido os anos iniciais da caça submarina no país, Bracony me ensinou sobre a possível e real convivência entre objetivos que parecem inicialmente ambíguos: caçar e contemplar. Tal simbiose de sensibilidades encontra-se não apenas nas memórias de Bracony, mas também em narrativas de outros mergulhadores, como Fernando Kuramoto e Claudio Guardabassi, que tiveram a caça submarina como porta de entrada no mergulho.

Guardabassi, por exemplo, em seu primeiro contato com o mar, relatou ter experimentado sensação de vertigem de altitude diante da transparência da água, na Lage de Santos, lugar em que mergulhou pela primeira vez:

Quando eu caí na água eu tive uma vertigem de altitude, de tão limpa que era a água, limpa demais, dava para ver o fundo, a vinte e dois, vinte e quatro metros, você via o fundo, totalmente [...] (Claudio Guardabassi, entrevista concedida à autora em 2 nov. 2023).

Fernando Kuramoto também descreveu as sensações de seu primeiro contato com o mar e a relação que estabeleceu com ele ao longo dos anos:

Quando eu coloquei uma máscara pela primeira vez e entrei na água depois daquele desespero inicial, eu senti que eu estava seguro e estava flutuando, eu me senti voando, eu me senti livre. Aí eu falei: ‘Nossa, que é isso que eu estou fazendo aqui?’. E aí você começa a desenvolver a atividade de uma forma assim que você quer estar toda hora dentro da água. Não importava se estava frio, você queria estar “voando” lá. E essa relação do mar, quando você olha... naquele tempo eu não tinha esse entendimento ainda, mas o planeta Terra, setenta e cinco por cento é água. Quer dizer, então você começa a abrir um mundo muito grande para você e aí você começa a querer cada vez mais ficar dentro dele, não é? E aí quando você começa a observar com mais calma, você tem mais técnica, você tem mais segurança, você começa a observar o fundo do mar, começa a ver os peixes multicoloridos, os corais, as esponjas, quando a água está limpa você vê muitos peixes, você começa a querer ver cada vez mais. E aí vira praticamente uma religião, você fica dependente totalmente. Então todas as pessoas que mergulham, as vezes que mergulham eu acho que não para mais. Primeiro, por quê? Não há necessidade de força física, você pode se equipar e desequipar dentro da água. Eu tive a chance de mergulhar com pessoas de renome com mais de oitenta anos de idade, noventa anos quase e a pessoa dentro da água eu chamava elas de polvo: fora da água tudo ‘esculhambado’, tudo ‘grudado no chão’, tudo dolorido, e dentro da água se soltava e ficava assim uma ‘deusa’, não é? Quer dizer, então a água faz isso com você, ela te libera e a sensação de espaço, de ‘voo’ é muito grande. Então, essa relação vai aumentando com a prática, porque você vai começando a prestar atenção em pequenos detalhes que fazem o mar ficar ainda mais lindo, ainda mais rico (Kuramoto, entrevista concedida à autora em 13 fev. 2023).

Dentre as relações com o ambiente, os entrevistados Fernando Kuramoto, Claudio Guardabassi e Bracony também destacaram a experiência de uma dupla descoberta: de um lado, reconhecendo o próprio corpo, seus limites e diante do meio submerso; de outro, tornando-se conhecidos pelos seres subaquáticos.

De acordo com Bracony, nos anos iniciais havia uma quantidade muito maior de peixes:

[...] no início [...] nós tínhamos muitos peixes. O peixe não conhecia o ser humano, o mergulhador. Então você entrava dentro d'água e podia dizer que o peixe vinha pertinho para ver o que você era, hoje você entra dentro d'água

e ele sai correndo. Hoje o peixe já conhece o homem como predador, naquela época não (Bracony, entrevista concedida à autora em 8 dez. 2022).

À medida que se tornava conhecido pelos seres marinhos, o ser humano aprendia sobre o comportamento de seu próprio corpo diante do mundo submerso que sofre impactos em sua fisiologia, comunicação, percepções, sentidos. O encontro com o meio requer adaptações, aprendizados. A visão através da máscara reduz o campo visual e sofre o efeito da refração que faz com que os objetos pareçam cerca de 25% maiores do que seu tamanho real e dois terços mais próximos. As condições de visibilidade do ambiente não são o único fator de interferência na visão, a profundidade alcançada interfere na percepção das cores. Os sons chegam quase cinco vezes mais rápido aos ouvidos que não têm tempo suficiente para identificar ao certo de onde vieram. Ao contrário do que diz o senso comum, o mundo subaquático não é silencioso, ele possui seus ruídos: de ondas, barcos, animais. O aparelho fonador humano não possui adaptações para emitir sons no ambiente subaquático e a principal de forma de comunicar se dá pela execução de gestos codificados. As ações das forças da gravidade e empuxo possibilitam outros equilíbrios, posições, deslocamentos... Em ambientes mais frios que o corpo ele rapidamente perde calor (PADI 2015a; PADI, 2015b).

Diante das descobertas sobre os comportamentos do corpo no fundo do mar ao final dos anos 1950, na matéria redigida pelo jornalista Santiago, percebe-se que começavam a ser identificados os riscos dos barotraumas, que provocavam sangramentos ainda sem que suas causas fossem plenamente compreendidas, e admiravam-se as valências físicas dos “azes” da caça submarina, entre os quais estavam os Irmãos Borges.

[...] João Borges mergulhava até 20 metros de profundidade, o que constitui uma temeridade. Os mergulhos comuns na caça submarina não ultrapassam de 10 metros sendo desaconselhável a incursão a profundidades maiores devido à forte pressão da água. Um dos campeões fluminenses, o capitão aviador José Viegas, contou-me fato que foi confirmado por vários de seus companheiros, que, de uma feita mergulhava a uma profundidade de cerca de 16 metros, rebentou-lhe uma veia no nariz, invadindo-lhe o sangue os óculos protetores causando-lhe uma sensação inesquecível, preocupando a todos que o socorreram e o viram naquele estado. [...] Por isso os caçadores de pescado preferem não se aprofundar e muitos seguem o sistema de realizar maior número de mergulhos evitando uma permanência demorada no fundo do mar (Santiago, 1956, p. 19).

Na caça submarina as limitações fisiológicas quanto ao tempo de permanência no ambiente subaquático e quanto as profundidades atingidas durante os mergulhos não permitiam longas explorações deste ambiente, especialmente nos mergulhos em apneia

que, limitados à brevidade do fôlego, focavam na preza como o objetivo do mergulho. Nesse sentido, Fernando Kuramoto, conta que nos seus anos iniciais no Brasil,

[...] o mergulho era de caça submarina, era assim uma atividade esportiva, técnica e você saía em busca de presas, você saía em busca de peixe, saía em busca de lagosta. E era uma coisa assim bem esportiva e a gente ficava na água das sete da manhã até às cinco da tarde, então era uma atividade que realmente preparava você fisicamente de uma forma estupenda. Os caçadores submarinos tinham uma preparação física e emocional muito grande, porque a gente sempre falava em caça submarina que: "Quem está pronto para matar tem que estar pronto para morrer", mas ninguém queria morrer, todo mundo queria sobreviver e voltar com suas presas (Kuramoto, entrevista concedida à autora em 13 fev. 2023).

E para sobreviver aos apuros do ambiente submerso, mais do que conhecer o ambiente e seus seres, seria preciso descobrir e respeitar os limites do próprio corpo e dos equipamentos. Fernando Kuramoto aprendera, ainda pequeno, a caçar com seu pai, Shizuo Kuramoto, que havia aprendido sozinho as ações necessárias para manter sua segurança. Entre elas, manobras que sanavam o desconforto nas orelhas, causado pela incidência da pressão exercida sobre elas durante a fase da descida, durante o ato de mergulhar. Fernando Kuramoto lembra que seu pai aprendeu pela experiência prática, o que fazer para evitar tais efeitos.

Olha, [...] sabia, porque ele praticou e ele percebia que tinha que equalizar³⁸, porque doía e quando ele fazia alguns dos movimentos, que agora nós chamamos de manobra de valsalva, ele não tinha problema no ouvido [Riso]. Então ele foi meio na experiência, nós já fomos com mais segurança porque ele tinha passado por essas experiências e ele transmitiu para a gente[...] (Kuramoto, entrevista concedida à autora em 13 fev. 2023).

Durante as décadas iniciais da caça submarina no Brasil os caçadores eram considerados atletas que testavam seus limites, expunham-se aos riscos, e por isso eram admirados. Suas aventuras pareciam alcançar apelo popular, uma vez que jornais mostravam o crescimento da atividade, sobretudo na segunda metade dos anos 1950. Considerando algumas pistas que mostram esse desenvolvimento, como a realização, em 1956, do V Campeonato Brasileiro de

38 Durante os mergulhos subaquáticos a pressão exercida pelo ambiente no corpo aumenta à medida em que se desce. Esse efeito incide particularmente sobre o ar contido nos espaços dos ouvidos médios e faz com que o tímpano se curve para o interior de sua cavidade, podendo gerar desconforto, dor e até o seu rompimento por barotrauma. O processo denominado como equalização tem o objetivo de acrescentar ar às cavidades das orelhas médias para que as pressões internas e externas se equilibrem. Para isso podem ser usadas manobras, como Valsalva (tampar as narinas com os dedos polegar e indicador e soprar suavemente) e Toynbee (fechar as narinas com os dedos polegar e indicador e engolir) (PADI 2015a; PADI, 2015b).

caça submarina, que contou com uma participação de vinte e seis equipes, primordialmente dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo.

A cobertura desse evento pelo repórter Sintulfo Santiago, com fotografias de Almiro Baraúna para o jornal Guanabara Fluminense, do Rio de Janeiro, destaca o envolvimento de políticos, comunidade, atletas e mídia esportiva em torno desse esporte. De acordo com a matéria, “Angra dos Reis tomara aspecto festivo durante a realização do campeonato. Os hotéis superlotaram e as ruas apresentavam um movimento incomum” (Santiago, 1956, p. 19). Pelas páginas do jornal (Imagem 05) acompanhava-se, com irreverência, as batalhas de arpoadas subaquáticas, demonstrando o tom de irreverência ante ao ato da caça.

Imagem 05 - Sequência de registros subaquáticos do fotógrafo Almiro Baraúna no V Campeonato Brasileiro de caça submarina, em 1956



Fonte: Santiago, 1956, p. 19-20

Com o sucesso, a caça submarina ocupava cada vez mais espaço em colunas de jornais brasileiros e ganhava colunas dedicadas ao esporte. Entre os colunistas estão jornalistas e atletas que divulgavam e informavam sobre a modalidade. No Rio de Janeiro, por exemplo, destacam-se as colunas de João Grande, no *Correio da Manhã*; Yllen Kerr, no *Jornal do Brasil*; Victor Wellish, no *O Globo*; Carlos Tavares, no *Jornal dos Sports* e Arduíno Colasanti, no *O Jornal*. No estado de São Paulo foram identificadas as colunas de Cícero S. Oliveira, no *Jornal Santista O Diário*, e de José Jacinto Magalhães Neto, no jornal paulistano *Folha de São Paulo*.

De acordo com Claudio Guardabassi e Sergio Costa outro importante meio de divulgação da caça, para além das colunas sobre a caça submarina em diferentes jornais no país, notadamente dos do Rio de Janeiro e de São Paulo, foram duas revistas dedicadas ao tema da caça submarina: *O Anequim*, uma iniciativa do fotógrafo Luiz Fausto, a partir de 1957 (Tavares,

1958, p. 07), e *Delfin*, revista idealizada por José Jacinto Magalhães Neto na década de 1960. (Colasanti s/d.).

Entre as décadas de 1950 e 1970, Luiz Fausto, José Jacinto Magalhães Neto e outros caçadores de destaque extrapolaram suas participações em competições da caça submarina e redigiram publicações em jornais, revistas e livros sobre esse assunto. Caçadores também se dedicaram a outras atividades correlacionadas a caça e ao mergulho em geral: fundaram e dirigiram clubes, federações e confederação; abriram escolas e ensinaram técnicas e conhecimentos da caça submarina; trabalharam nas primeiras pesquisas científicas sobre o ambiente subaquático; descobriram navios naufragados e seus tesouros; desenvolveram equipamentos; abriram lojas, fábricas e oficinas de equipamentos. Dentre as diversas atividades realizadas no âmbito da caça submarina, esses mergulhadores envolveram-se diretamente na realização dos primeiros trabalhos subaquáticos em apneia e com o uso dos chamados narguilé e do escafandro autônomo no país. Esses primeiros trabalhos foram os precursores da atividade do mergulho comercial (Colasanti s/d., Colasanti, 2018).

O entrevistado João Carlos Pompeu da Silva (Tatalo) relatou o intenso envolvimento de caçadores submarinos nos primeiros momentos do mergulho comercial no Brasil. Ele próprio atuou profissionalmente para aquela que é considerada a primeira empresa civil a realizar trabalhos subaquáticos de grande porte no país: a Empresa Brasileira de Operações Subaquáticas (EBOS). Fundada em 1958 pelo caçador e fotógrafo Luis Fausto, a EBOS teve como primeiro trabalho a derrocagem de pedras no Porto Carvoeiro Henrique Laje, em Imbituba (Santa Catarina). Para essa operação Fausto contou com a participação dos caçadores Arduíno Colassanti e Paulo Muller. Já o caçador Raul Cerqueira atuou para a EBOS no lançamento de um oleoduto da Petrobrás, na Guanabara, em 1960 (Carli, 2007; Colassanti, 2012).

Aduínio Colassanti declarou em uma entrevista veiculada pela Revista Virtual Brasil mergulho (Colasanti, 2018) que “esses foram os primeiros trabalhos feitos com nadadeira, máscara, compressor de média pressão na superfície, valvulinha na boca, E aí... sem me dar conta comecei uma profissão. Profissão essa que... é... bom, durou até muito pouco tempo atrás. Eu fiquei no mergulho comercial, é... bastante tempo”.

Tatalo relatou ainda que, antes de sua atuação na EBOS, trabalhou em uma empresa menor, que antecedeu sua experiência de sua atuação na EBOS:

E a primeira firma de mergulho no Brasil, eu trabalhei, que chamava Hansen and Petersen, que eram dois noruegueses que faziam trabalhos subaquáticos.

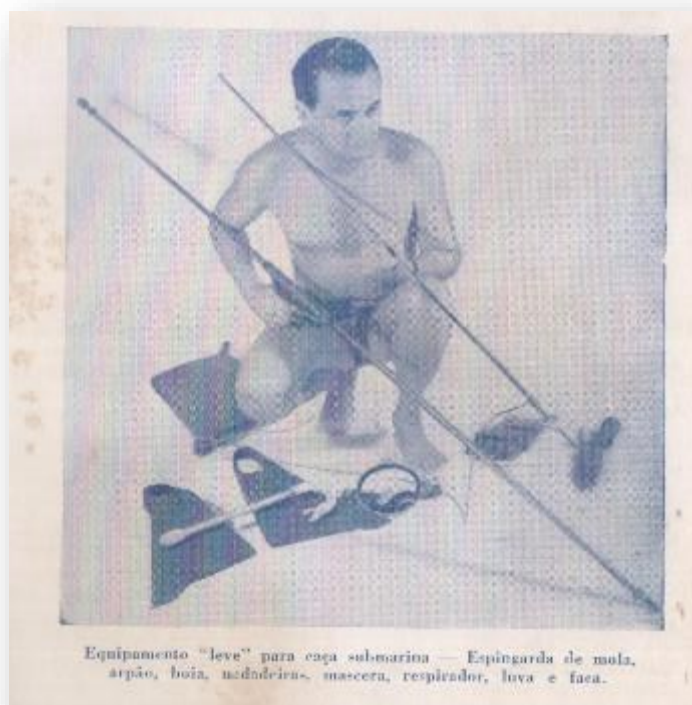
E depois eu passei para outra segunda, maior firma, essa era, realmente a firma mais conceituada, que era, depois da Hansen & Petersen, era a EBOS, Empresa Brasileira de Operações Submarinas, que já acabou, onde eu fiz, [...] meus maiores trabalhos subaquáticos no Brasil. Essa é a logomarca que era da EBOS [Exibe tatuagem no antebraço direito]. Quando a firma fechou, eles me passaram essa logomarca. Um mergulhador que era o símbolo deles, dessa firma (Tatalo, entrevista concedida à autora, 2022).

O auge da caça submarina no Brasil, configurado pela projeção de seus atletas em nível nacional e internacional desde o início da década de 1950, parece ter aberto uma infinidade de possibilidades de atuação e experiências junto ao ambiente subaquático e diversas formas de praticá-las, entre elas os usos dos aparelhos de respiração subaquática, sobretudo os de circuito aberto dependentes (Narguilés) e autônomos (Aqualungs).

Desde a década de 1950 os usos dos Aqualungs inauguraram no exterior, o *Scuba Diving*, atividade desenvolvida no Brasil apenas duas décadas depois, conhecida como mergulho amador e, posteriormente mergulho autônomo recreativo (Brasil Mergulho, 2020). Segundo Colassanti (2018), um dos primeiros praticantes a ser avistado nas praias do Rio de Janeiro usando o equipamento, denominado no país como escafandro autônomo, para a prática da caça submarina, foi Emérico Samassa Mayer. O escritor e jornalista havia conhecido a atividade em Capri, na Itália, na década de 1930 e na década de 1950 mergulhava nas praias cariocas. Além de caçar, fazia também registros fotográficos com sua câmera Rolleiflex (Colassanti, 2018).

Além disso, usos dos escafandros autônomos por Samassa Mayer foram registrados em seu livro *O mundo desconhecido* (Mayer, 1957), que trata sobre as aventuras e descobertas no fundo do mar carioca, utilizando duas possíveis combinações de equipamentos para caça submarina, denominados por ele leve e pesado. A combinação leve (Imagem 06) era constituída por espingarda de mola, arpão, boias, nadadeiras, máscara, respirador, luva e faca; já a pesada era composta por aparelho de ar comprimido, boia, roupa de borracha, cinto com pesos, espingarda de gás, arpão, respirador, máscara, luva e faca (Imagem 07).

Imagem 06. Equipamento leve para caça submarina



Equipamento "leve" para caça submarina — Espingarda de mola, arpão, boia, nadadeiras, máscara, respirador, luva e faca.

Fonte: Mayer (1957, p. 11)

Imagem 07- Equipamento pesado para caça submarina



Fonte: Mayer (1957, p. 21)

A configuração leve de equipamentos foi, provavelmente, predominante na caça submarina praticada no Brasil na década de 1950, todavia é possível perceber usos recreativos esporádicos de equipamentos autônomos de respiração. Esta figura mostra o uso do aparelho autônomo e respiração de circuito aberto como próprio para prática da caça submarina.

Nesta mesma temporalidade, no exterior, no final dos anos 1950, a atividade *Scuba diving*, já era uma realidade, entretanto no Brasil, os usos dos aparelhos que configuram esta prática estavam voltados à caça submarina, que se desenvolvia-se no país sob diferentes aspectos, entre eles na criação dos primeiros cursos destinados ao ensino da caça submarina e na divulgação da caça por meio de jornais e revistas. Os caçadores que competiam nas principais equipes do país assumiam os papéis de ensinar nesses cursos e de redigir colunas dedicadas à caça submarina em importantes jornais brasileiros.

Os primeiros cursos de caça submarina que encontrei durante a pesquisa na hemeroteca digital são do estado de São Paulo: O caçador Cícero S. Oliveira ministrou um dos primeiros cursos de caça submarina do Brasil. em Santos (SP); Luis Pini e Luis Carlos Junqueira foram

os primeiros professores do curso de caça submarina na Associação Cristã de Moços (ACM)³⁹ de São Paulo, com início em 1958 (caça submarina na A.C.M. 1958, p. 19). Encontrei nos classificados dos jornais um anúncio de outra escola de mergulho chamada Nautilus, que anunciava em 1958, cursos permanentes de caça submarina e mergulhos com “Aqua-Lung” para ambos os sexos, sob a direção de Décio Reis (Imagem 08) (caça submarina, 1958, p. 19).

Imagem 08- Anúncio de aulas de caça submarina e mergulhos com “Aqua-Lung” na Escola Nautilus em São Paulo, no ano de 1958



Fonte: caça submarina, 1958, p. 19

³⁹ A Associação Cristã de Moços (ACM), ou Young Men's Christian Association (YMCA), teve origem em Londres, em 1844, e expandiu-se para os Estados Unidos e outros países ao longo do século XIX. Chegou ao Brasil em 1893, com a fundação de sua primeira sede na cidade do Rio de Janeiro. A vinda da ACM ao país foi impulsionada pela atuação de missionários protestantes, como Myron Clark, e pela atuação da embaixada dos Estados Unidos no Brasil. A instituição tornou-se um importante espaço de formação de jovens do sexo masculino, promovendo atividades educativas, sociais e físicas, ancoradas nos valores protestantes e nos modelos culturais estadunidenses, especialmente no contexto de crescente influência norte-americana no Brasil republicano (Silva, 2020).

Quanto à criação de cursos de caça submarina, as pistas encontradas nos jornais levam a crer que o estado de São Paulo saiu na frente em relação aos demais estados brasileiros no ensino dessa modalidade, uma vez que há registros da constituição formal de cursos voltados a essa prática em 1958. Esse possível pioneirismo pode estar relacionado à pujança econômica do estado, que se destacava em comparação ao restante do país. Tal condição pode ter facilitado o acesso à infraestrutura e aos equipamentos necessários para a prática da caça submarina. Um exemplo disso é o anúncio da escola Nautilus, localizado nos classificados daquele ano, que já mencionava dispor de estrutura apropriada para as aulas, como piscina aquecida e uso de equipamentos autônomos de respiração.

Chama a atenção o fato de essa escola já disponibilizar equipamentos autônomos de respiração, considerando que, segundo os entrevistados, havia uma grande carência desses equipamentos no país nesse período. Todavia, os relatos também mencionam uma iniciativa relevante que pode ter contribuído para suprir, ao menos em parte, essa demanda — especialmente na cidade e no estado de São Paulo — a partir da década de 1950. Trata-se da atuação de Gigi Del Maschio, ex-mergulhador de combate da marinha italiana, que imigrou para o Brasil em 1947 e, a partir de 1951, passou a empreender na fabricação e comércio de artefatos de metal e borracha, por meio de diferentes parcerias. Sua produção incluía máscaras, reguladores e nadadeiras, e foi considerada pelos entrevistados como uma das principais fontes de suprimento de equipamentos no país, naquele período (Ribeiro Júnior s/d.a).

Em 1952, Gigi Del Maschio requereu a patente, concedida em 1955, para o projeto do Escafandro Autônomo Atlântida. O sucesso desse equipamento resultou na mudança da razão social da empresa de Del Maschio e sócios, no ano de 1968, para Atlântida Indústria Metalúrgica Ltda. Essa empresa produziu garrafas⁴⁰ de aço, válvulas reguladoras, roupas de mergulho, “pés de pato”, máscaras e armas de caça submarina (Ribeiro s/d.a).

Claudio Guardabassi destacou outra interessante iniciativa da incipiente indústria brasileira de equipamentos inaugurada por Ignazio Terrana, Italiano apaixonado por automobilismo que estabeleceu em 1955 um comércio de peças de borracha na Rua Libero Badaró, número trezentos e quatorze em São Paulo, onde produzia as máscaras e nadadeiras Italianinas (Ministério da Indústria e do Comércio, 1960; Ministério da Indústria e do Comércio, 1979).

⁴⁰ Ao longo da história do mergulho no país, os cilindros de mergulho foram comumente chamados de garrafas, botijão, bujão e outros.

A imagem 09 revela uma pista interessante sobre a circulação de equipamentos autônomos de respiração de circuito aberto da marca Atlântida, bem como de nadadeiras italianas, divulgadas em anúncios jornalísticos de promoções de Natal, de 1961. Esses itens figuravam entre as atrações do departamento de caça e pesca da loja Mesbla.

Imagem 09- Anúncio da sessão de caça e pesca da loja Mesbla em 1961



Fonte: Caça e Pesca, 1961, p. 12.

A livre comercialização de escafandros autônomos no Brasil durante os anos 1960, associada à ausência de regulamentação específica, possibilitou o uso dos aparelhos de respiração subaquática em atividades de caça submarina, especialmente nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, onde a prática teve maior projeção. No entanto, há indícios de que o uso desses equipamentos não era um hábito amplamente difundido naquele período. Entre os fatores que limitavam sua adoção, destacam-se: a baixa oferta e o alto custo dos aparelhos; a necessidade de acesso a compressores específicos para o abastecimento dos cilindros; e as constantes discussões sobre a ética esportiva envolvida no uso dos chamados “auto-respiradores”, conforme veiculado em periódicos especializados em caça submarina.

Dois excertos jornalísticos trazem pistas sobre essa tensão: uma matéria publicada em 1958, na coluna de caça submarina do jornal *O Correio da Manhã*, redigida por João Grande; e outra, de 1959, escrita por H. P. Schmidlin na coluna subaquática do jornal *Diário do Paraná*, sob o título “Caça ou matança?”. Ambas questionavam o uso dos aparelhos autônomos à luz dos valores éticos então associados à prática desportiva.

No Brasil a maioria dos caçadores submarinos têm se revelado contra o emprego desses aparelhos para pescar, sendo também encarada como atitude antidesportiva [...] Podemos garantir que, além do mais, matar uma presa usando escafandro autônomo não poderá proporcionar, sequer de longe, o mesmo prazer que se tem ao arpoar no fundo um peixe usando apenas nossos próprios meios respiratórios. Outro inconveniente, ainda, do uso dos aparelhos para pescar é que, indo buscar os peixes nos seus refúgios, cada vez mais eles hão de procurar fugir para locais mais fundos até o ponto que tornarão impraticável a caça submarina por qualquer processo (Grande, 1958, p. 03).

Como ocorre em todo o Brasil, onde se pratica a caça submarina, não se tolera o emprego dos auto-respiradores. Ora, a finalidade da caça submarina é a captura do peixe. É justo que a presa possa se defender. Consegue, em parte, com as limitações naturais que o mergulhador depara sem o auxílio de qualquer aparelho de respiração submarina. Conta unicamente com seu próprio fôlego. Na caça somos obrigados a nadar, reter a respiração, mergulhar, encontrar o peixe, perseguir, arpoar, trazê-lo à superfície. Eis, em síntese, todo o ciclo técnico da empresa. O mergulhador emprega somente seus dotes e meios naturais. [...] Qual o valor de uma caçada com aparelhos respiradores [...] seria o mesmo que pescar com dinamite ou caçar elefantes com bazucas [...] A caça submarina é um esporte e como tal deve ser mantido (Schmidlin, 1959 p. 02).

Outra pista a ser considerada a respeito dos usos dos aparelhos nas atividades de caça submarina é que, embora esse uso tenha sido legalizado para atividades de pesca subaquática no final dos anos 1950 no Brasil, as federações deste esporte tinham por regra não reconhecer os recordes alçados por esses meios nas competições oficiais, a lógica da competições de caça fundamentava-se na disputa “justa” entre atletas que deveriam estar em apneia e os peixes que tinham maiores chances de competir com os caçadores sob essas condições. No estado de São Paulo, por exemplo, a proibição da pesca subaquática com o uso de *Aqualungs* ocorreu em 1962, via portaria emitida pela Divisão de Proteção e Produção de Peixes e Animais Silvestres da Secretaria de Agricultura. A notícia foi comemorada na coluna do Santista Cícero Oliveira, no jornal *O Diário* da cidade de Santos (SP), Cícero Oliveira fazia, porém, uma ressalva, em sua opinião, a normativa deveria ter abrangência nacional em todos os locais onde habitualmente se praticava a pesca — comumente denominados como pesqueiros — no país. Cícero Oliveira destacava: “mormente se considerarmos que o maior número de caçadores

meio-profissionais se encontra nos estados da Guanabara e Rio e Janeiro [sic]. Em São Paulo é quase zero o número de mergulhadores que se utilizam de aqualungs para suas arpoadas” (Oliveira, 1962, p. 13). Os apelos para a prática da caça pareciam fortes o suficiente para dispersarem as atenções e/ou anseios por realizar a atividade *Scuba* já praticada no exterior.

Vale destacar que no final da década de 1950 e início da década de 1960 o país viveu seu maior auge nas atividades de caça submarina e mergulho Livre já que teve proeminência mundial nas competições dessas modalidades. Na caça, o Brasil permaneceu durante anos entre os quatro primeiros países no ranking mundial. Essa façanha foi garantida por atletas como Abel Gazio, Arduíno Colasanti, Bruno Nicoletti, Américo Santarelli e, principalmente, Bruno Hermann, que conquistou o primeiro lugar nos campeonatos de 1960 e 1963. Já no mergulho Livre Américo Santarelli havia quebrado o recorde brasileiro ao atingir os quarenta e quatro metros, marca que iria superar em 1967 ao atingir os quarenta e seis metros quebrando o recorde mundial (Ribeira, 1975; Santarelli, 1983).

Nessa época, descobertas de freqüentações recreativas à beira-mar também estavam em pleno auge, fenômeno este decorrente de alterações de sensibilidades junto às praias, que ocorre no Brasil a partir do início do século XX, quando começam a ser utilizadas como espaços de lazer, sendo inauguradas práticas como banhos de mar, passeios, piqueniques e diferentes modalidades esportivas (Schossler, 2013; Terra, 2016; Montenegro e Soares, 2019; Melo, 2015). No Rio de Janeiro, por exemplo, no início da década de 1960, entre divertimentos praianos, como remo, esqui aquático, esportes de raquete e o recém-chegado “hábito de ficar em pé sobre as pranchas, sequer chamado surfe” (Dias, Fortes, Melo, 2012, p. 258), estava a caça submarina. Nos dias de poucas ondas, caçar era uma opção de lazer — e subsistência — para esportistas como Arduíno Colasanti, atleta da caça submarina, surfista, considerado precursor do surfe e do mergulho brasileiros.

Arduíno foi um autodidata. Nascido na Itália em 1948. Ele chegou ao Brasil com onze anos, quando começou a frequentar a Praia do Arpoador, onde passava a metade de seus dias a “pegar Jacaré, que era surfar com a tabuinha” e a mergulhar (Colasanti, 2018). Modelo e famoso ator de cinema, Colasanti é talvez o mais típico exemplo dos caçadores e surfistas frequentadores das praias, clubes e bares cariocas de uma zona sul em fase de invenção (Dias, Fortes, Melo, 2012).

Praia, mar, clubes, ruas e bares da zona sul da cidade viviam uma efervescência cultural permeada pela presença de jornalistas, intelectuais e artistas, como músicos da Bossa Nova e cineastas do Cinema Novo, que frequentavam e imprimiam costumes (Dias, Fortes, Melo, 2012). Nos círculos sociais das famosas praias de Ipanema e Copacabana, o trânsito de

mergulhadores, alguns galãs, outros famosos e ricos, ocupava posição de destaque. Randal Fonseca relembra na entrevista que os mergulhadores eram admirados por seus portes físicos e seus feitos nas águas e frequentavam as badaladas festas do Iate Clube e do Clube dos Marimbás usando máscara na testa e com uma sunga pendurada no bolso da calça, como símbolos de seu status. Ao mesmo tempo, frequentavam também praias ainda menos conhecidas, descobrindo novos lugares nos mares cariocas. Na década de 1960 a fama dos ídolos da caça submarina havia atingido o país, e os estados do Rio de Janeiro e São Paulo permaneciam no protagonismo das maiores disputas dentro e fora da água (Randal, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2022).

Os caçadores paulistas, embora almejassem alcançar a mesma notoriedade dos cariocas, estavam submetidos a outras condições geográficas e culturais, sobretudo na capital do estado, que não é banhada pelo mar. Com isso, a principal porta de entrada no mergulho estava na frequência das piscinas dos clubes, por meio da natação. Esse foi, por exemplo, o percurso feito por Claudio Guardabassi, que foi frequentador do Clube Tietê desde os quatro anos de idade, levado pelo tio a aprender a nadar a partir de uma forma que era comum à época:

[...] meu tio nos levava lá e jogava na água, que [era] a técnica mais atual naquela época era jogar dentro d'água e: se vira! E daí aquele prazer pela água e aquilo era uma frequência contínua e eu me identifiquei muito com a água e virei militante do Tietê, do Clube Tietê. Mas eu não gostava de nadar, ficar na raia nadando, isso eu não gostava. O que eu gostava mesmo era de ficar embaixo d'água, isso eu gostava e como a piscina tinha [...] cinco metros de profundidade, então a gente descia [...] para ver quem era o melhor para chegar até o fundo da piscina e eu sempre chegava (Claudio Guardabassi, entrevista concedida à autora em 2 nov. 2023).

Para ele, a relação com o ambiente líquido e a percepção de possuir um bom fôlego associaram-se ao desejo de mergulhar e de, talvez, conseguir replicar os feitos dos famosos atletas cariocas de destaque na caça submarina.

[...] os caras do Rio, eles tinham, assim, não saberia dizer exatamente como, mas era, assim, um negócio à parte, os caras eram vistos assim como: “Putz... esses caras são os bons.”, sabe: “Esses caras são loucos, não é? São bons, eles pescam, vão lá, pegam peixe, ‘não sei o quê’.”. Era assim. E anterior a mim então... (Claudio Guardabassi, entrevista concedida à autora em 2 nov. 2023).

O caminho que levou Guardabassi a conhecer e frequentar o ambiente subaquático marinho não estava, em princípio, na diversão à beira mar, nem nas frequentações dos iate-clubes. Aconteceu no seu aniversário em 1960, quando foi presenteado por amigos, que o

matricularam no curso do professor José Jacinto Magalhães Neto, na Associação Cristã de Moços da cidade de São Paulo. Nesta cidade, os cursos que ofereciam a instrução deste esporte pareciam meios viáveis para a aproximação de paulistas à caça submarina.

Na cidade de São Paulo da década de 1960, os cursos de caça submarina pareciam centralizar o convívio em torno deste esporte, por meio do ensino, de eventos sociais e culturais como, por exemplo, a realização de palestras. Enquanto aluno da ACM de São Paulo, Claudio Guardabassi viveu toda essa ambiência que era fomentada pelo então professor José Jacinto Magalhães Neto. Claudio Guardabassi considera que Magalhães tem uma grande importância para o desenvolvimento do mergulho no Brasil:

[...] É um camarada esquecido do mergulho, mas esse cara foi um precursor muito forte no mergulho muito se deve a ele, infelizmente não se cita o nome dele. Não só isso, mas ele também, como era engenheiro, ele construiu a primeira válvula, dessa válvula de dois estágios separados, ele foi o primeiro a construir, construiu nadadeira, construiu lanterna, mas acabou se perdendo com o tempo [...] ele tinha formado um grupo, através dos alunos da ACM, que é Associação Cristã de Moços, [...] eles se encontravam em um atelier de um pintor, o nome dele era Gomide, pintor famoso [...] E esse pessoal se reunia lá porque tinha todo um contexto, assim, não só do mergulho, mas um contexto cultural também, porque sempre tinha alguém fazendo uma palestra a respeito de um assunto que englobava mergulho também, principalmente pessoal de oceanografia, experiências de vida, então era muito interessante isso. Eu era o cara mais novo, imagine, com dezesseis anos de idade, era um garoto lá e esse clube, provavelmente é um dos primeiros, houve outros clubes antes desse, mas esse daí provavelmente foi o primeiro que foi o Clube Paulista de Exploração Submarina, e esse José Magalhães conduzia muito bem tudo isso daí. Isso acabou criando a Federação Paulista de caça submarina (Claudio Guardabassi, entrevista concedida à autora em 2 nov. 2023).

José Jacinto Magalhães Neto assumiu as aulas de caça submarina da Associação Cristã de Moços (ACM) na década de 1960, às quais havia acrescentado noções de escafandria.

Vale salientar que a atividade conhecida como escafandria, ou escafandrismo, trata-se de um mergulho com abastecimento de ar, que pode ser autônomo — a partir do uso do equipamento de respiração autônoma, conhecido, à época, como escafandro autônomo — ou dependente — em que o mergulhador é abastecido de ar por um compressor localizado na superfície, ligado a uma longa mangueira que vai à sua boca, o sistema é comumente conhecido como narguilé. De acordo com grande parte dos entrevistados, por causa da escassez de equipamentos autônomos no Brasil utilizava-se, primordialmente, o sistema de narguilé.

A partir da realização do curso ministrado pelo professor Magalhães na ACM de São Paulo, Claudio Guardabassi passou a se envolver ativamente nos círculos sociais formados em torno da caça submarina na cidade e no estado. Na capital e no litoral paulista, a efervescência

em torno dessa prática tinha, assim como no Rio de Janeiro, o seu charme. Guardabassi relata que nas reuniões entre amigos surgiam espontaneamente viagens, encontros e competições, que consolidavam redes de sociabilidade articuladas pela caça submarina.

O pessoal se concentrava lá no Gomide, aí teve um mergulhador, o Hernane, que era um amigo meu, que ele tinha um conjunto [imobiliário] entre a Brigadeiro Luís Antônio e a avenida Paulista. E ele cedeu lá o espaço para se fazer a federação e daí nasceu a federação lá, não é? E depois nós saímos de lá e aí pegamos um prediozinho que era perto da Praça da República. São lugares muito centrais esses aí. Era Marquês de Itu sessenta e três, acho que era. E todas as quintas-feiras tinha umas reuniões lá. E aí juntava a terça-feira, que era a reunião da federação e quinta-feira era a reunião do Clube Paulista de Exploração Submarina. Começaram a nascer clubes, não é? Acho que uns dez clubes e grupos, não é? Como no Rio eles tinham lá também, dos iate-clubes tinha os grupos lá. [...] E era um negócio de bate-papo, falando de pescaria, marcando as pescarias, todo mundo entusiasmava. E daí saíram os campeonatos (Claudio Guardabassi, entrevista concedida à autora em 2 nov. 2023).

A federação paulista de caça submarina foi criada em 1961 com a participação dos seguintes clubes filiados à Liga Santista de caça submarina: Clube Regatas Saldanha da Gama, Internacional de Regatas, Regatas Santista, Tumiaru e Pesca de São Vicente, representados por Sérgio Alfieri; Clube Santista de Pesca e caça submarina, representado por Cícero S. Oliveira; Clube Mako, por Patrick Nielander, Sérgio Buchignani, Amadeu Bellini e Manoel Nunes; Clube de Caça e Pesquisa Submarina de Ilhabela, por Marcelo Neiva e Mário Volcoff; Clube Paulista de Exploração Submarina e Sociedade Harmonia de Tênis, representados por Paulo Henrique de Almeida Prado (Oliveira, 1961, p. 09).

Nessa ambiência o jovem Claudio Guardabassi conviveu com a equipe de caça submarina que mais despontava em São Paulo, o grupo dos Apaches, patrocinado pelo empresário José Massa e dirigido pelo caçador Luiz Massa. Claudio Guardabassi relembra:

[...] tinha vários mergulhadores, a equipe era [composta por] uns sete mergulhadores e esse mergulhador, um era do Espírito Santo, três do Rio, dois de São Paulo, então a nata da “pesca sub” era tudo contratado pelo avô do Massa. E esses caras eram muito bons, viviam disso, praticamente viviam da “pesca sub” e eu [...] fui evoluindo lá nos campeonatos, fui pegando, assim, um traquejo muito bom (Claudio Guardabassi, entrevista concedida à autora em 2 nov. 2023).

As atividades de caça submarina, como incursões e competições, realizadas por este e outros grupos de caçadores do estado de São Paulo ocorriam, geralmente, nas cidades de Santos, São Sebastião, Ilhabela e Ubatuba. Nessas experiências, caçadores paulistas descobriam seu litoral e aprimoravam-se tecnicamente. Nesse contexto, talentos como Orlando Alexandre,

Delmar Soares Corrêa e Claudio Guardabassi despontaram no cenário desportivo da caça submarina do estado de São Paulo e nacionalmente.

3.2.1 Produção nacional de equipamentos para caça submarina e escafandria

Os atletas de São Paulo e do Rio de Janeiro desempenharam um papel central no desenvolvimento da caça submarina no Brasil, fomentando a prática e, em muitos casos, produzindo, eles próprios, alguns equipamentos. A necessidade de adquirir e manter equipamentos adequados impulsionou um mercado específico, com destaque para a fabricação e comercialização de armas submarinas, especialmente nesses dois estados, ao longo das décadas iniciais da caça submarina no país.

O desenvolvimento de armas nacionais é um tema recorrente nos “breves históricos” da caça submarina presentes em obras, como as de Claudio Guardabassi e Waldir Naccarato (1996) e de Eduardo Bracony (1989). Durante as entrevistas, a produção desse tipo de equipamento, assim como de outros acessórios, emergiu como um aspecto central que favoreceu a própria consolidação dessa prática no Brasil.

Guardabassi e Bracony (Claudio Guardabassi, entrevista concedida à autora em 2 nov. 2023, Bracony, entrevista concedida à autora em 8 dez. 2022) relataram que a busca por novas formas de potencializar os disparos das armas levava os caçadores a recorrerem ao trabalho de torneiros mecânicos que, com o tempo, acabavam por se especializar na fabricação artesanal, contribuindo diretamente para o desenvolvimento técnico da atividade no país. Entre os exemplos de desenvolvimento de armas nacionais para a caça submarina, Guardabassi e Naccarato (1996, p. 23) destacam a criação de uma arma de mola com coronha e gatilho desenvolvida por José Magalhães, batizada de “Cernia”. Já Gigi Del Maschio concebeu a “Piranha”, um arbalète com elástico armado no interior do cano. Na cidade de Santos, o nome mais citado é o de Aluysio, que chegou a projetar e fabricar uma arma movida a ar comprimido. Outra iniciativa relevante, frequentemente mencionada por Guardabassi e Bracony, refere-se à instalação, no Brasil, de uma unidade da marca Nemrod, voltada à fabricação de armas nacionais para caça submarina (Claudio Guardabassi, entrevista concedida à autora em 2 nov. 2023, Bracony, entrevista concedida à autora em 8 dez. 2022).

A arma que aumentou potência das arpoadas e imprimiu mais alcance e letalidade aos animais de grande porte foi a famosa “coca-cola”, desenvolvida a partir de cápsulas de dióxido de carbono (CO₂) usadas para gaseificar bebidas. Em diferentes narrativas encontradas sobre quem seria o seu inventor aparecem muitos nomes, entre eles o torneiro mecânico da praia de

Botafogo, conhecido como Pinguim (Bracony, 1989); o grupo formado por Orlando Alexandre, Louis Guttin e Takaoka, na região de Cabo Frio (Guardabassi e Naccarato, 1996) e, ainda, segundo Arduíno Colasanti (Colasanti, s/d.), o americano Jim Connel, piloto da empresa aérea Pan American World Airways (PANAM).

Assim como as armas, outros equipamentos usados para a caça submarina passaram por processos de melhoria ou desenvolvimento no Brasil sendo fomentados ou desenvolvidos por caçadores, sobretudo cariocas e paulistas. O Entrevistado Fernando Kuramoto relatou em sua entrevista que os chamados pés de pato, atuais nadadeiras, usados para impulsionar e empreender rendimento ao nado, eram praticamente inexistentes nos anos iniciais da caça submarina no Brasil e que, em sua infância em águas brasileiras, ele aprendeu a caçar usando “Alguma coisa parecida com... Era tudo improvisado”. A família Kuramoto, por exemplo, usava “umas tiras tipo Zori do Japão em uma coisa de madeira ou alguma coisa assim que você colocasse no pé e amarrasse”. Ele relata que apenas muito tempo depois presenciaria a chegada ao Brasil de nadadeiras fabricadas pela indústria internacional de borracha, como Pirelli e Dunlop, atuais fabricantes de pneus, entretanto, por causa do alto custo e grande dificuldade de encontrar, os irmãos Kuramoto e muitos outros mergulhadores compartilhavam, ao mesmo tempo, um par de nadadeiras (Kuramoto, entrevista concedida à autora em 13 fev. 2023).

As máscaras também demorariam algumas décadas para assegurarem nitidez e segurança, especialmente quanto ao barotrauma ocular, doença causada pela compressão do ar presente entre os olhos e a lente durante a submersão no ambiente subaquático. Também conhecida como aperto dos olhos, essa doença pode causar dores, hemorragias nos olhos, efeitos visuais indesejados e perda de visão (*PADI 2015a; PADI, 2015b*). A sua prevenção se dá pela inserção de ar adicional ao espaço comprimido (*PADI 2015a; PADI, 2015b*), mas os primeiros óculos não possuíam dispositivos injetores de ar e ofereciam sérios riscos de barotraumas dos olhos aos mergulhadores. Esse problema seria sanado com a adoção de máscaras que envolvem — além dos olhos — o nariz, que insufla poucas quantidades de ar para o espaço seu interno. O patriarca da família Kuramoto já conhecia os riscos e improvisou, nas lentes dos óculos dos filhos, pequenas bexigas insufláveis:

[...] nós aprendemos a mergulhar usando esses "oclinhos" de Mikimoto, que é um óculos extremamente perigoso para quem desce fundo, mas faz parte da história do mergulho. [...] Inclusive tinha umas duas bolinhas aqui nos nossos óculos, que quando a gente mergulhava e sentia a pressão sobre os olhos, a gente apertava essas bolinhas e injetava o ar para dentro dos óculos de Mikimoto, evitando o barotrauma dos olhos.

— E onde que ele conseguiu esses óculos, trouxe do Japão?

— Não, ele era um “professor pardal”, então ele pegou um padrão e aí ele começou a mexer e passou para a gente, até vir as máscaras redondinhas, estilo Mike Nelson, que o nariz estava dentro, que facilitava isso, nós usamos no comecinho, comecinho, nós usamos óculos de Mikimoto (Kuramoto, entrevista concedida à autora em 13 fev. 2023).

Quanto às roupas de mergulho, a escassez parecia maior. De acordo com Arduíno Colasanti, elas chegaram no Brasil muito tempo após o início da caça submarina e os caçadores precisaram lutar por muito tempo contra um grande inimigo: o frio.

[...] nessa época era preciso ter muita vontade, porque as roupas só chegaram bem depois. Era de tanga mesmo, de sunga perdão [riso] é... às vezes botava até um suetrinho por cima para diminuir um pouco a troca de água, mas não adiantava praticamente nada. [...]Eu era magrinho [riso] seco e... e... morria de frio. Então o que me limitava era sempre frio. Eu tremia tanto [reproduz o movimento de tremor ao segurar a arma] que o cano batia... o arpão batia no cano — blam, blam blam —. E eu resolvi: assim não dá para... para pescar porque eu estou assustando os peixes [riso]. Aí quando chegou a roupa... dei um salto e consegui ir no próximo campeonato como... como reserva, mas era o quarto homem da equipe. Era o mais jovem de todo o campeonato, ganhamos dos gringos (Colasanti, 2019).

Dada a relevância dos equipamentos para diferentes tipos de mergulho, a constituição da caça submarina brasileira e, posteriormente, do mergulho autônomo amador dependeu diretamente da fabricação de produtos nacionais. Isso ocorreu em virtude da adoção pelo Estado brasileiro, desde a década de 1930, de uma estratégia nacional-desenvolvimentista baseada em medidas protecionistas, políticas industriais e substituição de importações, restringindo a entrada de mercadorias estrangeiras. No Brasil, essa estratégia ganhou força na era Vargas, consolidando-se durante o governo Juscelino Kubitschek e aprofundando-se ao longo da ditadura militar (1964-1985), período no qual houve uma intensa intervenção estatal na expansão da infraestrutura produtiva, especialmente no setor industrial, com o objetivo de impulsionar o crescimento acelerado e diversificar a economia nacional (Fonseca, 2015).

Especialmente durante o período da ditadura militar, os poucos grupos que conseguiriam trazer equipamentos para o país o fizeram de duas formas: ilegalmente ou formalizando, junto à Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil (Cacex), um processo de solicitação bem fundamentado quanto à relevância da importação dos itens. A Cacex era uma agência pública vinculada ao Banco do Brasil, que centralizava o poder normativo e a gestão dos instrumentos de política de comércio exterior, operando como super-agência responsável por regular, promover, financiar e comercializar diretamente produtos brasileiros (Veiga; Iglesias, 2002).

Diante da ampliação das diferentes formas de mergulho no Brasil e, consequentemente, do aumento da demanda por equipamentos, a década de 1960 contou com o crescimento da produção nacional de equipamentos, como máscaras, nadadeiras e armas específicas para caça submarina, a partir de diferentes iniciativas, como a da empresa paulista Cobreq, Companhia Brasileira de Equipamentos S.A.⁴¹, fundada em São Paulo no ano de 1961 pelo imigrante português Manoel Joaquim D’Almeida com o propósito de fabricar equipamentos, como “pés de pato, respiradores e óculos de mergulho” (Cronologia Cobreq, 2024).

Para além da produção desses equipamentos, havia também movimentação em relação ao seu conserto. No Rio de Janeiro, da década de 1960, por exemplo, a demanda de caçadores submarinos por reparos nas armas de mergulho levou o torneiro mecânico Eduardo Teixeira Leite, proprietário de uma oficina e loja de bicicletas no bairro de Ipanema, a se aventurar na tarefa de concertá-las. O sucesso da empreitada levou Eduardo à fabricação de uma arma de mergulho nacional e à criação da Orca, fábrica de equipamentos de caça, que abasteceu o mercado até aproximadamente 1964, quando, a convite do atleta Américo Santarelli, participou como sócio fundador da Companhia Brasileira de Artefatos Submarinos, posteriormente chamada de Cobra Sub.

Em 1975, ao deixar essa sociedade, Eduardo fundou a empresa Aquanauta Equipamentos Submarinos Ltda., com nome fantasia Mako Sub. As empresas *Orca*, *Cobra Sub* e *Mako Sub* tiveram um papel importante no abastecimento do mercado de produtos para mergulho no Rio de Janeiro e no Brasil, sendo que a *Cobra Sub* perdura até os dias atuais (Cobra Sub, s. d.; Cruz, Duarte, 1986). Ainda no Rio de Janeiro, o atleta Arnaldo Silva fundou, em 1965, a ainda existente loja AS Divers (A. S. Divers, s/d.).

Em São Paulo foi a iniciativa comercial de Claudio Guardabassi que alavancou o comércio de equipamentos de caça submarina e mergulhos em geral e, de certa forma, diferentes tipos de mergulho. Guardabassi, que se sagrara por três vezes campeão paulista de caça submarina, com o patrocínio dos líderes da equipe dos Apaches abriu um pequeno comércio de equipamentos náuticos e, em 1970, abriu sua loja, Claumar, no bairro Santa Cecília em São Paulo, quando, concomitantemente, lançou-se como instrutor autodidata.

[...] comecei a fazer as primeiras importações de equipamento de mergulho, que eram da marca Nemrod, uma marca espanhola. E comecei a ter muita procura de pessoas que queriam aprender a mergulhar. E eu tinha um amigo que ele tinha uma piscina, que na realidade não era uma piscina, era mais ou

⁴¹ A empresa trabalhou com a produção de equipamentos de mergulho durante seu primeiro ano de existência e depois disso especializou-se no ramo de pastilhas de freio automotivas.

menos um bidê assim, [Riso] o tamanho da piscina era um bidê, mas falei: “É aí que eu vou começar.” e comecei. A piscina devia ter quatro por quatro, no máximo e a profundidade dela era assim assustadora, devia ter um metro e vinte, então... [Riso] (Claudio Guardabassi, entrevista concedida à autora em 2 nov. 2023).

A Claumar foi transferida em 1974 para a Rua Mourato Coelho no bairro Pinheiros em São Paulo onde encontrava-se em atividade até a data desta pesquisa. O retrato 19 demonstra as instalações da loja em dezembro de 1974, às vésperas de sua inauguração.

Retrato 19- Novas instalações da Claumar em 1974



Fonte: acervo pessoal de Claudio Guardabassi, dezembro de 1974

Não apenas Guardabassi, mas também outros caçadores submarinos passaram a ministrar cursos sobre o uso de escafandros, tanto autônomos quanto dependentes, integrando

esse conteúdo às aulas de caça submarina. Essa ampliação visava não só aprofundar o domínio técnico dos praticantes, mas também atender à demanda de um mercado em formação, voltado à realização de trabalhos no meio submerso.

3.2.2 Entre a caça desportiva e mergulhos de trabalho: o ensino do uso de escafandros nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro

Na primeira metade da década de 1970 multiplicaram-se os cursos criados por caçadores, nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, voltados ao ensino da caça submarina, com acréscimo de noções de escafandria em seus conteúdos. Nesse mesmo período, também passaram a ser oferecidos cursos dedicados exclusivamente ao ensino da escafandria, que abordavam o uso do narguilé e do escafandro autônomo (ou aparelhos autônomos de circuito aberto ou, ainda, Aqualungs). Esses cursos começaram a ser criados para atender demandas crescentes do uso do mergulho como “atividade meio”, ou seja, como uma ferramenta empregada no desempenho de “atividades-fim”, como pesquisas científicas e trabalhos subaquáticos, especialmente nos campos da engenharia e da exploração petrolífera.

No Rio de Janeiro da década e 1970 grande parte desses trabalhos subaquáticos estava sob a responsabilidade das empresas *Tecnosub* e *Subaquática*. Segundo relato de Sergio Costa, em 1974, quando chegou ao Brasil, essas duas empresas já atuavam no setor, como referências na execução de serviços subaquáticos.

[...] Então, essas duas empresas é que tinham feito o trabalho todo de mergulho na construção da Ponte Rio-Niterói. A Ponte Rio-Niterói foi, digamos, um dos marcos do mergulho profissional no Brasil, muitos mergulhadores se formaram nesse momento, que foi [...] anterior ao meu, eu cheguei depois, a ponte já estava pronta quando eu cheguei. Só que muitos colegas meus, muitos tinham trabalhado na ponte. E muitos deles tinham sido contratados porque eram bons de mar, tinha surfista... Então era uma época que se você era bom de água, vai lá e faz. Eu conheci muita gente boa que veio disso. [...] Não tinha muita formação. Tinha aquacidade, eram uns caras que resolviam, mas assim, formação? Conhecimento técnico? Muito pouco. Coisas que eu tinha, porque a minha formação escolar me deu isso e depois o curso [...] profissional que eu fiz também me deu isso (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022).

De acordo com Sergio Costa era grande a falta de profissionais especializados e a formação desses trabalhadores tornava-se uma demanda crescente, especialmente a partir da construção da ponte Rio-Niterói. A procura por mão de obra qualificada superava o número de cursos existentes e a atuação dos mergulhadores ainda não era reconhecida como uma profissão regulamentada. Nesse campo nascente eram absorvidos não apenas os recém-formados nos cursos de caça submarina e escafandrismo, mas também todos aqueles que demonstrassem possuir boa aquacidade.

Dessa forma, cursos anteriormente voltados à caça submarina, bem como alguns cursos destinados a agentes de segurança pública — como bombeiros, policiais e membros da Marinha do Brasil — passaram a oferecer, ou foram utilizados informalmente, como espaços de formação para o mergulho de trabalho, ainda que não tivessem sido originalmente concebidos para esse fim.

Em São Paulo algumas instituições militares ofereciam vagas para civis ou formaram militares que ensinavam escafandria (Nieto, 2019). Uma dessas iniciativas foi o curso de mergulho Livre, lançado em 1964 pelo Major da academia militar Hélio Barbosa Caldas, rebatizado, no mesmo ano, como Curso de mergulho e Escafandria da Polícia Militar de São Paulo (Droghetti, 1978). A partir desse tipo de iniciativa o ensino da escafandria, especialmente autônomo, avolumava-se na década de 1970.

Claudio Guardabassi começou a dedicar-se ao ensino do mergulho na década de 1970 quando ensinava caça submarina, mergulho em apneia e mergulho com o uso do equipamento de respiração, na academia do amigo Lineu Pieper, que funcionava no bairro Sumaré onde alugou espaço para as aulas de seu primeiro curso que ainda não tinha um nome: *“Não tinha credencial, não tinha nada disso daí. Só ensinava as pessoas”* (Claudio Guardabassi, entrevista concedida à autora em 18 maio 2024).

Ele atuou ainda na década de 1970 como professor de caça submarina e escafandria junto com Delmar Soares Corrêa. Para o desenvolvimento da apneia Claudio Guardabassi desenvolveu um programa de treinamento chamado Dive Fiting, em companhia do amigo:

Delmar o nome dele, já falecido e ele era professor de Educação Física, então eu comecei a treinar com ele. E com isso nós acabamos desenvolvendo o programa e nós demos o nome de [...] dive fiting, que era um treinamento voltado para mergulhadores. E aí nós resolvemos, já que a gente estava entrosado, resolvemos partir para dar os cursos de mergulho e nós começamos utilizando uma piscina que fica embaixo da avenida Paulista, é a piscina do Clube Homs, uma piscina grande, desconhecida até e começamos a dar aulas lá. E aí começamos a ter um fluxo enorme de mergulhadores, de gente querendo mergulhar e com isso daí, então, nós chegamos a ter no curso quarenta e dois alunos [Riso]. Não tinha como manejar isso daí, era difícil, muito difícil. Então tinha que dividir por dias da semana para poder dar continuidade, mas a procura era muito grande, entendeu, porque não tinha ninguém que dava curso de mergulho, exceto o curso do Magalhães, que era na ACM, que também sempre estava lotado (Claudio Guardabassi, entrevista concedida à autora em 2 nov. 2023).

O *Dive Fitting* foi criado por Claudio Guardabassi e Delmar Soares Correia com o objetivo de propiciar um bom condicionamento físico para os praticantes dos diferentes tipos de mergulho. O programa contava com a participação de profissionais especializados nas áreas

de musculação, ginástica, natação e mergulho, e visava proporcionar ao aluno a participação também em programas e jogos aquáticos e subaquáticos (Claudio Guardabassi, entrevista concedida à autora em 2 nov. 2023).

Na década de 1970 Guardabassi substituiu José Jacinto Magalhães Neto nas aulas de caça e escafandria da ACM. Na Associação cristã de Moços Claudio Guardabassi implementou o ensino do mergulho para crianças (Retrato 20).

Retrato 20- O primeiro curso de mergulho infantil da ACM em 1978 ministrado por Claudio Guardabassi



Fonte: acervo pessoal de Claudio Guardabassi

Além do ensino e do comércio de equipamentos, ele atuou em diferentes frentes, entre elas a divulgação da caça submarina, desenvolvimento de equipamentos e oferecimento de serviço de turismo de mergulho. Ele foi também figura central de um núcleo de caçadores, que se interessaram pela escafandria e, posteriormente, pelo ensino do mergulho autônomo recreativo, formado por ele; Waldir Naccarato, instrutor de mergulho do corpo de bombeiros;

Delmar Soares Corrêa, campeão de caça submarina, professor de Educação Física e dono da academia All Sports; e Pedro e Fernando Kuramoto.

A escafandria foi agregada às atividades dos irmãos Kuramoto que ministravam aulas de caça submarina na Associação Cultural e Esportiva Piratininga em São Paulo, clube destinado ao convívio de japoneses e/ou ascendentes, desde 1972. Em 1974 eles foram procurados por Takayuki Morita, mergulhador japonês e diretor de salvatagem da Bahia de Tokio, que chegou ao Brasil disposto a ensinar escafandria, trazendo cerca de trinta quites de equipamentos de mergulho autônomo. Instrutor da certificadora *PADI* do Japão, Takayuki Morita formou os irmãos Pedro e Fernando Kuramoto e o trio lecionou no Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo (USP).

Além de São Paulo, o Rio de Janeiro, na primeira metade da década de 1970, também foi palco do estabelecimento e crescimento de cursos de mergulho que ofereciam, além do ensino das técnicas apneicas da caça submarina, a escafandria por sistema de narguilé e/ou equipamentos autônomos. Na ilha de Mocanguê, localizada em Niterói, onde funcionava a Base de submarinos Almirante Castro e Silva (BACS), a Marinha Brasileira organizou seu primeiro curso de mergulho em 1972, sob coordenação do Médico hiperbárico Ary de Matos e do capitão de fragata Theotônio Chagas Toscano de Brito. As aulas de fisiologia do mergulho foram ministradas pelo Médico hiperbárico Ivan Jorge Ribeiro⁴² que participou também como aluno (Mergulhadores, 1972). O curso ofertou vagas para civis, possivelmente em atendimento à grande demanda de mergulhadores para os trabalhos subaquáticos da área da construção civil, em destaque a construção da ponte Rio-Niterói e a exploração petrolífera.

Outra parte dessa demanda foi absorvida pela Fundação dos Estudos do Mar (Femar), em convênio com a empresa Subaquática Engenharia. O curso de mergulho da Femar iniciado em 1974, funcionava sob a direção do comandante José Maria de Castro Romariz com o auxílio de Luís Cláudio, conhecido como Príncipe Namor. Entre os professores do curso estava, também, Arduíno Colasanti. O programa do curso contava com primeiros socorros, medicina submarina, operações submarinas, noções de fotografia submarina e inspeção de equipamentos de mergulho. As aulas práticas eram realizadas no Clube Federal e na praia da Urca, e os materiais utilizados eram fornecidos pela empresa Subaquática Engenharia, que garantia trabalho a uma parcela de egressos do curso (Souza...1975).

Nessa época Arduíno Colasanti oferecia cursos individuais, como freelancer em diferentes lugares do Rio de Janeiro como, por exemplo, na Marina da Glória. Os

42 O Dr Ivan Jorge Ribeiro contribuiu com informações sobre esse curso por meio do WhatsApp.

conhecimentos para ministrar as aulas na Femar, e em seus próprios cursos, Arduíno Colasanti adquiriu a partir da experiência prática e informações técnicas que aprendeu nos livros, revistas e manuais estrangeiros (Colasanti, 2018).

Em 17 de julho de 1974 Eduardo Bracony fundou o Clube Barracudas, com endereço de funcionamento no bairro da Urca, onde morava. Em entrevista ele relatou que a partir deste clube ele atuava como instrutor de caça submarina e de mergulho com escafandro autônomo (Bracony, entrevista concedida à autora em 8 dez. 2022).

Ainda em 1974, o Rio de Janeiro ganhou um empreendimento considerado como o primeiro centro náutico da América do Sul: a Aquacenter. Esta empresa era uma iniciativa dos atletas Américo Santarelli e Bruno Hermann e constituiu-se de um complexo de quatrocentos metros quadrados, localizado entre as praias de Copacabana e Ipanema, com loja para venda e aluguel de equipamentos de mergulho e náuticos, oficina para manutenção de equipamentos de mergulho, e cursos de mergulho Livre e de aparelho (Afonso...1974). De acordo com Bruno Hermann, a Aquacenter atenderia prioritariamente o mergulhador autônomo e o caçador e pretendia ministrar cursos básicos, complementares e avançados de mergulho autônomo, junto a universidades, especialmente de engenharia, medicina, geologia e mineralogia. O seu corpo docente contava com atletas de caça submarina consagrados, como Santarelli, Hermann, Cid Rossi e Fernando Bastos; além do preparador físico da seleção Brasileira de caça submarina Edson Perri (Curso de mergulho, 1974).

Além de contribuir com formação de mão de obra para o ramo de engenharia submarina, a Aquacenter visava a preparação física de atletas da Federação Carioca de caça submarina e da Confederação Brasileira de Desportos, para tanto contava com piscina e um poço com dez metros de profundidade e uma academia (Curso de mergulho, 1974). Os seus cursos de escafandro autônomo foram foco de muitas matérias e anúncios de classificados de jornais pesquisados na Hemeroteca Digital do Arquivo Nacional até, pelo menos, 1979 (Curso de mergulho... 1979).

O ensino e a aprendizagem da escafandria trouxeram novidades aos caçadores submarinos já que, diferentemente das técnicas associadas ao mergulho em apneia — típicas da caça submarina e do mergulho Livre —, o uso de equipamentos envolve um conjunto distinto de saberes e técnicas, pois permitem a ampliação do tempo e da profundidade das incursões no ambiente subaquático. Muitos caçadores submarinos que passaram a atuar com o escafandro autônomo aprenderam de forma autodidata ou por meio dos primeiros cursos oferecidos as técnicas necessárias para a realização de trabalhos subaquáticos que começavam a ser chamados de mergulho comercial.

Com a criação da escafandria ou de sua inserção como conteúdo nos cursos de caça submarina, tornou-se necessário adensar nos seus currículos conhecimentos de áreas como Física, Matemática e Fisiologia aplicadas ao mergulho, além de cálculo e gerenciamento do consumo de ar, tempo de permanência em diferentes profundidades, tipos de gases utilizados nos cilindros, domínio dos equipamentos, procedimentos de segurança, resgate e outras habilidades essenciais. Esses saberes visavam, sobretudo, evitar os riscos e as doenças⁴³ decorrentes das pressões exercidas sobre o organismo durante o mergulho (Principal condição para...1971).

A inclusão dos aparelhos de respiração entre praticantes da caça submarina transformou o modo como se mergulhava, aprendia e ensinava a mergulhar. O ensino e a aprendizagem do uso desses equipamentos inauguraram uma nova forma de interação com o ambiente subaquático, uma vez que a chamada escafandria exigia habilidades distintas daquelas utilizadas na caça: a respiração contínua, os movimentos lentos e o autocontrole necessário para lidar com eventuais problemas ainda submerso, sem retornar imediatamente à superfície⁴⁴ (Principal condição para...1971).

As escolas e cursos de caça submarina e escafandria com fins profissionais ampliaram os usos do mergulho autônomo e permitiram que a atividade também fosse apropriada como forma de lazer. Esse processo deu origem à prática inicialmente chamada, comumente, de mergulho amador/mergulho autônomo amador e, mais tarde, de mergulho autônomo recreativo. O fluxograma 01 apresenta essas primeiras escolas e cursos.

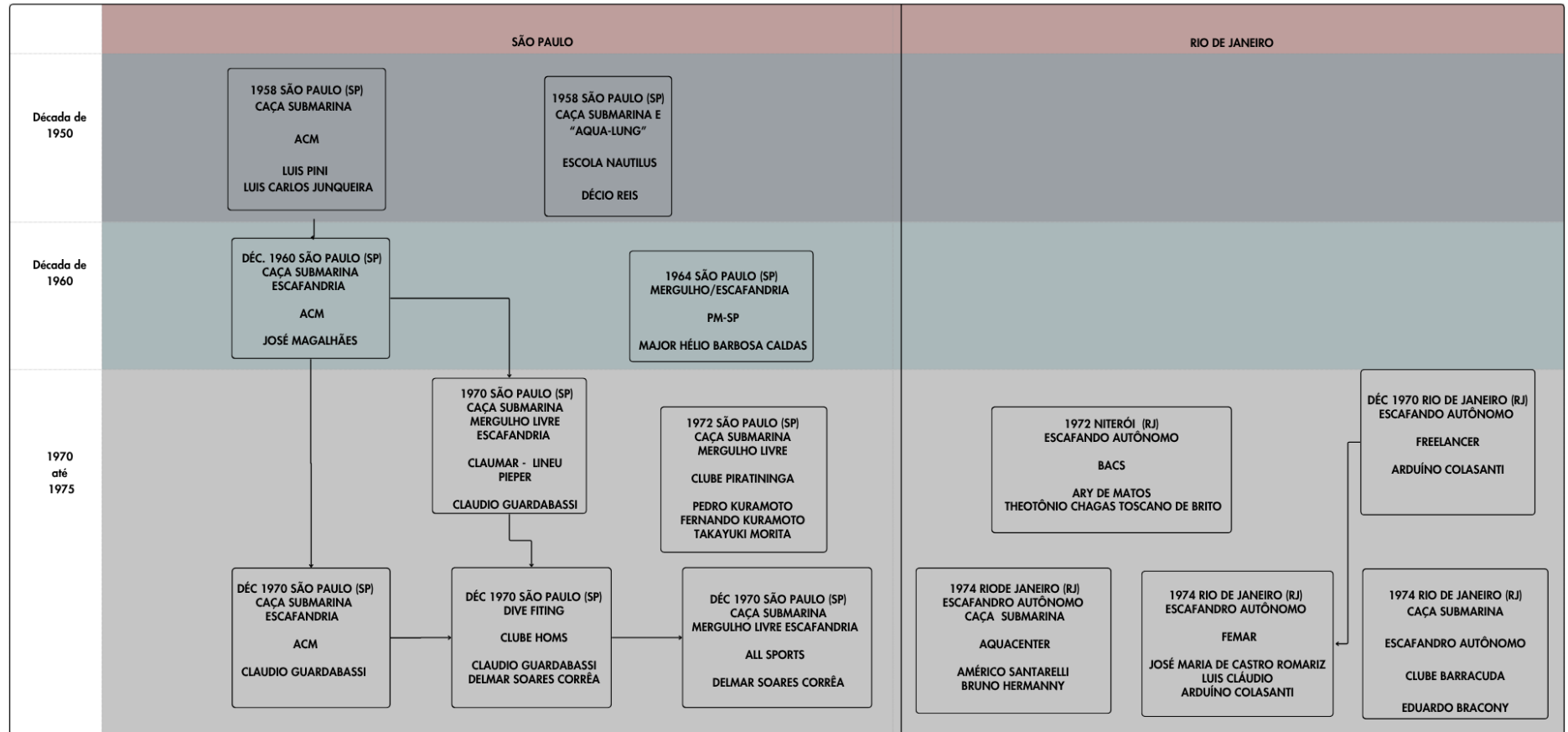
Organizado por estados; São Paulo à esquerda e Rio de Janeiro à direita; o Fluxograma 01 abrange o período de 1950 a 1975, distribuído em três faixas temporais: década de 1950,

⁴³ Entre as principais doenças relacionadas ao mergulho com escafandro autônomo, destaca-se a doença descompressiva, considerada um dos maiores riscos à saúde do mergulhador. Para evitá-la, dois caminhos são geralmente adotados. O primeiro, mais simples, consiste na realização de mergulhos não descompressivos, ou seja, imersões que não ultrapassam limites de tempo e profundidade capazes de gerar acúmulo significativo de nitrogênio nos tecidos, permitindo um retorno direto à superfície sem paradas obrigatórias. O segundo caminho é aplicado quando se ultrapassam os limites não descompressivos: trata-se do mergulho descompressivo, que exige paradas de segurança durante a subida e, por vezes, intervalos de superfície planejados. Ambas as modalidades demandam um planejamento prévio cuidadoso, que considera variáveis como tempo de fundo, profundidade máxima, número de mergulhos sucessivos, além de condições fisiológicas e ambientais. Com base nesses dados, utilizam-se tabelas específicas (ou, atualmente, computadores de mergulho) para calcular os tempos e profundidades das paradas descompressivas, bem como os intervalos adequados entre mergulhos (PADI, 2015a; PADI, 2015b).

⁴⁴ A maior parte dos mergulhos realizados para fins de trabalho atinge níveis descompressivos, uma vez que essas atividades geralmente exigem longa permanência no ambiente submerso ou o atingimento de grandes profundidades (Principal Condição Para..., 1971). Os mergulhos descompressivos são considerados tecnicamente avançados, e seu risco está na presença de um “teto” invisível: embora nada impeça fisicamente o retorno imediato à superfície, fazê-lo sem as paradas de descompressão previstas pode provocar graves efeitos fisiológicos devido à expansão súbita das bolhas de gás alojadas nos tecidos. Esses efeitos podem variar de dores articulares a quadros neurológicos graves e, em casos extremos, levar à morte (PADI, 2015a; PADI, 2015b; Brasil, 1983).

década de 1960 e os anos de 1970 a 1975. Cada quadro indica, nessa ordem, a data, o local (cidade e estado), o nome da instituição responsável ou, quando não havia vínculo institucional, a inscrição “freelancer”, seguida das nomenclaturas das modalidades; mantidas conforme as fontes consultadas e por fim, os nomes dos responsáveis pelas aulas. As linhas entre os quadros apontam relações de continuidade, influência direta ou proximidade entre experiências.

Fluxograma 01: Primeiros cursos de caça submarina e escafandria nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro



Fonte: Elaboração da autora, 2025

3.3 Novas motivações para mergulhar: transição do mergulho de “atividade-meio” para “atividade-fim”

O mergulho com equipamento de respiração autônoma de circuito aberto (mergulho autônomo) passou a assumir contornos de atividade contemplativa e de lazer por meio de uma lenta construção de sentidos, marcada pela transição entre atividade-meio e atividade-fim. Esse processo foi impulsionado por influências como as mídias e os movimentos ambientais.

No Brasil, o mergulho foi — e ainda é — fortemente impactado por representações produzidas por meios como o cinema, a televisão, revistas especializadas, livros, manuais e outros canais de divulgação e instrução técnica sobre o mergulho. As influências midiáticas a respeito do mergulho autônomo (que incluíam informações e conhecimentos técnicos) começaram a chegar ao Brasil gradualmente a partir do início da década de 1950, trazidas tanto por estrangeiros quanto por brasileiros que haviam tido contato com a atividade fora do país. A circulação desses saberes incluía noções sobre o uso de equipamentos, técnicas corporais e cuidados para prevenção de doenças relacionadas ao mergulho, muitas vezes acessadas por meio de publicações estrangeiras. Entre as mais citadas estão a revista norte-americana *Skin Diver*, lançada em 1951, e a italiana *Mondo Sommerso*, fundada em 1959, além de manuais técnicos das marinhas norte-americana (*US Navy*) e brasileira (Colasanti, 2018). Arduíno Colasanti, por exemplo, descreveu que em sua trajetória como um autodidata aprendeu muitas coisas a partir da leitura dos livros e revistas estrangeiras: “Não tinha ensino, eu aprendi nos livros. Por eu ser italiano, é... me foi fácil aprender francês também. Os primeiros livros eram em francês, e foi ali que eu aprendi” (Colasanti, 2018).

Segundo Arduíno Colasanti (2018), foi com o passar do tempo que ele passou a conhecer especificidades técnicas dos mergulhos autônomo e dependente. Por meio da leitura da revista *Mondo Sommerso*, por exemplo, teve acesso a informações sobre até que limite de profundidade ele podia mergulhar usando o equipamento de circuito fechado. Foi apenas na década de 1970 que teve a oportunidade de assistir uma aula ministrada pelo Dr. Ary de Matos, médico hiperbárico da Marinha Brasileira e de aprofundar seus conhecimentos sobre os riscos das doenças descompressivas (Colasanti, 2018).

Nesse período, a escafandria encontrava-se em pleno desenvolvimento como prática fortemente vinculada ao mundo do trabalho, enquanto a caça submarina já havia atingido seu auge no país. Ambas eram mobilizadas como meios para alcançar objetivos específicos, isto é, como “atividades-meio”. Entre 1975 e 1990, período de constituição e expansão do chamado

mergulho amador no Brasil, observa-se uma mudança progressiva nas mentalidades: o mergulho passa a configurar-se como uma atividade com fim em si mesma.

O entrevistado Marcus Werneck também acompanhou esse processo. Ele aprendeu a mergulhar ainda garoto, por meio da caça submarina, atraído pelo prazer de obter um retorno com a atividade:

[...] chegar em casa com um peixe para a tua avó, não é? Era uma coisa legal, trazia a gente em um outro patamar, primeira vez que a gente chega em casa com alguma coisa, é sempre alguém que chega para a gente, não é? Com uma compra, com um biscoito, com um chocolate [Riso]. “Pô”, levava peixe para minha avó, ela ficava toda orgulhosa, chamava os vizinhos e tudo (Werneck, entrevista concedida à autora em 9 dez. 2022).

Quando começou a praticar o mergulho amador percebeu que, para ele, outros prazeres e sentidos, diferentes daqueles vinculados à caça ou ao trabalho estavam sendo mobilizados. Segundo relata, o principal objetivo que passou a orientar sua relação com o mergulho foi o desenvolvimento pessoal. Werneck considera que durante a década de 1980 o mergulho como “atividade meio” foi fortemente vinculado à procura desta atividade por “oceanógrafos, biólogos... o número de pessoas procurando o mergulho como atividade-meio era grande. Ao contrário de hoje, que é muito mais como atividade-fim, como atividade recreativa (Werneck, entrevista concedida à autora em 9 dez. 2022). O perfil do público que buscava os cursos de mergulho para contemplação do ambiente ou desenvolvimento pessoal, ou seja, cuja própria experiência fosse configurasse o objetivo principal, se constituiu com o passar do tempo.

O mergulhador Maurício Carvalho também foi aluno, monitor e colaborador de Sergio Costa na escola YG. Descobriu o curso por meio de um pequeno anúncio nos classificados, em Brasília, onde morava. Aos quinze anos, com a permissão dos pais, viajou para o Rio de Janeiro e se hospedou na casa de amigos da família para realizar o curso de mergulho amador. Ao retornar para Brasília, era o primeiro mergulhador civil da cidade. Ele relembra que no início da década de 1980 ainda era difícil explicar os objetivos de uma atividade de mergulho não associada ao trabalho, à caça ou à pesquisa científica, ou seja, aparentemente sem funcionalidade ou mesmo voltada “apenas” à contemplação e ao prazer da experiência:

Quando as pessoas em Brasília sabiam que eu era mergulhador inclusive, eu acabei dando uma entrevista para o Jornal Correio Braziliense nessa época, porque mergulhador era uma coisa meio, assim, militar e bombeiro. Então você era mergulhador, as pessoas ficavam meio: ‘Mas... você mergulha com aquele capacete?’. [...] e o mergulho em si era muito associado à caça

submarina. Então quando eu dizia que eu era mergulhador, a maioria das pessoas de Brasília me perguntava: ‘Ué, mas você pesca o quê? Você caça no Lago Paranoá? Tem peixe para comer lá?’. Então era muito difícil explicar para as pessoas que eu não estava fazendo caça submarina. [...] Então, eu convenci as pessoas de que eu estava mergulhando de forma contemplativa, eu não estava caçando, era estranho, elas perguntavam: ‘Eh... mas então o que você vai fazer lá embaixo?’. Era como se a atividade tivesse que ser predatória, entendeu? Você tinha que ir para trazer um peixe. [...] Eu acho que no primeiro ano a resposta é um pouco mais difícil, porque eu tinha que explicar que eu estava indo e ‘tal’, [...] prestei vestibular e fui aprovado na Universidade de Brasília para o curso de Biologia [...] E aí a partir daí ficou muito fácil, porque eu dizia assim: ‘[...] eu vou ser biólogo, [...]’. Pronto. Aí era absolutamente natural que um biólogo estudasse mergulhando para ver um peixinho, entendeu? (Maurício Carvalho, entrevista concedida à autora em 12 fev. 2022).

Maurício relata ter uma forte relação com o mar desde muito novo e não se lembra quando começou. Foi o seu pai quem lhe contou que, ainda pequeno, sua atenção era roubada pelas cenas dos mergulhos apresentadas na televisão pela série *Sea Hunt*, nomeada no Brasil como *Aventura Submarina*. Esta série estadunidense trazia valores como enfrentamento dos perigos do ambiente subaquático e heroísmo, representados em cenas de emocionantes resgates, aventuras e lutas subaquáticas vividas pelo personagem Mike Nelson, representado pelo ator Lloyd Bridges. Com 155 episódios, foi desenvolvida e produzida por Ivan Tors e exibida no Brasil entre o final dos anos 1950 e o começo dos anos 1960 (*Sea Hunt remembered*, 2016).

A parcela da população brasileira que possuía acesso a aparelhos de televisão nessa época no país conheceu por intermédio dessa série, o equipamento autônomo de respiração, que se desdobrou em produtos infantis vendidos no Brasil na década de 1960, entre eles, revistas em quadrinhos (gibis), álbum de figurinhas (Imagem 10) e o brinquedo *aquanauta maick*, fabricado pela empresa brasileira Cobra Sub (Imagens 11 e 12), que suscitou em uma geração de crianças o desejo pelo uso do *Aqualung* e a paixão pelo mergulho. Esse foi o caso de muitos dos participantes da presente pesquisa, como Cesar Nieto, Alcides Falanghe e Pedro Paulo Cunha (PP). PP considera que muitos dentre os mergulhadores de sua geração desenvolveram uma relação com o mergulho a partir dessas influências:

É, engraçado, mas eu acho que todo mundo da minha época teve as suas séries de televisão e aquele negócio de querer ser ou astronauta ou mergulhador, astronauta é um negócio meio complicado, então decidi que eu queria ser mergulhador. Aí todo mundo daquela época... Eu sempre gostei de mar, sempre gostei de aventura, de equipamento, de tecnologia, essas coisas e naquela época tinha, hoje você assiste e dá risada [...] as aventuras do Mike Nelson [...] e tinha as aventuras do nosso amigo comandante Cousteau e mostrava os lugares maravilhosos, aventuras incríveis. Então desde os oito,

dez anos que eu era fascinado por esse negócio de mergulho.[...] tinha um snorkel que chamava mike em homenagem ao Mike Nelson, quando eu ganhei aquele troço de natal, para mim, eu enfiei a cara no mar, eu devia ter uns sete ou oito anos, aquilo para mim foi descobrir um mundo novo e um mundo em que se eu não precisasse ganhar dinheiro, cuidar de família, essas coisas mundanas, eu ia viver nesse mundo para sempre, eu ia passar a minha vida mergulhando (PP, entrevista concedida à autora em 30 ago. 2022).

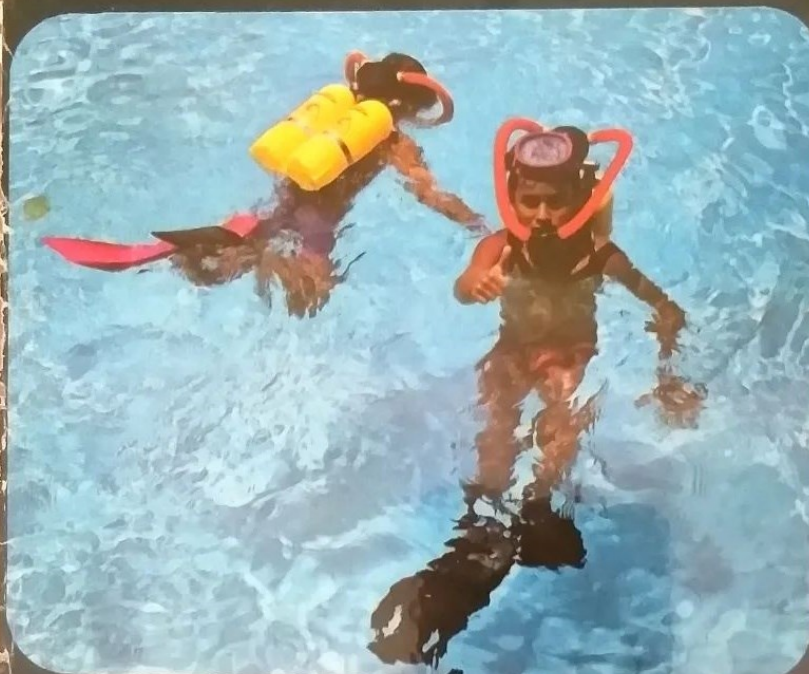
Imagem 10- Capa da revista *O Guri apresenta Aventura Submarina*, publicada em 15 de setembro de 1961



Fonte: Disponível no site <https://www.albertolopesleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=4086666> de Alberto Lopes Leiloeiro.

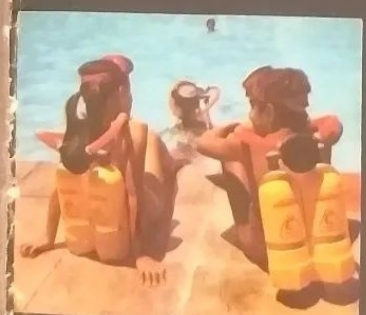
Imagem 11 – Brinquedo *Aquanauta maick*, fabricado pela Cobra Sub e anunciado na revista *Almanaque Disney*, nº 7, 1971

ALMANAQUE DISNEY — Edição Especial de O PATO DONALD n.º 1048 — novembro de 1971 — Publicação da EDITORA ABRIL LTDA. Redação: Av. Otaviano Alves de Lima, 800, tel. 266-0011 / Administração: R. Emílio Góes, 375 / Caixa postal 2372, tel. 021-535 mil. Editor: EDITABRIL, São Paulo / Diretor do Grupo Infância-Juvenil: Claudio de Souza / Diretor Revistas Infância: Alvaro Figueiredo. Publicidade: Representante Renato Lima / Diretor Responsável: Waldemar de Souza / Preço do exemplar avulso: o constante na capa. Preço da assinatura: o mesmo do exemplar avulso, mais o frete registrado d. superfície ou aéreo, multiplicado pelo número de edições do período desejado (máximo de um ano, mínimo de seis meses) / Anquem esta evidenciado a qualquer assinatura, se for procurado por alguém, de enviar o às autoridades locais. Números atrasados ao preço da última edição em banca por intermédio de seu portador ou no distribuidor. Abril de sua cidade. Em São Paulo: R. Brigadeiro Lobos, 773 / no Rio de Janeiro: R. Sacadura Cabral, 141 / Pedidos pelo Correio: caixa postal 945, São Paulo / Temos em estoque as últimas seis edições / Impressão e distribuição com exclusividade no país pela Abril & A Cultural e Industrial, São Paulo / Todos os direitos reservados / Publicação especialmente autorizada por Walt Disney Productions



aquanauta maick

Quando de cabeça submersa permite respirar o ar puro da superfície, exalando-o em borbulhas pelo bocal da válvula.



PARA OS QUE SABEM Nadar:
funciona como salva-vidas e proporciona ao mesmo tempo a deliciosa sensação do respirar submerso.

PARA OS QUE NÃO SABEM Nadar:
mais de 80% aprendem a nadar na primeira vez que o usam.

A VENDA NAS LOJAS DE BRINQUEDOS.

É um produto **cobra-sub**
AV. NIEMEYER, 750 - RIO DE JANEIRO, GB

Fonte: Propagandas de gibi, 2017, disponível em:

<https://propagandasdegibi.wordpress.com/2017/11/11/aquanauta-maick-cobra-1971/>

Imagem 12- Brinquedo *Aquanauta maick* 02

Fonte: <https://armacobra.blogspot.com/2013/10/bau-da-cobra-aquanauta-maick.html> (s/d.)

Entre as novas motivações que lentamente se desenhavam para o mergulho como uma “atividade-fim” estava um certo tipo de heroísmo militar difundido amplamente pela série Aventuras Submarinas, bem como a fruição da natureza, baseada na consciência ecológica, foi difundida pelas produções audiovisuais de Jacques Cousteau.

A influência de Cousteau, e de sua obra, foi relatada pela maior parte dos entrevistados. A bordo do navio oceanográfico Calypso, o comandante Cousteau e sua tripulação organizaram expedições em diferentes regiões do planeta entre as décadas de 1950 e 1980, ocupando horários nobres das televisões com conteúdo científico, que entretinha e informava. Foram mais de cem filmes produzidos, com repercussão mundial, entre eles *O Mundo Silencioso*, de 1956, vencedor da Palma de Ouro no Festival de Cannes. Ele assumiu importante papel de educar a partir do mergulho e divulgar esta prática a partir de vinculado a valores ambientais (Rowe, Santos, 2016). Segundo o próprio Cousteau, sua vida era dedicada a duas tarefas: levar as

peessoas a se maravilhar com a beleza dos oceanos e apontar como a estaríamos destruindo (Cousteau; Schiefelbein, 2007⁴⁵).

Questões ambientais se avolumavam na segunda metade do século XX, com crescentes discussões sobre a necessidade de reconhecimento e reprogramação de rotas quanto aos impactos planetários advindos dos crescimentos populacional e industrial, insuficiência de produção de alimentos e esgotamento dos recursos naturais. Estes desafios foram amplamente elencados em publicações da década de 1960 e 1970 e levados ao debate na Confederação das Nações Unidas de Estocolmo, em 1972, quando o fator meio ambiente entrou definitivamente na agenda internacional (Oliveira 2012; Gurski; Gonzaga; Tendolini, 2012).

No Brasil os impactos dos movimentos ambientais desencadearam a criação dos primeiros órgãos ambientais no país, como a Secretaria Especial do Meio Ambiente (SEMA), instituída em 1973 pelo decreto nº 73.030 (Brasil, 1973), sob coordenação do Ministério do Interior, além da instituição do Sistema Nacional do Meio Ambiente (SISNAMA) e da Política Nacional do Meio Ambiente (PNMA), ambos formalizados em 1981 com a promulgação da Lei nº 6.938 (Rissato; Spricigo, 2010).

Especificamente quanto à pesca, a instituição que regulamentava essa atividade — e que também tratava de aspectos técnicos, industriais, comerciais e profissionais ligados ao setor — era a Superintendência do Desenvolvimento da Pesca (Sudepe). Criada em 1962, por meio da Lei Delegada nº 10, de 11 de outubro de 1962 (Brasil, 1962), a Sudepe incorporou estruturas anteriores, como o Codepe, a Caixa Especial da Pesca e a Divisão da Caça e Pesca, que haviam assumido outras configurações nas décadas anteriores.

Na década de 1970, a Sudepe exercia papel central na organização da pesca no país, inclusive nas normatizações que impactavam grupos como os caçadores submarinos, uma vez que ela era responsável por aplicar o Código da Pesca e definir os instrumentos e equipamentos autorizados. Essa autarquia tinha um caráter fomentador, voltado à industrialização da pesca e à ampliação da produção por meio de incentivos fiscais e financeiros. Com a ascensão das pautas ambientais e sob influência do movimento político de redução do Estado e reorganização das estruturas públicas, a Sudepe foi extinta pela Lei nº 7.735, de 22 de fevereiro de 1989 (Brasil, 1989), que criou, no mesmo ato, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA).

⁴⁵ Tradução da autora.

O IBAMA assumiu um caráter fiscalizador, orientado pela lógica da proteção ambiental e da normatização de recursos naturais. Seu papel era o de controlar, restringir e punir práticas que ameaçassem a sustentabilidade ambiental, o que incluiu a pesca predatória. Essa mudança institucional configurou uma inflexão nas políticas públicas ambientais do país, marcando uma fase de maior regulação quanto aos usos dos recursos naturais e consequentemente, às atividades pesqueiras (Goularti Filho, 2017). Essas mudanças institucionais estavam alinhadas com o crescimento da divulgação do Aqualung que ocorreu em um contexto de discussões sobre relações entre seres humanos e ambiente.

Nesse mesmo período, ampliaram-se também sentidos atribuídos ao mergulho no Brasil, que começava a se desvincular de finalidades estritamente utilitárias para assumir outras funções e significados. O ato de mergulhar parecia configurar-se a partir de objetivos e sensibilidades distintos da caça submarina e do mergulho comercial, como já ocorria em outros locais do mundo.

O entrevistado Randal Fonseca foi um dos responsáveis por implementar esses novos usos do mergulho no estado do Rio de Janeiro, a partir do final da década de 1970. Ele nasceu em 1948 e percebeu, atento, que se alteravam as percepções quanto as relações entre seres humanos e planeta. Para ele, quando a nave Apollo 08 orbitou a lua “[...] nasceu a percepção de que o ser humano estava fora da Terra”. E o vernáculo meio ambiente parecia fazer mais sentido:

No meio ambiente [...] o ser humano agora é um visitante. Ele não é mais um integrante. Tanto é que, dentro de um parque nacional não pode morar um ser humano. Pode ter tudo, menos ser humano. Então, essa questão da visão ambientalista estava nascendo. E o grande protagonista foi o Jacques Cousteau [...] a visão do Jacques Cousteau, dos filmes do Jacques Cousteau e achava aquilo fantástico. E também do Mike Nelson, não é... do Lloyd Bridges, da [série] *Aventura Submarina*. E tinha a visão ambientalista do Jacques Cousteau contra aquela visão militarista do Lloyd Bridges. Então, essa visão do mundo que está agora entrando na exclusão do ser humano, para colocá-lo numa dimensão de observação, de contemplador... E aí nasce o termo: ‘Ai! Que lindo’ [...]. Porque ninguém poderia ter um hotel chamado ‘Bela Vista’. Você tinha um hotel chamado ‘Boa Vista’. Você tinha o ‘Boa Vista’, o bairro do Rio de Janeiro: Alto da Boa Vista. Boa Vista, porque a única coisa que o ser humano pretendia era se defender contra-ataques. [...] O nascimento da ‘Bela Vista’ é a partir do momento em que nós começamos a pagar para olhar. Então, nós ganhamos uma nova dimensão. [...] Estava nascendo um novo valor a ser incluído no preço do produto, que é o valor da visão. [...] (Randal, entrevista concedida à autora em 15 fev. 2022).

A contemplação da paisagem e a preservação do ambiente pareciam forjar-se como um novo valor quanto às relações do homem com a natureza e a lenta definição de limites que diferenciavam a caça submarina e o mergulho com o chamado escafandro autônomo a ser chamado de amador, se estabelecia a partir de tensões que envolviam usos e relações com o ambiente subaquático marinho. Essas tensões materializaram-se em disputas concretas entre grupos que, no Brasil, buscavam o direito de representar e certificar o mergulho amador junto à Confederação Mundial de Atividades Subaquáticas (CMAS).

Enquanto antigos líderes da caça submarina passaram a reivindicar esse espaço, novos atores, ligados exclusivamente ao ensino do mergulho, também pleiteavam essa legitimidade, o que conferiu densidade política ao debate sobre quem poderia formar mergulhadores amadores. A questão ambiental esteve no centro da disputa, à medida que o discurso da conservação passou a ser mobilizado por aqueles que rejeitavam a vinculação entre o mergulho amador e a caça submarina. É nesse cenário, marcado por conflitos em torno da representação da atividade, que se desenvolvem os episódios analisados no próximo capítulo.

4 CONSTITUIÇÃO DO MERGULHO AUTÔNOMO AMADOR NO BRASIL (1975-1982)

A partir da segunda metade da década de 1970 são fundadas no Brasil as primeiras escolas e cursos voltados ao ensino do mergulho amador, isto é, de uma atividade com fins recreacionais com uso de aparelhos autônomos de respiração em circuito aberto, os *Aqualungs*. Segundo os relatos, o ensino nessas escolas passou a ser organizado em torno de dois grandes modelos de referência: o estadunidense e o europeu.

A escola estadunidense apostou em cursos curtos que ofereciam treinamento em etapas com nível crescente de aprendizagem. Este modelo foi desenvolvido visando a continuidade do vínculo do aluno com a certificadora e ampliação de seu público. Para tanto, o atrativo do mergulho estava na contemplação, de perto, das maravilhas apresentadas por Jacques Cousteau na televisão, a partir do argumento: mergulhar é fácil e está ao alcance de todos (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022; Cesar Nieto, entrevista concedida à autora em 18 fev. 2022; Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022).

As instituições responsáveis pelos programas de formação dessa escola foram inauguradas pelo *Young Men's Cristian Association (YMCA)*, na década de 1950, tendo formado sua primeira turma de mergulhadores, em Chicago, no ano de 1959 (YMCA, 2020). Ainda nesse ano foi criada a *National Association of Underwater Instructors (NAUI, s/d.)*. Essas duas entidades desenvolveram programas de ensino e certificação para mergulhadores autônomos e em 1960 a NAUI desenvolveu um programa de formação para instrutores de mergulho. A partir da segunda metade desta década foram criadas muitas instituições dessa natureza, entre elas a *Professional Association of Diving Instructors (PADI, 2009)* e a *Professional Diving Instructors Corporation (PDIC) (Scuba Educators, 2022)*, fundadas em 1969, e a *Scuba School Internacional*, criada em 1970 (SSI, 2022).

O primeiro programa de formação de uma escola americana implementado no Brasil foi o método da YMCA, por meio de cursos realizados entre o final da década de 1970 e o início da década de 1980 e ministrados pelo instrutor brasileiro Alveir Marques, que atuava nos Estados Unidos. A convite de Claudio Guardabassi, Alveir Marques trouxe as primeiras formações de mergulhadores em meados de 1979 e de instrutores em 1984 YMCA. Os cursos ocorreram nas dependências da ACM de São Paulo, onde Guardabassi já lecionava aulas de caça submarina e Escafandria.

Já o ensino do mergulho pelo método europeu, referente à CMAS, foi fortemente influenciado pelo militarismo, nesse sentido a confederação apostou, como atrativo, na ideia do mergulhador valente, digno da série aventuras submarinas de Loyd Bridges. Os cursos eram longos, com grande exigência física e psicológica. O objetivo era selecionar os melhores, ou seja, os que conseguiriam chegar ao fim da empreitada, pois mergulhar não era para qualquer um (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022; Cesar Nieto, entrevista concedida à autora em 18 fev. 2022; Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022). No Brasil esse método foi implementado por Álvaro Santos Vilar Moreira, inicialmente no Instituto de Exploração subaquática Dallo Sub e depois em sua escola de mergulho, considerada a primeira destinada exclusivamente ao ensino do mergulho amador (ou seja, para fins recreativos) do país.

Randal Fonseca, P. P. e Alcides Falanghe contam que os métodos europeu e norte-americano foram desenvolvidos a partir de manuais de mergulho de entidades militares, especialmente a marinha norte-americana (*US Navy*), e das cartas e manuais Jeeppsen para a aviação. Estas fontes ofereceram conteúdo básico para a criação dos programas de ensino de mergulho europeu e norte-americano, como noções de medicina hiperbárica, de física e de hidrodinâmica. Ainda que essas bases teóricas não se distinguíssem nos dois modelos de ensino, a estrutura da formação de mergulhadores e instrutores ficava a cargo de cada instituição responsável por implementar os métodos europeu e/ou norte americano, geralmente chamadas de certificadoras. Na prática isso significa que cada uma delas constituiu sua estrutura independente quanto ao número e tipos de cursos/etapas, às modalidades de mergulho oferecidas, ao tempo de duração de cada curso, aos recursos didáticos e avaliativos, entre outros aspectos. Um mergulhador formado pela certificadora NAUI, por exemplo, seguia, e ainda segue, uma estrutura de cursos e certificações específica desta instituição. Na atualidade a transição entre certificadoras pode ocorrer por um processo conhecido como *Crossover*, em que um mergulhador certificado em determinado nível de formação passa por um curso de adaptação e por avaliações de procedimentos e de conhecimentos da nova certificadora e nível para a qual pleiteia adquirir certificação (Alcides, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022; Falanghe, 2018; PP, entrevista concedida à autora em 30 ago. 2022; Randal, entrevista concedida à autora em 15 fev. 2022; Randal, entrevista concedida à autora em 14 abr. 2022; Randal, entrevista concedida à autora em 14/12/2022).

Essas distinções entre as certificadoras trouxeram desafios ao longo da história do mergulho, entre eles a necessidade de normatizações e de estabelecimento de padrões mínimos de ensino que garantissem a segurança física dos mergulhadores, bem como a segurança jurídica das empresas que operavam o turismo de mergulho e das próprias certificadoras, em caso de eventuais acidentes. Algumas delas, como a PADI e a NAUI, filiaram-se à CMAS, partindo do entendimento de que esta confederação faria esse papel e atuaria como entidade coordenadora das demais certificadoras (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022; Cesar Nieto, entrevista concedida à autora em 18 fev. 2022).

A Confederação Mundial de Atividades Subaquáticas, instituição responsável pelo método europeu, foi criada em uma conferência realizada em Mônaco, em 1959, por delegações de quinze países, inclusive o Brasil, então representado pelo caçador submarino presidente da Associação Brasileira de caça submarina, Vitorio Berredo. Nesse evento Jacques Cousteau foi eleito presidente dessa organização civil (CMAS, 2010) sem fins lucrativos, criada para representar um grande rol de atividades subaquáticas por meio de três comitês: o técnico, o científico e o esportivo, configuração esta que permanece até os dias atuais.

O ensino e certificação do mergulho *Scuba* era, e ainda é, de responsabilidade do comitê técnico, que instituiu critérios básicos para formação de mergulhadores e instrutores, dividida em três etapas denominadas uma, duas e três estrelas. O curso de uma estrela ensina e certifica mergulhadores a realizarem mergulhos autônomos com ar atmosférico no cilindro, durante o dia, sem impedimentos para o retorno à superfície; suporte e segurança na superfície, sem acúmulo de bolhas de ar nas cavidades corporais (mergulhos não descompressivos). Os mergulhadores duas estrelas aprendem e são credenciados para mergulhos nas mesmas condições que os mergulhadores uma estrela, entretanto, podem mergulhar até quarenta metros de profundidade, realizar mergulhos noturnos e usar misturas gasosas, caso tenham realizado curso específico nessa especialidade. Mergulhadores três estrelas recebem formação e certificação para realizar quaisquer mergulhos especializados para o qual recebeu o treinamento, avaliar e lidar com riscos no mergulho, realizar mergulhos com paradas descompressivas, realizar procedimentos de resgate nos ambientes de mergulho e atuar como assistentes de instrutores da CMAS. Instrutores uma, duas e três estrelas estão aptos a formarem mergulhadores em níveis respectivos a sua própria formação (CMAS, 2010).

O comitê científico responde pelo mergulho com fins de pesquisa. Já o comitê esportivo representa modalidades desportivas, como mergulho Livre, Pesca Submarina, Hóquei Subaquático e Rugby Subaquático (CMAS, 2010). Dada a grande atuação mundial do Brasil na

caça submarina, o país participou desde a fundação da CMAS como membro deste comitê por meio da Associação Brasileira de caça submarina, que, à época, era submetida à Confederação Brasileira de Desportos (CBD). Até 1979 o vínculo dos caçadores submarinos brasileiros com a CMAS foi exclusivamente referente à participação em campeonatos de desportos subaquáticos, especialmente a caça submarina, ou seja, ligado ao comitê esportivo dessa confederação (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022; Bracony, entrevista concedida à autora em 8 dez. 2022). Todavia, ainda em 1979, houve uma alteração importante no cenário do desporto brasileiro que impactou diretamente o delineamento entre caça submarina e mergulho amador, em fase de implementação no Brasil. Neste ano, a caça submarina deixou de ser representada pela Confederação Brasileira de Desportos, já que esta confederação foi extinta e desmembrada em confederações representativas individuais por modalidade. Assim, em vinte e seis de junho de 1979, foi criada a Confederação Brasileira de Pesca e caça submarina (CBPCS).

De acordo com Alcides Falanghe, este foi um momento político de importância para a representação desportiva da caça submarina brasileira. Ele conta que:

[...] nessa época foi extinta a CBD. E na CBD a parte de caça submarina era meio que dominada pelos cariocas — Américo Santarelli, Bruno Hermann [...] o pessoal estava em todas e os paulistas eram de uma rivalidade muito grande com os cariocas e aconteceu que quando desmembrou a CBD [...] eles puseram uma pessoa [...] que fez com que o desporto da caça submarina tivesse uma abrangência maior, paulistas participando, baianos, pessoal de Santa Catarina. [...] (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022).

A pessoa mencionada por Alcides é Eduardo Bracony, eleito presidente da Confederação Brasileira de Pesca e caça submarina (CBPCS) no mesmo dia em que a entidade foi oficialmente criada e teve seu estatuto estabelecido. A eleição ocorreu após uma disputa marcada por tensões em torno da representação nacional da confederação, com o objetivo de romper com a primazia das equipes cariocas nas competições de caça submarina. A chapa “Renovadora” saiu vitoriosa, estabelecendo a diretoria que contava com Eduardo Bracony na presidência; Claudio Guardabassi na vice-presidência; e Virgílio Horácio Samuel Gibban, Humberto Ribeiro da Luz e José Haiad no conselho fiscal (CBPCS, 1979).

A criação da nova confederação marcou uma mudança significativa na relação do Brasil com a CMAS. Entre 1959 e 1979, o país não demonstrava interesse em integrar os comitês técnico e científico dessa entidade, tampouco estabelecia vínculos com seu sistema de formação

e certificação de mergulhadores autônomos. Todavia, a partir da segunda metade da década de 1970, a CBPCS passou a manifestar intenção de participar ativamente desses comitês e de representar, no Brasil, a certificação da CMAS voltada ao mergulho amador (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022; Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 6 fev. 2022; Cesar Nieto, entrevista concedida à autora em 18 fev. 2022; Cesar Nieto, entrevista concedida à autora em 12 ago. 2022).

Essa ambição ficou evidente quando a CBPCS foi rebatizada como Confederação Brasileira de Pesca e Desportos Subaquáticos (CBPDS). Essa mudança de nome sinalizava o interesse em ampliar sua representação para além da caça submarina, passando a abranger as demais atividades subaquáticas, além da pesca de linha, o que ocorreu em 1980, quando a CBPDS passou ser a única entidade que podia expedir certificação de mergulhadores amadores pela CMAS, no Brasil. Assim, as escolas vinculadas à atividade então denominada mergulho amador precisariam se filiar às federações e clubes subordinados à Confederação Brasileira de Pesca e Desportos Subaquáticos.

Com pôde se observar, a modalidade denominada mergulho amador, voltada ao lazer, vinha sendo construída no Brasil de forma paralela e em oposição à caça submarina. Esse movimento teve como principal protagonista Álvaro Moreira. Por meio da Escola Bandeirantes do Mar, inaugurada em 1976, ele estabeleceu vínculos com a Confederação Mundial de Atividades Subaquáticas (CMAS) e chegou a representar, no país, os comitês técnico e científico dessa entidade. Essa aproximação, iniciada na segunda metade da década de 1970, visava à adoção da metodologia de ensino e certificação da CMAS, consolidando uma proposta distinta daquela associada à prática da caça (Alcides, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022; Cesar Nieto, entrevista concedida à autora em 18 fev. 2022; Falanghe, 2018; Marly Costa Simões, entrevista concedida à autora em 17 fev. 2023). Todavia, em 1980, durante o VII Congresso da CMAS, realizado em Cancún, no México, ficou definido que apenas órgãos representantes das atividades subaquáticas oficiais em seus países, ou seja, as confederações nacionais, poderiam manter vínculo com a CMAS. Essa deliberação resultou no descredenciamento da Escola Bandeirantes do Mar e das certificadoras americanas, como da NAUI e da PADI. No Brasil, por exemplo, este encaminhamento conferiu autoridade à Confederação Brasileira de Pesca e Desportos Subaquáticos para gerir não apenas os mergulhos competitivos, como caça submarina e mergulho livre, mas também o mergulho amador (Alcides, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022; Falanghe, 2018; Marly Costa Simões, entrevista concedida à autora em 17 fev. 2023).

A partir de então, as principais certificadoras norte-americanas passaram a se organizar de forma independente, por meio de iniciativas que culminaram na criação, em 1986, de um conselho denominado *Recreational Scuba Training Council* (RSTC). Em 1999, este órgão ganhou dimensão internacional e passou a se chamar *World Recreational Scuba Training Council* (WRSTC). Desde então, esta entidade assumiu funções normativas para a modalidade, estabelecendo padrões mínimos para o ensino do mergulho em diferentes níveis de formação, treinamento para sinais manuais, modelo padronizado de declaração médica a ser apresentado, entre outros procedimentos (WRSTC, s./d.).

Em nível nacional, a deliberação do VII Congresso da CMAS em Cancún gerou um momento de tensão, já que os envolvidos com o ensino do mergulho amador, sobretudo o professor Álvaro Moreira, não se identificavam com a representação da CBPDS, por ser uma entidade historicamente envolvida com a caça submarina. Esta tensão propiciou uma busca por autonomia do mergulho amador em relação à caça submarina, ao esporte e à Confederação Brasileira de Pesca e Desportos Subaquáticos, o que ocorreu (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022; Marly Costa Simões, entrevista concedida à autora em 17 fev. 2023). Na atualidade, por exemplo, é praticamente impensável que se encontre quaisquer vestígios da caça submarina em uma operação turística de mergulho autônomo recreativo; nas escolas de mergulho tampouco se ensinam técnicas de apneia voltadas ao abate, manejos de armas e/ou conhecimentos sobre espécies consideradas adequadas para captura. Nas escolas de mergulho autônomo recreativo, técnicas da apneia vinculadas especialmente à caça submarina são usadas apenas como auxiliar para deslocamentos ou emergências, não para caça e essas técnicas permaneceram fundamentais, e largamente usadas em outras modalidades distintas do mergulho autônomo recreativo, como o mergulho livre.

Atualmente, ao menos no Brasil, a representatividade da Confederação Mundial de Atividades Subaquáticas (CMAS), no universo do mergulho autônomo recreativo, é também reduzida em comparação às certificadoras norte-americanas, o que significa dizer que menos mergulhadores apresentam carteiras da CMAS ao utilizarem serviços de operadoras comerciais de mergulho e menos escolas de mergulho adotam seu método de ensino. Essa secundarização ocorreu ao longo da história do mergulho, à medida que certificações vinculadas ao modelo norte-americano passaram a ter maior reconhecimento simbólico e social, sendo mais amplamente aceitas e utilizadas.

Cabe destacar que no Brasil, e em muitos outros países do mundo, a exigência formal de certificação para mergulhar se aplica exclusivamente às operações comerciais de turismo de

mergulho, nas quais é necessário comprovar habilitação técnica. Fora desse contexto não há regulamentação legal para a aquisição de equipamentos nem para a realização de mergulho com ou sem aparelhos de respiração, sendo as únicas restrições legais possíveis as relativas aos locais da atividade, como em áreas de preservação ambiental. Salienta-se que, ainda que o uso de equipamentos de respiração subaquática envolva riscos, o mergulho autônomo recreativo permanece na atualidade como uma prática autorregulada pelos próprios atores envolvidos. Essa autorregulação é considerada uma conquista dos pioneiros do mergulho, que ao longo do tempo estabeleceram e adotaram protocolos de segurança capazes de garantir a confiabilidade das operações comerciais dedicadas à atividade.

Cabe dizer que a CMAS ainda é a principal entidade regulamentadora da caça submarina que, por sua vez, chegou aos dias atuais enfraquecida, afetada por constrangimentos sociais cada vez maiores em torno do ato de caçar. Ao longo desse processo, uma das estratégias usadas para torná-la mais aceitável foi a alteração de sua denominação para *Pesca Submarina*, visando suavizar seu foco principal, a captura da preza.

Com base na perspectiva de Norbert Elias e Eric Dunning (1992), a secundarização pela qual a caça submarina passou parece se inscrever nos constrangimentos próprios do processo civilizatório e pode ser comparada à análise desenvolvida por esses autores sobre a caça à raposa na Inglaterra do século XVIII. Nesse caso, o que se observa é a substituição progressiva do prazer violento da morte do animal por formas mais prolongadas e controladas de excitação, que passam a valorizar o percurso, a ritualização e o autocontrole. “A mudança de ênfase, do desejo de vencer um confronto para a aspiração à vivência da agradável excitação prolongada do confronto, era a este respeito bastante significativa” (Elias; Dunning, 1992, p. 258).

Na análise de Elias e Dunning (1992) sobre os deslocamentos próprios do processo civilizatório, exemplificados pela caça à raposa, o controle das pulsões envolvidas em divertimentos violentos impulsiona a constituição do esporte como fenômeno associado à civilização. Deste modo, ao longo da história, as fluidas fronteiras entre divertimentos e esporte moderno começam a ganhar contornos. O esporte passou a ser definido por um conjunto de códigos específicos, como centralidade na competição, estabelecimento de regras, busca por recordes, mensuração do desempenho e institucionalização por meio de federações e confederações.

De modo semelhante, o mergulho autônomo recreativo pode ser compreendido como uma prática que se afasta do enfrentamento predatório, já que adota outras lógicas, como as orientadas por valores ambientais, em ascensão a partir da década de 1970, e valoriza a

experiência no ambiente, mediada pela técnica e tecnologia. O movimento civilizatório, nesse caso, opera, todavia, em sentido inverso ao modelo descrito por Elias: o mergulho autônomo recreativo constituiu-se como uma forma de lazer a partir de uma prática esportiva (a caça submarina). Seu afastamento em relação aos códigos do esporte, como competição e busca de rendimento, dá-se por meio de um processo conflituoso, marcado por disputas simbólicas e políticas.

Nessa esteira, outra particularidade marcou o percurso de constituição do então chamado mergulho amador no Brasil: a disputa pelo reconhecimento de que se tratava de uma prática não esportiva. O principal argumento era simples: como não há competições, não fazia sentido exigir que praticantes fossem vinculados a uma confederação desportiva. Ainda assim, como a Confederação Brasileira de Pesca e Desportos Subaquáticos passou a controlar institucionalmente a atividade, o mergulho amador se estruturou por meio desse enfrentamento. Entre meados da década de 1970 e o final da de 1980, pioneiros mobilizaram-se para reivindicar o reconhecimento dessa prática como forma de lazer, com códigos próprios, distintos das regras que regem as modalidades esportivas organizadas por federações e confederações. Conflitos, ao longo desse percurso, promoveram o distanciamento do mergulho amador tanto da caça quanto do esporte. E responsáveis por cursos e escolas do então nomeado como mergulho amador tiveram papel central nesse processo uma vez que por um lado posicionaram-se politicamente contra a CBPDS e por outro consolidaram novas formas de ensinar e praticar mergulho, a partir de novos valores diante da natureza.

Este foi um movimento iniciado pelo professor Álvaro Moreira e pela Escola Bandeirantes do Mar, reconhecida como a primeira escola dedicada exclusivamente ao ensino do mergulho amador no Brasil. Marly Costa Soares, que foi aluna e monitora dessa escola, relembra a atuação de seu fundador como decisiva para o afastamento do mergulho amador em relação à caça submarina:

[...] O professor Álvaro era estritamente mergulhador autônomo, era profundamente contra a caça submarina, apesar de sempre mostrar que a caça fez parte da história do mergulho, porque desde os índios que mergulhavam em apneia para caçar peixes, ou seja, alimentos. Até na Europa que já existia um grande desenvolvimento do mergulho, o próprio Jacques Cousteau, ele que [no período] pós-guerra se tornou um caçador para alimentar a família dele. E o Álvaro dizia muito assim: ‘O Cousteau ele arpoou golfinhos, com objetivo de alimentação e quando ele descobriu que a preservação desse meio era mais importante ele mudou’. Então faz parte da trajetória do ser humano, essas mudanças de comportamento. Mas na época a caça submarina era muito mais forte e as guerras eram imensas, professor Álvaro comprava qualquer

briga com relação a isso. No Rio de Janeiro também... a Confederação de Caça e Pesca, do Eduardo Bracony, nossa, brigas imensas com ele, com Américo Santarelli, porque [...] ele queria terminar com a caça no Brasil e apesar de ter ficado apenas oito anos [...] na direção na Bandeirantes do Mar, ele teve muitas atuações, reuniões inclusive [...] chamando todas as federações de caça, a Confederação Brasileira e tentando se impor para que fossem duas atividades separadas, o que hoje são, elas são separadas, não são consideradas uma coisa só. Então isso é o que eu tenho de lembrança, muitas brigas, mas sempre em prol da preservação (Marly, entrevista concedida à autora em 17 fev. 2023).

Este capítulo toma como fio condutor a trajetória de Álvaro Moreira/Escola Bandeirantes do Mar para analisar modos pelos quais o mergulho amador se constituiu no Brasil entre 1975 e 1982 e articula diferentes camadas desse processo, reunindo escolas e cursos que surgiram neste período, muitos inspirados no modelo criado por Álvaro Moreira, outros seguindo caminhos próprios. A escolha desse eixo narrativo corresponde à construção de uma trama, no sentido proposto por Paul Veyne, que define a escrita da história como o tecido formado por “uma mistura muito humana e muito pouco ‘científica’ de causas materiais, de fins e de acasos” (Veyne, 2008, p. 22). Com isso o autor compreende que a legitimidade da história como campo de conhecimento e a manutenção de seu rigor se funda na coerência narrativa e não na busca por leis universais ou explicações deterministas. Neste trabalho, a busca por essa coerência envolve o desafio de integrar passado e presente nas memórias narradas pelos entrevistados, que recorreram à experiência atual para explicar como se mergulhava nos anos iniciais do mergulho amador no país. Suas falas revelam esse contraste em expressões, como “não havia colete equilibrador”, “não havia manômetro”, “não existiam computadores de mergulho ou GPS para os barcos” e “não havia operação de mergulho”; ou ainda ao afirmarem “hoje em dia as coisas são tecnológicas”, “hoje o equipamento mergulha por você”.

Esses contrastes refletem o esforço dos pioneiros em tentar explicar transformações e permanências nos modos de ensinar, de praticar e de organizar o mergulho desde seus primeiros anos até os dias atuais. Minha percepção, ao longo das entrevistas e dos contatos realizados com outros mergulhadores, foi a de que explicar como se mergulhava nas décadas de 1970 e 1980 — sem certos equipamentos, sem estrutura física ou sem convenções institucionais — foi um desafio para quem tentava descrever a prática a alguém que não viveu tais experiências. Por isso, a escrita deste capítulo adotou também um certo trânsito entre presente e passado como forma de preservar a inteligibilidade das narrativas construídas pelos entrevistados. Como afirma Paul Veyne, “a trama pode se apresentar como um corte transversal

dos diferentes ritmos temporais, como uma análise espectral: ela será sempre trama porque será humana, porque não será um fragmento de determinismo” (2008, p. 20).

A constituição do mergulho amador como uma modalidade de mergulho voltada ao lazer no Brasil entrelaça temporalidades, articulando diferentes frentes de atuação: desde os primeiros esforços de organização do ensino até a criação de redes entre escolas e instrutores, incluindo disputas em torno da representação institucional e da certificação. Acompanhando os percursos de formação e as articulações conduzidas por Álvaro Moreira, desde suas primeiras iniciativas a partir de 1975 em São Paulo, é possível perceber como essas dimensões se interligaram na tentativa de instituir um sistema próprio de ensino do mergulho amador no país. As experiências educativas, as condições materiais e as estratégias políticas adotadas ao longo desse processo ajudam a dimensionar a complexidade da formação dessa prática no cenário nacional, assim como os caminhos trilhados por outras escolas, surgidas no mesmo período, para além da Bandeirantes do Mar.

4.1 Iniciativas do ensino do mergulho autônomo inauguradas no Instituto de Exploração Subaquática Dallo Sub em São Paulo

Em 1975, na cidade de São Paulo, na Avenida Santo Amaro, funcionava uma loja de equipamentos para caça submarina chamada Dallo Sub, que foi fundada pelos mergulhadores Lorente Neto, João Daher Filho e Raul Cutait, que decidiram implementar o ensino de mergulho autônomo por meio de um curso específico chamado Instituto de Exploração Subaquática Dallo Sub (IESDS), com funcionamento na rua Bueno Brandão, 427, bairro Nova Conceição, e conhecido entre os pioneiros simplesmente como Dallo Sub.

Inicialmente, para lecionar aulas de mergulho nesse curso, os proprietários da loja convidaram o mergulhador japonês Takayuki Morita, que recebeu auxílio dos irmãos Pedro e Fernando Kuramoto (Fernando Kuramoto, entrevista concedida à autora em 13 fev. 2023; Fernando Kuramoto, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023).

Morita utilizava a metodologia norte-americana, por meio da filial da empresa estadunidense PADI do Japão. Os kits completos de equipamentos que trouxe do Japão atendiam turmas inteiras de aproximadamente trinta alunos e impactaram diretamente o início da atividade no Brasil. Após seu retorno ao Japão, esses equipamentos foram herdados pelos irmãos Pedro e Fernando Kuramoto. Com esse material, Fernando Kuramoto seguiu ministrando cursos de mergulho por aproximadamente quinze anos no Hobby Clube, em São Paulo. Ao longo desse período coordenou o departamento de mergulho do clube, traçando uma trajetória ligada ao ensino e à certificação pelo método da CMAS e YMCA (Fernando Kuramoto, entrevista concedida à autora em 13 fev. 2023; Fernando Kuramoto, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023).

Fernando Kuramoto integrava o grupo de pioneiros oriundos da caça submarina que, ao longo dos anos, passou a atuar também no mergulho autônomo. Até 1979, este grupo foi relativamente coeso, mas ao longo da década de 1980 passou a se organizar em subgrupos: um articulado por Eduardo Bracony e vinculado à Confederação Brasileira de Pesca e Desportos Subaquáticos (CBPDS), instituição responsável pela certificação via CMAS; o outro articulado por Claudio Guardabassi, que introduziu os métodos estadunidenses no Brasil, iniciando pela YMCA e depois por outras certificadoras, como a PADI e a NAUI. Fernando Kuramoto manteve relações com esses subgrupos e transitou por eles, formando mergulhadores e emitindo certificações tanto pelo sistema CMAS quanto pela YMCA (Alcides Falanghe, entrevista

concedida à autora em 2 fev. 2022; Bracony, entrevista concedida à autora em 8 dez. 2022; Claudio Guardabassi, entrevista concedida à autora em 02/11/2022; Fernando Kuramoto, entrevista concedida à autora em 13 fev. 2023; Fernando Kuramoto, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023).

Para além dessas iniciativas, o ensino do mergulho autônomo foi também impactado com a chegada ao Brasil, em 1975, do professor Álvaro Moreira, que, durante seu período de atuação na Dallo Sub, deu início ao fomento e à organização do mergulho amador em nível nacional, com base em sua experiência técnica e pedagógica no ensino do mergulho autônomo, além das boas relações que mantinha com a Confederação Mundial de Atividades Subaquáticas. Implementou no Brasil um modelo de ensino e estruturação política da atividade, sendo, por isso, constantemente lembrado nas narrativas dos entrevistados como base fundamental para a constituição do mergulho autônomo amador no país. Ainda que o Brasil tenha, mais tarde, se alinhado às certificadoras estadunidenses, hoje hegemônicas, a atuação de Álvaro Moreira foi central e estruturante, permanecendo como referência na história do mergulho amador (Cesar Nieto, entrevista concedida à autora em 18 fev. 2022; Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 17 ago. 2022).

O professor Álvaro Moreira (Retrato-21) atuou no Dallo Sub, desde 1975, inspirado na metodologia da CMAS e contribuiu para o crescimento do mergulho no Brasil com a implementação de seu método de ensino e com a organização do mergulho amador especialmente após a criação de sua escola, a Bandeirantes do Mar, em 1976, em São Paulo. A partir de então, até 1982, o mergulho amador passou por um processo de constituição, com a criação dos primeiros cursos, escolas, métodos de ensino e certificações. (Cesar Nieto, entrevista concedida à autora em 18 fev. 2022; Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 17 ago. 2022).

Retrato 21 - Álvaro Vilar Moreira (Clovis Lee Mo ao fundo)



Fonte: Arquivo pessoal de Marco Aurélio Mattes Dias (Kupeu) s/d.

Desde seu breve período de atuação na Dallo Sub, Álvaro Moreira buscou implementar um modelo educativo e organizacional inspirado na Confederação Mundial de Atividades Subaquáticas (CMAS), estruturando o mergulho com base nos diferentes aspectos contemplados por essa entidade. Para isso, criou no instituto três gabinetes: o de ensino; o científico e de pesquisas subaquáticas; e o de turismo e intercâmbio (IESDS, s/d.). Além disso, implementou a instrução das chamadas especialidades técnicas, científicas e mistas, que, na prática, constituíam-se de saberes específicos a serem aprendidos junto ao conteúdo dos cursos de Mergulhador de Terceiro Grau ou Terceira Classe (equivalente ao mergulhador de 1 estrela no sistema da CMAS), de Mergulhador de Segundo Grau ou Segunda Classe (equivalente ao mergulhador de 2 estrelas no sistema da CMAS) e de Mergulhador de Primeiro Grau ou

Primeira Classe (equivalente ao mergulhador de 3 estrelas no sistema da CMAS); ou como cursos livres de especialidades divididas entre técnicas: em exploração, aquaplane, águas doces, compressores, aparelhagem, topografia e orientação subaquática; especialidades científicas que englobavam arqueologia, biologia, geologia, algologia, aquarofilia e câmara de descompressão; especialidades mistas, que eram compostas de cursos de primeiros socorros, reanimação cardiopulmonar, guia turístico subaquático e organizador, e especialidades culturais com os cursos de fotografia, cinema e colecionismo.

De acordo com o site Brasil mergulho (2020), na Dallo Sub Álvaro Moreira formou Sônia Lopes, Marietta Salles Silva, Eduardo Matarazzo, Jose Castro Waney Júnior, Paulo de Mesquita, Ricardo Hering e Marcelo de Souza Scarcela Portela como os primeiros monitores de mergulho, função responsável por ministrar aulas, equivalente à de instrutor de mergulho nos termos utilizados atualmente. Com a implementação dessa formação ele visava formar pessoas, especialmente jovens, que vislumbassem dar continuidade e se profissionalizar no ramo do mergulho que começara a ser nomeado como Amador (Brasil mergulho, 2020).

Entre os alunos dos cursos de Álvaro Moreira na Dallo Sub estava Alcides Falanghe. Sua história se aproxima a de outros jovens que se interessaram pelo mergulho a contragosto dos pais que, preocupados com a segurança e futuro dos filhos, não financiavam essa aventura. Ser monitor foi o caminho encontrado por Alcides e outros entrevistados para conseguir arcar com seus mergulhos.

[...] naquela época era assim, o mergulho era considerado algo extremamente perigoso, os equipamentos eram bastante precários, então eles ficaram, primeiro, extremamente preocupados e [...] eles tinham a expectativa que eu fosse médico[...] ou que eu fosse... uma carreira convencional, de advogado, essas coisas. E eu, de repente, cismeiei que ia fazer oceanografia, então isso foi um... assim: “Você está louco? O que é isso? Isso não é coisa de gente séria, é coisa de moleque vagabundo, que só quer ficar na praia...”, aquela coisa toda. E meio que eles começaram a podar o mergulho, então não tinha nenhum apoio e aí eu resolvi então ter que me virar. Então o que eu fiz? Eu falei: “Ah, eu vou fazer um curso de monitor de mergulho, vou trabalhar na escola”, não é? E aí os meus mergulhos acabam virando, pelo menos... não uma remuneração que desse para viver, mas assim, eu poderia mergulhar e ganhar um troquinho, comprar um equipamento e estar mergulhando e fazendo parte da equipe da Dallo Sub na época (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022).

Em 1976, o Instituto de Exploração Subaquática Dallo Sub entrou em falência, então Álvaro Moreira fundou a Escola Bandeirantes do Mar. Alcides Falanghe conta que acompanhou essa transição entre a Dallo Sub e a Bandeirantes do Mar.

[...] aí o Álvaro me chamou e chamou todo o pessoal que estava frequentando a Dallo Sub na época e falou: ‘Olha, a Dallo Sub fechou, mas eu vou continuar, vou fazer um primeiro curso de Monitor aqui para... com o pessoal que está frequentando a Dallo Sub e eu vou continuar, e a escola vai chamar Bandeirantes do Mar.’. Todo mundo falou: ‘Bandeirantes do Mar? A gente vai ser as meninas dos escoteiros? Como é que fica essa ligação, não é?’ [Riso]. Daí ele falou: ‘Não... Bandeirantes do Mar é porque nós vamos ser os pioneiros, não é? Como os bandeirantes desbravaram o sertão do Brasil, nós vamos ser os ‘bandeirantes do mar’, nós vamos desbravar os mares brasileiros.’. E aí acabou nascendo a Bandeirantes do Mar (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022).

De acordo com Alcides, imediatamente após o fechamento do Dallo Sub Álvaro Moreira fundou a Bandeirantes do Mar no mesmo endereço, nos fundos da casa onde funcionavam as aulas do instituto.

[...] logo depois que eu entrei a Dallo Sub fechou e o Álvaro fundou a Bandeirantes do Mar, na mesma escola, no mesmo lugar, no mesmo endereço, praticamente ele só mudou de nome e em vez de pegar a casa inteira, que era a sede do Instituto de Exploração Subaquática Dallo Sub, ele ficou com a parte dos fundos e com a piscina. E era até engraçado porque a casa principal era uma escola de criancinhas, que era a Escola Gato de Botas, então a gente funcionava à noite, os cursos à tarde, a gente cruzava de cilindro, pegava os cilindros lá no fundo e levava para a piscina que era na frente da casa, desviando das professoras, das criancinhas [...] [Riso] (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022).

Nesse local, Álvaro Moreira implementou, em junho de 1976, a escola de mergulho Bandeirantes do Mar, da qual Alcides Falanghe foi um dos primeiros monitores atuando junto ao professor Álvaro. Alcides recorda que, por exigência dos pais, cursava a faculdade de administração durante o dia e, à noite, ministrava aulas práticas de mergulho na piscina, enquanto Álvaro Moreira ensinava teoria em sala de aula. Assim como Alcides, Marly e Cesar também narraram histórias de sua experiência junto a Álvaro Moreira na Bandeirantes do Mar, que foi uma referência quanto à filosofia de formação de mergulhadores e de monitores de mergulho e ao sistema educacional e organizacional, além de ser protagonista em questões políticas que definiram os rumos do mergulho no país.

4.2 Escola Bandeirantes do Mar no Brasil

A Bandeirantes do Mar, fundada em junho de 1976 é, essencialmente, um Centro e Fomento de Lazer que visa atividades de natureza técnica, cultural e científica (Álvaro Vilar Moreira, 1978b).

Essas palavras do professor Álvaro Moreira encontram-se no terceiro número do *Nautilus: Boletim Informativo da Bandeirantes do Mar* e indicam traços iniciais da proposta da escola, que ultrapassava as funções de uma escola de mergulho, o que se desenvolveu ao longo dos anos, quando gradativamente a Bandeirantes do Mar assume características de clube e, posteriormente, na década de 1980, como uma associação (Moreira, 1978b). Esse boletim – que funcionou por quatro edições com o nome *Nautilus*, sendo esse título descontinuado após Álvaro Moreira tomar conhecimento da existência de uma revista norte-americana homônima, passando a partir da quinta edição a se chamar *Bandeirantes do Mar - Boletim Informativo* – foi um informativo mensal voltado aos participantes da Bandeirantes do Mar. O boletim foi inaugurado em agosto de 1978, que trazia conteúdos sobre diferentes tipos de mergulho, em especial o autônomo amador, além de informes, como datas de novos cursos e eventos; além da apresentação de nomes de alunos e monitores recém-credenciados pela Escola. As principais matérias de cada edição, geralmente redigidas pelo próprio professor Álvaro Moreira, apresentavam uma densidade de informações sobre diferentes temas, como notícias sobre Confederação Mundial de Atividades Subaquáticas, aspectos técnicos do mergulho, histórias vividas pelo professor, além de textos com cunho político e filosófico quanto ao mergulho amador.

O meu acesso às edições desse boletim e a documentos internos da Escola Bandeirantes do Mar, como programas de ensino, manuscritos de Álvaro Moreira e regimentos, que me foram cedidos por Marly⁴⁶, permitiu entremear as matérias do Boletim com as histórias contadas sobre Álvaro Moreira e a Bandeirantes do Mar pelos entrevistados, em especial aqueles que atuaram como monitores junto a ele, como Cesar Nieto, Alcides Falanghe e Marly, contribuindo para uma melhor compreensão sobre a estrutura e funcionamento da escola, as formações de mergulhadores e de monitores idealizadas por Álvaro Moreira e difundidas nacionalmente, as ações desenvolvidas por Álvaro Moreira ao longo dos oito anos em que esteve à frente dessa

⁴⁶ Essa documentação é ampla e oferece subsídios para outras pesquisas futuras, não realizadas neste trabalho devido aos limites metodológicos e de tempo.

escola. Entre essas ações, destacam-se articulações políticas e disputas em torno da representação brasileira junto à Confederação Mundial de Atividades Subaquáticas (CMAS). A pretensão do professor Álvaro Moreira de conferir à Bandeirantes do Mar esse papel pode ser percebido na estrutura organizacional complexa com que a instituição foi concebida.

A escola Bandeirantes do Mar preparava mergulhadores autônomos em níveis crescentes de conhecimento teórico e prático, conferindo a eles competência para realizar mergulhos com diferentes níveis de dificuldade, em diferentes ambientes, e formava monitores de mergulho, ou seja, formadores de outros mergulhadores, e instrutores de mergulho, que formavam os monitores (Marly, entrevista concedida à autora em 17 fev. 2023). Esse processo de formação aproximava-se à lógica escolar formal, como um curso de licenciatura, possivelmente inspirada na experiência de Álvaro Moreira como docente universitário. Os cursos eram sequenciais e possibilitavam um processo formativo prolongado, em que mergulhadores permaneciam vinculados à instituição por vários anos; havia provas, aprovação e progressão por níveis. Em determinados casos, essa trajetória podia inclusive conduzir à profissionalização (Marly, entrevista concedida à autora em 17 fev. 2023).

Na Bandeirantes do Mar, Moreira aprofundou a estrutura organizacional iniciada na Dallo Sub, estabelecendo três comitês: Técnico, Científico e Médico. O comitê técnico, eleito bianualmente, era composto por presidente, vice-presidente, secretários, diretor de cursos e especialidades, diretor de certificados e diplomas, diretor do setor audiovisual, técnicos e pelo presidente do chamado Colégio de Instrutores, formado por instrutores já certificados que atuavam na formação de novos instrutores (Moreira, 1979a, p. 2). O comitê científico, nomeado Sociedade Brasileira de Estudos e Pesquisas Subaquáticas (SBEPS), dedicava-se a estudos em biologia, arqueologia e espeleologia subaquáticas, além da conservação da natureza. Ao comitê médico cabiam as inspeções clínicas exigidas para mergulhar, o apoio aos mergulhadores, a publicação de artigos no boletim da escola e a realização de estudos sobre a “fisiopatologia do homem submerso” (Comitê Médico e de Prevenção, 1979, p. 01-02).

Esses três comitês correspondiam a instâncias equivalentes da Confederação Mundial de Atividades Subaquáticas (CMAS), que contava com quatro comitês principais: Técnico, Científico, Médico e Desportivo. Este último não foi implementado por Moreira, pois havia de início um impedimento institucional: o Comitê Desportivo da CMAS reconhecia apenas uma entidade por país e no caso brasileiro essa função já era exercida pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD) (Moreira, 1978c). Além disso, Moreira não demonstrava interesse pela vertente competitiva representada por esse comitê, cuja principal expressão era a caça

submarina. Defensor do mergulho autônomo como prática amadora, formativa e de lazer, ele buscava dissociá-lo do universo esportivo, enfatizando valores educativos, ambientais e científicos na formação e disseminação do mergulho amador no Brasil (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022; Marly, entrevista concedida à autora em 17 fev. 2023).

No interior da escola também foi criada a Associação Brasileira de Instrutores de mergulho amador (ABIMA), que, de acordo com Moreira (1978), tinha como objetivo fomentar boas práticas do mergulho autônomo, organizar palestras e encontros, como um processo de educação continuada para monitores já formados.

Na Bandeirantes do Mar, o professor Álvaro Moreira estruturou uma rede voltada à expansão do mergulho no Brasil em articulação com vínculos internacionais. Em 1979, a escola já operava com certo grau de relação com a Confederação Mundial de Atividades Subaquáticas (CMAS), sustentada por conexões estabelecidas por Moreira durante o período em que viveu em Portugal. Naquele país, a Bandeirantes do Mar⁴⁷ integrava um projeto coletivo formado por mergulhadores de diferentes nacionalidades, com núcleos em cidades como Bruxelas (Bélgica) e Kiel (Alemanha). Segundo Marly, essa rede contava com o apoio direto de Jorge Albuquerque, um dos fundadores da CMAS e membro do conselho de anciãos da confederação junto a Jacques Cousteau, que acompanhava as atividades da escola, participava de eventos e oferecia suporte logístico para a emissão de certificações internacionais (Marly, entrevista concedida à autora em 17 fev. 2023).

No Brasil, a escola mantinha a emissão de certificados reconhecidos internacionalmente a partir desse vínculo com a CMAS. Na prática, a Bandeirantes do Mar do Brasil encaminhava a documentação com os nomes dos novos alunos aos instrutores de Portugal que certificavam os alunos brasileiros junto à CMAS. A escola chegou a vislumbrar o status de certificadora própria, com alcance internacional, o que se refletiu na criação de delegações e representações, tanto em estados brasileiros quanto fora do país. As representações eram constituídas por pessoas jurídicas que operavam com relativa autonomia, mas com vínculo formal ao núcleo central que era a Bandeirantes do Mar Brasileira. Em 1978, por exemplo, havia registrados de representações nas cidades de Apucarana (PR), Porto Alegre (RS), Kiel (Alemanha Federal),

⁴⁷ Não foi possível obter informações sobre a existência anterior da Bandeirantes do Mar em Portugal, tampouco sobre seus modos de funcionamento antes da chegada de Álvaro Moreira ao Brasil. Do mesmo modo, permanece pouco clara a natureza da relação entre a escola brasileira e as delegações internacionais. Não se sabe, por exemplo, se nesses locais utilizava-se o nome Bandeirantes do Mar, ou detalhes sobre o funcionamento e estrutura dessas unidades estrangeiras.

Bruxelas (Bélgica) e Barcelona (Espanha) (Marly, entrevista concedida à autora em 17 fev. 2023; Moreira, 1979).

As delegações, por sua vez, eram compostas por pessoas físicas, geralmente ex-alunos coordenados por monitores formados na própria escola. Esses núcleos organizavam cursos e expediam certificações em nome da Bandeirantes do Mar. Em 1979, havia oito delegações oficialmente reconhecidas, localizadas nas cidades de Natal (RN), Campinas (SP), Santos (SP), Mogi das Cruzes (SP), São José dos Campos (SP), São José do Rio Preto (SP), Amparo (SP) e Lisboa (Portugal) (Marly, entrevista concedida à autora em 17 fev. 2023; Moreira, 1979).

Tanto no país quanto no exterior várias foram as estratégias de ampliação das relações em torno do mergulho, entre elas destaca-se a organização de eventos e expedições. Nesse contexto, Álvaro Moreira estruturou, ao longo dos anos de funcionamento da escola, um ambiente de permanência e convivência sustentado por um conjunto de atividades que faziam seu funcionamento se aproximar ao de um clube. A partir de junho de 1979, a Bandeirantes do Mar passou a contar com critérios formais para admissão e cinco categorias específicas de sócios, definidas pelo Comitê Técnico, sendo elas: sócios coletivos (destinados a associações e escolas, nacionais ou internacionais), sócios de mérito, sócios comuns, sócios monitores e assinantes do boletim. Cada uma delas possuía regras próprias de contribuição e direitos distintos (Comitê Técnico, 1979).

Os sócios coletivos tinham acesso às estruturas técnico-pedagógicas da escola e podiam indicar um representante para o Comitê Técnico. No caso das instituições nacionais, o ingresso exigia o pagamento de uma joia equivalente a um salário-mínimo e de uma quota do mesmo valor, parcelada em quatro vezes. Para instituições estrangeiras a joia era mantida no mesmo valor, mas a quota correspondia a dois salários-mínimos, igualmente parcelada (Comitê Técnico, 1979). Já os sócios de mérito contribuía com uma mensalidade cinco vezes superior à dos sócios comuns. Em contrapartida, tinham direito a doze fins de semana gratuitos com a Bandeirantes do Mar, 20% de desconto em excursões, 30% em especialidades técnicas, culturais e científicas, 50% no enchimento de garrafas e 30% em cursos de técnicos especiais e de formação de monitores de primeiro grau. Também recebiam gratuitamente dois exemplares do boletim mensal. O número de sócios de mérito era limitado a doze (Comitê Técnico, 1979).

Os sócios monitores eram instrutores ou monitores de qualquer grau que desejassem usufruir da estrutura técnico-pedagógica da escola. A mensalidade era o dobro da de um sócio comum, salvo nos casos em que esses monitores ocupassem cargos em delegações no Comitê Médico ou no Comitê Técnico, circunstância que os isentava do pagamento. Esses sócios

tinham direito ao enchimento gratuito de garrafas, recebiam as publicações técnico-pedagógicas, participavam de atividades pelo preço de custo, além de terem acesso ao boletim. Tornavam-se automaticamente sócios da ABIMA e podiam ser indicados como monitores para contratos de trabalho, quando requisitados (Comitê Técnico, 1979). E os sócios comuns pagavam uma mensalidade de Cr\$ 100,00⁴⁸, com direito ao boletim; 10% de desconto em atividades, especialidades e cursos; preferência no aluguel de material e 20% de desconto no valor do aluguel. Já os assinantes do boletim não pertenciam ao quadro de sócios, eram mergulhadores que optavam por pagar uma assinatura anual de Cr\$ 200,00 apenas para receber o boletim em casa (Comitê Técnico, 1979).

A frequência da escola como um clube acontecia para diversos fins, como alugar equipamentos; encher garrafas (cilindros); receber o boletim informativo; participar de excursões de fim de semana, de atividades e eventos, entre os quais estavam encontros, palestras, provas de orientação subaquática, natação com “pé de pato”, concursos de fotografia submarina e expedições para descoberta de novos locais de mergulho, criando um sentimento de pertencimento e proximidade da escola, que se articulava diretamente ao processo formativo ali oferecido. Mais do que concluir um curso, permanecer vinculado à instituição era, para muitos, uma continuação da experiência iniciada nos primeiros mergulhos (Comitê Técnico, 1979; Marly Costa Simões, entrevista concedida à autora em 17 fev. 2023).

Entre os fatores que ajudaram a sustentar esse modelo de formação e contribuíram para a difusão do mergulho amador no Brasil, estavam os valores de ética e de educação ambiental promovidos por Álvaro Moreira.

⁴⁸ A sigla Cr\$ refer-se ao Cruzeiro, moeda circulante no Brasil entre 1970 e 1986 de acordo com a 2a. Edição da Cartilha Dinheiro no Brasil, publicada pelo Banco Central do Brasil em 2004 - disponível em https://www.bcb.gov.br/content/acessoinformacao/museudocs/pub/Cartilha_Dinheiro_no_Brasil.pdf. A quantia de Cr\$ 100,00 (cem Cruzeiros) equivale a R\$ 34,84 (trinta e quatro reais e oitenta e quatro centavos). O cálculo foi realizado pela Calculadora do Cidadão disponibilizada de forma online pelo Banco Central do Brasil (Em <https://www3.bcb.gov.br/CALCIDADAOPublico/corrigirPorIndice.do?method=corrigirPorIndice>). Para corrigir a quantia a valores atuais considerou-se o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) calculado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) entre os anos de 1980 - ano disponível mais próximo ao período - até 2025.

4.2.1 A filosofia de formação de monitores e mergulhadores da escola Bandeirantes do Mar

Possuir uma técnica que abre aos outros como
segurança e ciência, o fundo do mar, implica em
estado de alma, num efeito de vontade, numa
qualidade de imaginação, numa intensidade emotiva,
numa vitória de coragem sobre a timidez, no gosto da
aventura, sobre o amor do conforto.

Ao estudo a dedicação permanentes, no pensarmos
muito mais em nossos alunos do que em nós mesmos.

Os anos enrugam a pele, mas o renunciar de nossos
ideais enrugam a alma.

O mergulho autônomo brasileiro, será sempre tão
novo como ter a fé, tão velho como as tuas dúvidas e
desânimos, tão novo como a tua confiança, em ti
próprio, como a tua esperança, tão vivo e perene
enquanto sentires o que é belo, bom e grande.

Enquanto sentirmos as mensagens da natureza, do
homem e do infinito.

Mas se um dia fores mordido pelo pessimismo, roído
pelo cinismo, e, sem fé e sem grandeza pretenderes
ensinar, nós todos te pediremos que desistas, já não és
um monitor...

És um velho...

(Bandeirantes do Mar, [197—?].)

Este texto constava nas páginas das apostilas dos cursos de Monitores de Primeiro, Segundo e Terceiro Graus da Escola Bandeirantes do Mar e instituía, desde o início desses materiais didático-técnicos, um código de conduta base da formação proposta por Álvaro Moreira., marcando um pacto ético e pedagógico exigido de quem pretendia seguir adiante nas páginas seguintes das apostilas, bem como nos passos futuros da formação, a qual ocupava lugar central no projeto da escola e no esforço de Álvaro Moreira de difundir o mergulho amador segundo uma forma muito específica de ser mergulhador. Isso porque a figura do monitor representava um professor em formação, ou seja, alguém preparado não apenas para mergulhar, mas também para ensinar. O esforço de Álvaro Moreira parecia voltado à preparação desses mergulhadores-docentes, encarregados de assegurar a transmissão dos conhecimentos e valores que sustentavam sua proposta educativa (Bandeirantes do Mar, [197—?]).

Nos processos educativos e de difusão de conhecimentos promovidos pelo professor Álvaro Moreira havia um forte incentivo à responsabilidade cívica e ética, tanto em relação à prática do mergulho quanto à preservação dos mares brasileiros percebidos, por exemplo, nas colunas redigidas por Moreira nos boletins da Escola Bandeirantes do Mar, que revelam esforços investidos por ele na formação de uma ética do comportamento subaquático fundamentada no respeito à natureza, especialmente ao mar e seus “imensos valores”. O objetivo do professor quanto ao mergulho era claro: a criação de “um estilo, uma forma muito especial de ser mergulhador autônomo” a partir de “normas éticas e civilizadas” e da constituição de “valores humanos, morais e criadores” (Moreira, 1999, 01).

No cerne dessas novas elaborações a respeito do ambiente, a serem apreendidas pelos mergulhadores, estava a noção de proteção ao patrimônio mundial, cultural e natural em voga na década de 1970 no mundo, discussão alavancada por diferentes ações da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO⁴⁹), dentre a qual constavam debates que culminaram na Declaração Universal dos Direitos dos Animais, lida e/ou proclamada nas assembleias de Bruxelas e Paris em 1978⁵⁰ (Tinoco, Correia, 2010). Este texto foi amplamente divulgado e suas ideias ecoaram entre mergulhadores que se opunham ao uso do mergulho como lazer para qualquer forma de predação aos seres subaquáticos. Os boletins informativos da escola, por exemplo, divulgavam artigos desse texto, atribuído à UNESCO, como nota de final de página a cada nova edição.

Ademais, a constituição de valores vinculados à conservação ambiental era central nos cursos de Álvaro Moreira, que buscava forjar mergulhadores honrados a partir de normas de conduta, como dignidade e respeito à natureza. Para ele o mergulho funcionava como uma chave que abria o acesso ao fundo do mar e cabia ao mergulhador portar-se como alguém digno do caminho que lhe era revelado. No boletim da Bandeirantes do Mar, entre as lições transmitidas por Moreira sobre o ambiente, evidenciam-se passagens como a seguinte:

[...] Quem mergulha tem o caminho aberto para o fundo do mar. Se não agir com ética, pode, inconscientemente, danificar a flora e a fauna, ou até outros valores, que não lhe pertencem e, pelo contrário, são de todos. É por essa razão, que em toda parte, se manifesta interesse crescente pela ética, procurando dotar os diversos praticantes de mergulho com códigos da especialidade ou de compromissos deontológicos, capazes de assegurar

⁴⁹ O acrônimo UNESCO refere-se à grafia da organização na língua inglesa: United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization.

⁵⁰ Existem informações controversas sobre a proclamação ou não, pela UNESCO, da declaração Universal dos Direitos dos Animais, o que não impactou sua ampla divulgação e usos em nível mundial (Tinoco, Correia, 2010).

uma prática moral e digna, uma eficiência satisfatória e um convívio honesto, com vista ao bem público e geral. Proteger o nosso mar será tarefa árdua e difícil se não partir de cada praticante um comportamento lógico, racional e, sobretudo, humano (Moreira, 1979b, p. 01).

Esses valores eram ainda também enfatizados na formação dos monitores da escola, ou seja, alunos mais graduados, que assumiam a responsabilidade de formar novos mergulhadores, tinham atribuições para além da preparação técnico-científica, envolvendo também o compromisso de “fazer despertar nos seus alunos uma ética e um comportamento, ou seja, uma filosofia de saber como estar e proteger o local onde mergulha” (Moreira, 1978, p. 01).

Para o professor Álvaro Moreira, ser um bom praticante não era suficiente para exercer a função de monitor. “Nessa vida não ensina quem quer, mas apenas quem pode”, afirmava, ressaltando que o ato de ensinar exigia “todo um processo evolutivo e de desenvolvimento”, o qual envolvia, além de domínio técnico e científico, “conhecimentos profundos e atualizados de didática e da pedagogia contemporâneas”. O monitor, portanto, deveria ser “capaz de transmitir ideal mensagem ao mesmo tempo que cultiva e desenvolve a nobreza de alma”, assumindo responsabilidade pela formação ética e técnica dos alunos (Moreira, 1978, p. 01).

Moreira atribuía grande responsabilidade à função do monitor: se o mergulho representava, para ele, o acesso ao fundo do mar, cabia ao monitor o papel de entregar, por meio da instrução, “a chave preciosa” que permite esse acesso. Por isso, era dever do monitor ensinar o aluno a se comportar no ambiente subaquático “como um indivíduo civilizado”; do contrário, os riscos seriam, nas palavras do próprio Moreira, comparáveis aos de entregar “a um energúmeno o manuseamento da dinamite e deixá-lo explodir” (Moreira, 1981, p. 01).

Nesse sentido, aqueles que desejassem tornar-se monitores deveriam seguir as regras estabelecidas no código deontológico da Bandeirantes do Mar ou seja, em seu código de condutas. Mesmo os que buscavam apenas se formar como mergulhadores — vale lembrar, recreativos — precisavam estar dispostos a assumir uma missão permeada por riscos e responsabilidades. Talvez por isso, como relembra Alcides Falanghe, o professor Álvaro Moreira não estava em busca de clientela, na verdade ele:

[...] estava procurando mergulhadores, era diferente, não tinha essa visão comercial⁵¹ de conquistar o cliente e tudo mais. Aliás, a ideia era espantar o

⁵¹ Neste texto, o termo “comercial” assume dois sentidos: “mergulho comercial” refere-se à atividade profissional regulamentada voltada à execução de serviços subaquáticos. Já o uso da palavra “comercial”, conforme mencionado por Alcides, diz respeito à organização do mergulho que atualmente é conhecido como mergulho autônomo recreativo como um produto comercializável.

cliente [Riso]. Se você visse a recepção de como era na Bandeirantes do Mar, quando você chegava para falar com o português, se você chegasse lá você virava as costas e ia embora. Você chegava, entrava em uma salinha, ele estava na máquina de escrever dele, olhando assim [para baixo]. O cara ficava esperando, ele olhava [...] ‘Que posso fazer, que estás querendo?’, ‘Ah, queria fazer um curso de mergulho’ ele [...] falava: ‘Oh, o manual do curso está aí, pode pegar, a tabela de preço está aí, leia, se quiser fazer a inscrição pode falar comigo, põe teu nome, vai lá fora, fala o dia que tu quer fazer o curso’. Tinha a tabelinha, ele punha o nome lá: ‘E apareça.’. Assim, não tinha o menor... [essa] coisa de cativar o cliente, não sei o quê. Não! A ideia era outra! Era assim: ‘Realmente eu quero seguidores fiéis, que seja uma equipe de mergulho, então que sejam fanáticos por mergulho, pela atividade. E por isso que surgiu dessa turma... que formou a base que passou a viver do mergulho’ (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022).

Aqueles que demonstravam merecimento eram integrados à equipe de monitores da Bandeirantes do Mar. Seus talentos eram reconhecidos e incentivados por Álvaro Moreira, que lhes atribuía funções e responsabilidades específicas. Alcides Falanghe, por exemplo, revelou aptidão para a fotografia submarina e foi estimulado por Moreira a criar e coordenar o setor audiovisual da escola.

O entrevistado Cesar Nieto tinha muito a contribuir quando chegou à Bandeirantes do Mar. Ao contrário da maioria dos jovens que se aproximavam da escola, chegou já adulto, formado em engenharia mecânica, mergulhador autodidata e ex-aluno de José Jacinto Magalhães Neto na ACM, em 1969. Cesar Nieto não demorou a se tornar monitor e a colaborar de diferentes formas no cotidiano da escola. Ele conta que o professor Álvaro

[...] incentivava muitas pessoas que tinham o que nós chamamos de aquacidade, que sabiam mergulhar, a ajudar nos cursos dos iniciantes. E eu fui para lá fazer o primeiro curso de instrutores com ele, monitores como ele chamava, e demos muitas aulas. Eu me interessava muito pelos equipamentos, dava muita instrução de como os equipamentos eram construídos, como eram reparados e por aí foi. Eu sei que essa evolução se deu naturalmente (Cesar Nieto, entrevista concedida à autora em 18 fev. 2022).

Já entrevistada Marly Costa Simões demorou para receber atenção do professor Álvaro Moreira. Estudante de biologia, chegou à escola convidada por duas amigas da faculdade. A contragosto dos pais, Marly inscreveu-se no Curso de Mergulhador de Primeiro Grau (uma estrela).

[...] éramos as únicas meninas no grupo e foi maravilhoso. Mas também foi muito difícil, porque os equipamentos na época eram precários, os cilindros de mergulho eram de aço muito pesados, as roupas de mergulho eram

importadas, mas somente uma parte, só a jaqueta, não era uma roupa completa. E não precisava nem de cinto de lastro e não existia colete em modelo babador, nem *jacket vest*, não existia. Então, na hora que entrava na piscina era fácil, porque eu me apoiava no chão, dava um impulso e continuava nadando, nossa, adorava nadar, mas era pesado. Na hora de entrar na água [...] eram barcos de pesca que o professor utilizava para fazer as saídas de mar, nossa, eu acho que eu levei uns cinco minutos para cair na água, me segurava no cabo e dizia: ‘Não, não vou, não vou.’ e ele: ‘Venha Marly, venha.’ e lá fiquei, mas enfim. Aí deram um incentivo de soltar a mãozinha e falar: ‘Vai.’ e quando eu fui, eu fui direto ao fundo. Direto ao fundo. Então, senti meu ouvido bastante, mas consegui compensar e ficou bem. [...] E assim terminei o curso. Bom, e agora? Mergulhar como? Não tinha muito como. Passei a visitar o professor Álvaro muitas tardes na escola. Mas ele, um português muito militar, muito sério, quieto, ele nunca me dava atenção. Mas eu insisti [Riso]. Por anos, não uma semana, por anos eu insisti, porque ele era muito fechado e enfim... E daí como não tinha dinheiro para continuar, acabei parando um pouco as atividades, mas ia com essa minha amiga para Ilhabela, fazia snorkel⁵², estava no mar, porque realmente o mar me conquistou demais. Isso foi em 77, em 78 eu fiz uma viagem para a Europa, e na Itália, em uma loja, encontrei todos os equipamentos de mergulho que me tornariam uma mergulhadora mais segura, como uma roupa completa, um colete modelo babador, inclusive um cilindro de alumínio [Riso] e trouxe tudo. E quando voltei de viagem fui direto para a escola de mergulho, mostrei para o professor, aí ele ficou animado, falei: ‘Agora sim vou conseguir mergulhar.’. E passei a ir algumas vezes e ajudá-lo, em atividade, mas trabalhando, não sendo instrutor [...] auxiliar de monitor, como ele chamava. Mas a partir daí ingressei em 80, fiz o curso de monitor, se chamava Curso de Monitor de Primeiro Grau e a partir daí não parei mais. Realmente não. Então foi assim que eu comecei (Marly, entrevista concedida à autora em 17 fev. 2023).

Marly deu continuidade à carreira no mergulho como monitora e passou a atuar também na administração cotidiana da escola. Por seus conhecimentos em biologia e mergulho, foi designada por Álvaro Moreira como responsável pelo jornal da instituição e pela redação de colunas sobre biologia marinha. Além disso, organizava excursões, auxiliava em eventos e assumia diversas tarefas e responsabilidades na rotina da escola. Após alguns anos, Marly tornou-se a primeira mulher brasileira a atingir o mais alto nível de instrução pelo método CMAS no Brasil. Seu depoimento, para esta pesquisa, traz elementos importantes, que também emergiram em outras narrativas sobre como era aprender e mergulhar em meados da década de 1970.

Como mergulhadora que aprendeu a mergulhar em um contexto muito posterior a esta temporalidade, senti limites para compreender narrativas sobre certas experiências vividas naquele período, como o motivo de a natação ter sido considerada um esforço físico pesado no

⁵² A expressão “fazer *snorkel*”, muito comum entre os mergulhadores, se refere à prática da flutuação ou *snorkeling*.

mergulho; o medo de saltar do barco antes do início da atividade; a descida direta ao fundo sem freios ou controle de velocidade, sem o tempo necessário para compensar as dores causadas pela pressão nos ouvidos; a respiração por meio de reguladores com tecnologia distinta da atual; a realização de mergulhos sem saber a quantidade de ar disponível nos cilindros; ou, ainda, o retorno ao barco após os mergulhos sem o auxílio de escadas.

Também me perguntei por que Marly, ao concluir seu curso, não sabia como continuar mergulhando. A dificuldade poderia ser atribuída ao alto custo da prática⁵³ — fator que, de fato, ainda limita o acesso — e à escassez de equipamentos, uma vez que o acesso a eles era limitado, não só para os alunos da Bandeirantes do Mar, mas também para alunos de outras escolas de mergulho que surgiram a partir do final da década de 1970. No entanto a fala de Marly aponta também para outro entrave: o mergulho dependia quase integralmente da iniciativa dos próprios praticantes, pois não havia a oferta desse serviço, como hoje fazem as operadoras voltadas ao turismo de mergulho, impactando diretamente formas de aprender e praticar o mergulho amador.

4.2.2 Equipamentos e estrutura para a realização dos cursos e mergulhos

Marly, Cesar Nieto e Alcides Falanghe relataram que na fase em que atuaram como monitores da Escola Bandeirantes do Mar, na década de 1970, o ensino do mergulho visava a preparação física e psicológica dos alunos, uma vez que se mergulhava em situações adversas provocadas por precariedade quanto aos equipamentos e às condições para a realização dos mergulhos. Estas dificuldades aconteciam na escola Bandeirantes do Mar e em outras escolas inauguradas especialmente a partir de 1979, como a YG, a Atlântico Sub e a Aqua-Rio.

Na citação acima, Marly narra quando adquiriu os seus equipamentos e conseguiu dar continuidade a outras formações na Escola Bandeirantes do Mar, sendo um exemplo do quanto os equipamentos eram, e ainda são, uma condição para que os alunos dessem continuidade às aulas, cursos e outras ações da escola, como passeios e expedições, bem como para que a própria existência das escolas.

⁵³ Sobre as características sociais e econômicas da parcela da população que tem acesso ao mergulho autônomo recreativo, reconheço a relevância do tema, que não foi ignorado nesta pesquisa. No entanto, abordar essa questão de forma fundamentada exigiria um esforço específico de obtenção de dados atualmente indisponíveis junto às certificadoras de mergulho e se trataria de outra frente de investigação com recortes, metodologias e objetivos distintos dos que orientaram este trabalho. Assim, essa lacuna representa a relevância de pesquisas futuras.

Entre as maiores dificuldades relatadas pelos entrevistados quanto aos anos iniciais do mergulho estão o uso de equipamentos precários, improvisados ou mesmo falta de equipamentos já existentes em outros países e escassos no Brasil, como coletes (especialmente do tipo jaqueta), cilindros (especialmente de alumínio), profundímetros, manômetros submersíveis, reguladores e octopus. Muitas dessas dificuldades eram sanadas com adaptações ou improvisos, comumente chamados de “gambiaras”, como amarrar galões de água mineral no corpo ou fazer uso de colete de avião para ter equilíbrio na superfície.

O entrevistado Sandderson Pimentel de Barros, que foi aluno de Tatalo na escola carioca Atlântico Sub, na década de 1980, fala sobre sua experiência de mergulhar nessas condições.

[...] O mergulho, você tinha que ser um atleta, a roupa era de borracha, ela flutuava, então você tinha que botar lastro. Botou lastro, você vai para o fundo. E não tinha um colete para você equilibrar, como é que você equilibrava? Perna, ‘minha filha’, perna! Ou você soltava o lastro para depois você vir buscar, porque você estava muito cansado, ou você batia a perna até você chegar no barco. O cilindro era de aço. Eu peguei cilindro sem manômetro, não existia manômetro! (Sandderson Barros, entrevista concedida à autora em 13 fev. 2023).

Para Sandderson, a condição atlética exigida do mergulhador até o final da década de 1980 se explicava principalmente pela ausência do colete equilibrador. A flutuabilidade da roupa de borracha exigia o uso de lastros (pesos de chumbo) para possibilitar a submersão, mas sem um dispositivo que permitisse ajustar esse equilíbrio de forma controlada o gerenciamento da flutuabilidade dependia exclusivamente do esforço físico, especialmente do trabalho constante das pernas. Nessas condições, manter-se estável na coluna d’água, retornar à superfície ou alcançar o barco ao final do mergulho exigia resistência e controle corporal contínuos (Sandderson Barros, entrevista concedida à autora em 13 fev. 2023).

Ele também recorda que os cilindros de aço utilizados na época, mais pesados do que os modelos de alumínio atualmente em uso, somavam-se ao peso do lastro, fazendo com que a descida ocorresse de forma abrupta, como uma âncora, caso o mergulhador não tivesse experiência. A escassez de cilindros levava os mergulhadores a recorrerem aos provenientes de fábricas nacionais, que produziam garrafas de ar para máquinas de refrigerante e/ou extintores de incêndio. Vale ressaltar que a maior parte dos cilindros disponíveis até o início da década de 1990 e utilizados por eles era de aço, portanto pesados, provocando dificuldades quanto ao equilíbrio corporal que precisava ser compensado com pernadas vigorosas durante todo o mergulho (Sandderson Barros, entrevista concedida à autora em 13 fev. 2023).

Quanto a ausência do manômetro, os entrevistados explicaram que a falta de controle sobre a quantidade de ar nos cilindros impactava diretamente a condução dos mergulhos. Um dos poucos recursos disponíveis para estimar o ar restante no cilindro durante o mergulho era a válvula J (Jota), um sistema acionado manualmente ao final do suprimento principal, liberando uma reserva limitada de ar suficiente para a conclusão do mergulho. Sandderson Barros explicou o funcionamento deste recurso:

[...] você tinha um buraquinho pequeno e você começava a respirar com ele, quando a pressão ia caindo, aquele buraquinho era insuficiente para o ar passar, o ar passava com dificuldade, aí você sentia o peso. Você tinha que puxar o ar, aí você puxava a alavanca, essa alavanca abria um buraco maior onde o ar se reestabelecia, aí você sabia que o ar estava acabando na hora de voltar para a superfície. Mas você nunca poderia fazer um mergulho em um esquema desse [a] mais do que trinta metros, trinta metros você já era o ‘bambambã’: ‘Porra, você é louco! E é trinta metros por isso? Por mil e seiscentos PSI?’ Quer dizer, você não tinha nem ar para isso, não é? Hoje, nós temos três mil PSI, com o primeiro estágio de alta performance, então você tem toda uma tecnologia no material absurda. Então, a tecnologia fez o mergulho crescer muito (Sandderson Barros, entrevista concedida à autora em 13 fev. 2023).

Em sua fala, ele faz referência ao PSI (*pound per square inch*), unidade de medida de pressão utilizada nos cilindros de mergulho para indicar a quantidade de ar comprimido armazenado. Um cilindro padrão de mergulho, com capacidade aproximada de 12 litros, é geralmente pressurizado a 3.000 PSI, o que corresponde a cerca de 200 atmosferas, ou 200 BARs. Esse volume permite ao mergulhador uma autonomia razoável, dependendo da profundidade, do esforço físico e do controle da respiração. Isso significa dizer que um mergulhador com condicionamento físico mantém menor consumo de ar do cilindro e com isso consegue prolongar o tempo do mergulho.

O uso de cilindros com menor capacidade — como era o caso dos usados para mergulhos amadores, especialmente até a década 1990, que alcançavam cerca de 1.600 PSI —, limitava a duração dos mergulhos, especialmente em maiores profundidades, a partir dos 30 metros que aumentam significativamente a taxa de consumo de ar. O problema era sanado com o uso de um sistema composto por dois cilindros comumente chamado por cilindro duplo. Este sistema, por sua vez trazia o desafio de incorporar mais peso de equipamentos carregado junto ao corpo dos mergulhadores (Sandderson Barros, entrevista concedida à autora em 13 fev. 2023).

Além do cansaço provocado pelo peso dos equipamentos carregados junto ao corpo e do esforço físico constante para se equilibrar e se deslocar, em grande parte com o uso das pernas, somava-se ainda um esforço respiratório significativo para inspirar o ar do cilindro por meio dos reguladores. Esse esforço impactava diretamente a duração do mergulho, já que quanto maior a dificuldade respiratória, maior era o consumo de ar, reduzindo o tempo de permanência submerso (Sandderson Barros, entrevista concedida à autora em 13 fev. 2023).

O segundo estágio de alta performance citado por Sandderson é uma peça que reduz o esforço respiratório durante o mergulho. O primeiro estágio do regulador é responsável por reduzir a alta pressão do ar armazenado no cilindro (cerca de 3.000 PSI) para uma pressão intermediária, que possa ser conduzida pela mangueira até o segundo estágio. Este, por sua vez, reduz a pressão intermediária à pressão ambiente, permitindo que o mergulhador respire com menor esforço, independentemente da profundidade (Sandderson Barros, entrevista concedida à autora em 13 fev. 2023).

Os primeiros equipamentos de respiração de circuito aberto não possuíam o segundo estágio. Sergio Costa relata ter experimentado, ainda na Itália, aos quinze anos de idade, mergulhos com esses modelos iniciais, que contavam apenas com o primeiro estágio e operavam sem o recurso chamado *Aquastop*, que consistia em um conjunto de válvulas de retenção que impedem a entrada de água no sistema respiratório. Nessas condições, era comum que a água invadissem o sistema, exigindo do mergulhador controle e domínio técnico adicionais para seguir respirando em segurança.

Então, a gente usava o equipamento [...] que os mergulhadores da antiga conhecem, que é um regulador de um estágio chamado Mistral da Spirotechnique e com cilindro duplo. Na Itália, só se usava naquela época cilindro duplo. E com esse regulador. Esse regulador inclusive, naquela época, não tinha nem as válvulas de retenção de água, que chamava Aquastop, ele não tinha essa retenção. Então, era de traqueias — vinham duas traqueias — e ele alagava com muita facilidade. Portanto, tinha toda uma técnica para desalagar o equipamento [...] e esse regulador alagou diversas vezes e eu engasguei, bebi água [...] muito (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022)

O funcionamento do sistema dos reguladores de duas mangueiras (*double hose*) apresentava um problema: ele era sensível à posição do corpo do mergulhador. Como o diafragma do regulador ficava localizado nas costas, havia um desequilíbrio de pressão quando o mergulhador assumia posições verticais, especialmente durante a descida ao fundo do mar e a subida após o passeio subaquático. Na descida, a pressão ambiente no bocal era maior do que

no diafragma, o que dificultava a inspiração e exigia esforço adicional para que o ar chegasse à boca. Na subida, a situação se invertia: o diafragma passava a estar sujeito a uma pressão maior que o bocal, provocando *free-flow* e perda de ar pela válvula de exaustão. Para minimizar esses efeitos, a recomendação era manter o corpo em posição horizontal ou levemente inclinada, entre 20 e 30 graus em relação à linha do fundo, tanto na subida quanto na descida. Essa configuração aproximava o bocal e o diafragma do mesmo plano de profundidade, equilibrando as pressões e permitindo uma respiração mais estável e segura (Ribeiro Júnior, s/d. b).

A técnica para evitar a entrada de água no sistema respiratório, durante o nado exigia que o mergulhador posicionasse o corpo em posição horizontal ou levemente inclinada (em torno de 20 a 30 graus), de modo que o bocal ficasse no mesmo plano que o diafragma do regulador. Essa configuração minimizava a diferença de pressão entre o ponto de entrada e de saída do ar e evitava tanto a entrada de água quanto o desperdício de ar (Ribeiro Júnior, s/d. b).

Além disso, a manutenção da calma precisava se expressar no ritmo da respiração, não apenas para controlar o consumo de ar, mas também para prevenir acidentes que podiam ocorrer caso o sistema alagasse durante a inalação. Nessas situações, a inspiração apressada ou descoordenada podia levar à entrada de água diretamente nas vias respiratórias, provocando engasgos, pânico e, em casos extremos, afogamento. O domínio da técnica e do próprio corpo era fundamental para lidar com esse tipo de falha (Ribeiro Júnior, s/d. b).

Este foi um dos principais problemas que levou o regulador de mangueira dupla a ser substituído gradativamente pelo regulador de mangueira única. Este sistema contém o segundo estágio junto ao bocal que vai à boca do mergulhador e funciona com uma mangueira que conduz o ar a partir do primeiro estágio, fixado no cilindro, diretamente até o ponto de inalação. Diferentemente do regulador de mangueira dupla, o regulador de uma mangueira possibilita uma entrega de ar mais estável, independentemente da posição do corpo do mergulhador, e eliminava os problemas causados por desníveis de pressão entre o diafragma e o bocal. Por isso, tornou-se o modelo mais adotado nas décadas seguintes e permanece amplamente utilizado até os dias atuais (Ribeiro Júnior, s/d. b).

A necessidade de desenvolvimento e/ou de realizar melhorias nos reguladores já fabricados no Brasil, pela empresa *Atlântida*, levou Álvaro Moreira a realizar uma parceria com esta empresa para desenvolver esses equipamentos. Alcides Falanghe conta que:

Então... Mas aí o Álvaro, junto com a Atlântida, que era uma empresa que fabricava cilindros aqui no Brasil, ele desenvolveu um regulador, não é... que

é um regulador de ar. É o que faz a pressão do cilindro que normalmente é a duzentos bares de pressão, ele traz o ar para pressão ambiente, a pressão que você... da profundidade que você está, então isso permite com que você consiga respirar debaixo d'água. E ele desenvolveu junto com o pessoal da Atlântida um dos primeiros reguladores aqui no Brasil, fabricado no Brasil, porque importar equipamento naquela época era muito complicado, pouca gente conseguia viajar, era caríssimo viajar para fora. E aí o pessoal meio que... se tinha um amigo, pedia para trazer, eram aquelas coisas... não é? (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022).

O regulador de dois estágios e mangueira única representou avanços em relação ao regulador de duas mangueiras, mas os mergulhadores que utilizaram suas primeiras versões relatam que ele ainda não contava com octopus, ou seja, a mangueira sobressalente com segundo estágio adicional. A ausência desse recurso fazia com que o preparo técnico e emocional fosse ainda mais exigido em situações de falha no fornecimento de ar quando o único recurso de emergência consiste em compartilhar o ar do companheiro de mergulho (prática comumente chamada de cachimbar). Isso implicava em alternar a respiração pelo mesmo regulador: um mergulhador inspirava enquanto o outro aguardava em apneia, repetindo esse processo durante a subida ou até que o problema fosse resolvido. O octopus possibilita que, em emergências, o mergulhador utilize a mangueira sobressalente do próprio equipamento ou ofereça ar ao colega com mais segurança e autonomia e integra o amplo aparato técnico que visa mitigar o risco e melhorar o conforto e a segurança.

Além dos equipamentos, a realização do mergulho exigia uma estrutura logística mínima. Nesse sentido, a Bandeirantes do Mar oferecia passeios de barco e aluguel de equipamentos, o que permitia aos mergulhadores manterem-se conectados à prática. Ainda assim, em outras escolas e contextos da mesma época, os entrevistados (alguns vinculados a Bandeirantes do Mar) relataram dificuldades relacionadas à ausência de embarcações específicas e à falta de locais com compressores para o abastecimento dos cilindros (Sandderson Barros, entrevista concedida à autora em 13 fev. 2023).

A falta de estrutura logística e de operações ao longo da costa do país levava os mergulhadores a, após concluir os cursos, tornarem-se responsáveis por organizar seus próprios mergulhos. Isso envolvia a necessidade de possuir todos os equipamentos (entre eles estava o próprio cilindro e cinto de lastro), recarregar o cilindro com ar comprimido em algumas das poucas estações de recarga existentes e disponíveis, transportar o equipamento até os locais geralmente se mergulhava (ou ainda se mergulha) e onde pescadores atuavam com embarcações

e se dispunham a levar os mergulhadores que remuneravam por hora esses pescadores. Maurício Carvalho conta que desta forma realizava seus passeios.

Para você ter uma ideia, a gente saía do Rio de Janeiro seis horas da manhã com um cilindro no carro — um — viajava até Angra dos Reis, são duas horas de viagem. Aí chegava ali no porto de Angra, alugava um barquinho por hora, escolhia um ponto. [...]o pescador é que normalmente indicava o ponto para a gente e aí a gente caía, fazia um mergulho, porque tinha um cilindro e depois voltava para o Rio de Janeiro. Quando a gente percebeu que isso não era viável, a gente tentou começar a comprar mais cilindros de mergulho, não é? Então, para você entender a dificuldade, esse meu amigo [...] foi a São Paulo de ônibus para comprar um cilindro para a gente ter dois cilindros cada um, para a gente poder aproveitar melhor as viagens [...] (Maurício Carvalho, entrevista concedida à autora em 12 fev. 2022).

O desenvolvimento de operações turísticas de mergulho no Brasil, a partir da década de 1980, tema que será tratado no próximo capítulo, transformou significativamente as formas de organização e educação para essa atividade. No contexto internacional, o crescimento do turismo de mergulho foi acompanhado por mudanças nos protocolos de bagagem das companhias aéreas, o que, nas décadas seguintes, dificultaram o transporte de cilindros e cintos de chumbo em viagens de avião. Diante dessas limitações, as operações passaram a oferecer estruturas que incluíam cilindros já carregados com ar comprimido, embarcações adaptadas à prática com itens como escadas de acesso ao mar para facilitar a entrada e a saída dos mergulhadores. Nesse sentido, Maurício Carvalho esclareceu que a formação se vincula ao nível de autonomia oferecida ao mergulhador para efetuar sua prática. Quanto às primeiras décadas do mergulho amador no Brasil ele explica:

Mas na época, todos eram preparados para ter essa autossuficiência. Então quando a gente chegava em Angra dos Reis, por exemplo, sozinhos dentro do barco do pescador, a gente sabia tudo que a gente tinha que fazer, inclusive como orientar o pescador! Como ele botar o barco, como ele esperar a gente, como a gente ia voltar para dentro do barco, porque obviamente que os barcos não tinham escada, então, a gente levava corda, a gente levava outras coisas para poder voltar para dentro do barco. E a gente sabia exatamente como cai na água, como sair de um ponto e como voltar para aquele ponto para ser resgatado pelo barco [...] (Maurício Carvalho, entrevista concedida à autora em 12 fev. 2022).

Segundo Maurício Carvalho, Sergio Costa e outros entrevistados, o ensino do mergulho na atualidade prepara o praticante para atuar com o apoio das operações turísticas e com

equipamentos existentes na atualidade. Já o ensino do mergulho amador no Brasil, antes do surgimento dessas operações e equipamentos, voltava-se à autonomia do mergulhador, que precisava ser capaz de organizar e se responsabilizar integralmente por seus próprios mergulhos e pela sua segurança (Maurício Carvalho, entrevista concedida à autora em 12 fev. 2022; Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022; Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 7 fev. 2022; Maurício Carvalho, entrevista concedida à autora em 23 ago. 2022). Essa concepção de formação, centrada na autossuficiência técnica e organizacional, encontrou diferentes formas de aplicação institucional, cujos desdobramentos serão abordados na sequência desta análise.

4.2.3 Cursos de mergulhadores, monitores e instrutores da Bandeirantes do Mar

A estrutura de ensino da escola Bandeirantes do Mar articulava uma proposta formativa própria, desenvolvida em um contexto de transformação dos modos de aprender e de praticar o mergulho no Brasil a partir da segunda metade da década de 1970. Essa proposta passou a coexistir com outros programas de formação então emergentes, tanto nacionais quanto internacionais, e influenciou o modo como diferentes escolas organizaram seus cursos. Enquanto algumas adotaram referenciais semelhantes, outras, por discordarem dessa proposta, seguiram caminhos distintos.

O professor Álvaro Moreira adotava na Escola Bandeirantes do Mar a estrutura de cursos proposta pela Confederação Mundial de Atividades Subaquáticas (CMAS) e embora expedisse uma certificação brasileira reconhecida pela entidade, não expedia uma carteirinha oficial da CMAS. O certificado entregue aos alunos era um pequeno caderno que se assemelhava a um passaporte produzido pela própria escola. Esse documento continha um espaço para dados pessoais, outro destinado à liberação médica para a prática do mergulho, um campo em que cada curso concluído era registrado com carimbo e assinatura do professor, além de uma seção para o aluno anotar as principais informações sobre cada mergulho que realizou.

Quanto à didática e funcionamento dos cursos de mergulhadores de primeiro, segundo e terceiro grau na Escola Bandeirantes do Mar, a estrutura era composta por aulas teóricas e práticas. Alcides conta que nos anos iniciais, o ensino teórico funcionava a partir de “caderno anotado [...] o Álvaro escrevia na lousa, você ia copiando e escrevendo” (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022). Marly conta que o desenvolvimento de apostilas aconteceu anos depois, quando o professor Álvaro começou a produzir material didático datilografado ou mimeografado “esses originais [se] xerocava, alguém encadernava [...] ou se não a gente comprava uma pasta e ia juntando todo aquele material.” (Marly, entrevista concedida à autora em 17 fev. 2023). Após o período de aprendizagem teórica, eram realizadas avaliações que davam aos alunos o acesso à próxima etapa, as aulas práticas.

Marly explicou que o ensino prático se iniciava com aulas realizadas em piscinas, geralmente chamadas de “aulas de piscina”. A aprovação em avaliações desta etapa era condição para realização das provas práticas no mar, comumente chamadas de “provas de mar” ou *check in*, compostas por quatro mergulhos. Caso o aluno não fosse aprovado em alguma dessas etapas, era necessário repeti-la.

4.2.3.1 Formação básica de Mergulhadores de Terceira, Segunda e Primeira Classes/Graus

A formação básica de mergulhadores na Bandeirantes do Mar era composta por três cursos com níveis progressivos de dificuldade: Mergulhador de Terceira, Segunda e Primeira Classes/Graus. Segundo Marly, essa estrutura correspondia, de forma aproximada, aos níveis adotados atualmente pelas certificadoras norte-americanas, ou seja, mergulhador básico, avançado e *divemaster*. O primeiro curso, que formava o Mergulhador de Terceiro Grau, era de quarenta horas, sendo “dez horas de aulas teóricas, dez horas de aulas práticas e depois práticas de piscina, se você fosse aprovado nas práticas de piscina...” (Marly, entrevista concedida à autora em 17 fev. 2023).

Essa desafiadora manobra, citada por Marly, é uma técnica utilizada quando há entrada de água no interior da máscara e durante o mergulho esse e outros problemas precisam ser resolvidos ainda em ambiente submerso. Como a máscara é fundamental para garantir a visibilidade, seu desalagamento abaixo da linha da superfície constitui um desafio, pois exige do aluno a capacidade de manter a calma mesmo com a água no rosto, controlando a respiração exclusivamente pela boca e resistindo ao impulso de inspirar pelo nariz. Essa habilidade é indispensável para a segurança subaquática, permitindo que o mergulhador enfrente situações imprevistas sem necessidade de interromper o mergulho. Seu domínio representa um passo importante no processo de aprendizagem, pois envolve não apenas a execução técnica, mas também o autocontrole diante do desconforto causado por alterações sensoriais próprios do ambiente subaquático (WRSTC, 2004, Marly, entrevista concedida à autora em 17 fev. 2023).

Alcides Falanghe explicou que na fase das aulas realizadas na piscina, as primeiras técnicas ensinadas referiam-se ao mergulho Livre com o uso de *snorkel* e máscaras:

Então, é muito engraçada essa formação de... Hoje, você olhando para aquela época, você fala: “Nossa, a gente era louco, não é? A gente sobreviveu, não é?” [Riso]. Porque nem passa pela cabeça hoje em dia você fazer um negócio desses, você ia perder todos os seus clientes. [...] Não era um curso longo. Assim, o básico era uma semana, mas suponha-se que você já sabia fazer snorkel, então a gente não ensinava mergulho Livre. Já vinha o pessoal... Dava alguma breve noção de mergulho Livre para ver se o “cara” tinha essa coisa e sabia usar um snorkel, máscara e nadadeira. Se não soubesse, a gente dava uma ideiazinha de como que era, mas, provavelmente, se não tivesse essa aquacidade não ia passar nem da piscina. Podia até fazer o curso, mas ia ficar

repetindo, repetindo, repetindo a piscina, até a gente achar que tinha condição de levar a pessoa (Alcides, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022).

Era no curso básico, e ainda é, que se desenvolvia e se desenvolve um conjunto de atividades essenciais para a formação de habilidades, entre elas estavam treinamentos como montagem, verificação e manutenção de equipamentos; entradas e saídas na água; respiração subaquática; remoção e limpeza da máscara; remoção e recuperação do regulador; sinais manuais de comunicação subaquática; compartilhamento de ar; navegação subaquática básica e planejamento e registros de mergulhos (Marly, entrevista concedida à autora em 17 fev. 2023).

O Regimento da Bandeirantes do Mar (s/d.) apresenta um detalhamento da estrutura total deste curso, que envolvia vinte e duas sessões, distribuídas entre oito sessões práticas em piscina, dez sessões teóricas e quatro sessões em ambiente natural, com progressão técnica e pedagógica voltada à formação gradual do mergulhador autônomo (Bandeirantes do Mar, [197?]).

A etapa em piscina previa oito encontros. Os dois primeiros abordavam a familiarização com os equipamentos: montagem e desmontagem do regulador de ar, uso da roupa, máscara, nadadeiras e snorkel, além de sua utilização eficiente e a aprendizagem dos sinais básicos. Em seguida eram realizadas práticas de respiração subaquática, subidas e descidas, cambalhotas e deslocamentos com escafandro em diferentes posições. O curso avançava para o domínio completo do equipamento, incluindo o exercício de dar e receber ar, retirar e recolocar a máscara, nadar sem ela, realizar entradas e saídas da piscina, e manobras para respirar em dois escafandros. Posteriormente, repetiam-se manobras, com a instrução de deixar o equipamento no fundo e retornar para buscá-lo, ampliando a autonomia do aluno (Bandeirantes do Mar, [197?]).

A quinta sessão introduzia exercícios em dupla ou trios, como o uso compartilhado de escafandro e a troca de equipamento no fundo. As sessões finais dessa fase tratavam do uso do colete salva-vidas de compensação, enfatizando sua descrição, cuidados, e domínio durante subidas e paradas; e, por fim, a "concretização" do mergulhador completamente equipado, com uma manobra especial de preparação para o mar (Bandeirantes do Mar, [197-?]).

Nessa fase, os exercícios realizados na piscina eram desafiadores. Alcides Falanghe ilustrou esse nível de exigência a partir do filme *Homens de Honra*, lançado em 2000, dirigido por George Tillman Jr. e estrelado por Cuba Gooding Jr. e Robert De Niro, e que retrata a trajetória de Carl Brashear, o primeiro homem negro a se tornar mergulhador de combate da

Marinha dos Estados Unidos. A sua narrativa destaca os intensos desafios físicos e psicológicos enfrentados por Brashear durante seu treinamento, marcado por rigor e superação (Men Of Honor, 2000), elementos que, segundo Alcides, exemplificam os exercícios realizados pelos alunos durante os cursos de mergulho na Bandeirantes do Mar:

[...] não sei se você assistiu aquele *Homens de Honra*? [...] Então, uma das provas era igual aquilo [...] Vendava o cara, jogava uma porção de peças, parafuso, porca, tudo debaixo d'água, você tinha que juntar tudo, montar e trazer para cima. Então, isso era uma das provas, não é? Outra prova era a prova de terrorismo. Mas, aí, o Álvaro acabou, porque acabava com todos os bocaizinhos, que era: você tinha [...] dois grupos e você tinha que arrancar o equipamento do outro debaixo da água, então tinha uma luta debaixo d'água. Você não podia bater no outro, mas você arrancava a máscara, você arrancava o regulador, fechava o regulador do outro, tirava o regulador da torneira, jogava tudo lá embaixo e o cara não podia... tinha que montar tudo lá embaixo, não é? Outra prova era jogar todo equipamento desmontado lá embaixo e você pular só de sunga e voltar equipado, não é? Então [...] Essa prova era de piscina [...] se você não passasse nessas provas, você não ia para o mar. Porque aí o cara ficava avaliando se você estava bem embaixo d'água, se você estava calmo, não é? Como você tinha pensado. Por exemplo: eles jogavam [...] a roupa, [...] amarrava o lastro na roupa de mergulho, jogava a roupa com cinto de lastro, jogava o cilindro, jogava o regulador, jogava o pé de pato — na época era pé de pato, agora é nadadeira — [Riso], jogava a máscara, não é? E falava: ‘Agora você pula e volta equipado, não é?’ e você tinha que... por último a máscara, você não punha a máscara primeiro, não é? (Alcides, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022).

Essas provas realizadas pela Bandeirantes do Mar, assim como por outras escolas e cursos criados a partir do final da década de 1970, que adotavam metodologias semelhantes, simulavam situações de problema e avaliavam a capacidade do mergulhador de manter o controle e agir adequadamente diante de adversidades. Esses desafios podiam envolver falhas no equipamento, limitações do corpo, condições do ambiente ou outros fatores imprevistos. Talvez por isso, muitos participantes desta pesquisa mencionaram a aquacidade como uma valência importante cujo treinamento era marcado por grande rigor. Segundo Alcides Falanghe tratava-se de algo

[...] bem... bem... militarizado, vamos dizer assim [...] até pelas limitações de equipamento, essas coisas todas [...] você passava por um curso realmente intenso de mergulho, bem puxado, [...] fisicamente [...] você não ia para o mar se você não tivesse aquacidade boa, se você não estivesse dominando muito bem o equipamento, ah... se você demonstrasse qualquer sinal de entrar em pânico ou medo [...] (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022).

Diante destes desafios existentes durante esses cursos, Marly conta que durante o curso básico, a fase de aulas na piscina poderia durar mais do que o esperado.

Então às vezes duravam vinte horas essas aulas práticas, para depois ir para o mar. E no mar era um final de semana ou dois, se conseguisse fazer em dois era melhor, professor Álvaro sempre gostava de estender o máximo possível para fornecer uma maior experiência, tá? (Marly, entrevista concedida à autora em 17 fev. 2023).

A fase teórica do curso era composta por dez sessões. As duas primeiras eram dedicadas ao estudo da aparelhagem: funcionamento do regulador de ar, características da garrafa, cuidados com os materiais, além da roupa, nadadeiras, snorkel, faca, profundímetro, bússola, descompressímetro e sinais utilizados nas embarcações. Outras duas sessões abordavam a física aplicada ao mergulho, incluindo os princípios de Pascal, Arquimedes, Boyle, Mariotte, Henri e Dalton, com foco em aplicações práticas (Bandeirantes do Mar, [197-?]).

Seguiam-se sessões sobre fisiologia e segurança: os reflexos involuntários do corpo humano, os barotraumatismos (afetando ouvidos, pulmões, trato digestivo, seios perinasais, dentes e olhos), intoxicações gasosas (nitrogênio, oxigênio e gás carbônico) e síndrome de descompressão, com uso da tabela de descompressão e do descompressímetro. Havia também uma aula dedicada ao afogamento e às técnicas de reanimação cardiorrespiratória (RCR) e uma última sessão voltada à organização dos mergulhos e à compreensão do valor da exploração subaquática (Bandeirantes do Mar, [197-?]).

A etapa prática em mar ou lago previa quatro sessões. A primeira, com descida entre quinze e dezoito metros, incluindo manobras fundamentais como compensação, descida guiada por corda, troca de sinais, retirada e colocação de máscara e exercícios de dar e receber ar. A segunda, na mesma profundidade, consistia em um passeio de exploração orientado pelo monitor, com observações sobre fauna e flora. A terceira sessão, entre vinte e cinco e trinta metros, envolvia o uso do colete de compensação, com domínio das manobras de descida, parada e subida. Por fim, a quarta sessão, entre dezoito e vinte metros, consistia em um teste especial de concretização do mergulhador (Bandeirantes do Mar, [197-?]).

Segundo relatos de Alcides Falanghe, na escola Bandeirantes do Mar as provas práticas no mar eram realizadas durante os finais de semana, no litoral paulista, e contavam com quatro mergulhos com dificuldades gradativas. No primeiro, adaptava-se aos equipamentos, o segundo era mais profundo, ambos realizados junto a costa. A partir do terceiro mergulho, ocorriam

exercícios mais desafiadores, como, por exemplo, saltar de um barco em movimento, natação noturna na superfície com o uso de equipamentos, travessias noturnas e outros.

E o primeiro mergulho do domingo era trinta e cinco metros de profundidade no meio do Canal São Sebastião, que você não enxergava a máscara, não é... [...] nem o vidro da máscara de tão escuro que era, e... no cabo da âncora do barco... vindo com a correnteza! [...] Essas eram as provas de mar da época (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022).

Nos Cursos de Mergulhador de Segunda e Primeira Classe/Grau os níveis de dificuldades eram crescentes. O acesso à certificação como Mergulhador Autônomo de Segunda Classe/Grau exigia o cumprimento de critérios específicos relacionados à experiência prévia e à formação técnica do candidato. Era necessário comprovar, no certificado, pelo menos vinte e cinco horas de mergulho realizadas, ter idade mínima de quinze anos, e já ter sido submetido a uma pressão de cinco kg/cm². Além disso, o candidato deveria ter concluído duas especialidades técnicas e uma especialidade científica (Bandeirantes do Mar, [197-?]).

As provas avaliavam capacidades físicas, domínio técnico e conhecimentos teóricos. As exigências práticas incluíam percorrer quinhentos metros em nado livre, descer em apneia a cinco metros de profundidade e, em seguida, realizar um percurso de duzentos e cinquenta metros na superfície, totalmente equipado, utilizando apenas o *snorkel* para respirar. Também era aplicada uma prova escrita ou oral sobre noções elementares de mergulho autônomo. Caso o júri considerasse necessário, o candidato poderia ser submetido ainda a uma prova adicional em mar ou piscina (Bandeirantes do Mar, [197-?]).

Marly destacou que no curso de segundo grau os alunos deveriam cursar três especialidades técnicas, escolhidas entre opções como orientação subaquática, mergulho noturno, mergulho em águas doces e mergulho com descompressão, também chamados de descompressivos ou mergulhos fundos. Além dessas, havia a exigência de duas especialidades científicas, entre as quais se incluíam cursos sobre o estudo de algas, conchas e ecologia.

O Curso de Mergulhador de Primeira Classe/Grau, visava a formação equivalente ao que atualmente é chamado de *divemaster*, ou seja, um auxiliar de monitor. A ascensão à categoria de Mergulhador Autônomo de Primeiro Grau exigia, segundo os critérios da escola Bandeirantes do Mar, o cumprimento de um conjunto rigoroso de requisitos. Para concorrer a essa titulação, o mergulhador precisava ter no mínimo dezessete anos, comprovar setenta e cinco horas de mergulho averbadas em certificado e ter sido submetido a uma pressão de sete kg/cm². Também era necessário possuir quatro especialidades técnicas, três científicas e uma

cultural. O processo avaliativo era composto por provas práticas e teóricas. Sem qualquer equipamento, o candidato deveria nadar duzentos metros em menos de oito minutos, resgatar um manequim de três metros de profundidade e mantê-lo à superfície, além de realizar duas apneias de vinte segundos com intervalo de dez segundos. Com pé de pato, máscara, snorkel, cinto de lastro e roupa de borracha, precisava nadar oitocentos metros em grupo e executar um mergulho livre a dez metros de profundidade. Equipado, devia cumprir um percurso de quinhentos metros com snorkel, realizar o resgate de um companheiro a vinte metros de distância, sustentá-lo à superfície, além de descer a quarenta metros em linha reta, realizar exercícios com manômetro nessa profundidade, subir de trinta metros aplicando a Lei de Boyle/Mariotte e percorrer trinta metros a cinco metros de profundidade sem máscara. Nos conhecimentos sobre navegação, o candidato precisava dominar nós náuticos para prender embarcação e cabo de âncora, e ser capaz de, em uma embarcação sem motor, seguir uma equipe de mergulho pelas bolhas de ar e auxiliá-la no retorno a bordo. Por fim, as provas teóricas abrangiam tabelas de mergulho, sintomas e tratamento de acidentes, materiais de mergulho e uma avaliação prática de reanimação cardiopulmonar (RCR). Esse conjunto de exigências evidenciava a complexidade técnica e o grau de autonomia exigidos para o reconhecimento como Mergulhador de Primeira Classe/Grau na proposta pedagógica de Álvaro Moreira (Bandeirantes do Mar, [197-?]).

A formação do Mergulhador Autônomo de Primeira Classe/Grau na escola Bandeirantes do Mar representava o grau mais avançado da trajetória formativa concebida por Álvaro Moreira. Alcançar esse nível exigia não apenas experiência prática acumulada, mas também domínio técnico, científico e cultural. A exigência de, no mínimo, setenta e cinco horas de mergulho averbadas, aliada à idade mínima de dezoito anos e à submissão prévia a uma pressão de sete kg/cm², revela o grau de exigência dessa certificação, voltada a mergulhadores experientes e capacitados (Bandeirantes do Mar, [197?]).

Além do tempo de prática, o mergulhador precisava ter concluído quatro especialidades técnicas, três científicas e uma cultural, o que demonstra a proposta de formação integral pensada por Moreira. A prova prática era dividida em etapas progressivas, começando sem qualquer equipamento, com nado livre e apneia, e evoluindo para a realização de tarefas com equipamento completo, como o uso do escafandro autônomo em profundidades de até quarenta metros, incluindo manobras específicas como a subida controlada com base na lei de Boyle/Mariotte e deslocamento submerso sem máscara (Bandeirantes do Mar, [197-?]).

As provas também contemplavam aspectos de segurança e salvamento, como o resgate de companheiro a vinte metros e procedimentos de navegação com embarcação. O domínio de nós náuticos e a capacidade de seguir e auxiliar equipes em imersão demonstram a intenção de formar mergulhadores aptos a atuar de forma autônoma, segura e colaborativa (Bandeirantes do Mar, [197-?]).

A etapa final incluía provas teóricas rigorosas, com foco em tabelas de mergulho, tratamento de acidentes, conhecimento de equipamentos e reanimação cardiopulmonar (RCR). A formação de Primeira Classe, portanto, não apenas consolidava habilidades práticas, mas também marcava o compromisso com a excelência técnica, ética e pedagógica que orientava a proposta educativa da Bandeirantes do Mar. Mais do que habilitar para o mergulho em profundidade, tratava-se de formar sujeitos preparados para ensinar, liderar e difundir o mergulho amador segundo os valores cultivados por Álvaro Moreira (Bandeirantes do Mar, [197?]).

Após a conclusão da formação básica, ou seja, dos Cursos de Mergulhador de Terceira, Segunda e Primeira Classe/Grau o prosseguimento na formação poderia se dar pela realização de cursos livres de especialidades técnicas, científicas ou mistas. Esta via das especialidades técnicas poderia conferir ao aluno o título de Técnico Especial em mergulho autônomo. Já para os que desejassem se profissionalizar no ramo do mergulho era oferecida a opção de permanecer cursando a formação de monitores e instrutores (Marly, entrevista concedida à autora em 17 fev. 2023).

4.2.3.2 Formação do Técnico Especial de mergulho autônomo pela Bandeirantes do Mar

Trata-se de uma formação incluía teórico-prática voltada às chamadas especialidades técnicas, distribuídas em áreas como: Aparelhagem, Compressor, Aquaplane, Orientação, Águas Doces, Conquiologia e Tabelas Compostas, cada uma com um número determinado de sessões, conforme a complexidade do conteúdo e das atividades envolvidas (Regulamento técnico, s./d.)

A especialidade de Aparelhagem, com três sessões, abrangia a classificação e o funcionamento de escafandros, especialmente os reguladores de ar de duas câmaras, suas diferenças técnicas, uso e manutenção, além de tópicos como garrafa de ar, torneiras e sistemas de reserva. A especialidade de Compressor contava com duas sessões, voltadas ao uso e manutenção de compressores, incluindo filtros, tipos de óleo, enchimento de garrafas e

identificação de avarias. Já a Aquaplano, com três sessões, explorava os princípios fundamentais da navegação subaquática com o dispositivo, incluindo montagem, modelos existentes e percurso com monitor (Bandeirantes do Mar, [197?]).

A especialidade de Orientação, também com três sessões, apresentava os diferentes tipos de navegação subaquática — normal, competitiva e sob circunstâncias especiais —, além de incluir percursos práticos. A especialidade de mergulho em Águas Doces, com três sessões, envolvia aspectos técnicos e científicos do mergulho em ambientes como rios, represas e lagos, com variações como mergulho em altitude, sob gelo e aplicação de tabelas específicas. A especialidade de Conquiologia, com três sessões, era voltada ao estudo de conchas, suas classificações e coleta subaquática. Por fim, a especialidade em Trabalhos com Tabelas Compostas compreendia duas sessões teóricas sobre planejamento de mergulhos com tabelas avançadas (Bandeirantes do Mar, [197?]).

Já as especialidades culturais incluíam temas como Colecionismo, Fotografia e Cinema. A especialidade de Colecionismo envolvia o mergulho voltado à organização de pequenas coleções subaquáticas e à compreensão do interesse por esse tipo de acervo. A especialidade de Fotografia, com seis sessões, abordava tanto o uso da fotografia como hobby quanto sua aplicação científica. Eram tratados aspectos como ótica subaquática, iluminação, regulação de câmeras e caixas estanques, com treinos em piscina e no mar. Já a de Cinema, com oito sessões, tratava da filmagem subaquática como complemento à ciência e à cultura, explorando técnicas de focagem, iluminação, enquadramento, montagem e uso de equipamentos (Bandeirantes do Mar, [197?]).

As especialidades mistas combinavam conteúdos técnicos e de segurança. A especialidade de Ressuscitação Cardiorespiratória (RCR), com seis sessões, tratava da técnica e fisiologia da RCR, com prática em manequins. A especialidade de Primeiros Socorros, com oito sessões, abordava emergências específicas do mergulho, como acidentes com animais marinhos ou plantas subaquáticas. A especialidade de Organizador era voltada aos mergulhadores que desejavam atuar como coordenadores de provas, competições ou outras atividades relacionadas ao mergulho (Bandeirantes do Mar, [197?]).

As especialidades científicas constituíam um núcleo importante do currículo e incluíam áreas como Espeleologia, Conquiologia, Arqueologia Subaquática, Aquariofilia Algologia, Biologia Subaquática, Geologia, Topografia Subaquática, Descompressão e Conservação da Natureza. A Espeleologia, com vinte e quatro sessões, tratava do mergulho em cavernas, águas doces e passagens estreitas, com práticas em ambientes noturnos e subterrâneos. A

Conquiologia, com três sessões, envolvia o estudo e a coleta de conchas, integrando aspectos biológicos, culturais e estéticos. A Arqueologia Subaquática, com oito sessões, abordava técnicas de investigação, possibilidades brasileiras e mergulhos em cidades submersas. A Aquariofilia, também com oito sessões, focava no manejo e transporte de organismos vivos para aquários de água doce e salgada. A Algologia, com cinco sessões, tratava das algas do litoral brasileiro e sua coleta. A Biologia Subaquática, com seis sessões, tratava da sistemática, localização e conservação de espécies. A especialidade em Geologia, com quatro sessões, apresentava aplicações geológicas ao ambiente subaquático. A Topografia Subaquática, com cinco sessões, abordava técnicas de sondagem e mapeamento por meio de cartas e croquis, e a Descompressão, com doze sessões, oferecia estudo aprofundado sobre os acidentes de descompressão, uso de câmaras e procedimentos sucessivos. A especialidade de Conservação da Natureza, com cinco sessões, tratava da importância do mar para a humanidade, dos impactos da poluição e da criação de parques subaquáticos (Bandeirantes do Mar, [197?]).

Esse conjunto de especialidades evidenciava o caráter multidimensional da formação na Bandeirantes do Mar, articulando técnica, ciência, cultura e segurança, com forte ênfase em práticas educativas orientadas pela valorização do ambiente subaquático e pela preparação completa do mergulhador (Bandeirantes do Mar, [197-?]).

O título de Técnico de Exploração Subaquática era conferido aos alunos que tivessem todas as especialidades técnicas, uma especialidade científica. Uma especialidade cultural, O curso de RCP ou de Primeiros Socorros e ser mergulhador de Primeira Classe ou Grau (3 estrelas na classificação internacional) (Bandeirantes do Mar, [197-?]).

4.2.3.3 Formação de Monitores e Instrutores

A formação de monitores era ainda mais densa e com maiores responsabilidades e desafios quando comparados àqueles enfrentados na formação de mergulhadores de primeiro, segundo e terceiro graus. Marly explicou que o curso de Monitor de Primeiro Grau era “sempre feito de final de semana, o dia inteiro, um final de semana por mês durante o ano todo (Marly, entrevista concedida à autora em 17 fev. 2023). Já as passagens para a Segunda e a Terceira Classe/Graus ocorriam mediante a quantidade de aulas ministradas, e se necessário, por meio de provas.

A formação dos monitores iniciava pelo curso de Monitor de Terceiro Grau. Para alcançar esse posto era necessário já ter obtido o certificado de Mergulhador Autônomo de Primeira Classe/Grau, ter no mínimo dezessete anos e participar de um curso específico para formação de monitores. As exigências incluíam a elaboração e apresentação de aulas teóricas e práticas, a demonstração de capacidade de observação e correção dos mergulhadores em formação, bem como a participação ativa em atividades pedagógicas supervisionadas (Bandeirantes do Mar, [197?]).

A ascensão ao posto de Monitor de Segunda Classe/Grau demandava o exercício prévio da função em pelo menos três cursos completos. Era preciso também ter sido avaliado positivamente nas funções pedagógicas desempenhadas e ter no mínimo dezoito anos. Nesse nível, o monitor já assumia a coordenação parcial de cursos, sob supervisão direta, e devia apresentar um relatório detalhado de desempenho. Além disso, era submetido a avaliações teóricas e práticas mais aprofundadas, voltadas à sua capacidade de planejar e organizar atividades didáticas com autonomia crescente (Bandeirantes do Mar, [197-?]).

O título de Monitor de Primeira Classe/Grau era concedido àqueles que tivessem atuado, com sucesso, como Monitor de Segunda Classe/Grau em ao menos três cursos completos. Exigia-se idade mínima de dezenove anos e aprovação por uma banca avaliadora composta por instrutores da escola (Juri). O candidato devia coordenar integralmente um curso de mergulho, realizar provas orais e escritas sobre metodologia de ensino, além de demonstrar domínio técnico, didático e conduta ética ao longo de todo o processo avaliativo (Bandeirantes do Mar, [197-?]).

A partir desse percurso era possível tornar-se instrutor. Essa etapa final implicava maturidade, experiência comprovada na coordenação de cursos e o compromisso com o projeto educativo da escola. Esperava-se que o instrutor formasse novos mergulhadores e monitores, contribuísse para a elaboração de materiais didáticos e participasse ativamente do desenvolvimento pedagógico da escola. A autorização para representar oficialmente a instituição também podia ser atribuída ao instrutor, evidenciando o papel estratégico da Bandeirantes do Mar na preservação e transmissão de seus valores e métodos.

4.2.3.4 Estabelecimento de critérios para cada etapa formativa e consequências da formação elaborada por Moreira

De acordo com Marly, o tempo de duração dos cursos poderia variar de acordo com a necessidade de aprendizagem dos alunos. Segundo ela, em cada um desses níveis havia uma profundidade máxima definida à qual o aluno era gradualmente habilitado ao longo da formação (Marly, entrevista concedida à autora em 17 fev. 2023).

Embora inspirado na estrutura proposta pela CMAS, foi Álvaro Moreira quem definiu os critérios de formação, avaliação e certificação adotados na Bandeirantes do Mar. Esses critérios se tornaram uma importante referência para o funcionamento de outras escolas que surgiram a partir da experiência da Bandeirantes do Mar (Marly, entrevista concedida à autora em 17 fev. 2023).

Quando Sergio Costa conheceu a escola Bandeirantes do Mar, percebeu que Álvaro Moreira havia promovido algumas adaptações em relação ao modelo europeu da CMAS. Entre elas, destacou a redução da carga horária dos cursos, considerando que a duração prolongada, comum nas instituições europeias, com etapas que se estendiam por vários meses, poderia dificultar a adesão de novos alunos. Ele lembra que nessa época:

[...]o único que usava metodologia de formação de mergulho recreativo em um esquema amplo, de mergulhador básico até instrutor, foi Álvaro Vilar Moreira, com a Bandeirantes do Mar, utilizando a metodologia europeia, que era a mesma que eu tinha me formado. A mesma, da CMAS, naquele esquema de Mergulhador Primeiro, Segundo Grau, Terceiro Grau e instrutor Primeiro, Segundo, Terceiro Grau, naquela mesma padronização. Só que o Álvaro... o quê que o Álvaro ele foi obrigado a fazer — porque o Brasil era uma realidade diferente da Itália, por exemplo — então ele teve que fazer uns cursos mais rápidos. Porque, também, como eu te disse: o curso da CMAS, o curso que se fazia na Itália, não tinha nada de comercial. É impossível, como que você mantém uma pessoa fazendo seis, sete meses, cursando o Primeiro Grau? O primeiro nível. Não gera público, entendeu? Então, o Álvaro fez uma adaptação à realidade brasileira, mas manteve essa mesma metodologia (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022).

Álvaro Moreira estruturava o curso básico com uma carga aproximada de quarenta horas, o que tornava a formação inicial mais acessível, atrativa e, em certa medida, mais comercial. No entanto, quando observadas a partir dos parâmetros atuais, as cargas horárias cumpridas pelos alunos nos cursos ministrados entre a segunda metade da década de 1970 e o final da década de 1980, como no caso da Bandeirantes do Mar, são consideradas extensas.

As aulas de Fernando Kuramoto no Hobby Clube, que ocorriam paralelamente às aulas de Álvaro Moreira, também adotavam critérios conservadores quanto à duração dos cursos, de acordo com Fernando Kuramoto:

E eram cursos longos, com uma preparação física bem pesada, sabe? Porque os equipamentos eram bem precários. Agora com todo equipamento a pessoa faz o curso em três dias, quatro dias, entendeu? Eu sou meio da velha geração, eu acho que o curso tem que ser um pouco mais longo, para a pessoa se adaptar e ter mais segurança. Mas é como anda a modernidade, os jovens também estão sabendo usar melhor os equipamentos e isso configura uma segurança também, não é? Não tanto quanto um curso de setenta horas, oitenta horas de atividade [...] (Fernando Kuramoto, entrevista concedida à autora em 13 fev. 2023).

Esta diminuição progressiva da carga horária relatada por Fernando Kuramoto não foi a única mudança pela qual o mergulho passaria, especialmente a partir da década de 1990. Os fatores para esta diminuição de carga horária ocorreram ao longo da introdução do modelo norte-americano, das operações comerciais de mergulho e da melhoria nos equipamentos. Estes fatores que desencadeariam um lento processo de comodificação do mergulho conforme citado por Uvinha (2005), Uvinha (2009) e Weaver (2001). Nesta transição para um modelo comercial das certificadoras e das operações de mergulho incorporaram-se medidas para garantir a segurança dos praticantes e das empresas, entre elas a diminuição dos limites de profundidade a serem atingidos por mergulhadores recreativos e a restrição aos mergulhos considerados mais arriscados, como o espeleomergulho, também chamado de mergulho em caverna, e os mergulhos descompressivos.

Estes tipos de mergulho envolvem riscos específicos, como a possibilidade de doença descompressiva, ocorrência de barotrauma, desorientação em ambientes de visibilidade reduzida, perda de referência espacial e dificuldade de acesso à superfície em situações emergenciais (*PADI* 2015a; *PADI*, 2015b). Essas modalidades exigem preparo técnico mais avançado. Por essa razão, esses tipos de mergulho não integravam o conjunto de práticas promovidas pelas certificadoras norte-americanas voltadas ao mergulho amador (PP, entrevista concedida à autora em 30 ago. 2022).

O foco dessas instituições era ampliar o acesso à atividade entre praticantes considerados “comuns”, ou seja, pessoas interessadas em realizar mergulhos recreativos, mas que não estavam necessariamente dedicadas a treinamentos frequentes nem possuíam perfil atlético. Ao priorizar a difusão do mergulho entre um público mais amplo, essas certificadoras optaram por restringir o ensino a parâmetros considerados mais seguros, enfatizando o controle do risco, durante os cursos e realização dos mergulhos. Essa distinção entre as certificadoras norte-americanas e a CMAS quanto aos limites de segurança se desenhava especialmente nos primeiros anos destas certificadoras no mundo, e no Brasil. Somente a partir da segunda metade

da década de 1990 é que algumas certificadoras norte-americanas passaram a adotar gradualmente o ensino e a certificação de mergulhadores para modalidades mais desafiadoras, como os mergulhos descompressivos e em cavernas. Esses conteúdos, no entanto, não foram incluídos no currículo básico, sendo oferecidos após a formação inicial. Foi nesse contexto que se lançou uma nova modalidade, batizada como mergulho Técnico, ou *Tech Diving* (PP, entrevista concedida à autora em 30 ago. 2022).

Todavia, esse lançamento não representava uma novidade. Na escola Bandeirantes do Mar, assim como em outras escolas e cursos estabelecidos entre a segunda metade da década de 1970 e o final da década de 1980 — muitas dessas instituições inspiradas na própria Bandeirantes do Mar —, já havia formação de mergulhadores e monitores voltada à realização de mergulhos desafiadores, como espeleomergulho e mergulho com descompressão.

Sobre a Bandeirantes do Mar, por exemplo, há registros de expedições de espeleomergulho e de mergulho descompressivo. Mergulhadores formados por essa instituição realizaram expedições em cavernas do estado do Mato Grosso do Sul, no Caldeirão de Vila Velha, e em outros locais (EXPEDIÇÃO ao Parque..., s/d.). Vale ressaltar que mergulhos descompressivos integravam o conteúdo dos cursos de segundo grau dessa escola, conforme relatado por Alcides Falanghe (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022).

E para a realização destes tipos de mergulho, o currículo da escola Bandeirantes do Mar incluía treinamentos voltados à execução segura dos mergulhadores, com ênfase no planejamento detalhado e no domínio de técnicas específicas, conforme relatado por Alcides Falanghe.

E planejava-se também o mergulho, não é como hoje que ninguém mais planeja o mergulho. Naquela época antes de mergulhar você tinha o planejamento do mergulho, então você falava: “Bom, eu via na carta náutica quantos metros de profundidade tinha o lugar, ah... considerava a profundidade máxima, entrava na tabela, via o tempo que você podia ficar, fazia todos os cálculos de ar”, então você tinha que calcular seu consumo, então você fazia uma porção de conta, para fazer um mergulho dentro do planejamento. O planejamento do mergulho era muito importante, porque se você não fizesse um planejamento bem feito... Não dava para ficar olhando no manômetro, então... não tinha computador de mergulho, você tinha que seguir a tabela de descompressão. Então você levava a tabelinha anotada para poder: “Vamos a trinta metros, vamos ficar vinte minutos ou vamos entrar em descompressão, então vamos fazer nossas paradas” aí levava numa tabuinha tudo escrito como é que ia ser, como hoje é o mergulho técnico. No mergulho técnico o pessoal ainda faz isso, eles anotam no planejamento todas as paradas, essas coisas todas, naquela época era feito com o mergulho recreativo, o

mergulho autônomo (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022).

Durante as aulas práticas e teóricas dos currículos dos cursos da escola Bandeirantes o Mar, Álvaro Moreira despertava, nos alunos, hábitos e sensibilidades quanto ao ato de mergulhar e disseminava sua filosofia.

4.2.4 Sentimento de desbravamento (novas sensibilidades)

Os desafios vividos durante os cursos e excursões de mergulhos geravam nos participantes um sentimento de aventura, desbravamento dos mares brasileiros, elevação da autoestima e senso de pertencimento ao próprio grupo de Jacques Cousteau. Alcides Falanghe se lembra que:

[...] Naquela época o Cousteau estava no auge e a gente era um time de mergulho, o pessoal... todo mundo empolgado com a atividade [...] Ah... você se sentia o Rambo [Risos]. A verdade era essa, não é? [...] dezoito, dezenove anos [...] autoestima ia lá em cima, você se sentia realmente um membro do que você via no Cousteau, não é? (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022).

Naquela época a gente tinha muito orgulho de ser mergulhador, [...], a gente tinha honra, orgulho de ser bandeirantes do mar, os pioneiros, essa coisa toda, tinha essa filosofia meio do Jacques Cousteau de desbravamento dos mares brasileiros, tanto que a escola chamava Bandeirantes do Mar justamente porque eram os primeiros a explorar aqui o nosso litoral (Falanghe, 2018).

Alcides Falanghe conta que os jovens mergulhadores se identificavam como os "Rambos" do mergulho amador. Rambo foi um personagem criado originalmente no livro *First Blood*, de David Morrell, publicado em 1972, popularizado na década de 1980 em filmes estrelados por Sylvester Stallone. Os filmes da série Rambo circularam amplamente por cinemas do mundo, resultando em grande sucesso de bilheteria e forte impacto cultural, especialmente entre os jovens. Ao todo, foram produzidos três filmes principais durante os anos 1980: "Rambo: First Blood" (1982), "Rambo: First Blood Part II" (1985) e "Rambo III" (1988) (Araújo, 2010). Ele era um veterano da Guerra do Vietnã, conhecido por sua força física extrema, coragem, habilidade em ambientes selvagens e capacidade de sobrevivência em situações de conflito intenso. Essa ampla circulação midiática do personagem ajudou a disseminar valores heroicos associados a ele, como coragem, valentia e resistência física, influenciando o imaginário de jovens das décadas de 1970 e 1980, que desejavam viver experiências de aventura e de domínio da natureza semelhantes. Para esses jovens, Rambo simbolizava valores heroicos, como coragem e autonomia diante da adversidade, tornando-se uma referência cultural para quem desejavam desafiar limites e explorar ambientes naturais pouco conhecidos (Araújo, 2010).

No contexto do mergulho, esse tipo inicial de heroísmo estava intimamente associado à valentia e à conquista da natureza, antes dominada principalmente pela caça submarina, que

envolvia valências físicas e coragem diante do ato de nadar para caçar as presas, em apneia e com uso do fôlego. Contudo, aos poucos essa perspectiva começou a se transformar, refletindo em uma mudança mais ampla na relação dos seres humanos com o ambiente natural (Marinho, 1999). Se antes prevaleciam a caça e a captura como demonstrações diretas de valentia e força, mergulhadores passaram progressivamente a valorizar uma atitude diferente relacionada ao descobrimento de lugares e ambientes que se pautava cada vez mais na noção ecológica e sensível de natureza.

Nesse processo transitório entre mergulhadores dos tipos de "Rambo" e "Bambi", descrito por Marinho (1999), com base nas ideias de Vanreusel, o professor Álvaro Moreira teve papel central. Inicialmente suas aulas envolviam o contato direto com a fauna marinha, incluindo práticas como coleta de animais para aquarofilia e conchas para colecionismo. Essas atividades representavam novos usos do mergulho realizado como lazer, tendo como pano de fundo interesses técnico-científicos, aprendizado sobre seres marinhos e íntimo contato com o ambiente. Buscava-se, assim, ressignificar os objetivos envolvidos no ato de mergulhar, valorizando a interação física com peixes, polvos, tartarugas e outros animais marinhos. Nessas relações, era aceitável oferecer alimento e brincar com os animais, atitudes que configuravam os novos Rambos do mergulho, diferenciando-os do personagem Rambo que caçava e matava animais. A construção dessas relações é evidenciada em falas como a de Marly, que relembra como Álvaro Moreira incentivava o contato e a aproximação com os animais marinhos, como no caso do peixe Mero.

E o professor Álvaro tinha uma sintonia com a vida marinha fantástica, então ele atraía muito, principalmente peixes. E ele conhecia em Ilhabela, saindo de São Sebastião com a Ilhabela tem muitos naufrágios, e lá em um deles, no Santa Therezina, vivia um mero, depois soubemos que esse mero pesava cento e quarenta quilos. E sempre que chegávamos lá, o professor Álvaro tirava sua faca, porque éramos obrigados a mergulhar de faca, faca de mergulho, ele pegava ouriços, cortava os ouriços com a faca e dava de alimento para o mero. E o mero vinha e roçava na gente, ele ficava do lado, eram sensações únicas. Então essas coisas valiam a pena, mesmo que fosse, assim, custoso [Riso], trabalhoso, sacrificado [Riso], mas realmente valiam a pena. E coletamos coisas, a gente tinha saquinhos de coleta, eu sempre fui ligada à Biologia, a partir de então muito mais na Biologia Marinha e trazia conchas e tinha vida, aprendi a tirar a vida de dentro para ter as conchas na estante, nossa, era uma coisa normal na época e que nos atraía de mais. Até que com sua evolução partimos para o mergulho ecológico mas na época era comum essa vivência, era o resultado dos mergulhos [Riso] e a família perguntava: "O que é que você trouxe dessa vez?" [...] a gente ainda não tinha aquele senso de preservação [...] (Marly, entrevista concedida à autora em 17 fev. 2023).

A partir do início da década de 1980, quando a Bandeirantes do Mar foi transferida para o grupo de monitores do qual Marly fazia parte, ela se lembra que o senso de preservação

[...] foi surgindo com o tempo, logo que a gente assumiu a Bandeirantes do Mar — e o Álvaro nos auxiliou muito nisso — a gente lançou a campanha do mergulho ecológico então: “traga somente lembranças e deixe somente borbulhas”, nunca mais se coleta nada, os sacos de coleta passaram a ser utilizados para tirar lixo do fundo, as facas só eram utilizadas para poder se livrar de redes ou de cabos que estivessem interferindo no ambiente, então a gente passou a ter uma conduta diferente (Marly, entrevista concedida à autora em 17 fev. 2023).

A Bandeirantes do Mar modificou sua abordagem educativa, adotando o estilo que a escola nomeou como mergulho ecológico pautado na ideia de que “da natureza não se tira nada a não ser fotos e não se leva nada a não ser lembranças”, inaugurando uma nova fase nas relações com o meio subaquático na escola. Essa mudança refletia a redefinição social descrita por Marinho (1999), na qual a natureza deixa de ser vista de forma instrumentalizada e passa a ser tratada como algo a ser admirado, contemplado e preservado.

Assim, o mergulho amador vivido pelos jovens da Bandeirantes do Mar ilustra um novo tipo de heroísmo diante da natureza em plena fase de alteração entre uma abordagem tipicamente ancorada na figura do “Rambo”, ou seja, centrada na exploração e no domínio do ambiente natural, para uma abordagem “Bambi”, caracterizada por respeito ecológico, e valorização estética da natureza como espetáculo (Marinho, 1999). Mas, até então, o desbravamento e as expedições pareciam um caminho viável para ressignificar as relações com a natureza e inventar novas atividades, valores e fins para um outro tipo de mergulho recreacional que de certa forma rivalizava com a caça como principal fim recreativo concernente ao ato de mergulhar. A figura do Rambo que sobrepujava a do herói caçador era construída por valores como honra e bravura que deveriam ser adquiridos pela “sobrevivência” aos novos desafios, que de acordo com Alcides Falanghe, nem todos estavam dispostos a enfrentar.

[...] era assim: para os monitores era divertido. E tinha muito aluno que levava na boa, que era o pessoal que acabava virando mergulhador. Tinha muito cara que não terminava o curso, se ‘emputecia’ e ia embora, largava o curso no meio, falava: ‘Oh, isso aqui não é para mim, tchau, fui embora...’, então obviamente o que aconteceu? O número de mergulhadores homens era muito maior que o número de mergulhadoras mulheres, porque eram poucas mulheres que se sujeitavam a esse tipo de judiação, vamos dizer assim, porque o pessoal judiava. Assim, existia um certo sadismo na história dos instrutores:

‘Ah, quero ver se o cara vai mesmo, se o cara é bom mesmo, não sei o quê’. É tipo prova para entrar na turma, então, se o cara passou por essas provas todas, passou pela prova de mar, ah, beleza: ‘Então agora você faz parte de uma elite do mergulho’ [Gesticulação de demonstração de aspas com os dedos] e isso deixava você assim super: ‘Não, eu sou o bom.’. Um moleque de dezoito, dezenove, vinte anos, você acaba realmente acreditando que você é, como eu falei, que você é o Rambo, então: ‘Eu faço coisas que pouca gente consegue fazer’ (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022).

Essa formação baseada na seleção dos que eram bons mergulhadores a partir de provas desafiadoras era uma escolha, um estilo adotado por Álvaro Moreira que nem todos envolvidos com o mergulho amador naquele período se identificavam. O ano de 1979 configurou uma fronteira importante nesse cenário, com a criação de diversas escolas e cursos nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, que deram continuidade a alguns aspectos do modelo anterior e, ao mesmo tempo, introduziram rupturas nas formas de ensinar e aprender a mergulhar. Algumas dessas iniciativas tinham origem na Bandeirantes do Mar, como a Escola Aquamundo, em São Paulo (SP), e o curso oferecido no Museu do Mar, em Santos (SP). Outras iniciativas surgiram sem vínculo com a escola de Álvaro Moreira, como é o caso da Aqua-Rio em Cabo Frio (RJ), o YG – Centro de Atividades Subaquáticas e o Atlântico Sub no Rio de Janeiro (RJ). Outra iniciativa destacou-se, ainda, em 1979: Claudio Guardabassi introduziu no Brasil a formação de instrutores de mergulho pelo método da YMCA pela ACM de São Paulo (SP), onde ministrava cursos de mergulho: uma formação baseada no modelo norte-americano que tinha uma proposta distinta da praticada na escola de Álvaro Moreira.

A partir desse cenário, diferentes caminhos formativos começaram a ser trilhados no país e três estilos passaram a se delinear: a continuidade do modelo da Bandeirantes do Mar, como adotado na escola Aquamundo; um formato intermediário, com cursos extensos e mergulhos desafiadores, como o espeleomergulho e os mergulhos com descompressão, baseados na CMAS, mas com abordagem menos seletiva e militarizada, cujo melhor exemplo é a escola YG; e, por fim, os cursos que seguiram a tradição formativa norte-americana, como os derivados da YMCA. Essas formações serão analisadas no próximo tópico, a partir da criação de novas escolas e metodologias de ensino e certificação no país.

4.3 Expansão de escolas, metodologias e certificações de mergulho autônomo

A criação de novas escolas de mergulho autônomo, a partir de 1979, gerou uma ampliação dos modos de ensinar e certificar mergulhadores amadores no Brasil. Permanências e rupturas em relação ao modelo da Escola Bandeirantes do Mar resultaram em diferentes estilos de formação, ampliando os perfis de alunos, instituições e métodos de ensino. Essa diversidade trouxe desafios quanto ao nivelamento entre escolas e à definição de critérios mínimos comuns para a certificação dos alunos, cuja busca por soluções levou à adoção no Brasil de modelos internacionais.

A partir de 1979, a multiplicação de escolas e métodos de formação de mergulhadores autônomos amadores ampliou o alcance do mergulho amador no Brasil, mas também produziu efeitos importantes sobre as práticas pedagógicas e os vínculos institucionais. A diversidade de abordagens no ensino refletia concepções distintas sobre o tipo de formação, com implicações diretas na estrutura dos cursos e na relação entre instrutores e alunos. Esse cenário também se entrelaçou com disputas políticas no campo da certificação, especialmente no que diz respeito à entrada de certificadoras internacionais e à redefinição da representação da CMAS no país — processo que envolveu diretamente a Escola Bandeirantes do Mar e a CBPDS.

A Bandeirantes do Mar originou escolas no estado de São Paulo e em todo o país, que contribuiriam para a expansão do mergulho amador e da filosofia de Álvaro Moreira contra a caça submarina e a favor da natureza (Marly, entrevista concedida à autora em 17 fev. 2023). Entre as primeiras iniciativas de ensino provenientes da Bandeirantes do Mar está a criação, em 1979, da escola Aquamundo e a criação dos cursos de mergulho Livre e de *Aqualung*, ministrados por Luis Alonso Ferreira em conjunto com J. S. Vidal, no Museu do Mar, em Santos (SP). Em visita a este museu recebi a informação de que esse curso funcionou por aproximadamente dez anos e teria formado um número significativo de mergulhadores na cidade.

A Escola Aquamundo, importante ramificação da Escola Bandeirantes do Mar, foi fundada por Cesar Nieto e Lucio Engler, na rua José Maria Lisboa, número 568, no bairro Jardins, em São Paulo (SP). Posteriormente, a escola permaneceu sob a direção de Cesar Nieto na Rua Leopoldo Couto de Magalhães, no bairro Itaim (Retrato 22) e por fim em sede própria na Rua Cardoso de Melo na Vila Olímpia. Essa escola seguia a metodologia de Álvaro Moreira e atuava em conjunto com a Bandeirantes do Mar, adotando, por algum tempo, a certificação

em seus moldes. Em sua metodologia de ensino, a Aquamundo contava com provas de resistência/sobrevivência, como passar uma noite em uma ilha deserta. A Escola possuía uma base de mergulho em Mambucaba, na cidade de Angra do Reis (RJ), onde funcionavam as aulas de mar e um alojamento para os alunos do curso (Retratos 23 e 24).

A Aquamundo formou o entrevistado PP, especialista em fatores humanos no mergulho; os mergulhadores Alecsi Bugowicz e Marco Aurélio Mattes Dias (Kupeu), que abririam em Porto Alegre⁵⁴, no Rio Grande do Sul, em 1984, a Submarine Center, primeira escola de mergulho amador da região; e outros mergulhadores com relevância para o mergulho no país. Cesar Nieto se lembra que nas décadas de 1980 e 1990 ele e seus monitores viajaram o país ministrando cursos de mergulho:

Nós dávamos curso no Brasil inteiro, a gente saía com caminhonete carregada e ia dar curso no interior de São Paulo, ia dar curso no Paraná, vários cursos em Curitiba, no interior de São Paulo. E isso se espalhou depois, por exemplo, de Sorocaba teve a sua escola de mergulho, Curitiba teve a sua escola de mergulho, Bragança teve uma escola de mergulho e em outros estados também, em Fortaleza também teve uma escola de mergulho, de mergulhadores que saíram da Aquamundo, fizeram todo o curso de instrutor (Cesar Nieto, entrevista concedida à autora em 18 fev. 2022).

⁵⁴ Durante a pesquisa, foram identificados, na região Sul, equipes, clubes e uma federação de Caça Submarina atuando concomitantemente ao estabelecimento da atividade nos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo; o oferecimento de cursos de mergulho, recarga de cilindros e excursões na loja do mergulhador Dirceu Silva, localizada na Rua Voluntários da Pátria, 624, em Porto Alegre, com alguns desses serviços oferecidos desde aproximadamente 1967; e a inclusão da disciplina de Mergulho Autônomo Científico no curso de Oceanografia da Universidade Federal do Rio Grande, ministrada pelo professor, oceanólogo e mergulhador científico José Nestor Cardoso, a partir de 1979. Os achados apontam a relevância da região para o mergulho no país e, portanto, a importância de estudos futuros sobre a prática no Sul do Brasil.

Retrato 22 - Loja Aquamundo da Rua Leopoldo Couto de Magalhães, bairro Itaim em São Paulo (SP)



Fonte: Acervo Pessoal de Cesar Nieto s/d.

Retrato 23 - Píer da base de mergulho da Escola Aquamundo na praia de Mambucaba em Angra dos Reis (RJ)



Fonte: Acervo Pessoal de Cesar Nieto, s/d.

Retrato 24 - Base de mergulho da Escola Aquamundo na praia de Mambucaba, em Angra dos Reis (RJ)



Fonte: Acervo Pessoal de Cesar Nieto s/d.

Entre as contribuições de Cesar Nieto para o mergulho, destaca-se a produção do *Manual do Mergulhador*, utilizado nos cursos da escola Aquamundo e adotado nos treinamentos do Corpo de Bombeiros da cidade de São Paulo. Na década de 1980, Nieto contribuiu ainda para o mercado de equipamentos de mergulho nacional com a produção dos cilindros de aço Amazon, como colunista da Revista Mergulhar, além de participar da construção coletiva que levou à criação da ABMA, associação que presidiu durante um mandato (Cesar Nieto, entrevista concedida à autora em 18 fev. 2022).

As escolas Aquamundo e Bandeirantes do Mar formaram, em parceria, a turma inicial de mergulhadores do primeiro Clube de Mergulho do Brasil, o Santos Sub, fundado na cidade de Santos (SP), no início de 1981, pelos alunos do professor Álvaro, os médicos Paulo Alberto Tavares de Almeida, Fernando Soares da Silveira, Sérgio Tavolaro Pereira, Luis Alberto Vieira dos Santos Júnior, e suas respectivas esposas. Esse clube, que nasceu com o objetivo de organizar grupos para a mergulhar, especialmente no litoral de São Paulo, funcionou nas dependências da loja Karimar, pertencente a Clovis Benno de Carvalho e sua esposa Sybille Gabriele de Carvalho, em Santos (SP) (Marcelinho, entrevista concedida à autora em 25 abr. 2024). Também formaram Clovis Benno de Carvalho, Marcelinho e Moa, que deram aulas na

Centralmar, escola aberta em 1982 por Clovis, na sua loja Karimar. Marcelinho e Moa montaram suas próprias escolas Mar Sub, em 1993, e Cachalote, em 1996, respectivamente, e fomentaram o mergulho em Santos (Marcelinho, entrevista concedida à autora em 25 abr. 2024). Além dessas escolas muitas outras foram derivadas da Bandeirantes do Mar e da Aquamundo e chegaram em diferentes pontos do país marcando a colaboração de Álvaro Moreira e de Cesar Nieto no desenvolvimento do mergulho amador.

A presença de escolas de mergulho autônomo no estado do Rio de Janeiro, embora mais incipiente que o de São Paulo, despontava ao final da década de 1970. Em 1979 foram criadas três iniciativas que contribuiriam para a construção do mergulho amador no estado do Rio de Janeiro e no país: as escolas Aqua-Rio, Atlântico Sub e YG-Centro de Atividades Subaquáticas.

A escola Atlântico Sub, sob a responsabilidade do mergulhador João Carlos Pompeu da Silva, conhecido como Tatalo funcionava no bairro da Urca em uma curiosa localização: uma plataforma flutuante que fora batizada como Argonauta G40 (Retrato 25). Essa estrutura havia sido utilizada “durante a segunda guerra mundial, eu era técnico de combustível e eu fiz flutuar, e reboquei para a Urca, e pedi autorização para colocá-lo lá em caráter definitivo e está até hoje” (Tatalo, entrevista concedida à autora em 10 dez. 2022).

Retrato 25- Plataforma flutuante Argonauta G-40 instalada no mar do bairro da Urca, na cidade do Rio de Janeiro (RJ)



Fonte: Brasil mergulho, 2024

O posicionamento da plataforma era estratégico: facilitava a realização das aulas práticas, além de dar visibilidade para o mergulho carioca.

Tinha uma barra no flutuante que a gente fazia a barra, [...] fazia malhação, exercício físico [...] era uma propaganda, quem passava lá no paredão, na entrada da fortaleza de São João, as pessoas entravam ali e já viam logo [...], toda hora a gente tinha que dispensar turma, às vezes eram mais de 60 pessoas no paredão para querer fazer o curso, [...] nossos mergulhadores, as pessoas que frequentavam é que davam vida àquilo lá (Tatalo, entrevista concedida à autora em 10 dez. 2022).

Ao contrário das escolas Aqua-Rio e YG, que formaram mergulhadores exclusivamente amadores, Tatalo escolheu formar alunos para o mergulho comercial e amador a partir da certificação CMAS-CBPDS. Em suas aulas eram ensinados mergulho em apneia, uso do narguilé e aparelho autônomo de respiração de circuito aberto. Em seus cursos, ele dividia os conhecimentos que aprendera na prática da caça submarina e junto aos irmãos mergulhadores, Arnaldo e Edmundo Silva. Arnaldo era proprietário da citada loja A.S. Divers e Edmundo abriu uma loja em 1983 denominada Sub Sub. Tatalo aprendeu muito sobre mergulho nas lojas dos irmãos mediante manuais da marinha e, mais tarde, pela metodologia de ensino da CMAS. Entre as pessoas que ministraram aulas e cursos no flutuante, a convite dele, estão Arduíno Colasanti e Ricardo Moreira Rodrigues (Rico), médico hiperbárico. De acordo com Tatalo, sua escola de mergulho foi a primeira a ser criada e registrada junto à Marinha do Brasil.

Retrato 26- Arduíno Colasanti em atuação na plataforma flutuante Argonauta G-40 a bordo do barco Piriquita



Fonte: Acervo pessoal de Roberto Colasanti s/d

O famoso flutuante da Urca tinha uma boa estrutura e ao contrário dos demais coordenadores de cursos e escolas, que queixaram da escassez de recursos ou equipamentos nos anos iniciais, Tatalo relatou possuir facilidades para aquisição de todos os itens necessários, inclusive compressores.

Eu tinha tudo, eu sou pioneiro no Brasil, eu tinha todo o material, compressor, cilindros, mais de vinte cilindros, compressor, três compressores, eu tinha tudo [...] Eu comprava, porque eu sempre tive muito dinheiro, graças a deus, nunca me faltou [Riso]. Então eu ia comprando, surgia o dinheiro e eu ia comprando. E aí, graças a deus, eu me orgulho. Sempre fui rico de grana e de felicidade [Riso] (Tatalo, entrevista concedida à autora em 10 dez. 2022).

A estrutura do flutuante, segundo narra, chegou a contar com equipamentos de mergulho profissional, como sinos de mergulho e câmara Hiperbárica, em parceria com a empresa Tenenge-Comex:

Eu, em um determinado momento, recebi uma proposta para alugar parte do meu flutuante [...] parceria com uma firma de mergulho offshore chamada Tenenge-Comex, essa firma fazia mergulho fundo em plataforma e eles ministraram no flutuante um curso de mergulho fundo. O que é o mergulho fundo? O mergulho fundo é a partir de sessenta metros de profundidade, até sessenta é considerado mergulho raso, quando você ultrapassa sessenta, você tem que ter outro equipamento. Então eles tinham um sino, que é uma cápsula que leva o mergulhador até as grandes profundidades para executar o serviço, então esse treinamento, nesse sino, o sino ficava adaptado do lado do flutuante como se fosse uma simulação, igualzinho. Então eles aprendiam ali e essa firma Tenenge-Comex ensinava esses mergulhadores, aprendiam ali o conhecimento todo para executar o mergulho lá fora. Em contrapartida, eles tinham uma câmara de descompressão e essa câmara de descompressão, também eles faziam o treinamento. E eu aproveitei e fiz uma parceria quando eu aluguei o flutuante, parte dele... de utilizar a câmara de descompressão (Tatalo, entrevista concedida à autora em 10 dez. 2022).

A partir desta estrutura, Tatalo estima que tenha formado cerca de dez mil mergulhadores amadores e dois mil comerciais que atuaram em diferentes ramos do mergulho no país. Entre eles o entrevistado Sandderson Barros, que abriu a escola Sand'Mar Náutica em Arraial do Cabo, em 1994, e o proprietário do site Brasil mergulho, Clecio Mayrink (Sandderson, entrevista concedida à autora em 13 fev. 2023). Durante mais de quarenta anos de funcionamento, o curso, possivelmente pelo pertencimento à CBPDS, funcionou alheio às demais escolas e ao movimento pelo desenvolvimento do mergulho amador que se deu a partir da década de 1980 no país. O mergulhador Tatalo não aderiu à certificadora nacional ABMA ou às internacionais “eu nunca quis fazer parte de... Porque eu já tinha a minha própria [...] eram competidores, eram meus adversários [Riso]” (Tatalo, entrevista concedida à autora em 10 dez. 2022).

Esta concorrência entre escolas a qual Tatalo se refere não foi abordada diretamente pelos entrevistados. Ainda que essas dinâmicas comerciais entre escolas não tenham se iniciado em 1979, o aumento no número dessas instituições naquele período pode ter contribuído para ampliar certas tensões. No entanto, os sentidos e arranjos dessas relações permaneceram, em grande parte, pouco acessíveis ao longo desta pesquisa.

O fato é que, diante dos desafios que se impunham ao mergulho no Brasil durante a década de 1980, os possíveis antagonismos entre escolas precisaram ser deixados de lado. Naquele período, tornou-se necessário articular esforços conjuntos em prol do próprio estabelecimento do mercado em suas diversas dimensões. No estado do Rio de Janeiro,

destacaram-se, nesse processo, as escolas Aqua-Rio e YG, que desempenharam papel relevante nas ações que se desdobraram ao longo da década seguinte

A Aqua-Rio, que funcionou na estrada da Gamboa, em Cabo Frio (RJ), surgiu de uma parceria entre Colasanti, Randal Fonseca, Leonora Fritzsche (Lola) e Flávio Vicenzetto, e oferecia cursos de formação de mergulhadores de primeiro, segundo e terceiro graus e de especialidades, com certificação própria e utilização de materiais didáticos elaborados por Randal e Lola a partir da formação NAUI, cursada por Fonseca nos Estados Unidos, e da PADI, cursada por Lola também nos Estados Unidos. A escola teve como ponto de partida a experiência de Randal Fonseca e Lola com o mergulho no exterior. Ambos trabalhavam na companhia aérea *Braniff* e em seus *layovers* (entre vôos) mergulhavam no Caribe, Panamá, entre outros mares onde o mergulho *SCUBA* já ocorria. Impactado pela experiência, Randal deixou a aviação e lançou-se ao desafio de levar os brasileiros a conhecerem o fundo do mar e, para tanto, o caminho inicial foi levar o ambiente até as pessoas pelos aquários marinhos e filmagens subaquáticas.

O grupo, formado por Arduíno, Randal Fonseca, Paulo Groff (Paulinho Cinderela), Leonora Fritzsche (Lola), Flávio Vicenzetto e outros mergulhadores, reunia-se no Bairro da Urca, no Rio de Janeiro, para mergulhar, coletar peixes para os aquários, trocar informações sobre o mergulho. Os jovens, com pouco dinheiro e muitos sonhos, alugaram uma residência na Urca onde viveram juntos e abriram uma loja de aquários chamada Aqua-Rio. De acordo com Randal a loja de aquários era uma empresa que extrapolava a finalidade mercadológica.

[...] ela não era para empregar, ela era para aglutinar e poder fazer o contato entre aqueles hippies voltados ao meio ambiente, com a sociedade formal. Por quê? Porque nós não podíamos trabalhar como hippies, a menos que vendêssemos miçangas numa praça qualquer do Rio de Janeiro. Mas não era essa proposta, era vender aquários. Ou seja, se eu não posso te levar ao fundo do mar, eu vou trazer o fundo do mar para você [...]. Tudo aquilo passou a ser uma coisa fantástica. Poucas pessoas tinham visto uma anêmona na sua vida, [...] muito menos uma moreia convivendo com um polvo, e as coisas que aconteciam em função dessa união de criaturas [...] vivendo dentro de um mesmo aquário. Todas essas relações, que eu deixo para a gente conversar em outra oportunidade, por quê? Porque na realidade, o aquário passa a ser um elemento de sensibilização. [...] Então, nós colocamos no raciocínio, não é... eu e o 'Paulinho', de que nós poderíamos fazer esses aquários e estar dinamizando a venda de aquários para restaurantes, para... enfim, vários lugares públicos, não é... E, inclusive, lá na Marina da Glória ir divulgar o aquário marinho e aí, para isso, tinha que capturar peixinho. Para isso, tinha que capturar imagens, porque em alguns lugares eu levava primeiro a imagem (Randal, entrevista concedida à autora em 15 fev. 2022).

Essa proposta foi ampliada com a criação de outros projetos, entre eles ações educativas que divulgaram e ensinaram princípios básicos do mergulho para crianças de diferentes instituições de ensino da cidade do Rio de Janeiro. Segundo Randal, essas atividades ocorreram em escolas “montessorianas, piagetianas, [...] Escola Americana do Rio de Janeiro, que fica lá na Gávea, a escola... o Andrews, ali na Praia de Botafogo” (Randal, entrevista concedida à autora em 15 fev. 2022). A continuidade dessa atuação culminou na abertura de uma escola de mergulho amador, iniciativa que, de acordo com Randal, foi motivada por conselhos de Arduíno Colasanti: “O Arduíno falava assim: ‘Não basta você fazer o aquário. Não basta você fazer as filmagens. Você tem que ensinar essas pessoas a mergulharem. Então, nós temos que fazer uma escola’” (Randal, entrevista concedida à autora em 15 fev. 2022).

Em 1979 Randal e Lola se deslocaram para Cabo Frio onde abriram, em sociedade com Flavio Vicenzetto e Arduíno Colasanti, a escola que inicialmente foi chamada de Mergulhão e posteriormente de Aqua-Rio.

Imagem 13- Anúncio da escola Mergulhão-Aqua-Rio na Revista Mergulhar número 02 em 1982



Fonte: Acervo de Sergio Costa, 1982

A casa da Urca se transformava, cada vez mais, em um ponto de encontro e debate de novas ideias entre os grupos que por lá se encontravam, entre eles mergulhadores como Raul Cerqueira e Tarcísio Cerqueira que protagonizaram os debates sobre a regulamentação do mergulho profissional no Brasil, ocorridos na década de 1980 (Randal, entrevista concedida à autora em 15 fev. 2022; Lola, entrevista concedida à autora em 5 fev. 2022).

Já a escola YG Centro de Atividades Subaquáticas foi fundada na Marina da Glória com aulas práticas no clube Guanabara, na cidade do Rio de Janeiro, por Sergio Costa, em conjunto com o colega de trabalho Rômulo Ribeiro e a sua esposa, à época, Patrícia Borla. A YG funcionou como uma escola de mergulho completa nos moldes da CMAS com material didático elaborado por Costa e Borla a partir de cursos feitos na Itália.

Sergio Costa trabalhava há um ano no ramo do mergulho profissional quando percebeu a carência de escolas de mergulho amador na cidade do Rio de Janeiro.

[...] precisaria ter um curso estruturado como uma escola, uma escola de mergulho.', porque no Rio de Janeiro não tem. Eu ainda não conhecia o Álvaro Vilar Moreira e não conhecia a Bandeirantes, só pesquisei eles, só peguei informações através desses meus colegas que me contaram que: 'Funciona assim, funciona assado.', aí eu me liguei e falei: 'Ah! Então é isso, ele está usando o sistema CMAS, então o sistema CMAS é basicamente aquilo que eu fiz' (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022).

Sergio Costa adotou no YG uma estrutura parecida com a usada por Álvaro Moreira na Bandeirantes do Mar. A parceria com Rômulo Ribeiro não seguiu a diante, mas Sergio Costa e Patrícia Borla deram prosseguimento e a escola teve um tímido começo, já que havia dificuldade de aquisição de equipamentos. As primeiras aulas eram ministradas com os equipamentos pessoais deles, trazidos da Itália

[...] Eu trouxe meus dois cilindros duplos, [...] meu equipamento, roupa de mergulho, meu equipamento completo pessoal, meu e da Patrícia, completos, então [foi] com isso que eu comecei. Hoje é impensável uma coisa dessa, literalmente impensável, mas eu entendia o quê? Veja bem, eu comecei assim porque também na Itália, quando eu fiz o curso, [...] a turma era grande e os equipamentos eram divididos. Olha: 'Você agora usa esse e você faz o outro exercício aqui de apneia, depois você sai da apneia e faz o com o cilindro.', então eu tinha essa vivência de dar um jeito, porque tinha que dar um jeito, não tinha outra maneira de fazer, ou dava um jeito ou não fazia. Só que eu sabia que o ideal seria: 'Um dia vou ter, cada aluno vai ter seu cilindrinho, cada aluno vai ter seu equipamento.' (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022).

Ainda que sem muitos recursos, Sergio Costa e Patrícia Borla possuíam lastro profissional para dar prosseguimento ao projeto que foi instituído.

E aí eu realmente comecei a montar a escola de mergulho, pensando nessa estrutura: ‘Eu quero formar gente, não apenas mergulhadores básicos’ [...] Isso já foi em 79, quando eu fundei o YG, que escreve com Y, G — Centro de Atividades Subaquáticas, [...] YG em tupi-guarani significa água, então na minha ideia queria alguma coisa brasileira e fiz o YG — Centro de Atividades Subaquáticas. O nome Centro de Atividades Subaquáticas tinha essa intenção, de ser um centro de atividades subaquáticas, não um curso de mergulho: um lugar onde se praticava atividades subaquáticas, das mais diversas, uma formação completa. Lógico, volto a dizer, sonho, ideia, quer dizer, muito jovem e eu acreditava [...] as dificuldades foram enormes, mas deu certo. Chegou a ser uma escola, formou muita gente que depois criaram outras escolas, formei mergulhadores, monitores, instrutores e tem gente até hoje na atividade, se tornaram profissionais do mergulho recreativo. Então se criou um grupo muito interessante, de pessoas de muito boa qualidade, de muito bom caráter, enfim (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022).

A YG formou importante parcela dos mergulhadores que se destacaram em diferentes frentes e áreas do mergulho no Brasil, entre eles ex-alunos e ex-monitores da escola que participaram como entrevistados desta pesquisa, como Maurício Carvalho, maior nome do país na especialidade de mergulho em naufrágios; Lucia Sodré, maior autoridade na área de mergulho adaptado, *instructor director* e representante exclusiva da *Handicapped Scuba Association (HSA)* e Marcus Werneck, que na década de 1990 protagonizou a realização de um dos momentos mais significativos para o ensino do mergulho, a partir da construção da certificadora *PDIC* Brasil.

A escola YG gerou, em 1982, uma filial chamada Ponto Mar e escolas de alunos egressos, como o Centro de Instrutores de Mergulho Autônomo (CIMA) (RJ), fundado por Mauro Soares, Pedro Henrique e Jose Manuel da Silva Jr⁵⁵ (RJ), em meados da década de 1980; a MarAmar, fundada em 1986 por Vanessa Camillo, em Belo Horizonte (MG), e a SCUBASUL, fundada em 1986 por Roberto Baracho em Curitiba (PR).

⁵⁵ De acordo com explicações de Werneck, após a saída de Mauro Soares, o mergulhador Paulo Dias entrou na sociedade.

Imagem 14- Anúncio da escola YG na Revista Mergulhar, em 1982

YG 
Escola de Mergulho

Centro de Atividades Subaquáticas

Cursos: Mergulho básico
Mergulho avançado
Monitor
Foto-Sub

Especialidades Técnicas:
Mergulho noturno
Mergulho no azul
Descompressão
Orientação
Mergulho em gruta
Água doce

• Programação permanente de passeios nas ilhas da orla do Rio em barco próprio • Única no Rio especializada em turismo submarino • Estação de recarga de aqualung

MARINA DA GLÓRIA
Guichê n.º 5
Tel.: 205-0040
20021 - Rio de Janeiro - RJ

Fonte: acervo de Sergio Costa, 1982

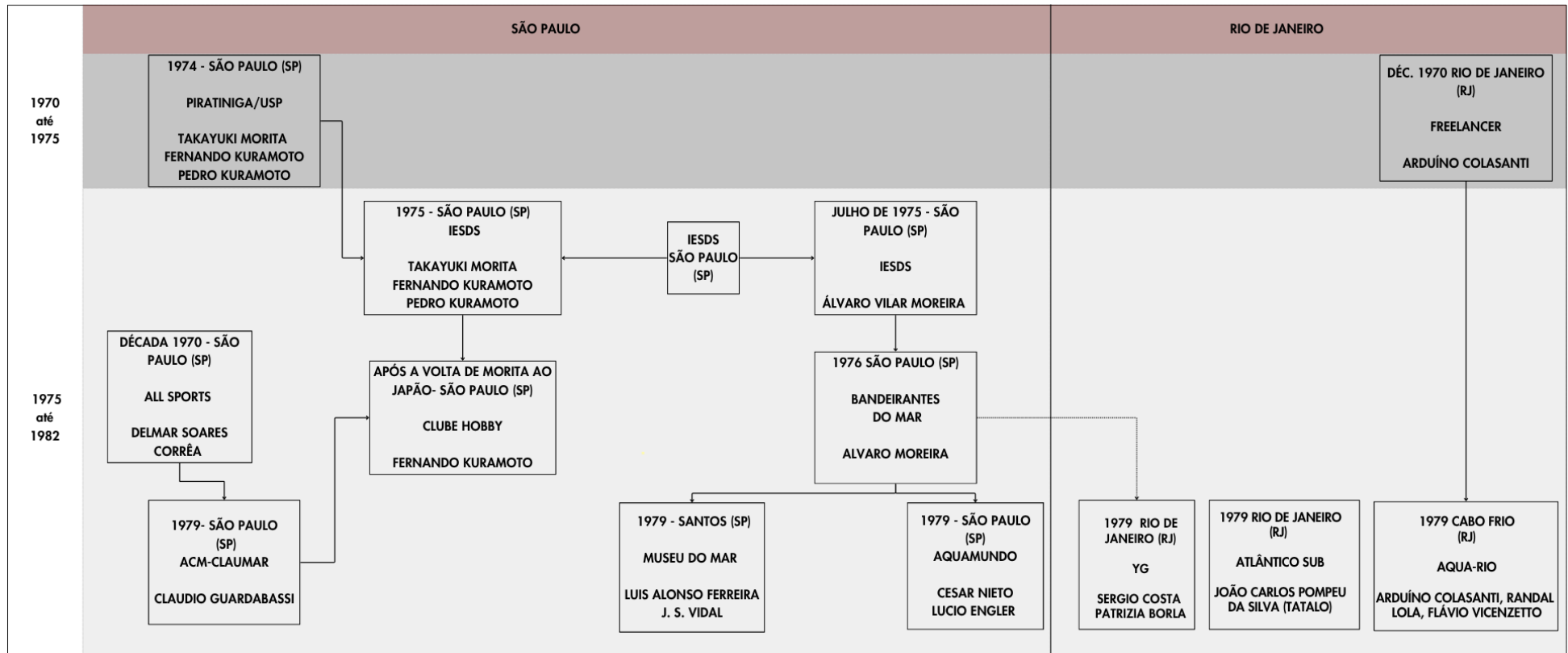
De acordo com Sergio Costa (2022), a YG foi a primeira escola de ensino de mergulho amador do Rio de Janeiro, ou seja, a primeira iniciativa de formação em mergulho amador em diferentes níveis com objetivo de oferecer uma sólida trajetória educacional de mergulhes autônomos amadores. O curso básico da YG tinha a duração de quatro semanas, com doze aulas em piscina, doze de teoria e três dias de prática de mar. De acordo com Sergio Costa, os cursos da escola visavam uma formação densa.

Porque todos nós basicamente éramos meio que entusiastas e começando, e sempre visando formar mergulhadores de 'calibre', assim, a ideia era formar aquele mergulhador que na época as pessoas falavam de 'macho man', 'macho diver' [Riso], mas não era isso. [...] Então, a maneira de se formar o mergulhador, a gente priorizava realmente... A prioridade era que o mergulhador fosse uma pessoa de bom desempenho na água, sabe? E isso [...] ficava a critério de cada instrutor, na verdade não tinha um padrão, não existia um padrão brasileiro. Um instrutor fazia de um jeito, o instrutor fazia de outro (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022).

A ausência de padronização no ensino do mergulho amador, mencionada por Sergio Costa como característica do cenário nacional, a partir do final da década de 1970, teve implicações significativas. Com cada nova escola adotando um método próprio, o processo formativo acabava por se personificar em seus fundadores e, com isso, para além dos aspectos técnicos, o ensino do mergulho incorporava valores simbólicos ligados aos modos de pertencer, praticar e compreender a atividade. A filosofia de cada escola influenciava diretamente as formas de se relacionar com o ato de mergulhar. Essa diversidade pode ser visualizada no Fluxograma 02 que reúne as principais iniciativas de ensino do mergulho autônomo amador entre 1970 e 1982, nos estados de São Paulo (à esquerda) e Rio de Janeiro (à direita). Cada quadro refere-se ao início das atividades em escolas, clubes ou cursos, seja por meio da fundação de novas instituições, seja pela introdução da prática em estruturas já existentes.

Os quadros apresentam, em ordem, a data e o local (cidade e estado), o nome da instituição ou, nos casos em que o curso estava vinculado apenas à atuação de um instrutor sem sede institucional, a inscrição “freelancer”; e, por fim, os nomes dos responsáveis pelas aulas, fossem eles proprietários, instrutores ou coordenadores. As linhas entre os quadros indicam vínculos entre as iniciativas, seja por origem direta (quando uma deu origem à outra), seja por relações de parceria estabelecidas entre cursos e escolas no período considerado.

Fluxograma 02- Primeiros cursos e escolas de mergulho autônomo amador nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro



Fonte: Elaboração da autora, 2025

O aumento do número de escolas e a diversificação das formas de ensinar fez com que alunos circulassem entre instituições distintas ao longo de sua formação. Esse trânsito exigia, em certos casos, algum tipo de comprovação sobre o que havia sido aprendido em uma escola anterior, especialmente quando um aluno buscava continuar sua formação em outro curso, escola. A questão deixava de ser apenas sobre diferenças metodológicas e passava a envolver a segurança dos próprios mergulhadores e das operações de mergulho, pois era necessário saber, por exemplo, quais tipos de mergulho cada aluno estava apto a realizar, quais técnicas dominava e quais conteúdos já havia aprendido. Algumas escolas já emitiam certificados ou carteirinhas próprias, como a da Bandeirantes do Mar ou da YG, mas a diversidade de critérios entre elas tornava difícil o reconhecimento mútuo entre formações distintas. Com o tempo começou a surgir, entre os instrutores e responsáveis pelas escolas e cursos de mergulho, a percepção da necessidade de referências comuns entre as escolas, capazes de organizar a continuidade da formação e de estabelecer critérios mínimos compartilhados.

Outro ponto de contato entre as escolas surgiu quando algumas passaram a aceitar, em seus passeios de mergulho, alunos que haviam se formado em outras escolas. Como os mergulhos realizados nesses passeios variavam em grau de dificuldade, era necessário conhecer previamente a formação dos participantes para avaliar se estariam aptos a realizar determinada atividade. A confiança na habilidade do mergulhador, nesse contexto, passava a depender não apenas da sua experiência pessoal, mas também da credibilidade do(s) curso(s) em que havia sido formado. Esse tipo de situação reforçava a necessidade de diálogo entre os responsáveis pelos cursos e escolas quanto aos conteúdos e critérios formativos adotados.

Quanto ao perfil do público que buscava cada escola, era comum que as pessoas procurassem metodologias com as quais se identificavam. Embora, à primeira vista, as diferenças entre os cursos e escolas pudessem parecer apenas variações didáticas individuais, os estilos de ensino refletiam concepções distintas sobre o mergulho e acabavam por atrair públicos diferentes. Algumas escolas, por exemplo, apresentavam maior adesão de mulheres, enquanto outras afastavam estudantes que não se sentiam à vontade com métodos mais exigentes ou com abordagens de inspiração militarizada.

Existiam também similaridades no ensino das escolas já que, muitas vezes, os instrutores aprendiam uns com os outros. Além disso, ainda que sem uma presença consolidada das certificadoras internacionais no Brasil, referências como a da CMAS e das certificadoras norte-americanas já influenciavam o ensino antes de 1979. Escolas como a YG, a Aquamundo

e a Aqua-Rio, por exemplo, organizavam o ensino teórico de maneira parecida, dividido em módulos ministrados por especialistas de diferentes áreas, como biologia marinha, medicina hiperbárica, engenharia e física. Quanto às práticas de piscina, Maurício Carvalho, que foi aluno da YG em seus primeiros anos, relatou que certos exercícios eram adotados por quase todas as escolas:

Bom! Primeiro: muitos exercícios de apneia para que o mergulhador tivesse confiança em uma situação de falta de ar ele poder voltar à superfície. Então, vou descrever alguns dos exercícios clássicos que quase todos os cursos de mergulho do Brasil gostavam de fazer. O primeiro exercício era equipar e desequipar debaixo d'água, então, você saía em apneia da superfície, sem roupa, na piscina, isso era uma dádiva no verão carioca, porque a água, mesmo à noite, era quentinha, quentinha. Você descia seis metros em apneia, tirava as nadadeiras; tirava o cinto de lastro; colocava sobre as nadadeiras — para elas não saírem navegando —; tirava máscara e o snorkel, prendia no cinto e subia. Aí você respirava; descia novamente em apneia, agora nadando — porque você estava desequipado —; chegava no fundo colocava o cinto de lastro no pescoço; segurava a máscara para ela não sair navegando; colocava as nadadeiras; recolocava a máscara; desalagava; botava o cinto na cintura e subia. Esse era um exercício clássico, praticamente todas as escolas faziam. O outro é o que o pessoal de São Paulo chamava de “cachimbo”: se desciam os mergulhadores até o fundo da piscina, ficavam fazendo uma roda — eu mesmo cheguei a fazer exercícios com meus alunos — respirando apenas por um regulador. E isso servia para dar calma aos mergulhadores, então, a gente chegava a fazer exercício com seis mergulhadores, você dava uma respirada, passava para o lado e esperava aquilo voltar até você. Era um exercício muito mais psicológico do que de apneia, porque até o regulador voltar, mais ou menos uns trinta a quarenta segundos, não era muito mais do que isso, mas aquilo afetava muito o psicológico. Quer dizer: parecia que cada um estava respirando trinta vezes antes de passar o regulador para a pessoa do lado. Esse era um exercício clássico também. Se repetia o exercício de desequipar com o cilindro também. Você descia todo equipado, você tirava todo equipamento com cilindro e subia. Só que esse era fácil, por quê? Porque você respirava, então a primeira coisa que você colocava na boca era regulador e a última que você tirava era o regulador. Então, para complicar, você costumava fazer esse exercício com o cilindro fechado, ou então, se fechava cilindro do mergulhador enquanto ele estava em cima, então quando ele descia e tentava respirar, não tinha ar, entendeu? Ele tinha que primeiro abrir o cilindro. A gente sempre dava uma complicadinha na coisa, também era um exercício clássico. Outro famoso eram “as quatro estações”, então, se botavam quatro cilindros no fundo da piscina, mais ou menos a vinte metros um do outro e o mergulhador tinha que fazer o circuito dando uma respirada em cada um. Então, você respirava, nadava vinte metros, respirava, nadava vinte metros, respirava, nadava vinte metros e fechava o circuito. Então, como você está vendo, a maioria dos exercícios ele preparava muito mais o mergulhador para a psicologia de ficar sem ar, para ele estar mais preparado para uma emergência, entendeu? E isso se faz muito pouco hoje em dia. Existem mergulhadores hoje que não sabem nem tirar a máscara. E nessa época [Riso] o que você mais fazia era ficar sem máscara durante o curso inteiro, acho que

era o equipamento que a gente menos usava. A máscara era arrancada o tempo todo, a gente tirava para fazer exercício. Então, se fazia natação tirando o regulador com máscara e sem máscara. Então, assim, acho que tinha curso que não precisava nem de máscara, porque o mergulhador ficava muito tempo, exatamente para que o mergulhador estivesse também preparado para uma situação de perda da máscara, entendeu? Então, os cursos eram muito assim.

Entre os exercícios mais comuns realizados nas aulas de piscina, a sequência de imagens a seguir mostra três práticas voltadas ao desenvolvimento da aquacidade: o compartilhamento de ar, conhecido como "cachimbar"; o desalagamento da máscara e o exercício de desequipar-se debaixo d'água.

Imagem 15- Exemplos de exercícios realizados na piscina



Fonte: acervo de Sergio Costa

Para além dos principais exercícios e das habilidades desenvolvidas nas aulas de piscina, nem todas as práticas adotadas eram consensuais entre escolas e cursos existentes à época. Certos métodos geravam discordâncias, especialmente quando associados a abordagens consideradas excessivas ou marcadas por traços de inspiração militar. Maurício Carvalho relatou alguns desses desvios e as críticas que eles despertavam:

É lógico, que como tudo que está começando, existiam desvios absurdamente sem lógica nenhuma, orientados por pessoas que eram absolutamente incompetentes, o que não era o caso, absolutamente, do Sergio Costa. O Sergio Costa, assim, sempre foi uma pessoa extremamente competente naquilo que ele fez e no trato com as pessoas. Mas tinha gente, por exemplo, que fazia o aluno nadar com o cinto fora da água, seis quilos de lastro fora d'água, para criar resistência, esse era um exercício comum também, mas era um exercício que não fazia sentido nenhum, porque em uma semana, duas semanas, você

não prepara fisicamente alguém. Mas às vezes, pessoas com uma preparação militar traziam um pouco disso para os cursos de mergulho. Então, os primeiros cursos de mergulho tinham uma linha ainda bastante tênue entre didática e uma preparação militar, entendeu? (Maurício Carvalho, entrevista concedida à autora em 23 ago. 2022).

As escolas que se inspiravam em uma metodologia militarizada incorporaram, ao longo do tempo, outras influências, especialmente inspirados pelas metodologias estadunidenses. Alcides Falanghe explica que a mudança gradativa tinha seus motivos, uma vez que os donos das novas escolas perceberam que a manutenção dessa lógica de ensino:

[...] ia limitar o mergulho absurdamente, o mergulho nunca iria crescer com essa metodologia militar, e tudo mais. E aí o pessoal das lojas de comércio, Claudio, o próprio Clóvis lá de Santos, que tinham uma visão mais comercial, falaram: “Não, se a gente adotar esse método não tem mergulho, a gente vai vender dois cilindros, três cilindros por ano.” [...] E nos Estados Unidos isso já tinha sido praticamente abandonado. Essa era uma coisa mais europeia, [...] e os americanos viam a coisa de uma forma mais comercial, então eles começaram a criar métodos de mergulho que não espantassem os alunos na primeira aula. E aí começou a surgir, já na década de 60, a PADI a NAUI, as primeiras certificadoras que olhavam o mergulho com uma visão mais comercial, como uma coisa mais recreativa, não tão rígida, começaram a abandonar os manuais militares da U.S. Navy, [...] e passaram a fazer o próprio material didático, que era uma coisa mais comercialmente digerível [para] o próprio aluno não desistir e ver aquilo lá como um lazer e não como uma prova de capacidade física (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022).

A entrada gradual das certificadoras internacionais no Brasil trouxe mudanças no processo de ensino do mergulho amador e introduziu novos parâmetros de formação e segurança. Esse movimento também contribuiu para o enfraquecimento da posição de Álvaro Moreira no cenário do mergulho, precedendo seu afastamento da escola Bandeirantes do Mar e, posteriormente, da própria atividade. Outros fatores que se somaram a esse processo serão examinados na sequência da análise, entre eles as consequências da estruturação, em 1979, da Confederação Brasileira de Pesca e caça submarina (CBPCS) posteriormente rebatizada como Confederação Brasileira de Desportos Subaquáticos (CBPDS) e a conquista, por este grupo, do direito ao credenciamento pela CMAS em 1980.

4.4 O afastamento de Álvaro Moreira da Bandeirantes do Mar e do mergulho

A partir de 1979, o projeto de Álvaro Moreira de transformar a escola Bandeirantes do Mar em uma certificadora brasileira vinculada à Confederação Mundial de Atividades Subaquáticas (CMAS) começou a enfrentar obstáculos.

A Escola Bandeirantes do Mar havia sido estruturada por Álvaro Moreira com a intenção de representar oficialmente, no Brasil, a Confederação Mundial de Atividades Subaquáticas (CMAS) no que se referia ao mergulho amador. Para isso, buscou e obteve a aprovação da escola nos comitês técnico e científico da entidade. Com essa aprovação, ele dava continuidade ao plano de estabelecer uma certificadora nacional vinculada à CMAS. Nesse contexto, mantinha a expansão de uma rede de delegações formada por escolas associadas à Bandeirantes do Mar. Uma dessas iniciativas foi a inclusão da escola carioca YG, a partir de uma parceria firmada com Sergio Costa, que relata como se deu essa associação.

Álvaro estava engajado em uma campanha para ser, ele, o representante da CMAS, da Confederação Mundial de Atividades Subaquáticas no Brasil, exatamente por estar utilizando a metodologia, ele precisava de uma rede de escolas. Então ele formava delegados em outras cidades, criando outros núcleos, dando cursos. E aí eu fui lá falar com ele, ele viu que eu ia usar da mesma metodologia, ele falou: 'Você quer ser CMAS também?'. Só que ele não... Eu não me formei com ele, eu simplesmente fechei uma parceria com ele. Eu passei... até o modelo do certificado que eu imprimia, era igual ao certificado dele, só mudava a capa. A classificação, enfim, tudo muito parecido. Durante muito tempo apoiei através do meu boletim também, o fato da campanha dele querendo ser representante da CMAS no Brasil. Eu acho que realmente ele merecia porque ele era autoridade nisso e devia ser, mas... (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022).

Paralelamente, naquele mesmo período, representantes da caça submarina pleiteavam a representação brasileira no comitê esportivo da entidade. A divisão entre as atividades de mergulho, ao menos perante o pertencimento aos comitês da CMAS, parecia bem delimitada até o referido evento da CMAS, seu VII congresso realizado em 1980, em Cancún, quando ficou decidido que à CMAS poderiam ser afiliados apenas órgãos representantes dos desportos subaquáticos oficiais em seus países de origem. Alcides Falanghe relembra as consequências dos fatos ocorridos nessa ocasião,

[...] eu fui lá também, fazendo parte do comitê técnico junto com o Álvaro e nesse congresso aconteceu que houve uma votação e que não poderiam mais fazer parte da CMAS todas as entidades que não fossem confederações oficiais dos países. Então, além da Bandeirantes do Mar, saiu a PADI, saiu a

NAUI, saíram todas essas certificadoras americanas da CMAS, aí cada um tocou a sua vida, então no final da história, acabou que as certificadoras acabaram sendo muito maiores do que a CMAS. A CMAS ainda hoje existe como uma entidade meramente esportiva, por mais que eles ainda tenham alguma penetração na Europa, mas eles encolheram de órgão mundial do mergulho a ser praticamente uma entidade que rege os desportos subaquáticos (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022).

A partir de então, o sistema de ensino do mergulho amador e sua certificação pela CMAS ficaram sob a responsabilidade da CBPDS (Bitencourt, Amorim, Mayrink, 2006; Fonseca 2022a; Nieto, 2019). De acordo com Marly, a Bandeirantes do Mar deixou de ser representante dos comitês técnico e científico da Confederação Mundial de Atividades Subaquáticas (CMAS) e a Confederação Brasileira de Pesca e Desportos Subaquáticos (CBPDS) passou a ocupar oficialmente essa posição, reunindo os três comitês da CMAS no Brasil. Ela conta que o professor não respondeu bem à decisão:

[...] Nossa, o Álvaro foi à loucura, ele foi à loucura, falou: 'Como pode?'. E aí ele começou a trabalhar para montar uma certificadora independente, juntou-se com a Venezuela, com outros países que não conseguiam adentrar na CMAS e ainda não tinha nada de PDIC ou de NAUI, existia, mas em outros países. E tentamos o reconhecimento de nosso certificado de forma internacional, então a gente só emitia o certificado da Bandeirantes do Mar, o certificado era um caderninho azul, que também posso depois mandar, eu tenho as fotos, mando para você, e ele era único (Marly, entrevista concedida à autora em 17 fev. 2023).

No entendimento de Álvaro Moreira (1980) não caberia a uma confederação esportiva representar uma atividade não esportiva. Essa questão foi amplamente abordada por ele e representantes de novas escolas, criadas entre o final da década de 1970 a década de 1980, quando ocorreu um longo processo de debates e mobilizações entre os atores envolvidos com o mergulho amador no Brasil para distanciá-lo da caça submarina e de outras práticas de mergulho com as quais se confundia e, em consequência, ser reconhecido socialmente como uma atividade de lazer.

A certificadora independente planejada por Moreira, à qual Marly se refere, se chamava Associação Internacional do mergulho autônomo Técnico e Científico (AIMATIC). Essa iniciativa não obteve êxito e o professor permaneceu, por algum tempo, ensinando o mergulho a partir da metodologia da CMAS, mas recusou-se a se associar à CBPDS. Impedido de emitir certificações reconhecidas pela CMAS, voltou a certificar seus alunos diretamente pela escola.

Outro fator que colaborou para o deslocamento de Moreira da centralidade no ambiente do mergulho amador no Brasil foi o lançamento da revista *Mergulhar*, por Sergio Costa. De acordo com Costa:

Aí o que aconteceu, quando eu resolvi lançar a revista, eu fiz tudo, mas não falei com ele, eu só cheguei um dia, marquei uma reunião, eu fui lá na escola dele, ele estava com os alunos, eu levei uma prova da primeira capa e falei para ele: 'Vou lançar uma revista de mergulho, vai chamar Mergulhar e assim, assim, 'assado'.'. E aí ele não gostou, ele achou que eu devia ter consultado ele antes, ter envolvido ele antes. Eu não envolvi ele em nada, preparei todo o projeto da revista e lancei e não falei com Álvaro, só falei com Álvaro quando já estava para entrar em gráfica a revista. E, enfim, isso deu um certo estresse entre a gente e a gente se afastou depois disso. Não sei, de uma certa forma, talvez com razão, ele talvez teria gostado que eu tivesse... Na verdade eu fui para mostrar para ele que eu estava lançando a revista e dando espaço para ele ser até um colaborador, mas ele, talvez, achou que eu devia ter feito isso antes. Ele... Tipo assim, eu tenho autoridade para ter sido consultado antes, ter me pedido opinião antes e eu não fiz isso, até porque eu não... Como eu tinha um certo... Sabe aquela coisa quando você está com um negócio que acredita muito, você tem que manter um certo segredo? Logo, não fica espalhando muito para ninguém atrapalhar, então eu fiz tudo meio que para poder criar impacto, entendeu? [...] E aí lancei e pronto, aconteceu isso. A revista no começo, portanto, tinha todos os colaboradores que eram meus ex-alunos, todos (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022).

Sergio Costa relatou que o distanciamento entre ambos perdurou.

Nunca mais recuperamos a... Nunca chegamos a ser amigos, eu e Álvaro, a gente conversava e tudo, porque ele era um cara muito sisudo, muito assim. Até porque de uma certa forma, a revista, como eu te disse, como abriu essa janela, surgiram muitos, entre aspas, concorrentes dele na própria cidade de São Paulo, o Álvaro era detentor de uma ideia e de uma filosofia e de uma certa forma a revista tirou um pouco isso dele, entendeu? (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022).

Embora Sergio Costa compartilhasse com Álvaro Moreira o posicionamento contrário à caça submarina e defesa do mergulho amador, a revista *Mergulhar*, criada por Costa, foi planejada e lançada independentemente, com linha editorial própria e aberta a colaborações de diferentes grupos envolvidos com o mergulho. Neste contexto, o professor Álvaro Moreira optou por não contribuir com a revista.

Esses acontecimentos levaram Álvaro Moreira a se afastar do mergulho em 1982, deixando a Bandeirantes do Mar sob responsabilidade dos diretores Nelson Watanabe, Jorge Bastos e do então marido de Marly, Alexandre de Anaya Espinosa. A escola permaneceu ativa

em São Paulo até o final da década de 1980; na década de 1990 foi transferida para o Sul, onde funcionou sob a direção de Marly e Alexandre até 2002. A partir de então, passou a operar sob a coordenação de Marly em formato volante até 2017, mantendo o ensino fundamentado na pedagogia de Álvaro Moreira (Marly, entrevista concedida à autora em 17 fev. 2023).

A saída de Álvaro Moreira da Bandeirantes do Mar e do mergulho autônomo amador, somada à publicação da revista *Mergulhar*, marcou o início de um novo momento para o mergulho autônomo amador no Brasil, em que os proprietários das poucas escolas de mergulho existentes assumiram a frente do desenvolvimento do mergulho no país.

5 DESENVOLVIMENTO COLETIVO DO MERGULHO AUTÔNOMO AMADOR BRASILEIRO (1982-1990)

Em 1982, a trama que compunha o cenário das escolas e instituições que formavam e certificavam alunos de mergulho autônomo amador no Brasil, então nomeado de diferentes formas, como mergulho, mergulho autônomo, mergulho autônomo amador, articulava-se a partir de três fios, ou seja, estava organizada em torno de três grupos distintos. O primeiro, aqui nomeado grupo 1 para facilitar a análise, era composto por aqueles mergulhadores proprietários de escolas que aderiram à certificação da Confederação Brasileira de Pesca e Desportos Subaquáticos (CBPDS), tendo João José Bracony e Eduardo Paim Bracony como principais articuladores. As escolas e cursos ligados exclusivamente a este fio emergiram com pouca frequência nas entrevistas e documentos consultados nesta pesquisa. Alguns possíveis motivos para isso: um é que entrevistados vinculados ao grupo protagonizado por Cláudio Guardabassi (grupo 2) também integravam o grupo 1; outro é que o núcleo associado à CBPDS se concentrava inicialmente na caça submarina e não atuava diretamente com o mergulho autônomo quando obteve, em 1980, o direito exclusivo de certificar mergulhadores autônomos pela CMAS.

Assim, as pistas levam a crer que foi a partir do início da década de 1980 que a CBPDS iniciou um processo de articulação para atrair escolas e clubes que ofereciam o ensino do mergulho autônomo, visando a filiação dessas instituições à confederação, adesão que parece ter ocorrido de forma gradual.

Sobre escolas e cursos de mergulho autônomo amador existentes no país, o então presidente da CBPDS, João José Bracony, enviou uma carta em resposta a uma pesquisa realizada pela revista *Mergulhar*, datada de 8 de dezembro de 1988, que foi publicada na edição da revista de fevereiro de 1989, acompanhada de uma lista com noventa instituições credenciadas à entidade (Bracony, 1989). Essa lista incluía escolas de mergulho, federações, clubes, universidades e corpos de bombeiros. Na carta Bracony explicava que muitos dos vínculos com a CBPDS correspondiam a pessoas físicas, sem endereço institucional, e por esse motivo ele não encaminharia os nomes desses participantes, já que seus endereços eram residenciais e não poderiam ser divulgados. Nesses casos, a inscrição junto à confederação estava centrada na figura do próprio instrutor, com registros vinculados ao endereço de sua residência. Essa fragilidade organizacional e metodológica quanto às atividades de ensino de

mergulho coordenadas pela CBPDS pode ser observada no próprio Clube Barracudas, gerido por João José e Eduardo Bracony, que, assim como a própria confederação, funcionava no endereço residencial da família.

O grupo 2 reunia escolas que certificavam pela CBPDS, mas que também passaram a adotar a metodologia da YMCA, introduzida por Claudio Guardabassi. Em entrevista, Guardabassi relatou que a busca pela certificação de instrutores pela YMCA foi uma forma de atender à demanda emergente por uma formação alinhada ao padrão internacional estadunidense, vislumbrando a oferta do mergulho como um serviço. Essa escolha parecia sinalizar um distanciamento da metodologia com traços de militarismo inspirada no modelo europeu, que orientava outras formas de organização da prática.

Nos primeiros anos da década de 1980, enquanto atuava na ACM de São Paulo (SP), Claudio Guardabassi organizou no Brasil o primeiro curso de formação de instrutores de mergulho autônomo pela metodologia YMCA norte-americana. A iniciativa contou com o apoio do instrutor brasileiro Alveir Marques, que atuava no John Pennekamp State Park, nos Estados Unidos. Guardabassi relembra:

E aí eu fui lá para o Estados Unidos para poder falar com Bob Smith e expliquei para ele, aqui no Brasil, como é que era, como eu deveria tocar o programa e trouxe todo o material para cá, mas nós não tínhamos instrutores e aí eu pedi para esse meu amigo, o Al Marques, para ele vir ministrar o programa aqui, então trouxemos o Al Marques para cá, para ministrar o primeiro programa para instrutores de mergulho dentro deste padrão da YMCA. E daí para frente nós começamos a ter o credenciamento internacional (Claudio Guardabassi, entrevista concedida à autora em 2 nov. 2023).

Entre os primeiros instrutores formados estavam Fernando Kuramoto, Delmar Soares Corrêia, Waldir Naccarato e outros mergulhadores com trajetória anterior na caça submarina, que incorporaram o mergulho autônomo em diferentes frentes, como na venda de equipamentos, fotografia subaquática, turismo de mergulho e, especialmente, ensino. Essa foi a primeira de uma série de outras iniciativas que expandiram no país a presença de métodos de formação baseados no modelo estadunidense (Claudio Guardabassi, entrevista concedida à autora em 2 nov. 2023).

Vale destacar que no ano de 1982, Claudio Guardabassi atuava como instrutor na ACM e como empresário à frente da loja Claumar, atuando em um conjunto expressivo de iniciativas voltadas ao mercado nascente. Pela Claumar, oferecia serviços de recarga, confecção de roupas

de borracha, manutenção e vendas de equipamentos e, a partir dessa estrutura, criou a marca Air Sub, com uma linha própria de produtos de mergulho (Imagem 16). Na ACM de São Paulo (SP), ele ministrava aulas de mergulho Livre e Autônomo pelo programa de ensino YMCA, organizava excursões e eventos.

[...] porque eles tinham uma ótima piscina, que fica na zona central de São Paulo, com todas as facilidades e a estrutura também, porque o YMCA é uma estrutura internacional. E aí o volume de cursos... era toda semana, tinha curso começando. E aos finais de semana nós tínhamos a saída, então marcava lá para o pessoal ir, nós saíamos para Ilhabela ou para Ubatuba, enfim, tinha que levar os alunos para fazer o checkout (Claudio Guardabassi, entrevista concedida à autora em 2 nov. 2023).

Imagem 16 - Anúncios Claumar e ACM na primeira edição da revista *Mergulhar: a descoberta do mar*, em outubro de 1982



**ANTES DE SAIR PARA O MAR,
PASSE NA CLAUMAR!**

Especializada em equipamentos
de Mergulho Profissional e
Amador
Oficina própria
Recarga de garrafas
Confecção de roupas de
borracha

CLAUMAR
IMPORTAÇÃO E COMÉRCIO LTDA

Rua Morato Coelho, 884 - Tel.:
(011) 212-1100 e 813-2495
Pinheiros 05417 São Paulo, SP



*Cursos básicos de mergulho
livre e de mergulho
autônomo em piscina de 25m
coberta e aquecida. Duração:
duas semanas. Certificado
internacional da YMCA*

• Cursos de mergulho
avançado, de instrutor e
assistente de instrutor,
mergulho noturno, RCP e
salvamento. Certificado
internacional • Clube com
sala de aquarismo, piscina
para treino, biblioteca,
projeção de filmes e
palestras. Excursões para
Ilhabela, Ubatuba, Laje de
Santos e Alcatrazes.

Informações: 256-1011, com
Idilia.

R. Nestor Pestana, 147 - 01303
São Paulo, SP

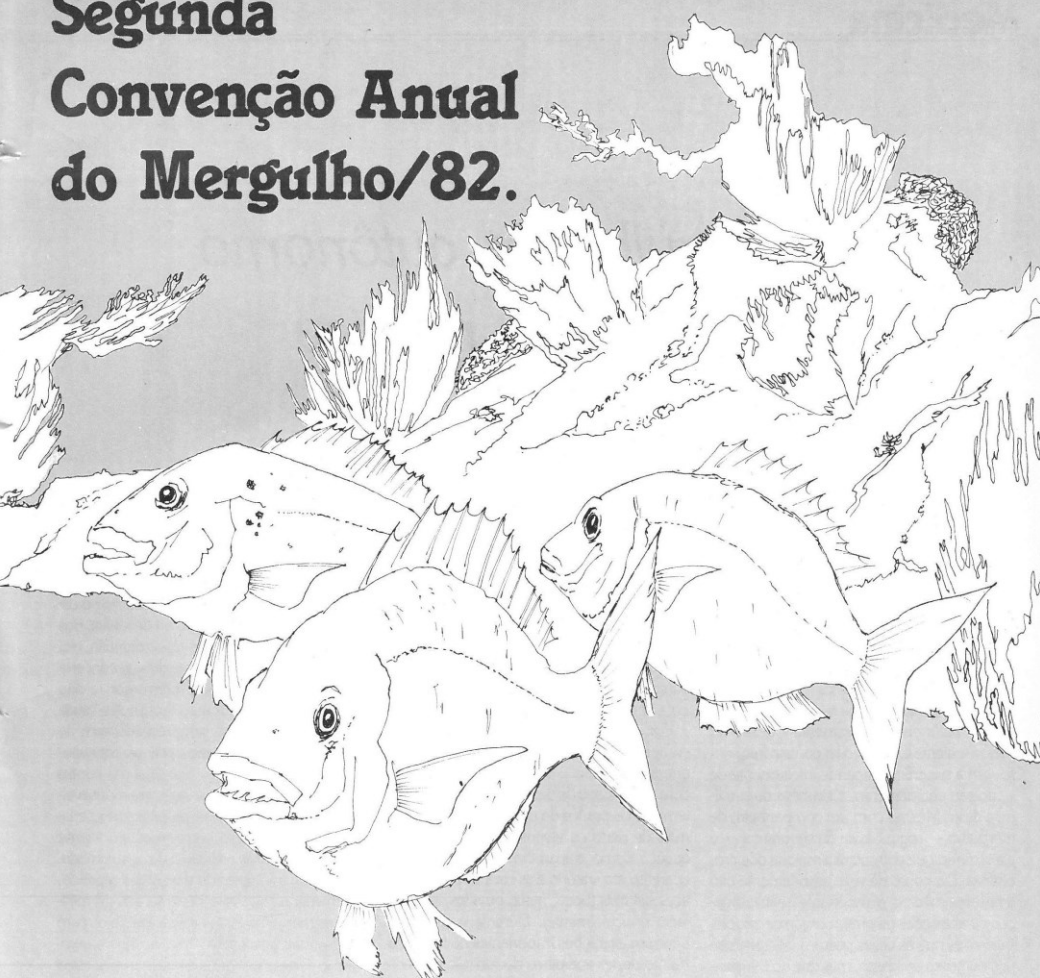
Fonte: acervo pessoal de Sergio Costa

No início da década de 1980, uma das maiores contribuições de Claudio Guardabassi para o mergulho no Brasil foi a realização da Semana do Mergulho (Imagem 17), evento que reuniu um número expressivo de ações e de participantes em torno da atividade, contando inclusive com o reconhecimento da prefeitura da cidade. Ele se lembra que:

E nós fizemos um evento em 82, que foi a Semana do mergulho, eu diria que foi o antecessor de todos esses programas que a gente vê hoje, o programa PADI Festival e outras certificadoras organizam. E nós conseguimos reunir durante uma semana uma quantidade de eventos que começava com a foto sub, [...] tinha fotografia, tinha filmagem, tinham palestras, palestra de medicina, medicina hiperbárica, nós conseguimos trazer o pessoal da Marinha, com equipamentos que não podiam sair de dentro da Marinha, mas eles abriram uma exceção e trouxeram esses equipamentos para a gente conhecer, que era o circuito fechado. [...] E nós criamos esses eventos lá dentro da ACM, foi tão importante que o prefeito de São Paulo foi inaugurar [...]e isso daí era um marco na ACM [...] (Claudio Guardabassi, entrevista concedida à autora em 2 nov. 2023).

Imagem 17 – Anúncio da Segunda Convenção do Mergulho, edição 01 da Revista “Mergulhar: A Descoberta do Mar”, em outubro de 1982

Segunda Convenção Anual do Mergulho/82.



Não deixe de comparecer a esse encontro que reunirá organizações, escolas, clubes e mergulhadores.

Programação:

- Palestras sobre Esporte, Ciência, Medicina Hiperbárica e Mergulho Profissional;
- Projeção de filmes e slides;
- Terceiro Salão de Fotografia Submarina — os expositores participarão de um concurso nas categorias slides e papel colorido. Inscrições abertas;
- Terceira Copa Brasil de Natação Equipada;
- Demonstrações de orientação subaquática, salvamento e curso de mergulho.
- Encerramento: Hotel Hilton.

• Local: **A.C.M.** — Rua Nestor Pestana, 147 - 01303 - São Paulo - SP
• Data e horário: 19 a 26 de outubro, das 19 às 23 horas. Maiores informações na **A.C.M.**, ou pelo telefone (011) 256-1011, após às 12 horas.

Fonte: Acervo de Sergio Costa

O grupo 3 era formado por responsáveis por cursos e escolas de mergulho dos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro que não aderiram à CBPDS, que emitiam certificados de conclusão dos cursos impressos pelas próprias escolas e se mobilizaram para a criação da Associação Brasileira do mergulho amador, ABMA. Estavam à frente desse processo Sergio Costa, Randal e Cesar Nieto. Em paralelo à criação da ABMA, esse grupo protagonizou também uma sequência de debates e ações políticas contrárias à CBPDS e à caça submarina. Participaram da fundação da ABMA os representantes das escolas Angra-Sub⁵⁶, Mergulhão/Aqua-Rio⁵⁷ e YG⁵⁸, do estado do Rio de Janeiro; Aquamundo Atividades Subaquáticas⁵⁹, Bandeirantes do Mar⁶⁰, Centralmar⁶¹, Museu do Mar⁶² e Scubacenter⁶³, do estado de São Paulo (Fundada a Associação..., 1983; Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022; Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 7 fev. 2022; Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 17 ago. 2022).

Os grupos 2 e 3 desempenharam papel central no desenvolvimento do mergulho autônomo amador no Brasil. Abriram cursos e escolas, organizaram eventos e feiras, criaram as primeiras operações de mergulho e o chamado “batismo”. Eles inventaram ou descobriram novos lugares, criaram ou expandiram bases e operadoras em localidades, como Fernando de Noronha (PE), Abrolhos (BA) e Bonito (MS); foram protagonistas no desenvolvimento do turismo de mergulho internacional, na produção e comercialização de equipamentos, na abertura de fábricas e na criação de produtos nacionais; e atuaram também na fotografia submarina, no desenvolvimento e na publicação de materiais didáticos, periódicos e produções audiovisuais. Em conjunto, esses dois grupos contribuíram decisivamente para o crescimento do mergulho autônomo amador no país.

⁵⁶ Não obtive maiores informações.

⁵⁷ A escola Aqua-Rio, também anunciada com o nome de Mergulhão, tinha, à época, Arduíno Colasanti, Randal Fonseca, Flávio Rodolfo Vicenzetto como proprietários e instrutores e Lola como instrutora e gestora. Funcionava na Estrada da Gamboa 31, Cabo Frio (RJ).

⁵⁸ A YG Escola de Mergulho e Centro de Atividades Subaquáticas era comandada por Sergio Costa e Patrizia Borla e funcionava na Marina da Glória Guichê 05 no Rio de Janeiro (RJ).

⁵⁹ À época, Lucio Engler já havia deixado a sociedade da Escola Aquamundo que pertencia à Cesar Alfredo Corazza Nieto e funcionava à Rua José Maria Lisboa, 568 (SP).

⁶⁰ A Bandeirantes do Mar ainda funcionava à Rua Bueno Brandão 427, SP, e já estava sob a direção de Nelson Watanabe, Jorge Bastos, Marly, Alexandre de Anaya Espinosa e tinha Marly como instrutora e gestora.

⁶¹ Os cursos da Centralmar funcionavam nas dependências da loja de Clovis Benno de Carvalho, Karimar, na Rua Senador Feijó n. 45. Santos (SP). Clovis Benno era o proprietário da Centralmar e os instrutores eram Moa e Marcelinho, atuantes como “freelancers”.

⁶² Os cursos de mergulho do Museu do Mar, localizados à rua Equador, 81, Santos (SP), eram ministrados por Luiz Alonso Ferreira e J. S. Vidal. Os responsáveis por esses cursos não se destacaram, ao longo da pesquisa, como figuras centrais em ações relacionadas ao mergulho em nível nacional.

⁶³ Fundada em 25 de maio de 1983 na Av. Santo Amaro, 5358, na cidade de São Paulo (SP), os seus proprietários eram Reinaldo Alvim Martins Júnior e Eliane Ronn.

Nessa ambiência, a Revista *Mergulhar* ocupou o lugar de um tear, no qual esses três fios, ou grupos, que compuseram a trama (Veyne, 2008) do mergulho no país se entrelaçaram, sendo a revista um espaço de circulação de saberes, de elaboração de debates e articulações políticas.

Sergio Costa, como representante da Escola YG, fazia parte do grupo 3, e, como editor da revista *Mergulhar*, foi também como um dos pontos de contato entre os três fios dessa trama. Por meio de sua atuação na revista, incentivou a participação de componentes dos três grupos na revista e fora dela; circulou nos eventos destinados ao crescimento do mergulho autônomo amador; e estabeleceu parcerias e acordos comerciais, especialmente publicitários, com empresários do mergulho, entre eles, os caçadores Claudio Guardabassi e Américo Santarelli. Ademais, a revista reuniu diferentes pioneiros do mergulho autônomo amador no país como anunciantes, colunistas, debatedores, consultores, entrevistados e colaboradores. Encontros, relações e parcerias estabelecidas extrapolaram suas páginas e repercutiram em diferentes ações e movimentos coletivos que contribuíram para o crescimento do mergulho autônomo amador no país (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022; Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 7 fev. 2022; Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 17 ago. 2022).

Embora a revista se apresentasse como um espaço aberto a todos os grupos, sua linha editorial promovia, em âmbito nacional, críticas à prática da caça submarina — sobretudo em sua vertente competitiva — e difundia o mergulho amador como uma prática distinta e oposta tanto à caça submarina quanto à CBPDS. Essas disputas tiveram a Revista *Mergulhar* como pano de fundo e foram impulsionadas, em grande parte, pelos integrantes do grupo 3, o que conduz a uma análise mais detalhada desse fio da trama nos textos seguintes. A partir dessa trajetória será possível retomar a movimentação do grupo 2, que, em paralelo, consolidava outro caminho por meio da entrada no país de certificadoras internacionais, ação intensificada no final da década de 1980, quando o processo de internacionalização do mergulho autônomo amador assumiu caráter hegemônico.

5.1 Revista *Mergulhar: A Descoberta do Mar* como espaço de desenvolvimento coletivo do mergulho no Brasil

A consciência do homem despertou para o verdadeiro herói do mar, aquele que mergulha para observá-lo, estudá-lo e tentar defendê-lo. Mergulhar está aberta este herói, acredita nele e o apoiará sempre. [...] Mergulhar assume a responsabilidade de ser o polo de união entre mergulhadores brasileiros. Ela é uma realidade que alguns chegaram a chamar de histórica

(Costa, 1982, p. 03).

A fala proferida por Sergio Costa durante a Segunda Convenção Anual do Mergulho, realizada por Claudio Guardabassi na ACM da cidade de São Paulo, em 1982, e publicada no editorial da segunda edição da Revista Mergulhar, denota o papel que ela durante sua existência.

De acordo com muitos entrevistados, esta publicação causou impacto com sua chegada às bancas e contribuiu para o descobrimento do mergulho entre pessoas “comuns”, ou seja, não envolvidas com essa atividade, além de cumprir papel educativo e de suprir uma carência de informações sobre diferentes aspectos do mergulho. Marcus Werneck, entrevistado desta pesquisa, por exemplo, descobriu o mergulho a partir dessa revista.

[...] com uns quinze anos, quinze para dezesseis, eu passei em uma banca de jornal e tinha lá escrito assim: “Revista Mergulhar: Descoberta do Mar.” e eu me interessei por aquilo, porque eu já gostava de mergulhar lá em Cabo Frio. Eu desde pequeno gostava dos filmes do Mike Nelson. Tinha aquele brinquedo da Cobra Sub, Mike, e eu falei: “Poxa! Que revista legal.”, aí eu fui lá e comprei a revista e lá tinha um anúncio de uma página sobre um curso de mergulho autônomo que tinha que ter no mínimo dezesseis anos e eu já estava quase nessa idade. Perturbei meu pai e minha mãe. O curso era o YG, Centro de Atividades Subaquáticas e depois eu descobri que o curso e a revista eram do Sergio Costa, hoje é um amigo de anos, que foi meu instrutor (Werneck, entrevista concedida à autora em 9 dez. 2022).

Posteriormente Werneck foi instrutor na Escola YG e contribuiu como consultor técnico da revista. Assim como ele, muitos outros entrevistados, especialmente os participantes do grupo 3, como Alcides Falanghe, Cesar Nieto, Maurício Carvalho, Lola, Lucia Sodré e Randal Fonseca, contribuíram ou figuraram nas páginas da Mergulhar.

Com aproximadamente cinquenta e cinco edições publicadas entre 1982 e 1990 — em periodicidade que variou entre bimestral e mensal —, a *Mergulhar* incentivou, acompanhou e documentou a rápida expansão do mergulho autônomo amador no Brasil neste período. Para o seu lançamento, Sergio Costa contou com a ajuda de Patrizia Borla e dois alunos da Escola YG, o diagramador Alan Romero e o jornalista Roberto Duarte. Ele alugou pequenas salas em um prédio comercial na Rua da Relação, no centro da cidade do Rio de Janeiro, onde fundou a Editora *Mergulhar*, e lançou a primeira edição da revista, que foi distribuída em bancas dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Para ele, a iniciativa:

[...] Foi a maior loucura! [...] uma insanidade, porque não tinha, não tinha anunciante, para você ter uma ideia, quando saiu a revista, no Brasil tinha quatro ou cinco cursos de mergulho, uma fábrica de equipamentos, uma fábrica e meia, porque era a Cobra e a Orca e mais nada, não tinha escola, não tinha operadora de mergulho, não tinha... não tinha nada. Nada! Aí, bom, o tem que ter na revista? Tem que ter anunciante porque senão [...] não adianta! Mas também tem que ter leitor[...] (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022).

Nesse sentido, a primeira edição trazia uma pesquisa sobre a existência de praticantes de mergulho autônomo amador no país. Sergio Costa se lembra que as respostas deveriam ser encaminhadas pelos correios à editora: “Imagina a boa vontade das pessoas em mandar de volta a pesquisa, não ganhava nada para responder” (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022), todavia para surpresa da equipe, chegaram muitas respostas. O interesse também ficou evidente pela venda dos cinco mil exemplares impressos, o que levou Costa a pensar: “Nossa! Então é cheio de mergulhador no Brasil! Vendeu tudo!” (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022), entretanto com as respostas dos questionários, ele observou que:

[...] oitenta por cento dos que responderam, disseram que não eram mergulhadores, mas adorariam se tornar mergulhadores [...] aí para mim, essa informação foi crucial, eu falei: — 'Meu Deus do céu! Não é possível! Olha o tamanho [...] demanda reprimida, tanta gente que quer uma coisa e não tem acesso a ela.' Então a maioria dessas pessoas... não são mergulhadores, mas todos querem ser. Eu falei: — 'Isso vai explodir!' Dito e feito! As escolas de mergulho começaram... [gesto com a mão] a pipocar, de cinco, assim... [...] em muito pouco tempo, começaram a surgir escolas, escola, escola, escola, em muito lugar, em muito lugar, assim, em pouquíssimo tempo chegou a setenta, oitenta [...] cursos de mergulho [...] (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022).

O aumento do número de cursos e escolas, relatado por Costa, pode ser acompanhado ao longo das edições da revista⁶⁴ que, em curto intervalo, passou a registrar também a multiplicação de lojas especializadas, novos equipamentos e operadoras de turismo de mergulho. Segundo Sergio Costa, esse crescimento foi impulsionado por mergulhadores que decidiram empreender para possibilitar a própria existência do mergulho como um serviço:

O crescimento começou... Na minha opinião, veio das iniciativas empreendedoras de algumas pessoas, de alguns, entre aspas, 'empreendedores', [...] mergulhadores apaixonados, pessoas que gostavam muito de mergulho [...] Eu percebi isso, existe um grupo de entusiastas que resolveram empreender, o primeiro passo no 'empreender' foi o ensino. Então foi o surgimento de escolas, de mais escolas. Mais cursos [porque] não tinha muito esse conceito de escola. [...] Começou a... Foram os cursos de mergulho e as lojas de mergulho, loja de equipamentos que começaram a surgir. Então [...] uma coisa foi 'puxando' a outra, porque evidentemente que as pessoas aprendiam a mergulhar e precisavam de equipamentos, e assim foi. E o segundo eixo foi... Mas esse demorou um pouco mais, foi a questão do turismo submarino que, com o tempo, um pouquinho mais lentamente, começou a se estruturar e começou a surgir, porque, logicamente, também começou a vir a demanda de gente que queria mergulhar (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 7 fev. 2022).

Nesse sentido, a revista foi também pioneira⁶⁵ na ampliação do número de praticantes e, em certa medida, invenção de uma nova prática de mergulho no Brasil, o mergulho autônomo amador. Para tanto, era necessário articular diferentes frentes, como: convencer de que o mergulho poderia ser uma atividade segura, capaz de afastar os temores em relação ao risco e, assim, atrair novos interessados; reconfigurar o olhar sobre os seres e os ambientes marinhos, que passavam a ser apresentados não mais como ameaças, mas como parte de um universo estético e sensível, composto por formas, cores e comportamentos que inspiravam curiosidade, respeito e encantamento; conduzir uma militância explícita contra a caça submarina, criticando não apenas suas práticas, mas também valores a ela associados.

⁶⁴ A revista *Mergulhar*, pela relevância que teve no início do mergulho no Brasil, constitui um rico objeto para pesquisas futuras, não explorado com profundidade neste trabalho devido aos seus limites metodológicos e de tempo.

⁶⁵ Iniciativas editoriais anteriores ou contemporâneas à revista *Mergulhar*, como *O Jornal do Oceano*, citado por Sergio Costa, e a coluna *Mundo Sub*, escrita por Cesar Nieto na revista *Mar, Vela e Motor*, não puderam ser localizadas durante esta pesquisa, mas representam registros relevantes que merecem ser recuperados e analisados em investigações futuras (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 01/02/2022; Cesar Nieto, entrevista concedida à autora em 21/02/2022). Todavia, a revista *Mergulhar* foi a primeira publicação com ampla circulação nacional dedicada quase exclusivamente ao mergulho e, nesse sentido, teve impacto mais expressivo, sendo amplamente citada pelos entrevistados.

Assim, a primeira edição da revista (Imagem 18) revelava sua proposta editorial ao abordar o mergulho, a náutica e variedades relacionadas ao mar. A seção *Aventura* apresentava reportagens sobre locais propícios ao mergulho, muitas vezes pouco explorados, como o Atol das Rocas, no Rio Grande do Norte, e o arquipélago de Abrolhos, na Bahia, relatando expedições realizadas por membros da própria redação.

A seção *Mergulho* reunia matérias técnicas e educativas voltadas à formação e informação dos leitores. Entre elas estavam o *ABC do mergulho*, com orientações básicas, como o ajuste do cinto de lastro; *Equipamentos*, que detalhava o uso e funcionamento dos principais itens; *Truques*, com sugestões práticas para lidar com a escassez de materiais; *Medicina*, dedicada à saúde do mergulhador; *A Técnica de Mergulhar*, com aprofundamentos sobre desafios técnicos, como mergulhos a 50 metros de profundidade; o *Boletim Subaquático*, que reunia notícias, curiosidades e temas de ecologia marinha; a *Foto-Sub*, que incentivava a prática da fotografia subaquática como forma de fruição do ambiente; e *Profissão: Mergulhador*, espaço em que temas ligados ao mergulho comercial apareciam por meio de entrevistas e reportagens.

A seção de *Náutica* abordava temas como navegação, motores, velas e embarcações voltadas ao uso por mergulhadores. A seção *Variedades* abrigava conteúdos como a coluna *Rosa dos Ventos*, dedicada às cartas dos leitores; além de matérias sobre oceanografia; construção de aquários marinhos; esportes aquáticos; vestuário náutico; turismo e receitas com frutos do mar (Mergulhar, 1982).

IMAGEM 18- Capa da primeira edição da revista *Mergulhar: a descoberta do mar* em 01 de outubro de 1982



Fonte: Acervo pessoal de Sergio Costa, 1992

Com informações e divulgação da prática do mergulho, especialmente para fins de lazer, as matérias desvelavam fenômenos do mar, como marés, ondas, ressurgência e regiões subaquáticas. Além disso visava a atração dos leitores ao ambiente subaquático a partir de imagens que revelavam cores vibrantes e uma diversidade de pequenos e grandes seres da vida

marinha em matérias que revelavam e divulgavam lugares onde poderiam ser encontrados, visitados, fotografados e, inclusive, tocados. Conteúdos do campo da biologia marinha desestigmatizavam o ambiente marinho e seus seres, como, por exemplo, os tubarões que figuravam entre os mais temidos seres do oceano,) e minimizavam receios quanto ao encontro com esses grandes peixes que foram promovidos a uma das maiores atrações subaquáticas da atualidade (Mergulhar, 1982).

Vale destacar que os participantes do terceiro grupo, que estavam envolvidos diretamente com a revista entendiam que a criação do mergulho com o uso do aparelho autônomo como atividade de lazer demandava sua distinção quanto à caça submarina, que ainda figurava como esporte de destaque no país, e a construção, no imaginário social, de um novo modo de fruição do ambiente subaquático marinho (Falanghe, 2018; Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022; Nieto, 2019; Cesar Nieto, entrevista concedida à autora em 18 fev. 2022; Cesar Nieto, entrevista concedida à autora em 12 ago. 2022; Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022; Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 7 fev. 2022).

Neste sentido, Randal Fonseca foi um importante protagonista participante do terceiro grupo que atuava diretamente para efetuar uma desconstrução da figura heroica do caçador e a construção de outra percepção quanto ao ato de mergulhar, que em suas palavras:

[...] tinha de parar de matar e tinha que parar a contemplar o animal vivo, e não ser heróis. Aqueles heróis tinham que ser defenestrados. Nós tínhamos que eliminar o herói da face da Terra. O herói é um mito grego, que era o que chamava a atenção das garotinhas. E nós começamos a divulgar que ele, na verdade, era um mal elemento. E aí, as gatinhas não queriam mais o cara que matasse, num safári da África, como não queriam que matasse animal, como não queria que matasse peixe. Então, começou a mudar a visão, também, daquela questão da máscara na testa. Entendeu? (Randal, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2022).

Nesse sentido, a Revista *Mergulhar* teve um papel relevante ao publicar, já em sua primeira edição, discussões sobre o risco de extinção das baleias e uma reportagem intitulada *Troque sua arma pela câmera e descubra as cores do fundo do mar* (Dreyer; Bonfatti, 1982). Esses conteúdos dialogavam com uma mudança de mentalidade observada entre alguns caçadores, que migravam da caça para o mergulho amador. Randal Fonseca lembra-se:

E isso foi desafio, porque nós tínhamos aqueles recalcitrantes. E o próprio Arduíno era um, porque ele era um caçador mundial. Ele, o Américo

Santarelli, o Claudio Guardabassi [...] Eram campeões de caça submarina e que tiveram que rever os seus valores, não é. Então várias dessas pessoas com quem eu tive esse contato, eles foram cedendo. E o Arduíno se tornou, não só um adepto, como meu sócio (Randal, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2022).

Arduíno, citado por Randal como exemplo dessa transição, alterou sua posição quanto à caça, tornou-se sócio na Escola Mergulhão/Aqua-Rio, passou a colaborar com a Revista *Mergulhar* como fotógrafo subaquático e a atuar junto a outros mergulhadores que publicavam na revista. Arduíno alinhava-se à linha editorial da revista e ao seu projeto educativo, voltado a transformação de sensibilidades diante do mar e da vida marinha.

Entre as contribuições de Arduíno à revista, estão registros da vida marinha, incluindo as imagens da primeira expedição realizada por um grupo de mergulhadores ao recém-criado Parque Nacional de Abrolhos (BA), primeiro parque marinho do Brasil e da América do Sul. A reportagem “*Abrolhos, uma expedição ao primeiro parque marinho do Brasil*”, publicada na sexta edição da revista, foi escrita por Raul Cerqueira, com fotografias de Raul e Arduíno, e reforçava o tom das novas narrativas em que peixes, corais e o ambiente ganhavam características relacionadas à beleza, com atributos como “riqueza de cores” e “mundo de sonho”, além de traços de comportamento, sendo descritos como simpáticos, brincalhões e amigos (Cerqueira, 1983, p. 77).

Nessa matéria Raul Cerqueira relatou um encontro entre Arduíno e um mero. Mesmo com a câmera em mãos, optou por não registrar a cena, em respeito ao momento de interação e à amizade que, segundo ele, se estabelecia. No entanto, na narrativa publicada, o “amigo mero” teve um triste fim no dia seguinte, ao ser encontrado por um grupo de caçadores: “Estávamos atônitos frente à cena, quando um membro da tripulação nos chamou e perguntou se queríamos uma posta do mero. Afastamo-nos rapidamente antes que a carnificina aumentasse” (Cerqueira, 1983, p. 75).

Narrativas como essa foram contestadas por defensores da caça submarina e a Revista *Mergulhar* tornou-se palco de intensos embates entre os que apoiavam e os que criticavam essa prática. Acirrados debates ocorreram nas páginas da Seção denominada “Debate: espaço aberto para a sua opinião”. Neste mesmo espaço, Santarelli respondeu à história do mero, que, em sua opinião, era “bonita e patética de engolir. Em primeiro lugar, afirmou, a não ser que se tenha mudado o significado da palavra amizade, essa não pode existir entre um homem e um mero, que é um animal frio, insensível e bobo” (Santarelli, 1983, p. 20). No seu entendimento a nascente repulsa à caça submarina entre os mergulhadores amadores não passava de ciúmes do

mar, sentimento aflorado pelo amor ao ambiente proporcionado pelos praticantes de atividades que pareciam incompatíveis, o que já ocorria, por exemplo, entre surfistas e banhistas, velejadores e motonautas, pescadores de linha e caçadores submarinos. Com isso, Santarelli apelou aos editores da revista que procurassem “na publicação de matérias, mesmo quando assinadas, evitar os trechos que podem criar falsas imagens e ódios injustificáveis entre os aficionados do mar” (Santarelli, 1983, p. 21) e evitar a maximização de opiniões radicais ou o uso de termos que poderiam inspirar o ódio, entre eles: carnificina, matança, limpeza imoral do fundo, extermínio nazista (Santarelli, 1983).

A partir dessa disputa narrativa em torno do estatuto simbólico do peixe — ora alvo, ora amigo — torna-se possível observar entre os pioneiros do mergulho amador, um movimento de educação das sensibilidades quanto aos animais, processo que é descrito por Keith Thomas entre os séculos XVI e XIX. Para Thomas (1988) os animais tiveram diferentes papéis ao longo do tempo e para as diferentes culturas, e essas construções estão ancoradas em concepções religiosas, filosóficas e sociais que foram gradualmente sendo desestabilizadas a partir do momento em que a tradição antropocêntrica passou a ser questionada.

No Brasil, os movimentos relacionados à causa animal tiveram início na década de 1930 com a promulgação do primeiro decreto federal que reconhecia, ainda que de forma incipiente, o sofrimento e os maus-tratos aos animais no contexto da produção de carne (Fonseca, 2015). Nesse contexto, os animais passaram a ser vistos não apenas como recursos alimentares, mas como seres sencientes, ainda que essa mudança se desse de forma lenta e condicionada a pressões sanitárias, estéticas e econômicas. Esses debates acirram-se na década de 1970, quando o abate e o consumo de carne, especialmente bovina, entrou em pauta diante do crescimento das associações de defesa dos animais e da circulação de novos discursos sobre ética animal, como os propostos por Peter Singer, em *Libertação Animal* (Fonseca, 2015, p. 4; Singer, 2004). Desse modo, debates que ocorreram na Revista *Mergulhar* acerca da transformação da relação com a vida marinha — como no caso do mero descrito como “amigo” e da crítica pública à figura do caçador — inserem-se em uma realidade social mais ampla, em que discussões quanto ao sofrimento animal ganhavam novas formas de expressão pública e disputas em torno das designações morais do matar.

Relatos e imagens publicadas na Revista *Mergulhar* revelam disputas em torno da construção de uma nova sensibilidade, na qual os peixes passaram a ser representados com atributos estéticos, emocionais e relacionais. Essa transformação colocou em xeque a lógica da caça, favorecendo formas de identificação e empatia com os animais marinhos. O deslocamento

moral operou em meio a tensões entre defensores e críticos da caça submarina, estabelecendo embates entre a permanência desta prática e o surgimento de uma ética visual e afetiva que valorizava o animal vivo como sujeito de encontro, não mais como troféu. Essa e outras discussões seguem-se outros números revista com réplicas e tréplicas entre Santarelli e Arduíno, e partidários de ambas as vertentes. Os argumentos favoráveis à continuidade da caça submarina pautavam-se em demonstrar que a pesca industrial, ou agentes poluidores, eram os grandes responsáveis pelo desaparecimento da vida marinha, o que já acontecia em determinadas regiões do país. O grupo contrário à caça lutava para uma separação entre o mergulho amador e a atividade que consideravam predatória.

Nesse sentido, a Revista *Mergulhar* cumpriu um papel educativo ao contribuir para a construção de conhecimentos e sensibilidades voltadas à preservação e reformulação de percepções sobre as condições de segurança do mar e de seus seres para o convívio humano. Essa intenção é explicitada em diferentes passagens da revista, como nesta fala de Sergio Costa, publicada no editorial da nona edição:

Os falsos mitos alimentam sentimentos e criam mentalidades que erguem barreiras entre o homem e o mar. Geralmente, esses mitos caem quando a maioria percebe que, ao viver com a natureza — especificamente o mar —, deixa-se para trás, no porto, a luta que estamos acostumados a travar no dia a dia. Aqui, em nosso barco rumo à liberdade, só restou a vontade de integrar-se à natureza. O mar ignora nossas intenções ao desafiá-lo. Ele simplesmente é o que é, ou seja, calmo ou agitado. Mas nunca muda seu comportamento em função do homem. O desafio com o mar que muitos acham que existe é apenas unilateral — ou seja, da parte do homem. Os mitos criados em torno dos seres marinhos preocupam e afastam os leigos da mesma forma que engrandecem os ‘destemidos’. *Mergulhar* pretende mostrar que é possível respeitar e gostar do mar, sem temê-lo. As fotos do amigo Russel na reportagem especial das moréias poderiam ser acompanhadas de um texto sensacionalista. Afinal, estamos falando da “temível moréia”. Sem dúvida, venderia mais revistas, mas prejudicaria não somente as moréias (tenho certeza de que elas não se incomodariam...), mas, ao mesmo tempo, também aos mergulhadores (Costa, 1984, p. 09).

Nesta edição, a capa da revista (Imagem 19) buscava desestigmatizar o medo associado às moreias, trazendo uma imagem em que a modelo aparece interagindo com o animal; em um gesto semelhante a um abraço, para demonstrar que esse contato era seguro e que as moreias não representavam perigo aos seres humanos.

Imagem 19: Interação entre uma modelo e uma moreia na capa da revista *Mergulhar*, n. 9, ano II, 1984



Fonte: Acervo de Sergio Costa, 1993

Ao mesmo tempo em que a revista buscava mostrar que o mar e seus seres não representavam perigo, a construção da ideia de segurança no mergulho, fundamental para fomentar essa prática, exigia que, paralelamente, os representantes das escolas e cursos de mergulho atuassem no mesmo sentido. Um deles, Randal Fonseca, lembra que conquistar um

novo público implicava também inventar o próprio mergulho amador brasileiro e para isso era preciso nomear os equipamentos, as técnicas e a prática em si. De acordo com Randal:

[...] o que a gente chamava de mergulho. Era salto de trampolim, tá? [...] A palavra 'mergulho' [...] não pertencia a essa atividade. [...] No Brasil, o salto ornamental, das pranchas, do mergulho, virou salto. [...] mergulho virou o termo para definir o mergulho autônomo. O equipamento não se chamava 'equipamento', chamava-se escafandro autônomo, porque fazia alusão ao escafandro, que ainda existia... [...] O [que o] pessoal chamava de 'bujão', chamava de 'botijão' de mergulho [...] nós passamos a chamar de cilindro [...] (Randal, entrevista concedida à autora em 14 abr. 2022).

Com o estabelecimento desta atividade, que mergulhadores pertencentes ao grupo 3 nomeava, assim como Álvaro Moreira, de mergulho amador ou mergulho autônomo amador, Randal aponta que houve também uma mudança de postura por parte de sua geração, que foi responsável pela transição entre o mergulho praticado por iniciativa pessoal ao mergulho ensinado a novos praticantes, o que acarretava aos pioneiros um novo compromisso com a transmissão segura e responsável da prática:

Quando nós decidimos que [...] que já estávamos avançando para ensinar, não é? Porque antes era mergulhar para pegar o peixinho, mergulhar para fotografar, mergulhar para filmar, o objetivo do... da iniciativa do entusiasta e não daquele que eu quero entusiasmar, é daquele que eu quero convencer a fazer aquilo que eu faço (Randal, entrevista concedida à autora em 14/12/2022).

Nesse contexto, os novos empresários do mergulho assumiram a responsabilidade pela integridade física dos alunos, colaborando com a construção de valores em que a segurança deveria prevalecer sobre a busca por risco. Como explica Randal:

[...] se fica fora do normal, ele impede grande parte das pessoas de se sentirem capazes de ingressar naquele novo mundo. Porque você cria uma visão, cuja visão você tem que ter se abnegado, ser arriscado, ser uma pessoa que não está nem aí para viver ou morrer. E não podia ser assim. Assim como a aviação não podia ter um avião que caísse. E o mergulho não podia ter um mergulhador que morresse, senão você matava para sempre a iniciativa do mergulho, não é, se ele fosse inseguro. Tinha que demonstrar segurança (Randal, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2022).

Também quanto à segurança, a revista *Mergulhar* teve papel direto nesse processo, especialmente ao fomentar fabricações, vendas e importações de equipamentos.

5.2 A introdução de equipamentos no Brasil: apoio da Revista *Mergulhar*, ação dos pioneiros, e impactos na prática do mergulho

A produção e a importação, ou seja, a inclusão de novos equipamentos no Brasil, foram impulsionadas pela Revista *Mergulhar* e protagonizadas pelos pioneiros do mergulho autônomo amador. Esse processo teve impactos diretos no crescimento do ensino desta atividade; na expansão de iniciativas comerciais, como lojas e fábricas especializadas; e no desenvolvimento do turismo de mergulho. Além de fomentar a prática, os equipamentos transformaram a forma de mergulhar e contribuíram para a construção de novas sensibilidades em relação ao ambiente subaquático.

O início deste crescimento teve na atuação de Sergio Costa e da Revista *Mergulhar* um incentivo importante. Sergio lembra que nos primeiros anos da publicação era necessário estimular as pequenas indústrias nacionais a produzirem equipamentos, para só então contar com seus anúncios: “Eu tinha que incentivá-los a fabricar para depois anunciar na revista, porque eu não tinha anunciante” (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022). Ele recorda que, em 1982, no momento do lançamento da revista:

[...] tinha duas, digamos, duas fábricas de equipamentos de mergulho no Brasil, uma era a Cobra Sub, a outra era a Orca, que só fazia equipamento básico, máscaras, nadadeiras e snorkel e a Atlântida que fazia esse cilindro assim, enfim. Mas digamos a fábrica, única fábrica de equipamentos de mergulho, que podemos chamar, hoje em dia seria [...] a Cobra Sub do Américo Santarelli [...] (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022).

A empresa Orca abastecia o mercado de equipamentos básicos, enquanto a Cobra Sub oferecia um rol mais amplo de produtos voltados ao mergulho amador. Em Santa Catarina, a produção de roupas de neoprene dava seus primeiros passos: desde 1976, o surfista Marco Aurélio Raymundo (Morongo) desenvolvia protótipos que culminariam na criação da marca Mormaii, sediada em Garopaba (Sobre nós, 2024); em 1977, o italiano Giuseppe Nicoletti fundava a filial brasileira da marca Pino, voltada à confecção de roupas de mergulho (A empresa, 2025). Excetuando-se a Pino, cuja presença na revista ocorre apenas em edições posteriores, as marcas Cobra Sub, Orca e Mormaii já figuravam nas primeiras edições da *Mergulhar*, conforme mostrado na Imagem 20.

Imagem 20- Anúncios das marcas Cobra Sub, Orca e Mormaii na revista Mergulhar



Fonte: acervo de Sergio Costa (1982)

Entre as iniciativas impulsionadas pela revista Mergulhar esteve o desenvolvimento dos equilibradores hidrostáticos Nautisub (Imagem 21) e os primeiros coletes do tipo "babador", como ficaram conhecidos devido à semelhança com o acessório usado em bebês. Sua elaboração foi resultado de uma articulação feita por Sergio Costa, que incentivou os empresários da Náutica, empresa voltada à fabricação de botes infláveis e anunciante da revista, a produzirem uma versão nacional dos coletes Fenzy, referência internacional naquele período. Relembrando o processo, Costa relata:

[...] como eu não tinha anunciantes de mergulho, tinha que puxar anunciantes de náuticas, de pequenos barcos, [...] um desses fabricantes, de tanto eu falar na orelha dele, ele fabricou o primeiro colete de mergulho do Brasil, que era da Náutica, fabricante de infláveis, ele fabricou, pegou um modelo lá fora, copiou e fez, falou: “Sergio, está certo isso?”, eu falei: “É, mais ou menos é isso.” [Riso]. Tanto é que eu fui um dos primeiros a usar o equipamento dele, eu fui testador, foi: “Oh, aqui está ruim, mas aqui melhora...” e fui testando (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022).

Imagem 21- Anúncio do equilibrador hidrostático Nautisub na revista Mergulhar número 04 em 1983

Equilibrador hidrostático Nautisub

Esta é uma das grandes novidades no mercado brasileiro de equipamentos de mergulho. O desenho e a eficiência, de padrão internacional, fazem desta peça fundamental para o mergulhador uma alternativa ao similar importado, principalmente no preço. Disponível nas cores amarelo, vermelho e azul, o *Nautisub* é constituído por uma bolsa de *nylon* e uma câmara de ar de PVC costurada eletronicamente (substituível). Possui inflador manual, com fornecimento de ar através de mangueira conectada à baixa pressão do primeiro estágio do regulador (lado direito) e inflador oral (lado esquerdo). Na frente há uma prática bolsa fechada com velcro, que esconde a válvula de escape de segurança. O sistema de correias é fácil de ajustar, e as tiras vêm bem compridas, permitindo o seu uso por mergulhadores de qualquer tamanho. O modelo lançado pela Nautika não possui inflador de emergência de CO₂, nem garrafa suplementar de ar comprimido. Uma prova da durabilidade do Nautisub é que o protótipo que *Mergulhar* vem usando há vários meses, continua como novo. O endereço da Nautika é: R. da Aviação 90, Santana, 02012 São Paulo, SP, tel.: (011) 290-9118 e 298-3933.



Roberto Duarte

Fonte: Acervo pessoal de Sergio Costa, 1983

Sergio Costa incentivou também o desenvolvimento de um compressor nacional pela empresa Rodabrás, o que ajudou a mitigar um grande problema vivido por empresários do ramo do mergulho: a quase inexistência de pontos de recarga para os cilindros de mergulho. Até então, algumas escolas de São Paulo (SP) abasteciam seus cilindros no corpo de bombeiros e

no Rio de Janeiro (RJ) recorria-se aos poucos locais de recarga, como a loja de Hermann, a Aquacenter e a Base de Submarinos Almirante Castro e Silva, na Ilha de Mocanguê em Niterói (RJ). Sergio Costa se lembra que antes de possuir um compressor para a sua escola, YG, ele:

[...] enchia o cilindro, no Bruno Hermann, depois não mais, eu enchi muito tempo o cilindro na Base Naval de Mocanguê em Niterói, [...] E depois eu comprei um compressor, comprei um protótipo, porque também era proibida a importação, eu fiquei sabendo de um cara de Limeira que chamava [...] Claudio, 'Claudinho.' Ele era um fabricante de rodas e entusiasta, mergulhador, foi um aluno do Álvaro Vilar Moreira e ele cismou de fazer um compressor. Era muito bom mecânico, tudo mais. Ele criou, fez um compressor e eu fiquei sabendo e fui lá e falei: 'Eu quero comprar um compressor teu.', ele falou: 'Mas eu não estou vendendo ainda, eu fiz só quatro protótipos.' e eu falei: 'Eu quero um!', aí ele falou: 'Mas como assim? E se não funcionar?', eu falei: 'Não, eu vou testar o teu... Você não quer o protótipo, eu vou colocar ele para malhar.'. Eu peguei [...] dele o número quatro, ou três, não me lembro. E aí eu tive esse 'compressorzinho' que era pequeno que, coitado, trabalhou até... (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022).

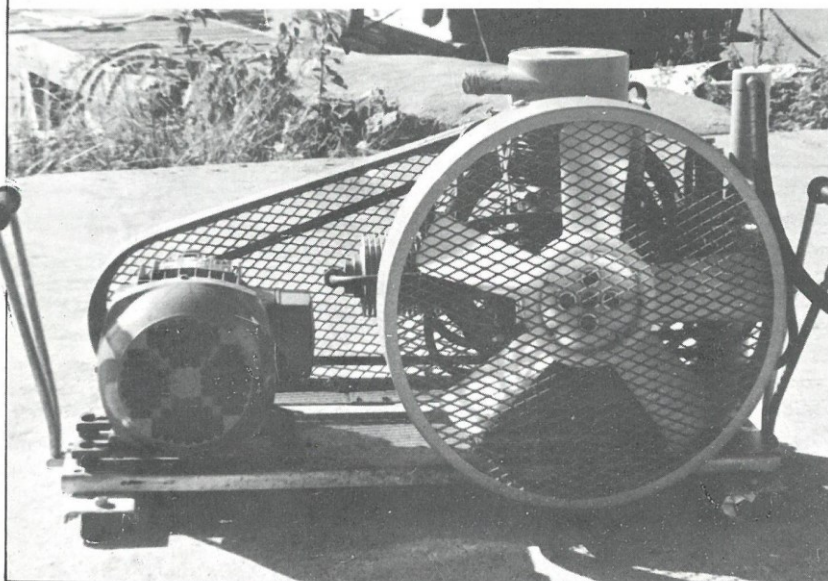
Os compressores começaram a ser anunciados na Revista *Mergulhar* em 1983 (Imagem 22) (Compressor de alta pressão..., 1983, p. 37). Seu lançamento pela empresa Rodabrás contribuiu significativamente para o mercado de mergulho naquele momento, permitindo autonomia às escolas, que precisavam efetuar cada vez mais recargas (Prando, 2018).

Imagem 22 – Anúncio do compressor Rodabrás na revista Mergulhar número 05 em 1983

Compressor de alta pressão

A Rodabrás lançou o *RB 7001*, que vem preencher o vazio neste setor da indústria brasileira. Totalmente nacional, bastante compacto e de baixo peso, este compressor pode ser facilmente transportado por duas pessoas (e até mesmo por uma só), possuindo alças adequadas e práticas. O RB 7001 pode funcionar tanto com motor a gasolina (5 HP) ou elétrico (3 HP), sua vazão a 1400 rpm é de aproximadamente

5 m³/hora, a uma pressão de trabalho de 200 atm. Em outras palavras, ele pode encher uma garrafa de 10 litros a 200 atm, em apenas 20 minutos. Dimensões: 1,00 x 0,38 x 0,51 m. Peso com motor elétrico: 53 kg., com motor a gasolina: 45 kg, sem motor: 30 kg. Endereço da Rodabrás: R. Lázaro Costa 167, CEP 13480 Limeira, SP, tel.: (0194) 41-8393.



Fonte: Acervo pessoal de Sergio Costa, 1983

Esse primeiro anúncio apresenta os dados técnicos do compressor recém-lançado pela Rodabrás. A partir dele outros anúncios do mesmo compressor passaram a ocupar espaço frequente nas páginas da Revista *Mergulhar*, acompanhando o crescimento de outras iniciativas de desenvolvimento de novos equipamentos pela indústria nacional. O aumento progressivo da fabricação de equipamentos no Brasil, assim como a entrada de alguns importadores, tornou-se perceptível ao longo da década de 1980 e está documentado ao longo do período coberto pela revista. Em 1983 era inaugurada a primeira máscara de silicone brasileira pela empresa

KAUCHUCK (Nautilus: a primeira..., 1983) e a válvula reguladora “Abissal” pela Cobra Sub (Válvula Abissal..., 1983, p. 10). No mesmo ano, a marca Air Sub, recém-criada por Claudio Guardabassi, lançava um narguilé flutuante (Narguilé Flutuante..., 1983, p. 37). Em 1985, a Air Sub lançava seus cilindros (Costa, 1985), enquanto Luca Padovano, Lucio Engler e Clovis Lee Mo lançavam a empresa Scubatec (Setta, 1987). Em 1986, foram criadas fábricas nacionais de equipamentos como a Seasub (por Pablo Varela) (Alcides, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022), a Leomar (por Leon Levi) (Novo: bem-vindo..., 1986), a T. Amato (por Ângelo Amato) (Cesar Nieto, entrevista concedida à autora em 18 fev. 2022; Cesar Nieto, entrevista concedida à autora em 12 ago. 2022), além dos citados cilindros *Amazon*, por iniciativa de Cesar Nieto (Cesar Nieto, entrevista concedida à autora em 18 fev. 2022; Cesar Nieto, entrevista concedida à autora em 12 ago. 2022). Em 1987, começam a ser anunciados os primeiros cilindros de alumínio da Scubatec (A emoção do..., 1987). Em 1988, a Air Sub lançava seu regulador de dois estágios Air-Flux II (Pinto; Werneck, 1988), as empresas T. Amato e Cobra Sub lançavam, concomitantemente, os primeiros coletes do tipo jaqueta (Pinto; Werneck, 1988; T. Amato..., 1988) e a Scubatec lançava as nadadeiras Jet Power (Jet Power: a tecnologia..., 1987).

Ainda que pontuais, algumas iniciativas de importação também aconteceram nesse período. A empresa Claumar realizou operações desse tipo, assim como um comerciante do estado do Rio de Janeiro conhecido como Oswaldo. No final da década, a empresa Fishing & Sports Company, estabelecida no Paraguai e administrada por uma negociante chamada Dominique, iniciou atividades no Brasil. Algumas escolas conseguiram realizar importações próprias. Em 1986, por exemplo, a Bandeirantes do Mar adquiriu equipamentos da marca Cressi no exterior e criou um sistema de consórcio para facilitar o acesso dos alunos aos produtos: a escola intermediava a compra coletiva, parcelava os pagamentos e distribuía os itens entre os participantes à medida que as prestações eram quitadas. Cesar Nieto também contribuiu com a importação de reguladores e outros itens da marca Dacor (Cesar Nieto, entrevista concedida à autora em 18 fev. 2022; Cesar Nieto, entrevista concedida à autora em 12 ago. 2022; Alcides, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022; Alcides, entrevista concedida à autora em 6 fev. 2022; Marly, entrevista concedida à autora em 17 fev. 2023).

O crescimento da produção e importação de equipamentos era uma condição para a expansão do número de praticantes e para a diversificação do perfil dos novos adeptos, uma

vez que, conforme os equipamentos se tornavam mais confiáveis e mais acessíveis⁶⁶, passaram a reduzir as exigências físicas e técnicas antes atribuídas ao mergulhador. A cada novo recurso que chegava ou era aperfeiçoado, tornava-se mais viável a ampliação da prática entre o público comum, diminuindo a necessidade de intensos treinamentos teóricos e físicos. A partir da perspectiva desenvolvida por Sant’Anna (2000), é possível compreender que o desenvolvimento de determinados equipamentos tinha como finalidade facilitar o mergulho, oferecer conforto e possibilitar uma experiência domesticada junto ao ambiente subaquático. Com isso, a prática deixava de ser associada ao enfrentamento de um meio hostil e passava a ser percebida como um momento de deleite, fruição e contemplação das belezas do fundo do mar.

Esses equipamentos não apenas forneciam proteção e cuidados diante de uma natureza percebida como violenta, mas também operavam como agentes de transformação das sensibilidades na experiência vivida. Como exemplifica Sant’Anna, a criação da luva de boxe “modificou sobremaneira as posturas e os gestos do boxeador, transformando sua percepção em relação à rapidez e ao impacto de cada golpe” (Sant’Anna, 2000, p. 4). De maneira análoga, os equipamentos de mergulho alteravam as possibilidades de encontro com a natureza e os modos de uso do ambiente submerso brasileiro para fins recreativos. Contribuíam, assim, para a emergência de novas representações simbólicas da experiência subaquática, como a noção de “nirvana submarino”, “retorno ao ventre materno” e outras imagens que associavam o mergulho a sensações de paz, refúgio e reconexão.

Novos desafios provocaram o desenvolvimento de outros equipamentos: câmeras fotográficas, facas, lanternas, bússolas. Cada novo equipamento possibilitava a prática, ampliava a experiência de lazer, assegurava conforto, segurança, controle, maior fruição e alterava a forma com que a experiência era vivida, ou seja, produzia novas sensibilidades diante do ato de mergulhar. Cada um dos equipamentos já desenvolvidos e adotados na prática do mergulho se constitui como uma nova forma de educação do corpo do mergulhador, e impactou em transformações no lazer e nas sensibilidades vividas no mergulho brasileiro.

Nesse sentido, os entrevistados destacaram como particularmente impactantes as descobertas, os desenvolvimentos e/ou as melhorias em equipamentos, como regulador,

⁶⁶ O termo “acessíveis” refere-se aqui à ampliação da oferta de equipamentos no mercado nacional. A produção local e a regularidade das importações tornavam possível adquirir itens que antes eram escassos ou inexistentes no país. A noção de acessibilidade não diz respeito, necessariamente, neste caso, à ampliação do acesso pelas camadas populares.

manômetro submersível, *octopus*, cilindro de alumínio, roupa de mergulho e, especialmente, o colete equilibrador do tipo “jaqueta”. Gabriel Ganme, por exemplo, considera que o regulador moderno de demanda de dois estágios foi o principal diferencial para a transformação do mergulho, especialmente por proporcionar uma respiração muito mais fácil. Ele destaca que, embora outros equipamentos como manômetro, profundímetro e colete equilibrador do tipo jaqueta também tenham sido importantes, foi o regulador que mais impactou sua experiência: “porque respirar no tal regulador de traqueia era horroroso” (Gabriel Ganme, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2022).

O desenvolvimento do regulador moderno de dois estágios tornou a inspiração mais leve, eliminando a necessidade de esforço para puxar o ar, e permitiu que o mergulhador assumisse diferentes posições no ambiente subaquático sem o risco de inundação do equipamento ou de inspirar água (Ribeiro Júnior, s/d. b). Já o manômetro submersível, equipamento que controla a quantidade de ar comprimido utilizada pelo mergulhador durante o mergulho, demorou a ser introduzido como equipamento obrigatório no Brasil. Os primeiros modelos apresentavam limitações: a mangueira, por não ser adequada às grandes pressões, permanecia rígida durante o uso, o que dificultava sua manipulação. Ainda nessas condições a chegada deste equipamento foi considerada por Sandderson Barros como uma tecnologia muito inovadora. O uso desses primeiros manômetros também gerou situações que remetem às histórias engraçadas, como a que ele narra:

Eu gosto de lembrar isso porque eu morro de rir. O manômetro, quando eu vi o meu primeiro manômetro, eu fiquei maluco, falei: ‘Porra’, que tecnologia!’. A mangueira [...] era de aço, era uma malha de aço que ela esticava e ficava reta, [...] aí você ia batendo [...] aquilo agarrando algas. Mas, ‘porra’, tinha um ponteiro para eu ver quanto eu tinha de ar, olha que luxo, foda era para trazer aquele ponteiro para ver, quando você via soltava, mas, ‘porra’, era uma tecnologia high-height, um troço que você: ‘ah... Pô!’ (Sandderson Barros, entrevista concedida à autora em 13 fev. 2023).

O manômetro submersível demorou a ser introduzido como item obrigatório no Brasil. Gabriel Ganme (entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023) lembra que, ao mergulhar no exterior por volta da década de 1980, ele e os amigos, mesmo tendo adquirido o equipamento, não sabiam utilizá-los corretamente. O hábito de retornar à superfície apenas quando o ar acabava, prática comum entre mergulhadores brasileiros naquele período, foi mal recebido fora do país. Segundo ele:

Aprontamos, porque você imagina, quando eu fiz curso, o manômetro não era obrigatório, eu nem sabia olhar para aquilo. Passamos por Miami, compramos, mas eu nem sabia: “Para que eu vou olhar isso daí? Quando acabar o ar eu subo.” Na primeira [vez] que a gente aprontou, o divemaster enlouqueceu: “Oh... vocês estão todos ‘malucos’, vocês estão a trinta metros e ficam sem ar?” (Gabriel Ganme, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023).

O Brasil ainda se acostumava ao uso do manômetro quando ele já era corriqueiro em outros países, sobretudo os Estados Unidos. Maurício Carvalho lembra que foi necessário um processo educativo e de convencimento para que seu uso se tornasse comum no país, o que só se consolidou a partir da década de 1990 (Maurício Carvalho, entrevista concedida à autora em 12 fev. 2022; Maurício Carvalho, entrevista concedida à autora em 23 ago. 2022). Os manômetros, assim como os profundímetros e os computadores — atualmente mais difundidos —, ao começarem a ser utilizados no Brasil, modificaram os modos de mergulhar. Por permitirem calcular o tempo de fundo e as profundidades a serem atingidas, esses instrumentos passaram a contribuir para o domínio e controle do ambiente subaquático, auxiliando no planejamento e na segurança dos mergulhos, além de ajudarem a prevenir doenças decorrentes da submersão.

Assim como o impacto causado pela chegada dos manômetros, os pioneiros destacaram outros equipamentos que contribuíram para a segurança e o conforto no mergulho. Os *octopus* ajudaram em situações de emergência provocadas por falta de ar no cilindro ou falhas nos equipamentos que comprometiam o acesso ao ar, assegurando uma fonte alternativa em caso de defeito no regulador principal e oferecendo segurança ao mergulhador e ao seu companheiro durante o compartilhamento de ar. Os cilindros de alumínio se mostraram vantajosos por serem mais leves e menos propensos à oxidação; já as roupas de mergulho proporcionaram conforto térmico, condição fundamental para que o mergulhador pudesse permanecer por mais tempo em ambientes onde a água é mais fria e o corpo tende a perder temperatura rapidamente.

O equipamento mais citado pelos pioneiros, cuja chegada representou um diferencial para que o mergulho se tornasse uma atividade mais acessível e difundida, foram os coletes estabilizadores, especialmente os do tipo jaqueta, que passaram a ser vistos com maior frequência no Brasil ao final da década de 1980. Como já mencionado anteriormente, a principal função do colete durante o mergulho é permitir o controle da flutuabilidade, por meio da compensação das variações no peso do corpo submerso ao longo dos diferentes momentos do mergulho. Randal explica que ele é “um equipamento igual à bexiga natatória do peixe, é o mesmo conceito da bexiga natatória” (Randal, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2022).

Ao se adicionar ar ao seu interior, corrige-se uma flutuabilidade negativa; ao retirar ar, ajusta-se uma flutuabilidade positiva. Dessa forma, o corpo permanece equilibrado na coluna d'água, sem subir nem afundar causando a condição conhecida como flutuabilidade neutra, ou seja, a sensação de ausência de peso corporal, frequentemente comparada à sensação de voo. Daí sua denominação como colete equilibrador ou compensador.

Randal esclareceu que o equilíbrio da flutuabilidade durante o mergulho depende não apenas do colete, mas também da interação com outros equipamentos, como o traje de neoprene e o cinto de lastro. Em águas quentes, onde o uso de traje é dispensável, esse ajuste é mais simples. No entanto, ao utilizar roupas de neoprene — feitas de material com estrutura de nitrogênio expandido — a flutuabilidade aumenta significativamente na superfície. Para compensar esse efeito e permitir a descida, é necessário o uso de lastro adicional. O problema surge durante a submersão: à medida que o mergulhador desce, a pressão hidrostática comprime o neoprene, reduzindo sua flutuabilidade, e o lastro que antes era necessário torna-se um peso excessivo (Randal, entrevista concedida à autora em 14 abr. 2022).

Essa dinâmica exigia técnicas específicas de segurança. Uma delas era o procedimento de emergência conhecido como *ditching*, que consistia em liberar o cinto de lastro para subir rapidamente à superfície. No entanto, esse procedimento envolvia riscos, pois a expansão do neoprene durante a subida podia causar uma aceleração descontrolada. Para evitar esse efeito; comparado por Randal a uma “catapulta” para a superfície, os mergulhadores eram treinados a realizar o *flare*, movimento de abertura de braços e pernas com as nadadeiras, criando resistência e desacelerando a ascensão. Essa técnica era fundamental para garantir uma subida controlada, inferior à velocidade da menor bolha exalada, respeitando o limite de segurança de aproximadamente nove metros por minuto. Dominar esse tipo de manobra exigia habilidade, tranquilidade e treinamento rigoroso por parte dos praticantes (Randal, entrevista concedida à autora em 14 abr. 2022).

Randal relatou que, justamente por exigirem controle corporal, experiência prévia e treinamento avançado — características comuns entre os pioneiros, mas ausentes entre iniciantes — o grupo responsável pelo desenvolvimento das terminologias e dos métodos de ensino do mergulho optou por não incluir manobras como o *ditching* e o *flare* no conteúdo direcionado aos novos praticantes. Os próprios termos não chegaram a ser traduzidos, já que o objetivo era adaptar o vocabulário e os procedimentos do mergulho *Scuba* ao português de forma seletiva, evitando a exigência de técnicas complexas. Nesse contexto, o desenvolvimento e a difusão dos coletes equilibradores desempenharam papel central: ao permitir o controle da

flutuabilidade de maneira simples e segura, tornaram obsoletas essas manobras mais técnicas, ampliando a acessibilidade e contribuindo para a expansão do mergulho autônomo amador no país (Randal, entrevista concedida à autora em 14 abr. 2022).

Assim, o desenvolvimento dos coletes pela indústria nacional foi conduzido pelos próprios mergulhadores, por meio de diferentes iniciativas. Randal Fonseca recorda os primeiros modelos produzidos pela Seasub, desenvolvidos por Pablo Varela, e relata ter participado dos testes desses equipamentos:

[...] E aí o Pablo da Seasub, não é? Começou a levar os primeiros modelos de flutuadores que ele desenvolveu para que nós pudéssemos testar e eu já nos EUA já tinha comprado alguns, então nós tínhamos." (Randal, entrevista concedida à autora em 14 abr. 2022).

Randal Fonseca explica que ao integrar o colete ao cilindro por meio de um *purge* — botão que permitia injetar ou liberar ar sem a necessidade de retirar o regulador da boca — houve um avanço significativo. Antes dessa inovação, o mergulhador precisava tirar o regulador da boca para encher o colete manualmente com sopros e, em seguida, recolocá-lo. A automatização desse processo facilitou o aprendizado, pois o praticante passava a confiar mais no equipamento, sentia-se mais tranquilo, evitava o cansaço excessivo e reduzia os riscos, inclusive o medo. Segundo ele, esses aprimoramentos foram fundamentais para viabilizar o turismo subaquático, uma prática considerada nova dentro de um contexto em que o próprio ato de mergulhar já era, por si só, uma novidade (Randal, entrevista concedida à autora em 14 abr. 2022).

Lola relatou que a adoção do colete estabilizador enfrentou resistência entre muitos mergulhadores tradicionais, especialmente entre os praticantes de caça submarina, que já estavam acostumados a fazer a compensação com o peso do corpo, o cinto de lastro e o controle da respiração — ela mesma teve muita dificuldade em aceitar o uso do equipamento (Lola, entrevista concedida à autora em 5 fev. 2022). Segundo ela, esses mergulhadores calibravam cuidadosamente a quantidade de chumbo no cinto para equilibrar o corpo com a flutuabilidade do neoprene: enchendo os pulmões era possível subir, esvaziando, descer. Nessa lógica, o colete era considerado dispensável. Ela mesma hesitou bastante antes de começar a usá-lo, pois desejava se manter alinhada aos métodos tradicionais (Lola, entrevista concedida à autora em 5 fev. 2022).

Segundo Randal, até 1990 o uso do colete também enfrentava resistência na Marinha do Brasil, por ser considerado incompatível com o perfil do mergulhador de combate. Com o

tempo, no entanto, esse cenário mudou, e o equipamento passou a ser amplamente adotado, inclusive pelos militares. No mergulho autônomo amador a introdução do colete representou uma inflexão importante, pois trouxe uma nova forma de manter o corpo no ambiente subaquático e de se relacionar com o meio. Ao facilitar o controle da flutuabilidade, o colete reduzia o esforço físico exigido, ajudava a manter a calma dos praticantes — especialmente dos iniciantes, que lidavam com medos e inseguranças — e permitia uma experiência menos extenuante. Segundo Randal, a redução do esforço respiratório contribuía diretamente para o prolongamento do tempo de fundo e para a observação mais silenciosa da vida marinha: “Porque agora não tem nenhum esforço respiratório [...] a gente chamava esse mergulhador que fazia esforço de mergulhador ‘sonrisal’, porque fazia imensa borbulha quando entrava dentro d’água. E essa borbulha espanta todo mundo de perto” (Randal, entrevista concedida à autora em 14 abr. 2022).

Sandderson Barros considera que o colete equilibrador foi decisivo para a expansão do mergulho autônomo amador. Para ele, o equipamento proporcionou o crescimento do mergulho ao permitir que qualquer pessoa, independentemente do preparo físico, pudesse mergulhar:

O colete equilibrador é o que faz o mergulho crescer, então eu digo que o colete equilibrador foi a linha tênue para a explosão do mergulho. Quando o colete foi implantado, chegou, ele fez com que o mergulho desse o ‘boom’ nos anos 80 para 90, nos anos 2000 explodir. Então, o colete... por quê? Porque o colete fez com que acabasse esse negócio de ser o super-homem. O colete, todo... qualquer pessoa poderia mergulhar, então acabou isso, acabou o gordo, o magro, o cara que tinha preparo físico, o que não tinha, todos eles poderiam mergulhar, então o colete foi maravilhoso” (Sandderson Barros, entrevista concedida à autora em 13 fev. 2023).

No mesmo sentido, Randal Fonseca afirmou que o colete transformou o mergulho ao romper com a imagem do herói atlético, tornando possível a participação de pessoas com mobilidade reduzida:

Ele é aquele que transforma a atividade do ‘Superman’, do herói, do homem forte. E qualquer pessoa, inclusive quem usa cadeira de rodas. Até então não podia, agora pode, com estabilizador muito bem equilibrado, qualquer pessoa vai utilizar o movimento vertical” (Randal, entrevista concedida à autora em 14 abr. 2022).

Como o colete permite manter o corpo em equilíbrio na água, ele também desempenhou papel central no desenvolvimento do turismo subaquático. Lola lembra que foi nesse contexto

que passou a reconhecer sua utilidade, uma vez que ela e outros pioneiros passaram a conduzir mergulhadores iniciantes com mais frequência. Nessas situações, o colete tornou-se um apoio essencial para manter o controle corporal do condutor junto ao peso do mergulhador conduzido. O uso constante nessas atividades contribuiu para que Lola se adaptasse ao equipamento e passasse a considerá-lo indispensável para a prática do mergulho autônomo amador (Lola, entrevista concedida à autora em 5 fev. 2022).

O desenvolvimento do turismo de mergulho, segundo Sandderson Barros, está diretamente ligado à popularização do colete equilibrador e, em seguida, à incorporação de outras tecnologias, como reguladores, máscaras e roupas para águas frias. Esse processo evidencia um ponto central: a transformação do acesso e da própria lógica da prática a partir dos equipamentos.

E foi com o ‘boom’ do colete e aí veio a tecnologia dos reguladores, das máscaras, principalmente nas áreas frias das roupas, não é... porque você vender mergulho no Caribe é fácil, você vender mergulho no Nordeste é mole, eu quero ver você vender mergulho no Arraial do Cabo (Sandderson Barros, entrevista concedida à autora em 13 fev. 2023).

A ampliação das possibilidades técnicas abriu caminho para que o mergulho se consolidasse como atividade turística estruturada, movimento que começou a se organizar entre 1982 e 1990 com a criação de procedimentos de operacionalização dos mergulhos, descobrimento de locais para mergulhar, estabelecimento de bases de mergulho para além do eixo Rio de Janeiro-São Paulo, marcando o início das operações comerciais e do turismo de mergulho internacional. Essas iniciativas se profissionalizaram especialmente a partir da década de 1990. E foram os pioneiros do mergulho autônomo amador que assumiram o protagonismo na criação das primeiras experiências comerciais voltadas a esse novo público, trilhando os primeiros passos rumo à profissionalização do mergulho como serviço turístico.

5.3 A invenção das operações comerciais de mergulho amador

[...] antes era um “bando de maluco” carregando seus cilindros nas costas e alugando barco de pesca para tentar mergulhar, não é? Então, foi no final da década de 80, começo da década de 90 que [...] o mergulho se tornou moderno, vamos dizer assim, deixou de ser

aquela coisa de exploradores [...] (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 6 fev. 2022).

As saídas de barco para aulas ou passeios/excursões já eram praticadas pelos caçadores que, de certa forma, dividiram conhecimentos sobre navegação, barcos e lugares. O caçador submarino Cícero S. Oliveira, por exemplo já levava pessoas para realizar caça nos mares de do estado de São Paulo. Em Búzios (RJ), uma iniciativa interessante precedeu a chegada das operações comerciais de mergulho autônomo: as aventuras submarinas de Ramon Alvellaneda, argentino radicado no Brasil que oferecia passeios de barco para quem desejasse mergulhar. Em 1978, o mergulhador Joaquim Carlos de Camargo Costa, conhecido como Jamanta, criou em Angra dos Reis (RJ) um curioso ponto de encontro onde, segundo ele, recebia amigos para se hospedarem e mergulhar. Esse local hoje em dia abriga a Jamanta pousada e operadora de mergulho⁶⁷.

Caçadores submarinos aprenderam com os pescadores “de linha” sobre lugares, regiões piscosas. Tatalo lembra-se que esses lugares eram chamados de secretos.

[...] Achava com pescador de linha, pescador de linha sabia todas as marcas, então eles levavam a gente em determinados pontos e aí a gente descia e tava lá uma laje, no fundo cheio de peixe, entendeu? Eram... Chamavam-se secretos, lugares secretos. Então a gente já mergulhava na certa, a gente ia lá, na fieira que é um pedaço de arame e ia pegando peixe, botando na fieira, subia que parecia uma saia, cheio de peixe na cintura (Tatalo, entrevista concedida à autora em 10 dez. 2022).

Mergulhadores autônomos aprenderam com pescadores “de linha” e caçadores submarinos sobre lugares onde a vida marinha era abundante.

[...] Os pescadores sabiam onde tinha peixe. Como que ele sabia? Porque ele pescava, então quando a gente descia, descobria que tinha um naufrágio, descia, descobria que tinha um lajeado, uma... Então quem é que descobriu o lajeado não foi o mergulhador, foi o pescador pescando, não é... Ele ia buscando o peixe e muitas vezes o pescador se orienta por um determinado tipo de pássaro, que... que se alimenta dos peixes que estão ali, então ele via os pássaros, sabia que se o pássaro tá ali zoando em cima daquele lugar deve ter peixe ali dentro, joga a isca, pega peixe, pronto. [...] Então o povo local de uma... mergulhador de uma localidade, pescador de uma localidade, mergulhador caçador, ele é a referência para você entrar no mar (Randal, entrevista concedida à autora em 14 abr. 2022).

⁶⁷ As informações sobre Joaquim Carlos de Camargo Costa (Jamanta) foram obtidas com Miguel Lopes e seus filhos Diana Moreira de Camargo Costa e Igor Moreira de Camargo Costa por WhatsApp.

Além do auxílio dos pescadores, Alcides Falanghe se lembra que a descoberta de novos lugares de interesse, conhecidos como pontos de mergulho, no litoral brasileiro, especialmente naufrágios, eram encontrados por meio de consultas e estudos às cartas náuticas.

[...] mesmo na época da Bandeirantes do Mar, a gente tinha que descobrir os pontos, então onde tinha naufrágio. Mas a gente sempre foi atrás do pescador, ou do caçador submarino, de alguém que já conhecia a região. [...] Ou então da carta náutica, não é? Então normalmente na carta náutica tem marcados os pontos de naufrágio, tinha também o doutor Hablitzel lá em... no Museu Histórico Naval, que no começo ajudou muito, ele tinha um mapa, mapeando todos os naufrágios da costa brasileira [...] E o pessoal foi se estabelecendo nesses novos destinos, os próprios operadores foram buscando os pontos de mergulho, não é? E descobrindo novos pontos, não é? [...] (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 6 fev. 2022)

Nem sempre as informações sobre os melhores lugares eram divididas, já que os caçadores e os mergulhadores autônomos tinham as suas diferenças. Além disso, alguns caçadores preferiam manter sob sigilo seus lugares preferidos e/ou entendiam que a prática do mergulho poderia afugentar os peixes. Já as indicações oferecidas pelos pescadores “de linha” geravam aos mergulhadores a necessidade de fazerem muitas visitas ao mesmo lugar para encontrar pontos de interesse, como os naufrágios, escondidos abaixo da superfície. De acordo com Maurício Carvalho, “era pura experimentação, tentativa e erro” (entrevista concedida à autora em 12 fev. 2022).

O estabelecimento das primeiras bases de mergulho no Brasil ocorreu, primordialmente, a partir de iniciativas de proprietários de escolas que as montavam, geralmente à beira mar, em cidades turísticas onde tinham relações e/ou facilidades, como, por exemplo, ter uma propriedade familiar de veraneio no local, além de estrutura, como barco, compressores, equipamentos e equipe de trabalho. Essas bases, inicialmente utilizadas para operações de aulas, realização de provas das próprias escolas e passeios de alunos egressos, acabaram se transformando em operações de turismo que atenderam/atendem alunos egressos de outras escolas. Sergio Costa se lembra que:

[...] cada operador de mergulho que foi se estabelecendo nesses pontos do litoral, começou a procurar onde levar o pessoal para mergulhar. Então o mergulho começou no Sudeste, ali entre Ilhabela e Paraty, não é? Tudo bem, a gente não tem as mesmas condições geográficas, por exemplo do Caribe, a mesma condição de água, mas assim, a gente tem lugares de mergulho que são tão bons quanto, nós temos naufrágios espetaculares no Nordeste, não é? [...]

em termos de beleza os recifes de corais aqui do Caribe nem a... quantidade de vida marinha, o exotismo da vida marinha da Austrália, da... Indonésia, do Pacífico, tá? (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 6 fev. 2022)

Ainda assim, as escolas descobriam pontos de interesse e empreendiam no serviço de passeio turístico na localidade. Entre as primeiras bases de mergulho que se estabeleceram no Brasil estavam as operadoras da Aquamundo, em Mambucaba, em Angra dos Reis (RJ); da Bandeirantes do Mar, em Ubatuba (SP); da YG nas cidades do Rio de Janeiro, Cabo Frio e Arraial do Cabo (RJ); na AquaRio em Cabo Frio e Arraial do Cabo (RJ). Já a Claumar levava os alunos para excursões em Ilhabela, Ubatuba, Laje de Santos e Alcatrazes, cidades localizadas no estado de São Paulo. Segundo Sergio Costa,

[...] pela minha experiência no Rio de Janeiro e pelo que eu sei do que o Álvaro fazia em São Paulo. Basicamente, não existiam barcos de mergulho. Então, o quê que se fazia? No Rio de Janeiro eu utilizava como lugar de turismo e de prova final de mar, utilizei muito Arraial do Cabo. [...] Porque Arraial do Cabo tinha bastante lugares abrigados e tinha uma estrutura de pequenos barcos, de... sabe? Que a gente chamava de ‘Toc Toc’, [...] o pescador, o dono do barco, alugava para turista. Então [...] eu colocava no meu orçamento para fazer a prova final de mar a locação de um barco desse. [...] Os alunos já sabiam na hora de se inscrever que tinham que, em um determinado momento, se juntar um no carro do outro [...] e ir para esse tal lugar para fazer a prova. Dessa atividade dentro do curso, extrapolou para o turismo, [...] ‘Bom, vamos organizar uma saída para Arraial?’, ‘Vamos!’, então juntava ‘fulano’ no ‘fusquinha’ dele, o outro: ‘Vamos tudo, leva todo equipamento.’. O equipamento era meu, ninguém tinha. Então... (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022)

Ele ainda conta que o turismo de mergulho surgiu da demanda dos alunos que formavam nas escolas existentes, com objetivo de continuidade da prática:

[...] no começo, [...] as pessoas [...] que tinham acabado de se formar, que quisessem continuar mergulhando, não tinha muito... pelo menos no Rio de Janeiro, não tinha muita opção. Não tinha operação de mergulho, então as pessoas se juntavam fazer pequenos grupos [...] E costumava fretar muito esses barquinhos e operar com isso, quer dizer, eu mesmo antes de ter meu barco cheguei alugar diversas vezes [...] para fazer a prova final de mar [...] (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 17 ago. 2022).

Essa movimentação dos recém-formados, que buscavam dar continuidade à prática organizando seus próprios passeios, foi registrada tanto no estado do Rio de Janeiro quanto no estado de São Paulo. Neste último, uma dessas iniciativas resultou na criação do Clube Santos Sub, formado por um grupo de amigos que se reuniam para viabilizar saídas à Laje de Santos.

Considerado um dos marcos iniciais do turismo de mergulho autônomo amador no país, esse clube foi seguido por outras iniciativas na cidade, como a da Escola Centralmar, de Clovis Benno de Carvalho, que passou a oferecer operações regulares também para o mesmo destino.

Em São Paulo, no litoral, o lugar onde, eh... praticamente iniciou a operação de mergulho do turismo submarino foi em Santos, que foi operação na Laje de Santos. Essa, digamos, do ponto de vista de operação de turismo, eu posso praticamente dizer: foi Santos que começou. Tinha um clube em Santos, chamava Santos Sub, que organizava esses passeios, essas saídas para laje... que não era uma operação fácil, viu? Porque naquela época os barcos eram lentos. E para ir para Laje de Santos demorava umas três horas, quer dizer: tinha que ser bom para fazer aquilo, para encarar aquilo (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 7 fev. 2022).

Clovis Benno foi uma figura central no desenvolvimento do mergulho em Santos (SP) e instituiu, com o famoso barco Karuíá, uma das primeiras operações comerciais de mergulho autônomo do país. Esse mergulhador ofereceu, ainda, uma curiosa contribuição para o fomento do turismo de mergulho na Laje, afundando, secretamente, o “casco” de um barco, que até hoje figura entre os conhecidos pontos turísticos subaquáticos do país, o naufrágio Moreia. Clovis Benno de Carvalho teve, ainda, participação na fundação do Parque Estadual Marinho da Laje de Santos (SP).

De acordo com Sergio Costa, novas operações surgiriam pela ação de “algumas pessoas mais apaixonadas [...] que tinham escolas de mergulho, ou estimulavam o surgimento de uma operação de mergulho no litoral, ou eles mesmos empreendiam nisso” (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022). No Rio de Janeiro, as operações da YG e da Aqua-Rio foram pioneiras. Na escola YG as primeiras operações ocorriam:

[...] tanto da prova final de curso, como o turismo subaquático [...] com meu barco, saindo no Rio de Janeiro que eu acho que foi uma das primeiras operações de mergulho regulares, quer dizer, como no começo [...] não tinha uma massa crítica muito grande de mergulhadores formados, então basicamente era sempre o mesmo grupinho que ia [...] (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 17 ago. 2022).

Todavia, com o crescimento do número de escolas e alunos formados a partir da década de 1980, houve um aumento da demanda dos alunos para conhecerem outros lugares, para além dos ligados às bases de suas escolas de origem. Esses alunos precisavam organizar suas próprias saídas de barco, reunindo parceiros para essa prática. Segundo Maurício Carvalho, o esforço empreendido nessas iniciativas era significativo:

Para você ter uma ideia, a gente saía do Rio de Janeiro seis horas da manhã com um cilindro no carro. Um! Viajava até Angra dos Reis, são duas horas de viagem. Aí chegava ali no porto de Angra, alugava um barquinho por hora, escolhia um ponto. [...] fazia um mergulho, porque tinha um cilindro. E depois voltava para o Rio de Janeiro (Maurício Carvalho, entrevista concedida à autora em 12 fev. 2022).

Sergio Costa se lembra que “[...] praticamente não tinha nenhuma pessoa que não ficasse deslumbrada ao botar uma máscara e respirar debaixo da água e dar aquele passeio. Todo mundo voltava extasiado” (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022). Entretanto, entre os que experimentavam a atividade, poucos permaneciam praticando. Sergio Costa observa:

Mas pergunta: ‘Quanto continuavam mergulhando?’. Não muitos. [...] Porque o mergulho em si exige sacrifício. Ele não é apenas um bem de consumo confortável. [...] Ele te entrega uma coisa boa, mas te exige sacrifício. [...] faz você passar frio, faz você ficar enjoado, faz você cansar muito, para aqueles poucos minutos de mergulho você tem toda uma montanha de coisas para fazer antes, durante e depois” (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022).

Esse esforço era ainda mais evidente para os que organizavam, por conta própria, os seus mergulhos, enfrentando sozinhos as tarefas de preparação, deslocamento, montagem, desmontagem e limpeza dos equipamentos. Sergio Costa avalia:

[...] quando você faz o teu mergulho, o sacrifício é muito maior, porque você tem que: preparar; planejar; arrumar todo equipamento; ir para o lugar; depois voltar; lavar todo equipamento; guardar todo equipamento. Tudo isso, quer dizer... Para uma hora de mergulho, você tem oito de trabalho. E aí nisso as operadoras ganham também, porque elas oferecem um maior conforto, tiram de você muita carga de trabalho (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022).

Os pioneiros representantes das escolas de mergulho logo perceberam que a continuidade da prática dependia da oferta estruturada de passeios, excursões e expedições, sobretudo aos pontos mais remotos. Com o aumento do número de mergulhadores formados e o interesse de turistas, tornava-se necessário acolher em suas embarcações alunos de outras escolas, o que levou à criação do serviço hoje conhecido como operação comercial de mergulho.

Mais do que um empreendimento financeiro, essa iniciativa buscava atenuar os desafios logísticos envolvidos na prática e incentivar sua continuidade no país. No contexto brasileiro, essas dificuldades foram/são agravadas pelo fato de que muitos dos principais pontos de mergulho se localizam afastados da costa, exigindo deslocamentos por barco. Nesse cenário, as operadoras passaram a desempenhar um papel central: além de viabilizar o acesso aos locais de mergulho com embarcações próprias, também ofereciam/oferecem estrutura para aluguel de equipamentos mais pesados, como os cilindros, e realizavam o abastecimento desses equipamentos. A importância dessas estruturas aumentou com a intensificação do turismo de mergulho internacional e, principalmente, diante do avanço das restrições de bagagem nas viagens aéreas, que exigiram a redução de carga por parte dos viajantes. Assim, a presença de pontos de recarga, embarcações equipadas e guias especializados tornou as operações comerciais um elemento fundamental para a própria existência do mergulho autônomo amador no Brasil. Como explica Sergio Costa:

Hoje em dia, em operação de mergulho, o turista chega e ele [o profissional que trabalha no barco] até veste a roupa dele, arruma ele, quer dizer, ele é um passageiro. Naquela época o turista que praticava mergulho com a gente, ele não era um passageiro, era nosso ‘brother’, nosso amigo: ‘Se vira malandro! Carrega o cilindro e leva para cá.’ E, enfim, era um grupo de amigos, era basicamente um grupo de amigos que ‘rachava’ as despesas (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022).

O mergulho amador, em pleno desenvolvimento, passava por um aumento do número de escolas, cursos e participantes. As saídas de barco que cada escola proporcionava aos seus alunos para a realização das “aulas de mar” angariavam outras duas importantes funções: turismo de mergulho e a experiência que pode ser realizada por pessoas não certificadas, acompanhadas por um mergulhador mais experiente, que passava a ser conhecida pela “[...] palavra batismo, que era chamada *Splash Party* em inglês. E depois batismo virou universal” (Randal, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2022).

A experiência da Escola Aqua-Rio, de Randal, com saídas organizadas em Arraial do Cabo (RJ), contribuiu para a construção de um modelo de operação voltado ao atendimento ao público, em um processo que precisou ser inventado. Segundo Randal, foi necessário desenvolver uma metodologia que articulasse as condições do ambiente subaquático, o uso apropriado dos equipamentos e o estado de saúde dos mergulhadores, assegurando que o mergulho ocorresse apenas quando houvesse condições seguras:

Tem que ter esse discernimento, tem que ter um equipamento adequado. Não pode ficar improvisando com ducha corona, com equipamento de flutuação que vem roubado do avião, que é o que estava sendo feito na época. (Randal, entrevista concedida à autora em 15 fev. 2022).

Como um serviço comercial, a operação de mergulho autônomo amador exigiu a elaboração de critérios técnicos, protocolos de segurança e a implementação de soluções logísticas. A preparação começava (não começa mais?) no dia anterior, com o abastecimento dos cilindros, higienização dos equipamentos, compra de água, alimentos e organização geral do material necessário para o dia seguinte. A bordo, cabia à equipe oferecer informações básicas sobre o ponto de mergulho a ser visitado e fazer os combinados prévios sobre os procedimentos técnicos do mergulho em si, distribuir os equipamentos alugados e/ou emprestados — lastros, cilindros, reguladores coletes, roupas, nadadeiras, máscaras —, oferecer suporte individualizado aos alunos com dificuldades em se equipar, organizar os grupos de pessoas por nível de instrução e nível de dificuldade do mergulho a ser feito com cada condutor e em cada lugar/horário; fazer a contagem e o controle de alunos antes e depois do mergulho. Para lidar com todas essas demandas, Randal recorreu à experiência adquirida como comissário de bordo, adaptando práticas da aviação comercial ao cotidiano das embarcações, segundo ele, “essas invenções foram de quem estava na frente de comando, quem estava ali, no dia a dia, tendo que aprender” (Randal, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2022).

Os pioneiros tiveram que aprender, a prestar atenção especial aos iniciantes durante a atividade subaquática. Randal Fonseca explicou que as operações precisaram ser estruturadas com base nas necessidades da pessoa mais vulnerável de cada grupo e não no desempenho do mergulhador mais experiente, sendo fundamental respeitar os limites dos novos praticantes: “Eu não posso nivelar pela pessoa mais forte, tem que nivelar por aquele mais frágil. [...] Se tiver um iniciante, nós temos que nos resignar ao iniciante, e não fazer o iniciante sentir a adrenalina.” (Randal, entrevista concedida à autora em 15 fev. 2022).

Os sinais de medo ou mesmo de pânico, frequentes nos primeiros contatos com o mergulho, precisavam ser percebidos a partir da linguagem corporal, como a respiração ofegante ou o descontrole dos joelhos. “Você olha para o joelho dele, ele está pedalando uma bicicleta, ou seja, ele volta para infância, ele não tem controle sobre os movimentos [...] que estão sendo instintivos” (Randal, entrevista concedida à autora em 15 fev. 2022). Minimizar o medo e o desconforto passou, assim, a integrar as responsabilidades de quem oferecia operações

comerciais, exigindo o estabelecimento de procedimentos específicos para passeios subaquáticos. Randal comparou a estruturação desses passeios a um desfile de escola de samba, descrevendo o mergulho contemplativo como uma experiência coletiva cuidadosamente planejada:

O que é o mergulho contemplativo? Aquele que você desce para observar um determinado percurso no fundo do mar e subir em segurança. Muito bem, então você tem que ter um líder que abre o caminho, direciona tempo, profundidade e direção e, um ‘tender’ que vai um pouco mais raso e um pouco mais atrás. Então, ele está vendo a equipe toda de neófitos ou ‘lazer’ no fundo e essa equipe tem que se comportar de acordo com o briefing, não pode ter ideias. Então ele segue o caminho e observa o que for mostrado e o daqui, qualquer intercorrência ele vai estar, para garantir que o indivíduo não suba em disparada, ele vem aqui atrás (Randal, entrevista concedida à autora em 15 fev. 2022).

A metáfora do desfile prossegue com a escolha dos roteiros subaquáticos e a distribuição das funções entre os profissionais da operação:

Nós somos iguais a uma escola de samba do Rio de Janeiro, nós temos uma meta, um tema carnavalesco, em que vamos visitar lagostas, uma passagem dentro da Pedra Seca ou vamos ver a caverna da Ponta da Sapata, vamos ver o naufrágio lá em Arraial do Cabo. Cada uma tem uma meta. Então é descrito, é feito o briefing, as pessoas concordam e vão. Então vai um documentando aquilo para dar visibilidade e manter a escola de samba coesa. E um que vai cuidando, que é o passista, que não deixa alguém perder o compasso, e vai um que é o abre-alas, mestre-sala, que vai tocando o rebu, entendeu? (Randal, entrevista concedida à autora em 15 fev. 2022).

Além da organização do passeio para a realização do mergulho autônomo amador, a profissionalização das operações comerciais dessa modalidade de mergulho como serviço ao público trouxe consigo uma série de exigências adicionais. Os operadores passaram a lidar com questões relacionadas ao uso sistemático de embarcações, o que implicava conhecimentos específicos de náutica; atendimento às normas da Marinha e adaptação dos barcos às necessidades da atividade. Era preciso compreender, por exemplo, que tipo de embarcação podia ser registrada legalmente, quais equipamentos de salvamento eram obrigatórios, como fundear com segurança e sinalizar corretamente os locais de mergulho. Parte dessas exigências foi aprendida pela experiência no cotidiano das operações, enquanto outras foram adotadas a partir da observação de modelos internacionais, como o John Pennekamp Coral Reef State Park, em Key Largo, na Flórida (USA), citado por entrevistados, como Claudio Guardabassi e

Fernando Kuramoto. Além disso, os operadores de mergulho autônomo amador passaram a enfrentar desafios relativos à gestão ambiental e à convivência com outras atividades litorâneas. Randal relembra que foi necessário evitar conflitos com pescadores, surfistas e moradores locais, bem como respeitar limites éticos e jurídicos quanto ao uso dos espaços costeiros e marinhos:

Essas questões: de propriedade; essas questões de privacidade; essas questões de que você vai utilizar o mergulho livremente, porém sem conflitos éticos [...] criados por causa da sua presença. Onde? Onde mais? Por surfista? Onde mais? Com os pescadores? Você vai mergulhar em um lugar que o ‘cara’ pesca com rede de cerco, ou vai mergulhar [onde] que ele pesca com canoa, como é Arraial do Cabo? Ele vai te odiar. Então vai haver conflitos do uso da área, sempre houve. (Randal, entrevista concedida à autora em 15 fev. 2022).

Quanto às áreas de proteção ambiental, os operadores de mergulho autônomo amador também precisaram aprender a lidar com as normas de uso e as restrições legais. A prática exigia conhecimento sobre direitos de acesso, permissões para coleta de organismos marinhos e limites impostos aos visitantes. Randal recordou que esse aprendizado envolvia compreender critérios de regulamentação do mergulho e das atividades associadas, como a pesca e a coleta de espécies:

Então nós temos que administrar o uso do... do parque nacional, como é Arvoredo, que é o único lugar [em] que se mergulha no Paraná. E Arvoredo, eh... é um lugar que é disputadíssimo, então quem é que tem direito a ir lá? Quem tem direito a pegar peixinho? Quem tem direito a pegar lagosta? Como que são essas questões: se o mergulhador pode pegar alguma coisa no fundo do mar: coral, peixinho, lagosta? Não, não pode! ‘Mas por que o outro pode?’ Então, ele tem que se inscrever na SUDEPE [...] (Randal, entrevista concedida à autora em 14 abr. 2022).

Essas situações demandaram articulações com órgãos ambientais e o entendimento de normas específicas para evitar sanções, conflitos com outros usuários e, sobretudo, garantir a permanência da atividade nos locais visitados (Randal, entrevista concedida à autora em 14 abr. 2022). Tais articulações se tornavam mais necessárias ao longo da década de 1980, período em que as operações de mergulho autônomo amador se intensificaram no Sudeste brasileiro e passaram também a se expandir para outras regiões do país.

Em 1983 Sergio Costa abriu, em sociedade com Germano Germano Preichardt, Carlo Paggani e Marco Rossi, uma operadora e escola de mergulho em Búzios (RJ), chamada Ponto

Mar e logo abriu, na mesma época, uma base de mergulho em Caravelas (BA) como ponto de partida para uma operação em Abrolhos (BA). Sergio conta que

[...] no Rio de Janeiro eu tinha uma loja aberta, em Búzios tinha uma loja aberta. Em Búzios era uma loja e operadora, com barco em Búzios e no Rio de Janeiro tinha uma loja com um barco no Rio de Janeiro. E chegamos a ter um barco durante uma temporada ou duas, em Caravelas, com um barco com uma lancha rápida, que levava as pessoas para Abrolhos, quando ainda Abrolhos não era parque nacional (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022).

A Ponto Mar substituiu a Escola YG e passou a atuar como escola e operadora na cidade do Rio de Janeiro. Sergio Costa também levou a marca a Minas Gerais, estado sem litoral, abrindo uma unidade em Belo Horizonte, que deu origem à escola atualmente denominada MarAmar, fundada em 1986, e ainda em atividade na capital mineira. Essa iniciativa dialogava com práticas já adotadas no estado de São Paulo, onde professores de mergulho autônomo amador, vinculados a lojas e/ou escolas, mantinham bases no litoral e organizavam viagens de mergulho autônomo amador no litoral.

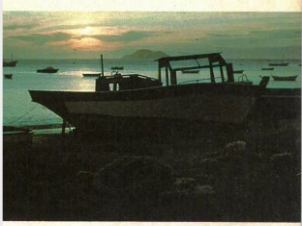
Imagem 23- Publicidade, na revista Mergulhar, da operadora e Escola Ponto Mar

Mergulhe em Búzios.



Por estar próximo aos grandes centros urbanos como São Paulo, Rio, Belo Horizonte e Brasília, e devido a fama internacional, Búzios está sendo descoberto cada vez mais pelos brasileiros. Hoje, o lazer náutico em Búzios tem um nome: Ponto Mar.

Cursos de mergulho – Excursões de barco – Recarga e aluguel de garrafas – venda de equipamentos – Butique – Curso de esqui-aquático e pára-quedas ascensional – Charters de veleiros.



Informações: Ponto Mar –
R. Bento Ribeiro Dantas
212 A, Armação dos
Búzios. Cabo Frio, RJ.
☎: (011) 266-6066,
286-4593 e 226-4656

Abrolhos: Agora mergulhar é mais fácil!



Todas as maravilhas do primeiro Parque Nacional Submarino ao seu alcance.

No Hotel Mar e Sol, em Barra de Caravelas, você encontrará apartamentos com banheiro, bar e restaurante. A Ponto Mar também instalou a primeira **estação de recarga** de garrafas para facilitar as possibilidades de você conhecer as maravilhas de Abrolhos.

Além disso, você encontra o melhor e mais rápido serviço de barco para o arquipélago e todos os outros serviços da Ponto Mar, como *boutique*, aluguel de equipamentos e etc...



Informações: Ponto Mar –
R. Prof. Alfredo Gomes 3,
Botafogo, RJ.
☎: (011) 266-6066,
286-4593 e 226-4656

No mesmo sentido, novas operações de mergulho autônomo amador se consolidaram a partir do estado de São Paulo. Em 1984 a Claumar, que acabara de construir o barco Parcel I, de onze metros e especializado para turismo submarino, lançava uma operação de mergulho autônomo amador em Ilhabela (SP) (Há muitos anos... 1984). Em 1985, Guardabassi oferecia programas regulares de turismo de mergulho autônomo amador, em grande estilo, a partir de Ilhabela (SP) para ilhas paulistas e cariocas, como Alcatrazes em São Sebastião (SP), Búzios (RJ), Angra (RJ) e Parati (RJ): o navio Hipocampo pertencente ao comandante Jeannes Platon, navio este muito citado durante as entrevistas como significativo para o desenvolvimento das operações comerciais de mergulho autônomo amador à época.

Imagem 24- Publicidade, na Revista Mergulhar, da operação de turismo submarino Claumar no navio Hipocampo

COMECE A PROCURAR QUALIDADE

Em seus programas de mergulho a CLAUMAR oferece sua Divisão de Operações e garante segurança, descomplicação e os melhores mergulhos.

QUALIDADE NO HIPOCAMPO:
UM NAVIO FEITO PARA O MERGULHADOR

Um caça-minas convertido para mergulho: 2 compressores Cascata e ar ilimitado; locação de equipamento. *Divemaster* e cursos à bordo.



Programas regulares para ilhas paulistas e cariocas: Alcatrazes, Búzios, Angra e Parati. Destinos a combinar no caso de fretamento.

São 42 metros e 300 toneladas de plataforma e uma equipe especializada para atender grupos de mergulhadores e acompanhantes. Barco aberto (bilhetes individuais), fretamento total ou pacotes para grupos de interesse específico. A partir de Janeiro, cruzeiros de 1 semana com conforto, exclusividade e serviços completos.

Fonte: Acervo de Sergio Costa, 1985

Ao portfólio de destinos, Claudio Guardabassi acrescentou, ainda, em 1985 (Comece a procurar... 1985), o oferecimento de operações de mergulho autônomo amador em Fernando de Noronha (PE).

Bom, estava no regime militar [...] e conseguimos embarcar no voo e fomos para lá, no ‘peito e na raça’. E, chegando [...] Noronha não tinha nada [...] provavelmente eu fui o primeiro a criar [...] programa de mergulho para Fernando de Noronha. [...] Fernando de Noronha [...] não pertencia a Pernambuco não [...] era território federal de Fernando de Noronha. E aí o governador me autorizou [...] aí de fato eu montei um programa lá, dois compressores, cilindros, reguladores, tudo montado [...]. Contratei um amigo, o Edson — Edson Prando — ele acabou ficando lá muitos anos (Claudio Guardabassi, entrevista concedida à autora em 02/11/2022)

Na segunda metade da década de 1980, o direito de exploração do turismo de mergulho nesse arquipélago foi transferido para o mergulhador e fotógrafo submarino Russel Coffin, participante do movimento pela transformação de Fernando de Noronha em um Parque Nacional Marinho, o que se tornou realidade em 14 de setembro de 1988, por determinação do Decreto Federal nº 96.693 (Brasil, 1988). Coffin era executivo da empresa Coca-Cola no Brasil e proprietário da empresa Águas Claras Produções Submarinas em Niterói (RJ). A Águas Claras fora instalada na ilha como escola e operadora de mergulho, administrada por Edson Prando por algum tempo. Randal Fonseca foi convidado para integrar a equipe de gestores e por muito tempo trabalhou como gestor da Águas Claras em Fernando de Noronha (Randal, entrevista concedida à autora em 15 fev. 2022; Randal, entrevista concedida à autora em 14 abr. 2022, Lola, entrevista concedida à autora em 5 fev. 2022). Outra operadora de turismo inaugurada na década de 1980 foi a NDS, fundada em 1986 por Fernando Kuramoto, Paulino Takashi Tsuji, Renato Tsuji da Cunha e Choji Humberto Kitahara em Ubatuba (SP) (Kuramoto, entrevista concedida à autora em 13 fev. 2023).

O aumento da oferta de operações de mergulho autônomo amador no Brasil, ao longo da década de 1980, ampliou as possibilidades de viagens e de destinos para a prática do mergulho, contribuindo para a formação de um mercado interno voltado ao turismo subaquático. Paralelamente, intensificavam-se também as viagens voltadas à prática do mergulho em destinos internacionais, processo que a partir da segunda metade da década começou a configurar um mercado específico de turismo de mergulho autônomo amador internacional.

Este mercado começou a se sistematizar a partir da atuação de Alcides Falanghe, que fundou a empresa de turismo *Sail Tours*, na cidade de São Paulo, em 1986. Antes disso, ele já havia iniciado suas atividades com turismo receptivo em Maceió (AL), onde adquiriu uma franquia da Carlson Wagonlit Travel, operando sob o nome *Sail Tours*. Foi nesse contexto que teve o primeiro contato com o turismo de mergulho internacional, conforme relembra:

[...] em Maceió, recebi um pessoal dos Estados Unidos, da Sea Safaris. Eu já estava colaborando nessa época com fotografias para a revista *Mergulhar* do Sergio Costa, então já participava de concursos de fotografia, essas ‘coisas’ todas, não é? [...] O Sergio me mandou... ligou para mim, falou: ‘Olha estou com uma americana aqui, ela está procurando montar pacotes de mergulho aqui para o Brasil, queria conhecer o Nordeste...’. E aí eu recebi essa americana, que era de uma operadora de mergulho da Califórnia, a Sea Safaris, e ela me deu... trouxe o catálogo com todos os destinos de mergulho que ela tinha no mundo e eu falei: ‘Nossa, olha isso daqui...’. Então, mergulhos no Caribe todo, no Pacífico, liveaboard, era uma coisa, assim, que a gente nem imaginava que existia, não é? E aí eu falei: ‘Não, isso aqui, de repente...’. Eu estava naquela fase de voltar para São Paulo, ainda estava com um negócio lá, falei: ‘Bom, vou fazer um negócio igual o dela aqui no Brasil, vou montar uma agência de turismo, uma operadora de turismo especializada em mergulho e deve ter gente que vai viajar para mergulho, não é? Então, vou oferecer para as escolas de mergulho...’, que tinham quatro, cinco em São Paulo já na época.’ (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022).

Com a carta-patente da agência de Maceió, Alcides transferiu a empresa para São Paulo no final de 1985, formalizando a abertura da agência no primeiro semestre de 1986:

Então, quando eu voltei pra São Paulo, eu montei a agência e já comecei com os primeiros pacotes de mergulho. Nesse período, entre montar a agência e vir de Maceió, me estabelecer em São Paulo, foi no final de 85, não é... e a agência em São Paulo acabei abrindo no primeiro semestre de 86. (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 6 fev. 2022).

O catálogo da Sea Safaris, que incluía muitos destinos de mergulho no mundo, inspirou Alcides a lançar seu primeiro pacote internacional ainda naquele ano: “Vamos começar pelo Caribe que é o mais fácil e depois a gente começa a abrir outros produtos.” (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 6 fev. 2022). Em junho de 1986, organizou uma viagem com um grupo da escola, loja e operadora Narwhal para Galápagos e Cozumel. Essa viagem foi a primeira de muitas outras que deram início ao turismo de mergulho autônomo amador internacional a partir do Brasil para diferentes destinos de mergulho mundiais.

As nascentes operações comerciais de turismo subaquático em nível nacional e internacional ampliaram a gama de lugares a serem conhecidos, e de experiências vividas junto ao ambiente subaquático e gerou a necessidade da apresentação da certificação de mergulhador para a realização dos passeios de mergulho. Todavia, no Brasil, entre 1982 e 1990, período em o mergulho se desenvolvia com o aumento de escolas operações e equipamentos, a certificação era um grande impasse a ser superado.

5.4 Reconhecimento e legitimação do mergulho amador: criação da certificadora nacional ABMA

Durante a primeira metade da década de 1980, a proliferação de escolas de mergulho amador levou a Confederação Brasileira de Pesca e Desportos Subaquáticos (CBPDS), entidade que representava a caça submarina como esporte no país, a intervir junto às novas instituições de ensino de mergulho autônomo, buscando que se filiassem ao seu conselho. Uma dessas iniciativas ocorreu por meio de uma visita do presidente da Federação Paulista de Desportos Subaquáticos (FPDS), Marcos Sampaio Guimarães, à redação da Revista *Mergulhar*, quando entregou, além de uma carta destinada à publicação, uma circular para dirigentes e instrutores, um currículo para formação de mergulhadores, um calendário esportivo, o regulamento da Copa Atlântida de Natação Equipada, uma ficha de registro de presença na FPDS e um levantamento das atividades de instrução. A carta foi publicada no espaço de debates do oitavo número da revista, em que Guimarães demonstrava reprovação ao fato de que o credenciamento de mergulhadores havia ficado “[...] a cargo das escolas que se proliferam como nunca, sem qualquer regulamentação ou legislação” (Guimarães, 1984, p. 20), orientando ainda os leitores quanto à obrigatoriedade de filiação à CBPDS.

Sergio Costa respondeu ao conteúdo enviado, destacando que “a visita em caráter praticamente oficial foi para o editor da revista e, ao mesmo tempo para o instrutor de mergulho” (Costa, 1984, p. 20). Afirmou que sua resposta seria feita não apenas como editor, mas também como instrutor e mergulhador. Declarou que, embora evitasse demonstrar partidarismo, a Revista *Mergulhar* mantinha uma posição de simpatia pelas escolas independentes, que “graças a elas existem milhares de mergulhadores amadores no Brasil, formados sem ajuda de ninguém, com recursos próprios e enfrentando enormes dificuldades” (Costa, 1984, p. 20). Segundo ele, essas escolas buscaram aplicar metodologias reconhecidas

internacionalmente, adaptando e modernizando aspectos considerados obsoletos, de modo a construir métodos “nacionais modernos e eficientes, sem nenhum complexo de inferioridade” (Costa, 1984, p. 20).

O coletivo de responsáveis por escolas e cursos, o terceiro grupo ao qual Sergio Costa integrava, deu continuidade à luta contra a obrigatoriedade de filiação à CBPDS, iniciada anteriormente por Álvaro Moreira, levando adiante o confronto e protagonizou uma das maiores tensões da história do mergulho no país. A disputa envolvia mais do que a dissociação entre mergulho amador e caça submarina. Outro ponto central da disputa, segundo Sergio Costa, estava no fato de o mergulho autônomo amador não se configurar como prática esportiva. Ele argumentava que, assim como dirigir um automóvel não é considerado um esporte — exceto em contextos específicos de competição —, o mergulho praticado por lazer também não deveria ser subordinado a uma lógica esportiva. Como exemplificou: “Como não é um esporte dirigir um automóvel, apesar de que em determinadas circunstâncias (competições) ele se torne tal coisa. Para tirar uma carteira de motorista amador, não é preciso frequentar nenhuma escola filiada à confederação de automobilismo.” (Costa, 1984, p. 20). Para ele as autoescolas, assim como as escolas de mergulho amador, ofereciam formação técnica desvinculada do universo competitivo.

Sergio Costa também reforçava a distinção entre o mergulho autônomo e a caça submarina, afirmando que um instrutor de caça poderia, muitas vezes, desconhecer completamente a prática do mergulho com cilindros: “O mergulho autônomo amador não é a caça submarina, e um mestre de caça pode, e é comum, não entender nada da prática do mergulho autônomo.” Nessa lógica, tornar obrigatória a filiação a uma federação de cunho esportivo colocava em risco a autonomia das escolas, principalmente porque a CBPDS e suas federações filiadas só reconheciam formalmente clubes, ligas e associações, não empresas. Como destacou, “fica impossível para uma escola que é uma empresa filiar-se a uma federação, quando esta só admite clubes, ligas e associações desportivas.” (Costa, 1984, p. 20). Além disso, manifestava preocupação com a fragilidade dos critérios de reconhecimento de instrutores por parte da federação paulista, criticando a homologação facilitada com base apenas em documentação: “Outro ponto que me deixa perplexo é a facilidade com que são homologados instrutores através de documentos que recebem papel timbrado da FPDS.” (Costa, 1984, p. 20).

Essas divergências culminaram no afastamento do grupo ao qual Sergio Costa pertencia em relação à CBPDS. Esse coletivo, composto por responsáveis por escolas e cursos de mergulho, dispunha de plena capacidade técnica para atuar com formação de mergulhadores

sem a necessidade de filiação à confederação, mesmo reconhecendo que os direitos de representação da Confederação Mundial de Atividades Subaquáticas (CMAS) no Brasil pertenciam formalmente à CBPDS.

Segundo Costa, o presidente da CBPDS era reconhecido por seu conhecimento em caça submarina e pesca de linha, mas não dispunha de estrutura voltada ao ensino do mergulho autônomo ou experiência didática nesse campo. Como relatou:

Porque ele era presidente de uma confederação [...] nacional. Então, fazia o quê? Embora ele fosse, a estrutura não existia, mas ele era presidente de uma confederação legalmente constituída, que tinha representatividade. E, portanto, ele usou isso. Ele falou: ‘Não, sou eu a autoridade de mergulho no Brasil.’, aí as pessoas que faziam o mergulho falavam: ‘Sim, tudo bem, mas você não entende nada disso, cara.’ [Riso], entendeu: ‘Não, mas e daí? Não importa. Eu sou a autoridade.’, quer dizer: ‘Eu que vou fazer, entendeu?’.

(Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 17 ago. 2022).

Sergio Costa relata que, com o tempo, a presidência da CBPDS passou a reunir colaboradores em torno da confederação com o objetivo de organizar os trâmites necessários à emissão de certificações voltadas ao mergulho amador. Ele se lembra que “Precisou juntar algumas pessoas que aí foram depois ajudando, que tinham algum conhecimento, que foram, digamos, dando uma força para ele, entendeu?”. Todavia, como afirma, o impasse estava posto: “era uma briga porque a gente [...] apesar de deter a tecnologia, o conhecimento, a gente era meio que ilegal, porque não tinha uma certificadora. (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 17 ago. 2022)

Na prática, com exceção dos campeonatos de fotografia subaquática, a CBPDS não dispunha de mecanismos efetivos para exigir que as escolas adotassem sua certificação como condição para ministrar cursos ou operar no turismo de mergulho. Como explicou Sergio Costa, a confederação não tinha instrumentos formais de cobrança:

Não, porque isso nem podia, não tinha um instrumento para fazer isso. As únicas coisas que ele podia... as ferramentas que ele tinha de pressão, era o seguinte, vamos dizer: a partir do momento que a Confederação Mundial de Atividades Subaquáticas organiza uma competição de fotografia submarina, eu, digamos, eu sou fotógrafo certificado na escola de ‘fulano’, ‘sei lá’, eu tenho certificado de mergulho, mas eu não posso ir ao campeonato mundial se eu não me filiar à Confederação Brasileira (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 17 ago. 2022).

Segundo Sergio Costa, o próprio meio se autorregulava. Como quase todas as escolas haviam surgido no mesmo período e muitos instrutores compartilhavam formações em comum, as relações de confiança suprimiam a necessidade de validação por certificadoras oficiais:

Porque todas as operadoras de mergulho, meio que... Imagina um mercado que se auto-regula? Como todos iniciaram quase que ao mesmo tempo, eram alunos de alunos e era um meio que todo mundo se conhecia, através da própria revista também, através dos eventos que a gente chegou a fazer, os encontros, era um grupo de pessoas que se conheciam. Então, digamos que era um mercado que se auto-regulava. Eu tinha o meu barco de mergulho, se chegasse alguém de São Paulo com a certificação da Aquamundo, embarcava e mergulhava, da Claumar, embarcava e mergulhava, porque eu conhecia, sabia. Até muitas vezes conhecia até o instrutor do cara: 'Ah... fiz o curso com 'fulano'.', "Ah... foi com 'fulano'? Beleza.", entendeu? Então, o certificado era meio desnecessário às vezes, porque você conhecia, sabia de onde vinha. E de qualquer maneira era um mercado autorregulável, não tinha uma fiscalização (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 17 ago. 2022).

A autorregulação do mercado permitia certa autonomia às escolas para desenvolver seus próprios sistemas de ensino. No entanto, com o aumento do número de escolas e o crescimento das operações de turismo de mergulho ao longo da década de 1980, os proprietários passaram a enfrentar obstáculos que culminaram na criação, em 1983, de uma certificadora nacional voltada exclusivamente ao mergulho amador: a ABMA (Imagem 25).

A ABMA objetivava, por um lado, estabelecer padrões de ensino e certificação próprios, desvinculados da CBPDS e da caça submarina, e, por outro, afirmar o mergulho amador como uma prática distinta, também, do mergulho comercial (Falanghe, 2018, Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022; Nieto, 2019; Cesar Nieto, entrevista concedida à autora em 18 fev. 2022; Cesar Nieto, entrevista concedida à autora em 12 ago. 2022; Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022; Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 7 fev. 2022; Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 17 ago. 2022).

Imagem 25- Divulgação da carteira de mergulhador ABMA na Revista *Mergulhar: a descoberta do mar*



Fonte: Acervo de Sergio Costa

Essa iniciativa de regulamentação do mergulho amador a partir da criação da ABMA, se relacionava a uma demanda dos mergulhadores comerciais que, paralelamente, lutavam pelo reconhecimento e regulamentação da profissão junto ao Ministério do Trabalho. Assim, entre os mergulhadores que frequentavam a residência e loja de Randal e Paulinho Cinderela, localizada na Urca, formou-se um grupo que lançou as primeiras ideias para a criação da Associação Profissional de Atividades Subaquáticas (APAS), fundada em 18 de agosto de 1978. Essa associação foi o embrião do atual Sindicato dos Trabalhadores em Atividades Subaquáticas (SINTASA), instituído em 15 de fevereiro de 1985 (Cruz, 1985; Randal, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2022).

Entre as ações da APAS, destaca-se a produção e publicação do boletim informativo *Alta Pressão*, que tinha como objetivo esclarecer e dar visibilidade aos trabalhos do grupo liderado por Raul Cerqueira, Antônio Carlos Jacques, Arduíno Colasanti e outros mergulhadores atuantes no mergulho comercial. Esse coletivo, em articulação com representantes das escolas de mergulho amador — sobretudo os integrantes da ABMA —, atuou pela regulamentação das práticas de mergulho amador e comercial entre o final da década de 1970 e o início da de 1980 junto às autoridades brasileiras, que precisaram, inicialmente, compreender que se tratava de atividades distintas. Randal Fonseca relembra as dificuldades enfrentadas para fazer essa distinção ser reconhecida formalmente. Segundo ele, a própria Marinha questionava a existência da profissão:

A Marinha perguntava assim: — ‘Como atividade profissional de atividades subaquáticas, se atividades subaquáticas não é profissão? Vocês são esquizofrênicos! Vocês não podem ser profissionais de uma atividade cuja atividade não exista, nessa ordem de profissões reconhecidas pelo Ministério do Trabalho’. Então, foi uma batalha conseguir fazer isso. E aí, a batalha era mostrar que quem ganhava dinheiro era mergulhador profissional; quem gastava dinheiro, era mergulhador amador (Randal, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2022)

Randal conta que como Marinha ainda não sabia distinguir as atividades, ela também não sabia diferenciar os papéis das entidades que formavam cada uma delas. De acordo com ele, esse desconhecimento levou ao fechamento de sua escola de mergulho pelo governo brasileiro por ocasião da morte de um mergulhador comercial. O fato levou à necessidade de Randal, outros representantes do mergulho amador e do nascente sindicato dos mergulhadores comerciais a prestarem esclarecimentos junto ao governo federal (Randal, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2022). Randal relembra que em uma delas estavam presentes:

[...] Ministério do Trabalho e outro, Ministério de Minas e Energia, [...] e a Marinha. Então, tinha Marinha, Petrobrás e Ministério do Trabalho. [...] Eu peguei o meu curso NAUI, que eu tinha traduzido, comprado por autorização... todos os slides, eu tenho até hoje [...] Aí eu levei ele lá e projetei dentro do Ministério da Marinha para o Almirante, e para o César Cals; para o presidente do sindicato, para o advogado do sindicato, para o assessor do presidente... E fomos todos lá para dentro... E eu dei uma aula de mergulho [...] do ponto de vista técnico-científico, dos equipamentos, das doenças, das técnicas de adaptação do organismo ao fundo do mar, das questões de descompressão. Tudo. [...]. Então, o que aconteceu? Terminou aquilo. Eles acenderam a luz. Eles falaram assim: — Cara, eu nunca soube que isso era o mergulho... o Almirante da Marinha! Então, todas as frases proferidas foram enaltecendo [...] (Randal, entrevista concedida à autora em 15 fev. 2022).

Estas discussões foram adensadas ao longo dos anos 1980 com outras reuniões e com a realização de três convenções para o desenvolvimento do mergulho amador, em 1983, 1984 e 1985, que reuniram mergulhadores como Cesar Nieto, Randal e Sergio Costa. Nesses encontros foram realizadas palestras e discussões sobre o cenário político e pedagógico do mergulho amador (Randal, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2022; Randal, entrevista concedida à autora em 14 abr. 2022; Nieto, 2019).

O I ciclo de debates para o desenvolvimento do mergulho amador foi organizado pela Escola de Mergulho Aqua-Rio, em Cabo Frio (RJ), nos dias 10 e 11 de dezembro de 1983, no Apart Hotel Marinas do Canal (Primeiro ciclo de debates... 1984, Oliveira Júnior, 1985). Neste evento foram realizadas “sete palestras seguidas de animados debates, além de exposições de fotografias submarinas e projeções de slides” (Primeiro ciclo de debates... 1984, p. 55). Foram proferidas explanações sobre medicina hiperbárica pelos médicos Ari de Matos e Renato Carvalho da Silva; divulgação do mergulho amador por Sergio Costa e de equipamentos de mergulho por Joaquim José Antunes Neto, de fotografia subaquática pelo fotógrafo Mário Bonfatti e de ciência por Fábio Costa e Carlos Alecrim.

A palestra denominada *A Regulamentação da Atividade Subaquática no Brasil*, proferida pelo presidente da APAS, Raul Cerqueira, trazia novidades sobre o andamento das discussões sobre a regulamentação dos mergulhos comercial e amador que pareciam desaquecidas. Na palestra denominada *Aspectos Legais da Prática do Mergulho Amador*, ministrada por Antônio Carlos Jacques (APAS), emergiu uma polêmica importante sobre a “indefinição existente sobre quais são as fronteiras entre o mergulhador profissional e o mergulho amador que trabalha com ciência” (Primeiro ciclo de debates... 1984, p. 55). A dúvida pairava sobre o tipo de regulamentação a ser aplicada ao mergulhador científico, que não pertencia ao rol dos mergulhadores amadores ou comerciais; a sugestão foi a criação de uma organização própria para estes mergulhadores (Primeiro ciclo de debates... 1984, p. 55). Atualmente conhecido como mergulho científico, esse tipo de atuação ainda trafega entre as duas modalidades e não tem legislação própria.

O II Ciclo de Debates para o Desenvolvimento do Mergulho Amador foi promovido pela ABMA e pela Aqua-Rio nos dias 10 e 11 de novembro de 1984, em Cabo Frio (RJ), no Iate Club Costa Azul, e contou com a presença dos órgãos ligados às atividades subaquáticas e os ministérios da Marinha, do Trabalho e da Educação (Godoy, 1985). As autoridades participaram de discussões sobre distinção e regulamentação das diferentes atividades de

mergulho. No primeiro dia do encontro discutiu-se a profissionalização dos trabalhadores do mergulho amador e Cesar Nieto, da Escola Aquamundo, “falou sobre a proliferação de cursos de mergulho sem a seriedade apropriada” (Godoy, 1985, p. 60). Segundo ele, era preciso definir que órgão ficaria responsável pela atuação dos instrutores de mergulho amador.

Raul Cerqueira, presidente da APAS, explicou às autoridades sobre a necessidade do estabelecimento de padrões de ensino e alertou “para a entrada no mercado de profissionais sem preparo básico, causa de muitos acidentes, até mesmo fatais” (Godoy, 1985, p. 60). Os grupos de mergulhadores amadores e comerciais solicitavam às autoridades a criação das duas profissões e a emissão de uma certificação aos dois tipos de profissionais pelas autoridades. A solicitação esteve em análise no órgão Diretoria dos Portos e Costas (DPC), “onde demorou muito, devido à entrada de um novo diretor que preferiu estudar mais a questão do mergulho amador por achá-la, aparentemente, confusa” (Godoy, 1985, p. 60) e desenhava-se uma indicação de que os instrutores de mergulho fossem credenciados como professores pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) (Godoy, 1985).

O novo diretor da DPC era Gerônimo Pedro de Araújo, que estava disposto a ouvir os mergulhadores e se fez presente durante todos os dias do evento. O grupo de mergulhadores conseguiu esclarecer sobre a atividade e o pleito pela regulamentação. Sergio Costa, da YG, lembrou ao diretor que “a aeronáutica credencia instrutores de voo amador sem passar pelo MEC, a Marinha poderia fazer o mesmo” (Godoy, 1985, p. 60). Entre as sugestões surgiu uma interessante ideia elaborada por Hélcio Valtsman, do Instituto Oceanográfico Netuno (RJ), de que se dividisse o mergulho amador em esportivo e de lazer com cursos “controlados pelo MEC, mas a execução seria pertinência da Marinha” (Godoy, 1985, p. 60).

Entre os entraves, a Marinha entendia que o mergulho amador deveria seguir protocolos do mergulho militar e o representante do Ministério do Trabalho discutiu com os mergulhadores, por exemplo, sobre “a necessidade de uma câmara de descompressão na superfície para mergulhos há mais de 40 metros e com descompressão superior a vinte minutos” (Godoy, 1985, p. 60), regras que não se aplicavam à atividade amadora. O encontro pareceu surtir efeito e o representante do DPC simpatizou com críticas sobre a legislação, considerada inviável pelos presentes, que apontaram regiões do mundo muito procuradas por mergulhadores, mas sem nenhuma câmara” (Godoy, 1985, p. 60). O evento terminou com o comprometimento de se realizar outras reuniões entre as entidades envolvidas e a ABMA passou a compor o grupo de trabalhos.

O III Ciclo de Debates, organizado pela Escola YG e pela ABMA, com suporte da empresa Bio-Infor, de Nelson Marques de Oliveira Júnior, aconteceu de 18 a 20 de outubro de 1985, no Rio Othon Palace Hotel. Neste evento foram realizados três simpósios concomitantes: *O Homem e o Mergulho amador*, com debates e filmes científicos e de trabalho em audiovisual de fotógrafos submarinos de renome; *Instrução, Operação e Regulamentação do Mergulho Amador*, que reuniu instrutores e representantes de órgãos oficiais e do mergulho; *As Ciências do Mar e o Mergulho Amador*, com cientistas, fotógrafos e representantes de órgãos de pesquisa e de conservação ambiental (Cruz, 1985).

Na mesa de abertura estavam Clovis Lee Mo, então presidente da ABMA, a vereadora Ludmila Mayrink, Jorge Albuquerque da diretoria da Confederação de Atividades Subaquáticas, Sergio Costa do YG, Carlos Alecrim e Nelson Marques de Oliveira Júnior da empresa Bio-Infor. Os fotógrafos e cinegrafistas de renome internacional estiveram presentes, entre eles Jorge Albuquerque, Russel Coffin e Kurt Dreyer e arrancaram aplausos nas projeções do mundo subaquático. A Ecologia foi um debate importante e os mergulhadores entenderam que sua atividade dependia da preservação do ambiente. O segundo simpósio acabou por se transformar em uma reunião técnica da ABMA. Os Ciclos de Debates se encerraram no III encontro e os organizadores planejavam a expansão das atividades com a realização de congressos de mergulho, em nível nacional, nos anos seguintes, todavia este plano não foi adiante. O grupo participou de um evento denominado EXPOSUB, realizado pela empresa Bio-Infor, coordenada Nelson Marques de Oliveira Júnior, que não teve edições consecutivas (Cruz, 1985, Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022; Randal, entrevista concedida à autora em 15 fev. 2022; Randal, entrevista concedida à autora em 14 abr. 2022).

Os trabalhos do coletivo surtiram efeitos junto às autoridades. Quanto à regulamentação do mergulho profissional, gerou a construção, pela Marinha em conjunto com mergulhadores, da Norma Regulamentadora número 15 (Brasil, 1983), que dispõe sobre operações de mergulho insalubres, sob condições hiperbáricas, válida até os dias atuais. Quanto ao mergulho amador, as autoridades entenderam a competência técnica dos mergulhadores autônomos para prosseguirem sem interferências governamentais que, a partir de então, poderia regular o conteúdo, certificar alunos e realizar operações comerciais de mergulho. O mercado ficou autorregulado, ou seja, a atividade passou a ser organizada pelos próprios mergulhadores amadores e essa foi/é uma vitória comemorada até os dias atuais pelos entrevistados (Randal, entrevista concedida à autora em 15 fev. 2022; Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022).

A ABMA, entretanto, não chegou a oferecer um método de ensino unificado entre as escolas filiadas, permanecendo diferentes modelos de formação. Além disso, a certificação oferecida pela associação era desconhecida nos pontos de mergulho internacionais que, por vezes, recusavam aceitá-la e a permitir que mergulhadores brasileiros mergulhassem. Este problema da certificação ficou insustentável com o aumento do número de escolas de mergulho e de mergulhadores no país na segunda metade da década de 1980, a ABMA não teve vida longa e encerrou suas atividades entre o final de 1980 e o início de 1990 (Falanghe, 2018, Alcides, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022; Nieto, 2019; Cesar Nieto, entrevista concedida à autora em 18 fev. 2022; Cesar Nieto, entrevista concedida à autora em 12 ago. 2022; Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 1 fev. 2022; Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 7 fev. 2022; Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 17 ago. 2022).

5.5 Novos rumos e transformações do mergulho amador: em direção ao mergulho autônomo recreativo

A falta de padrões nas metodologias de ensino e ausência de uma certificação persistiam e o crescimento do número de escolas e operadoras de mergulho amador gerava um desafiador intercâmbio entre as escolas do país que recebiam, em seus barcos, alunos desconhecidos, formados por outras escolas, especialmente quanto à diversidade de tipos e níveis de formação, problema que precisava ser sanado a partir de padronização de metodologias de ensino e certificação do mergulho. Quanto às viagens ao exterior, as dificuldades começaram a existir quando alunos formados no Brasil tentavam usar as certificações expedidas pelas próprias escolas em que formaram. Este impasse se intensificou a partir da segunda metade da década de 1980 com o crescimento do mergulho que se tornava mais conhecido no país, especialmente a partir de 1985, quando o mergulho invadiu a televisão aberta do país.

Neste ano estreava na TV Record o programa semanal *Aquashow*, produzido pelo diretor e produtor de televisão Valter Bonasio, que exibia imagens subaquáticas capturadas pelos mergulhadores cinegrafistas Alcides Falange, Fernando Kuramoto e Tulio Shargel. O sucesso deste programa o levou a ser exibido no Discovery Channel e gerou a série documentária *Mergulho*, que fez sucesso nas videolocadoras no Brasil e exterior (Brasil mergulho, 2024 s./p.). Este programa foi impactante para a difusão do mergulho e incentivou a procura por cursos de mergulho, que cresciam, se especializavam e levavam o mergulho a um outro patamar quanto à formação e quanto à busca por certificações, compatíveis com a nova realidade que se desenhava no mergulho brasileiro. Novas lojas, operadoras e certificadoras chegaram ao país a partir da segunda metade da década de 1980 dando novos rumos ao mergulho autônomo recreativo conforme é conhecido na atualidade.

Entre as grandes iniciativas criadas entre o final de 1984 e o início de 1985 estão as Escolas Narwhal Atividades Subaquáticas (Imagem 26) — na Avenida Divino Salvador 548, em Moema (SP), por iniciativa do mergulhador egresso da Bandeirantes do Mar, Fernando Lopes — e Aquadive (Imagem 27), na Rua Alagoas 952, no Barreiro de Moema na cidade de São Paulo (SP), criada por Robert Zwirn.

Imagem 26- Primeiro anúncio da escola Narwhal na revista Mergulhar



"VERÃO 85"

CURSOS:
MERGULHO LIVRE E AUTÔNOMO

LOJA: EQUIPAMENTOS NAC. E IMPORT.
BOUTIQUE MODA MAR

TURISMO SUBMARINO E LAZER TOTAL

 **NARWHAL**
Atividades Subaquáticas

Av. Divino Salvador, 548 - Moema • SP Fone: (011) 240-4560

Fonte: acervo de Sergio Costa, 1985

Imagem 36- Primeiro anúncio da loja Aquadive na revista Mergulhar

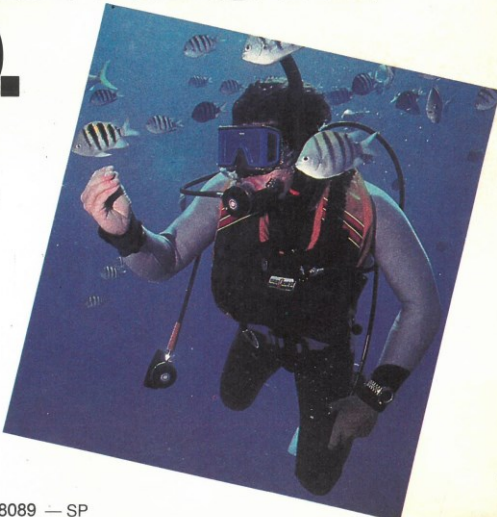
MERGULHE NESTE ANÚNCIO.

Melhor ainda, mergulhe na Aquadive. Ela tem a mais completa linha de equipamentos, acessórios, cursos de mergulho livre e autônomo com certificados internacionais, oficina completa de manutenção e recarga. Além das roupas para você encantar as sereias que circulam pela praia. E uma surpresa (das boas): os preços não são nada salgados. Venha logo fazer uma visita pra gente. Ou você vai querer ficar boiando?

Mergulhar nos Abrolhos:
Organizamos saídas de grupo ou individuais.

 **AQUADIVE**

Rua Alagoas, 952 (bem em frente à FAAP) Tel.: 67-8089 — SP



Fonte: acervo de Sergio Costa, 1985

De acordo com Alcides Falanghe, a loja Aquadive teve papel decisivo na ampliação do mercado do mergulho em São Paulo (SP), sendo responsável por um primeiro momento de grande visibilidade da atividade na cidade. Fundada no final de 1985, essa loja surgiu sem vínculo direto com grupos pioneiros da caça submarina ou escolas, como a Bandeirantes do Mar ou o Instituto Dallo Sub. Seus fundadores vieram do ramo do aquarismo e decidiram investir na venda de equipamentos de mergulho (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022).

Sem contar inicialmente com uma equipe própria de instrutores, a Aquadive passou a comercializar cursos ministrados por profissionais independentes, como Fernando Kuramoto e José Carlos Tosi, um capitão dos bombeiros que também atuava como instrutor. Mesmo sem oferecer formação direta, a loja ganhou destaque ao apostar em estratégias de marketing inovadoras para o período, como investimento em publicidade visual em toda a cidade, incluindo placas nas ruas com a logomarca e a bandeira da empresa, o que contribuiu para associar a imagem dessa loja à prática do mergulho (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022).

Instalada em frente à Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP), a loja passou a atrair estudantes e jovens interessados, tornando-se um ponto de referência. Segundo Alcides, o sucesso foi impulsionado pela formação em marketing de Robert Zwirn e pelo cuidado estético e estrutural da loja. Esse conjunto de fatores provocou um aumento expressivo no interesse pelo mergulho e deu início ao que Alcides Falanghe identificou como a primeira “moda do mergulho” na cidade de São Paulo (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022). Outra iniciativa importante para a ampliação do mergulho recreativo no período foi a abertura, em 1987, da Escola ABC Submarino: de e cursos e atividades subaquáticas, em Santo André (SP), pelo mergulhador Roberto Aparecido Parola. Filiada à CBPDS, a escola contribuiu para a difusão da atividade na região do ABC paulista. Em 1995, Roberto Aparecido Parola adquiriu a Escola Narwhal, que se tornou uma referência na formação de mergulhadores, desempenhando papel relevante no desenvolvimento da prática no país, integrando as duas iniciativas.

Nesse contexto de expansão e diversificação das escolas de mergulho no país, destaca-se a fundação em junho de 1987 da Escola Dive Paradise, localizada na Alameda Campinas, 688, em São Paulo, pelos sócios Gabriel Ganme, Niels Victor Rauert Celeghin e Marcelo

Ribeiro de Moraes, sendo esta a primeira escola no Brasil a oferecer formação com certificação da PADI, iniciativa que partiu de Gabriel Ganme.

Insatisfeito com as metodologias baseadas em técnicas militares adotadas por algumas escolas brasileiras, Gabriel Ganme decidiu buscar outra abordagem. Durante a entrevista que me concedeu, lembrou que, ainda na época da residência médica, realizou uma viagem de férias com um amigo para Bonaire (NL), onde percebeu a forte presença dessa certificadora internacional: “eu fui nas férias para Bonaire com um amigo e só ouvia falar de PADI para cá, PADI para lá, olharam a minha carteirinha, olharam a carteirinha dele e deram risada da gente, mas deixaram a gente mergulhar” (Gabriel Ganme, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023). Em uma segunda viagem, desta vez a Cozumel, observou novamente o domínio da certificadora e acabou sendo incentivado por um guia local a realizar o curso de divemaster da PADI: “fiquei amigo de um guia de mergulho que me convenceu [...] me mandei para o México, [...] fui fazer o curso de monitor de divemaster da PADI” (Gabriel Ganme, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023).

Após retornar ao Brasil, Gabriel concluiu a residência em Medicina e usou suas economias para viajar aos Estados Unidos, onde concluiu o curso de instrutor da PADI: “assim que voltei para o Brasil, eu recebi o diploma de especialista de pediatra e me mandei para os Estados Unidos com as minhas economias para fazer um curso de instrutor da PADI” (Gabriel Ganme, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023). Ao retornar, fundou a sua primeira “primeira escola de mergulho, [...] Dive Paradise” (Gabriel Ganme, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023).

A Dive Paradise foi o ponto de partida para uma parceria entre Gabriel Ganme e Claudio Guardabassi. Segundo Gabriel Ganme, Claudio Guardabassi já havia iniciado o Projeto Acqua e o convidou para integrar a equipe: “Claudião já estava montando o Projeto Acqua, me chamou, lá tinha uma piscina maravilhosa. Fui trabalhar no Projeto Acqua” (Gabriel Ganme, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023). Durante nossa conversa, Gabriel Ganme enfatizou a importância de Claudio Guardabassi na história do mergulho em São Paulo (estado), recomendando: “Claudião é a história de mergulho de São Paulo — Claudio Guardabassi, se você não falou com ele você tem que falar” (Gabriel Ganme, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023).

A recomendação não era exagerada. Nas entrevistas que realizei com Claudio Guardabassi desvelaram-se inúmeras contribuições oferecidas ao longo de mais de cinquenta anos de dedicação ao mergulho, em suas distintas manifestações. Trata-se de uma trajetória que,

por si só, exigiria um estudo específico, o que não foi possível desenvolver nesta tese por limitações de escopo e tempo, mas que pretendo abordar futuramente. Entre essas iniciativas esteve o Projeto Acqua (Imagem 28 e Retrato 27), inaugurado em 1988 por Guardabassi e um grupo de investidores, que funcionou na Rua Chipre, 180, no bairro Vila Olímpia, em São Paulo (SP). Claudio Guardabassi vislumbrava outro caminho para o mergulho amador e instituiu no Projeto Aqua projetos que mudaram o rumo dos programas de ensino e certificação do mergulho em São Paulo e no Brasil (Guardabassi, entrevista concedida à autora em 2 nov. 2023).

Imagem 28 – Anúncio do Projeto Acqua na revista Mergulhar

O Projeto Acqua traz o fundo do mar até você.



Aprenda a mergulhar com a gente.

O Projeto Acqua está de portas abertas. É o primeiro Centro Integrado de ensino, lazer e cultura, voltado às atividades aquáticas. Um espaço novo e sofisticado que reúne tudo para você começar sua aventura submarina. É um verdadeiro oceano de atrações:

- Cursos de mergulho, adulto e infantil (com credenciamento internacional)
- Academia de esportes super equipada
- Piscina semi-olímpica coberta e aquecida para cursos de natação
- Exclusiva torre de mergulho com 15 metros de profundidade para aperfeiçoamento
- Auditório e laboratório de biologia marinha.

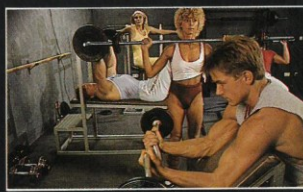
Venha conhecer agora mesmo as surpresas do Projeto Acqua. As inscrições para os cursos e demais atividades já estão abertas no próprio local. Venha mergulhar nesta nova emoção.

PROJETO ACQUA

Rua Chipre, 180
Vila Olímpia
CEP 04545
São Paulo - SP
Tel.: (011) 542 1922



O Projeto Acqua dispõe de uma sede moderna e ampla, com uma decoração sofisticada e espaços livres para seu conforto.



Completa academia de esportes, com equipamentos modernos para exercícios de musculação, ginástica e condicionamento físico.



No agradável e descontraído Convés, você vai provar drinks especiais e se deliciar com iguarias à base de frutos do mar.



Lojas que reúnem tudo sobre a moda náutica, além de venda, manutenção e locação de equipamentos para mergulho.



Agência de turismo especializada para programar o seu mergulho nos lugares mais exóticos do mundo.

Retrato 27 – Retrato da fachada do Projeto Acqua



Fonte: Acervo pessoal de Claudio Guardabassi s./d.

O projeto Acqua contava com estrutura nunca vista na América Latina. A obra, que ocupava uma área de 4.800 metros quadrados, foi descrita pela reportagem da Revista Mergulhar como “faraônica” (Setta, 1988, p. 58). Ela contava com uma torre cilíndrica para mergulho de 4 metros de diâmetro e 15 metros de altura, duas piscinas — uma semiolímpica e outra voltada ao mergulho, com três metros de profundidade —, além de academia de musculação, pista de cooper, três salas de aula com capacidade para oitenta e uma pessoas cada, sala médica, anfiteatro para sessenta pessoas, sauna, laboratório de biologia marinha, três lojas, agência de viagens e turismo, bar, lanchonete e um restaurante especializado em frutos do mar (Setta, 1988, p. 58). Este projeto Acqua funcionou como um centro estruturado de formação em

diversos tipos de mergulho, oferecendo cursos nas categorias livre, avançado, autônomo júnior (para crianças a partir de 11 anos), autônomo básico (14 anos), autônomo avançado, divemaster e assistente de instrutor. Também eram oferecidas especialidades como “fotografia submarina, vídeo, mergulho noturno, profundo, naufrágio e mergulho especial para deficientes físicos” (Setta, 1988, p. 59).

O setor de ensino foi inicialmente coordenado por Ricardo Meurer (Lalo), instrutor formado pela PADI. Gabriel Ganme havia sido convidado para atuar como médico responsável pela área de medicina hiperbárica do Projeto Acqua, que contava com uma câmara hiperbárica em suas instalações. No entanto, com a saída de Lalo, Ganme foi chamado por Claudio Guardabassi para assumir a coordenação de ensino: “o ‘Claudião’ falou: ‘Larga essa porcaria da câmara e vem cuidar do mergulho’”. A partir daí, passou a se dedicar à formação de novos instrutores pela PADI (Gabriel Ganme, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023).

Gabriel Ganme e Ricardo Meurer (Lalo), com apoio de Claudio Guardabassi, organizaram a primeira formação de Instrutores *PADI* no país em 1990, nas dependências do *Projeto Acqua*. Neste curso, Gabriel Ganme e Lalo atuaram como *Staff Instructor* do curso ministrado por *course directors* (diretores de curso) vindos dos Estados Unidos. Entre os formados estão Alcides Falanghe, Ricardo Moreira da Silva (“Rico”), Roberto Parola (Gabriel Ganme, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023). Em seguida, após obter formação como diretor de cursos, ele mesmo passou a ministrar cursos de instrutores pela certificadora PADI (Gabriel Ganme, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023). Gabriel Ganme fundou, ainda a escola e operadora de mergulho Diving College em São Paulo (SP), no dia 23 de novembro de 1994.

As ações de Gabriel Ganme no departamento de ensino do Projeto Acqua foram fundamentais para o estabelecimento da formação de mergulhadores e instrutores pela certificadora PADI no país⁶⁸. Esta implementação estava alinhada às ideias de Guardabassi, que mantinha uma busca por instituir programas das certificadoras internacionais como solução dos problemas de instrução e certificação pelos quais passava o mergulho no país (Gabriel Ganme,

⁶⁸ A PADI estabeleceu-se oficialmente no Brasil apenas em setembro de 2002. Até então, a certificação de mergulhadores e instrutores era gerida pelo escritório da empresa nos Estados Unidos: a documentação era enviada por correio e as carteirinhas retornavam pelo mesmo meio. Sem material didático em português, Gabriel Ganme e outros mergulhadores realizaram traduções dos livros e distribuíam apostilas fotocopiadas aos alunos. Com a chegada da PADI ao Brasil, o processo foi agilizado: a emissão das carteiras passou a ser feita no país e os alunos passaram a receber livros diagramados em português. Atualmente, as certificações são digitais.

entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023; Claudio Guardabassi, entrevista concedida à autora em 2 nov. 2023).

Nesse contexto, Claudio Guardabassi também articulou os primeiros programas de formação de instrutores no Brasil pelas certificadoras *Technical Diving International* (TDI) e *National Association of Underwater Instructors* (NAUI), ambos realizados em 1996 nas dependências do Projeto Acqua. A TDI era reconhecida como uma das pioneiras no segmento de mergulho técnico e a NAUI uma das certificadoras mais tradicionais da área. Segundo Claudio Guardabassi, a iniciativa foi viabilizada a partir do contato com um colega que mantinha uma relação próxima com Bret Gilliam, recordista mundial de mergulho profundo, consultor da Scubapro e fundador da TDI:

E aí, tinha um colega que ele tinha um relacionamento muito bom com o Bret Gilliam. Bret Gilliam era um camarada que detinha o recorde mundial de mergulho profundo, mais profundo. E ele era, se não me engano na época, ele era um consultor da Scubapro. E ele criou uma organização chamada TDI, *Technical Diving Instructors*, que quando estava começando o mergulho técnico. Ainda não tinha o mergulho técnico, estava começando, estava iniciando (Claudio Guardabassi, entrevista concedida à autora em 2 nov. 2023).

A proposta inicial de Claudio Guardabassi era trazer a NAUI ao país, já que Gilliam também integrava essa organização. O acordo evoluiu para a introdução simultânea das duas certificadoras:

E aí eu fui falar com o Bret Gilliam, na realidade eu não queria o TDI, eu queria a NAUI, porque ele também fazia parte da NAUI, não é? E aí ele falou: ‘Não, então nós vamos trazer a NAUI também.’. Aí trouxe o Bret Gilliam para cá. Bret Gilliam e Mitch Skaggs, que era um outro companheiro dele também, ele ensina os programas de mergulhos, de instrutores de mergulho. E aí nós instalamos os dois programas (Claudio Guardabassi, entrevista concedida à autora em 2 nov. 2023).

Para consolidar os programas de formação dessas certificadoras no Brasil, Claudio Guardabassi viajou aos Estados Unidos em busca do credenciamento e dos materiais necessários:

Aí eu tive que voltar para o Estados Unidos, [...]; a NAUI era na Califórnia; e aí eu fui buscar todo o credenciamento, todo o material que precisava para lançar os programas. E daí nós começamos a ministrar o programa também pela NAUI. Tinha a NAUI, tinha a PADI, os instrutores podiam ser PADI ou podiam ser NAUI, os credenciados. Mas o credenciamento da NAUI, nós é que fazíamos o credenciamento da organização da NAUI. E a TDI também, gerando novos instrutores, gerando alunos também. Enfim, [Riso] essa

questão de credenciamento nós trouxemos muita coisa (Claudio Guardabassi, entrevista concedida à autora em 2 nov. 2023).

A implementação dos programas de formação e credenciamento pela NAUI, oferecidos no Projeto Acqua, ficaram sob a responsabilidade dos instrutores Mario Augusto Ferrari de Castro e Rafael Luiz de Nicola Almeida, que fundaram no final dos anos 1990 a escola *Divers University* e passaram a representar e administrar oficialmente a NAUI no Brasil⁶⁹.

Claudio Guardabassi apoiou ainda a introdução da certificadora AIDA de apneia moderna no Brasil, trazida por sua filha, Claudia (Claudio Guardabassi, entrevista concedida à autora em 2 nov. 2023). Sua trajetória à frente do Projeto Acqua impulsionou a formação de uma geração de instrutores que se engajaram no ensino do mergulho por meio das certificadoras internacionais. Com sua atuação, consolidou-se como figura central no processo de implementação no país dos sistemas PADI, TDI, NAUI e AIDA.

Enquanto Claudio Guardabassi articulava a chegada de novas certificadoras e consolidava sua atuação por meio do Projeto Acqua, os membros do grupo que compunha a ABMA também redefiniam seus caminhos. Com o fim da associação, esse coletivo passou a adotar os métodos das certificadoras internacionais, incorporando novas diretrizes de ensino e certificação. De acordo com Alcides Falanghe, esse modelo foi inicialmente apresentado a um grupo de pioneiros brasileiros durante um DEMA Show, entre 1987 e 1988. Realizado anualmente nos Estados Unidos desde 1977, o DEMA Show é o principal evento voltado aos profissionais da indústria do mergulho. Alcides explica:

O DEMA Show é a feira mundial de mergulho, não é? É uma feira que acontece todo ano — até hoje — um ano na costa Oeste, um ano na costa Leste, tá? Que é a grande feira de mergulho mundial. E como no Brasil já tinha aí esse pessoal, então o Sergio Costa com a revista Mergulhar; foi o Robert; o Lucio; o Gabriel; eu, foi um ‘bando’ de brasileiros para ver o que era essa feira, não é? E de repente a gente descobriu um mundo, que era o mercado mundial de mergulho, que era uma coisa, assim, muito mais avançada do que a gente tinha no Brasil. Em termos de tudo, em termos de equipamento, o mundo inteiro estava lá, de turismo, as certificadoras todas. E [...] não é uma feira aberta ao público geral. Você tem que ser instrutor ou ter algum negócio relacionado a mergulho para poder participar, tá? Então, quando a gente começou a participar do DEMA Show, aí o pessoal começou a ver que a gente tinha muita coisa para trazer para o Brasil, não é? Então, começou o pessoal a importar equipamento, eu comecei a trazer um ‘caminhão’ de opções de turismo, no mundo inteiro, você chegava no DEMA, era um corredor só de operador de turismo da Bahamas, outro só de operadores de hotéis e resorts de Bonaire. Então, assim, aquilo ali foi assim: ‘Uau!’, não é? Começou... a

⁶⁹ Desde 2002 o atual presidente da certificadora de mergulho NAUI é o mergulhador Jornada.

gente a ter um sonho de transformar o mercado brasileiro em um ponto que a gente chegasse pelo menos próximo dos Estados Unidos, porque o mercado lá era gigantesco e a gente realmente estava ‘engatinhando’ nessa época, não é? Então, foi no final da década de 80, começo da década de 90 que aconteceu isso. O mergulho se tornou moderno, vamos dizer assim, deixou de ser aquela coisa de exploradores, para ser realmente um negócio que dava condição das pessoas viverem dele. Antigamente era mais uma atividade, um hobby, um lazer do que... realmente um negócio (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 6 fev. 2022).

Os pioneiros inauguraram no Brasil um ramo incipiente do mergulho amador, movidos pela paixão à atividade. Nesta nova fase, eles e as gerações de alunos por eles formadas passaram a conhecer e constatar a existência de um mercado profissional, com possibilidades de atuação nos campos do turismo, da certificação, da instrução e dos equipamentos. Muitos saíram do DEMA Show de 1988 com novas perspectivas ou contratos firmados nesses diferentes segmentos da atividade, que então tomava novos rumos. Nessa fase de profissionalização os pioneiros se especializaram em diferentes ramos do mergulho.

Em 1989, Cesar Nieto adotou na Aquamundo e representou no país a metodologia da certificadora *Scuba Schools International (SSI)*. Segundo ele conta, a adoção das certificadoras internacionais “mudou muito a forma com que nós enxergávamos o mergulho autônomo” (Nieto, 2019). Neste mesmo ano Werneck trouxe a PDIC para o Brasil com o apoio de Maurício Carvalho e PP. A PDIC funcionou no Brasil até aproximadamente 2008-2009. Em 1991 Lucia Sodré trouxe a HSA para o Brasil, com o auxílio de Werneck.

Alcides Falanghe, a partir da sua participação no DEMA, firmou parcerias com empresas especializadas, como a operadora de Liveboards Blackbeard (Bahamas), a Sunset Beach (Bonaire) e empreendimentos em Grand Cayman. Cozumel tornou-se o principal destino da Sail Tours, que passou a se chamar Dive Travel em 1991 e operou até 1997, ampliando os pacotes para diversos destinos de mergulho do mundo. Alcides tornou-se figura central na consolidação do turismo de mergulho no Brasil, além de ser editor das revistas *SCUBA*, entre os anos de 1995 e 2004, e Revista *Mergulho*, entre 2004 e 2014.

Sérgio Costa vendeu a escola Ponto Mar e, em seguida, a Revista *Mergulhar*, e permaneceu como editor da publicação até seu fechamento, em 1990. Em 1992 lançou a Revista *SUB*, que foi fechada em 1996. A partir de então colaborou com a Revista *SCUBA*, entre 1999 e 2001. Fernando Kuramoto seguiu o caminho da fotografia e do turismo subaquático. Disputou campeonatos internacionais promovidos pela CBPDS e trabalhou com turismo subaquático em destinos, como John Pennekamp Coral Reef State Park, em Key Largo, na

Flórida (USA), e em Cuba, na Ilha da Juventude, e em muitos outros lugares do mundo. Ele fez da fotografia e da filmagem subaquática sua profissão, abrindo as empresas Kuramoto Vídeo e Produções, inaugurada em 2013, trabalhando diretamente com a televisão aberta e campanhas publicitárias e publicações em revistas.

Randal adotou a certificação da SSI e permaneceu em Fernando de Noronha (PE) até 1997, quando Lola assumiu a escola e operadora Águas Claras. Lola vendeu a águas Claras no ano de 2001. Marcelinho abriu a escola e loja Mar Sub no ano de 1993 adotando a metodologia da PDIC. Sandderson abriu a escola e loja Sandmar Náutica - Atividades Subaquáticas em 1997, adotando a metodologia da PDIC.

Marly, que buscava preservar a metodologia da CMAS, procurou a certificação da CBPDS durante o período em que esteve em Bombinhas (SC). Ela relata, com bom humor: “[...] mas aí a gente sentiu falta dessa certificação internacional. Aí entrei em contato com o Bracony, falei: ‘Então... é o seguinte...’ [riso].”. Ela conta que Bracony, desconfiado, perguntou: “e aquele português, onde está?”, e ela respondeu: “‘não, português não está mais com a gente, ele voltou para Portugal’. Realmente o Álvaro tinha voltado para Portugal. E aí eu fiz o credenciamento com a CBPDS, aí passei a emitir o brevê internacional da CBPDS” (Marly, entrevista concedida à autora em 17 fev. 2023).

Apesar dos desentendimentos entre Álvaro Moreira e Eduardo Bracony, Marly manteve um bom relacionamento com Eduardo Bracony, que se manteve vinculado à CBPDS até seu falecimento em setembro de 2023, e com a CBPDS. Embora tenha ocorrido um enfraquecimento da certificação CBPDS para o mergulho autônomo amador, isso não impediu que escolas e clubes, como ocorreu com a Bandeirantes do Mar, se filiassem à esta confederação.

Este grupo de pioneiros — e muitos outros que não foi possível entrevistar neste estudo — ofereceu contribuições decisivas e se dedicou à própria existência do mergulho no Brasil. De acordo com Sergio Costa, a característica comum entre essas pessoas era a motivação afetiva, mais do que comercial:

Enfim, a característica desse empreendedor era, fundamentalmente, um apaixonado de mergulho, que fazia aquilo porque gostava daquilo, fala: ‘Eu quero viver disso.’. Depois, muitos se tocavam que para viver daquilo era difícil, então alguns desistiram, outros permaneceram muitos anos. Mas eu acho que a motivação principal de todos nós era a paixão pelo mergulho (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 07/02/2022).

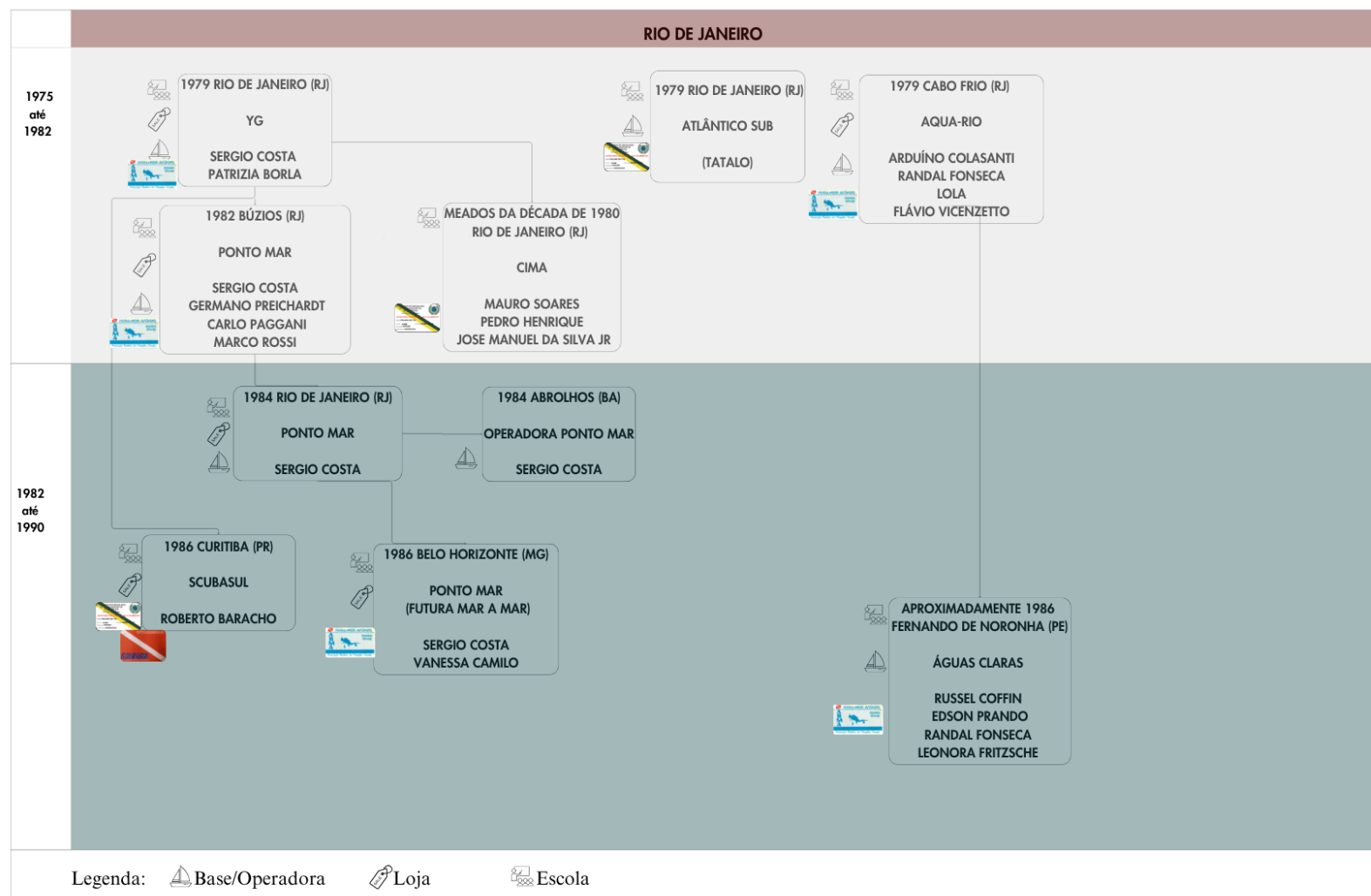
Essa paixão foi o motor da invenção de caminhos, da construção de escolas, do ensino transmitido e da criação das condições que permitiram que o Mergulho Autônomo Recreativo se tornasse uma prática possível no país.

Os Fluxogramas 03 e 04 indicam as principais iniciativas de escolas, lojas e operadoras criadas a partir dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo e suas respectivas certificações (algumas próprias, outras referentes às certificadoras circulantes no circuito Rio de Janeiro-São Paulo entre 1975 e 1990), de acordo com a legenda abaixo.

Legenda de certificações referentes aos Fluxogramas 03 e 04

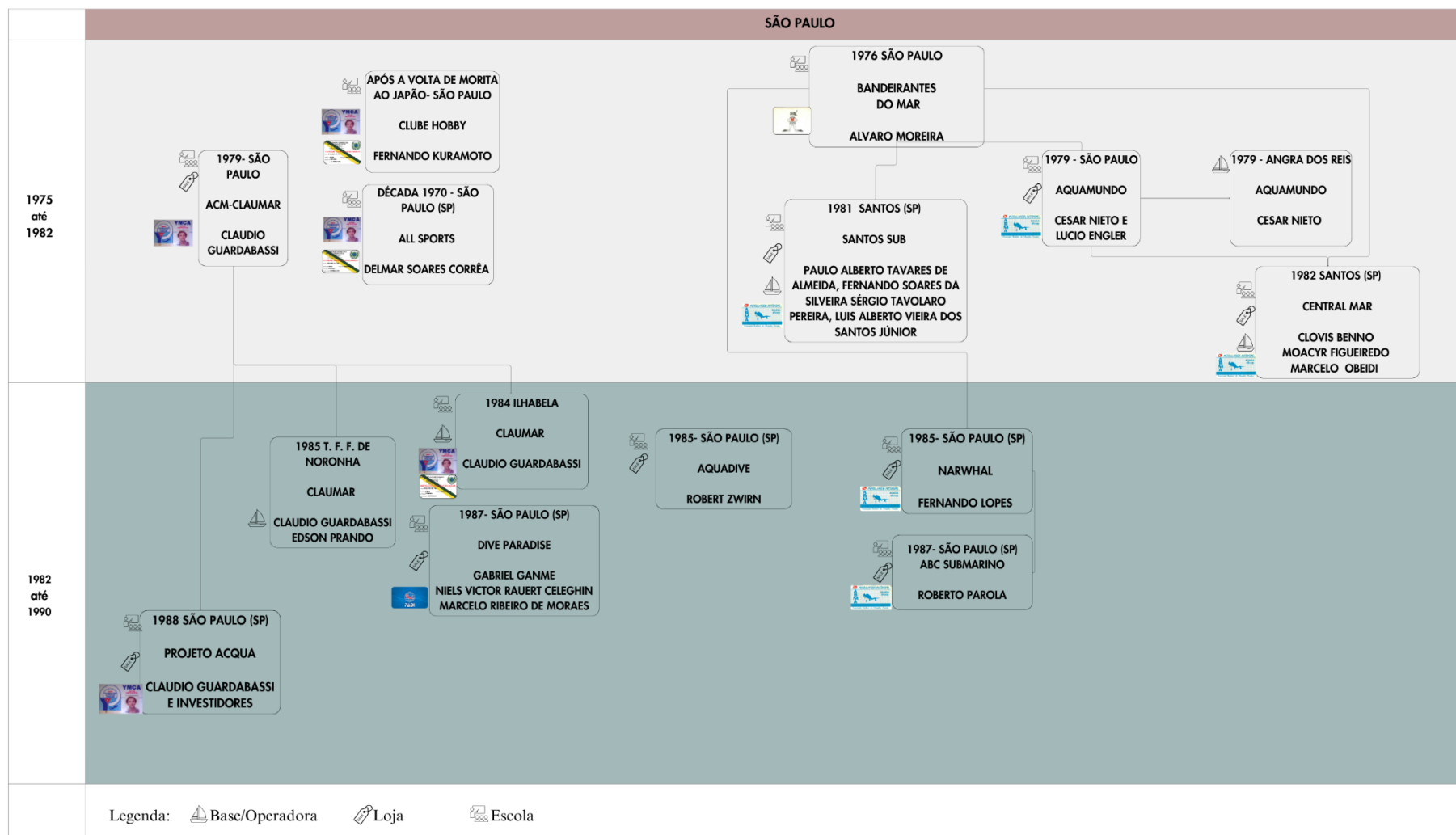


Fluxograma 03- Principais novos cursos, escolas, lojas e operadoras originados no estado do Rio de Janeiro



Fonte: elaborado pela autora

Fluxograma 04- Principais novos cursos, escolas, lojas e operadoras originados no estado do São Paulo na segunda fase do mergulho



Fonte: elaborado pela autora

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para muitos mergulhadores, o período entre o final da década de 1980 e a década de 1990 foi determinante para o mercado do mergulho que passava a ser chamado de autônomo recreativo. Foi nesse período que a atividade assumiu seu formato de funcionamento atual, alinhando seus três principais produtos ao mercado internacional: as operações comerciais de turismo de mergulho, o ensino e a certificação oferecidos por certificadoras internacionais, e o acesso a equipamentos de ponta já consolidados fora do país.

Todavia foi na década de 1990 que o mergulho autônomo recreativo brasileiro assumiu ares de internacionalização e profissionalismo, consolidou sua adesão às metodologias e certificações das empresas internacionais, e explodiu. A fase marcou o maior crescimento que o mergulho já alcançou no Brasil, com um vertiginoso aumento do número de escolas, praticantes, tipos de equipamentos e revistas especializadas.

Entre outros fatores, o “boom” do mergulho autônomo recreativo no país deve-se às ações políticas e econômicas, como a abertura do mercado brasileiro às importações, iniciada no governo do presidente Fernando Collor de Mello, e a criação do Plano Real em 1994, no governo de Itamar Franco. A nova moeda, criada como medida de combate à inflação, equiparou-se ao valor do dólar estadunidense em seus primeiros anos, proporcionando condições favoráveis para a entrada de equipamentos e certificadoras internacionais, além de ampliar o acesso ao turismo de mergulho, dentro e fora do país (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 2 fev. 2022; Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 6 fev. 2022)

Com a modernização e internacionalização do mergulho, que se tornava *autônomo recreativo*, ou *Scuba*, para os que preferiam destacar o caráter internacional da atividade, os entrevistados consideram que o modelo de negócios também mudou. O perfil de empresários envolvidos com o mergulho distanciou-se daqueles pioneiros que, antes de tudo, eram mergulhadores e buscavam apenas manter viva a prática. A profissionalização, que ocorreu após o estabelecimento das certificadoras e operadoras de turismo de mergulho, ampliou o perfil deste empreendedor apaixonado e mudou a realidade das escolas, lojas e operadoras de mergulho. E a realidade do mergulho autônomo recreativo atual divide as opiniões dos pioneiros.

Lucia Sodré chama atenção para a oferta de cursos de mergulho em formatos extremamente reduzidos, nos quais a formação se limita a poucas aulas e práticas básicas. Ela

se refere a esse modelo como “serviço relâmpago”, destacando que o foco recai mais sobre a geração rápida de receita do que sobre o compromisso com uma formação segura e responsável. Para ilustrar a situação, descreve um exemplo recorrente: “em uma piscininha de um metro, deu um dia de aula teórica, um dia de piscina, leva para o mar e está formado.” (Lucia Sodré, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023).

Em alguns cursos, segundo ela, a formação se resume a etapas simplificadas: “a pessoa pega, dá um videozinho, um DVD e um livrinho: ‘Vai estudar em casa, depois faz uma provinha e tira as dúvidas.’” Diante desse cenário, Lucia é enfática ao afirmar: “Não existe isso. Assim, [...] Existe na prática, isso acontece, mas isso não deve acontecer. E não importa se isso acontece pelo mundo afora. Nós temos que cuidar do nosso país, das nossas escolas, dos nossos cursos de mergulho, independentemente do mundo [...]” (Lucia Sodré, entrevista concedida à autora em 14/02/2023).

Já na visão de Maurício Carvalho (Maurício Carvalho, entrevista concedida à autora em 12 fev. 2022), os primeiros cursos preparavam o mergulhador para serem mais independentes, o que marcava uma diferença importante em relação ao que viria depois. Segundo ele, “o que as certificadoras internacionais fizeram, foi pegar aquele curso que a gente fazia: pesado, que se ‘ralava’ muito o aluno para que ele tivesse preparado para aguentar as adversidades” (Maurício Carvalho, entrevista concedida à autora em 12 fev. 2022) e se separou em diferentes níveis. O novo formato permitiu que um número maior de pessoas acessasse o primeiro nível, um curso muito básico, ainda que esse nível não garantisse a mesma autonomia dos cursos anteriores. “Agora o mergulhador já não saía tão bem preparado do curso Básico, mas mais pessoas podiam fazer esse curso básico. Por quê? Porque já existia uma infraestrutura melhor para dar suporte a essas pessoas” (Maurício Carvalho, entrevista concedida à autora em 12 fev. 2022).

Para Maurício Carvalho, esse redesenho do ensino foi viabilizado por melhorias na infraestrutura das operações, que passaram a oferecer suporte a mergulhadores com menos experiência. Maurício lembra que, embora tenha havido críticas por parte de praticantes mais antigos — que consideravam os novos cursos simplificados demais — o que estava em jogo não era apenas uma questão comercial, mas sim uma ampliação do acesso à prática do mergulho autônomo recreativo. Para ele, a mudança representou uma visão democrática, “porque ninguém precisa ser um ‘Rambo’ para mergulhar”. Muitos queriam apenas observar a vida marinha com segurança, acompanhados de alguém mais experiente (Maurício Carvalho, entrevista concedida à autora em 12 fev. 2022).

Esse novo perfil de praticante pôde ser atendido com a criação de operações estruturadas e suporte de mergulhadores-guia. Maurício enfatiza: "E foi isso que as grandes certificadoras fizeram no Brasil e que até hoje algumas pessoas não entendem, acham que houve uma queda do nível de aprendizado. Não! Houve uma democratização", pois o oferecimento de etapas formativas diluídas permitia que quem desejasse se aprofundar pudesse cursar módulos avançados e/ou complementares. Já aqueles interessados apenas em realizar mergulhos em viagens pontuais, também passaram a encontrar espaço (Maurício Carvalho, entrevista concedida à autora em 12 fev. 2022).

À medida que as operações comerciais foram se profissionalizando, passaram a incorporar procedimentos mais sistematizados de segurança, como a presença do mergulhador-guia, figura mencionada por Maurício Carvalho, responsável por acompanhar os praticantes durante os passeios subaquáticos.

Sergio Costa interpreta esse processo como um movimento que, ao mesmo tempo em que buscou reduzir riscos, também acabou restringindo o componente de aventura associado ao mergulho. Ele explica:

Quer dizer, eu não quero correr, ter encrenca. Eu não quero que ninguém se machuque, portanto eu reduzo os riscos. Quando eu reduzo os riscos ao máximo, eu também reduzo a aventura, porque a aventura é feita de imprevistos, de coisas imprevisíveis, se não, não é aventura. A montanha-russa não é aventura, a montanha-russa emociona, mas eu já sei tudo que vai acontecer, do começo ao fim (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 17 ago. 2022).

Com o tempo, segundo ele, essa padronização das operações trouxe impactos sobre os modos de acesso aos locais de mergulho. As operadoras, que surgiram de maneira improvisada no início, se tornaram cada vez mais profissionais, oferecendo serviços de alto padrão. Para Sergio, isso implicou na construção de uma lógica de consumo em torno do mergulho: barcos confortáveis, assistência constante aos clientes, lanches a bordo, serviços organizados de forma semelhante à experiência de um voo comercial. Ele relata: "É como se estivesse fazendo uma viagem de avião, que tem uma aeromoça te servindo cafezinho, entendeu? Tudo isso é conforto. E aí, isso cria toda uma mentalidade de que é isso que tem que ser." (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 17 ago. 2022).

Essa homogeneização impacta diretamente a experiência do praticante. Os mergulhadores se acostumam com esse modelo e passam a considerá-lo como padrão, deixando de vivenciar os desafios e preparativos que antes faziam parte da prática. Ainda segundo Costa, o envolvimento com a organização do mergulho, os percalços da jornada e a escolha dos locais

cederam espaço ao consumo passivo de uma experiência formatada. “Ele simplesmente desfruta do mergulho, com todo conforto possível, com toda segurança possível, mas ele perdeu aquela coisa do: sonhar uma viagem, enfim.” (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 17 ago. 2022).

Além disso, os pontos de mergulho também se tornaram mais restritos. Ao seguir apenas os roteiros estabelecidos pelas operadoras, o mergulhador perdeu a autonomia de explorar novos locais. “Se você: ‘Ah... mas eu queria ir... Eu não queria ir desse lado da ilha, eu queria ir naquele outro lado.’, ‘Ah... não, mas aquele outro lado a gente não vai.’, entendeu?” Para Sergio, falta hoje uma cultura de organização autônoma dos mergulhos. A figura do praticante que aluga um barco ou coordena sua própria saída desapareceu, dificultando o acesso a locais menos frequentados (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 17 ago. 2022).

Quando questionado sobre a possibilidade legal de realizar esse tipo de mergulho independente no Brasil atualmente, Sergio Costa responde com incerteza, mas defende a ideia: “Eu acho que deveria poder, porque se eu posso escalar uma montanha sem dizer nada para ninguém, eu acho que eu posso fazer um mergulho sem dizer nada para ninguém” (Sergio Costa, entrevista concedida à autora em 17 ago. 2022).

Por outro lado, as novidades referentes às operações, equipamentos e ensino desvelaram novos públicos/adeptos (especialmente as mulheres), lugares, formas de aprender e de mergulhar. As escolas e as operadoras se profissionalizam. A aprendizagem e as operações de mergulho se transformam em serviços, produtos. O ato de mergulhar tornou-se mais leve e acessível a todos os corpos, principalmente pela inclusão do uso do colete equilibrador. A partir de então, mergulhar começava a parecer uma prática possível a todos. O desenvolvimento e a disponibilização de novos equipamentos modificaram a forma de mergulhar e ampliaram o acesso à prática. Reguladores de dois estágios com *octopus*, coletes equilibradores do tipo *jaqueta*, cilindros de alumínio, roupas de neoprene, manômetros submersíveis e compressores passaram a compor o conjunto básico necessário para a realização de um mergulho seguro e eficiente. Esses equipamentos, ao mesmo tempo em que transformaram a experiência subaquática, também permitiram que outros perfis de mergulhadores se aproximassem da atividade. A possibilidade de aluguel oferecida pelas operadoras, hoje generalizada, reduziu a barreira econômica de entrada, tornando viável a experimentação do mergulho mesmo para aqueles que não têm condições de adquirir os equipamentos. Isso ampliou as formas de inserção na prática e contribuiu para a diversidade de públicos e níveis de mergulhos.

Embora não existam dados estatísticos sobre o perfil socioeconômico do mergulhador brasileiro, os entrevistados indicam que esse perfil passou por transformações ao longo do

tempo. Nos primeiros anos do Mergulho Autônomo Recreativo no Brasil, predominavam jovens de classe média, com bom condicionamento físico e aquacidade. Muitos vinham da caça submarina, ou haviam praticado mergulho no exterior, de onde traziam técnicas, equipamentos e conhecimentos. Eram pessoas altamente comprometidas com a atividade, dispostas a enfrentar desafios para praticá-la e para concluir processos formativos mais longos e exigentes. Tinham, em geral, maior domínio técnico e mergulhavam em diferentes condições ambientais. Embora em menor número, havia mulheres entre esses primeiros praticantes. No período atual, o público se diversificou: trata-se, em sua maioria, de adultos de classe média alta, nem sempre com preparo físico, que buscam o mergulho como parte de viagens e experiências turísticas. São praticantes que, em geral, têm condições de adquirir equipamentos e seguir praticando por meio da compra sucessiva de cursos. Essa mudança não representa uma perda ou declínio, mas sim uma reconfiguração dos perfis e motivações envolvidos com a prática.

Se nas décadas de 1980 e 1990 destaca-se o surgimento de operações comerciais e a consolidação do turismo de mergulho, nos anos 2000 observa-se a afirmação de um novo modelo de público: o turista mergulhador. Diferente do mergulhador turista — que escolhia destinos em função da atividade —, o turista mergulhador é aquele que decide mergulhar caso as condições sejam favoráveis, tratando a prática como uma opção entre outras formas de lazer oferecidas no destino. Nesse contexto, o mergulho passa a disputar espaço com outras atividades de aventura e recreação, como o *kite surf* ou o *windsurf* (Ministério do Turismo, 2005).

Alguns entrevistados compreendem esse cenário como um indicativo de mudança no valor simbólico e no grau de envolvimento dos praticantes com o mergulho. Alcides Falanghe, por exemplo, aponta para um deslocamento do mergulho como identidade para o mergulho como consumo esporádico. Segundo ele,

[...] o avanço foi você falar do mergulho de 1975 até hoje, vai fazer cinquenta anos em 2025... a evolução é absurda, em termos de tática, de pedagogia, é outro mundo. Tanto que o mergulho hoje é uma indústria, assim, que já teve seu auge. A gente vê o mergulho hoje numa fase descendente, não subindo, a gente não vê essa geração entrando, querendo ser mergulhador, se dedicar ao mergulho são poucos, não é... que têm esse desejo (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 02/02/2022).

Essa mudança, segundo o entrevistado, se expressa na forma como a prática é incorporada ao cotidiano: “A maioria é: ‘Ah... eu quero fazer um mergulho, eu mergulho, mas como uma atividade, como eu faço kite, eu quero fazer mergulho, eu vou fazer windsurf, vou fazer banana boat.’ É mais uma das atividades entre milhões de atividades.” Em contraste com

a formação mais exigente dos anos 1970 e 1980, que gerava forte identificação com a figura do mergulhador, hoje a prática não ocupa o mesmo lugar simbólico: “Antigamente, até por causa dessa formação mais rígida, a gente saía orgulhoso de ser mergulhador. A gente até brincava, usava ‘relogião’, relógio de mergulho, você tentava se identificar como mergulhador, e hoje já não.” (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 02/02/2022).

Para Alcides Falanghe, uma das consequências do desenvolvimento da indústria do mergulho é que a atividade não conseguiu adquirir identidade e senso de pertencimento como ocorreu em outras práticas, especialmente o surfe. A comparação com outros esportes evidencia essa perda de visibilidade: “O mergulho não tem a identidade, nem tem a visibilidade de uma atividade como o surfe, nem é a indústria do surfe, nem é o esporte em si, mas é a moda surfe, não é? [...] Ninguém vive de vender prancha [...] o que movimenta a indústria do surfe é muito mais a competição, roupa de marca, essas coisas todas que a própria atividade...” (Alcides Falanghe, entrevista concedida à autora em 02/02/2022).

A diversificação dos níveis de formação promovida pelas certificadoras internacionais ampliou as possibilidades de entrada no Mergulho Autônomo Recreativo, permitindo que públicos com diferentes perfis pudessem acessar a atividade. Com isso, também se diversificaram os interesses, motivações e formas de se relacionar com o mergulho.

A presença de diferentes níveis de certificação, com estruturas progressivas de formação, permite acomodar uma gama mais ampla de expectativas e motivações, o que está diretamente relacionado à diversificação dos públicos formados pelas certificadoras e atendidos pelas operadoras. Ao ampliar o acesso, os sistemas modulares de ensino contribuem para a multiplicação de perfis de praticantes e para a coexistência de distintos tipos de experiências e fruição do mergulho.

Essas sensibilidades cultivadas no mergulho não são naturais: são construções históricas. No Brasil e em outros contextos, é possível observar como essas sensibilidades foram sendo moldadas ao longo do tempo. O modelo de negócios que organiza o mergulho autônomo recreativo na atualidade — baseado em níveis de formação progressiva e ofertas diferenciadas de certificação — não apenas diversificou o acesso, mas também criou formas distintas de desejar e viver a experiência subaquática. Os próprios níveis de mergulhadores são construídos e planejados dentro dessa lógica. Com isso, passaram a coexistir práticas muito diferentes entre si: desde o desejo de realizar mergulhos simples, rasos e confortáveis até o interesse em grandes profundidades, em desafios técnicos ou no encontro com grandes animais. Todas essas motivações são resultado de um processo educacional mais amplo, que envolve também o que Soares (2014) define como educação do corpo.

Assim, quanto à convivência com o ambiente, o mergulho autônomo recreativo pode ser, ao mesmo tempo, uma atividade de risco e de contemplação. O mergulho torna-se mais arriscado quando se aproxima de práticas técnicas voltadas à exploração de grandes profundidades, de ambientes exigentes ou da interação direta com animais como tubarões. Nessas situações, o risco não é excluído, mas administrado como parte do desejo de experimentar sensações intensas. Por outro lado, há também formas de mergulhar voltadas à contemplação de paisagens e à convivência pacífica com a vida marinha, que exigem menos preparo técnico e são mais acessíveis.

Essa convivência com os animais também mudou. O tempo e as transformações nas sensibilidades ambientais alteraram profundamente os valores associados aos encontros subaquáticos. O mero, por exemplo — outrora considerado um peixe perigoso, retratado como mais ameaçador que o tubarão — passou a ser um animal valorizado, cuja presença é celebrada pelos mergulhadores, em parte por estar hoje mais raro. O encontro com o mero deixou de ser associado ao enfrentamento e passou a ser desejado por outros motivos. Atualmente, o próprio encontro — especialmente quando registrado por fotografias ou filmagens — tornou-se o objetivo principal. Ver o animal, registrar sua presença e compartilhar a experiência passaram a ser valores centrais, substituindo a lógica anterior centrada na captura.

O que antes era valorizado como demonstração de coragem e habilidade — como a figura do caçador submarino enfrentando tubarões ou capturando grandes peixes — passou a ser visto sob outra perspectiva, em um contexto marcado pela crescente valorização da preservação ambiental. Claudio Guardabassi relembra que o caçador submarino já foi compreendido como herói: “um caçador submarino era visto, assim, como um ‘louco’ herói, o cara que enfrentava os tubarões” e, segundo ele, havia até certo prestígio social associado à prática: “muito galã. Nossa, as mocinhas ficavam eriçadas” (Claudio Guardabassi, entrevista concedida à autora em 10 maio 2024).

Esse prestígio, no entanto, foi substituído por um olhar crítico, à medida que discursos de conservação ambiental se tornaram mais presentes na sociedade. Nesse processo, o perfil do caçador submarino também se deslocou. Como aponta Claudio Guardabassi, ele foi visto como herói no passado é, hoje, percebido como uma figura marginal: o pescador submarino, antes admirado, passou a ocupar o lugar de pária.

Guardabassi localiza essa mudança no momento em que se intensificaram os movimentos ecológicos: “quando começou essa época, essa história de ecologia: ‘Vamos defender a natureza, o papagaio, a borboleta, ‘não sei o quê’.’, tudo isso daí, isso daí também veio para o lado da pesca ‘sub’.” A visibilidade do caçador submarino, que emerge da água com

o peixe capturado, passou a incomodar mais do que outras formas de pesca menos expostas: “Você não vê o pescador que está pescando de linha, você não vê. Mas o caçador submarino você vê, porque ele desce com o peixe, o peixão grande.” (Claudio Guardabassi, entrevista concedida à autora em 10 maio 2024).

Ainda que reconheça essa mudança de percepção, Guardabassi critica a marginalização do caçador submarino e relativiza o impacto da prática frente a problemas mais graves de ordem ambiental. Para ele, o foco deveria recair sobre a poluição: “ficar marginalizando o caçador submarino, acho um absurdo porque nós temos problemas muito mais sérios [...] chamado poluição.” Ele destaca tanto os poluentes visíveis — como plásticos, garrafas e recipientes — quanto os menos perceptíveis, oriundos do despejo de dejetos humanos, da expansão urbana e de atividades industriais. Ao comparar a situação atual com os mergulhos realizados na década de 1960, relata mudanças significativas na qualidade da água e na paisagem: “o primeiro mergulho que eu fiz, que foi na Laje de Santos, 1960, — 60, 61, por aí —, eu tive vertigem de altitude quando eu caí na água, de tão limpa que era a água. Hoje em dia o pessoal vai pegar uma água que consiga ver o fundo, é uma raridade.” (Claudio Guardabassi, entrevista concedida à autora em 10 maio 2024).

Ao apontar a destruição de manguezais, o despejo de resíduos e o assoreamento das áreas costeiras, Guardabassi alerta para o impacto cumulativo e invisível da degradação ambiental. Assim, o mergulho — que em outros momentos esteve vinculado à captura — hoje se insere em um ambiente mais frágil, onde a presença humana precisa ser constantemente negociada com a necessidade de preservar o que ainda resta.

Claudio Guardabassi, Fernando Kuramoto, Eduardo Bracony e outros entrevistados que tiveram uma trajetória vinculada à caça submarina revelaram uma face pouco visibilizada dessa prática: a existência de uma ética própria para a captura dos animais e o desenvolvimento de valências físicas distintas daquelas exigidas no mergulho com aparelhos de respiração. Os caçadores submarinos treinaram seus corpos para longos períodos em apneia, aprimoraram técnicas de aproximação e desenvolveram uma forma específica de sensibilidade ao ambiente subaquático que com o tempo transformou-se.

Como observa Fernando Kuramoto, “hoje em dia a caça submarina já está fora de moda, é anti-ecológica, então quase todos os caçadores submarinos que eu conheço — com exceção de alguns poucos — todos passaram para a fotografia.” (Fernando Kuramoto, entrevista concedida à autora em 14 fev. 2023). Segundo Fernando Kuramoto, a mesma técnica de aproximação usada para capturar peixes passou a ser utilizada para registrá-los com a câmera: “a gente tira umas fotos com muito mais proximidade, entendeu? Pela técnica aprendida na caça

submarina.” Essa mudança foi, para muitos, também uma resposta ao desgaste físico provocado pelo mergulho em apneia e à passagem do tempo: “ao invés de matar o peixe, a gente tem uma recordação eterna dele, entendeu? Isso aí é a mudança que ocorre com todo caçador, quando ele vai evoluindo, vai perdendo a potência física, ele vai começando a fazer outras atividades embaixo d’água que sejam menos desgastantes que o esporte do mergulho apneico, vamos dizer.” (Fernando Kuramoto, entrevista concedida à autora em 13/02/2023).

A caça submarina ofereceu contribuições para o desenvolvimento do Mergulho Autônomo Recreativo, que passou, ao longo das décadas, por uma transição significativa: de atividade meio para atividade fim, em que o ato de mergulhar tornou-se objetivo em si, uma prática de lazer. Mudou-se a forma de fruição do ambiente subaquático e, ainda que seja uma prática com alto custo como experiência, as operações de turismo possibilitam alguma forma de conhecimento do fundo do mar. O desejo de acessar esse ambiente pode partir de motivações diversas: a busca pela foto perfeita para as redes sociais, uma visita ocasional durante uma viagem de férias sem conhecimento sobre a vida marinha, ou ainda uma atividade educacional capaz de inspirar transformações e práticas de preservação. Esses sentidos não são fixos — dependem de políticas e de processos educativos conduzidos por operadoras e certificadoras. Por outro lado, o mergulho também pode representar um despertar para um ambiente ainda pouco conhecido pela maioria da população. Ele pode ser aquilo que formos capazes de construir: uma atividade restrita à elite ou um direito de acesso ao ambiente natural.

Essas considerações não encerram o tema, mas indicam caminhos possíveis para investigações futuras. Este estudo enfrentou limites importantes, entre eles a ausência de dados estatísticos sobre o perfil socioeconômico dos praticantes no Brasil, a dificuldade de acesso a informações institucionais de algumas certificadoras e a impossibilidade de entrevistar certos pioneiros indicados ao longo da pesquisa. Não se alcançou, neste trabalho, a possibilidade de estudar de forma aprofundada a fase de consolidação do mergulho autônomo recreativo na década de 1990 e seus desdobramentos mais recentes. Também não foi possível incluir uma análise detalhada da entrada das certificadoras internacionais responsáveis pela introdução do mergulho técnico no país, da atuação da certificadora nacional *PDIC*, nem da chegada das demais entidades que reconfiguraram o ensino e a prática do mergulho. Da mesma forma, ficaram fora do escopo desta pesquisa o estudo da inserção da *HSA (Handicapped Scuba Association)* e das iniciativas voltadas ao mergulho inclusivo no Brasil, protagonizadas por Lucia Sodré, bem como o aprofundamento das relações entre corpo e paisagem sob a perspectiva da geografia humanista. Esses e outros desdobramentos permanecem em aberto e

poderão ser tratados em trabalhos futuros, ampliando a compreensão sobre os sentidos históricos, políticos e sociais do mergulho no país.

REFERÊNCIAS

ABCMAR. **Linha direta com o mar.** 2024. Disponível em: <https://linkfly.to/linhadiretacomomar> Acesso em: 7 ago. 2024.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 13289**: serviços de mergulho recreativo – Requisitos para condução de atividades de *snorkeling*. Rio de Janeiro, 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 24801-1**: serviços de mergulho recreativo – Requisitos para o treinamento de mergulhadores autônomos recreativos – Parte 1: Nível 1 – Mergulhador supervisionado. Rio de Janeiro, 2018a.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 24801-2**: serviços de mergulho recreativo – Requisitos para o treinamento de mergulhadores autônomos recreativos – Parte 2: Nível 2 – Mergulhador Autônomo. Rio de Janeiro, 2018b.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 24801-3**: serviços de mergulho recreativo – Requisitos para o treinamento de mergulhadores autônomos recreativos – Parte 3: Nível 3 – Líder de mergulho. Rio de Janeiro, 2018c.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 11121**: serviços de mergulho recreativo – Requisitos para programas introdutórios de mergulho autônomo. Rio de Janeiro, 2019a.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 24802-1**: serviços de mergulho recreativo – Requisitos para o treinamento de instrutores de mergulho autônomo – Parte 1: Nível 1. Rio de Janeiro, 2019b.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 24802-2**: serviços de mergulho recreativo – Requisitos para o treinamento de instrutores de mergulho autônomo – Parte 2: Nível 2. Rio de Janeiro, 2019c.

ABREU, T. F. de; PEREIRA, P. do N.; VALE, P. A. F. Um estado da arte sobre o Mergulho Autônomo Recreativo no Brasil. **Licere**, Belo Horizonte, v. 24, n. 1, p. 130-160, mar. 2021.

A EMOÇÃO do. Mergulhar: a descoberta do mar. **Mergulhar**, Rio de Janeiro, ano V, n. 31, p. 2, 1987.

A EMPRESA. **Pino**, 2025. Disponível em: <https://pino.com.br/a-empresa/>. Acesso em: 25 jan. 2025.

AFONSO, E. Hermann e Santarelli abrem o primeiro centro náutico da América do Sul. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano LXXXIV, n. 128, p. 5, 14 ago. 1974. Caderno de automóveis – Barcos. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_09&pesq=%22CURSO%20DE%20MERGULHO%22&pasta=ano%20197&hf=memoria.bn.br&pagfis=38646. Acesso em: 17 jun. 2023.

A HISTÓRIA Cobreq e a tecnologia de frenagem ao longo do tempo. **Cobreq**, [S. d.]. Disponível em: <https://cobreq.com.br/cobreq-nossa-historia/>. Acesso em: 16 nov. 2023

ALBERTI, V. De “versão” a “narrativa” no manual de História Oral. **História Oral**, v. 15, n. 2, p. 159-166, jul./dez. 2012.

ALBERTI, V. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

ALBERTI, V. O que documenta a fonte oral: a ação da memória. In: ALBERTI, V. **Ouvir contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 33-43.

ALBERTI, V. **O acervo de história oral do CPDOC**: trajetória de sua constituição. Rio de Janeiro: CPDOC, 1998.

AMARO, F. R. P. M. **Esporte, consumo e identidade**: representações sobre atletas brasileiros nas revistas Manchete Esportiva e Placar (1955-1975). 2014. 332 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

AMARO, F. R. P.; HELAL, R. Mídia, esporte e idolatria: o Jornal do Brasil e a representação dos atletas brasileiros nos Jogos Olímpicos. In: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO; CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 37., 2014, Foz do Iguaçu. **Anais [...]** Foz do Iguaçu, PR, 2-5 set. 2014. p. 1-15.

AMORIM, C. A. A. de. Encontrabilidade da informação em arquivos digitais: uma avaliação do *Internet Archive*. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Biblioteconomia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

ANDRADE, I. de O.; SILVA, M. M. de F. e; HILLEBRAND, G. R. L.; FRANCO, L. G. A. **Submarino nuclear brasileiro**: defesa nacional e externalidades tecnológicas. Brasília: Rio de Janeiro: Ipea, 1990. Texto para discussão. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Dropbox/Lazer%20UFMG/Mergulho%20textos/foca%20submarino.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2020.

APARELHO para escafandro completo com bomba, capacete, mangueiras, pesos e sapatos. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano XLVIII, n. 47, p. 25, 25 fev. 1939. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_05&pesq=escafandro&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=90999 Acesso em: 19 jun. 2023.

A. S. DIVERS. **A. S. Divers Adventure. Since 1965**. [S. d.]. Disponível em: <https://www.asdivers.com.br/>. Acesso em: 12 mar. 2022.

BANDEIRANTES DO MAR. **Curso de monitores**. Compilação: Celso Luiz Ribeiro; Deise Faustino. Colaboradores: Alfredo Francisco Costa Ferreira; Álvaro Luiz Santos Vilar Moreira;

Celso Luiz Ribeiro; Deise Faustino; Luiz Alberto Vieira dos Santos Junior; Nelson Watanabe. 2. ed. [S. l.: s. n.], [197-?]. 209 p. Datilografado.

BANDEIRANTES DO MAR. **Regulamento técnico**. São Paulo, SP: [s.n.], [197-?]. 18 p. Documento impresso.

BETTENCOURT, A. M. M.; PINTO, M. R. S. A hemeroteca digital brasileira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis, SC, 7-10 jul. 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/telma/Downloads/febab,+artigo.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2023.

BITENCOURT, V.; AMORIM, S.; MAYRINK, C. Mergulho/pesca subaquática. In: COSTA, L. P. da (org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006. p. 443-445. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.listasconfef.org.br/arquivos/atlas/atlas.pdf>. Acesso em: 4 fev. 2023.

BLOCH, M. L. B. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BONASIO, V. **Programa Aquashow**. Produção: Brasil Mergulho, 2024. Disponível em: <https://www.brasilmergulho.com/entrevista-valter-bonasio-programa-aquashow/>. Acesso em: 18 jan. 2025.

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRACONY, E. P. **Manual do mergulhador – 1 – O mergulho livre e a caça submarina**. 3. ed. Belo Horizonte: Edimig, 1989.

BRASIL. Decreto nº 73.030, de 30 de outubro de 1973. Dispõe sobre a prática de atividades subaquáticas em águas jurisdicionais brasileiras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 31 out. 1973. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-73030-30-outubro-1973-421650-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 4 jun. 2025.

BRASIL. **Decreto nº 96.693, de 14 de setembro de 1988**. Cria o Parque Nacional Marinho de Fernando de Noronha, e dá outras providências. 1988. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1988/decreto-96693-14-setembro-1988-447461-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 1 fev. 2025.

BRASIL. Lei Delegada nº 10, de 11 de outubro de 1962. Dispõe sobre a criação da Superintendência do Desenvolvimento da Pesca – Sudepe. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 11 out. 1962.

BRASIL. Lei nº 7.735, de 22 de fevereiro de 1989. Dispõe sobre a criação do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 23 fev. 1989.

BRASIL Mergulho. **O início do mergulho no Brasil**. 28 abr. 2020. Disponível em: <https://www.brasilmergulho.com/o-inicio-do-mergulho-no-brasil/>. Acesso em: 20 mar. 2023.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Projeto Orla**: manual de gestão. Brasília: MMA, 2006. 88 p. Disponível em: https://www.gov.br/gestao/pt-br/assuntos/patrimonio-da-uniao/destinacao-de-imoveis/arquivos/2020/manual_do_projeto_orla-manual-de-gestao-2006.pdf. Acesso em: 15 maio 2025.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **NR 15 – Norma Regulamentadora 15. Anexo nº 6 Título alterado pela Portaria SSMT nº 24**. 14 set. 1983. Disponível em: [http://portal.mte.gov.br/data/files/FF8080812DF396CA012E0017BB3208E8/NR15%20\(atualizada_2011\).pdf](http://portal.mte.gov.br/data/files/FF8080812DF396CA012E0017BB3208E8/NR15%20(atualizada_2011).pdf) Acesso em: 25 abr. 2022.

BRASIL. **Portaria IBAMA nº 1.583, de 21 de dezembro de 1989**. 1989. Disponível em chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/legislacao/Portaria/1989/p_ibama_1583_1989_revogada_pescaamadora_alterada_p_ibama_07_1991_revogada_p_ibama_30_2003.pdf Acesso em: 10 maio 2023.

BRYLSKE, A. F. **The complete diver**: the history, science and practice of scuba diving. Parkville, MO: Dive Training Magazine, 2012. 352 p.

CAÇA e pesca. **Diário da Noite**, São Paulo, ano 26, n. 11310, p. 12, 7 dez. 1961. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093351&pesq=%22nadadeiras%20italianina%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=67122>. Acesso em: 8 mar. 2024.

CAÇA submarina. **A Gazeta Esportiva**, ano XXVIII, n. 9.967, p. 19, 25 abr. 1958. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=104140&pesq=Confedera%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira%20de%20Desportos%20Associa%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira%20de%20ca%C3%A7a%20submarina&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=13531>. Acesso em: 18 jun. 2024.

CAÇA submarina e escafandria. **Diário da noite**: edição matutina. **Registro**, São Paulo, ano XLVII, n. 14019, p. 21, 4 ago. 1971. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=221961_05&pesq=escafandro&pasta=ano%20197&hf=memoria.bn.br&pagfis=15311. Acesso em: 18 jun. 2023.

CAÇA submarina na A. C. M. **Diário da noite**: edição matutina. **Esportes – Resenha**, São Paulo, ano XLVIII, n. 14428, p. 15, 7 dez. 1972. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=221961_05&pesq=escafandro&pasta=ano%20197&hf=memoria.bn.br&pagfis=20941 Acesso em: 17 jun. 2023.

CAMARGO, L. O. de L. **O que é lazer?** São Paulo: Brasiliense, 1986.

CARLI, C. A. **Sistema engenharia**: uma proposta para a atividade especial de mergulho. 2007. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://www.eceme.eb.mil.br/images/IMM/producao_cientifica/teses/maj-eng-csar-alexandre-carli-tesefinal.pdf. Acesso em: 20 maio 2023.

CBPCS. Confederação Brasileira de Pesca e Caça Submarina. **Ata da Assembleia Geral**. 26 jun. 1979.

CERQUEIRA, R. Abrolhos, uma expedição ao primeiro parque marinho do Brasil. Mergulhar: a descoberta do mar. **Mergulhar**, Rio de Janeiro, ano I, n. 6, p. 70-78, jul./set. 1983.

CMAS. **The World Underwater Federation 2010**. 2010. Disponível em: <https://www.cmas.org/cmas/about>. Acesso em: 13 jun. 2023.

CMAS. **Underwater sports**. [S. d.]. Disponível em: <https://www.cmas.org/sport>. Acesso em: 2 mar. 2023.

COBRA Sub. **Cobra SUB 50 anos. Equipamentos de mergulho e pesca submarina**. [S. d.]. Disponível em: https://www.facebook.com/CobraSub/?locale=pt_BR. Acesso em: 12 mar. 2022.

COLASANTI, A. Os primórdios do mergulho no Brasil. [S. d.]. <https://www.facebook.com/tempodefundo/posts/os-prim%C3%B3rdios-do-mergulho-no-brasilos-primeiros-cronistas-europeus-hans-staden-a/477630002325496/> Acesso em: 16 nov. 2024.

COLASANTI, A. **Pioneiros do mergulho brasileiro. Episódio 12 (in memoriam)**. Produção: Brasil Mergulho. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pgGIrMqNXv4>. Acesso em: 18 jun. 2019.

COMECE a procurar. Mergulhar: a descoberta do mar. **Mergulhar**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 17, p. 14, set./out. 1985.

COMITÊ TÉCNICO. Sócios da Bandeirantes do Mar. **Boletim Informativo**, n. 13, p. 01-02, ago. 1979. Documento impresso.

COMITÊ MÉDICO E DE PREVENÇÃO. **Bandeirantes do Mar Boletim Informativo**, n. 09, p. 01-02, abr. 1979.

COMPRESSOR de alta pressão. Mergulhar: a descoberta do mar. **Mergulhar**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 37, maio/jun. 1983.

CORBIN, A. **O território do vazio**: a praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

COSTA, S. Debate espaço aberto para a sua opinião. A proliferação das escolas. Mergulhar: a descoberta do mar. **Mergulhar**, Rio de Janeiro, ano II, n. 8, p. 20-21, 1984.

COSTA, S. Editorial. **Mergulhar**: a descoberta do mar, São Paulo, ano II, n. 9, p. 9, 1984.

COSTA, S. Praias de Ipanema: I Fenáutica. Mergulhar: a descoberta do mar. **Mergulhar**, Rio de Janeiro, ano III, n. 13, p. 43, 1985.

COUSTEAU, J.-Y.; DUMAS, F. The silent world: a story of undersea discovery and adventure. New York: Harper & Brothers, 1953.

COUSTEAU, J.-Y.; SCHIEFELBEIN, S. **The human, the orchid, and the octopus**: exploring and conserving our natural world. New York, USA: Bloomsbury, 2007. 303 p.

CRIVELLI, R.; BIZELLO, M. L. Institucionalização e trajetórias dos arquivos pessoais no Brasil. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 1, p. 131-153, jan./abr. 2021.

CRUZ, L. S.; DUARTE, R. Um pedal na Mako Sub. Mergulhar: a descoberta do mar. **Mergulhar**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 20, p. 11-12, 1986.

CRUZ, L. S. Luta sindical ganha o fundo do mar. Mergulhar: a descoberta do mar. **Mergulhar**, Rio de Janeiro, ano III, n. 14, p. 19-20, 1985.

CRUZ, L. S. 3º ciclo de debates para o desenvolvimento do mergulho amador. Mergulhar: a descoberta do mar. **Mergulhar**, Rio de Janeiro, ano IV, n. 18, p. 8-9, nov./dez. 1985.

CURSO de caça submarina e escafandria. **Cidade de Santos**, Santos, ano VII, n. 6781, p. 2, 1 nov. 1974. Disponível em:

<http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=896179&pesq=escafandro&pasta=ano%20197&hf=memoria.bn.br&pagfis=43760>. Acesso em: 10 jun. 2023.

CURSO de mergulho. Jornal do Brasil. **Classificados – Turismo, embarcações esporte**, Rio de Janeiro, ano LXXXIX, n. 202, p. 8, 27 out. 1979. Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_09&pesq=escafandro&pasta=ano%20197&hf=memoria.bn.br&pagfis=167077. Acesso em: 17 jun. 2023.

DIAS, C. A. G.; FORTES, R.; MELO, V. A. Sobre as ondas: surfe, juventude e cultura no Rio de Janeiro dos anos 1960. **Estudos Históricos**, v. 25, n. 49, p. 112-28, 2012.

DIAS, C. A. G. Para uma história do lazer na natureza. In: DIAS, C. A. G.; ALVES JUNIOR, E. de D. (org.). **Em busca de aventura**: múltiplos olhares sobre esporte, lazer e natureza. Niterói: EdUFF, 2009. p. 33-51.

DREYER, K.; BONFATTI, M. Troque sua arma pela câmera e descubra as cores do fundo do mar. Mergulhar: a descoberta do mar. **Mergulhar**, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 46-47, set./out. 1982.

DROGHETTI, M. A figura do mês: Major Hélio Barbosa Caldas. **Nautilus Boletim Informativo da Bandeirantes do Mar**, ano 1, n. 02, p. 01-02, set. 1978.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

ESCAFANDRO, Escafandria, Diving/Helmet. **Blogspot**, 2020.

Disponível em: <https://escafandrosbrasil.blogspot.com/?zx=af1717337dd97556>. Acesso em: 10 maio 2023.

ESCAFANDROS. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano XXV, n. 295, p. 27, 10 dez. 1925. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_04/42796?pesq=escafandro. Acesso em: 20 jun. 2023.

ESCAFANDROS. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano XLIV, n. 265, p. 31, 7 nov. 1934. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_05&pesq=escafandro&pasta=ano%20193&hf=memoria.bn.br&pagfis=48333. Acesso em: 20 jun. 2023

ESPALHA-SE a caça submarina pelo Brasil. **Jornal dos Sports**, ano XXV, Rio de Janeiro, n. 7.957, p. 7, 16 ago. 1955. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518_02&pesq=%22Clube%20do%20rio%20de%20janeiro%22%20ca%C3%A7a%20submarina&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=10151. Acesso em: 17 mar. 2024.

EXEQUIEL, L. G. **Mergulho recreativo na área da reserva marinha do Arvoredo-SC: análise do comportamento ambiental e das impressões da experiência dos praticantes**. 2003. 72 f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2003. Disponível em: https://www.icmbio.gov.br/cepsul/images/stories/biblioteca/download/trabalhos_tecnicos/plan_o_manejo_arvoredo_encarte_4_parte_1.pdf. Acesso em: 31 out. 2019.

EXPEDIÇÃO ao Parque Estadual de Vila Velha. **Bandeirantes do Mar Boletim Informativo**, edição especial, n. 41, p. 01, s/d.

FALANGHE, A. **Pioneiros do mergulho brasileiro. Episódio 1**. Produção: Brasil Mergulho. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tpe0kriif6E> Acesso em: 18 jun. 2019.

FERNANDES, V. J. G.; GOMES T. P. Estudo do perfil do visitante e utilização do peixe mero (*epinephelus itajara*) como atrativo para o turismo subaquático no parque nacional marinho dos Abrolhos/BAOLAM. **Ciência & Tecnologia**, Rio Claro, ano XI, v. 11, n. 2, p. 6, jul./dez. 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/266476384_Estudo_do_perfil_do_visitante_e_uso_do_peixe_mero_Epinephelus_itajara_como_atrativo_para_o_turismo_subaquatico_no_Parque_Nacional_Marinho_dos_AbrolhosBahia. Acesso em: 31 out. 2019.

FONSECA, M. K. da. Tecnologia e sensibilidade: como a mudança nas relações entre homens e animais influenciou o processo de abate e produção industrial de carne no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA, 29., 2017, Brasília. **Anais [...]**. São Paulo: ANPUH, 2017. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548945020_232843b219812b3805214141940f7479.pdf. Acesso em: 21 maio 2025.

FONSECA, P. C. D. **Desenvolvimentismo: a construção do conceito**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2015. 60 p. (Texto para Discussão, n. 2103). Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/4580/1/td_2103.pdf. Acesso em: 15 maio 2025.

FREIRE, M. **Mergulho “livre”**: desvelando emoções e sensações. 2005. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Universidade Estadual de São Paulo, Rio Claro, 2005.

FUNDADA a Associação Brasileira de Mergulho Amador. Mergulhar: a descoberta do mar. **Mergulhar**, Rio de Janeiro, ano II, n. 8, p. 52, 1983.

FUZIS para pesca submarina. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ano LVI, n. 28, p. 20, 2 fev. 1947. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_06&pesq=%22PESCA%20SUBMARINA%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=44767. Acesso em: 17 mar. 2024.

GARROD, B.; GÖSSLING, S. **New frontiers in marine tourism**: diving experiences, sustainability, management. Kindle version, 2008.

GLEYSE, J. **A instrumentalização do corpo**: uma arqueologia da racionalização instrumental do corpo, da idade clássica à época hipermoderna. São Paulo: LiberArts, 2018.

GODOY, M. E o mergulho amador como está? Mergulhar: a descoberta do mar. **Mergulhar**, Rio de Janeiro, ano III, n. 13, p. 60, jan./fev. 1985.

GOELLNER, S. V. Locais da memória: história do esporte moderno. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 79-86, jul./dez. 2005.

GÓIS JUNIOR, E.; SOARES, C. L.; TERRA, V. D. S. Corpo-máquina: diálogos entre discursos científicos e a ginástica. **Movimento**, [S. l.], v. 21, n. 4, p. 973-984, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/52754>. Acesso em: 11 maio 2024.

GOMES, M. de B. **Ouvindo o silêncio**: a construção identitária por meio da prática do mergulho *SCUBA* como consumo hedônico. 2008. 94 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Empresarial) – Fundação Getúlio Vargas, 2008.

GOULARTI FILHO, A. Da Sudepe à criação da Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca: as políticas públicas voltadas às atividades pesqueiras no Brasil. **Planejamento e Políticas Públicas**, Brasília, n. 49, p. 385-412, jul./dez. 2017. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/8875>. Acesso em: 5 jun. 2025.

GRANDE, J. Caça submarina. Campeonato do mundo. **Correio da Manhã**, ano LVIII, n. 20.017, p. 3, 29 jun. 1958. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_06&pesq=novo%20esporte%20pesca%20subaqu%C3%A1tica&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=93107. Acesso em: 18 jan. 2024.

GUARDABASSI, C.; NACCARATO, W. **Caça submarina**: fundamentos e técnica. 1. ed. São Paulo: Marazul, 1996.

GUIMARÃES, M. S. Debate espaço aberto para a sua opinião. Mergulho institucional. Mergulhar: a descoberta do mar. **Mergulhar**, Rio de Janeiro, ano II, n. 8, p. 20, 1984.

GURSKI, B.; GONZAGA, R.; TENDOLINI, P. Conferência de Estocolmo: um marco na questão ambiental. **Administração de Empresas em Revista**, v. 1, n. 7, p. 65-79, 2012. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/admrevista/article/view/21494> Acesso em: 16 nov. 2024.

HAAG, C. O império no fundo do mar. **Pesquisa Fapesp**, ed. 209, jul. 2013. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/2013/07/12/o-imperio-no-fundo-do-mar>. Acesso em: 25 mar. 2020.

HÁ muitos anos. Mergulhar: a descoberta do mar. **Mergulhar**, Rio de Janeiro, ano II, n. 10, p. 10, 1984.

HERMETO, M.; AMATO, G. DELLAMORE, C. **Performance narrativa em entrevistas públicas de história oral**: e 68, hein? Memórias públicas de um ano inesquecível. Belo Horizonte: Fino Traço, 2022.

HISTÓRIA do mergulho no Brasil. **Comunidade do Facebook**, 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/591046881291645>. Acesso em: 10 jun. 2019.

IESDS. Instituto de Exploração Subaquática Dallo Sub. **Documento de constituição do instituto**. [S. d.].

INTERNET ARCHIVE. **About**. 2022. Disponível em: <https://archive.org/about/>. Acesso: 28 mar. 2023.

INTERNET ARCHIVE. **Security incident update**. [S. l.], 30 out. 2024. Disponível em: <https://blog.archive.org/2024/10/30/security-incident-update/>. Acesso em: 9 jun. 2025

INTERNET ARCHIVE. **What is the internet archive?** [S. l.], 2022. Disponível em: <https://archive.org/about/>. Acesso em: 9 jun. 2025.

JET power a tecnologia. Mergulhar: a descoberta do mar. **Mergulhar**, Rio de Janeiro, ano V, n. 32, 1987.

LE BRETON, D. Aqueles que vão para o mar: o risco e o mar. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 28, n. 3, p. 9-19, maio 2007.

LEILOEIRO, A. L. **O guri apresenta aventura submarina**. 15 set. 1961. Disponível em: <https://www.albertolopesleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=4086666>. Acesso em: 9 jun. 2025.

LEITE, T. S. *et al.* Scientific diving in Brazil: history, present and perspectives. **Ocean and Coastal Research**, São Paulo, v. 71, p. 1-37, 2023.

LIMA, F. R. **Turismo de aventura e meios de hospedagem**: análise das necessidades específicas de um segmento e da adequação de seus receptores. O mergulho em Bombinhas-SC. 2004. 146 f. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2004.

MACCANNELL, D. **The tourist: a new theory of the leisure class**. New York: Schocken Books, 1976.

MAGNANI, J. G. C. O circuito: proposta de delimitação da categoria. **Ponto Urbe** [on-line], v. 15, 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2041>. Acesso em: 27 jul. 2023.

MARINHO, A. Do Bambi ao Rambo ou vice-versa? As relações humanas com a (e na) natureza. **Revista Conexões**, Campinas: Faculdade de Educação Física da UNICAMP, v. 1, n. 3, p. 33-41, 1999.

MARQUES, R. *et al.* Riesgos percibidos en la práctica del buceo SCUBA: la perspectiva del consumidor. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, Recife, v. 21, n. 2, p. 402-416, abr. 2012. Disponível em: <https://go.gale.com/ps/anonymouse?id=GALE%7CA288689094&sid=googleScholar&v=2.1&it=r&linkaccess=abs&issn=18511732&p=IFME&sw=w>. Acesso em: 29 out. 2019.

MAUAD, A. M. Usos do passado e História pública no Brasil: a trajetória do Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense (1982-2017). **História Crítica**, n. 68, p. 27-45, abr./jun. 2018.

MAYER, E. S. **O mundo desconhecido**. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1957.

MELO, V. A. de. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX. In: HOLLANDA, B. B. B. de; MELO, V. A. de. **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: FAPERJ/7 Letras, 2012. p. 21-51.

MELO, V. A. de. Enfrentando os desafios do mar: a natação no Rio de Janeiro do século XIX (anos 1850-1890). **Rev. Hist.**, São Paulo, n. 172, p. 299-334, jan./jun. 2015.

MELO, V. A. de; FORTES, R. Práticas corporais e imprensa ilustrada no Brasil dos anos 1940 e 1950. **Record: Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 1-25, jul./dez. 2010.

MEN OF HONOR. Direção: George Tillman Jr. Produção: Bill Badalato; Robert Teitel. Elenco: Cuba Gooding Jr.; Robert de Niro; Charlize Theron. Estados Unidos: 20th Century Fox, 2000. Filme (129 min). Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0203019>. Acesso em: 17 maio 2025.

MERGULHADORES. **Cidade de Santos**, ano V, n. 1.642, p. 4, 16 mar. 1972.

Disponível em:

<https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=896179&Pesq=escafandro&pagfis=25463>. Acesso em: 12 jan. 2023.

MERGULHAR. Sumário. **Mergulhar: a descoberta do mar, náutica e turismo**, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. [1], set./out. 1982.

MINAYO, M. C. de S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012. Disponível em: [file:///C:/Users/telma/Downloads/MINAYO%2008%20OUT%202020%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/telma/Downloads/MINAYO%2008%20OUT%202020%20(2).pdf). Acesso em: 2 maio 2022.

BRASIL. Ministério da Indústria e do Comércio. Departamento Nacional de Registro do Comércio. **Cadastro Nacional de Empresas. Junta Comercial do Estado de São Paulo. Contratos Sociais**. São Paulo: Ignazio Terrana & Cia. LTDA, 19 jan. 1960.

BRASIL. Ministério da Indústria e do Comércio. Departamento Nacional de Registro do Comércio. **Cadastro Nacional de Empresas. Junta Comercial do Estado de São Paulo. Ficha de Controle (Breve Relato). Sociedade por Quotas**. São Paulo: Italianinha Plástico e Borracha, 23 jul. 1979.

BRASIL. Ministério do Turismo. Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (ABETA). **Diagnóstico do turismo de aventura no Brasil – Série Aventura Segura**. Belo Horizonte: Ed. dos Autores, 2009. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.feriasvivas.org.br/wp-content/uploads/2014/10/MTur-ABETA-Diagnostico-do-Turismo-de-Aventura-no-Brasil-2009.pdf>. Acesso em: 4 fev. 2023.

MOCSÁRI, L. **Rebreathe**: mergulhando fundo na técnica. Salvador, BA: Edição do autor, 2015.

MONTENEGRO, N. R.; SOARES, C. L. Cultura física e vida ao ar livre: a reinvenção do litoral de Fortaleza (1920-1940). **Movimento**, v. 25, p. 25092-, 2019.

MORAES, F. S.; SILVA, C. A. F. O mergulho adaptado como possibilidade mediadora entre o surdo e o ouvinte. **Revista Virtual de Cultura Surda**, Petrópolis, ano XVII, n. 19, set. 2016. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/308892874_O_MERGULHO_ADAPTADO_COM_O_POSSIBILIDADE_MEDIADORA_ENTRE_O_SURDO_E_O_OUVINTE. Acesso em: 22 out. 2019.

MOREIRA, A. S. V. ABIMA. **Bandeirantes do Mar Boletim Informativo**, n. 05, p. 01-02, dez. 1978.

MOREIRA, A. S. V. **Carta à Marly**. Itajaí, Porto Belo, SC, set. 1999.

MOREIRA, A. S. V. C. M. A. S. Constituição. Nautilus. **Boletim Informativo da Bandeirantes do Mar**, n. 02, p. 02, set. 1978c.

MOREIRA, A. S. V. Mergulho autônomo amador: definições que se impõem! **Bandeirantes do Mar Boletim Informativo**, n. 21, p. 01, abr. 1980.

MOREIRA, A. S. V. Render da guarda. **Bandeirantes do Mar Boletim Informativo**, n. 10, p. 01-02, maio. 1979a.

MOREIRA, A. S. V. Ser monitor. **Bandeirantes do Mar Boletim Informativo**, n. 04, p. 01, nov. 1978.

MOREIRA, A. S. V. Ser ou não ser ético em relação ao mar? **Bandeirantes do Mar Boletim Informativo**, n. 09, p. 01, abr. 1979b.

MOREIRA, A. S. V. Use seu escafandro autônomo com dignidade. **Bandeirantes do Mar Boletim Informativo**, n. 42, p. 01, nov. 1981.

NARGUILÉ Flutuante. Mergulhar: a descoberta do mar. **Mergulhar**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 37, maio/jun. 1983.

NASCIMENTO, P. L. S. **Sacrifício percebido no consumo de experiências de mergulho em destinos sustentáveis**. 2017. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

NAUTILUS a primeira. Mergulhar: a descoberta do mar. **Mergulhar**, Rio de Janeiro, ano II, n. 8, p. 74, 1983.

NIETO, C. C. **Pioneiros do mergulho brasileiro. Episódio 15**. Produção: Brasil Mergulho. 2019. Disponível em: <https://www.brasilmergulho.com/cesar-corazza-nieto-pioneiros-do-mergulho-brasileiro-episodio-15/>. Acesso em: 19 jun. 2019.

NORMA DE MERGULHO Nº 01/NORMERG Rev. 2022. **Atividade**: mergulho de segurança pública. Corpo de Bombeiros do Estado do Espírito Santo. 2022. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://cb.es.gov.br/Media/CBMES/PDF's/Legislacao/599-R%20ANEXOS%20NORMEG.pdf>. Acesso em: 5 ago. 2024.

NORTON, T. **Sob o mar**: a extraordinária vida dos pioneiros do mergulho. Tradução George Schlesinger. São Paulo: Alegro, 2001.

NOVO: bem-vindo. Mergulhar: a descoberta do mar. **Mergulhar**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 38, 27 dez. 1986.

NUNES, L. M. **Um estudo de viabilidade econômica da caça submarina no estado da Bahia**: a análise de uma experiência. 1996. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Econômicas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/30470>. Acesso em: 13 maio 2024.

O ESPORTE invade o fundo dos mares. Alpinismo submarino, a nova modalidade esportiva praticada na França – Aparelhos permitem a permanência e evoluções debaixo d'água. **Correio Paulistano**, São Paulo, ano XCIII, n. 27.735, p. 08, 30 ago. 1946. Disponível em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&pesq=clubes%20%22pesca%20Submarina%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.br&pagfis=29928. Acesso em: 19 jun. 2023.

OLIVEIRA, C. S. Caça submarina. Federação Paulista de Caça Submarina. **O Diário**, Santos, ano XXVI, n. 187, p. 9, 16 ago. 1961. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=890383&pesq=clube%20paulista%20explora%20A7%20A3o%20submarina&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=39701>. Acesso em: 18 jan. 2024.

OLIVEIRA, C. S. Proibidos os Aqualungs. **O Diário**, Santos, ano XXVII, n. 122, p. 13, 30 maio 1962. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=890383&pesq=%22Grupo%20do%20Apaches%22&pasta=ano%20196&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=40406>. Acesso em: 15 fev. 2024.

OLIVEIRA JÚNIOR, N. M. Debatendo o mergulho amador: 3º ciclo de debates para o desenvolvimento do mergulho amador. Mergulhar: a descoberta do mar. **Mergulhar**, Rio de Janeiro, ano III, n. 16, p. 9, 1985.

OLIVEIRA, L. D. de. Os “Limites do Crescimento” 40 Anos Depois. **Revista Continentes**, [S. l.], n. 1, p. 72-96, jul. 2012. ISSN 2317-8825. Disponível em: <https://www.revistacontinentes.com.br/index.php/continentes/article/view/8>. Acesso em: 16 nov. 2024.

PADI. **Adventures in diving manual**. California, USA, 1995b.

PADI. **História da PADI**: onde tudo começou. 2009. Disponível em: <https://www.padibr.com.br/a-padi/historia>. Acesso em: 2 jun. 2023.

PADI. **Open water diver manual**. California, USA, 1995a.

PANTALENA, A. F. **Mergulho recreativo na região metropolitana de Fortaleza (NE, Brasil)**: subsídios para o desenvolvimento sustentável. 2017. Tese (Doutorado em Ciências Marinhas Tropicais) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/25369>. Acesso em: 11 out. 2019.

PESCA. **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, ano XXV, n. 5.411, 2. seção, p. 5, 26 fev. 1953. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=221961_03&pesq=%22associa%C3%A7%C3%A3o%20brasileira%22%20%22pesca%20no%20fundo%20do%20mar%22&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=26093. Acesso em: 20 mar. 2024.

PINTO, M. A.; WERNECK, M. Equipamentos. Mergulhar: a descoberta do mar. **Mergulhar**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 35, p. 54-57, mar. 1988.

PRIMEIRO ciclo de debates para o desenvolvimento do mergulho amador: o mergulho amador em debate. Mergulhar: a descoberta do mar. **Mergulhar**, Rio de Janeiro, ano II, n. 8, p. 54-55, 1984.

PRINCIPAL condição para ser um mergulhador: auto-controle. **Cidade de Santos**, ano IV, p. 8, 15 ago. 1971. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=896179&Pesq=escafandro&pagfis=22598>. Acesso em: 12 jan. 2023.

QUEIROZ NETO, A. C. *Dive tourism* – Um mergulho conceitual. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL. TURISMO E PAISAGEM: RELAÇÃO COMPLEXA, 7., 2012. **Anais** [...]. 16-17 nov. 2012. Disponível em: https://www.ucs.br/ucs/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_7/arquivos/06/04_38_03_Neto.pdf. Acesso em: 18 out. 2019.

RACKLEY, M. Internet Archive. **Encyclopedia of Library and Information Sciences**, v. 1, n. 1, p. 2966-2976, 2010. Disponível em: <https://archive.org/details/internetarchive-encyclis>. Acesso: 3 mar. 2023.

RAYMOND abre inscrições a vários cursos. **Cidade de Santos**, Santos, 12 mar. 1976, Ano IX, n. 3.079, p. 10. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=896179&pesq=%22CURSO%20DE%20MERGULHO%22&pasta=ano%20197&hf=memoria.bn.br&pagfis=51595>. Acesso em: 11 jun. 2023.

RECORDES brasileiros foram assinalados. **A Gazeta Esportiva**, ano XXIV, n. 8990, p. 13, São Paulo, 2 fev. 1955. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=104140&pesq=Confedera%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira%20de%20Desportos%20Associa%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira%20de%20ca%C3%A7a%20submarina&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=34880>. Acesso em: 15 out. 2024.

RIBEIRA, A. **A pesca submarina**. Porto: Editorial Presença LTDA., 1975.

RIBEIRO JÚNIOR, A. **Atlântida**. [s./d.] a. Disponível em: <https://www.cg-45.com/regulators/Atlantida/index.shtml>. Acesso em: 9 mar. 2024.

RIBEIRO JÚNIOR, A. **Double hose regulators: la spirotechnique**. [s./d.] b. Disponível em: https://www.cg-45.com/regulators/La_Spirotechnique/ Acesso em: 7 mar. 2024.

RISSATO, J. A.; SPRICIGO, G. D. A política ambiental no Brasil: uma trajetória institucional. **Revista CCSA em Perspectiva**, v. 1, n. 1, p. 6-19, 2010. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ccsaemperspectiva/article/view/3485/3293>. Acesso em: 4 jun. 2025.

ROSA, L. I da. **Arqueologia e patrimônio subaquático: as relações entre ciência, Estado e sociedade em Portugal**. 2008. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Algarve, Algarve, 2008. Disponível em: <https://sapientia.ualg.pt/handle/10400.1/782>. Acesso em: 20 jun. 2023.

ROWE, R. Y. G.; SANTOS, G. E. Turismo de mergulho: análise do comportamento de viagem dos mergulhadores brasileiros. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 61-75, dez. 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/1154/115449790006/html/index.html>. Acesso em: 1 nov. 2019.

SALCEDE, D. Bola society. **Jornal dos Sports**, n. 8.092. p. 10, 24 jan. 1956. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518_02&pesq=Jo%C3%A3o%20Jos%C3%A9%20Bracony&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=11999. Acesso em: 16 nov. 2024.

SANT'ANNA, D. B. Corpo e história. In: **Cadernos de Subjetividade**. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade – PUC-SP, 1996. p. 243-266.

SANT'ANNA, D. B. Entre o corpo e a técnica. **Motrivivência**, Santa Catarina, ano XI, n. 15, p. 1-6, ago. 2000.

SANTARELLI, A. Debate espaço aberto para a sua opinião. Ciúmes do mar. Mergulhar: a descoberta do mar. **Mergulhar**, Rio de Janeiro, ano II, n. 7, p. 18-21, out./nov. 1983.

SANTARELLI, A. **Super Sub**. 5. ed. Rio de Janeiro: Cobra Sub S. A., 1983.

SANTHIAGO, R. História pública e autorreflexividade: da prescrição ao processo. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 286-309, jan./mar. 2018.

SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. de. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. **Anos 90**, Porto Alegre, ano 00, v. 27, p. 1-18, 2020.

SANTIAGO, S. Em Angra dos reis. O 5º Campeonato Brasileiro de Caça Submarina. **Guanabara Fluminense**, Niterói n. 25, p. 18-20, fev. 1956. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=105147&Pesq=ALMIRO%20bar auna&pagfis=1697>. Acesso em: 18 fev. 2024.

SANTIAGO, S. Invadindo o reino dos peixes. **Guanabara Fluminense**, n. 17, p. 10-11, 1955. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=105147&Pesq=%22PESCA+SUBMAR INA%22&pagfis=380> Acesso em: 5 jul. 2023.

SANTOS, B. F.; GOLIN, C. Grupamento de Mergulhadores de Combate (GRUMEC) da Marinha do Brasil: uma análise dos discursos a partir do fenômeno corporeidade. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Mato Grosso do Sul, v. 30, n. 4, p. 1-21, 2022. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rbcm/article/view/13846>. Acesso em: 5 fev. 2024.

SCHMIDLIN, H. P. Coluna subaquática. Caça ou matança? **Diário do Paraná**, ano V, n. 01388, Curitiba, 25 out. 1959. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=761672&pesq=novo%20esporte %20pesca%20subaqu%C3%A1tica&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=295 53>. Acesso em: 18 fev. 2024.

SCHOSSLER, J. C. **História do veraneio no Rio Grande do Sul**. Jundiaí, SP: Paco, 2013.

SCHWARTZ, G. M. **Lazer e virtualidade**: um estudo sobre o interesse virtual do lazer. Campinas: Autores Associados, 2003

SCUBA, A. P. . **Sea hunt remembered**, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jytok0Qlc88>. Acesso em: 2 jun. 2023.

SCUBA EDUCATORS. **O professional Dive Instructor's College (PDIC) é formado**. 2022. Disponível em: <https://SCUBAeducators.wpengine.com/history/>. Acesso em: 2 jun. 2023.

SETTA, L. Projeto Acqua: uma obra faraônica. Mergulhar: a descoberta do mar. **Mergulhar**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 34, p. 58-59, 1988.

SETTA, L. Scubatec: a tecnologia no mergulho. Mergulhar: a descoberta do mar. **Mergulhar**, Rio de Janeiro, ano V, n. 32, p. 6-7, 1987.

SILVA, G. C. da. Educar corpos, costumes e sensibilidades: práticas culturais estadunidenses e interpretações sobre o Brasil em circulação pela Associação Cristã de Moços. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 36, e222213, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/XgJHg7YVDmTy4CwrZCSG3GK/>. Acesso em: 11 maio 2025.

SINGER, P. **Libertação animal**. Edição rev. Porto Alegre; São Paulo: Lugano, 2004.

SJÖBLOM, Kenth. Esportes e arquivos: um panorama internacional do debate. **Acervo**, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 13-17, 2014. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/434>. Acesso: 27 ago. 2023.

SOARES, C. L. (org.). **Uma educação pela natureza**: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana. Campinas: Autores Associados, 2016.

SOBRE nós. **Mormaii**, 2024. Disponível em: <https://www.mormaiishop.com.br/institucional/sobre>. Acesso em: 25 jan. 2025.

SODRÉ, L. H. M. **Mergulho autônomo recreativo adaptado**: uma opção de lazer e aventura. 2007. 133 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://cev.org.br/biblioteca/mergulho-autonomo-recreativo-adaptado-uma-opcao-lazer-aventura/>. Acesso em: 14 out. 2019.

SOUZA, E. Os novos doutores na arte do mergulho. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 26 jun. 1975, ano LXXXV, n. 79, p. 4. Caderno B. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_09&pesq=%22CURSO%20DE%20MERGULHO%22&pasta=ano%20197&hf=memoria.bn.br&pagfis=57795. Acesso em: 19 jun. 2023.

SSI. **Sobre a SSI**. 2022. Disponível em: <https://www.divessi.com/pt/ssi-international/about-ssi-2022>. Acesso em: 2 jun. 2023.

OLIVEIRA, M. A. T. de. Apresentação – Como é possível educar sentidos e sensibilidades. In: OLIVEIRA, M. A. T. de. (org.). **Sentidos e sensibilidades**: sua educação na história. Curitiba: Ed UFPR, 2012.

OLIVEIRA, M. A. T. de.; OSCAR, L. C. B. Referenciais teórico-metodológicos nas pesquisas em história da educação: para uma história das relações entre sensibilidades, tempo livre e formação. **Esboços**: Histórias em Contextos Globais, Florianópolis, v. 21, n. 31, p. 171-193, ago. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2014v21n31p171>. Acesso em: 11 maio 2025.

T. AMATO. Mergulhar: a descoberta do mar. **Mergulhar**, Rio de Janeiro, ano VI, n. 35, p. 37, 1988.

TAVARES, C. Caça submarina. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, ano XXVIII, n. 8716, p. 7, 29 jan. 1958. Disponível em:

https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=112518_02&pesq=revista%20an-equip&pasta=ano%20195&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=20199. Acesso em: 15 mar. 2024.

TERRA, V. A invenção da praia de Santos (1880-1940). In: SOARES, C. L. **Uma educação pela natureza**: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana. Campinas: Autores Associados, 2016. p. 205-238.

THELEN, T. Real Mermaid vs. Nuclear Power Plant: ecofeminist vengeance and ama divers in japanese horror. **Gothic Nature**, v. 2, p. 175-201, mar. 2021. Disponível em: <https://gothicnaturejournal.com/>. Acesso em: 13 maio 2025.

THOMAS, K. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais (1500-1800). São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TINOCO, I. A. P.; CORREIA, M. L. A. Análise crítica sobre a declaração universal dos direitos dos animais. **Revista Brasileira de Direito Animal**, Salvador, BA: Evolução, ano 5, v. 7, p. 169-195, jul./dez. 2010. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/https://www.animallaw.info/sites/default/files/brazilvol7.pdf>. Acesso em: 5. ago. 2023.

UM esporte sensacional. **Correio da Manhã**, ano XLVI, n. 16.041, p. 8, 20 fev. 1947. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&pesq=%22ca%u00e7a+submarina%22&pasta=ano+194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=35363. Acesso em: 12 fev. 2024.

UM fato em foco. **O Cruzeiro**, ano XXIV, Rio de Janeiro, n. 17 p. 80-81, 1952. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=003581&pesq=%22PESCA%20SUBMARINA%22&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=209115>. Acesso em: 15 out. 2024.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Comitê de Ética e Pesquisa. **Parecer Consubstanciado do CEP nº 5.199.690**. Belo Horizonte, 2022. (Documento avulso em *Word*).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Núcleo de História Oral. **Normas de transcrição literal**. Belo Horizonte: UFMG, [S. d.]. (Documento avulso em *Word*).

UVINHA, R. R. Tendências para o turismo de aventura no cenário nacional. In: UVINHA, R. R. (org.). **Turismo de aventura**: reflexões e tendências. São Paulo: Aleph, 2005b. p. 269-300.

UVINHA, R. R. Viagens de aventura: o turismo e os esportes radicais. In: DIAS, C. A. G.; ALVES JUNIOR, E. de D. (org.). **Em busca de aventura**: múltiplos olhares sobre esporte, lazer e natureza. Niterói: EdUFF, 2009. p. 73-82.

VÁLVULA abissal. Mergulhar: a descoberta do mar. **Mergulhar**, Rio de Janeiro, ano I, n. 4, p. 10, mar./abr. 1983.

VECHIATO, F. L.; VIDOTTI, S. A. B. G. Encontrabilidade da informação: atributos e recomendações para ambientes informacionais digitais. **Informação & Tecnologia**, v. 1, n. 2, p. 42-58, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/41385>. Acesso: 27 ago. 2023.

VEIGA, P. da M.; IGLESIAS, R. M. A institucionalidade da política brasileira de comércio exterior. In: BONELLI, Regis (org.). **O Brasil e os desafios da globalização**: políticas de comércio exterior e integração. Rio de Janeiro: BNDES, 2002. p. 51-96.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**. Tradução de João Paulo Pimenta. Brasília: UnB, 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/6737612/Como_se_Escreve_a_Historia_Paul_Veyne. Acesso em: 17 maio 2025.

WEAVER, D. B. Ecotourism as mass tourism: contradiction or reality? **Cornell Hotel and Restaurant Administration Quarterly**, London, p. 104 112, 2001.

WORLD RECREATIONAL SCUBA TRAINING COUNCIL. **Minimum course content for open water diver certification**. Florida, 2004. Disponível em: <https://wrstc.com/downloads/03%20-%20Open%20Water%20Diver.pdf>. Acesso em: 17 maio 2025.

WORLD RECREACIONAL SCUBA TRAINING COUNCIL. **Mission Statement**. [S. d.]. Disponível em: <https://wrstc.com/mission-statement/>. Acesso em: 12 mar. 2023.

YOUNG MEN'S CHRISTIAN ASSOCIATION. **Welcome to YMCA SCUBA**. 2008. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20080920035515/http://www.ymca.net/SCUBA/>. Acesso em: 1 jun. 2023.

ENTREVISTAS

BARROS, S. P. de. Sandderson Pimentel de Barros. Inédito. [Entrevista cedida a] Telma Freitas de Abreu. Transcrição Bruno Henrique Costa. **Google Meet**, 13 fev. 2023. 45 p. (2h59'24").

BRACONY, E. P. **Eduardo Paim Bracony**. Inédito. [Entrevista cedida a] Telma Freitas de Abreu. Transcrição Angélica Maria Oliveira Dantas de Faria. Rio de Janeiro, 8 dez. 2022. 14 p. (1h18'00").

CARVALHO, M. Maurício Carvalho. Inédito. [Entrevista cedida a] Telma Freitas de Abreu. Transcrição Bruno Henrique Costa. **Google Meet**, 12 fev. 2022. 53 p. (2h30'51").

CARVALHO, M. Maurício Carvalho. Inédito. [Entrevista cedida a] Telma Freitas de Abreu. Transcrição Bruno Henrique Costa. **Google Meet**, 1 fev. 2022b. 48 p. (2h08'17").

COSTA, S. S. C. Inédito. [Entrevista cedida a] Telma Freitas de Abreu. Transcrição Angélica Maria Oliveira Dantas de Faria. **Google Meet**, 1 fev. 2022a. 43 p. (2h14'51").

COSTA, S. S. C. Inédito. [Entrevista cedida a] Telma Freitas de Abreu. Transcrição Angélica Maria Oliveira Dantas de Faria. **Google Meet**, 7 fev. 2022b. 15 p. (56'30").

COSTA, S. S. C. Inédito. [Entrevista cedida a] Telma Freitas de Abreu. Transcrição Angélica Maria Oliveira Dantas de Faria. **Google Meet**, 17 ago. 2022c. 34 p. (2h07'25").

CUNHA, P. P. A. C. da. **Pedro Paulo de Almeida Carneiro da Cunha**. Inédito. [Entrevista cedida a] Telma Freitas de Abreu. Transcrição Angélica Maria Oliveira Dantas de Faria. São Paulo, 30 ago. 2022. 61 p. (2h08'17").

FALANGHE, A. Alcides Ayrosa Falanghe. Inédito. [Entrevista cedida a] Telma Freitas de Abreu. Transcrição João Pedro Resende Amorim. **Google Meet**, 2 fev. 2022a. 40 p. (1h58'44").

FALANGHE, A. Alcides Ayrosa Falanghe. Inédito. [Entrevista cedida a] Telma Freitas de Abreu. Transcrição João Pedro Resende Amorim. **Google Meet**, 6 fev. 2022b. 34 p. (1h46'44").

FONSECA, R. Randal Fonseca. Inédito. [Entrevista concedida a] Telma Freitas de Abreu. Transcrição Marcos Vinícius Galvão de Barros. **Google Meet**, 14 fev. 2022a. 58 p. (2h16'36").

FONSECA, R. Randal Fonseca. Inédito. [Entrevista cedida a] Telma Freitas de Abreu. Transcrição Palloma Ramos Moreira. **Google Meet**, 15 fev. 2022b. 48 p. (2h30'51").

FONSECA, R. Randal Fonseca. Inédito. [Entrevista cedida a] Telma Freitas de Abreu. Transcrição João Pedro Resende Amorim. **Google Meet**, 14 abr. 2022c. 74 p. (2h56'47").

FRITZSCHE, L. (Lola). Leonora Fritzsche. [Entrevista cedida a] Telma Freitas de Abreu. Transcrição Angélica Maria Oliveira Dantas de Faria. **Google Meet**, 5 fev. 2022a. 36 p. (1h34'55").

FRITZSCHE, L. (Lola). Leonora Fritzsche. Inédito. [Entrevista cedida a] Telma Freitas de Abreu. Transcrição Angélica Maria Oliveira Dantas de Faria. **Google Meet**, 16 fev. 2022b. 41 p. (2h32'12").

GANME, G. Gabriel Ganme. Inédito. [Entrevista cedida a] Telma Freitas de Abreu. Transcrição Angélica Maria Oliveira Dantas de Faria. **Google Meet**, 10 dez. 2022. 14 p. (44'17").

GUARDABASSI, Claudio. Claudio Guardabassi. Inédito. [Entrevista cedida a] Telma Freitas de Abreu. Transcrição João Pedro Resende Amorim. **Google Meet**, 2 nov. 2023. 37 p. (1h54'37").

GUARDABASSI, Claudio. **Claudio Guardabassi**. Inédito. [Entrevista cedida a] Telma Freitas de Abreu. Transcrição Bruno Henrique Costa. São Paulo, 18 maio 2024. 43 p. (1h30'09").

KURAMOTO, F. H. Fernando Hiroshi Kuramoto. Inédito. [Entrevista cedida a] Telma Freitas de Abreu. Transcrição João Pedro Resende Amorim. **Google Meet**, 13 fev. 2023. 38 p. (2h11'19").

KURAMOTO, F. H. Fernando Hiroshi Kuramoto. Inédito. [Entrevista cedida a] Telma Freitas de Abreu. Transcrição Angélica Maria Oliveira Dantas de Faria. **Google Meet**, 14 fev. 2023b. 38 p. (1h46'12").

NIETO, C. A. C. Cesar Alfredo Corazza Nieto. Inédito. [Entrevista cedida a] Telma Freitas de Abreu. Transcrição Angélica Maria Oliveira Dantas de Faria. **Google Meet**, 21 fev. 2022a. 27 p. (1h49'54").

NIETO, C. A. C. Cesar Alfredo Corazza Nieto. Inédito. [Entrevista cedida a] Telma Freitas de Abreu. Transcrição Angélica Maria Oliveira Dantas de Faria. **Google Meet**, 18 ago. 2022. 24 p. (1h24'34").

OBEIDI, M. D. Marcelo Demetrio Obeidi. Inédito. [Entrevista cedida a] Telma Freitas de Abreu. Transcrição Bruno Henrique Costa. **Google Meet**, 25 abr. 2024. 28 p. (1h07'14").

OLIVEIRA, A. S. de. Alvanir Silveira de Oliveira. Inédito. [Entrevista cedida a] Telma Freitas de Abreu. Transcrição João Pedro Resende Amorim. **Google Meet**, 21 nov. 2023, 35 p. (1h33'08").

SILVA, J. C. P. da. (TATALO). **João Carlos Pompeu da Silva**. Inédito. [Entrevista cedida a] Telma Freitas de Abreu. Transcrição Angélica Maria Oliveira Dantas de Faria. Rio de Janeiro, 10 dez. 2022. 30 p. (1h02'17").

SIMÕES, M. C. Marly Costa Simões. Inédito. [Entrevista cedida a] Telma Freitas de Abreu. Transcrição, João Pedro Resende Amorim. **Google Meet**, 17 fev. 2023. 40 p. (2h17'11").

SODRÉ, L. H. M. Lucia Helena Monteiro Sodré. Inédito. [Entrevista cedida a] Telma Freitas de Abreu. Transcrição Bruno Henrique Costa. **Google Meet**, 14 fev. 2023. 54 p. (2h57'08").

WERNECK, M. **Marcus Werneck**. Inédito. [Entrevista cedida a] Telma Freitas de Abreu. Transcrição Angélica Maria Oliveira Dantas de Faria. Rio de Janeiro, 9 fev. dez. 2022. 45 p. (1h47'07").

APÊNDICE 1- O ARQUIVO HISTÓRICO DO MERGULHO AUTÔNOMO BRASILEIRO (AHMARB)

O Arquivo Histórico do mergulho autônomo recreativo Brasileiro (AHMARB), em processo de composição, foi idealizado com o propósito de disponibilizar entrevistas de história oral produzidas na pesquisa em curso, para pesquisas futuras, matérias jornalísticas, obras literárias, entre outros fins, tendo o acervo de história oral do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (Alberti, 1998) como referência principal. A descoberta dos arquivos pessoais dos mergulhadores entrevistados durante a realização desta pesquisa ampliou o escopo da proposta, tanto em relação à documentação a ser salvaguardada quanto ao próprio sentido atribuído ao AHMARB, que passou a se constituir como um projeto de história pública, de acordo com a concepção de SANTHIAGO (2018).

Para este autor, projetos de história pública partem do desejo de compartilhar conhecimento histórico, de adotar modelos participativos de construção de saber, e de “reconhecer a legitimidade discursiva de agentes que questionam de forma cada vez mais sonora e inventiva qualquer tipo de monopólio sobre o passado” (Santhiago, 2018, p. 288), visando mobilizar práticas reflexivas. Nesse sentido, a idealização do AHMARB é uma ação preservacionista que perpassa a divulgação pública e científica sobre a história do mergulho autônomo no Brasil e visa animar reflexões e usos do passado com consequências práticas para o mergulho brasileiro e para a pesquisa sobre ele.

Pensando acerca de locais de memória (Goellner, 2005) sobre práticas corporais de movimento, predominam esforços referentes à temática do esporte, embora sobre esse assunto ainda também haja muito o que se desenvolver. Conforme SJÖBLOM (2014), em nível mundial, apesar de esforços isolados até então, é necessária a superação de um obscurantismo arquivístico, expressão com a qual o autor se refere à falta de políticas e estruturas arquivísticas para a salvaguarda de documentos relacionados às práticas corporais em diversas partes do mundo.

O Brasil reúne acervos de clubes disponibilizados virtual e presencialmente, como no Centro Pró-Memória Hans Nobiling, ligado ao Esporte Clube Pinheiros, em São Paulo (<https://www.ecp.org.br/centro-pro-memoria-hans-nobiling-completa-32-anos-preservando-a-grandeza-do-e-c-pinheiros/>), e no Centro de Memória do Minas Tênis Clube, em Belo Horizonte (<https://acervo.minastc.com.br/>). Há também instituições dedicadas a modalidades

específicas, como o Centro de Referência do Futebol Brasileiro – Acervo do Museu do Futebol (<https://dados.museudofutebol.org.br/>). Alguns desses locais são destacados e considerados por GOELLNER (2005) como pioneiros, no texto *Locais da Memória: História do Esporte Moderno*, no qual a autora ressalta a importância da memória esportiva, por se “caracterizar como uma rica fonte de investigação para os estudos historiográficos, visto que ela possibilita a emergência de muitas histórias” (Goellner, 2005, p. 80).

Existem também iniciativas que salvaguardam documentos sobre uma gama de práticas corporais de movimento para além da cultura esportiva, como centros de memória e de documentação de universidades que, ao receberem, tratarem, salvaguardarem e divulgarem documentos sobre instituições, práticas, sujeitos etc., contribuem direta e indiretamente para preservação e difusão das memórias sobre diferentes manifestações da cultura do corpo e do movimento no país. Alguns exemplos: o Centro de Memória (Ceme), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) (<https://www.ufrgs.br/ceme/>); o Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer (Cemef), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) (<http://projetos2.eeffto.ufmg.br/cemef/>); o Centro de Memória da Educação Física e do Esporte Capixaba (Cemefec), na Universidade do Espírito Santo (UFES) (<https://cemefec.org/>); e o Centro de Memória do Esporte (Cemesp), da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) (<https://www.cemesp.unimontes.br/>).

Quanto ao mergulho, especificamente, existem dois importantes museus dedicados a essa prática: *History of Diving Museum*, localizado na *Flórida Keys* (<https://divingmuseum.org/>) e o *The Diving Museum* (<https://www.divingmuseum.co.uk/>), no Reino Unido. No Brasil há instituições onde podem existir documentos sobre o mergulho, como o Museu do Mar Aleixo Belov, em Salvador (<https://museudomaraleixobelov.org.br/>); o Museu do Mar, em Santos (<https://museudomar.com.br/>); e o Museu Nacional do Mar, em São Francisco do Sul, Santa Catarina (<https://www.saofranciscodosul.sc.gov.br/museu-nacional-do-mar>). Essas instituições têm as navegações, a diversidade marinha, entre outros temas como centralidade; não foram encontrados, todavia, locais que salvaguardam, especificamente, memórias sobre o mergulho no Brasil e mais especificamente sobre o mergulho autônomo recreativo, tornando a iniciativa de criação de um arquivo sobre essa prática um importante ação.

Com a criação do AHMARB, busca-se a reunião de conjuntos documentais que se encontram atualmente dispersos em diferentes estados e municípios brasileiros e internacionais, especialmente na região Sudeste do Brasil. Pretende-se, a partir dos processos de produção, acumulação, organização, descrição técnica e preservação digital, custodiar documentos

digitais referentes aos acervos pessoais de pioneiros do mergulho e difundi-los em ambiente eletrônico, superando as barreiras físicas da custódia original, sem descaracterizar os vínculos de origem e organicidade dos documentos.

A aquisição do acervo se deu a partir do contato com os mergulhadores participantes da pesquisa e teve início com a realização das entrevistas de História Oral e a transcrição destas entrevistas. Os vídeos e o documento de transição foram os primeiros componentes planejados para a composição do Arquivo Histórico do mergulho autônomo recreativo Brasileiro (AHMARB). Inicialmente angariou-se documentos dos participantes deste estudo, todavia este projeto se estendeu a outros mergulhadores que manifestaram interesse em doar, também alguns itens de seus acervos pessoais. O empréstimo e digitalização dos itens dos acervos pessoais dos participantes ocorreram por ligações telefônicas e/ou visitas, explicando-se o objetivo do trabalho e apresentando os documentos que formalizam a participação de seres humanos em pesquisa, de acordo com a resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2016).

Até o momento foram digitalizados os documentos pertencentes aos acervos de Alcides Falanghe, Cesar Corazza Nieto, Eduardo Paim Bracony, Lola, Marcelinho, Maurício Carvalho, Moa, Randal, Sergio Costa e Marly, conforme descrição no quadro 03:

Quadro 03: Documentos dos acervos pessoais de pioneiros do mergulho cedidos e digitalizados para o AHMARB

Doador(a)	Espécie	Item	Descrição	Observações
Alcides Falanghe	Revista	Revista Mergulho	Números disponibilizados: 99 ao 221	Exceto os números: 115, 176, 189, 191, 194, 195, 196, 199, 201, 214, 215 e 216.
	Revista	Revista <i>SCUBA</i>	Números disponibilizados: 01 ao 59	
Cesar Corazza Nieto	Manual	Manual do Mergulho Autônomo Novo	---	---
Claudio Guardabassi	Revista	Revista Mergulho	Números disponibilizados: 56, 61, 62, 69, 80, 85 e 226	---
Eduardo Paim Bracony	Manual	Manual do Mergulhador, v. 1	Manual de mergulho livre e caça submarina	---
	Manual	Manual do Mergulhador, v. 2	Manual de mergulho com ar comprimido	---
Leonora Fritzsche (Lola)	Manual	Animais marinhos peçonhentos e perigosos para mergulhadores no litoral Brasileiro	Apostila da escola Mergulhão / AquaRio, de autoria de F. H. A. Costa	Ano 1981
	Boletim	Boletim Informativo da escola Mergulhão / AquaRio	---	Janeiro a Julho - 1982
	Manual	Curso Básico de Mergulho - Mergulhão	Apostila da escola Mergulhão / AquaRio. Material didático do Curso Básico de Mergulho com Escafandro Autônomo (Uma Estrela)	---
	Manual	O mergulho noturno	Apostila da escola Mergulhão/AquaRio - Cursos de Atividades Subaquáticas	---
	Manual	Os Primeiros Socorros do Mergulhador	Apostila da escola Mergulhão/AquaRio - Cursos de Atividades Subaquáticas	Apoiado pelo Instituto de Pesquisa e Pesca do Rio de Janeiro
	Revista	Revista Alta Pressão	Informativo da Associação Profissional Atividades Subaquáticas	Setembro - 1981
Marcelo Obeidi (Marcelinho)	Boletim	Boletim Informativo Santos Sub – Atividades Subaquáticas	ANO I - nº 1 a 12 junho de 1981 a maio de 1982 ANO II - nº 1 a 12 - junho de 1982 a junho de 1983	1982-1986

			ANO III - nº 1 a 12 – julho de 1983 a junho de 1984 ANO IV - nº 1, 2, 3, 7, 8, 9 e 10 – julho, agosto e setembro de 1984, março, abril, maio e junho de 1985, ANO V- nº 1 - julho de 1985; nº 1- janeiro/fevereiro de 1985; Sem número - Agosto de 1985; nº 03 - Setembro de 1985; nº 50 – Outubro/novembro/dezembro de 1985; nº 51 – janeiro/fevereiro de 1986; nº 52 – julho de 1986.	
Maurício Carvalho	Livro	Mundo Desconhecido - Mistérios da Caça Submarina	Autor: Emérico Samassa Mayer	1957
	Manual	YG - Centro de Atividades Subaquáticas - Escola de Mergulho	Apostila da escola YG - Centro de Atividades Subaquáticas	---
	Objeto	Documento de Identificação ABMA - Mergulhador Autônomo	Carteirinha - Frente e Verso	Fevereiro - 1981
Moacyr Teófilo de Abreu Figueiredo (Moa)	Revista	Revista Mergulho	Números disponibilizadas: 01 ao 98	Exceto os números: 11, 19, 24, 34, 49, 52, 56, 61, 62, 69, 80, 85, 93, 95 nesse intervalo.
	Revista	Revista Mergulhar	Edições disponibilizadas: número 51 ao 55	
Randal Fonseca	Manual	Apostila - Curso de Iniciação - Mergulho Autônomo - Arquipélago Fernando de Noronha	Material didático da escola de mergulho Águas Claras. Publicado por Águas Claras Produções Submarinas LTDA.	1ª Edição - 1987 2ª Edição - 1991 3ª Edição - 1994
	Ofício	Ofício nº 002 - P-SAR - Ministério da Aeronáutica	Ofício do Ministério da Aeronáutica ao Instituto Brasileiro de Patrimônio Cultural atestando capacidade técnica da Firma Águas Claras Produções Submarinas na figura de seu proprietário, Randal Fonseca, que exerceu papel fundamental na busca dos destroços de um acidente aeronáutico envolvendo uma	---

			aeronave C-130 Hércules, acontecido em dezembro de 1988	
	Manual	Curso Básico de Mergulho - Mergulhão	Material didático do Curso Básico de Mergulho com Escafandro Autônomo (Uma Estrela)	---
	Manual	O mergulho noturno	Mergulhão - Cursos de Atividades Subaquáticas	---
Sergio Costa	Revista	Guia do Mar - O Anuário da Náutica Brasileira	Publicação especial da revista Mergulhar Ano 84-85, nº 2	1984-1985
	Revista	Guia Mergulhar - O Anuário Brasileiro de Náutica e Mergulho	Publicação especial da revista Mergulhar Ano 87, nº 3	1987
	Revista	Anuário Brasileiro de Náutica e Mergulho	Publicação credenciada pela ACOBAR ano 88, nº 4	1988
	Revista	Revista Mergulhar	Edições disponibilizadas: número 01 ao 50	1982-1990
	Revista	Revista Sub	Edições disponibilizadas: número 01 ao 13 e número 16	---
A serem tratados				
Marly	Diversos	Diversos	---	360 itens

Fonte: Elaboração Maria Cristina Rosa e Telma Freitas de Abreu, 2023.

O conteúdo do acervo é disponibilizado para a divulgação pública e científica no AHMARB a partir do site <https://www.ahmarb.com.br/> onde o consulente é direcionado para o *Internet Archive* onde os documentos vêm sendo arquivados de acordo com as fases: coleta com os doadores, assinatura de termo de cessão, digitalização, catalogação e alocação de documentos no *IA*, biblioteca digital, encontrada no endereço eletrônico <http://www.archive.org> que vem construindo uma extensa coleção de fontes diversas como páginas da internet, livros, vídeos, imagens, arquivos de áudio, *softwares* e outros.

O *IA* é membro de instituições relevantes no campo da biblioteconomia e arquivologia mundiais, tais como a Associação Americana de Bibliotecas, a Federação Internacional de Associações e Instituições de Bibliotecas e o Consórcio Internacional de Preservação da Internet. É uma organização sem fins lucrativos financiada por meio de doações e subsídios de arquivamento via *web* (Internet Archive, 2022). É a primeira plataforma desta natureza sendo fundada em 1996 por Brewster Kahle, engenheiro nova-iorquino, e Bruce Gilliat, empreendedor, em São Francisco na Califórnia, visando contribuir para o arquivamento de objetos digitais criados e compartilhados no ambiente digital na busca pela superação do problema da efemeridade dos conteúdos nas redes (Rackley, 2009). Seu pioneirismo conta com o desenvolvimento, em 1996, da ferramenta denominada *Wayback Machine*, que a partir de 2001 permitiu ao público conhecer a trajetória histórica de domínios existentes na rede, ou seja, é possível visualizar versões já existentes de sites e endereços da internet, incluindo os inexistentes na data da pesquisa.

Posteriormente o site expandiu o conteúdo e atualmente recebe colaboração de instituições parceiras e de pessoas do mundo todo que inserem e gerenciam materiais de diferentes tipos no acervo a partir de contas particulares, gratuitas com espaço ilimitado. (Rackley, 2009). Em 2022 o site agrupava aproximadamente 735 bilhões de páginas da internet, 41 milhões de livros e textos, 14.7 milhões de gravações de áudio, incluindo (240,000 concertos e shows), 8.4 milhões de gravações de vídeo (incluindo 2.4 milhões de programas de televisão), 4.4 milhões de imagens e 890,000 programas de computador.

Em 2023, o Internet Archive passou a adotar o modelo de "empréstimo digital controlado" (*Controlled Digital Lending*), que limita o número de acessos simultâneos e impede o *download* de determinados livros. Essa transição fortaleceu a segurança jurídica da plataforma e consolidou seu funcionamento com base em políticas mais restritivas e monitoradas, conforme anunciado por seu fundador Brewster Kahle em 2024 (Internet Archive, 2024; Internet Archive, 2025).

Essa mudança beneficia acervos como o do AHMARB, compostos por documentos cuja cessão foi formalizada pelos autores ou não estão sujeitos a restrições autorais, preservando a liberdade de acesso dos consulentes e a legitimidade da publicação digital.

Quanto à encontrabilidade da Informação, ainda que o *IA* possua um acervo grande, variado e efêmero, a pesquisa de Amorim (2022) concluiu que seu ambiente informacional é positiva nesse aspecto⁷⁰. Uma vez que atende em grande parte aos atributos e recomendações para ambientes informacionais digitais descritos por Vechiato e Vidotti (2014). Entre as fragilidades encontradas no estudo, estão o uso parcial de taxonomias⁷¹, não sendo observados usos de vocabulários controlados⁷² para representação de assuntos tratados.

Entre os pontos fortes, destacam-se os usos de recursos facilitadores de caminhos no site como, por exemplo o *wayfinding*⁷³, uso claro de metadados e outros. Destaca-se a avaliação positiva em todos os atributos e recomendações referentes à relação estabelecida entre o acervo e os sujeitos informacionais. Entre eles, o uso de Folksonomias, recurso utilizado no AHMARB.

As folksonomias consistem em recursos de classificação realizadas pelos sujeitos informacionais, estão relacionadas à arquitetura da informação do tipo *bottom-up*, ou seja, “*de baixo para cima*”. A folksonomia pode ser traduzida como “*taxonomia do povo*” o que significa que é uma classificação organizada socialmente a partir da linguagem natural de pessoas que realizam postagens ou buscas em acervos, assim não são utilizadas linguagens controladas para classificações de documentos (Vechiato e Vidotti, 2014). Amorim (2022) entende que a plataforma *IA* se utiliza de folksonomias nos acervos particulares, como é o caso da ocupação da AHMARB no ambiente digital concedido pela plataforma à população, escolha que se deu em função da disponibilidade de ferramentas disponíveis aos usuários e concessão

⁷⁰ Encontrabilidade da informação sustenta-se nas funcionalidades de um ambiente informacional, e nas características das pessoas envolvidas. Está relacionada “aos processos que compõem o fluxo infocomunicacional, desde a produção até a apropriação da informação, a encontrabilidade da informação deriva-se dos princípios da Arquitetura da Informação e da Mediação Infocomunicacional e tem como elemento fundamental a Intencionalidade dos sujeitos nas ações informacionais empreendidas durante o processo de comunicação que, inclusive, subsidiam a elaboração de técnicas e de tecnologias para a organização, representação da informação e recuperação da informação [...]” (Vechiato e Vidotti, 2014 p. 48).

⁷¹ As taxonomias navegacionais se referem à organização das informações para auxiliar consulentes no êxito de sua busca. São organizadas em formato de *top down*, ou seja, em processo “*de cima para baixo*”, quando gestores e profissionais especializados desenvolvem categorização e postagem de documentos de acordo com técnicas específicas (Vechiato e Vidotti, 2014).

⁷² Se refere aos instrumentos de controle terminológico como tesouros e ontologias, que diz respeito à escolha e uso de termos claros, precisos e não ambíguos para representarem os conceitos utilizados. Auxiliam na organização e representação da informação (Vechiato e Vidotti, 2014). Os termos são padronizados e configurados em descritores, disponíveis em bancos de dados como, por exemplo Descritores em Ciências da Saúde (DeCS).

⁷³ Recursos de orientação no ambiente virtual e/ou analógico por meio pistas como, por exemplo, marcos e/ou metáforas (Vechiato e Vidotti, 2014 p. 48).

de espaço ilimitado gratuito⁷⁴. Por um lado, o uso de folksonomias pode ser considerado um dificultador da encontrabilidade, uma vez que não recorre à vocabulários controlados, por outro lado Vechiato e Vidotti (2014 p. 50) destacam que preocupações quanto às possíveis dificuldades na recuperação de informação a “partir de folksonomias, já nos é claro que as *tags* atribuídas pelos sujeitos estão auxiliando inclusive na elaboração dos instrumentos tradicionais para organização da informação”.

Ainda assim, busca-se superar possíveis problemas de encontrabilidade a partir da realização da escolha dos termos por duas pesquisadoras separadamente e, em seguida, por discussão e refinamento dos termos em consenso, e utilização de metodologia de elaboração de palavras-chave segundo Alberti (2013).

Os primeiros processos de inclusão de documentos da AHMARB em sua conta no *IA*, foram realizados com apoio da acadêmica voluntária, professora Virgínia Fernanda Alves de Jesus, com quem foram discutidos os termos de busca a serem utilizados em cada modalidade de documentação. Esta terminologia é específica do campo do mergulho, como nomes de pessoas, revistas, equipamentos e outros. Os dados são adicionados em campos próprios no editor de metadados da plataforma permitindo a criação de categorias a partir dos tópicos: identificação do item postado, (como revistas de mergulho, manuais, fotografias, entrevistas e outros), título do item postado (procura-se respeitar títulos das obras tal como redigidos nas publicações, ou em itens sem título, a criação de títulos padronizado), criador (entidade responsável pela criação do item postado), tipo de mídia (entrevistas de história oral em vídeo, transcrições das entrevistas em textos etc.), coleção (referente às coleções de vocabulários controlados pré-determinadas pela plataforma onde o adicionador deve escolher uma categoria ao inserir o item), descrição (campo textual em que podem ser inseridas explicações sobre o item), data (data de produção do item), data de publicação, assunto (palavras-chave ou frases que podem ser pesquisadas no formato de *tags* para encontrar o item); adicionador (pessoa que adicionou o item), idioma do item postado entre outros, conforme exemplo abaixo —Imagem 29—referente à postagem da edição número 50 da revista Mergulhar no AHMARB. Os dispositivos citados permitem organização de busca ao catálogo do AHMARB por título, autores, nomes de mergulhadores doadores de acervos, entre outros. O dispositivo denominado licença garante os direitos de disponibilização do item ao público declarando que o item postado não teve seus direitos autorais violados.

⁷⁴ O AHMARB é mantido com recursos próprios, o que reduz possibilidades importantes, como, por exemplo, a construção de plataforma própria, contratação de mão de obra especializada, viagens para acesso aos acervos pessoais dos participantes, trabalho de digitalização e outros.

Imagem 29- Plataforma de inserção de metadados do site *IA*

Internet Archive AHMARB_-_ACERVO_HISTORICO_DO_MERGULHO_AUTONOMO_RECREATIVO_BRASILEIRO UPLOAD Search

ABOUT BLOG PROJECTS HELP DONATE CONTACT JOBS VOLUNTEER PEOPLE

Metadata editor for **revista-mergulhar-50**

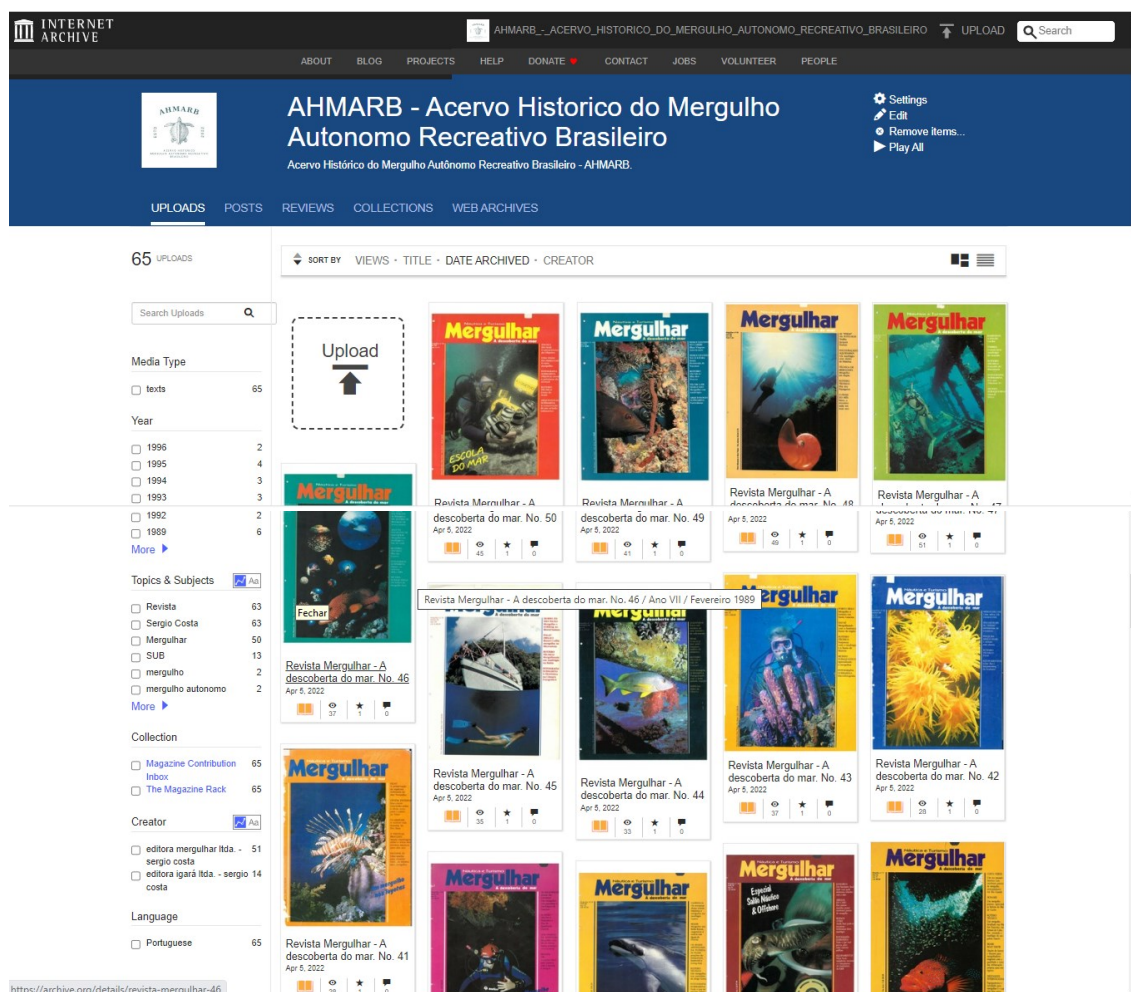
Bold fields below are required.
You may also visit the [Item Manager](#)

Field Name	Description	Value
identifier:	The identifier of the item	revista-mergulhar-50
title:	The title of the item	Revista Mergulhar - A descoberta do mar. No. 50 / Ano \
creator:	An entity primarily responsible for making the content of the resource.	Editora Mergulhar LTDA. - Sergio Costa
mediatype:	Indicates to the website what type of item this is (must be one of: movies, software, texts)	texts
collection:	Indicates to the website what collection this item belongs to. Must be a valid identifier.	magazine_contributions
description:		Mergulhar é uma publicação da Editora Mergulhar LTDA. Temáticas norteadoras: Atividades aquáticas, destinos de mergulho, diving, editorial, equipamentos de mergulho, escolas de mergulho, esportes, materiais para mergulho, medicina e saúde do mergulhador, mergulho autônomo, mergulho autônomo recreativo, mergulho scuba, mergulho amador, mergulho autônomo amador, mergulho autônomo de lazer, náutica, operadoras de mergulho, relatos de mergulho, scuba diving, técnicas de mergulho, turismo de mergulho, vida marinha
date:	The date of the item (YYYY-MM-DD or YYYY-MM-DD HH:MM:SS)	1989
subject:	Keyword(s) or phrase(s) that may be searched for to find your item. Separate each keyword or phrase with a semicolon (;) character.	Revista
licenseurl:	Creative Commons License I agree that I have all rights to make this item available to the public, and that I am not violating anyone else's copyrights by doing so.	Public Domain Mark 1.0 (remove)
pick:	This item should appear on the "pick" list for this collection. 0 or 1.	
noindex:	Keep this item out of the search engine. true or [blank].	
hidden:	[deprecated] Hide this item from search results. 0 or 1.	
publdate:	Date this item went public	2022-04-05 02:45:05
adddate:	Date this item was added	2022-04-05 02:45:05
adder:	Person who added item	
uploader:	Person who uploaded item	acervohistoricomarbr@gmail.com
updater:	Person who updated item	
updatedate:	When person uploaded item	
notes:	Notes about the item	

Fonte: *Internet Archive*

Após a inserção dos dados, a plataforma organiza as informações disponibilizando ao consutente, no ambiente da página do AHMARB, o acervo com filtros de busca por assuntos em uma coluna lateral, de acordo com a Imagem 30. O que permite acesso a botões de busca por tipo de mídia, data, tópicos e assuntos, coleção, criador e idioma. O campo de tópicos e assuntos (*Topics and Subjects*) é muito importante para os organizadores da página, pois permite o uso de termos taxonômicos e/ou folksonômicos. Assim, convencionou-se utilizar as categorias: tipo de publicação (no exemplo trata-se de uma revista); nome da pessoa doadora do material para o acervo (Sérgio Costa, no exemplo); Título do item (Revista Mergulhar/Mergulhar); Outros termos vêm sendo discutidos e experimentados.

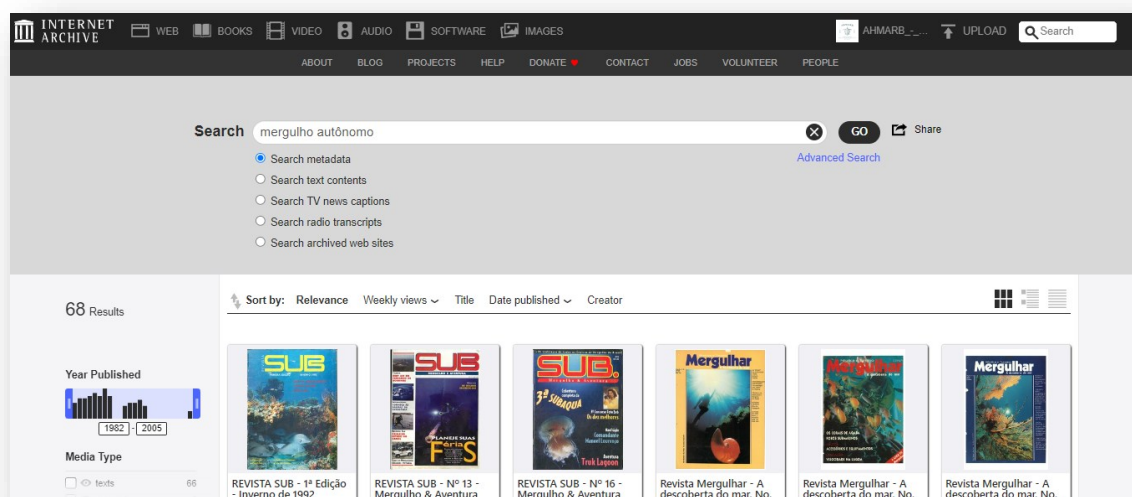
Imagem 30- Plataforma de pesquisa do AHMARB no IA



Fonte: https://archive.org/details/@ahmarb_-_acervo_historico_do_mergulho_autonomo_recreativo_brasileiro

Outro campo importante para os organizadores do AHMARB é denominado “Descrição”, onde convencionou-se a postagem de temáticas norteadoras a partir de termos folksonômicos específicos tratados no material do acervo. O IA torna o texto digitado neste campo indexável, possibilitando a busca por assuntos e seu funcionamento refere-se à busca na página inicial da plataforma IA, em que o consulente digita termos de interesse na plataforma, o resultado leva o consulente a todo o conteúdo disponível no IA, o que é considerado positivo, pois apresenta o conteúdo do AHMARB para consulentes do IA em geral. A busca ocorre conforme demonstrado na imagem 31.

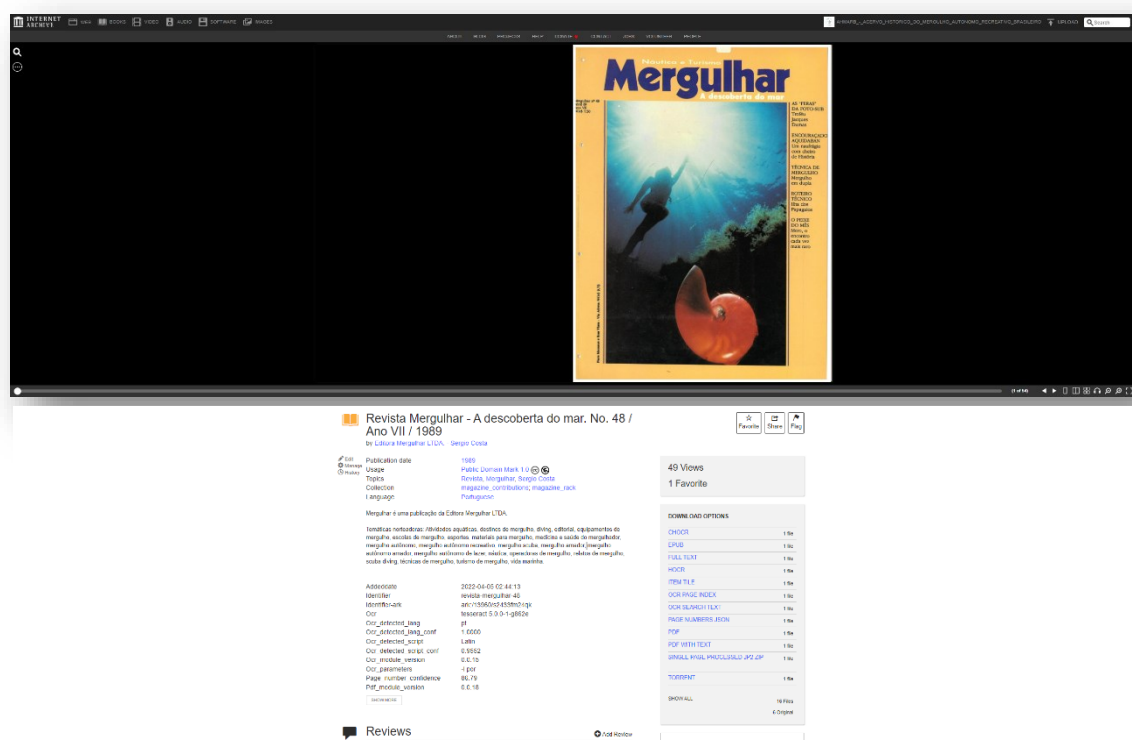
Imagem 31- Campo de pesquisa da página principal do IA



Fonte: *Internet Archive*

Na imagem 32 visualiza-se a apresentação das temáticas norteadoras dentre os metadados indexados da Revista.

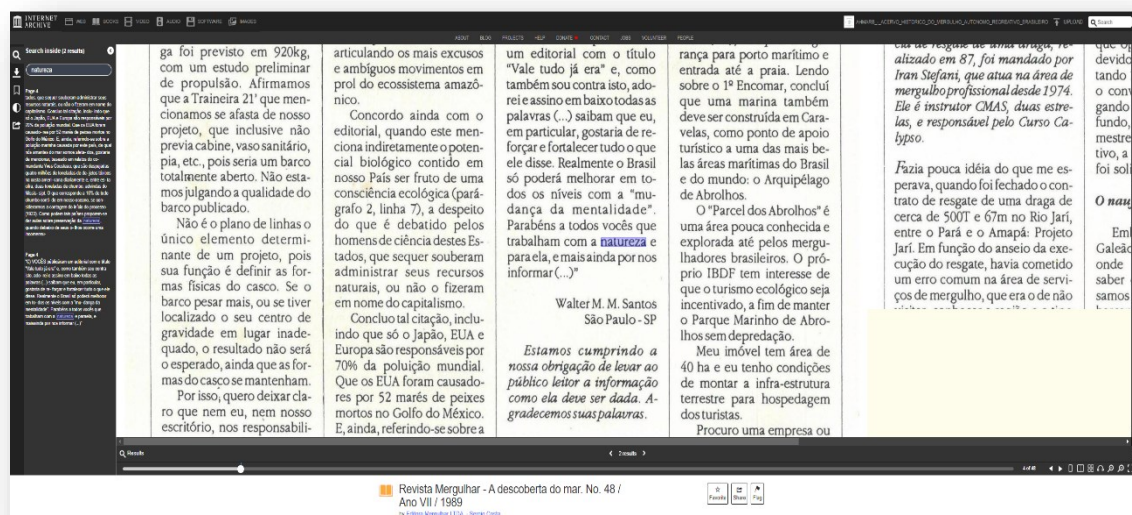
Imagem 32- Apresentação das temáticas norteadoras



Fonte: *Internet Archive*

A navegabilidade no interior de uma publicação funciona por sistema de rolagem de páginas e busca por palavras-chave do interior da revista, o que é possível por meio de recurso tecnológico disponibilizado pelo *IA* em que as imagens são convertidas de forma que seu texto se torna reconhecível e indexável. No exemplo da imagem 32, foi digitada, no campo de busca da revista, a palavra “Natureza”. A resposta à busca gera uma lista em coluna abaixo da barra de busca, e as palavras no texto apresentam-se hachuradas.

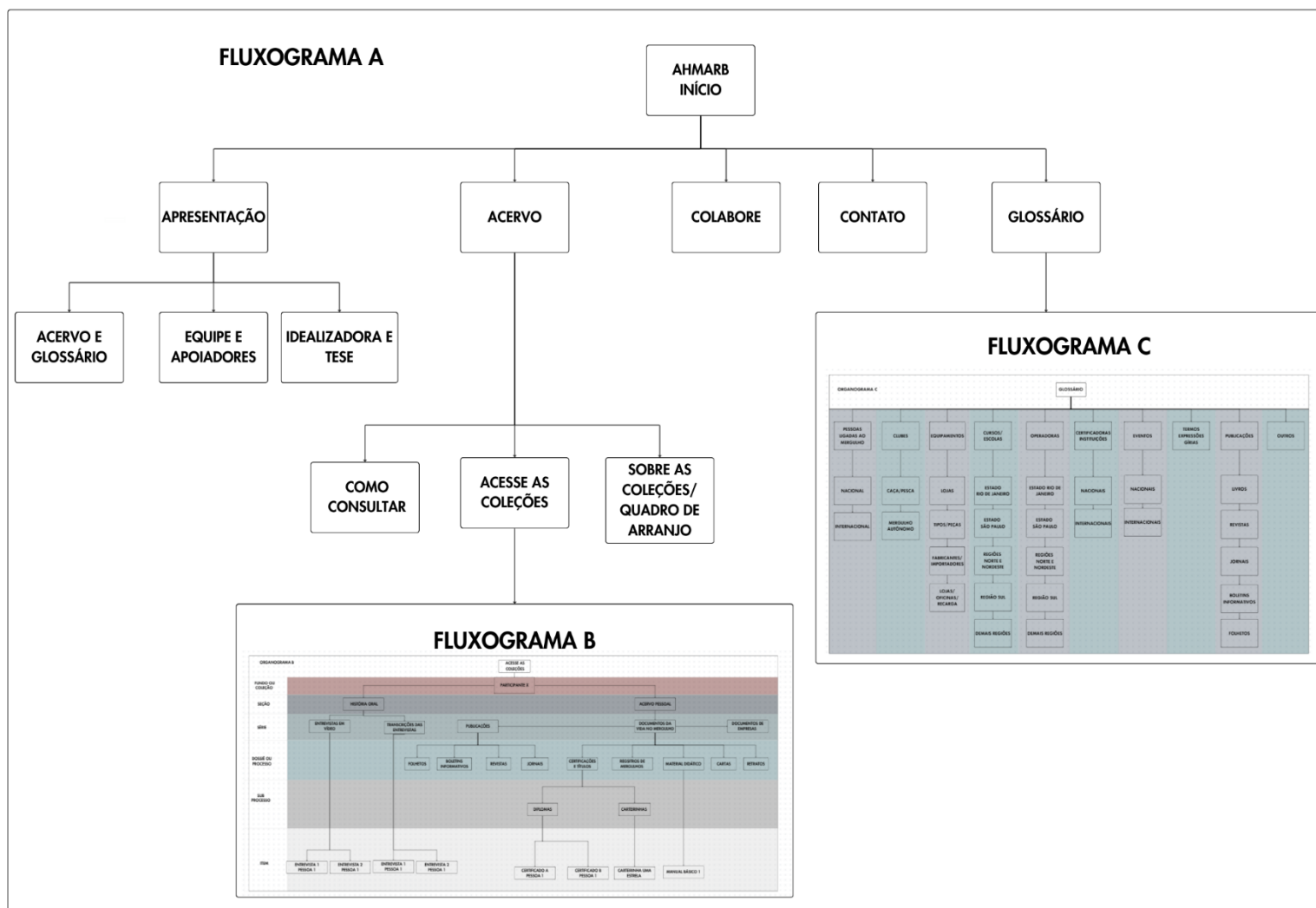
Imagem 33- Campo de pesquisa no conteúdo do documento do AHMARB



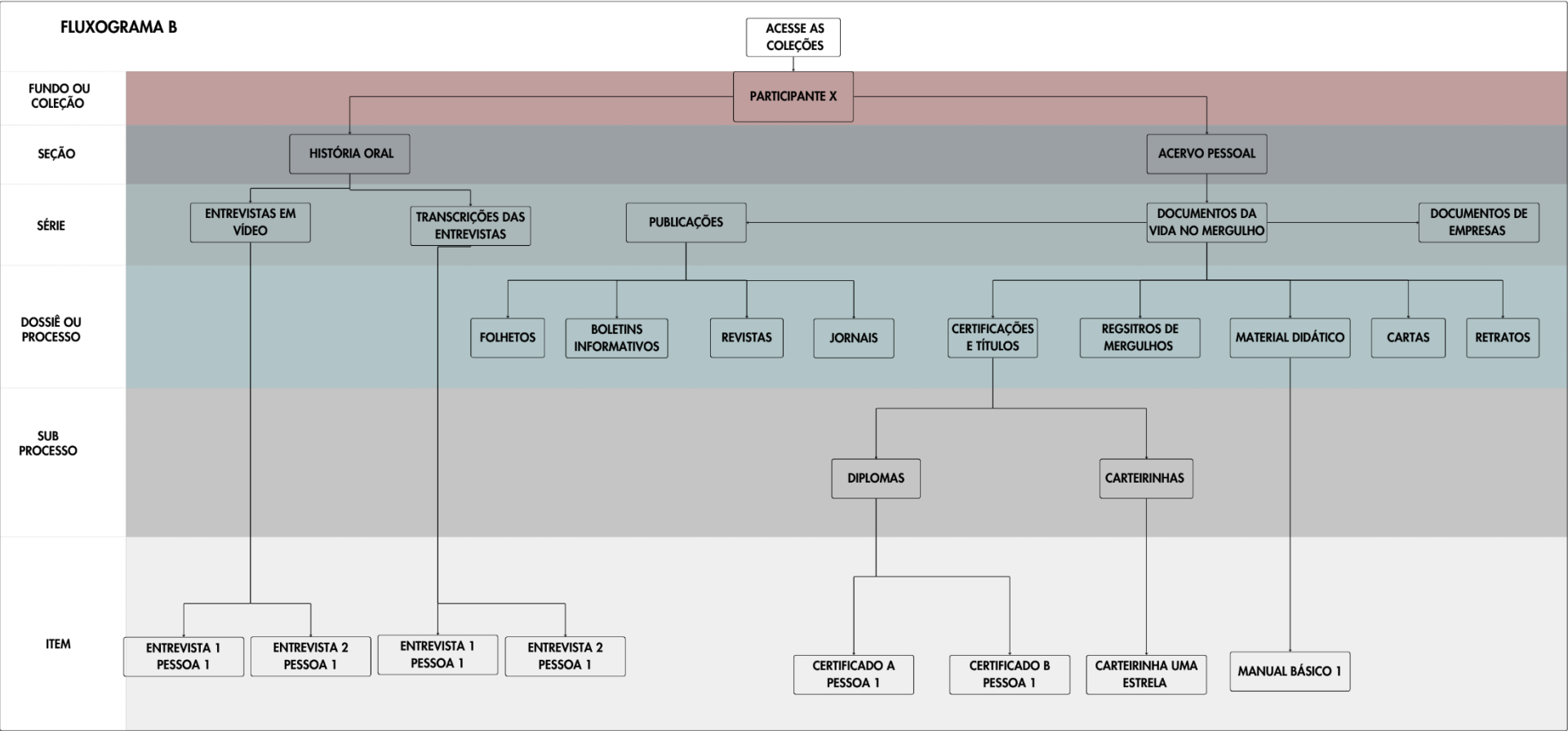
Fonte: Internet Archive

Os recursos apresentados se referem ao ambiente do IA. O site do AHMARB, em fase de construção, disponibiliza, entre outras funções, um caminho para que o consultante acesse o acervo. Seu principal objetivo é a divulgação científica sobre a história do mergulho autônomo recreativo brasileiro. O site está estruturado conforme os fluxogramas 05, 06 e 07, ilustrados abaixo:

Fluxograma 05- Estrutura geral do site da AHMARB

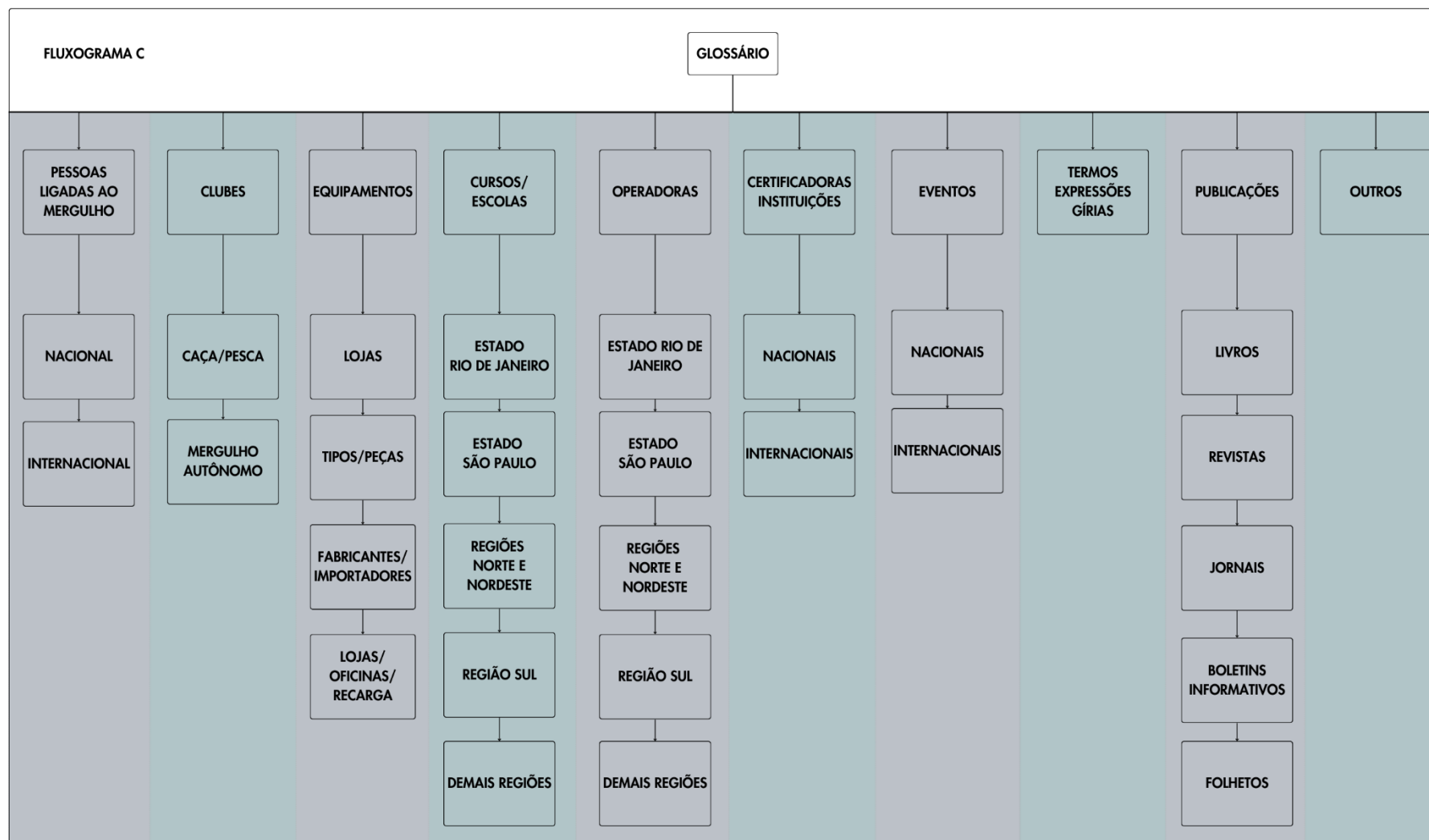


Fluxograma 06- Estrutura das coleções do arquivo no site da AHMARB



Fonte: Elaboração da autora, 2024

Fluxograma 07- Estrutura do glossário no site da AHMARB



A página inicial do AHMARB levará a cinco caminhos possíveis: apresentação, acervo, contato, colabore e glossário. A apresentação da idealizadora, equipe e da tese que deu origem ao acervo, contará com textos e imagens, bem como a disponibilização da tese. Entre as informações sobre o acervo, serão realizados tutoriais⁷⁵ em vídeo e texto para consulta ao acervo, e o link para acesso à página do AHMARB no *IA*. Com a página contato, objetiva-se manter um canal aberto de comunicação com os consulentes, a partir do endereço de e-mail já existente acervohistoricomarbr@gmail.com e futuras redes sociais a serem criadas para divulgação científica dando continuidade ao projeto do AHMARB, que pretende se configurar enquanto um trabalho de história pública. A página de colaboração divide-se em três importantes frentes: recebimento de doações de acervos, recebimento de auxílio por meio de ações como, por exemplo, “vaquinha virtual” e manter canal aberto para voluntários que desejem trabalhar junto ao acervo. O Glossário é um espaço virtual que organiza e apresenta os termos citados ao longo das entrevistas realizadas na pesquisa. Esses termos estão agrupados em nove grandes categorias: Equipamentos, Cursos/Escolas, Operadoras, Clubes, Pessoas Ligadas ao Mergulho, Certificadoras e Instituições, Eventos, Termos, Expressões e Gírias, Publicações e Outros. Cada categoria é subdividida conforme a natureza geográfica, funcional ou temática do termo.

Além de servir como repositório organizado de informações, o glossário também é interativo: mergulhadores e interessados podem entrar em contato para sugerir acréscimos ou colaborar na descrição dos termos, enriquecendo as definições com vivências e conhecimentos práticos.

Por intermédio do site, o acervo receberá continuamente materiais relevantes para a conservação da memória do mergulho autônomo recreativo no Brasil. Pretende-se também que o AHMAB contribua para pesquisas futuras.

⁷⁵ Os tutoriais têm como objetivo atenuar, por meio de *wayfinding*, dois possíveis problemas de encontrabilidade do AHMAB no *IA*: 1) grafia do site *IA* em língua inglesa; 2) O *IA* é uma plataforma exterior ao site da AHMARB.

APÊNDICE 2- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Público Alvo: Mergulhadores voluntários da Pesquisa “HISTÓRIA DO MERGULHO AUTÔNOMO RECREATIVO NO BRASIL (CIRCUITO SÃO PAULO - RIO DE JANEIRO): um estudo a partir das práticas de mergulho e de seus processos de ensino/aprendizagem (1960a 2021)”.

Obs: Este TCLE segue em duas vias de igual teor, sendo uma para o participante dapesquisa e outra arquivada com a pesquisadora.

O Sr.(a) está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa “HISTÓRIADO MERGULHO AUTÔNOMO RECREATIVO NO BRASIL (CIRCUITO SÃO PAULO – RIO DE JANEIRO): um estudo a partir das práticas de mergulho e de seus processos de ensino/aprendizagem (1960 a 2021)”. Pedimos a sua autorização para a coleta, o depósito,o armazenamento e a utilização de seu depoimento oral. A utilização do seu material está vinculada somente a este projeto de pesquisa ou, se Sr. (a) concordar em outros futuros.

Nesta pesquisa pretendemos compreender o processo de constituição e de desenvolvimentodo mergulho autônomo recreativo no Brasil, entre 1960 e 2021, tendo como foco o ato de mergulhar e seus os processos de ensino e aprendizagem. Os principais temas a serem abordados são referentes a sua aproximação com o mergulho, aos processos pelos quais aprendeu a mergulhar, as suas lembranças sobre os primeiros anos do mergulho autônomo recreativo e o desenvolvimento desta prática no país, sua vida profissional junto ao mergulho, aos fenômenos que contribuíram para constituir o mergulho atual e a sua relação com a natureza e o mar no mergulho autônomo recreativo. Este termo é direcionado para os mergulhadores maiores de 18 anos. Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: caso aceite contribuir com este estudo, a entrevista será realizada em ambiente virtual sendo utilizados programas, como Teams, Zoom ou Skype. Se viável e autorizado, poderão acontecer entrevistas presenciais agendadas pela doutoranda em local, data e horário definido por você e seguirão um roteiro de entrevista. A duração das entrevistas respeitará os limites de tempo determinados pelos entrevistados, podendo ocorrer mais de uma sessão por entrevistado. Todas as entrevistas serão gravadas em audiovisual e áudio, sendo utilizados câmera filmadora, aplicativo de gravação de celular e/ou dispositivos próprios dos programas de videoconferência.

Esclarecemos que o Sr. (a) corre o risco de durante a realização da entrevista se sentir desconfortável ou constrangido em responder determinadas perguntas, logo a entrevista será

conduzida de maneira cordial, de modo com que você se sinta à vontade para responder as perguntas.

Para participar deste estudo o Sr.(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Caso haja algum gasto necessário para a sua participação neste estudo, este será assumido pelos pesquisadores. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o Sr. (a) tem assegurado o direito à indenização. O Sr. (a) terá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejare estará livre para participar ou recusar-se a participar e a qualquer tempo e sem quaisquer prejuízos, pode retirar o consentimento de guarda e utilização do depoimento oral, valendo a desistência a partir da data de formalização desta. A sua participação é voluntária, e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Sr. (a) é atendido (a) pelo pesquisador. Os resultados obtidos pela pesquisa, a partir de seu depoimento, estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão.

Rubrica da pesquisadora: _____

Rubrica do participante: _____

Se autorizado, você será identificado, ocorrendo a perda do seu anonimato em publicações referentes a esta pesquisa e no Acervo Histórico do mergulho autônomo recreativo Brasileiro a ser criado, a partir desta pesquisa, que será alocado em ambiente virtual, em domínio específico para este fim, e que será de acesso público e gratuito. Os dados disponibilizados neste acervo serão utilizados para a divulgação pública e científica sobre a história do mergulho autônomo no Brasil, podendo ser fontes de futuras pesquisas, matérias jornalísticas, obras literárias, entre outros produtos. Esclarecemos que você corre riscos relacionados a esta publicação, incluindo os decorrentes do não anonimato, que pode ser utilizada para outros fins.

Para tanto, solicitamos a cessão da gravação da entrevista, e de suas transcrições por meio do Termo de Cessão de Uso de Imagem. Por este documento você poderá autorizar a doação das imagens e das gravações de seus depoimentos orais realizados em vídeo e sua transcrição textual. Caso concorde em ceder o áudio, as imagens e as palavras ditas em sua entrevista, esclarecemos que não existem garantias de confidencialidade e anonimato, e existem riscos de outros usos de seu depoimento.

O envio dos documentos e a coleta da assinatura acontecerão por e-mail, sendo coletada a assinatura digital do participante, que deverá acontecer previamente à realização da entrevista, além disso, a autorização do uso da entrevista será efetuada no início de cada gravação. Este termo de consentimento em formato digital será entregue ao participante assinado digitalmente pela pesquisadora, sendo a outra via, assinada digitalmente pelo participante, arquivada pelo pesquisador responsável, em um computador pessoal e com codificação de senha para acesso, bem como uma via digital da transcrição do depoimento oral, armazenado junto ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); e a outra será fornecida ao Sr. (a). Os dados, materiais e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados em ambiente virtual, em domínio a ser criado para este fim, para consulta pública por tempo indeterminado e serão armazenados com o pesquisador e com cópia junto ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (PPGIEL) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Os pesquisadores não manterão sigilo sobre sua identidade conforme autorizado pela legislação brasileira (Resolução CNS 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares), utilizando as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Rubrica da pesquisadora: _____

Rubrica do participante: _____

APÊNDICE 3- CARTA DE ANUÊNCIA INSTITUCIONAL

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____ fui informado(a) dos objetivos, métodos, riscos e benefícios da pesquisa “HISTÓRIA DO MERGULHO AUTÔNOMO RECREATIVO NO BRASIL (CIRCUITO SÃO PAULO - RIO DE JANEIRO): um estudo a partir das práticas de mergulho e de seus processos de ensino/aprendizagem (1960a 2021)”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

() Concordo que o meu depoimento gravado seja utilizado somente para esta pesquisa.

() Eu autorizo que o meu depoimento gravado possa ser utilizado em outras pesquisas uma vez que ficará arquivado em ambiente virtual, em domínio a ser criado para este fim, para consulta pública por tempo indeterminado.

() Estou ciente que ao ceder o uso do áudio, das imagens e das palavras ditas em minha entrevista, existem riscos de outros usos de meu depoimento e da divulgação de minha identidade.

Declaro que concordo em participar desta pesquisa. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido assinado por mim e pela pesquisadora, que me deu a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Nome completo do participante _____ Data: ____/____/2023

Assinatura _____ do _____ participante:

Pesquisadora Responsável: Telma Freitas de Abreu. Endereço: Rua Araguaia, 102. Vila Jesus Silva CEP: 36305-068 /São João del-Rei– MG Telefones: (32) 9.8849.4479
E-mail: telmafreitasa@gmail.com

Assinatura _____ da _____ pesquisadora _____ responsável

Data: 1 fev. 2022

Pesquisadora Responsável: Maria Cristina Rosa. Endereço: Av. Pres. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha CEP: 31270-901/ Belo Horizonte – MG Telefones: (31) 988306820

E-mail: m.crosa@hotmail.com

Assinatura da orientadora _____ Data 1 fev. 2022

Em caso de dúvidas, com respeito aos aspectos éticos desta pesquisa, você poderá consultar: COEP-UFMG - Comissão de Ética em Pesquisa da UFMG. Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005. Campus Pampulha. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901. E-mail: coep@prpq.ufmg.br . Tel: 34094592.65

Rubrica da pesquisadora: _____

Rubrica do participante: _____

APÊNDICE 4- CESSÃO DE USO DE IMAGEM

Cessão de uso de imagem sobre depoimento oral para o Acervo Histórico do mergulho autônomo recreativo Brasileiro proveniente da pesquisa “História do mergulho autônomo recreativo no Brasil (circuito São Paulo - Rio de Janeiro): um estudo a partir das práticas de mergulho e de seus processos de ensino/aprendizagem (1960 a 2021)”.

Pelo _____ presente _____ documento,
eu, _____, _____ (nacionalidade),
_____(estado civil), Carteira de Identidade nº _____ CPF nº _____,
residente e domiciliado em _____, declaro ceder
ao Acervo Histórico do mergulho autônomo recreativo Brasileiro, em domínio a ser criado, os dados provenientes da pesquisa “História do mergulho autônomo recreativo no Brasil (circuito São Paulo - Rio de Janeiro): um estudo a partir das práticas de mergulho e de seus processos de ensino/aprendizagem (1960 a 2021)” realizado no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei à tese de doutorado da discente Telma Freitas de Abreu. Os responsáveis pelo Acervo Histórico do mergulho autônomo recreativo Brasileiro, bem como professores, estudantes, pesquisadores, jornalistas, mergulhadores e escritores, consultantes deste acervo, ficam autorizados a utilizar, divulgar e publicar para fins científicos e culturais o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não. Outros eventuais usos devem ser autorizados de forma específica pelo titular dos dados. O Sr (a) não receberá quaisquer benefícios decorrentes desta cessão e possui o direito a não disponibilizar acesso aos dados para o Acervo Histórico do mergulho autônomo recreativo Brasileiro, sendo livre para não assinar este documento.

Belo Horizonte, ____ de ____ de 2022.

Nome do entrevistado: _____.

Assinatura: _____.

Rubrica da pesquisadora: _____

Rubrica do participante: _____

APÊNDICE 5- ROTEIRO DA ENTREVISTA

BLOCO 1: Identificação

Local de nascimento, origem familiar, formação (onde estudou)

BLOCO 2: Aproximação com o mergulho

Como se deu? Onde? Quando? Por quê?

BLOCO 3. Processo de aprendizagem

Como se deu? Como era organizado o curso? Como eram os professores? Que equipamentos existiam e como foram utilizados? O que significou para você aprender a mergulhar? Por onde você se informava sobre o mergulho? Você saberia dizer quais eram os principais lugares em que se mergulhava no início do MAR brasileiro

BLOCO 4. Lembranças sobre os primeiros anos do mergulho no Brasil

Primeiros professores e escolas/ localização/ ano? Como era mergulhar nessa época? Qual era o panorama do mergulho neste momento? Quais eram os equipamentos disponíveis?

BLOCO 5. Atuação profissional no mergulho como instrutor

Como você chegou a ser instrutor? A partir de quando você começou a ensinar a mergulhar? Fale um pouco sobre o seu método de ensino? Em que ele parecia ou se diferenciava do método usado por quem te ensinou?

BLOCO 6. Atuação profissional em outras frentes no ramo do mergulho- Além de ser um instrutor de mergulho, em que frentes atuou e atua? Fale sobre esta(s) atividade(s). Como esta atividade impactou o ramo do mergulho brasileiro?

BLOCO 7. O crescimento do MAR no Brasil

Quando você percebeu o início do crescimento do mergulho no Brasil? Na sua opinião quais foram os fatores que contribuíram para isso? Algum equipamento específico contribuiu para o desenvolvimento da atividade? Com esse crescimento ocorreram alterações na forma de aprender a mergulhar e de mergulhar? Ocorreram alterações no panorama do mergulho a partir desse crescimento? Como as pessoas eram informadas sobre o mergulho nessa época? Como você vê as primeiras iniciativas de normatização da prática no Brasil? Houve tensões envolvendo essa normatização? Como você e as pessoas do seu círculo social de mergulhadores tiveram acesso a diferentes pontos de mergulho brasileiros? Você saberia contar sobre a descoberta de novos lugares para se mergulhar ao longo dessa história?

BLOCO 8. Os fenômenos que contribuíram para constituir o mergulho da atualidade

Como a realidade do mergulho mudou após a chegada das certificadoras internacionais? A disponibilidade atual de equipamentos no mercado impacta o mergulho atual? O panorama se alterou também? Na sua forma de ver, mudou a forma de aprender a mergulhar e de mergulhar? Como a divulgação do mergulho ocorreu a partir deste momento? Existem tensões no cenário do mergulho brasileiro?

BLOCO 9. Sensibilidades diante da natureza (mar) e do mergulho

Qual o lugar do mergulho na sua vida? Fale um pouco da sua relação com o fundo do mar?

Percepção da relação dos mergulhadores com o mar e o mergulho.

Fechamento da entrevista: Você tem algo a acrescentar?

APÊNDICE 6- LINHA DO TEMPO DO MERGULHO NO BRASIL E NO EXTERIOR

BRASIL	EXTERIOR
1904 É fundada a Officina Mechânica Charles Person em São Paulo.	
	Início da década de 1930 John Guyzaak Gilpatric publica sobre o novo esporte (caça submarina) no jornal da Filadélfia <i>Saturday Everning post</i> .
	1938 John Guyzaak Gilpatric publica <i>The Compleat Goggler</i> , considerado o primeiro livro sobre a caça submarina.
	Meados de 1943 Jacques Costeau e Emile Gangnan concebem o aparelho <i>Scaphandre autonome</i> .
Final dos anos 1940 Jornais brasileiros noticiam sobre novo esporte praticado na Riviera francesa.	Final dos anos 1940 <i>O Scaphandre autonome</i> batizado por Cousteau como <i>Aqua-lung</i> começa a ser comercializado.
1947 Considerada a data em que chegaram ao Brasil (RJ) os primeiros equipamentos para a caça submarina: máscara, nadadeiras, tubos respiradores (os atuais <i>snorkels</i>) e “espingardas de mergulho”. A caça submarina é destaque como atrativo de empreendimento imobiliário denominado condomínio Vila Mar de Saquarema (RJ) no “Correio da Manhã”.	
	Década de 1950 Era inaugurada no exterior a atividade <i>SCUBA Diving</i> . É desenvolvido pelo <i>Young Men's Cristian Association (YMCA)</i> , o primeiro programa estadunidense de ensino de mergulho <i>SCUBA</i> .
1951 Gigi Del Maschio começa a empreender, por meio de diferentes parcerias, na fabricação e comércio de artefatos de metal e borracha em geral, especialmente máscaras, reguladores e nadadeiras em São Paulo.	1951 Chega às bancas estadunidenses a primeira edição da revista norte americana <i>Skin Diver</i> .

1952 É fundada, no Rio de Janeiro, a Associação Brasileira de caça submarina (ABCS); Gigi Del Maschio requereu a patente para seu projeto: o escafandro autônomo Atlântida.	
1952 O atleta João Borges Neto (RJ) quebra recorde mundial de caça submarina.	
1953 Acontece o I campeonato brasileiro de “pesca no fundo do mar” organizado pela Associação Brasileira de caça submarina (ABCS) em Angra dos Reis (RJ).	
	1954 Estreia nos cinemas película <i>20.000 Léguas Submarinas</i> baseada na obra homônima de Júlio Verne.
Meados de 1955 É criada a Associação Paulista de caça submarina (APCS).	
1955 Acontece o I Campeonato Paulista de caça submarina em São Sebastião (SP). Gigi Del Maschio tem patente concedida para seu escafandro autônomo Atlântida. Ignazio Terrana inaugura a produção das máscaras e nadadeiras Italianinas em São Paulo.	
1956 O V Campeonato Brasileiro realizado em Angra dos Reis (RJ) contava com uma participação de vinte e seis equipes, primordialmente dos estados do Rio de Janeiro e de São Paulo.	1956 É lançado o filme de Jacques Cousteau <i>O Mundo Silencioso</i> .
1957 O fotógrafo Luis Fausto publica a revista <i>O anequim</i> . Emérico Samassa Mayer publica o livro <i>O mundo desconhecido</i> (RJ).	
1958 Luis Fausto funda a Empresa Brasileira de Operações Subaquáticas (EBOS) (RJ).	

Início do curso de caça submarina da Associação Cristã de Moços (SP). A escola de mergulho Nautilus anuncia cursos permanentes de caça submarina e mergulhos com “Aqua-Lung” para ambos os sexos (SP).	
	1959 É fundada a revista a italiana <i>Mondo Sommerso</i>; É criada a Confederação Mundial de Atividades Subaquáticas em conferência realizada em Mônaco por delegações de quinze países; É formada a primeira turma de mergulhadores pelo programa de ensino do <i>Young Men's Cristian Association (YMCA)</i>, em Chicago; É criada nos Estados Unidos a <i>National Association of Underwater Instructors</i>.
Entre o final dos anos 1950 e o começo dos anos 1960 É exibida, na televisão aberta, a <i>Sea Hunt</i>, ou Aventura Submarina.	
Década de 1960 José Jacinto Magalhães Neto publica a revista <i>Delfin (SP)</i>; José Jacinto Magalhães Neto ministra aulas de caça submarina e noções de escafandria na Associação Cristã de Moços ACM (SP). Bruno Hermann (RJ) conquista o primeiro lugar no campeonato mundial de caça submarina realizado na Itália. Eduardo Teixeira Leite abastece o mercado com produtos da Orca fábrica de equipamentos de caça submarina (RJ). É fabricado o brinquedo aquanauta maick pela empresa brasileira Cobra Sub (RJ).	
1960 Américo Santarelli (RJ) atinge os quarenta e quatro metros e quebra o recorde brasileiro de apneia. Claudio Guardabassi faz o curso do professor José Jacinto Magalhães Neto na Associação Cristã de Moços (SP).	
1961 É criada a Federação Paulista de caça submarina;	

Manoel Joaquim D’Almeida cria a Companhia Brasileira de Equipamentos S. A. (Cobreq) para fabricar “pés de pato, respiradores e óculos de mergulho” (SP).	
1963 Bruno Hermann (RJ) sagra-se bicampeão mundial de caça submarina realizado no Rio de Janeiro.	
1964 Américo Santarelli cria a Companhia Brasileira de Artefatos Submarinos, posteriormente chamada de Cobra Sub, no Rio de Janeiro; O Major da academia militar Hélio Barbosa Caldas lança o curso de mergulho Livre, rebatizado, no mesmo ano, como Curso de mergulho e Escafandria da Polícia Militar de São Paulo.	
1965 O atleta Arnaldo Silva fundou a loja AS Divers (A. S. Divers, s/d.) no Rio de Janeiro.	
1967 Américo Santarelli (RJ) atinge os quarenta e seis metros e quebra o recorde mundial de apneia.	
	1969 São criadas as certificadoras estadunidenses <i>Professional Association of Diving Instructors (PADI, 2009)</i> e <i>Professional Diving Instructors Corporation (PDIC)</i> .
Década de 1970 Arduíno Colasanti começa a ministrar cursos de mergulho com escafandro autônomo em no Rio de Janeiro como freelancer e na Femar (RJ); Claudio Guardabassi substitui José Jacinto Magalhães Neto nas aulas de caça e escafandria da ACM (SP). Delmar Soares Corrêa, campeão de caça submarina, professor de Educação Física e ministra aulas de caça e apneia em sua academia All Sports (SP).	
1970 Claudio Guardabassi abria a loja Claumar em São Paulo e lançava-se como instrutor autodidata.	1970 Criada a certificadora estadunidense <i>SCUBA School Internacional</i> .
Meados de 1972 Pedro e Fernando Kuramoto ministravam aulas de caça submarina na Associação Cultural e Esportiva Piratininga em São Paulo.	

1972 A Marinha Brasileira organiza seu primeiro curso de mergulho autônomo sob coordenação do Médico hiperbárico Ary de Matos e do capitão de fragata Theotônio Chagas Toscano de Brito na Base de submarinos Almirante Castro e Silva (BACS), na ilha de Mocanguê, em Niterói (RJ).	1972 É realizada a Confederação das Nações Unidas de Estocolmo. No evento o tema meio ambiente entrara definitivamente na agenda internacional.
1974 Chegada ao Brasil do diretor de salvatagem da Bahia de Tokio Takayuki Morita; Takayuki Morita faz parceria com Pedro e Fernando Kuramoto na Associação Cultural e Esportiva Piratininga em São Paulo; Sergio Costa chega ao Brasil (RJ); Tem início o curso de mergulho autônomo da Fundação dos Estudos do Mar (Femar) em convênio com a empresa Subaquática Engenharia, sob direção do comandante José Maria de Castro Romariz (RJ). Américo Santarelli e Bruno Hermannny inauguram a Aquacenter, um complexo com loja para venda e aluguel e oficina para manutenção de equipamentos de mergulho e cursos de mergulho Livre e de aparelho (RJ). Eduardo Bracony funda, em 17 de julho, o Clube Barracudas, sediado na Urca, bairro da cidade do Rio de Janeiro.	
1975 Eduardo Teixeira Leite funda a empresa Aquanauta Equipamentos Submarinos Ltda., com nome fantasia de <i>Mako Sub</i> (RJ). É criado o Instituto de Exploração Subaquática Dallo Sub (IESDS) na rua Bueno Brandão, 427, bairro Nova Conceição (SP). Takayuki Morita, auxiliado pelos irmãos Pedro e Fernando Kuramoto, atua no Instituto de Exploração Subaquática Dallo Sub (IESDS); Álvaro Luis Santos Vilar Moreira chega ao Brasil de em 23 de junho.	
1976 A Dallo Sub (SP) entra em falência; Álvaro Moreira funda a escola Bandeirantes do Mar (SP);	

Marco Aurélio Raymundo (Morongo) abre empresa Mormaii em Garopaba (SC).	
1977 O italiano Giuseppe Nicoletti inaugura filial de sua empresa — Pino — em Garopaba (SC).	
1978 O mergulhador Joaquim Carlos de Camargo Costa conhecido como Jamanta cria, em Angra dos Reis, o embrião da Jamanta pousada e operadora de mergulho. É criada a Associação Profissional de Atividades Subaquáticas (APAS) em 18 de agosto.	1978 Realização das assembleias de Bruxelas e Paris em que teria sido proclamada a Declaração Universal dos Direitos dos Animais que tem seu texto atribuído à do texto atribuído à Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO);
1979 A Bandeirantes do Mar passa a funcionar como um clube com diferentes categorias de sócios; A Bandeirantes do Mar realiza a primeira semana do mergulho amador brasileiro (MAB 01) (SP). É criada, em 26 de junho, a Confederação Brasileira de Pesca e caça submarina (CBPCS), que seria rebatizada como Confederação Nacional de Pesca e Desportos Subaquáticos (CBPDS) Cesar Nieto e Lucio Engler criam a escola Aquamundo (SP); Criação dos cursos de mergulho Livre e de <i>Aqualung</i> , ministrados por Luis Alonso Ferreira em conjunto com J. S. Vidal no Museu do Mar na cidade de Santos (SP); Sérgio Costa, Rômulo Ribeiro (que não permaneceu na sociedade) e Patrizia Borla criam da escola YG- <i>Centro de Atividades Subaquáticas</i> ; Randal Fonseca, Leonora Fritzsche (Lola), Flavio Vicenzetto e Arduíno Colasanti criam a escola Mergulhão, que assumiu o nome Aqua-Rio. João Carlos Pompeu da Silva (Tatalo) cria o curso Atlântico Sub, que funcionou na plataforma flutuante Argonauta G 40 na Urca (RJ).	
1980 Fica decidido, durante o VII Congresso da CMAS à esta confederação apenas poderiam filiar-se órgãos representantes dos desportos subaquáticos oficiais em seus países de origem. A partir de então, ensino e certificação CMAS ficam sob a responsabilidade da CBPDS;	1980 É realizado, entre 01 e 05 de dezembro, em Cancun, no México, o VII Congresso da CMAS; PADI e NAUI são obrigadas a se desvincular da Confederação Mundial de Atividades Subaquáticas.

1981 É fundado o Santos Sub, primeiro clube de mergulho do país, na cidade de Santos (SP), por iniciativa de Paulo Alberto Tavares de Almeida, Fernando Soares da Silveira, Sérgio Tavoraro Pereira, Luis Alberto Vieira dos Santos Júnior e respectivas esposas.	
1982 Álvaro Moreira afasta-se da Bandeirantes do Mar que fica aos cuidados dos diretores Nelson Watanabe, Jorge Bastos e Alexandre de Anaya Espinosa; Clovis Benno de Carvalho inaugura a escola de mergulho Centralmar; Chega às bancas a primeira edição da revista <i>Mergulhar: a descoberta do mar</i>. Sérgio Costa e parceiros italianos criam a operadora e escola de mergulho Ponto Mar em Búzios. Claudio Guardabassi realiza a segunda convenção anual do mergulho na ACM (SP).	
1983 Edmundo Silva abre a loja Sub Sub no Rio de Janeiro; A empresa Nautika, fabricante de infláveis lança, nas páginas da quarta edição da revista <i>Mergulhar</i>, o equilibrador hidrostático Nautisub; A empresa Rodabrás lança, na revista <i>Mergulhar</i>, o compressor de alta pressão; A empresa KAUCHUCK inaugura a primeira máscara de silicone brasileira pela; Cobra Sub lança a válvula reguladora “Abissal”. A marca Air Sub, recém-criada por Claudio Guardabassi, lança um narguilé flutuante. É criado o Parque Nacional de Abrolhos (BA). É criada, em 30 de novembro, Associação Brasileira de mergulho amador (ABMA). Aqua-Rio realiza o I ciclo de debates para o desenvolvimento do mergulho amador, nos dias 10 e 11 de dezembro, no Apart Hotel Marinas do Canal em Cabo Frio (RJ); É criada a Norma Regulamentadora nº 15 (NR15); Entra em vigência a Norma Regulamentadora número 15, construída em conjunto entre Marinha do Brasil,	

entidades representativas de empresas empregadoras de mergulhadores e profissionais do ramo do mergulho.	
1984 Alecsi Bugowicz e Marco Aurélio Mattes Dias (Kupeu) abrem em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, a Submarine Center; Claumar lança operação de mergulho com o barco Parcel I em Ilhabela (SP); ABMA e Aqua-Rio promovem o II ciclo de debates para o desenvolvimento do mergulho amador nos dias 10 e 11 de novembro, no Iate Club Costa Azul em Cabo Frio (RJ); Claudio Guardabassi organiza, na ACM de São Paulo, o primeiro curso de formação de instrutores de mergulho autônomo pela metodologia da americana YMCA ministrado por Alveir Marques.	
Segunda metade da década de 1980 As operações de mergulho em Fernando de Noronha passam a ser administradas por Russel Coffin que oferece sociedade a Randal Fonseca. Randal passa a administrar a escola e operadora de mergulho Águas Claras no arquipélago.	
1985 A marca Air Sub lança seus cilindros. Luca Padovano, Lucio Engler e Clovis Lee Mo lançam a empresa Scubatec. Claumar oferece programas regulares de turismo de mergulho a partir de Ilhabela para as ilhas paulistas e cariocas como Alcatrazes, Búzios, Angra e Parati, no navio Hipocampo do comandante Jeannes Platon. Claumar oferece operações de mergulho em Fernando de Noronha. YG e ABMA, com suporte da empresa Bio-Infor, realizam o III Ciclo de Debates nos dias 18, 19 e 20 de outubro de 1985 no Rio Othon Palace Hotel (RJ). É criado, em 15 de fevereiro, o Sindicato dos Trabalhadores em Atividades Subaquáticas (SINTASA). Valter Bonasio, diretor e produtor de televisão, lança o programa semanal sobre mergulho Aquashow na TV Record (posteriormente televisionado, também, pelo Discovery Chanel. O programa contou com a participação dos cinegrafistas Alcides Falange, Fernando Kuramoto e Tulio Shargel.	

Fernando Lopes inaugura a escola Narwhal Atividades Subaquáticas, na Avenida Divino Salvador 548, Moema (SP). Robert Zwirn abre a loja e escola de mergulho Aquadive na Rua Alagoas, 952, bairro Higienópolis) (SP).	
1986 Sergio Costa e Vanessa Camillo criam a escola de mergulho Ponto Mar em Belo Horizonte (MG) que deu origem à escola MarAmar; Roberto Baracho inaugura a escola de mergulho SCUBASUL em Curitiba (PR); Pablo Varela cria a empresa Seasub; Leon Levi inaugura a empresa Leomar; Ângelo Amato cria a empresa T.A. Mato; Cesar Nieto lança os cilindros <i>Amazon</i>; Bandeirantes do Mar faz importação de equipamentos da marca cressi e realiza consórcios; Fernando Kuramoto, Paulino Takashi Tsuji, Renato Tsuji da Cunha e Choji Humberto Kitahara criam a operadora NDS em Ubatuba (SP).	1986 Certificadoras internacionais criam o <i>Recreacional SCUBA Training Concil (RSTC)</i>.
1987 A Empresa Scubatec anuncia na revista Mergulhar seus primeiros cilindros de alumínio; Roberto Aparecido Parola abre, em Santo André (SP), a ABC Submarino: cursos e atividades subaquáticas; Gabriel Ganme, Niels Victor Rauert Celeghin, Marcelo Ribeiro de Moraes fundam em junho, a escola Dive Paradise Alameda Campinas 688, Bairro Jardim Paulista, São Paulo (SP).	
1988 A Air Sub lança seu regulador de dois estágios Air-Flux II. As empresas T.A Sub e Cobra Sub lançam, concomitantemente, os primeiros coletes do tipo Jaqueta. A Scubatec lança as nadadeiras Jet Power. Claudio Guardabassi e investidores fundam o Projeto Acqua na Rua Chipre, 180 no bairro Vila Olímpia (SP).	
1989	

O uso de aparelhos de respiração nas atividades de caça submarina é proibido pela Portaria IBAMA nº 1.583, de 21 de dezembro de 1989.	
Final da década de 1980 A Bandeirantes do Mar é transferida para o Sul, sob a direção de Marly Costa Simões e Alexandre de Anaya Espinosa. Tem entrada no país a empresa estabelecida no Paraguay denominada Fishing and Sports Company, pertencente a uma negociante chamada Dominique. Encerradas as atividades da ABMA entre o final de 1980 e o início de 1990	
1989 Cesar Nieto adota na Aquamundo, e representa no país, a metodologia da certificadora <i>Scuba Schools International</i> (SSI). Werneck traz a PDIC para o Brasil, que funcionou no Brasil até aproximadamente 2008-2009.	
1991 Lucia Sodré traz a <i>Handicapped Scuba Association (HSA)</i> para o Brasil. Sail Tours passa a se chamar Dive Travel. Sob direção de Alcides Falanghe, a agência consolidou o turismo de mergulho internacional no Brasil.	
1992 Sergio Costa lança a revista <i>SUB</i>	
1993 Marcelinho funda, em 21 de julho, a loja e operadora de mergulho, a <i>Sea Worker/Mar Sub</i>, em Santos (SP).	
1994 Gabriel Ganme fundou a escola e operadora de mergulho Diving College em São Paulo (SP), no dia 23 de novembro.	
1995 Roberto Aparecido Parola adquire a Narwhal e a incorpora à escola ABC Submarino. Início da revista <i>SCUBA</i>. Início da Revista <i>Mergulho</i>.	
1996 Claudio Guardabassi implementa a formação de instrutores pelas operadoras NAUI (sob a responsabilidade dos instrutores Mario Augusto Ferrari de Castro e Rafael Luiz de Nicola Almeida) e TDI no Projeto Acqua, em São Paulo (SP).	

Moa funda a escola de mergulho Cachalote em Santos (SP).	
1997 Sandderson Barros abre a escola e loja Sandmar Náutica em Arraial do Cabo (RJ) Randal Fonseca deixa Fernando de Noronha, e transfere a escola e operadora Águas Claras para Lola.	
1999 Clécio Mayrink cria a revista virtual Brasil Mergulho	1999 O Recreacional SCUBA Training Concil (RSTC) toma dimensão global sendo rebatizado como World Recreacional SCUBA Training.
2001 Lola vende a escola e operadora Águas Claras de Fernando de Noronha	
2002 A Bandeirantes do Mar passa a funcionar sob a coordenação de Marly em formato volante.	